

Universidade Federal de Santa Catarina

Curso de Pós-Graduação em Literatura

## Acéphale e a hora presente

Fernando Scheibe

Florianópolis 2000

# *Acéphale e a hora presente*

**FERNANDO SCHEIBE**

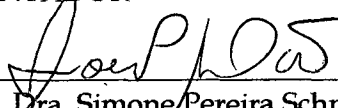
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

**MESTRE EM LITERATURA**

Área de concentração em Teoria Literária, e aprovada na sua forma final pelo  
Curso de Pós-Graduação em Literatura da  
Universidade Federal de Santa Catarina.

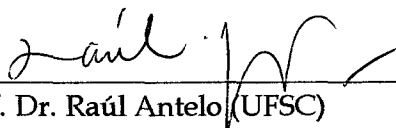


Prof. Dr. Raúl Antelo  
ORIENTADOR



Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt  
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:



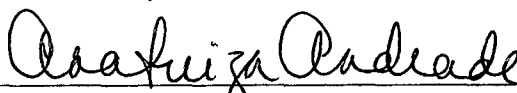
Prof. Dr. Raúl Antelo (UFSC)  
PRESIDENTE



Prof. Dr. Italo Moriconi (UERJ)



Prof. Dr. Pedro de Souza (UFSC)



Profa. Dra. Ana Luiza Andrade (UFSC)  
SUPLENTE

Fernando Scheibe

## Acéphale e a hora presente

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Professor Doutor Raúl Antelo, para a obtenção do título de “Mestre em Letras”, área de concentração em teoria literária.

Florianópolis 2000

“Ce que je pense et représente, je ne l’ai pas pensé ni représenté seul”, mas agradecer é anular o dom. Por isso digo apenas que:

Jogaram junto (já que *colaborar* não pode, aqui, ser): Raúl Antelo, apertando a mão direita de *Acéphale* por mim e operando, ao longo dos muitos encontros, o necessário mecanismo Maldoror/poésias, Nietzsche/Hegel, *Acéphale*/dissertação, abertura/orientação...; Antonio Carlos Santos, cuja meticulosa revisão da tradução de *Acéphale* é sem dúvida responsável pelo que ali prestar; Eduard Marquardt fazendo a trabalhosa revisão do fichamento dos *Cadernos da Hora Presente*; o pessoal do NELIC: Maria Lúcia consentindo, Mariana, Nilcéa, Lúcia, Simone, Ana Maria, Marco Antonio e Rafael acolhendo-me sem restrições - eu parasita; Sérgio Medeiros e Simone Schmidt, participando da banca de qualificação; Pedro de Souza através da leitura atenta, das sugestões fecundas e, também, como Ítalo Moriconi, participando da banca final; Os colegas Jorge Carlos Wolff, Valeska Freitas, Eduardo Riaviz e Henrique Burilo discutindo/acrescentando; o CNPQ, fornecendo-me, ao menos por um ano e meio, uma bolsa de propiciação.



## RESUMO

Esta dissertação busca, a partir da leitura cruzada de dois periódicos extremamente díspares do imediato pré-segunda-guerra, o francês *Acéphale*, encabeçado por Georges Bataille e o brasileiro *Cadernos da Hora Presente*, dirigido por Tasso da Silveira, contribuir para a discussão sobre os impasses das vanguardas artísticas nesse período. Questiona-se aqui a proposta de uma “solução religiosa” para a (des)organização social – ponto comum entre as duas revistas – apontando-se as divergências entre o modelo cefálico sustentado pelos *Cadernos* e o acéfalo. Constam também deste volume uma tradução, propositadamente polêmica, dos cinco números de *Acéphale* e o fichamento completo dos nove números dos *Cadernos da Hora Presente*.

## ABSTRACT

Taking as a point of departure the cross-reading of two extremely different late 1930's periodicals, the French *Acéphale*, headed by Georges Bataille and the Brazilian *Cadernos da Hora Presente*, directed by Tasso da Silveira, this dissertation discusses the impasses of the artistic avant-gardes of that moment. The proposition of a “religious solution” for the social (dis)organization – point of contact between the two publications – is put in question; and the divergence between both models, the catholic-cephalic one (*Cadernos*) and the acephalic, stressed. This volume includes also a willfully polemical translation of the five issues of *Acéphale* and the complete indexation of the nine issues of *Cadernos da Hora Presente*.

## SUMÁRIO

Introdução.....	4
Abertura.....	14
Primeira parte: Tasso da Silveira e os <i>Cadernos da Hora Presente</i> .....	17
Capítulo I – Tasso e a divina prótese ou <i>Sveglia</i> homem de Deus.....	17
Capítulo II – Os <i>Cadernos</i> propriamente escritos.....	40
Capítulo III – Fichamento dos <i>Cadernos da Hora Presente</i> .....	96
Segunda parte: <i>Bataille</i> e les <i>Acéphales</i> .....	151
Capítulo IV – O dedão do pé de Ícaro.....	151
Capítulo V – Les <i>Acéphales</i> .....	166
Capítulo VI – Tradução de <i>Acéphale</i> .....	196
Anexo ao capítulo VI – Tradução de <i>En marge d'Acéphale</i> .....	330
Foraclusão da conclusão.....	335
Bibliografia geral.....	345

## Introdução

Ao escrever essas linhas introdutórias, sinto-me verdadeiro Carlos Argentino Daneri: poeta cujo trabalho, segundo o testemunho, sempre infiel, de Jorge Luis Borges, “no estaba en la poesía; estaba en la invención de razones para que la poesía fuera admirable;<sup>1</sup>”.

O projeto de pesquisa *Acéphale e a hora presente*, cujos resultados visíveis encontram-se reunidos nesse volume, surgiu como possibilidade de reivindicar, no espaço acadêmico, um pensamento potencialmente antiacadêmico - na medida de seu *désœuvrement* - e ao qual me sentia, ainda que vagamente, próximo: o de Georges Bataille. Meu desejo estava assim investido, majoritariamente, nesse lado da pesquisa.

Mas, sabemos: uma dissertação não se constrói apenas sobre um *pathos* (ainda que Bataille, de certa forma, tenha feito dele um princípio de sua relação com Nietzsche - por exemplo: não se trata de endossar o conteúdo nocional do *eterno retorno*, mas de representar, simular - até o limite - o seu *pathos*<sup>2</sup>). Foi a partir de uma conversa com o Prof. Raul Antelo, o qual, como se pode verificar, veio a ser meu orientador, que estabeleci o recorte (mas que não se quer absolutamente *tranchant*) sobre a revista *Acéphale* e sua contraposição aos *Cadernos da Hora Presente*.

(“*Acéphale* - Religion - Sociologie - Philosophie - Revue paraissant 4 fois par an”, mas que na verdade apareceu apenas 4 vezes ao longo de 4 anos (1936-39), reuniu além das ilustrações, sempre de André Masson, textos de Georges Bataille (a maior parte

<sup>1</sup> “El Aleph” in *El Aleph*, Buenos Aires, 1957, p.155.

<sup>2</sup> Cf. “Sur un sacrifice où tout est victime” in “L’expérience intérieure” *O.C. V*, p.177. Cf. também o seguinte trecho de “À propos du simulacre dans la communication de Georges Bataille” de Pierre Klossowski: “Et en effet les contenus d’expérience que Bataille énonce comme autant de moments souverains: l’extase, l’angoisse, le rire, l’effusion érotique et sacrificielle, illustrent cette révolte qui n’est ici qu’un appel à l’autorité silencieuse du pathos sans but ni sens, en tant qu’appréhension immédiate de la fuite de l’être, et dont la discontinuité exerce une incessante intimidation du langage.” *Critique 195-*

deles), Pierre Klossowski, Roger Caillois, Jean Rollin, Jules Monnerot e Jean Wahl. Além disso, *Acéphale* era também o nome de uma comunidade “religiosa”, paradoxalmente encabeçada por Bataille, nesta mesma época, mas cujos membros, em sua maioria, não coincidiam com os colaboradores da revista homônima. *Cadernos da Hora Presente*, 9 números publicados entre maio de 1939 e agosto de 1940, revista dirigida por Tasso da Silveira contando com colaboradores em sua maior parte ligados ao catolicismo.)

A necessidade, necessariamente contingente, de uma tal comparação: balizar um olhar sobre os impasses das vanguardas no imediato pré-segunda guerra, confrontando duas maneiras extremamente diferentes de lidar com a modernidade, mas que apontam para a exaustão de um mesmo projeto: o modernismo esclarecido e esclarecedor.

É tempo de abandonar o mundo dos civilizados e sua luz. É tarde demais para se ater a ser razoável e instruído - o que levou a uma vida sem atrativo. Secretamente ou não, é necessário devir totalmente outros ou cessar de ser.

Eis o que nos diz Bataille nas primeiras linhas do primeiro texto do primeiro número - A Conjuração Sagrada - da revista *Acéphale*. Isto sob uma das variações de André Masson sobre o “bonhome Acéphale” em que este aparece com os pés fundidos na lama enquanto seu pau (“en arrière ceux qui auraient peur de voir son...”), ao invés de vir substituído pela tradicional caveira, parece trespassar seu ventre perdendo-se no “dédalo em que ele [o Acéfalo] se desgarrou a si mesmo, me desgarrar com ele e no qual me encontro sendo ele, é dizer, monstro.”

A gente<sup>3</sup> dos *Cadernos* jamais subscreveria essas barbaridades: Tasso e seus companheiros de *Festa* começaram a se fazer escutar, no final dos anos 20, justamente como contraponto - iluminado, civilizado e puro - ao “primitivismo antropofágico”. Proponho, não obstante, que essa gente compartilha, seja com Bataille, seja com Oswald, um mesmo pressuposto: a insuficiência da razão frente ao político e ao estético e, sobretudo, frente à estetização do político.

Daí sua reivindicação - e é aqui que a gente dos *Cadernos* está mais próxima da de *Acéphale* do que esta da antropofagia (demasiado secularizada) - da experiência religiosa.

*Somos ferozmente religiosos - ruge Acéphale logo de entrada.*

As vozes dos *Cadernos* não cessam por sua vez de entoar que é só através da religião (cristã e, de preferência, católica) que é dado ao decadente homem moderno se reconciliar com a vida.

De fato não é suficiente proclamar a dignidade e a vocação da pessoa humana. Trata-se de trabalhar pelo advento de uma nova cristandade. O cristão está sendo chamado à luta para impor a *sua* Política, de feição anti-individualista, anti-liberal, anti-capitalista, anti-fascista, anti-nazista e anti-comunista, numa palavra, humanista ou melhor ainda, cristã.

É o que propõe Lauro Escorel, em “Cultura da Personalidade”, numa definição ao mesmo tempo tautológica (uma política humanista cristã é a que impõe os valores da pessoa humana e da cristandade) e tributária da teologia negativa: nem..., nem..., nem...

Essa posição de que fala Escorel, demarca talvez a linha central dos *Cadernos da Hora Presente*: um catolicismo social *doux*, à maneira do autor de *Humanisme intégral*,

---

<sup>3</sup> Seguindo sugestão de Andrade Muricy, que prefere essa fórmula de referência àquela consagrada na expressão “grupo de *Festa*”. Aliás, “a gente”, na medida em que confunde o grupo (quando nós) e o impessoal (*on, man*), joga uma luz interessante sobre o que será discutido, mais adiante, sob o signo da

Jacques Maritain. Posição politicamente anti-totalitária - ainda que não religiosamente -, na medida em que sustenta que o “erro totalitário” “acarreta o esmagamento completo da personalidade”. Há no entanto, entre a capa e a contra-capas dos *Cadernos*, espaço para os que defendem não apenas as “ditaduras cristãs” (Franco, Salazar) - como faz Tristão de Athayde, acusando Maritain de falta de discernimento por “equiparar tôdas as ditaduras na mesma condenação radical” -, mas também as ditas pagãs (Hitler, Mussolini) - por exemplo: Octavio de Faria, Luiz da Câmara Cascudo ou Fernando Olivera Mota.

Para além desse *degradé* quanto ao totalitarismo secular, o nome de Maritain serve também de referência para uma visualização das diferenças de religiosidade. Aqui também há os maritainianos, partidários de um catolicismo de inspiração neotomista, vale dizer, em que razão e fé se conciliam, e, do outro lado, talvez sozinho mas mesmo assim ocupando um espaço importante nos *Cadernos*, Octavio de Faria, o cristão atômico (explosivo, individualista e anti-tomista) com sua bergsoniana religião do “Deus vivo” em que, segundo Tristão de Athayde, hereticamente “se veneram no mesmo altar as Sagradas Escrituras, Pascal, Léon Bloy, Dostoievski, William Blake, Kierkegaard, Jacques Rivière, etc.<sup>4</sup>”. Paradoxalmente, ao menos em relação à *doxa* dos *Cadernos*, para Octavio de Faria Deus está mais morto nos escritos de Santo Tomaz do que na experiência de Nietzsche (considerado aliás, por Faria, o mais genial dos homens que já

---

comunidade.

<sup>4</sup> “Vigília de Natividade”. *Cadernos da Hora Presente* n. 7, pp.161-167. Talvez não seja sem interesse dizer desde já que é no quarto cahier de um revista chamada *Dieu vivant*, das Ed. du Seuil (da soglia, da soleira, do limiar...) que se publica, em 1945, a “Discussion sur le péché” (exposição inicial de Bataille ligada a seu livro *Sur Nietzsche*, seguida de debate em que tomam parte Jean Hyppolite, Sartre, Gabriel Marcel, e alguns eclesiásticos). E que é ali que, segundo Pierre Klossowski, melhor se revela o desprezo de Bataille pela noção). Cf. “À propos du simulacre dans la communication de Georges Bataille” in *Critique* n. 195-196, août-sept., 1963.

existiram, sendo necessário para que se obtenha uma oposição válida à visão nietzscheana do universo a justaposição de Pascal e Léon Bloy<sup>5</sup>).

Quanto a *Acéphale*, sabemos, trata-se não de compensar a visão de Nietzsche, mas de levá-la às últimas consequências:

O *acéfalo* exprime mitologicamente a soberania votada à destruição, a morte de Deus, e nisso a identificação ao homem sem cabeça se compõe e se confunde com a identificação ao superhumano que É todo inteiro “morte de Deus”.<sup>6</sup>

Esta dissertação procura descrever e discutir as implicações destas diferentes formas de pensar e fazer o político e o religioso, o político como religioso (“O que tinha cara de político e se imaginava como político, se desmascarará um dia como movimento religioso<sup>7</sup>”) através dos seguintes passos (ou, já que falamos em Kierkegaard, saltos):

I - Esboço do itinerário político religioso de Tasso da Silveira a partir, principalmente, das críticas de Nestor Vitor, Mário de Andrade, Sérgio Milliet e Joaquim Ribeiro.

II - Levantamento e discussão das questões mais *calientes* no *zibaldone* dos *Cadernos da Hora Presente*: a própria expressão “hora presente” e suas relações com as noções de tradição, modernidade, modernismo, decadência, liberalismo, fascismo e integralismo, humanismo... Isso a partir de uma breve genealogia da “gente dos *Cadernos*” desde o “grupo de *Festa*” e da posição ocupada por este em relação ao “modernismo hegemônico” brasileiro.

<sup>5</sup> É o que ele intenta em “Fronteiras da Santidade - Pascal e Léon Bloy”, *Cadernos da Hora Presente* n. 2, pp 5-145.

<sup>6</sup> BATAILLE, Georges. “Propositions sur la mort de Dieu” in *Acéphale* n. 2, p.20.

<sup>7</sup> KIERKEGAARD, citado em epígrafe no primeiro número de *Acéphale*.



III - Acompanha, atravessa e desmente o passo II o fichamento sistemático dos nove números dos *Cadernos da Hora Presente* como dispositivo de leitura para mim e para ti.<sup>8</sup>

IV- Esboço do itinerário, que também se poderia denominar político-religioso, de Georges Bataille, desde sua “conversão às avessas”, de católico a debochado, e de seus primeiros contatos e conflitos com o grupo surrealista até o momento, crucial, das *Acéphales*, baseado na excelente biografia de Bataille elaborada por Michel Surya, *Georges Bataille - La mort à l'oeuvre*; no “Dossier de la polémique avec André Breton”, que compreende aqui não apenas textos como “La valeur d’usage de D.A.F. de Sade” e “La ‘vieille taupe’ et le prefixe *sur* dans les mots *surhomme* et *surréalisme*”, publicados sob esta rubrica no volume II (*Écrits posthumes 1922-1940*) das *Oeuvres Complètes* de Bataille, mas também a totalidade de seus artigos escritos para a revista *Documents*, além do *Second Manifeste du Surréalisme* de André Breton; e em escritos posteriores como *La religion surréaliste* (1947) e *Le surréalisme au jour le jour* (1953 - apenas iniciado, não publicado).

V - Discussão da revista *Acéphale* e da comunidade homônima, focalizando justamente a noção de comunidade e sua relação com a de soberania e tentando apontar para os deslocamentos subseqüentes por que passam no texto de Georges Bataille. É ainda a partir do jogo destas duas noções que tento ler a “Reparação a Nietzsche” (de sua apropriação por nazi-fascistas) intentada ao longo dos cinco números de *Acéphale*.

VI – Acompanhou e atravessou o passo anterior a tradução da revista *Acéphale* - a partir da edição fac-similar francesa (Paris, Jean-Michel Place, 1995) reunindo os cinco números - que justifico com as mesmas palavras, embora com outro sentido, usadas

---

<sup>8</sup> Este “ti” não aponta nem para um sujeito universal do conhecimento., nem para o “amigo leitor” mas para a singularidade de um qualquer.

para legitimizar o fichamento dos *Cadernos da Hora Presente*: dispositivo de leitura para mim e para ti.

VI - Uma conclusão, tentando costurar esse monstro e ao mesmo tempo deixar seu ventre exposto.

\*

Outra forma de introduzir esta dissertação seria dizer, à maneira da teologia negativa, aquilo que ela não é.

Quanto a Bataille, por certo não viso competir em originalidade com o farto material produzido a seu respeito principalmente desde que se constatou, dos anos 60 para os 70, que ele era “un des écrivains les plus importants de son siècle” (Foucault), ou o mais importante de todos (Sollers). Busco tão somente convocá-lo para uma discussão que, embora se remeta basicamente a duas publicações do final dos anos 30, tem sempre por horizonte a ferida aberta da hora presente.

Quanto aos *Cadernos da Hora Presente*, não me consta que haja algum estudo diretamente neles centrado. Por isso evoco, para deles tentar distinguir este, três estudos referentes à gente que viria a ser a dos *Cadernos*: *Festa* (1971), de Neusa Pinsard Caccese, *1930: A crítica e o modernismo* (1974) de João Luiz Lafetá e *Essa Gente do Rio...* (1999), de Angela de Castro Gomes.

À diferença do importante estudo de João Luiz Lafetá, que examina as tensões entre projetos estéticos e projetos ideológicos do modernismo brasileiro, não se trata aqui de condenar em bloco “todas as formas de pensamento reacionário”, mas antes de tentar explodir esse bloco colhendo os elementos heterológicos que o atravessam. Por exemplo: não quero aqui, em nenhum dos dois sentidos, retratar Octavio de Faria. Mas

tampouco me parece destituído de importância ressuscitar alguns pontos que Lafetá necessariamente apaga ao condenar peremptoriamente Octavio como protagonista da “volta do velho” e “confiscador da alegria modernista”, a saber:

- que - para valer-me da autoridade daquele que é justamente o mais caro a Lafetá - Mário de Andrade não desdenha incluir *Mundos Mortos* entre os dez melhores romances da literatura brasileira<sup>9</sup>

- que, apesar da recorrente acusação de “falta de fatura” em seus escritos (Antonio Candido, Lafetá, Mário de Andrade) Octavio era um sensibilíssimo crítico de cinema, capaz de valorizar irrestritamente, ao contrário do que faria supor seu “projeto ideológico”, as experimentações de Eisenstein justamente porque, assim como Lafetá exige que a “literatura seja literatura” (a questão da linguagem), exigia que o cinema fosse cinema<sup>10</sup>;

- que, ao equivocadamente desprezar o modernismo tanto mundial como brasileiro (embora com este seja um pouco mais condescendente) e desejar a “retomada do ‘movimento que vinha de longe e era necessário que prosseguisse’”, é a uma tradição *sui generis* que Octavio faz apelo: a tradição, nietzscheana, daqueles que jamais couberam nas escolas, dos *outsiders*, dos malditos (o próprio Nietzsche, Baudelaire, Rimbaud, Dostoiévski, Gide...) <sup>11</sup>

<sup>9</sup>Cf. “Quais os dez melhores romances brasileiros”, resposta ao inquérito feito em 1939 pela *Revista Acadêmica*, in ANDRADE, Mário. *Entrevistas e depoimentos*, organização de Telê Porto Ancona Lopes, São Paulo, Queroz, 1983. Ver também a crítica elogiosa a *Caminhos da Vida* reproduzida nas páginas dos próprios *Cadernos* n. 6, p.113. - extraída do “Diário de Notícias; Em verdade apenas um fragmento da crítica vem publicado nos *Cadernos*. Cf. *O empalhador de passarinhos*, pp.131-135. Lida na íntegra, parece recheada de ambigüidades. Mas mantém grande carga de admiração como o demonstra seu final: “...Otávio de Faria já nos deu dois romances de grande valor, obras que pela sua originalidade e força criadora, estão entre as principais de nossa ficção. Só da nossa?...”.

<sup>10</sup> Cf as seções sobre cinema nos *Cadernos da Hora Presente*. Por exemplo: após queixar-se do marasmo das produções apresentadas no início de 1940, conclui: “Talvez a simples exibição de ‘Os Cavalheiros de Ferro’, de Eisenstein, (que se anuncia para breve) nos pague de toda essa miséria” (n. 8, p.155); ou quando elogia *Dead End*, de William Wyler por ser “um filme rico em ‘cinema’”. (n. 7, p.153).

<sup>11</sup> Cf. “Mensagem post-modernista” *Lanterna Verde*, n. 4, 1936.

- e que, mesmo em sua biografia de Léon Bloy *Fronteiras da Santidade*, que, segundo Lafetá, “toca a morbidez na insistência de fazer a apologia da ‘chaga’, do sofrimento apresentado como sinal da predileção de Deus”, Octavio não deixa de valorizar aspectos, que poderíamos mesmo associar ao modernismo, como a violenta e barroca incontinência verbal de Bloy, seu furor iconoclasta e até mesmo um certo humor (ainda que *noir*) expresso em suas diatribes contra os porcos ou em frases como estas: “Crevaision de l’antique salope Victoria” (quando da morte desta); “Quando quero saber as últimas novidades leio São Paulo” (diante de um amigo que lhe oferecia um jornal)<sup>12</sup>; ou ainda sua paródia a Zola, intitulado um de seus livros *Je m’acuse* (o que, ainda por cima, nos remete ao Bataille de *Le coupable*).

Com o estudo de Angela de Castro Gomes compartilha essa dissertação a necessidade de: problematizar alguns lugares comuns como: São Paulo na frente / Rio atrás, revolucionários / reacionários, ruptura pura / epigonalismo completo.. Mas não se trata aqui de uma história do “campo intelectual” e sim do levantamento e discussão de questões que o atravessam sem nele se deter.<sup>13</sup>

Tampouco almeja este estudo uma descrição exaustiva, cerradamente acadêmica, dos *Cadernos da Hora Presente*, tal como a que Neusa Pinsard Caccese faz de *Festa*, descrição “que possa substituir a fonte primária” e tomar parte, organicamente, numa “totalização segura” quanto ao que foi o modernismo brasileiro.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> Cf. “Fronteiras da Santidade (Pascal e Léon Bloy)” *Cadernos da Hora Presente* n. 2, pp.5-145. Texto também elogiado por Mário de Andrade que suscita aliás em sua crítica uma questão do maior interesse para esta dissertação: a de que Bloy, e o próprio Octavio, representam perigosos corpos estranhos para organismos como a Igreja Católica (ver sobretudo o capítulo 4 desta). Cf. *O empalhador de passarinhos*, pp.237-239.

<sup>13</sup> Ver a “Introdução” do livro de Angela, pp.9-16. Como se verá nas páginas que seguem não há aqui qualquer interesse em desentranhar as *regras da arte*.

<sup>14</sup> Cf. O prefácio do Prof. José Aderaldo Castello. *Festa*, pp.5-6.

Articula-se essa dissertação - afirmando agora, ainda que não um conteúdo positivo - com outros *estudos* que vem orientando o Prof. Raúl Antelo a partir de uma leitura, marcadamente nietzscheana, da modernidade como autoinvenção do vivente. Uma série de projetos felizmente díspares, entre si e para consigo mesmos, cada um, entretanto, singularmente atravessado em sua *quodlibetalidad* pela exigência de não acatar valores já dados, mas tentar expô-los em seu dar-se buscando forças numa genealogia do presente para sua reinvenção.

## Abertura

Tomar como ponto de partida a comparação, que desde logo se impõe como contrastiva, entre os *Cadernos da Hora Presente* e *Acéphale* traz sem dúvida a possibilidade da fecundidade mas pode também ser perigoso no sentido *menor*<sup>15</sup> deste termo.

Fecundo por possibilitar que se delineie com bastante definição aquilo que o próprio Bataille, referindo-se à confusão Nietzsche/fascistas, chama de “duas respostas [contrárias] ao mesmo vazio”<sup>16</sup>: a resposta (?) acéfala e a resposta integral, cefálica (não tanto pela associação cabeça/razão quanto pela cabeça/chefe, cabeça/Deus) por excelência.

Perigoso, tal uma arapuca<sup>17</sup> e não um abismo, pelo mesmo motivo: a facilidade do contraste podendo levar a uma leitura pobre, limitada de antemão a uma contraposição sistemática, sem falhas, estática, dessas duas “respostas”. Assim, e para ainda maior ironia tendo como *parti pris* a resposta acéfala, terminaria por construir um sistema ortodoxo e homogêneo ao opor a heterologia e heterodoxia bataillanas à ortodoxia e à homogeneidade<sup>18</sup> de Tasso da Silveira; ou por edificar pirâmides (imagem

<sup>15</sup> Cf. a distinção feita por Bataille entre jogo menor e jogo maior em “Le non-savoir et la révolte”, uma das “Conférences sur le non-savoir” proferida a 24 de novembro de 1952. *O.C.-VIII*, p.p.210 -213. E retomada por Derrida em “De l’économie restreinte à l’économie générale: un hegelianisme sans réserve” in *L’écriture et la différence* pp. 369-407..

<sup>16</sup> “As confusões que tiveram lugar entre duas respostas ao mesmo vazio, as similitudes das aparências entre o fascismo e Nietzsche, devirão então claramente inteligíveis: toda semelhança será reduzida aos traços de identidade que aparecem entre dois contrários” *Acéphale* 3-4, p.18

<sup>17</sup> Aquela desenhada por Terry Eagleton quando, em *The illusions of postmodernism*, “argumenta, precisamente, que boa parte das teses sobre diferença, heterogeneidade e pluralismo são defendidas pelos teóricos pós-modernistas com um raciocínio rigidamente binário em que conceitos como pluralidade, e diferença, fortemente marcados de forma positiva, opõem-se, antiteticamente, a unidade, identidade, totalidade ou universalidade, unanimemente condenados.” Cf. ANTELO, Raúl. “Volver: por uma ruptura imanente” in ANTELO, Raúl; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros; ANDRADE, Ana Luiza; ALMEIDA, Tereza Virginia (orgs) *Declínio da arte / ascensão da cultura*. Florianópolis, Letras Contemporâneas / ABRALIC, 1998, p.127.

<sup>18</sup> “É de semelhante mundo imundo que se ergue a figura capaz de ser igual a si mesma de Tasso da

cara ao poeta brasileiro)<sup>19</sup> através da oposição retilínea e monumental destas ao labirinto.<sup>20</sup>

Eis pois o desafio que coloca a difícil dança com um pós-conceito (nem noção, nem conceito, mas simulacro) como o de heterologia<sup>21</sup>: não pode ser questão de descrevê-lo nos termos, por definição, homogêneos do discurso científico-acadêmico, mas de praticá-lo, minando assim o próprio terreno em que, teoricamente, se deveria fazê-lo aparecer. A heterologia tal o instante (*le furtif*), tal o dom (*l'impossible*), tal o dom do instante, tal o instante do dom, é o não-manifestável, o que não se pode dar como fenômeno, nem a reconhecer: quando aparece e se faz reconhecer já não é, é o mesmo, o passado, a dívida... Enclausurado no círculo, não naquele, feito da diferença das forças, do eterno retorno, mas naquele, homogêneo, do tempo do trabalho, do

---

Silveira, entoando o seu “Canto Absoluto”. (ANDRADE, Mário. *O Empalhador de Passarinhos*, p. 94)

<sup>19</sup> Ver esse poema de *As Imagens Acesas*: “Minha oração de graças / pela pobreza em que nasci, / pela humildade que me alimentou, / pelas profundas dores interiores / que me cristalizaram / como uma rocha de granito / em serena pirâmide / ‘com o vértice em demanda do infinito’. / / e, fecundos fizeram / que eu seja a força que se não dispersa, / o impeto heróico em direção de um Fim...” citado por VITOR, Nestor

<sup>20</sup> Labirinto, com efeito, além de ser o nome de um dos textos agrupados em *L'expérience intérieure*, é talvez uma das alegorias que mais se prestam, junto à própria figura do acéfalo ou àquela do olho pineal, a evocar o movimento do pensamento de G. Bataille. (ver também Hollier, D. que em *La prise de la Concorde* contrasta justamente o movimento labiríntico do texto bataillano ao monumentalismo piramidal de Hegel e do próprio Bataille em seu primeiro (e renegado) texto *Notre-Dame de Reims*.)

<sup>21</sup> O termo heterologia aparece pela primeira vez *chez* Bataille no texto “La valeur d’usage de D.A.F. de Sade - Lettre ouverte à mes camarades actuels” redigido por volta de 1930 mas publicado tão somente em 1967 no n. 32 da revista *L’Arc* e incluído no “Dossier de la polémique avec André Breton” in *O.C. - II*. Ali, ele vem assim definido, numa nota de rodapé: “Science de ce qui est tout autre. Le terme d’agiologie serait peut-être plus précis mais il faudrait sous-entendre le double sens d’*agios* (analogue au double sens de *sacer*) aussi bien souillé que saint. Mais c’est surtout le terme de scatologie (science de l’ordure) qui garde dans les circonstances actuelles (spécialisation du sacré) une valeur expressive incontestable, comme doublet d’un terme abstrait tel qu’*hétérologie*.” (“Ciência do que é totalmente outro. O termo agiologia seria talvez mais preciso mas seria preciso subentender o duplo sentido de *agios* (análogo ao duplo sentido de *sacer*), tanto maculado quanto santo. Mas é sobretudo o termo escatologia (ciência dos lixos) que guarda nas circunstâncias atuais (especialização do sagrado) um valor expressivo incontestável, como duplo de um termo abstrato como *heterologia*.”) Vale notar que na própria perspectiva proposta por Bataille, tal enunciado - “Science de ce qui est tout autre” - não pode ser visto senão como um oxímoro na medida em que a ciência seria por definição o estudo do homogêneo, a constante recondução ao mesmo. Heterologia: a ciência voltada contra si mesma. Em 1933, será ainda utilizando-se deste termo que Bataille tentará dar conta de “La structure psychologique du fascisme” em artigo publicado na revista *La Critique Sociale*. *O.C. I* pp.339-371.

pensamento do ressentimento, do sentido, da história, da história do sentido e do sentido da história.

Como *servir*-se de textos para o projeto de manifestar a soberania, ela que por (ausência de) essência nada e a nada se submete (*asservit*); ela que se opõe, irredutivelmente e não dialeticamente (de forma passível de *Aufhebung*), à ação projetada.?

Como percorrer o mais delirante dos labirintos (pois que por ninguém e por todos, por nada e por tudo, pelo acaso e pela necessidade, construído), abandonar-se sem restrições ao inocente mas terrível minotauro, e ainda assim produzir um discurso coerente e julgável?

Como evitar o trabalho (dialético, profano...) visto tratar-se aqui de um sagrado *désouevrement*? Como falar do *inavouable*? Como acumular méritos através da *despesa* totalmente despiolhada de intenções lucrativas?

Essas questões, extraídas, como terá notado qualquer um seu leitor, do texto de Bataille, permanecerão questões. Não pretendo, e seria mesmo a mais estúpida megalomania, obturar a abertura que provocam. Se as enuncio é porque elas (de)formam, con(des)figuram “*le cadre ilimitant*” em que se movimenta esse texto.



**PRIMEIRA PARTE:**

**TASSO DA SILVEIRA**

**E OS**

**CADERNOS DA HORA PRESENTE**

**CAPÍTULO I : Tasso e a divina prótese ou Sveglia homem de Deus**

*“Por isso mesmo que não te poupo até a olhar em torno do ponto em que paio, mais te vou aumentar a sede do risco. Se até hoje, pelo que confessasse alhures, tenho sido um elemento de influência ponderável na destinação do teu espírito, menos facilmente evitarás daqui por diante o rumo para que desde o começo, sem saber, com outros te fui inclinando. O verificar já neste Fio d’água, que, de fato, não tens apenas vontade de seguir, mas já estás seguindo por onde queres, convertendo-se o teu pensamento em*

*“Uma ferida cada vez mais funda”*

*é a garantia inquietadora de que, bem depressa, quanto ainda trazes de confundivelmente brilhante nestas laudas de apresentação, há de ir cedendo o passo ao que na verdade só possa vir de ti, porque gradativamente irás sendo um como ninguém ainda foi bem assim, para saberes quanto os outros não sabem como nos pode amargar a boca.*

*Que importa! É de nosso dever esta obra de proselitismo em favor daquilo porque nos perdemos, mas amargurados, no íntimo, de não nos*

*terem permitido as circunstâncias e a deficiência da nossa natureza perdermo-nos mais radical e profundamente ainda.”*

(Nestor Vitor, *Fio d'água*, carta a Tasso da Silveira - 1918<sup>22</sup>)

O *sujet* das linhas que se seguirão não deve ser Tasso da Silveira, mas antes essa ferida que representa, em linguagem, perdoem-me, dialética, o ponto de convergência a partir do qual se dão as divergências de que aqui se trata. Aliás esta é a pergunta : Qual o tratamento dispensado a essa ferida?

O que interessa aqui não é a pergunta pela identidade - Quem foi Tasso da Silveira? Quem foi Georges Bataille? - O que interessa é o próprio *interest*<sup>23</sup>, a pergunta pela singularidade que “não tem lugar na ordem dos átomos, identidades identificáveis senão idênticas, mas tem lugar no plano do *clinamen*, inidentificável”<sup>24</sup> - inclinando-se o Bataille de *Acéphale* e o Tasso dos *Cadernos* um sobre o outro, que singularidades apontam?

Os nomes assim não são mais do que referências cartográficas permitindo que localizemos, que focalizemos, duas formas diferentes, quando não antagônicas, da experiência dessa ferida que não é outra senão a da modernidade.<sup>25</sup>

Quanto a Bataille, veremos mais adiante: *Acéphale* representa exatamente a insistência em expor-se, em não apenas manter aberta, mas aprofundar - até o limite - essa ferida.

Mas Tasso se terá deixado de fato vitimar pelo proselitismo terrível - bataillano -, “*proselitismo em favor daquilo pelo que nos perdemos*”, de seu amigo Nestor?

<sup>22</sup> in *Obra Crítica - Vol II*, pp. 109-110. (os destaques são meus).

<sup>23</sup> cf. ANTELO, Raul. *O percurso das supersenções* p.4.

<sup>24</sup> Que “*n'a pas lieu dans l'ordre des atomes, identités identifiables sinon identiques, mais elle a lieu dans le plan du clinamen, inidentifiable*” NANCY, Jean-Luc. *La communauté désœuvrée*. pp. 23-24.

<sup>25</sup> Pensar a modernidade não equivale a pensar a ferida aberta. *la déchirure, da hora presente?*

Parece que não. Ao adotar o “Partido da Experiência”<sup>26</sup> de um seu outro amigo - Jackson de Figueiredo (esse “Charles Maurras brasileiro temporão ainda”) - , Tasso interditou a si mesmo a possibilidade de experiência: calou em si a sede do risco. Obturou a ferida com a divina prótese do catolicismo.

### Colaborador de Deus

*“Minha conversão foi espontânea então, e por via sociológica. Sempre houvera em mim o sentimento geral do mundo como um monumento arquitetônico. Apesar de meu ateísmo, como vê, eu sem sentir já caminhava para Deus. Apenas faltava-me consciência d’Ele.”*<sup>27</sup>

Como se vê, Tasso bem poderia ter sido o autor do opúsculo *Notre-Dame de Rheims* - texto escrito provavelmente em 1918 (mesmo ano de *Fio d’água*) em que Bataille exorta as gentes jovens de *Haute-Auvergne* à colaboração com Deus e faz da Catedral uma verdadeira cabeça da cidade de *Rheims*<sup>28</sup>.

<sup>26</sup>É este o nome de um artigo de Jackson de Figueiredo em que encontramos algumas afirmações (aliás trata-se do sentido geral do texto) claramente incompatíveis com o que estamos querendo dar aqui por *experiência*, tais como: -“O homem de bem não transgride nunca as leis”(p.52) e - “O pior dos males sociais tem sido e para sempre será a Revolução, a perturbação dessa normalidade, que não é o mórno apodrecimento do organismo social, mas a plenitude da sua vida regulada pelas leis da razão histórica”(p.53) in *Jackson Figueiredo- prosa* , Rio de Janeiro, Agir, 1958.

<sup>27</sup>Uma hora com Tasso da Silveira (reportagem de Clarice Lispector) in *Vamos Ler!* -19/12/40 pp.18-19. Introduzindo a entrevista Clarice diz ser esta uma continuação de suas longas conversas com Tasso na redação do “Pan” (totalidade de Tasso, pânico de Clarice) em que “discutíamos a gênese do mundo, a significação da arte, a explicação do tempo e da eternidade... Eram problemas para mim, certezas para ele.” Um dos trechos da entrevista é intitulado por Clarice: “O pecado original, causa da guerra - trecho em que a reporter lamenta profundamente não crer” (note-se a ambigüidade que podemos atribuir à transitividade do verbo crer). Os laços de Clarice (sempre prestes a romper) com a gente dos *Cadernos*, sobretudo com Lúcio Cardoso, jogam, a meu ver, uma luz diferente sobre o impasse genealógico levantado por Silvano Santiago em “A aula inaugural de Clarice”.

<sup>28</sup> Cf. *O.C. I pp. 611-617* e HOLLIER, Dennis *La prise de la Concorde*, Paris, Gallimard, 1993. Hollier aventa que Bataille teria passado o resto da vida desescrevendo esse texto, ou antes, a lógica cefálico-arquitetural que o comanda.

Ainda que da mesma geração que nossos heróis do modernismo de 22, Tasso da Silveira “fazia questão de não ser confundido com a turma cheia de erros e incertezas que andava perturbando tudo, mas estava também mudando o caminho das artes nacionais.”<sup>29</sup>

Isso quem afirma é Mário de Andrade em crônica de 12/39, e apóia sua afirmação num trecho do prefácio de *Alegorias do Homem Novo* (1926) em que Tasso

“diz ‘escrever livremente, ao sabor dos ritmos espontâneos, e colher na teia aérea dos versos novos a inspiração em tôda a sua frescura imorredoura’. Mas logo adverte: ‘Todavia, em cada pequeno poema deste livro há um pensamento lógico: é que eu só alcanço os êxtases do espírito pela inteligência; (...) o sôpro mágico da inteligência é que lhe dá (à poesia) a vida imperecível; não compreendo a poesia do subconsciente, também não entendo de “dinamismos objetivistas” e outros complicacionismos que por aí andam; **NÃO CONFUNDAIS!** é o único pedido que vos faço.’”

Junto com Andrade Muricy e outros, sob o apadrinhamento de Nestor Vitor, Tasso participou da revista *Festa*. Filia-se, até certo ponto e tardiamente, ao simbolismo (aliás é filho de Silveira Neto) enquanto “reação espiritualista” tanto ao cientificismo positivista-naturalista, quanto ao estetismo - arte pela arte - parnasiano.

Como o demonstram os *Cadernos da Hora Presente*, dois “vultos” pairam sobre essas cabeças: o de Farias Brito, “o maior filósofo brasileiro” e o de Jackson de Figueiredo, este “Sôfrego da Luz Increada”. Se o primeiro justifica o posicionamento espiritualista com sua “obra monumental” mas permanece ainda muito, digamos,

<sup>29</sup>ANDRADE, Mário de. *Tasso da Silveira* in *O empalhador de Passarinhos* p. 85. Neste volume aparecem reunidas duas críticas sobre Tasso, uma de 30/12/39 e outra de 11/08/40

“heterodoxo”, indeciso entre Cristo e Buda, o segundo dá o salto na ortodoxia :  
 “ajoelha-se humildemente no altar da Igreja Católica”.

Este parece ter sido justamente o “itinerário religioso” de Tasso (de Farias a Jackson) que, como veremos, condiciona e mesmo determina profundamente seu “itinerário lírico”.

Em 1924, numa carta a Tasso, a propósito de *A Igreja Silenciosa* (livro de ensaios de Tasso), Nestor Vitor lhe dizia:

“Depois de tudo isto [depois de fazer o elogio do ajoelhamento de Jackson e de Perilo Gomes], porém, depara-se-nos a última página de teu livro, aquele fragmento intitulado “O Profundo Instinto”, em que se vê claramente estares longe de poderes ajoelhar-te humildemente no altar do catolicismo.

Dizes aí que o mundo começa ‘a ansiar, positivamente, pela vinda de um novo intérprete do sentimento religioso do Homem’, porque ‘em menos de vinte séculos, a palavra de Jesus perdeu para ele o sentido profundo que trazia’.

Achas que o novo Messias há de surgir ‘quando o vago anseio de hoje for um turbilhão interior’.

Mas a nova modalidade de sentimento religioso terá de ser forçosamente diversa das expressões anteriores.

‘De uma forma ou de outra, prossegues, ao Homem de hoje será difícil conceber Deus como o helenismo pagão o concebeu; ele sabe agora, suficientemente, o pouco que valem as cousas terrenas, para julgar o ser supremo empenhado nelas, interessando-se por elas, como o Zeus da Grécia antiga. Mas também não lhe será fácil voltar à concepção medieval, e retomar, convictamente, o papel de servo humilde perante um senhor de ilimitada força.

A nova crença terá mais amplitude e grandeza. Surgirá de uma concepção mais alta de Deus, concepção, porém, que elevará também o Homem acima de si mesmo.

O Homem passará - quem sabe? - a ver no Universo uma formidável obra em formação, cuja finalidade não percebe, mas adivinha tão grandiosa, tão excelsa, tão dominadoramente solene, que todo o seu ser será um só impulso de entusiasmo interior pela consecução desse ideal. Ser-lhe-á dado apenas perceber algumas linhas essenciais do gigantesco plano. Mas por elas compreenderá que o acabamento do projeto divino depende também de sua força íntima, de sua ação espiritual no mundo. Perceberá que é - pelo seu espírito, pela centelha de luz que guarda n'alma - colaborador de Deus, na terra, uma viva energia poderosa a serviço dos sempiternos desígnios.”

E ainda, mais adiante:

“Ser, porém, católico por política, católico no cérebro e não em todo o seu ser, católico para prestigiar tanto fariseu moderno, tanto levita de mentira, tanta sepultura caiada, é ao que um poeta nas tuas condições não se pode resignar.

És, pois, com efeito, um incontente de todos e de tudo, como és um incontente de ti próprio, refletindo assim, porém, tomo a dizer, a feição do sentimento e do pensamento, no que eles têm de mais doloroso, porém também de mais digno à hora presente.”<sup>30</sup>

Podemos ler estes dois trechos, aliás a carta inteira, como a tentativa nestoriana de prosseguir com seu proselitismo da inquietude. Sutilmente, pois, ele dá um jeito de valorizar muito mais os vestígios de heterodoxia e de inquietude, do que as afirmações teleológicas de Tasso que são no entanto a parte mais substancial e mesmo aquilo que representa *O Profundo Instinto*.

Cabe talvez perguntar se esse *profundo instinto*, que dita a necessidade da própria necessidade, da finalidade transcendental, não é a pergunta colocada no lugar da

resposta, ou a existência da ferida usada como elemento confirmador da existência da cura, do divino band-aid.

Se Tasso aí ainda não é um católico - e vale notar a distância que toma da concepção medieval de que mais tarde se tornará um insistente apologista -, como ele mesmo reconheceria, não lhe falta muito para tanto. Tinha já, “*desde sempre*”, “*o sentimento geral do mundo como um monumento arquitetônico*”, o que pressupõe uma αρχη, um “Grande Arquiteto” (esse inimigo jurado de Maldoror), uma *cabeça* que tenha traçado seu projeto. O que dá ao homem um emprego - servente de obra - arrancando-o ao *désœuvrement*.

É evidente que estamos aqui nos antípodas de *Acéphale* cujo movimento só se dá na *vacance de Dieu* e do *Moi*. É talvez análoga a importância atribuída a esse espaço do divino (no que Tasso e Bataille “estão juntos” seja contra positivistas, seja mesmo contra “bolchevistas”), que, no entanto, não é o mesmo, pois que muda radicalmente de natureza se concebido como vago ou como ocupado.

Breve, trata-se de um lado dum Universo encabeçado por Deus, e do outro (que não é lado) dum verso sem frente (um simulacro?) e que nada tem de Uni, do poliverso acéfalo em que

“Não caímos sem cessar? Para trás, de lado, para frente, de todos os lados? Há ainda um alto e um baixo? Não erramos como através de um infinito nada? Não nos bafeja o espaço vazio? Não deveio mais frio? Não vem continuamente a noite e cada vez mais noite?”<sup>31</sup>

- este sim similar a “uma ferida cada vez mais funda”.

---

<sup>30</sup>VITOR, Nestor. *Obra crítica Vol-II*. pp.253-254. Eu destacando.

<sup>31</sup> “*Stürzen wir nicht fortwährend? Und rückwärts, seitwärts, vorwärts, nach allen Seiten? Gibt es noch ein Oben und ein Unten? Irren Wir nicht wie durch ein unendliches Nichts? Haucht uns nicht der leere Raum an? Ist es nicht Kälter geworden? Kommt nicht immerfort die Nacht und mehr Nacht?...*” NIETZSCHE, Friedrich. “Die Fröhliche Wissenschaft” in *Das Hauptwerk II*. München,

Colaborar com Deus é colaborar com o sentido, é garantir a circulação do sentido viabilizando as figuras, dialéticas, do sujeito e da história. É para onde aponta, por exemplo, a constatação de Deleuze da profunda adequação entre dialética e cristianismo<sup>32</sup>. Para onde leva também a argumentação derridiana de que a aposta dialética, tal a em Deus, é viciada por não colocar efetivamente o sentido (ou Deus) em jogo:

Interpretando a negatividade como labor, apostando pelo discurso, o sentido, a história, etc., Hegel apostou contra o jogo, contra a sorte (*chance*). Ele se cegou à possibilidade de sua própria aposta, ao fato de que a suspensão conscienciosa do jogo (por exemplo a passagem pela verdade da certitude de si-mesmo e pela maestria como independência da consciência de si) era ela-mesma uma fase do jogo; que o jogo *compreende* o trabalho do sentido ou o sentido do trabalho, os compreende não em termos de *saber*, mas em termos de *inscrição* : o sentido é *em função* do jogo, ele está inscrito em um lugar dentro da configuração de um jogo que não tem sentido.<sup>33</sup>

### Quando há um ente soberano...

...seja ele Deus ou o sentido, o sentido de Deus ou o Deus do sentido, não há soberania. O que pode haver é maestria, *maîtrise de soi*, e nisso Tasso é mestre.

---

Nymphenburger, 1994, pp.465-466.

<sup>32</sup>Cf. 4) Contre la Dialectique e 7) Dyonisos et le Christ in *Nietzsche et la philosophie*. Paris, P.U.F., 1997.

<sup>33</sup> “En interprétant la négativité comme labeur, en pariant pour le discours, le sens, l’histoire, etc., Hegel a parié contre le jeu, contre la chance. Il s’est aveuglé à la possibilité de son propre pari, au fait que la suspension consciencieuse du jeu (par exemple le passage par la vérité de la certitude de soi-même et par la maîtrise comme indépendance de la conscience de soi) était elle-même une phase de jeu; que le jeu comprend le travail du sens ou le sens du travail, les comprend non en termes de savoir mais en termes d’inscription : le sens est en fonction du jeu, il est inscrit en un lieu dans la configuration d’un jeu qui n’a pas de sens.” “De l’économie restreinte à l’économie générale: Un hegelianisme sans réserve” in *L’écriture et la différence*. p.p.381-382



Em termos de soberania e maestria podemos bem traduzir os argumentos da crônica de Mário de Andrade sobre Tasso mais ou menos assim: - Tasso não permite que a soberania (o que Mario chama de *a Beleza?*) se dê por conservar-se demasiado mestre de si, porque “não queria errar, como os outros. Fazia questão de jogar no certo. E talvez tenha jogado excessivamente no certo, podando as asas da sua forte veia lírica.”<sup>34</sup>

A soberania não se dá como excesso (do sistema *capitalista do sentido*)? não está ligada antes ao mau do que ao *bom-comportamento*? o dom (soberano) não é radicalmente incompatível com o *meio-termo*” (*maussiano, tassiano,...*)?

É justamente o que nos diz Mário:

“Ora, é possível alcançar a grande arte dentro do meio-térmo? Creio que não. Porque o problema se dispõe desta maneira: a sensatez da virtude, a técnica muito cuidada mas sem virtuosidade, a ortodoxia religiosa, nem apologética nem mística, mas apenas ortodoxa, enfim, qualquer dos elementos de meio-térmo implícitos no bom comportamento estético, só podem atingir grande arte quando manifestados com tão rigorosa originalidade, com tamanha e tão genial fatalidade, com tal angélica isenção da vida e do êrro, que imediatamente, por estes mesmos excessos, deixam de ser meio-térmo para alcançar as eminências da santidade, da ingenuidade, da perfeição formal. Enfim, o meio-térmo só pode ser grande arte quando deixa de ser meio-térmo!”<sup>36</sup>

<sup>34</sup>ANDRADE, Mário de. *Tasso da Silveira* in *O empalhador de Passarinhos*, pp.85-86. - Vale lembrar que em “Nietzsche et les Fascistes” in *Acéphale* -2, ao tratar-se justamente da questão (da soberania e ) do *asservissement* de Nietzsche, Bataille cita de uma das cartas daquele a seguinte passagem : “EST-CE QUE MA VIE REND VRAISEMBLABLE QUE J’AIE PU LAISSER “COUPER LES AILES” PAR QUI QUE CE SOIT?”

<sup>35</sup>cf. DERRIDA, *Dar (el) tiempo I. La moneda falsa* especialmente 2 - *Locura de la razón económica: un don sin presente* - pp.41-74.

<sup>36</sup>obra citada. pp. 84-85.

Talvez também possamos ler nesse contra-sentido essas palavras de nosso incansável proselitista da inquietação (se ligarmos soberania à soberana poesia) :

Sim, porque a diferença que vai entre os simbolistas propriamente ditos e os que se lhes seguiram imediatamente, entre os quais o nosso poeta [Tasso] figura com este livro (*A Alma Heróica dos Homens*), ainda em 1924, é que os primeiros cantavam, de fato, e os últimos são de um verso mais surdo, quando não seja menos verso. É que até na poesia eles querem, sobretudo, ser conceituosos, de modo que, trabalhando embora com suprema elegância, arriscam-se a não representar mais do que uma intenção poética. Revelam-se predominantemente pensadores, críticos, por mais poetas que sejam alguns.”<sup>37</sup>

Aqui a questão da reserva do sentido se dá a ler sob outro aspecto: o da discursividade. Se a soberania da poesia está em “*méner du connu à l'inconnu*”<sup>38</sup>, e na medida em que ela ainda é um discurso, não pode ser senão aquele que sacrifica a si mesmo, que *s'egare*, que se perde. Um discurso que queira, acima de tudo, reservar seu sentido, *sobretudo, ser conceituoso, jogar no certo, manter-se mestre de si*, será assim um obstáculo a que tenha lugar a “operação soberana”, ou simplesmente a poesia, ou ainda, “*um pensamento mais rigoroso que o conceitual*”<sup>39</sup>.

Além de Nestor Vitor, outros dois críticos (pelo menos) chamam a atenção para esse caráter demasiado lógico-discursivo (ainda que “eminente não-verborrágico”) dos poemas de Tasso.

O próprio Mário de Andrade:

<sup>37</sup>VITOR, Nestor - *INQUIETAÇÃO* (Conferência a propósito de Alegorias do Homem Novo) in *Obra Crítica - II*, p.299.

<sup>38</sup> Cf. *L'expérience intérieure* e também “Être Oreste” em *L'impossible* (ex *Haine de la poésie*), ou ainda *La volonté de l'impossible*.

“Tudo se dilui numa necessidade íntima e impressionante, em que se sente que a frase nasce absolutamente derivada daquele intelectualismo irredutível, daquele pensamento lógico que o poeta se orgulha de ter, e a mim me parece a qualidade mais frágil, menos apreciável e mais corrutora da sua mensagem lírica. Se observe neste “Plasma”, como o poeta, só se utilizando de boas ‘mentiras’ líricas, as conjuga num pensamento lógico tão nítido, tão cerrado, que o valor de intuição, de definição lírica se prejudica fortemente :

*Apanhei à profunda noite*

*Uma mancheia de estrêlas límpidas*

*E amassei-as com o barro humilde*

*Ainda cheio de telúricas pulsações.*

*E assim criei o plasma novo*

*Que meus dedos pediam*

*Para a modelagem de minhas formas inaugurais.*

Estamos aparentemente próximos do haicai ou da quadrinha ibérica, pela extremada síntese, que é uma das características deste poeta eminentemente não verborrágico. Mas estamos, de fato, no pólo oposto dessas formas sintéticas de definição, de intuição lírica, pela verdade lógica com que o poeta destrói das suas imagens quase cinquenta por cento da fluidez (intelectual, entenda-se) e da sugestividade. Ficamos sabendo demais; o que, a meu ver, prejudica aquele estado de “empatia”, de identificação, de transferência, em que continuamos vivendo em nós as idéias e os sentimentos, quando transformados em arte pela beleza transfiguradora.<sup>39</sup>

<sup>39</sup>O postulado por Heidegger em *Sobre o humanismo*. p. 88.

<sup>40</sup>ANDRADE, Mário. Obra citada, p. 90.

E Sérgio Milliet, em termos muito semelhantes, embora já em 1951:

“O que se poderia censurar a esse poeta hostil aos requintes de ritmo e de sintaxe seria o excessivo desenvolvimento de suas imagens. Tasso da Silveira sente sempre a necessidade de completar, de esclarecer, não nos deixando o sabor da simples sugestão. Com isso ilumina violentamente o que poderia conter algum mistério e nos obriga a uma **comunhão** que nem sempre desejaríamos.

(...)

Em sua poesia mística, Tasso da Silveira parece-me guiado principalmente pela inteligência. Ele constrói um misticismo alicerçado mais no pensamento do que na emoção. Daí certa frieza prejudicando a **comunicação**. Essa poesia é nobre entretanto, mas, assim discursiva, prescindiria do verso. Muitos poemas ganhariam em intensidade se escritos em prosa.

Quando diz:

Modelar apenas

as sagradas argilas

que as mãos de Deus amassaram.

Porque só delas é que nascem

as formas imperecíveis.

Criar apenas ritmos límpidos e puros.

Cantar somente os cantos matinais

Claros e nus...

Tasso da Silveira apresenta talvez um programa, estabelece uma linha de conduta poética, não cria esses ritmos a que almeja.”

[Não “representa mais que uma intenção poética”, mantém-se no domínio, discursivo por excelência, do projeto]

“Aliás a musicalidade não figura entre suas características. A música é avessa à lógica e há lógica demais nesses poemas. Bem mais convincente é o poeta ao murmurar:

‘Por que, quando apareceste,  
amanheceu em mim?’

Então, como diria esse extraordinário místico, Georges Bataille (L’expérience interieure), ele “vive de experiencia sensível e não de explicação lógica”.<sup>41</sup>

Relendo agora esta citação de Milliet, me dou conta de que ele não apenas prefigurou este meu trabalho de contrastação entre Tasso e Bataille como também a discussão, bataille-blanchot-nancyana, da relação (de oposição) entre comunhão e comunicação (e eis porque destaquei estes termos no trecho citado). Ao obrigar-nos a “uma comunhão que nem sempre desejaríamos”, a pensar o *mesmo* que ele, comungar um mesmo sentido, aceitar uma mesma transcendência (que se faz assim imanente), Tasso “prejudica a comunicação”, impede a verdadeira cumplicidade, como quer Klossowski, o *partage*, como quer Nancy.<sup>42</sup>

### **Experiência interior X Experiência interior**

Milliet aliás não é o único a falar em experiência interior ao tratar de Tasso. A mesmissima expressão usa Joaquim Ribeiro para caracterizar sua poesia em *Itinerário lírico de Tasso da Silveira* :

---

<sup>41</sup>MILLIET, Sergio. *Diário Crítico VIII*. pp.274-276.

“A poesia de Tasso é uma vivência, uma experiência interior.”

Sabemos no entanto estar aqui no pólo oposto daquilo que, em Bataille, se indica como *expérience intérieure*<sup>43</sup> : o contrário de uma vivência, uma *Erfahrung* sem garantia de volta<sup>44</sup> : ir mais *far* que a própria *Erfahrung* - até o limite.

Joaquim Ribeiro, que sem dúvida usa essa expressão com muito mais razão do que Bataille, fazendo muito mais sentido, de maneira bem mais coerente, chama de experiência interior a vivência de um sujeito a ser comunicada e não a sua (do sujeito) perda na comunicação.

Com efeito, assim como há experiências interiores e experiências interiores, há comunicações e comunicações. Bataille, veremos, usa esse termo “num regime de violência ao seu sentido” : a comunicação não é troca enriquecedora entre sujeitos definidos mas aquilo mesmo que os indefine; nada a ela subjaz, é em seu fluxo que tudo se dá<sup>45</sup>. Já com Tasso “*mais atento à comunicação de suas emoções do que à descoberta de uma bela metáfora*” (de um belo deslocamento: *erfahrung*), estamos no domínio da comunicação ortodoxa: transmissão da mensagem de um sujeito a outro da maneira mais exata, mais inequívoca (unívoca, monológica) possível - lembremo-nos de seu “único pedido” : “*NÃO CONFUNDAIS!*” - ou seja, da maneira a mais asseguradora da identidade desse sujeito que teme - absolutamente - ser tomado por outro : perder-se a si e a seu Deus, a seu sentido, na comunicação.

## Ortodoxia

---

<sup>42</sup> (Esta diferença entre comunhão e comunicação é discutida mais adiante, no capítulo 5 desta dissertação).

<sup>43</sup> cf. nota 216

<sup>44</sup> “*En d’autres termes, le voyage (Fahrt) de l’expérience (Erfahrung) n’offre aucune garantie de retour, comme le suggère aussi la racine latine - ex-periri, qui nous a donné aussi le mot péril.*” JAY, Martin. *Limites de l’expérience-limite : Bataille et Foucault in Georges Bataille - après tout.* p. 55.

<sup>45</sup> “J’ai cette certitude: l’humanité n’est pas faite d’êtres isolés, mais d’une communication entre eux.” BATAILLE, G. *La littérature et le mal* citado por JAY, Martin. em “Limites de l’expérience-limite: Bataille, Foucault.” in HOLLIER, D. (org) *Georges Bataille - après-tout.*

Jogar no certo significa : ser ortodoxo : aceitar o Dogma, a doxa : “dar-se pés e punhos atados ao passado”<sup>46</sup>: adorar a *Vaterland* ao invés de festejar a *Kinderland*, pensar a revelação como oposta à revolução (e não esta como o instante daquela).

Se em 1924 Tasso afirmava que ao *Homem* não “*será fácil voltar à concepção medieval, e retomar, convictamente, o papel de servo humilde perante um senhor de ilimitada força.*”; e Nestor Vitor além de dizer-lhe: “... *que se vê claramente estares longe de poderes ajoelhar-te humildemente no altar do catolicismo*”, acrescentava que

“*Por essas páginas tu doutrinas menos, porque para doutrinar antes de tudo precisamos delimitar, senão limitar, do que expões ingenuamente, revelando as condições em que se acha teu espírito, a situação real das almas mais propriamente vivas na hora atual*”.<sup>47</sup>

em 1939/40, anos de publicação dos *Cadernos da Hora Presente* de que era o diretor, Tasso comunicava (a seu modo) opiniões substancialmente diferentes.

Na quase totalidade de seus artigos aparece a reivindicação da grandeza e correção das concepções vigentes na Idade Média dissolvidas pelo decadentismo de que o Renascimento, em seu fundo, continha o germe.

Seja em *Desenvolvimento orgânico da literatura brasileira*<sup>48</sup> ou numa resenha<sup>49</sup> da *História da Civilização Européia* de Charles Seignobos em que essa reivindicação se dá na forma de exemplo de um grave erro historiográfico: a oposição, por muitos tida por evidente, do “*clarão renascentista*” à “*vasta noite mediéva*”; seja em *O drama de*

<sup>46</sup>“*se donner pieds et poings liés au passé*” BATAILLE. *Nietzsche et les Fascistes* in *Acéphale* - II. p. 11.

<sup>47</sup>Obra citada. pp. 253-254.

<sup>48</sup> *Cadernos da Hora Presente* - 3. pp 44-64.

<sup>49</sup> *C.d.H.P.* - 4. - pp.121-122.

*Nijinsky*<sup>50</sup> através da comparação deste com Michel-Ângelo (que, para Tasso, embora renascentista, é, no que tem de verdadeiramente grande, um fruto da Idade Média); seja na resenha<sup>51</sup> de *O Cristianismo e as Filosofias* de Sertillanges, pela exaltação de São Tomaz de Aquino; seja, finalmente, em *Gil Vicente*<sup>52</sup>, primeiro artigo do primeiro número dos *Cadernos da Hora Presente*, que se constrói inteiramente a partir dessa reivindicação.

Este artigo, que pinta a obra Gil Vicente como

“...uma formidável condensação íntima, operada sob o calor do alto-forno mediévo, e fecunda em surpreendentes energias de realização e afirmação.” (p.10)

oferece talvez um bom ponto de partida para uma análise das contradições implicadas na forma de Tasso da Silveira (e outros) se apropriar de Nietzsche.

Explico-me : quando lemos que Gil Vicente “*será, talvez, não o Plauto, mas o Aristófanes português*” (p.12) não podemos deixar de pensar que esse Aristófanes não é outro senão aquele caracterizado por Nietzsche como portador de “profundos instintos”, capaz de ver em Sócrates, tal Tasso/Gil no renascimento, os germes da dissolução<sup>53</sup>. No entanto é preciso também lembrar que se Gil e Aristófanes desempenham um papel análogo enquanto “defensores da tradição” trata-se em verdade de tradições extremamente diferentes: cristã de um lado, trágica de outro. Tanto é que Nietzsche, ao contrário de Tasso, vê o renascimento como um movimento de não apenas superficial, mas profunda afirmação.

Consta também dos *Cadernos* uma resenha de *Augusto e seu Século* de A. Picarolo, em que Tasso diz:

<sup>50</sup> *C.d.H.P.* - 8. pp. 138-141.

<sup>51</sup> *idem.* p.142.

<sup>52</sup> *C.d.H.P.* - 1. pp.7-31.

<sup>53</sup> *cf. O Nascimento da Tragédia.* seção 13 pp.84-87.



“... a figura de Augusto nos aparece, de certo ponto de vista, em violento contraste com as de Alexandre, Cesar, Napoleão, por exemplo. Nestes, um alto dinamismo criador, a que serviram de instrumento, o ânimo heróico e o espírito guerreiro, fecundamente se manifestou, pois que em verdade se pode dizer que plasmaram a história e modelaram com mãos demiúrgicas os destinos do mundo. Em Augusto, não obstante a audácia juvenil e a surpreendente presteza com que, aos dezoito anos de idade, soube assumir o posto de comando, contrapondo-se a Antônio, e às forças de dissolução que o assassinato de Julio Cesar desencadeara - o que, de fato, dominava era a simples ‘vontade de poder’, entendida a expressão no seu puro nietzscheana [sic] : a simples ‘vontade de poder’, condensada, sem dúvida, em força de poderosa atuação interior, mas desprendida do império dinâmico que conduziu os que, no seio dos milênios, lhe foram êmulos, à criação efetiva e própria’.<sup>54</sup>

É interessante notar aí como a “vontade de potência nietzscheana” é depreciada justamente por seu caracter acéfalo, vale dizer, por não **servir de instrumento** à realização de um **projeto**, por ser falta de um **princípio capital**, não se submeter ao imperativo de alguma finalidade transcendental.

Em *O drama de Nijinsky*, outro ponto de convergência/divergência, desta vez com o heterodoxo (ainda que católico) Murilo Mendes: além de admirarem o dançarino ambos percebem que Nijinsky não dança, é dançado. Mas se Murilo nos fala de uma “operação soberana” (acéfala, sem sujeito): “ser dançado pela... própria dança”<sup>55</sup>; Tasso, como não poderia deixar de ser, nos fala de um “instrumento de Deus”.

Quanto à afirmação de que há um *Desenvolvimento orgânico da literatura brasileira*, ela nos reaporta à oposição entre um todo acéfalo, constituído pelo “jogo das

---

<sup>54</sup> C.d.H.P. - 7. p. 121. - Vale aqui remeter a uma passagem da perclara missiva de Nestor Vitor a Tasso em 1924: “Esse outro modo por que conclus, no fundo, aliás, é aparente. Se acreditamos em “divinos designios”, já não somos adeptos do heroísmo só pelo heroísmo. Já não somos Nietzsche ou Graça Aranha.”. Obra citada. p. 252.

articulações”, e um todo orgânico, em que o jogo das partes é limitado pela submissão a uma finalidade que as transcende<sup>56</sup>, um sentido :

“... o sentido profundo da nova literatura brasileira. E este sentido é o sonho de fazer do Brasil o país de mais profundo destino do planeta.”<sup>57</sup>

País: variedade bastante difundida de cabeça, isto é, de redução imaginária à unidade X *Nous autres sans-patrie (Wir Heimatlosen)*: a reivindicação nietzscheana de *Acéphale* de uma comunidade sem fronteiras.

### Heterologias

Contra tudo o que foi dito até agora devo dizer que há em Tasso, sob determinados aspectos, bastante labilidade. O suficiente para dar ouvido a outras palavras, outras razões, outros discursos, outras formas de colher, para dar valor mesmo a escritores que não comungam de sua ortodoxia e “*nos quais tumultuam, por vezes, ideologias venenosas*”, ou para deixar que se publiquem nos *Cadernos* artigos, por vezes, nada homólogos aos seus.

É o caso do famoso ensaio n. XXX de Montaigne, *Des canibales*, publicado no número 6 da revista, traduzido e anotado por Luiz da Camara Cascudo, e que não é senão uma crítica ferrenha a toda essa tradição de que Tasso se orgulha de ser herdeiro. O próprio Tasso já se posicionara explicitamente contra Montaigne em seu ensaio sobre Gil Vicente (já citado):

“*Daí as demissões lamentáveis de dignidade espiritual nas classes dirigentes, a verbiagem vasia que terminou por desmoralizar para os séculos a escolástica,*

<sup>55</sup> Cf. o “Retrato relâmpago” de Nijinsky. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, pp. 1275-1276.

<sup>56</sup> ver a longa citação de Jean-Luc Nancy a que remete a nota número 261.

*produzindo um longo apagamento, na memória dos homens, do extremo valor da vasta especulação tomista, o confuso sincretismo filosófico do Renascimento, que culminou nos postulados céticos de Miguel de Montaigne, de Pedro Charron, de Francisco Sanchez, a etiqueta ridícula das côrtes, o esvaziamento de conteúdo de todas maneiras de viver da gente mais favorecida.”*

Outra irrupção do heterológico seria a *Reportagem em torno de Paul Valery* (C.d.H.P. - 4. p.156-158) escrita por Hildebrando Siqueira em que vem expressa, por exemplo, a seguinte opinião com respeito à História :

*“A História é o mais perigoso produto que a química da inteligência há elaborado”* pois *“justifica o que se deseja. Não ensina rigorosamente nada, pois contém de tudo e dá exemplos de tudo”* e *“o historiador faz com o passado, o que a adivinha pratica com o futuro; com uma diferença: a bruxa expõe-se a verificação e o historiador nem a isso se expõe.”*

Opinião que põe em xeque os esforços historiográficos do próprio Tasso (em *Gil Vicente* e em *Desenvolvimento orgânico da literatura brasileira*, por exemplo) que tomam como dogmas, na esteira de Jackson de Figueiredo, “as leis da razão histórica”.

É o caso ainda de *Fronteiras da Santidade* (C.d.H.P. - 2) de Otávio de Faria, esse cristão heterodoxo e mesmo herege na medida em que diz ser o tomismo, a filosofia de São Tomaz de Aquino -“o *Sol dos Séculos*”-, uma religião do Deus Morto, contrariando assim um dogma pois que Leão XIII e Pio XI “nos dizem ‘ite ad Toma’”.<sup>58</sup>

Depõe ainda pela heterodoxia remanescente de Tasso o testemunho de Joaquim Ribeiro (confirmado por Mário de Andrade) de que :

---

<sup>57</sup> C.d.H.P. - 3. p. 64

<sup>58</sup>ver ATHAÍDE, Tristão de. *Vigília de Natividade*. - Artigo em que o “líder dos escritores católicos” (o sucessor de Jackson) faz o processo e a condenação do erro de Otávio Faria, publicado inicialmente em “O Jornal” - 24/12/39 e republicado na seção *Recortes em revista* dos C.d.H.P. - 7 seguido de *Deus vivo e Deus morto*, resposta de Otávio de Faria à crítica de Tristão, publicada inicialmente também em “O Jornal”, 14/1/40. *Sol dos Séculos* é o nome de um ensaio de Tasso da Silveira sobre o “doutor angélico”.

“É curioso notar, todavia, que enquanto se descobre essa *harmonia* na poética, lavra no espírito de Tasso da Silveira uma *inquietação demoníaca*

A sua poesia é antes uma *compensação* para a sua personalidade, do que uma *projeção* desta.

Tasso - o inquieto interior - plasma o seu ritmo como se fosse Tasso, de serenidade olímpica. Supre com Arte, o que a sua Filosofia não pode dar.”<sup>59</sup>

É como se, para usarmos os termos construídos por Martin Jay<sup>60</sup>, Tasso se permitisse (ou não conseguisse escapar a) o momento *proativo* da inquietante e demoníaca experiência-limite dos limites (de Deus, da razão, do sujeito...), mas não seu momento *reativo*, o da escritura.

Isso por não reconhecer a soberania da experiência, não tomá-la como “*seule autorité, seule valeur*”, por submetê-la à finalidade, anulando-a ao querer capitalizá-la em favor do sentido, por domesticar o que não pode ter casa, disciplinar o que só de dá na ausência de mestre.

Esse apagamento da experiência interior em função... da própria função, se liga à já referida “tendência para o conceituoso” que lêem em sua poesia Nestor Vitor, Mário de Andrade, Sérgio Milliet e mesmo Joaquim Ribeiro. Preocupado em seus textos com a comunicação inteligível, é-lhe preciso renunciar às formas espectrais, irracionais (sem razão, soltas...) do simulacro, que é no entanto “*tout-ce que nous savons d’ une expérience*”, em favor do conceito, da noção que “*n’en (da experiência) est que le déchet appelant d’autres déchets*”.

<sup>59</sup> O itinerário lírico de Tasso da Silveira in C.d.H.P. - 5. p. 51.

<sup>60</sup> A partir do que fala Foucault sobre a experiência em uma entrevista com Duccio Trombadori. Cf “Limites de l’expérience-limite: Bataille, Foucault”

O simulacro constitui o signo de um estado instantâneo e não pode estabelecer a troca entre um espírito e um outro nem permitir a passagem de um pensamento a outro.

(...)

O simulacro tem um objeto totalmente outro que a comunicação inteligível da noção: a cumplicidade cujos motivos tampouco são determináveis nem procuram se determinar.

A cumplicidade se obtém pelo simulacro, a compreensão pela noção, da mesma forma que é da noção que a incompreensão decorre.<sup>61</sup>

Na medida em que renuncia ao simulacro em favor da verdade dita original, Tasso se mutila (tal Hegel segundo Bataille) - “coerência é mutilação” diria Ângela Pralini -, se abstém do jogo maior, impede que uma escritura soberana tenha lugar.

### **Em suma Ateleológica**

Falei no início desse texto, a partir de Bataille, em duas respostas para um mesmo vazio. Melhor dizer diferente. Trata-se de colocar ou não uma resposta (uma entidade imaginário-cefálica) no lugar dessa questão cuja essência no entanto está em permanecer uma questão :

---

<sup>61</sup> “Le simulacre constitue le signe d'un état instantané et ne peut établir l'échange entre un esprit et un autre ni permettre le passage d'une pensée dans une autre. //(...)Le simulacre a un tout autre objet que la communication intelligible de la notion : la complicité dont les motifs non plus ne sont pas déterminables ni cherchent à se déterminer.// La complicité s'obtient par le simulacre ; la compréhension par la notion tout de même que c'est de la notion que l'incompréhension découle.” KLOSSOWSKI, Pierre. “À propos du simulacre dans la communication de Georges Bataille” in *critique* 195-196, p.743.

“A resposta essencial haure sua força sustentadora na in-sistência do perguntar. A resposta essencial é apenas o começo de uma responsabilidade. Nela o interrogar desperta mais originariamente. É também, por isso, que a questão autêntica não é suprimida pela resposta encontrada”.<sup>62</sup>

Se consideramos - com Jean-Luc Nancy - que o espaço do *clinamen* é o mais próprio à existência, não podemos deixar de considerar a crise como o movimento mais próprio ao cumprimento (que é, no **caso**, o oposto de um completamento) do homem

A crise, nos “*deux sens, passif et actif, du mot critique - mis en question et mettant en question*”<sup>63</sup>, a revolução considerada não em “*ses tenants et aboutissants ouvertement connus et conscients mais dans son apparence brute*”<sup>64</sup>, é o único estado soberano (que só se dá na ausência do Estado, do Soberano).

Visto desse ângulo, o seguinte itinerário não poderá aparecer senão como uma farsa:

*“Essa crise de pensamento, de profundas raízes filosóficas já estava desencadeada desde o seu primeiro livro de poemas “Fio d’água” onde se encontra a seguinte confissão :*

.....

E hei de ir em busca do Último momento

vendo que se me torna o Pensamento

Uma ferida cada vez mais funda !

*A poesia foi em Tasso uma reação contra o vácuo aberto pelo pensamento.*

<sup>62</sup> HEIDEGGER. Pós-fácio a “*Que é Metafísica*” in *Os Pensadores* - XLV. p.246.

<sup>63</sup> *Acéphale* - 3-4. p. 16.

*Precisava de um refúgio<sup>65</sup> e de um refrigerio e buscou, na poesia, o caminho para Deus. A beleza iluminou-lhe o grande Mito cristão.*

*O sentimento religioso, o pensamento católico, consolador por excelência extinguiu todos os mistérios, todas as incógnitas e todas as coisas insondáveis pelo Mistério Maior, pela Incógnita Maior e pela Coisa Insondável.*

*A religião caiu sobre Tasso da Silveira como a “sombra piedosa” de uma árvore.*

*Foi essa a migração do Pensador para o Poeta...*

*A poesia, entretanto, é apenas um descanso à beira da longa caminhada.*

*Tasso está deitado sob a sombra piedosa da Grande Árvore, mas as dúvidas, as indagações, as inquietações o estão fustigando para seguir a jornada interrompida.”<sup>66</sup>*

**Vamos homem ! Sveglia ! para quê? para o instante - a hora presente - para a atualidade acéfala da crise de teu corpo no *bleu du ciel*.**

---

<sup>64</sup> *Acéphale* - 2. p. 20.

<sup>65</sup> Bataille: “Je n’ai sur la terre ou dans le ciel aucun refuge . // Dieu n’a pas d’autre sens : un refuge prétendu. Mais le refuge n’est rien comparé à l’absence de refuge.” *Le Coupable, O.C. - V, p.363.*

<sup>66</sup> RIBEIRO, Joaquim. *Itinerário lírico de tasso da Silveira. C.d.H.P. - 5. p. 50.*

## CAPÍTULO II – Os *Cadernos* propriamente escritos

### Borrões dos *Cadernos*

Antes dos *Cadernos da Hora Presente*, Tasso da Silveira passara pela direção de ao menos quatro periódicos: *América Latina* (6 números publicados entre agosto de 1919 e fevereiro de 1920); *Árvore Nova* (dois ou três números durante o ano de 1922); *Terra de Sol* (12 números ao longo de 1924, sendo três deles dedicados a Alberto Torres, Farias Brito e Euclides da Cunha que, como veremos, formarão também a triade básica de referências nacionais dos *Cadernos*); e, historiograficamente o mais importante pois que passaria a servir de rótulo - “grupo de Festa” - para os representantes do “totalismo criador”<sup>67</sup> ou “modernismo espiritualista”<sup>68</sup> como o designam seus membros Tasso da Silveira e Henrique Abílio, “modernismo continuador”<sup>69</sup> no dizer de Tristão de Ataíde, ou ainda “modernismo anti-modernista” no oxímoro proposto tanto por Bosi<sup>70</sup> quanto por Wilson Martins<sup>71</sup>, *Festa* (1ª fase: 1927-28, perfazendo 13 números; 2ª fase: 1934-35, 9 números).<sup>72</sup>

Vale a pena determo-nos em *Festa* tanto pelo que a aproxima quanto pelo que a distancia dos *Cadernos*. Como bem o demonstram as designações acima referidas o “grupo de Festa” ocupa um posto *sui generis* no campo de batalhas de nosso modernismo. A começar por sua locação no Rio de Janeiro caracterizado então (pelos

<sup>67</sup> Cf. SILVEIRA, Tasso da. “Totalismo criador” in *Festa - n. 6, mar 1928*

<sup>68</sup> cf. ABÍLIO, Henrique. “O erro objetivo do primitivismo” (provavelmente de fins de 1928) in *Cadernos da Hora Presente - 9, pp. 53-74.*

<sup>69</sup> Cf. ATAÍDE, Tristão de. “O grupo de *Festa* e sua significação” in *Festa - n.6, mar 1928*

<sup>70</sup> Em *História Concisa da Literatura Brasileira, segundo Andrade Muricy*. Cf. CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa*. São Paulo, IEB, 1971, p.236.

<sup>71</sup> Cf., não por acaso, o capítulo “Falsas vanguardas” in *História do modernismo brasileiro*. São Paulo, Cultrix, 1973 (4 ed.).

<sup>72</sup> Informações retiradas de GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio - modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro, FGV, 1999.



paulistas, é claro) como “Velha República das Letras” por sediar as instituições do poder político e do “poder literário” federal: a Academia Brasileira de Letras.<sup>73</sup>

Embora com esse título, que não deixou de despertar a crítica de Tristão de Ataíde por “contrastar com a angústia da vida moderna” e, posteriormente, a ironia de Wilson Martins no *slogan* “uma festa mal-humorada” e de Angela de Castro Gomes, que nomeia um capítulo de seu livro “Essa gente séria de Festa”<sup>74</sup>, a revista *Festa* opunha-se terminantemente ao dionisismo, à embriaguez, ao diversionismo e aos excessos<sup>75</sup> que pareciam-lhe caracterizar a “enxurrada”<sup>76</sup> modernista. Buscava algo assim como uma solução de compromisso entre a necessária renovação artística e o respeito à tradição entendida por Tasso da Silveira como revelação do “espírito de um povo”<sup>77</sup>.

Herdeiros diretos do simbolismo (Tasso era filho de Silveira Neto, Nestor Vitor, “o crítico do simbolismo”, era uma espécie de mentor do grupo, Andrade Muricy compôs o *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro...*) foram e continuam sendo acusados de serem meros epígonos desse movimento.

Nesse sentido é interessante notar que Silviano Santiago em “A permanência do discurso da tradição no modernismo” partindo de um outro T.S., o Eliot, e da noção de tradição como contemporaneidade do passado, vale dizer, como um todo que compõe

<sup>73</sup> Quanto à disputa Rio - São Paulo ver GOMES, Angela de Castro. Op. cit. que coloca como epígrafe de seu livro o seguinte trecho de carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira de 18-4-1924: “O que são as vaidades meu Deus! / Essa gente do Rio nunca perdoará SP por ter tocado o sino. Não falo de você. Você já não é do Rio. Você é como eu: do Brasil.”

<sup>74</sup> Em tempo: A expressão já fora usada por Mário de Andrade: “e nos assombrava a incompreensão ingênua com que a ‘gente séria’ do grupo de ‘Festa’, tomava a sério as nossas blagues e arremetia contra nós. Não, o nosso sentido era especificamente destruidor”. “O movimento modernista” in *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo, Martins, 1974, p.241.

<sup>75</sup> Na medida em que tem o excesso por essência, a festa parece de fato um emblema inadequado para um grupo que queria evitar os “excessos do modernismo”. Na medida, porém, em que representa uma aliança entre a tradição e transgressão, uma transgressão prevista na tradição e que portanto tanto ou mais a confirma do que abala, festa pode ser considerado um “bom nome” Cf. CAILLOIS, Roger “Le sacré de transgression: Théorie de la fête” *L’homme et le sacré* (1939) Paris, Folio, 1989.. Outra hipótese sobre esse nome: defesa antecipada da acusação de sisudez: “Não! nós somos alegres, vide o nome de nossa revista!”

<sup>76</sup> Cf. SILVEIRA, Tasso da “A Enxurrada” in *Festa - 4, jan 1928*.

<sup>77</sup> Cf. SILVEIRA, Tasso da. “A anta e o carrapato” in *Festa - 2, nov. 1927*.

uma ordem simultânea ao presente, e capturando sua emergência na poesia de Murilo Mendes - em que se dá, graças a seu catolicismo, como eterno retorno do mesmo -, e nas viagens e escritos filosóficos de Oswald - aqui como eterno retorno em diferença: o “bárbaro tecnicizado -, nos diga que no caso de *Festa* trata-se de uma “falsa tradição”:

Eliot, é claro, descarta o sentido de tradição que seja apego cego ou tímido às conquistas dos que precedem imediatamente a nova geração. Acho importante dar essa definição de “falsa tradição” porque é por aí que descartamos, nesta revisão do modernismo, um grupo como “Festa”, que teve certa notoriedade na década de 30 no Rio de Janeiro. O grupo “Festa” tinha uma proposta de discurso de tradição no modernismo, mas no fundo era uma proposta de falsa tradição porque se tratava de um neo-simbolismo. Isso não é a verdadeira tradição para Eliot, isso é simplesmente a retomada de uma geração imediatamente anterior, retomada das conquistas de uma geração anterior dentro de uma estética que já não comportava mais os velhos padrões. Isso, sim, nada mais era do que - ainda hoje é - passadismo, academicismo.”

E ainda, no debate que seguiu a conferência:

Os adeptos de *Festa*, entre eles Tasso da Silveira, fazem uma poesia que nada mais é do que repetição - reparem a diferença que eu faço entre repetição e suplemento -, mera repetição do simbolismo.”<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup>SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo, Schwarcz, 1989, respectivamente pp 101-102 e p.115.

Já que citei longamente Silviano, em discurso de acusação, cabe agora citar a defesa, antecipada (1971), de Andrade Muricy que se vale do testemunho - acima de qualquer suspeita ? - de Tristão de Ataíde.

Diante da seguinte pergunta de Neusa Pinsard Caccese:

“15 - Naquele momento, o grupo se considerava plenamente modernista. Passados tantos anos, o Sr. manteria tal ponto de vista, aceitando o modernismo de *Festa* como integrado numa tradição brasileira, ligado particularmente ao Simbolismo, ou o Sr, a veria mais como uma revista simbolista de aparecimento tardio?”

Responde Muricy:

“Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) escreve, referindo-se ao grupo de *Festa*: “Essa tendência surge como desdobramento do movimento simbolista. Não é um neo-simbolismo. Apesar de todos os laços que prendem alguns do grupo às grandes figuras do Simbolismo, não vêm renovar o Simbolismo e sim superá-lo, como dizem no manifesto inicial: - ‘Passou o profundo desconsôlo romântico. Passou o estéril ceticismo parnasiano. Passou a angústia das incertezas simbolistas. O artista canta agora a realidade total: a do corpo e a do espírito, a da natureza e a do sonho, a do homem e a de Deus’”. Eis aí uma resposta cabal. Tasso da Silveira traça em *Festa* “um esboço de apologia do Simbolismo”, como prossegue Tristão de Ataíde. “Considera aliás o Simbolismo, não uma estrutura literária, mas como todo um ‘ambiente espiritual’, que veio trazer na evolução de nossa inteligência - ‘o despertar de nossas ânsias metafísico-religiosas’.” (...) “É assim, pelo menos, que compreendo o ‘sentido’ desse agrupamento e vejo a sua eficácia. Mais um dinamismo, mais um malabarismo, mais um libertarismo (mais uma “estética da

ruptura”, para usarmos dos termos de Silvano), seria apenas seguir a moda do momento, penetrar searas alheias”<sup>79</sup>.

Não cabe aqui a proclamação de nenhuma sentença final de minha parte. Limito-me a fazer notar que, num momento de “vitória” do modernismo calcado na “estética da ruptura”, o gesto de *Festa*, a busca de um reatamento com a tradição, a coloca antes numa contra-corrente (o que lhe vale, apesar de sua intenção explicitamente ortodoxa, é dizer, de correção do movimento modernista e de formulação da “opinião certa”, ser designada por Angela Gomes como “modernismo heterodoxo”) do que na *tímida* ou *cega* aceitação de uma corrente hegemônica. Ouso ainda levantar o argumento borgeano, encarnado na figura alegórica de Pierre Menard, de que mesmo a repetição *ipsissima verba* de um enunciado vem carregada de força diferencial. Ou seja, ainda que a poesia escrita pelos membros de *Festa* seja uma “mera repetição” da poesia simbolista (do que aliás é possível discordar), essa repetição não é tão mera assim pois que inevitavelmente implica as diferenças de sua situação de enunciação. Não há repetição que não seja suplemento.

Por exemplo, examinemos o XXXVIII da primeira parte, “que trata do curioso discurso que fez Dom Quixote sobre as armas e as letras”. É sabido que Dom Quixote (como Quevedo na passagem análoga, e posterior, de “A hora de todos”) julga o pleito contra as letras e a favor das armas. Cervantes era um velho militar: sua decisão se explica. Mas que o Dom Quixote de Pierre Menard - homem contemporâneo de *La trahison des clercs* e de Bertrand Russel - reincida nessas nebulosas sofismações! Mme. Bachelier viu nelas admirável e típica sujeição do

<sup>79</sup>CACCESE, Neusa Poinard. *op. cit.*, pp.234-235. Essa citação não deixa de ser um pastiche de “O dentro do dentro do dentro”, homenagem a Telê Porto Ancona Lopes que abre a segunda parte de *Nas*

autor à psicologia do herói; outros (nada perspicazmente) uma *transcrição* do Quixote; a Baronesa de Bacourt, a influência de Nietzsche. A essa terceira interpretação (que acho irrefutável) não sei se me atreverei a aditar uma quarta, que muito condiz com a quase divina modéstia de Pierre Menard: seu hábito resignado ou irônico de propagar idéias que eram o estrito reverso das preferidas por ele. (Rememoremos outra vez sua diatribe contra Paul Valéry na efêmera folha surrealista de Jacques Reboul.) O texto de Cervantes e o de Menard são verbalmente idênticos, mas o segundo é quase infinitamente mais rico. (Mais ambíguo, dirão seus detratores; mas a ambigüidade é uma riqueza.)<sup>80</sup>

Da mesma forma, se nossos simbolistas, que poderiam muito bem colaborar na revista *La Conque*, escreveram tais e tais coisas por influências de tais e tais autores franceses e patati patatá, se poderia aventar que o grupo de *Festa* escreveu essas mesmas coisas por influência de tais e tais outros autores e, o que faz mais sentido, em reação a um outro contexto histórico-literário.

Em verdade, se concedemos validade a esse argumento pierremenardesco, vemos se desfazer a própria possibilidade de existência de um eterno retorno do mesmo e, por conseguinte, de afirmarmos que este seria o caso de Murilo Mendes: poeta aliás a tal ponto heterológico que chega a pôr “a arte em fuga e a poesia em pânico”, como afirma, espantado, Mário de Andrade<sup>81</sup>.

Apesar de reivindicar seu pertencimento ao modernismo - ainda que “atenuado” como nas expressões “modernismo continuador”, “modernismo universalista” ou “modernismo espiritualista” - *Festa* coloca a questão, que ainda hoje faz sentido, da

---

*malhas da letra*: Tasso dentro de Tristão dentro de Muricy dentro de Neusa dentro de disso.

<sup>80</sup>BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo, Globo, 1989, p.36.

<sup>81</sup>ANDRADE, Mário. “A poesia em pânico” (14-9-1929) in *O empalhador de passarinho*. São Paulo, Martins, 1946.

distinção entre moderno e modernismo tal como precocemente captada por Mário de Andrade:

O que eu faço, e talvez já reparaste nisso, é uma distinção entre modernos e modernistas (...) Toda reação traz exageros. Eu tive porque fui reacionário contra o simbolismo. Hoje não sou. *Não sou mais modernista. Mas sou moderno, como você.* Hoje eu já posso dizer que sou também um descendente do simbolismo. *O moderno evoluciona.* Está certo nisso. O que também não impede que os modernistas tenham descoberto suas coisas e que se não fossem eles muito moderno de hoje estaria bom e rijo passadista. Não é isso mesmo? <sup>82</sup>

É interessante o uso que Mário aí faz do adjetivo *reacionário*: em oposição à aceção mais comum - ao menos hoje em dia - que faz de *reacionário* um sinônimo de passadista, Mário designa como *reacionário* justamente o adepto da “estética da ruptura”: aquele que reage violentamente contra o passado buscando com ele romper de maneira definitiva. O modernista é portanto um reacionário. Já o moderno, evoluciona. Ou seja, dá continuidade a uma dança<sup>83</sup> com a tradição que não foi ele que começou e à qual tampouco porá fim. Podemos assim aventar que *Festa* foi uma revista antes moderna do que modernista, faltando-lhe apenas, para sua maior grandeza, essa capacidade, tão muriliana, mas também mariodeandradina, de “ser e não ser”<sup>84</sup> (modernista, católico...)

Um delicioso paradoxo: a noção de tradição com que opera Silviano - e que, *dicho sea de paso*, fascinou também Jorge Luis Borges - a partir de Eliot (mas

<sup>82</sup> Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira de 24-11-1924 (grifos do autor), citada por GOMES, Angela de Castro. *op. cit.*, p.54.

<sup>83</sup> Reivindico aqui não o sentido bio-sociológico de evolução como progresso e sim aquele que aflora num sintagma como “as evoluções de um dançarino”.

deslocando-a da funesta referência ao “espírito de um povo” que redundava como sabemos no asqueroso eurocentrismo de T.S.) se assemelha ao mesmo tempo às proposições de Octavio de Faria<sup>85</sup> em sua “Mensagem Post-Modernista” publicada no famoso número 4 (dedicado a um balanço-autópsia do Modernismo) da revista *Lanterna Verde*, de novembro de 1936; e às proposições comunitárias de Georges Bataille pós-*Acéphale*.

Explico-me: Eliot nos fala da tradição como abolição de fronteiras temporais; Silviano Santiago - isto fica implícito em sua crítica ao eurocentrismo de Eliot - acrescenta a abolição de fronteiras espaciais-geográficas, raciais, sanguíneas, populares...; Octavio de Faria postula que a verdadeira Literatura é criada sempre à margem das escolas, por homens-parentéticos e não por homens-organização diria Guerreiro Ramos<sup>86</sup>, e que os laços que realmente contam não são os de nacionalidade ou de contemporaneidade mas aqueles que unem, por exemplo, um Gide a um Goethe ou a um Dostoievski, um Claudel a um Dante, etc...; Bataille, por sua vez, em vez de falar em tradição, nos fala de seu sentimento de comunidade para com Nietzsche e, mais genericamente, na “comunidade dos que não têm comunidade<sup>87</sup>” e no “pertencimento de toda comunidade possível ao que chamo em termos que são para mim voluntariamente estranhos, ausência de comunidade<sup>88</sup>”. É ainda a partir de Bataille (e do aforismo brilhante de Jean Paulhan segundo o qual “a verdadeira sociedade secreta é aquela cujos membros eles-mesmos ignoram que dela fazem parte”) que Denis Hollier elabora a noção de uma “contemporaneidade mais fundamental daqueles aos quais o espaçamento diacrônico impediu que se dirigissem a palavra (Héclito, Sade, Baudelaire, Nietzsche,

---

<sup>84</sup> Cf. MENDES, Murilo. “Pós-poema”

<sup>85</sup> Cristão bergsoniano, *id est*, adepto do “Deus vivo”(em cujas mãos é terrível cair) que virá a ser colaborador regular dos *Cadernos da Hora Presente*.

<sup>86</sup> Cf. RAMOS, Guerreiro. “Homem-Organização e Homem-Parentético”, capítulo VI de *Mito e verdade da revolução brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1963. Hei de voltar às interessantíssimas reflexões marxistas deste ex-maritainiano e ex-colaborador dos *Cadernos da Hora Presente*.

<sup>87</sup> Citado por BLANCHOT, Maurice. *La communauté invivable*. Paris, Minuit, 1983, p.9.

etc...).”<sup>89</sup>; para terminar a série, mais uma emergência desse tipo de comunidade atópica e acrônica: aquela a que João Cabral de Melo Neto diz pertencerem tanto ele quanto Clarice Lispector e a que estaria destinada a revista “Antologia” por ele projetada: “Qualquer coisa fora do tempo e do espaço - um pouco como nós vivemos”<sup>90</sup>.

Mas se podemos aproximar tradição e comunidade - na medida em que descronologizamos a primeira e desgeograficamos a segunda - também podemos diferenciar não apenas uma da outra, como cada uma delas de si mesma. Quero dizer: que, seja a comunidade, seja a tradição, se for dotada de um conteúdo positivo é uma, se não, é outra.

Talvez aqui figurassem juntos Tasso da Silveira e Mário de Andrade como atribuidores de um conteúdo positivo à tradição - de que seria sintomática a tão fecunda ânsia de tudo saber que fazia de Mário o homem que lia tudo que saía, além de um certo seu patrimonialismo; no caso de Tasso, a suposição da existência de um *Desenvolvimento orgânico da Literatura Brasileira*, ou sua inclinação ao tomismo que representa justamente a formulação mais acabada de um conteúdo positivo do catolicismo.

Do outro lado figurarão, nesse trecho desse texto, Octavio de Faria, Bataille, Walter Benjamin e Murilo Mendes.

Octavio na medida em que se pode dizer que seu cânone literário, assim como seu cânone religioso (em verdade os dois até certo ponto se confundem: é talvez por considerá-los religiosos à sua maneira que coloca Dostoievski, Baudelaire, Rimbaud,

<sup>88</sup> “La religion surréaliste”, *O.C. VII*. Paris, Gallimard, 1992, p.394.

<sup>89</sup> HOLLIER, Denis. “L’inénarrable” in HOLLIER, D. (org.) *Georges Bataille, après tout*.

<sup>90</sup> Em carta a ela de fins dos 40. A revista não chegou a existir, o que me parece lógico. Cf. MORICONI, Ítalo. “Qualquer coisa fora do tempo e do espaço (poesia, literatura, pedagogia da barbárie)” in ANDRADE, Ana Luiza, CAMARGO, Maria Lucia de Barros e ANTELO, Raúl (orgs.). *Leituras do ciclo*. Chapecó, Grifos, 1999. Do texto de Moriconi deduz-se que também a revista, contemporânea em sentido restrito, *Inimigo rumor* se inscreve nessa ausência de espaço-tempo.



Gide ao lado de Dante, Pascal, Claudel, Bernanos, Léon Bloy) baseia-se antes de tudo num critério patológico de valor: valem os que sofrem, os que *cherchent en gémissant* como dita a pascalina epígrafe geral de sua *Tragédia burguesa*. A tradição cristã reivindicada por Octavio está ligada antes a uma atitude (*il ne faut pas dormir*<sup>91</sup>), a um *pathos*, o da inquietação, que a conceitos e conselhos. Daí seu repúdio ao tomismo:

Não por pretensão, não por tola confiança no meu ‘conceito’ próprio. Apenas por que, honestamente, não posso falar contra a minha própria experiência. Da excelência do conselho de um papa, mormente de um papa como Leão XIII ou como Pio XI, não duvido. Mas, ele jamais me levará a renegar o meu testemunho, aquilo que em sinceridade me parece ser a verdade vivida por mim em minha própria carne.<sup>92</sup>

Bataille: sua comunidade com Nietzsche não se baseia numa transmissão de conceitos, sendo aqui emblemática sua reivindicação do eterno retorno não enquanto noção e sim enquanto *pathos*: não importa o que Nietzsche quis dizer, a idéia, o “conteúdo intelectual” do eterno retorno, e sim Nietzsche rindo e tremendo, em lágrimas de júbilo ao longo do lago de Silvaplana “perto de um enorme rochedo que se erguia em forma de pirâmide, não longe de Surlej”: a experiência-limite (que, já vimos, é a própria experiência dos limites - do “bout du possible”) que a visão do eterno retorno lhe

<sup>91</sup> Esta é a, também pascalina, verdade que o magnânime padre Luiz teme revelar a Ivo em *Mundos mortos*. Veja-se, por outro lado, a afirmação de Adorno : “É preciso secularizar o *il ne faut pas dormir* de Pascal”, citado por COMAY, Rebecca a propósito do despertador surrealista-benjaminiano que soa sessenta segundos a cada minuto. “O fim de partida de Benjamin” in BENJAMIN, Andrew e OSBORNE, Peter (orgs.) *A filosofia de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997, p. 283.

<sup>92</sup> “Deus vivo e Deus morto” in *Cadernos da Hora Presente - n. 7*, p.173. Trata-se de artigo originalmente publicado em *O Jornal*, 14-1-40 em resposta às críticas de Tristão de Ataíde (“Vigília de Natividade” in *O Jornal*, 24-12-39 -também reproduzido nesse número dos *Cadernos*) ao fato de ter Octavio de Faria em “Fronteiras da Santidade - Pascal, Léon Bloy” (*Cadernos da Hora Presente - n. 2*) afirmado ser o tomismo uma “religião do Deus morto”. (Talvez se possa afirmar que, paradoxalmente, para Octavio de Faria, Deus estaria menos morto em Nietzsche do que em Santo Tomas).

proporciona<sup>93</sup>; ou sua reivindicação do “mito da ausência de mito” (vale dizer, do mito sem fábula, sem conteúdo particular), da “comunidade fundada na ausência de comunidade” (inconfessável, *désouvrée*, destituída de vínculos), e da experiência poética da “ausência de poesia”.<sup>94</sup>

Benjamin, se concordarmos com Rebecca Comay, que no texto benjaminiano a tradição pode ser lida como recordação do próprio recordar, da própria memória e não de uma determinada memória<sup>95</sup>. Ou ainda que a *Erfahrung* - “‘experiência’ geradora de comunidade de que a era industrial teria soado a perda

‘estava perdida bem antes de ter podido começar. E Benjamin sabia bem que em nenhum momento houvera uma plenitude original esperando ser recapitulada ou ‘reexperimentada’: *Erfahrung - a experiência perdida* - nada é de outro que a *experiência da perda*. A experiência não revela senão o fato de que jamais houve ‘experiência’”<sup>96</sup>

Daí a possibilidade de um “conceito positivo de barbárie”.

Murilo, por todos os motivos pelos quais nos diz, em sua “Microdefinição do autor”, de 1970, sentir-se “compelido ao trabalho literário”. Entre as quais, cito:

<sup>93</sup> Cf. BATAILLE, Georges. “Nietzsche - sur un sacrifice où tout est victime” in “L’expérience intérieure” in *O.C. V.* Paris, Gallimard, 1992, p.177. (Eu traduzindo)

<sup>94</sup> Cf. “A ausência de mito” e “La religion surréaliste”.

<sup>95</sup> Cf. COMAY, Rebecca. “O fim de partida de Benjamin” in BENJAMIN, Andrew e OSBORNE, Peter (orgs.) *A filosofia de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997, p. 263. A autora faz ainda um interessante jogo de palavras dizendo-nos que a *Erinnerung* hegeliana é um *re-membering*: o recordar como “a ressurreição do corpo idealizado, transfigurado, um corpo restaurado em sua unidade orgânica e integridade espiritual como um todo” (p.263) Enquanto Benjamin *re-members*: a memória, proustianamente, como *mémoire des membres*: “o redespertar incoerente, multiplamente situado, das partes despedaçadas do corpo a se re-encontrar a si mesmas no tempo e no espaço” (p.263). Memória eminentemente acéfala.

<sup>96</sup> COMAY, Rebecca. “Gifts without Presents: Economics of ‘Experience’ in Bataille and Heidegger” em que a autora sugere a aproximação da comunidade e da comunicação bataillanas com a concepção benjaminiana de *Erfahrung*. Citado por JAY, Martin “Limites de l’expérience -limite: Bataille Foucault” in HOLLIER, Denis (org.) *Georges Bataille, après tout*. Quanto a essa aproximação vale citar a seguinte passagem, tão análoga à de Comay, de Jean-Luc Nancy: “Ce qui, de la communauté, est ‘perdu’ - l’immanence et l’intimité d’une communion - est perdu en ce sens seulement qu’une telle ‘perte’ est constitutive de la ‘communauté’ elle-même. *La communauté désouvrée*. Paris, Christian Bourgois, 1990, p.35.

“... pelo meu não reconhecimento da fronteira realidade-irrealidade; pelo meu dom de assimilar e fundir elementos díspares; (...); porque dentro de mim discutem um mineiro, um grego, um hebreu; um indiano, um cristão péssimo, relaxado, um socialista amador; porque não separo Apolo de Dionísio; (...); pela fúria galopante dos quadros e colagens de Max Ernst; pela decisão de Casimir Malevich, ao pintar um quadrado branco em campo branco; pela vizinhança através dos séculos, malgrado as sucessivas técnicas e rupturas estilísticas, de Schönberg e Palestrina;”<sup>97</sup>

As devidas distinções: caberia discutir, por exemplo, até que ponto o que é reivindicado por Octavio de Faria, à diferença dos outros três componentes desta lista monstruosa, não seria antes a *Erlebnis* de um sujeito unificado incorrendo num certo subjetivismo, num certo personalismo (terminologia maurrasiana utilizada por colaboradores dos *Cadernos* como Lauro Escorel (“Cultura da personalidade”, *Cadernos - n. 3*) ou Adonias Filho (em suas “Considerações sobre a crítica”, *Cadernos - n. 8*)) justamente por pressupor, talvez não a idéia, mas a presença de Deus que é, como afirma Klossowski, o “*garant du moi personnel*”.

Uma questão ainda relativa a *Festa* e, mais especificamente, à expressão “grupo de *Festa*”. Tornou-se uma convenção tácita sacrificar possíveis heterogeneidades à homogeneidade pressuposta pelo uso de uma tal expressão grupal. Seja para o bem ou para o mal todos que a ela se referem parecem lhe atribuir tal univocidade. Seja vituperando-a, como o faz Oswald:

---

<sup>97</sup> *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.

O que eu não quero é a adesão da geração Festa que espia a vida com a desconfiança tristíssima de que ela não existe. Ninhada de Graça Aranha. Ninhada de aranha sem graça. Integração no Kosmético! Ide!!!<sup>98</sup>;

seja inflando-a como faz o próprio Tasso:

“*Festa* modificou totalmente o sentido impresso ao Modernismo pela Semana de Arte Moderna. E, em verdade, salvou o Modernismo. Sem *Festa* não teria havido ambiente para que florescesse a poesia nova de um Drummond de Andrade, de um Murilo Mendes, de uma Cecília Meireles, para citar apenas três nomes. Quero crer que no próprio Mário de Andrade e outros corifeus da “Semana” tenha atuado o impulso de retôrno à autenticidade e à disciplina desencadeado por *Festa*.”<sup>99</sup>

Neusa Pinsard Caccese conclui pela validade da expressão dada a “coerência que orienta toda a criação artística de *Festa*” embora aponte para uma sensível diluição do grupo na segunda fase (1934-35) da revista: “a 2ª Fase revela, inequivocamente, que o grupo de *Festa* se dispersava nesse momento ou não mais acreditava numa ação conjunta, talvez por ter sido superado o momento combativo do Modernismo<sup>100</sup>”. Eu mesmo, no que venho de escrever, não resisti à facilidade de tal emprego, mas acho válido reproduzir as ressalvas de Andrade Muricy a esse respeito:

<sup>98</sup> Citado por BOAVENTURA, Maria Eugenia. “O salão e a selva - uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade”. São Paulo/Campinas, Ex-libris/Ed. da Unicamp, 1995, p.127.

<sup>99</sup> Citado por MARTINS, Wilson. *A literatura brasileira -Vol VI: O modernismo*, São Paulo, Cultrix, 1967, p.106. O autor, que parece aplicar a Tasso a mesma intransigência que nele condena afirma após a citação: “Seria difícil encontrar melhor exemplo de historiografia delirante.” (Com o que, é bem verdade, devemos concordar). Um dado interessante e provavelmente sintomático da obra de Martins é a ausência de qualquer comentário a respeito de Murilo Mendes (que só vem citado no livro por via de terceiros).

<sup>100</sup> *Festa*, p.101.

A simplificação que a autora convencionou de se expressar: “*Festa* pensa”, “*Festa* escreve”, etc., é de alcance feliz para acentuar a fundamental coerência do grupo, porém por várias vezes a atribuição coletiva não deixa de violentar o feitio de um ou outro dos seus componentes, e ocorre atingir-me pessoalmente, apresentando-me fora de meu feitio pessoal.

### O presente dos *Cadernos*

O primeiro número dos *Cadernos da Hora Presente* vem a público em maio de 1939 (o último-nono é de julho-agosto de 1940). À maneira de *Festa*, abre-o um poema-manifesto não-assinado por Tasso da Silveira, desta vez chamado “Exortação”. À diferença no entanto do poema-manifesto de *Festa*, as referências à “realidade nacional” se dão aqui num plano bem mais abstrato. Por exemplo, ao invés da nomeação direta como em

*Passou o profundo desconsôlo romântico.*

*Passou o estéril ceticismo parnasiano.*

*Passou a angústia das incertezas simbolistas*

Deparamo-nos com um genérico

*Foi erro, meus irmãos, julgarmos*

*que estávamos feridos de infecundidade.*

*Foi grave injúria a Deus*

Mantém-se no entanto o caráter discursivo programático, que, como já vimos, foi alvo comum das críticas nestorino-andradino-millietianas. Apesar (ou justamente em função) do uso de imagens propositadamente “poéticas” (“ritmos profundos”; “argila

genesíaca”; “os vasos de contornos inesperados / para apanhar o sol”<sup>101</sup>, o excesso de concatenação lógico-argumentativa faz do texto antes um discurso de intenções que um poema.

Dando continuidade a esta semi-velada ou abstraída forma de referencialidade estaria talvez o primeiro artigo, este sim-assinado por Tasso, e curiosamente dedicado a G.V.: Gil Vicente. Seria um acaso o das iniciais que nos leva a Gegê, isto é, Getúlio Vargas? Vai saber...

O certo é que o fato de que uma revista chamada *Cadernos da Hora Presente* se abra com um estudo sobre um escritor português do século XV muito revela do modo como é definido este presente.

Vejamos como Tasso conclui seu ensaio:

Não, Gil Vicente não foi um heterodoxo. não foi um fator, no processo de desagregação renascentista. Não está na raiz, como a quase totalidade dos gênios criadores do Renascimento, do espírito revolucionário moderno, que resultou na negação final do homem, transformado, nos dias de hoje, em peça morta da engrenagem da maquinária industrial, ou em rês miserável nos matadouros comunistas.

Gil Vicente foi, ao seu tempo, o afirmador, e está sendo, nesta hora, o reafirmador da alma profunda da Lusitânia ilustre. Da alma profunda do pequenino grande povo que abriu caminhos para a cruz através do mistério do tenebroso oceano. Que desvendou continentes novos à humanidade, dando ao mundo a maravilha do Brasil.

<sup>101</sup> Justamente aquelas que, na perspectiva de Bataille, devem ser sacrificadas para que a poesia possa continuar a ser: “É que a poesia de Jacques Prévert é precisamente poesia por ser um desmentido vivo - e uma derrisão - do que congela (*fige*) o espírito unicamente em nome da poesia... Pois o que é a poesia é também o acontecimento, na vida da poesia, que é a derrisão da poesia. ‘Ser’ nesse caso quer dizer ‘evitar a morte com ajuda de uma mudança incessante’, ‘devir outro’, não ‘permanecer idêntico a si mesmo’”. “De l’âge de la pierre à Jacques Prévert” (*Critique* 1936) *O.C. XI*, Paris, Gallimard, 1988, p. 91.

Que infundiu na humanidade nascente com que povoou as terras imensas de sua conquista, o seu bom senso cristão, o seu realismo cristão, a sua formidável capacidade de resistência interior, de ingênuo e claro otimismo, de esperança. Do pequenino grande povo que pode resistir incólume, como nenhum outro resistiria, ao esforço secular de absorção de energias vizinhas poderosas, como a da alma imperialista de Castela, ou a do rígido espírito anglo-saxônico. Que pode resistir, sem que desaparecesse, à tremenda pressão desagregadora de um século e meio de liberalismo disfarçado ou violento, a que povos mais ricos e mais antigos deveram a decadência e o desprestígio. Que pode, ao fim de quatro centúrias de esgotamento aparente, ressurgir, como está fazendo a esta hora mesma, para a sua tarefa de dar ao mundo lições de confiança no destino, de realizações audaciosas, de sabedoria política e de ordem social.

Do pequenino grande povo que talvez um dia venha a constituir com a maravilha do Brasil, e as terras fecundas que povoou na África ardente e na Ásia milenária, o mais prodigioso dos impérios da história, o Império transcontinental de língua portuguesa, argamassado de livres realidades diferentes unidas todas, porém, pelo mesmo idioma claro e musical, pelas mesmas transcendentais aspirações do espírito, pelo mesmo incoercível sentimento da vida, do destino e de Deus.<sup>102</sup>

Não vou discutir aqui esse desabrido elogio ao “imperialismo cristão” português. passado e futuro (que cai na mais profunda derrisão se justaposto à situação hodierna das ex-colônias portuguesas). Nem a implícita exaltação a Salazar que se inscreve na mesma lógica que leva Tristão de Ataíde a fazer a distinção entre “ditadura cristã” (Portugal e Espanha) e “ditadura pagã” (Itália e Alemanha)<sup>103</sup>.

<sup>102</sup> *Cadernos da Hora Presente n. 1*, pp.30-31. A referência a Salazar

<sup>103</sup> Cf. “Maritain e a civilização em perigo” *Cadernos da Hora Presente n. 4*, pp.179-181. Trata-se de artigo publicado por Tristão de Ataíde no rodapé do *Diário de São Paulo* (11-6-39) em que critica a

Me interessa mais a idéia de que a hora presente - “os dias de hoje” - representa o limite inferior, o ponto mais baixo de uma descida iniciada com a euforia antropocêntrica, e portanto deícida, do renascimento e acentuada em seu declive pelos ímpetus revolucionários iluministas e pelo materialismo, seja ele burguês ou comunista (num artigo não assinado, espécie de editorial imiscuído no meio do número 6 da revista, chega a ser desenvolvida a tese de que este em verdade não difere essencialmente daquele: o que justificaria a adesão de altos burgueses às fileiras comunas<sup>104</sup>).

A associação entre modernidade (tendo como marco inicial o Renascimento) e decadência, que constitui talvez a linha mestra da revista - que a abre, como demonstra o citado trecho final de “Gil Vicente”, e que a fecha: o último texto do último número é um conto de Edgar Godoi da Mata Machado intitulado “Estafa” - não era então nova e muito menos exclusividade dos *Cadernos*. Para citar apenas (alguns dos) autores citados nos próprios *Cadernos* que com ela lidaram: Spengler, Nietzsche, Berdiaev e Maritain.

O ortodoxo Berdiaev e o neo-tomista Maritain são dois dos autores mais citados ao longo dos nove números dos *Cadernos*. *Uma nova idade média*, do primeiro, é sem dúvida uma referência fundamental que atravessa não apenas a quase totalidade dos artigos de Tasso da Silveira, como vimos no capítulo anterior, mas uma boa parte de todos os artigos publicados.

O próprio título do livro de Berdiaev, *Uma nova idade média* (ou, como geralmente vem citado, *Un nouveau moyen-âge*: a esmagadora maioria dos autores estrangeiros era lida em francês) traz uma interessante “bissemia” diretamente

---

posição adotada por Maritain em “Le crepuscule de la civilisation” ao equiparar “todas as ditaduras na mesma condenação radical”.

<sup>104</sup> “A noite que precede a alvorada” *Cadernos da Hora Presente* n. 5, pp. 170-171. O dito “editorial”, que abre a seção “Fatos e comentários” da revista, se fecha nos seguintes termos: “É o fim de uma Civilização. É a noite que se aproxima para uma humanidade mediocre. E que prenuncia a alvorada de uma Era de afirmação gloriosa e triunfante do Espírito e das expressões superiores e dominadoras do Homem.”



relacionada à visão de modernidade que atravessa os *Cadernos*: sugere, ao mesmo tempo, que podemos fazer uma nova leitura do que foi a Idade Média, desconstruindo a famosa dicotomia clarão renascentista X trevas medievais; e que devemos revivê-la.

Não podemos deixar de ler como uma referência a Berdiaev o título da conferência pronunciada por Alceu/Tristão na Sociedade Felipe d'Oliveira em 23 de agosto de 1935: "A Idade Nova". Tanto mais que nela, o já então líder dos escritores católicos brasileiros nos diz que:

Três traços comuns podemos divisar nesse caminho de uma boa Idade Nova:

- 1 - Teocentrismo;
- 2 - Personalismo
- 3 - Grupalismo

Traços que coincidem com aqueles apontados por Berdiaev em sua nova, e boa, Idade Média.

Não menos sintomático é que Tristão finalize esta mesma conferência traduzindo Jacques Maritain:

Pois, como dizia há pouco Maritain, de maneira inexecedível: - 'O miserável estado do mundo moderno, cadáver do mundo cristão, faz desejar com particular intensidade a reivindicação de uma civilização verdadeira. Se entretanto devesse ficar vão esse desejo, continuando a dissolução universal, consolar-nos-íamos por ver, à medida que o mundo se desfaz, concentrarem-se as coisas do espírito ali onde se vive no mundo sem se pertencer ao mundo; a arte e a poesia estão incluídas nesse número de coisas, juntamente com a metafísica e a sabedoria. E a caridade dos santos conduzirá o côro. Nada disso tem, aqui na terra, habitação permanente, morando em tetos de acaso, à espera de que cesse o tempo. Se o espírito que boiava sobre as águas deve agora planar sobre as ruínas, que importa; basta que ele venha.

o que é certo, entretanto, é que estamos chegando a uma era em que toda esperança que se colocar abaixo do coração de Cristo será desiludida' (Frontières de la Poésie - p.41)

Sejam essa palavras o nosso viático, para empreendermos a grande aventura da Idade Nova.<sup>105</sup>

Outra emergência dessa valorização berdiaeviana do medievo, dessa vez através da condenação da cidade, ícone e palco por excelência da modernidade, pode ser detectada em "O elogio do municipalismo", texto de Candido Motta Filho publicado no número 7 (março - 1940) dos *Cadernos da Hora Presente* (pp.7-28). Nele, o município vem definido da seguinte maneira: "O município não é a cidade. Mas é a cidade de mãos dadas com o campo que a circunda".<sup>106</sup> Ao contrário do que acontece com as *villes tentaculaires* modernas mostradas por Verhaeren como *parasites de la campagne*.

Antes de abordar o tópico *O municipalismo e o mundo moderno*, Mota Filho ilustra esse processo de degeneração do município em cidade com o (o) caso de Roma:

É em verdade, o municipalismo romano que, alastrando-se pela Macedônia, Tessália, Trácia, Ilíria e outras terras, faz a grandeza do Império. Êste, afinal, um dia, começa a mostrar sinais de decadência. A cidade torna-se exclusiva e devora o campo até os ossos. Roma é o grande teatro do mundo, aberto a tôdas as forças de dissolução.<sup>107</sup>

<sup>105</sup> LIMA, Alceu Amoroso. "A Idade Nova" in *Lanterna Verde* n. 3. Rio de Janeiro, 1936, p.109 e 112.

<sup>106</sup> *Cadernos da Hora Presente* n.18

<sup>107</sup> *C.d.H.P.* p.10.

Processo análogo estaria ocorrendo desde os inícios da Idade Moderna, não mais restrito a uma única cidade senão que espalhado pelos quatro cantos do mundo e ainda com o sério agravante da industrialização.

É justamente o industrialismo do século XIX que Carl Schorske aponta como causa da ascensão da concepção da “cidade como vício” em detrimento do otimismo urbano iluminista. A concentração das massas miseráveis dos trabalhadores das fábricas - caso paradigmático: a Inglaterra de então - expunha a miséria de maneira muito mais ostensiva do que acontecia no campo. Daí essa identificação da cidade com o mal, ao menos na perspectiva dos *arcaizantes* que pregam por isso mesmo a volta a formas históricas anteriores de comunidade. Para outros, no entanto, o mal estava mais embaixo: o que gera a miséria é a desigualdade entre os homens e não a cidade. Esta não faz mais do que torná-la mais aguda o que se por um lado é terrível, por outro gera a feliz possibilidade de se colocar o problema com maior clareza e assim resolvê-lo. Concentrando os miseráveis a cidade permite que estes tomem enfim consciência de pertencerem a uma mesma classe de explorados e da necessidade de lutarem, juntos, para mudar essa situação. Esta seria, grosso modo, a posição de Engels em 1872, no marco da “teoria marxista madura”:

Só o proletariado, amontoado nas grandes cidades pode realizar as tarefas de uma grande transformação social que terminará com toda exploração de classe e toda dominação de classe.<sup>108</sup>

---

<sup>108</sup> Citado por SCHORSKE, Carl. “La idea de ciudad en el pensamieto europeo: de Voltaire a Spengler”, em *Punto de Vista*, n. 30, Buenos Aires, jul-out 1987.

Reconhecendo embora o valor histórico imprescindível da grande cidade Engels não cessa de condená-la, ética e esteticamente, e prevê sua abolição ainda que esta “só será possível depois da do modo capitalista de produção”.

O socialismo uma vez consolidado, estabelecer-se-ia como ideal a cidade pequena enquanto síntese do que há de bom na cidade com o que há de bom no campo. Vê-se que estamos bem próximos da solução municipalista - *o município é a cidade de mãos dadas com o campo* - que os *Cadernos* nos apresentam. Mas é preciso fazer aqui as devidas distinções pois trata-se, nos *Cadernos*, de uma perspectiva não dialética e sim arcaizante.

Os municípios, com seus horizontes visíveis, com os seus interesses claros e compreensíveis, mostram, sem receio algum, numa espontaneidade comovedora, ao lado das chaminés das fábricas, a ondulação dos campos lavrados. Eles não admitem os extremos, mas o equilíbrio das verdades sociais a ensinar que um indivíduo pertence a uma família e que a família tem seus interesses resguardados na órbita municipal.

O princípio de coexistência mostra-se salutar e orgânico, sem destruir o princípio de autoridade, que é indispensável, e de liberdade, que é essencial.

Opondo-se à penetração de focos anárquicos, guarda consigo, salutar e profundo, o teor da solidariedade e as seculares reservas morais que a civilização cristã semeou. São por isso mesmo e por isso tudo, uma escola de civismo, uma escola de homens públicos e lição viva em torno dos problemas primordiais da vida coletiva<sup>109</sup>.

---

<sup>109</sup> C.d.H.P. p.27

No marco ideológico dos *Cadernos* trata-se de *voltar* ao município para evitar a revolução ao invés de a ele *chegar* através desta.

O que anuncia a força fecunda da Idade Média é o municipalismo, com o qual se opôs aos excessos da onipotência feudal e guerreira. Na Idade Média, o espírito é protegido e assegurado principalmente pelas instituições municipais. Ao redor dos claustros, nos lugares de peregrinação, na cercania das igrejas e conventos, crescem as populações para trabalhar e edificar. Aquela surpreendente ordem hierárquica, que domina o medievalismo, tem seu melhor clima no respeito e compreensão das virtudes municipais. As cidades eram zelosamente guardadas numa admirável harmonia de valores. Cercadas de muros altos, com torreões e passadiços, disputam as primazias viris das virtudes cívicas. As cidades falavam por mil vozes. O nascimento de um príncipe, a assinatura de uma paz, a eleição de um papa, faziam as cidades vibrar, numa prolongada onda sonora, - todos os sinos de suas igrejas repicando.

Quem lê o monumental trabalho de SOMBART - sobre o capitalismo, fica fartamente informado das atividades municipais na Idade Média. As tendências econômicas e políticas, que se rudimentam nas aldeias e nos feudos, depois se projetam nas cidades, com a criação do artesanato. Para SOMBART, 'aquela particular mistura de homens, que se encontravam na cidade medieval, era possuída pela mesma idéia forte de comunidade, de reciprocidade, de aproximação entre si e de desconfiança em relação aos de fora... 'Sentiam-se, diz êle, como membros de uma família.'"<sup>110</sup>

---

<sup>110</sup> C.d.H.P. pp.10-11.

É essa *idéia forte de comunidade* que parece impossível realizar no contexto da grande cidade - que vem assim descrita em “O elogio do municipalismo”:

A cidade, isolada das virtudes naturais, concentrando e acumulando interesses, obriga a mentir. Nessa civilização de massas, de hiperdemocracias, como diz Ortega y Gasset, o homem se sente isolado, sem garantias e recolhe-se, dentro de si mesmo, como dentro de uma concha. A vaga social cresce e esmaga a individualidade. Não se sabe mais quem é o vizinho. Quem mora no mesmo quarteirão. A cidade distende-se horizontal e verticalmente. Cada arranha-céu é uma pequena cidade tumultuante. Espera-se um elevador como se espera um bonde, diz Draizer falando de New York. E quem mora num apartamento não conhece quem mora no apartamento pegado. Assim, à medida que os homens se juntam, se apertam, se comprimem, mais se separam, mais se isolam, mais se artificializam, renunciando afinal, por completo, ao dom da sinceridade.

O Conde Keysserling, impressionado com esse coletivismo sem alma, brutal e trágico, que é para ele, de fato, o problema crucial de nossa época, procura encontrar um processo que estabeleça uma harmonia entre a verdade e a sinceridade, uma equação justa entre o ‘eu’ e o mundo.

Esse alarido de almas sem alma, esse ondular de uma humanidade que se deshumaniza, que lembra, por certo, o caos original, nos faz pensar [e eis agora, a meu ver, o momento mais brilhante da conferência de Mota Filho] naquele sinistro desfile de Empedocles, - ‘cabeças crescendo sem pescoço, braços destacados, erravam sem espáduas, olhos flutuavam, solitários e destacados da frente.’<sup>111</sup>

---

<sup>111</sup> C.d.H.P. pp.24-25.

Mas é importante notar que essa nostalgia comunitária jamais foi patrimônio exclusivo de pensadores tradicionalistas-católicos. Ocupantes de posições discursivas diametralmente opostas pensaram e continuam pensando a partir dessa exigência de comunidade. Veremos que Georges Bataille, por exemplo, mais ou menos na mesma época em que aqui se publicavam os cadernos, não apenas escrevia sobre a *hantise de la recuperation du monde perdu*<sup>112</sup> como tentava efetivar na prática essa *idéia forte de comunidade*: era a comunidade, “religiosa”, de *Acéphale*.

O próprio surrealismo com seu papa e suas capelas pode ser compreendido no sentido dessa busca de comunidade. Mas aqui, uma vez mais, importa sobretudo marcarmos as diferenças. Que *mundo perdido* é esse a ser recuperado? traz a palavra *comunidade* alguma constância de sentido?

Não por acaso o artigo que segue a *O elogio do municipalismo* se chama *Respeito à Autoridade* (e se trata, sem dúvida, também de um elogio). A comunidade almejada pelos *Cadernos* se funda na hierarquia. Trata-se de um modelo eminentemente orgânico-cefálico de comunidade. Cada um em seu lugar. Cada parte em sua função. O corpo obedecendo a cabeça (Deus, Estado, Senhor...). O todo da comunidade se opondo a tudo aquilo que não é ele mesmo, a tudo que lhe é estranho (“*de aproximação entre si e de desconfiança em relação aos de fora...*”). Vejamos como Silvino Lira conclui o seu texto:

Pela moral individual, a razão reconhece a hierarquia social:

indivíduo - expressão atômica do todo social

família - escola - profissão - município e nação

<sup>112</sup> Cf. a revista *Acéphale - 1936-1939* (n. 1 a 5). Paris, Jean-Michel Place, 1995.

Salienta-se, que no organismo cósmico, o centro é o fim da vida das partes. As partes estão sujeitas ao todo.

Portanto, si o bem da família está acima do indivíduo, o da classe está acima do bem da família e abaixo do bem da nação, que reúne os indivíduos e as profissões. O estado, centralizador do poder e fiel da balança social, é a expressão da autoridade relativa.

Cumprir-lhe defender os interesses da pessoa humana, inalienável pelos seus atributos espirituais.

Posterior ao homem e a ansiedade [sic - pela lógica, sociedade], criado pela razão humana como fator de equilíbrio, ele não pode ser absorvente nem o joguete das facções e indivíduos. Inspirado na moral, traçou as leis que, pela razão moral, o homem aceita e deve obedecê-las, aceitando-as com consciência e voluntariamente em busca do bem, pela natural tendência de sua vontade. A inteligência busca a verdade; e a vontade o bem. A verdade e o bem perfeitos são incriados. Daí as criaturas serem suscetíveis ao erro e ao mal, elementos acidentais e não substanciais da realidade. E foi precisamente o falsear do conceito de autoridade e o negativismo resultante do espírito desagregador que eivaram a mentalidade humana, que ameaçaram destruir o respeito à autoridade, sem o qual, nenhum equilíbrio é possível no desencadear das paixões e dos interesses ao sabor dos instintos ingovernados, criadores de uma liberdade arbitrária, traço marcante da negação da liberdade e da pessoa humana. Neste caso, a inteligência na sua investigação à verdade, deve reparar o erro; e a vontade, na ânsia do bem, evitar o mal. A inteligência, é, portanto necessitada; e a vontade, ao mesmo tempo necessitada e livre. Por conseguinte, à autoridade, que promana diretamente de Deus, cumprir-lhe evitar o erro; e ao homem, pela liberdade, aceitá-la em busca do bem, visto que a ela cabe evitar o mal, punindo-o. Assim, verifica-se[,] que o



respeito à autoridade é uma própria imposição da vida social, imposição tão natural como a que sentimos de maneira absoluta, aquela oriunda diretamente de Deus.<sup>113</sup>

É justamente contra um tal modelo altamente hierarquizado de comunidade - identificável, é preciso dizê-lo?, ao modelo fascista - que *Acéphale* tentava se construir:

“A mais perfeita organização do Universo pode se chamar Deus” O fascismo que recompõe a sociedade a partir de elementos existentes é a forma a mais fechada da organização, é dizer, a existência humana mais próxima do Deus eterno.<sup>114</sup>

O *acéfalo* exprime mitologicamente a soberania votada à destruição, a morte de Deus, e nisso a identificação ao homem sem cabeça se compõe e se confunde com a identificação ao superhumano que É todo inteiro “morte de Deus”<sup>115</sup>

Mas se *Acéphale* escapava desde o princípio ao princípio, ao autoritarismo divino-cefálico, permanecia entretanto presa à retórica da *cidade como vício*, na medida em que tinha como exigência aquela unidade fusional de seus membros, aquela comunidade total dos corações, que é a própria impossibilidade da cidade.

Mais tarde, o próprio Bataille se tornaria um crítico desse modelo, cortando, em definitivo, com qualquer pretensão de *recuperação do mundo perdido*:

<sup>113</sup>LIRA, Silvino. “Respeito à Autoridade” in *C.d.H.P.* n.7, pp.37-38.

<sup>114</sup>“*La plus parfaite organisation de l’Univers peut s’appeler Dieu*”. *Le fascisme qui recompose la société à partir d’elements existants est la forme la plus fermée de l’organisation, c’est à dire l’existence humaine la plus proche du Dieu éternel*. BATAILLE, Georges. “Propositions sur le fascisme” in *Acéphale* n.2, p.17. A citação inicial é de Nietzsche.

<sup>115</sup>“*L’acéphale exprime mythologiquement la souveraineté vouée à la destruction, la mort de Dieu, et en cela l’identification à l’homme sans tête se compose et se confond avec l’identification au surhumain qui EST tout entier ‘mort de Dieu’*”. BATAILLE, Georges. “Propositions sur la mort de Dieu” in *Acéphale* n.2, p.20.

“A verdade é que nós podemos sofrer por aquilo que nos falta, mas que, mesmo que dele tenhamos paradoxalmente a nostalgia, não podemos senão por aberração lamentar pelo que foi o edifício religioso e real do passado, O esforço ao qual esse edifício respondeu não foi mais que um fracasso imenso e se é verdade que o essencial nos falta no mundo em que ele desabou, não podemos senão ir mai longe, sem imaginar, um instante que seja, a possibilidade de um retorno para trás.”<sup>116</sup>

Postula-se, assim, a necessidade de fundar a comunidade não apenas na ausência de hierarquia, como também na própria ausência de comunidade:

*Que significa com efeito um grupo, senão uma oposição entre alguns homens ao conjunto dos outros homens? Que significa por exemplo uma Igreja como a Igreja cristã senão a negação do que não é ela? Há no fato de que toda religião no passado estivesse ligada à necessidade de se colocar como Igreja, como comunidade fechada, uma sorte de obstaculização fundamental; toda sorte de atividade religiosa, na medida em que era desencadeamento de paixão, tendia a suprimir os elementos que separam as pessoas umas das outras. Mas ao mesmo tempo a fusão que a festa antiga operava não tinha por fim senão criar um novo indivíduo que se poderia chamar o indivíduo coletivo. Não quero por aí pretender que os indivíduos não são chamados a se agrupar como sempre o foram, mas para além dessa necessidade imediata, o pertencimento de toda comunidade possível ao que chamo em termos que são para mim voluntariamente estranhos, ausência de comunidade, deve ser o fundamento de toda comunidade possível, é dizer, que o*

---

<sup>116</sup>La vérité est que nous pouvons souffrir de ce qui nous manque, mais que, même si nous en avons paradoxalement la nostalgie, nous ne pouvons que par aberration regretter ce que fut l'édifice religieux et royal du passé. L'effort auquel cet édifice répondit ne fut qu'un échec immense et s'il est vrai que l'essentiel manque dans le monde où il s'est effondré, nous ne pouvons qu'aller plus loin, sans imaginer, fût-ce un instant, la possibilité d'un retour en arrière. “La Souveraineté” in O.C. Vol- VIII. p.275.

*estado de paixão. o estado de desencadeamento que era inconsciente no espírito do primitivo pode passar a uma lucidez tal que o limite que era dado pelo contrário do primeiro movimento na comunidade que o refecha sobre si mesma deve ser transgredido pela consciência. Não pode haver limite entre os homens na consciência e, o que mais é, a consciência, a lucidez da consciência reestabelece necessariamente a impossibilidade de um limite entre a humanidade ela-mesma e o resto do mundo. O que deve desaparecer do fato que a consciência devém de mais em mais aguda, é a possibilidade de distinguir o homem do resto do mundo.*<sup>117</sup>

É através desse passo que Bataille se aproxima de uma outra tradição detectada por Schorske, a da *cidade para além do bem e do mal* (não se trata de “cidade = virtude”, posição do iluminismo nem de “cidade = vício”, tese dos arcaístas, e nem mesmo de “há males que vem para o bem, entre eles a cidade”, como poderíamos traduzir a posição de Engels) numa linha que vai pelo menos de Baudelaire a Michel de Certeau passando por Mário de Andrade (*Paulicéia desvairada*), Benjamin, Calvino...

É esse passo que permanecia interdito no contexto dos *Cadernos* atrelados que estavam estes ao pensamento cristão ortodoxo fundado justamente na dicotomia entre bem e mal. Na medida em que impede a comunhão da comunidade, em que inviabiliza o controle cerrado desta, permitindo “*uma concentração de almas de conduta duvidosa*”<sup>118</sup>, na medida em que não é passível de ser vista como um todo orgânico-coerente, em que implica cruzamentos de sentidos e trajetórias não redutíveis a um desígnio comum, a cidade não poderia deixar de ser vista como *mal*.

<sup>117</sup> “La religion surréaliste” in *O.C. - Vol-VII*. p.241. Tradução minha.

<sup>118</sup> “O Elogio do municipalismo”. p.15.

Na impossibilidade de pensar a transgressão da cidade e a cidade como possibilidade de transgressão, os *Cadernos* recaíam necessariamente na nostalgia de um aquém da cidade, numa perspectiva arcaizante. Perspectiva altamente problemática como indica Gianni Vattimo nos seguintes termos:

Idealizar como condição perfeita o tempo das origens é tão vago como idealizar o futuro como tal (como fez e faz ainda o ideal secularizado do progresso, do desenvolvimento, etc.) E não só: relacionamo-nos com as origens mediante o processo que delas surge, e chega até nós; o arcaísmo pretende simplesmente pôr de parte o problema constituído por tal processo, e antes de mais o seguinte: se é das origens que chega precisamente a condição de mal-estar, alienação, etc., em que nos encontramos, então por que remontar a elas? São problemas desse tipo, problemas de filosofia da história, que o arcaísmo põe de parte sem os ter suficientemente debatido”.<sup>119</sup>

Se a cidade pode ser situada para além do bem e do mal, é porque também o pode ser a própria modernidade. Cabe, pois, operar aqui a distinção entre o par modernidade / decadência tal como funciona nos *Cadernos* e tal como joga no texto nietzscheano.

Estamos vendo: para Tasso e vários outros colaboradores dos *Cadernos* a modernidade representa um inequívoco processo de decadência desencadeado pela dupla renascença / reforma, responsável pelo início da descristianização, ou da repaganização, do mundo e, portanto, de sua desorganização, de seu dismantelamento. Processo que culmina na *hora presente*, esta sim, ambivalente: ao mesmo tempo o ponto mais baixo dessa queda, consequência do *presente de grego* do renascimento, e possibilidade do

---

<sup>119</sup> “O mito reencontrado” in VATTIMO, Gianni. *A Sociedade transparente*. Lisboa, Relógio d’água, 1992.p.44.

recebimento do verdadeiro presente, dádiva e parúsia, o presente da presença de Deus, o início de uma Idade Nova purificada de toda ambigüidade, feita de pura ascensão.

Que falem os colaboradores - dos *Cadernos*, de Deus:

Aldo Obino, em “A tristeza pagã e a alegria cristã”:

“Mas como é que o mundo moderno apresenta os mesmos sintomas do mundo antigo? É que ele repaganizou-se e numa proporção que não queremos discutir. A Renascença e a Reforma foram as porteiras malditas desse dismantelamento da ordem cristã.

Hoje o que vemos em larga escala é um sentimento em que se confundem o mistério da vida, a intuição do infinito, a fadiga, o desespero e a saciedade.

Esse aspecto do mundo atual inquieto, dolorido, pessimista, desesperado, é, porém, estranho à essência da Mensagem de Cristo.

É que o mundo está num desses movimentos de regressão moral de retorno à concepção antiga da vida e do mundo. Eis as palavras pérfidas da Renascença: a natureza é boa, segui a natureza, nada há acima da natureza. A razão basta. Nada há acima dela. Daí a sociedade governada primeiro pelos humanistas, depois pelos filósofos e depois... Hoje é a tristeza, distilação do mistério.

É o espetáculo dos pagãos modernos. Assistimos à vida desse Gabriel D’Annunzio. Primeiro cantou doidamente a beleza da vida. Depois veio a sensação de fadiga e por fim ele disse: deante de mim, na sombra, está a morte sem flâmula. Eu morrerei em vão!

É esta a história dos pagãos modernos chamem-se Schopenhauer ou Anatole France.

Que para o pagão, a vida seja ou obra ou acaso de uma potência indiferente e fria ou o brinquedo conciente duma potência má e cruel e torne-se, com o perpassar dos anos, triste, é lógico.

Se estamos sob o gume de um destino cego e surdo, que outra coisa fazer senão nos resignar tristemente, tratando de roubar à vida uns lambuzos de alegria, uns fragmentos de felicidade? Se somos dominados por um poder mau e invejoso, porque outra atitude que a do fraco orgulhoso?

Tal é o destino do pagão. É lógico e psicológico. Não pode ser de outro modo, a não ser que tome-se cristão. Então, de golpe, a vida muda de aspecto e a alma de atitude.

Entramos aqui no itinerário da alegria que a humanidade não conhece fora do cristianismo.<sup>120</sup>

Nessa paródia de *A Genealogia da Moral* (pois que se trata, aqui também, de revelar a “lógica psicológica” das religiões e seus sintomas) podemos, sem dúvida, encontrar diversos pontos de contato com a visão nietzscheana da modernidade, a saber: sua associação ao niilismo, à fadiga e à fragmentação.

Aldo Obino nos diz: o homem moderno está “sob o gume de um destino cego e surdo” por ter acreditado que “a razão bastava”; Nietzsche afirma que a “decepção quanto a um pretense alvo do ‘eterno vir a ser’ (*Werden*) é a causa do niilismo” moderno e que esta decepção se deu justamente em função da “crença nas categorias da razão”. Mas aí terminam as aproximações. Obino vê essa situação como inequivocamente negativa e solúvel unicamente pela reimplantação dos valores cristãos. Já Nietzsche vê nestes não uma solução mas um último subterfúgio do próprio niilismo: a obnubilação da falta de valor do mundo sem sentido do devir através da invenção de “um mundo que se encontre além deste, mundo que será o mundo- *verdade*”.

Mas desde que o homem compreende que este mundo somente foi edificado para responder às necessidades psicológicas e que não tem absolutamente nenhum

fundamento, nasce-lhe uma forma suprema de niilismo, forma que abarca a *negação de um mundo metafísico*, - que exclui a crença num mundo-verdade. Por esse ângulo admite a realidade do “devir” como *única realidade*, proibindo qualquer desvio que leve a um além e a falsas divindades e *não tolera mais este mundo, embora não queira negá-lo*.<sup>121</sup>

Ou seja, a decadência, a constatação de que estamos em plena queda livre (*Schürzen wir nicht...*) ou antes em acéfalo deslocamento, pois que já não há sequer um alto e um baixo (*Gibt es noch ein Oben und ein Unten?*) para que se possa cair, se pode, por um lado, levar ao cansaço, à degenerescência, à fraqueza..., pode, por outro, propiciar a famosa *tresvaloração de todos os valores*, a afirmação total da vida em sua total ausência de totalidade e unidade, em sua infinita acefalidade.

A decadência em Nietzsche é portanto profundamente ambivalente, doença a que se deve agradecer a capacidade de transformação<sup>122</sup>, fenômeno necessário e inevitável, contemporâneo de todo desabrochar e progresso da vida<sup>123</sup>.

Ainda nesse sentido, além da conhecida afirmação do próprio Nietzsche:

Para os sinais de ascensão e declínio tenho um sentido mais fino do que homem algum jamais teve, nisto sou o mestre *par excellence* - conheço ambos, *sou ambos*.<sup>124</sup> (eu grifando)

<sup>120</sup> *Cadernos da Hora Presente* n. 7, pp.49-50.

<sup>121</sup> *Vontade de Potência*. São Paulo, Ediouro (tradução de Mário D. Ferreira Santos), p.89.

<sup>122</sup> Cf. “Différents mécontentements” *Le Gai savoir*. Paris, Folio, 1997 (Tradução de Pierre Klossovski), fragmento 24, pp.74-75.

<sup>123</sup> Cf. “Para uma teoria da decadência”, *Vontade de potência*, Edição citada, pp.119-126.

<sup>124</sup> “Por que sou tão sábio” *Ecce Homo*, São Paulo, Max Limonad, 1986, p.45.

é interessante o *aperçu* de Walter Kaufmann de que o “estilo decadente” tal como descrito no seguinte trecho de *O caso Wagner*:

Qual é o sinal de toda *decadência literária*? Que a vida já não habita no todo. A palavra se converte em soberana e salta fora da oração, a oração alcança e obscurece o significado da página, a página ganha vida às expensas do todo - o todo já não é um todo -. Mas este é o ponto comum (*das gleichniss*) de todo estilo de decadência: a cada vez a anarquia dos átomos, a desagregação da vontade<sup>125</sup>

pode ser identificado ao “estilo monadológico” do próprio Nietzsche<sup>126</sup>.

Nesta perspectiva, extra-moral e intempestiva, a decadência se confunde com o devir. Com o *clinâmen*, a inclinação, o desvio, que propicia o vir a ser<sup>127</sup>.

Mas caímos de novo sobre os *Cadernos*. Ouçamos agora Leopoldo Péres, em “A Criatura e o Creador”, comentário a *L’homme et la machine* de Berdiaev:

O homem renascentista, distanciado dos centros graves da existência, encontrou na máquina a expressão última do seu desdobramento natural, o espelho fiel de sua exasperada ansiedade superhumanizadora e, pois, o reflexo do seu esgotamento criador, na ordem imanente do espírito. O indivíduo e a máquina, eis os dois polos de uma civilização vazia de simbolismo cultural, porque deslocada das bases orgânicas em que se deveria alicerçar. A máquina e o indivíduo, eis os termos de

<sup>125</sup> Citado por CALINESCU, Matei. *Cinco caras de la modernidad - Modernismo, vanguardia, decadencia, kitsch, posmodernismo*. (Traducción de Maria Teresa Beguiristain). Madrid, Tecnos, 1991, p.186.

<sup>126</sup> Cf CALINESCU, Matei. *op. cit.* p.187. Devo registrar que há talvez em Nietzsche ambivalência ao pensar a própria ambivalência da decadência. É o que propõe Gianni Vattimo examinando o deslocamento entre a posição sustentada por Nietzsche em *Vantagens e desvantagens da história para a vida* (a, talvez fascisante, de que devemos superar nosso decadentismo entregando-nos “às forças supra-históricas e eternizadoras do mito e da arte”) e aquela com que estamos jogando aqui que se esboça a partir de *Humano, demasiado humano*. Cf. MORICONI, Ítalo. *A provocação pós-moderna*, p.73.



uma equação que se resolve no materialismo hodierno, pela carência, no homem, dos elementos substanciais de sua personalidade profunda. Foi o que demonstrou, entre muitos, Nicolai Berdiaeff, no seu famoso livro - “Un nouveau moyen âge”- tão rico de seiva ideativa, tão carregado de motivos essenciais para a meditação da hora presente<sup>128</sup>.

Como se vê, repete-se o argumento: Renascimento-individualismo-decadência-modernidade(maquinica)-hora presente (a meditar). Interessante é que na seqüência de seu texto Leopoldo Péres, apoiando-se em Berdiaev, proponha, para o dilema homem-máquina, para o problema da subordinação do homem à máquina, do criador à criatura, uma solução não tão completamente arcaizante e que podemos considerar como simetricamente oposta à fórmula oswaldiana do “bárbaro tecnicizado”: a do cristão tecnicizado:

Não há sinão espiritualizar a máquina, admitindo-a como um fator no destino do homem. Foi o com que não acertaram, até hoje, os pensadores mais avisados. Daí a reação romântica dos Tolstoi e dos Ruskin contra as maravilhas da técnica, os seus prodígios e as suas enormidades, no anseio absurdo e ingênuo de um retômo à economia natural, ou à era patriarcal da economia.<sup>129</sup>

Esse comentário a *L’homme et la machine* é, em verdade, o quarto de uma série de cinco textos de Leopoldo Perez publicados na seção “Crônicas” deste quarto número da revista. O primeiro, “A geração que não sabia crêr”, nos fala desta “triste geração descrente de todas as expressões superiores do ideal humano” que veio da República e

---

<sup>127</sup> Cf. NANCY, Jean-Luc. *La communauté désouevrée*. Paris, Christian Bourgois, 1990, p.17.

<sup>128</sup> *Cadernos da Hora Presente* n. 4, p.175.

“chegou cambalenado” a 1932 e que “foi exatamente o que poderemos denominar ‘a tradução brasileira do pragmatismo ocidental’”. Mas esta posição que podemos, sem maiores, traduzir como monarquista, e que tem grande espaço no texto dos *Cadernos* (via Jackson, via Maurras, via Bernanos...) não reina isolada. No número 6, Mota Filho, que no 3 publicara seu longo “Elogio do municipalismo”, responde a Perez com um breve elogio à “Geração republicana” afirmando que apesar de a termos sempre olhado “como demagógica e romântica” foi a “que mais se aproximou do sentido nacional da vida brasileira”; e que “Seus erros, suas demasias, seus pruridos individualistas e liberais, não conseguiram destruir esse imenso significado de sua atitude.”<sup>130</sup> Vemos que, embora o anti-liberalismo seja ponto pacífico, a partir deste ponto de convergência podem se dar divergências como esta entre monarquistas e republicanos. Além da questão específica relativa ao regime político, que relewa talvez da oposição entre aqueles que vêm na transferência da soberania do corpo único do rei para o corpo disperso do povo uma operação inevitavelmente desagregadora e os que acreditam que, desde que esse corpo obedeça à sua cabeça, o Estado, não há problemas em que a coisa - e a soberania - seja pública; pois bem, além dessa questão, a existência de uma divergência dessa ordem aponta para outra relativa à própria constituição dos *Cadernos*: sua relativa heterogeneidade em comparação com o “grupo de Festa”

O segundo texto de Péres chama-se “Educação” e trata do caso por excelência de descristianização do homem pela máquina: os Estados Unidos. Faz aí Leopoldo Péres o comentário de um artigo da diretora (qualificada ao longo do texto de “legítima mãe de Al Capone” e de “ilustre megéra”) de uma tradicional Universidade americana, transcrito num jornal do Rio de Janeiro, mostrando como aquilo que é dado pela

---

<sup>129</sup> *Cadernos da Hora Presente* n. 4, p.176.

<sup>130</sup> *Cadernos da Hora Presente* n. 6, p.164.

“notável técnica” como efetivo progresso (a maior liberdade de costumes entre as moças: fumar, jogar cartas, dançar; e a valorização das associações esportivas e dançantes em detrimento das religiosas) é na verdade sintoma da mais profunda decadência moral; e que o que a autora chama de “maior largueza de vistas, do ponto de vista social” é

que faz nascer de uma geração anti-espiritual, anti-moral, sem sentimento de família, sem amor da pátria, sem Deus, sem coração, todo o banditismo que transforma uma República que se diz a mais adiantada do mundo, num deserto chinês, com quadrilhas de salteadores.

Ali são assaltados bancos e joalherias a metralhadora; ali se rouba e mata com a mais absoluta técnica. Ali não se tem mais coração.

E isso é liberalismo. E isso é modernismo.

Livremo-nos nós, povo jovem, dessa enfermidade sem cura.<sup>131</sup>

O anti-norte-americanismo, função não apenas de um evidente anti-liberalismo mas também de um anti-imperialismo-alheio (pois se for nosso, beleza: já o vimos no texto de Tasso sobre Gil Vicente), é também, sem dúvida, hegemônico, nos *Cadernos*.

Já em 1919, a revista que dirigia Tasso se chamava *América Latina* e em seu sexto número publicava um artigo, do próprio Tasso, sobre José Enrique Rodó<sup>132</sup>; Nas páginas de *Festa*, no n. 11, de agosto de 28, “O aparecimento da revista latino-americana *Columbia* leva a considerações sobre um nova denominação para a América do Sul -

<sup>131</sup> *Cadernos da Hora Presente* n. 4, p.173. Digamos, com certa malícia, que aí já estaria contido o germe de polêmicas dos anos 80 como a de Habermas (a diretora da Universidade americana) e Daniel Bell (Leopoldo Péres). Cf. HABERMAS, Jürgen. “Modernidade versus Pós-modernidade” in *Arte em revista* n. 7, São Paulo, ago. 1983.

<sup>132</sup> Justamente um dos maiores proponentes de uma união latino-americana que fizesse face à hegemonia dos EUA.

Colúmbia, devendo ser reservada América só para os americanos do norte”<sup>133</sup>. Nos *Cadernos*, a emergência mais sistematizada dessa posição anti-liberal e anti-ianque, se encontra sem dúvida no “livro”<sup>134</sup> “Afirmações brasileiras” de Fernando de Oliveira Mota, publicado no número quatro da revista. Nele, apesar do título, a grande figura tutelar é a de Bolívar, visto como o mais perfeito anti-Monroe.

Dentre os brasileiros são elogiados principalmente: Alberto Torres, “o primeiro disciplinador da consciência nacional”; Euclides da Cunha, definidor do perfil do homem brasileiro que se pode mesmo chamar *homem euclidiano*: contra a “mentira de que ‘o brasileiro era incapaz de tudo’” (que ecoaria no “sensual e triste” de Paulo Prado e no “triste como um curiango, nem sequer assovia” de Monteiro Lobato) Euclides teria revelado sua “psicologia de herói”, verdadeiro “Hércules Quasímodo”<sup>135</sup>, nas palavras de F.O. Mota; Jackson de Figueiredo e Álvaro Bomilcar, por terem criado um movimento nacionalista que se “apresentava ao Brasil no campo da luta e da ação” (ao contrário do de Bilac que ainda “era literatura”). Mota apenas condena em Jackson o seu contraproducente radical exclusivismo católico “à Laménais ou à Charles Maurras”; os representantes do verde-amarelo - Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida e, sobretudo, Plínio Salgado - que face à dispersão e, no caso do antropofagismo, degeneração em loucura<sup>136</sup>, do modernismo “marca um ponto de

<sup>133</sup> Segundo CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa*, p.146. Escolha de nomes talvez ligada à fábula de que Colombo seria o sonhador, despojado descobridor de mundos, e Américo o arrivista, oportunista, que capitaliza a descoberta alheia.

<sup>134</sup> Estava na proposta editorial dos cadernos a publicação de um livro a cada número par da revista. Isso só se realizou parcialmente na medida em que o único livro publicado em sua íntegra foi “Fronteiras da Santidade - Pascal e Léon Bloy” que ocupou as 145 páginas iniciais do número 2 da revista. (em verdade faltou a este a parte dedicada a Pascal, mas é que seu autor ainda não a compusera). Num critério quantitativo os outros livros publicados foram de bem menor importância, estendendo-se por no máximo 56 páginas como estas “Afirmações brasileiras”.

<sup>135</sup> Figura que devemos associar à do “Jeca Leão” proposto por Rocha Pombo, nas páginas de *América Latina*, contra o Jeca Tatú lobatiano. Cf. *América Latina* n. 3-4, out-nov 1919, pp. 269-271.

<sup>136</sup> “Os modernistas vieram à cena como desbravadores. E se chegaram ao excesso do ‘antropofagismo’, se se desgarraram para Dada ou Cocteau, para Breton ou Blaise Cendrars, é que o seu entusiasmo degenerou em loucura”. p. 32.

referência e de equilíbrio, uma espécie de *vade-mecum* para que se entenda, plenamente, o significado do movimento modernista brasileiro<sup>137</sup>”; e Octavio de Faria, cujos ensaios (detestáveis segundo Álvaro Lins<sup>138</sup>) *Maquiavel e o Brasil* e *O Destino do Socialismo* são citados como autoridade.

Mas, como já disse, é Bolívar quem mais louros arrecada como “precursor da crítica fascista ao liberalismo”, como proponente de uma “República aristocrática”, solução de “equilíbrio entre a oligarquia monárquica [sic] dos Posadas e Pueyrredons e a república absoluta de Artigas” e, repito, como antônimo de Monroe: “Bolívar é o *istmo* de Panamá; Monroe, o *canal*...”

Devo ainda salientar que, se não me engano, está no texto de Fernando de Oliveira Mota, a única emergência explícita de anti-semitismo nos *Cadernos*: “É preciso, portanto, que se destrua a velha fórmula creada pelo imperialismo judaico de ‘a América para a humanidade’”<sup>139</sup> - o que está, por sua vez, diretamente relacionado ao fato de citar Mota (e nisto é também ele o único) Hitler numa das epígrafes à quarta parte de seu livro (da qual aliás só se publicam estas) e como autoridade quanto à condenação da “máscara do federalismo”.

<sup>137</sup> *Cadernos da Hora Presente* n. 4, p.33. Nesse ponto, Mota polemiza com Andrade Muricy que em *A nova literatura brasileira* chama o verde-amarelo de “movimento de nacionalismo ornamental e verboso” (citado pelo próprio Mota). Muricy, aliás, é talvez um dos colaboradores dos *Cadernos* mais refractários ao totalitarismo. Cf. o seguinte comentário constante de sua “entrevista escrita” a Neusa Pinsard Caccese:

- A propósito da afirmação, mencionada pela autora de que “segundo a Revista” (o grifo é meu [de A.M]) Plínio Salgado - que tanto influiu na ficção nordestina com as indicações estético-sociais do belo romance *O Estrangeiro*, anterior ao excelente *A Bagaceira* de José Américo de Almeida, que despertou o Nordeste literário para a ficção romanesca -, “poderá fazer entre nós a grande revolução renovadora”, quero assinalar aqui o meu estudo sobre esse escritor, constante de *A Nova Literatura Brasileira* (Porto Alegre, 1936), onde, numa antecipação que hoje a mim mesmo surpreende, antevi e condenei os caminhos de atividade política por ele trilhados posteriormente, nos quais não o acompanhei, apesar de alguns dos meus companheiros terem-no feito.” *Festa*, p.238. (Isso, eis uma hipótese, justificaria sua posição de mero colaborador nos *Cadernos*, ao contrário das revistas anteriores que co-dirigira ao lado de Tasso. Isso, pelo fato de os *Cadernos* assumirem uma dimensão mais explicitamente política do que aquelas, por assim dizer, mais literárias.)

<sup>138</sup> Cf. “Ensaísta detestável e autêntico romancista” in *Os mortos de sobrecasaca*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963, pp.101-103. O que Álvaro Lins não diz é que ele próprio, na década de 30, chegou a entusiasmar-se com o integralismo (segundo Miguel Reale, citado mais adiante).

Ainda um dado curioso: Em nota, Mota nos diz: “Só me admira que, após revelar tamanho ardor de cruzado [“contra esse fatalismo socialista que a revolução de 30 tanto concorreu para espalhar em nosso ambiente”], o sr. Tristão de Ataíde haja formado ao lado de Maritain contra o general Franco” (nota 12, p.38). É talvez em resposta a essa acusação que é reproduzido nesse mesmo número dos *Cadernos* o artigo de Tristão “Maritain e a civilização em perigo” já aqui citado justamente por postular, ao contrário do que faz Maritain, que “A atitude de Franco, para com a Cristandade e seus princípios constitutivos, não é de forma alguma a atitude de Mussolini” (p.179)

Continuando no meu propósito de demonstrar a heterogeneidade que atravessa os *Cadernos*, faz-se mister passarmos agora a “A aurora da América”, artigo de Garrido Torres, publicado no oitavo número da revista e que está, sem dúvida, nos antípodas de “Afirmações Brasileiras”.

Monroe = Bolívar, ou, para ser mais exato, monroísmo = bolívarismo, eis o que tenta provar, de qualquer jeito, Garrido Torres. Jurando que o discurso amistoso e despojado de intenções hegemônicas de Roosevelt não é “o disfarce do desejo de amplexos de tamanduá”, que os EUA querem se redimir dos erros imperialistas do passado, que o mesmo Bolívar, em 1826, se arrependeu da objeção que opusera, em 1824, à participação deles no Congresso do Panamá (devendo mesmo ter sido aquela meramente estratégica, Bolívar querendo evitar conflitos com a Inglaterra)...

Como homem versado em estratégias diplomáticas, Garrido Torres se apropria para seus fins de argumentos lançados por Tasso da Silveira (que na hora presente dos *Cadernos* parecia mais voltado para um “Império transcontinental da língua portuguesa” do que para o “espírito continental americano”.) seis anos antes em *A alegria criadora*.

---

<sup>139</sup> *Cadernos n. 4*, p.42. O autor aí remete, não por acaso, à Edição Italiana de *Bolívar* de Parra Perez.

É, entretanto, precisamente nesse rumo que a clarividência de Tasso da Silveira nos dá um ensinamento de pura americanidade quando afirma que “uma força que se vai criando aos poucos e será, para o futuro, formidável, estreita cada vez mais, entre latinos e saxões da América, os laços de solidariedade: o espírito continental. Depois diz ainda, seria *inópia* (o grifo é meu [de G.T.]) *negarmos as energias generosas que profundamente trabalham a alma ianque*. Erros políticos, e graves, tem esse povo cometido. Do ponto-de-vista de uma ética internacional mais rigorosa, muitos dos seus gestos para com povos vizinhos são absolutamente condenáveis.” No entanto, as deficiências do espírito político norte-americano desaparecerão por certo”[sic - aspas fechadas sem ter sido abertas] porque “pela própria expressão de nossas fôrças morais e espirituais provocaremos na alma ianque benéficas reações de que nascerá mais profundo respeito pelo nosso ser. Vencido êste obstáculo, nada mais nos restará do que (o grifo ainda é meu [de G.T.]) *aceitarmos e reconhecermos amplamente a grandeza dêsse povo, e sabermos captar em nosso favor aquelas energias generosas a que acima se aludiu*”. (E que são por nós ignoradas, infelizmente...) <sup>140</sup>

Vê-se que aquilo que, no texto de Tasso, se aproxima mais do terreno dos fatos - a falta de ética internacional norte-americana - é dado por sem importância e fadado a desaparecer, enquanto que as poéticas promessas de felicidade (o panamericanismo de Tasso é talvez antes de mais nada um deslumbramento por Whitman <sup>141</sup>) são convertidas em fatos certos.

Mas a argumentação de Garrido Torres é bifronte. Se por um lado tenta convencer o leitor de que as intenções norte-americanas estão recheadas da mais pura

<sup>140</sup> *Cadernos n. 8, pp.99-100.*

<sup>141</sup> Cf a entrevista de Muricy a Neusa em que diz ser Whitman (com Tagore e Verhaeren) um dos prediletos de Tasso. *Festa*, p.230. Ver também o poema de Tasso chamado “Palavras a Walt Whitman”.

generosidade cristã, por outro propõe uma “dura lição de realismo” argumentando que “é impossível haver harmonia e relações amistosas entre os povos quando seus interesses se contrariam” e que, citando Pedro Cintra Ferreira (diretor da inglesa *Brazilian Trading Company*) “Na verdade a amizade coletiva não existe e as simpatias isoladas não possuem força de ação. O que estabelece entre os povos relação de cordialidade é o interesse comum, sobretudo o comércio nas suas variadas modalidades; o resto não passa de amabilidades e sorrisos diplomáticos.”

Os argumentos no fundo se anulam: se não existe amizade, como sustentar que os EUA buscam aliança porque querem ser nossos amigos? Se, por outro lado, tudo são interesses, talvez valesse mais a pena manter uma certa distância, não aderir de forma tão irrestrita, para não perder o poder de barganha.

Aliás parece ter sido essa a política adotada pelo Estado Novo pelo menos até 1942. Os extremos representados pelas posições de Fernando Oliveira Mota e Garrido Torres, além de revelarem a existência de um certo grau de heterogeneidade entre os colaboradores dos *Cadernos*, demarcam a oscilação do próprio Getúlio em seu “duplo jogo”: Osvaldo Aranha no Ministério das Relações Exteriores; Filinto Müller como Chefe de Polícia<sup>142</sup>. É mesmo provável que os ditos textos não apenas descrevam, mas se inscrevam nesse jogo, sendo nesse sentido significativo o ano que separa a publicação do primeiro (“Afirmações Brasileiras” - jun.39) da do segundo (“A aurora da América” - jun. 40)

Uma questão que fica aqui por investigar melhor é a da adesão efetiva de colaboradores dos *Cadernos* ao integralismo. Oliveira Mota, por exemplo, tudo me leva

---

<sup>142</sup> Cf. GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas - Influência Americana e Alemã no Estado Novo*. São Paulo, Símbolo, 1977.



a crer que foi sigma. Além de sua argumentação e de sua deferência a Plínio Salgado veja-se o que nos diz no prefácio:

Escrito em 1937, como um esclarecimento e uma definição em face da luta eleitoral que se esboçava no país, êste livro teve a sua publicação preterida pelos acontecimentos políticos daquele ano.

e

Como salvaguarda à liberdade de pensamento, faço uma espécie de greve da fome, e deixo de publicar a segunda parte do livro. O mais poderá suscitar discussão ou não. O que me interessa é se aceita ele como obra SINCERA. E só. (p.7)

Este trecho final deve, a rigor, ser justaposto à frase final de Garrido Torres em seu artigo: - “Esse estudo é um ato de fé”: trata-se de uma discussão de credos.

Já de Tasso da Silveira, nos diz Joaquim Ribeiro em “Itinerário lírico de Tasso da Silveira”:

É como se vê a atitude de um pregador fascinado pela sua Crença e pela sua Política, ambas, aliás, muito abaixo de sua personalidade.

A crença nasceu para as massas e a política para os grupos.

O que nele há de puro, espontâneo e definitivo é o **culto ao lar** [Tasso como anti-*Unheimliche*], o amor ao fogão, o apêgo à cabana.

40

Tasso obedece ao ideal do patriarcalismo.

O lar, entretanto, está fora das Crenças e dos Regimens.

Com Deus ou sem Deus, com Pátria ou sem Pátria, o lar sempre foi, é e será mera projeção social do amor.

Não foi o cristianismo que criou o lar, nem será o comunismo que o possa destruir.

O culto do lar (que a todo momento se percebe nos poemas de Tasso), por certo, não foi a causa que o impeliu para a Crença e o Credo político, que professa. O que o orientou para lá (julgo eu) foi a inquietação interior [*Das Unheimliche*], a dúvida, a tortura das incógnitas, que acometem o pensador humano e o submergem num mar de mistério...

Isso todavia é uma hipótese.<sup>143</sup>

Declaração que, em conjunção com a já citada de Andrade Muricy, me leva à crença de que Tasso participou de fato da AI.

Luiz da Câmara Cascudo, razoavelmente assíduo colaborador dos *Cadernos*, ninguém ignora que foi um seu representante potiguar. Tampouco é à toa que no número oito da Revista (jun.40) os *Cadernos* divulguem, na seção “Fatos e comentários” ter sido

LUIZ DA CÂMARA CASCU DO AGRACIADO PELO GOVÊRNO ITALIANO - Tendo o escritor Luiz da Câmara Cascudo publicado o livro “Em memória de Stradelli” para perpetuar o nome e a obra realizada no Amazonas pelo cientista italiano, resolveu o Rei Victor Emmanuel da Itália, em reconhecimento, conferir-lhe a Cruz de Cavaleiro da Corôa da Itália<sup>144</sup>.

Anteriormente, nessa mesma seção do segundo número, junho de 1939, dos *Cadernos* já fora divulgado que Octavio de Faria, estando de volta da Europa, após estadia na França e na Inglaterra “declarou que era magnífica a situação na Itália” e que

<sup>143</sup> *Cadernos da Hora Presente* n. 5, pp.60-61.

<sup>144</sup> *Cadernos da Hora Presente* n. 8, p. 168

“Paris, no sentido político, não tinha possibilidades para resistir ao eixo Roma-Berlin” (p.173).

Plínio Salgado, que é Plínio Salgado, colabora em diversos números da Revista, sintomaticamente (quanto à sua posição política pós-37) apenas com “ficções”: capítulos de “A vida de Jesus” e de seu romance “Trepandé”, ilustrado por Anita Malfatti, em que o autor aproveita, através de crônicas a respeito do inventado vilarejo, para expor suas convicções ideológico-políticas.

A lista poderia se estender bastante<sup>145</sup>. Já ao lado de Garrido Torres, não sei quem mais poderia citar.

Outra forma de enunciar essa disputa seria falar em homogeneísmo-liberal-comercial-democrata-parlamentar-burguês (“era da *boa vontade* e da *ausência do espírito de hegemonia*” - “o Brasil e nações *equivalentes*” (Eu, Fernando Scheibe, grifando “equivalentes”)) no caso de Garrido Torres; e em condensação monocefálica de forças heterológicas (“Faltava o coordenador das energias dispersas, o disciplinador das aspirações seculares do povo (...) Como seria possível encadear as aspirações nacionais? Como encontrar no aranhol de opiniões pessoais e de estudos dispersos, a síntese dos problemas brasileiros e de suas soluções? Seria absolutamente impossível, não houvesse surgido o guia, o chefe, o ordenador.”) no caso de Fernando de Oliveira Mota e congêneres como Álvaro Penafiel:

É urgente formarmos um corpo de hierarquia de grande disciplina interior.

<sup>145</sup> Não esquecer também as diversas referências a Gustavo Barroso, João do Norte, integralista dos mais fascinados pelo aspecto militaresco da organização, segundo Miguel Reale (teorizador do movimento de maior fôlego?) que é, por sua vez, entrevistado por Geraldo de Carvalho Silos na seção “Meia-hora” do oitavo número dos *Cadernos*. Ainda segundo Reale, em introdução escrita em 1983 para a publicação de seus “escritos de juventude” pela UNB, foram integralistas outros membros da redação dos *Cadernos*, como Guerreiro Ramos, Thiers Martins Moreira e Santiago Dantas. Cf. *Obras políticas 1931-1937*. Brasília, Ed. UNB, 1983.

Emprestemos menos importância aos sistemas rígidos e às idéias avançadas, e valorizemos o homem moralmente!

O indivíduo que por sua conduta arrasta o entusiasmo de uma elite, passou por todas as provas de competência. Excluí-lo, sob o pretêxto de que suas idéias ou seus métodos não são os da maioria, seria um suicídio nacional.

O futuro de uma nação não cabe entre verdades. A verdade de uma nação é uma só - a sua independência.<sup>146</sup>

Uma conferência proferida na Sociedade Felipe d'Oliveira em setembro de 1935 intitulada "A Política Contemporânea e as Características Espirituais do nosso tempo", apresenta uma análise dessas duas posições surpreendentemente (ao menos para mim) próxima da que faz Bataille no famigerado artigo "La structure psychologique du fascisme". Parece mesmo que seu autor, se não chegou a ler o artigo de Bataille, compartilha ao menos sua referência - embora tampouco a explicita - a "Psicologia das massas e análise do eu". Vejamos porque.

O texto parte de uma descrição, sem dúvida nietzscheana (apesar de em nenhum momento citar o filósofo) da hora - então - presente:

É o aspecto trágico das épocas chamadas de transição.

A época de transição é precisamente aquela em que o passado continua a interpretar o presente; em que o presente ainda não encontrou suas formas espirituais, e as formas espirituais do passado, com que continuamos a vestir a imagem do mundo, se revelam inadequadas, obsoletas ou visivelmente

---

<sup>146</sup> "Considerações imperativas" *Cadernos da Hora Presente* n. 9, pp.15-16.

desconformes, pela sua rigidez, com um corpo de linhas ainda indefinidas ou cuja substância ainda não fixou os seus polos de condensação<sup>147</sup>.

As “formas espirituas do passado”, fica claro mais adiante na conferência, são as do “demoliberalismo” do século passado, do “conto azul” do parlamentarismo, da concepção do mundo como um grande forum em que os resultados de iluminados debates de idéias seriam acatados, livremente, pelas vontades em conflito.

Contra esse ingênuo otimismo iluminista, coloca-se a experiência própria ao século XX de que é o irracional que comanda a política. Sorel o teria percebido: daí sua postulação da necessidade política do mito cujo valor não é de verdade e sim de ação (ainda que este dependa justamente de que se atribua valor de verdade ao mito).

Aconteceu, porém, que a technica espiritual da violencia, destinada por Sorel a dissolver a unidade do Cosmo político, haveria de ser empregada logo depois num sentido absolutamente oposto, precisamente no sentido de por fim à lucta de classes e reforçar a unidade política do Estado. Ao polytheismo político de Sorel, e pelos mesmos processos intellectuaes de que ele se servira, se oppunha de maneira vitoriosa, a theologia monista do nacionalismo<sup>148</sup> [fascista].

E, mais monista ainda do que o da nação, o mito da personalidade que consegue graças à sua acessibilidade à experiência imediata das massas (enquanto que a noção de nação é ainda demasiado abstrata), melhor captar, “disciplinar e utilizar essas forças desencadeadas”. É preciso, ainda segundo o conferencista, a “máscara de gorgona da personalidade” para que se consiga seduzir, hipnotizar, as massas.

<sup>147</sup> *Lanterna Verde* n. 3, Rio de Janeiro, 1935, p.140

<sup>148</sup> *Lanterna Verde* n. 3, Rio de Janeiro, 1935, p.143

É também bastante aguda a seguinte - até certo ponto adorniana - constatação:

Ahi está mais uma das antinomias que parecem inerentes à estrutura do espírito humano: a inteligência contribuiu, com efeito [através do desenvolvimento técnico dos que viriam a ser chamados mais tarde meios de comunicação de massa], para tornar cada vez mais irracional ou ininteligível o processo político.<sup>149</sup>

Mas vejamos agora porque não foi Freud, e muito menos Bataille, mas sim Alfred Rosemberg que Francisco Campos - pois é dele, do Ministro da Educação e Saúde Pública responsável pela reforma universitária durante o Estado Novo<sup>150</sup> que se trata - leu:

A irracionalidade e a tendência à mudança, esta última tão profundamente ligada às formas emotivas do pensamento e categoria específica da lógica do irracional ou dos sentimentos, determinam a confiança nas forças obscuras da geração, collocando, na escala dos valores, o em ser acima do ser, que é a categoria olympica ou masculina, a da ordem, da hierarchia, da clareza, da intelligencia, da razão; a preferência pelo que não se deixa traduzir em forma coherente; a aspiração faustica, sem polo definido; o mundo dos desejos a que falta a ordem da autoridade paterna, confundido ou identificado com o mundo da realidade; o frenesi dyonisiaco, que procura exorcisar o demonio do tempo não pelo sentimento do eterno, mas por meios mecanicos e temporaes, a velocidade, a instantaneidade, a simultaneidade. O homem

<sup>149</sup> *Lanterna Verde* n. 3, Rio de Janeiro, 1935, p.152.

<sup>150</sup> Reforma que não deixara de despertar a crítica de Alceu Amoroso Lima por sua "orientação nitidamente materialista" de que seria sintomática, por exemplo, a colocação da cadeira de Introdução à Economia no primeiro ano dos cursos de direito defendida por Campos com o argumento da subordinação do *fato jurídico* (espiritual) ao *fato econômico* (material). Cf. LAFETÁ, João Luiz. "Os Temas da Reação" in *1930: A crítica e o modernismo*. São Paulo, Duas Cidades, 1974, pp.57-85. Francisco Campos deveio ainda, em 1964, o redator do Ato Institucional número 1.

moderno se entrega ao em ser com a ilusão de ser mais do que o ser, que é para elle a morte, isto é, a objetividade, a lucidez, o reconhecimento do limite entre o mundo dos desejos e o da realidade. Pragmatismo, bergsonismo, theosophismo, espiritismo, comunismo, instrumentos de exorcismo da autoridade olympica ou paterna, que imprime ordem, hierarchia, disciplina às tendencias e paixões, que eles visam libertar da fôrma e da medida, ou, antes, meios de satisfação de desejos contrariados pela realidade<sup>151</sup>.

E ainda o trecho final de sua conferência em que deixa ainda mais claro o quanto é fascista sua leitura de Nietzsche.

Já se ouve, ao longe, traduzido em todas as linguas, o tropel das marchas sobre Roma, isto é, sobre o centro das decisões políticas. Não tardarão a se fecharem as portas do forum romano e se abrirem as do Capitólio, collocado sob o signal e a invocação de Jupiter, ou da vontade, do commando, da *autorictas*, dos elementos masculinos da alma, graças aos quaes ainda póde a humanidade encarar de frente e amar o seu destino. *Amor fati*.<sup>152</sup>

*Acéphale* X Capitólio. Dionysos X Zeus. As posições descritas por Francisco Campos, oriundas, a meu ver, das mesmas fontes de Bataille, revelam, entretanto, a profunda discordância de leituras. Campos opta por uma, a do ser um, enquanto Bataille inclina-se por outra, a do devir outro.

Mas o que chama atenção num texto como o de Campos é a lucidez com que expõe os artifícios de que ele mesmo, na medida em que reivindica a posição fascista, se

---

<sup>151</sup> *Lanterna Verde* n. 3, pp.146-147. Quanto à aproximação com Rosemberg ver *Der Mythos de 20. Jahrhunderts*, Munich, 1932. Também o sub-item "Alfred Rosemberg" de "Nietzsche et les fascistes"

vale: o mito soreliano adaptado, a “máscara de gorgona da personalidade”, os meios de comunicação de massa a serviço do irracional.... Podemos portanto considerar um tal posicionamento como pós-ideológico, ao menos se partimos de uma definição elementar de ideologia, a de Marx, que lhe atribui “uma certa ingenuidade constitutiva” expressa na fórmula: “disso eles não sabem, mas o fazem”. Campos estaria mais próximo da razão cínica, analisada por Peter Sloterdijk em “Kritik der Zynischen Vernunft” e cuja fórmula seria “eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem”<sup>153</sup>.

Quem talvez não soubesse muito bem o que estava fazendo àquela época é Guerreiro Ramos. Afirmo isso baseado na discrepância entre sua adesão, na década de 30 e não sei ao certo por quanto tempo, ao integralismo e a refinada crítica para-marxista que viria a tecer, trinta anos depois, em *Mito e verdade da revolução brasileira* (título ao qual o autor preferiria *Os rinocerontes e a revolução brasileira*, mas diz ter cedido a ponderações do editor<sup>154</sup>).

Não cabe aqui, dados os limites desta dissertação, estender-se sobre esse ponto mas gostaria de levantar brevemente algumas questões aí tratadas por Guerreiro Ramos que, a meu ver, aproximam-no de Bataille e bataillanos na mesma medida em que o afastam de Salgado e salgadinhos.

Sobretudo, sua reivindicação do “homem-parentético” no capítulo VI “Homem-Organização e Homem-Parentético” que devemos associar à crítica ao imanentismo comunal (o rinocerontismo) esboçada em diversos textos<sup>155</sup> do Bataille pós-*Acéphale* (o que não exclui as páginas da própria revista *Acéphale*) e sistematizada por Jean-Luc

*Acéphale* n. 2, pp.6-7.

<sup>152</sup> *Lanterna Verde* n. 3, Rio de Janeiro, 1935, p.157

<sup>153</sup> Cf. ZIZEK, Slavoj. “Cinismo e objeto totalitário” in *Eles não sabem o que fazem - O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992, pp.59-73.

<sup>154</sup> RAMOS, Guerreiro. *Mito e verdade da revolução brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1963, p.15.

<sup>155</sup> Cf. Especialmente “La religion surréaliste” (1947)



Nancy em *La communauté désouvrée*. Mas também sua descrição d’“O caso Lukacs”<sup>156</sup> - em muito análoga ao breve comentário, citado mais adiante, que Bataille faz quanto à relação do eminente socialista húngaro com o regime soviético. E ainda a crítica que faz ao stalinismo baseando-se na mesma fonte, utilizada para semelhantes fins, que Bataille em *La souveraineté*: os escritos de Isaac Deutscher.

Focalizemos agora Guerreiro nas espirais dos *Cadernos*. São três as suas colaborações: um ensaio sobre “O Sentido da Poesia Contemporânea” (n. 1, pp.86-103), uma breve “Nota sobre Jacinta Passos”, servindo de introdução a uma pequena antologia de poemas da autora (n. 6, pp149-150), e uma série de oito “Poemas Cíclicos” (n. 9, pp.110-113).

Já pelo autor da epígrafe escolhida para “O Sentido da Poesia Contemporânea”, Jean Cocteau, vemos que Guerreiro Ramos, ao contrário dos colaboradores mais ortodoxos dos *Cadernos*, não desdenha o surrealismo. Várias de suas afirmações poderiam mesmo ser aproximadas às reflexões de Bataille sobre a poesia formuladas ao longo dos anos 40 e início dos 50, sobretudo nas páginas de *Critique*, em artigos como “Volonté de l’impossible”, reformulação de “Être Oreste” (“ser fora do é”: être hors est, eis a escansão que proponho) epílogo do livro *Haine de la poésie*, “De l’âge de la pierre à Jacques Prévert” ou “René Char et la force de la poésie”. Cito algumas:

“A nobreza do homem é a inquietude” e só onde “há laivo de angústia, complexo de falta” é que pode haver “grande e eterna poesia” (a comparar, por exemplo, com este trecho do número 5 de *Acéphale*: “Pois é necessário que conheçamos o suor de angústia. Sob que pretexto não se deixar embaraçar até suar? A ausência de suor é muito mais infiel que as *plaisanteries* daquele que sua”, ou com a postulação de um “princípio

<sup>156</sup> Cf. “Uma corruptela da filosofia: O Marxismo-Leninismo” Capítulo cujo primeiro sub-ítem se chama “Marx contra os marxistas”. RAMOS, Guerreiro. *Mito e verdade da revolução brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1963, pp.84-108.

de incompletude”<sup>157</sup>); “As raízes da poesia estão nos confins do homem” (a associar com a temática da experiência-limite-dos-limites: confins é mesmo uma boa tradução para a palavra francesa *bout*, tão cara a Bataille em expressões como *aller au bout du possible*); a poesia como “obscuridade luminosa” (“La nuit est aussi un soleil” é a zaratustriana epígrafe de *L'expérience intérieure*); A associação entre poesia e infância na medida que em ambas não existem fronteiras entre o mundo interior e o exterior (experiência interior), e que a atitude do poeta, tal a da criança, é a do “abandono total, do dom absoluto de si”, uma maneira de “ser sem reservas” (ver toda a problemática do dom e do sacrifício: “sacrifier n’est pas tuer, mais abandonner et donner” que atravessa, de cabo a rabo, o texto bataillano. Lembrar que “um hegelianismo sem reservas” é o subtítulo do ensaio de Derrida sobre Bataille)...

Mas essas aproximações tem um limite: o limite, Deus. Diante dele Guerreiro baixa suas armas, recolhe os seus ramos. Já para São Georges, ele é o dragão cuja cabeça devemos cortar, contra o qual jamais cessa nossa *bataille*. Enquanto Bataille busca perder os santos, trazê-los ao limite do deboche, Guerreiro Ramos tenta salvar os hereges, mostrar que são santos *malgré eux-mêmes*. Este seria o caso de “poetas luciferianos” como Baudelaire<sup>158</sup>, Byron, Rimbaud e Nietzsche:

<sup>157</sup> Cf. BLANCHOT, Maurice. *La communauté inavouable*. Blanchot cita a seguinte afirmação de Bataille: “Na base de cada ser, existe um princípio de insuficiência”.

<sup>158</sup> Falar aliás na “consciência cristã” de Baudelaire é quase um lugar comum. Veja-se por exemplo o belo ensaio de Lúcio Cardoso (talvez o colaborador dos *Cadernos* em que há maior “laivo de angústia”) “Baudelaire” publicado no número 7 da revista: “O mistério de Baudelaire repousa no próprio mistério da espécie humana. É o enigma da sua degradação, é a vertiginosa consciência da sua queda, do pecado cometido, da falta a resgatar. A projeção das “Flores do Mal” não é uma projeção satânica senão em relação à consciência cristã do poeta: deste fundo jamais oculto da alma de Baudelaire é que o demônio arranca a sua desmesurada grandeza. Toda a sua existência foi um testemunho contínuo da sua natureza cristã.” Bataille, por sua vez, aproxima-se desta perspectiva em sua polêmica com Sartre. Cf. “Baudelaire” em “La littérature et le mal”, *O.C. IX*, pp. 189-210. e “Discussion sur le péché”, *O.C. VI*, pp. 315-359.

O poeta é um santo em potência. É um santo sem santidade - como dizia Francisco Karam - o que é sofrer, em dobro, por que é um santo que sente sua vocação frustrada. Byron, que cometeu todos os sacrilégios, até o do incesto, teve os seus momentos de tentação da santidade. Póde acontecer ainda, como é o caso de Byron, que os motivos da poesia sejam aquelas maldições, blasfêmias, queixumes, êxtases, gritos de que fala Baudelaire e, tudo isso, paradoxalmente constitua uma homenagem a Deus. Quando Nietzsche blasfemava apaixonadamente: - “Deus morreu”, “Deus morreu” - se traia. É que estava convencido, sem o saber, que Êle estava vivo, em seu coração, e a santidade o tentava. O pecado, também, conduz a Deus. (p.98)

Guerreiro, portanto, embora seduzido, tal Milton segundo Blake, pelo mal e seus cantores, tenta acomodá-los aos “esquemas maritainianos” (a expressão é de Octavio de Faria), a um modelo cefálico de Universo “parce que la poésie, mon Dieu, c’est vous” (é esta a acima referida epígrafe de Cocteau). Nesse sentido é significativo que em sua aproximação poesia-infância Guerreiro se utilize da fórmula de Ortega y Gasset “a poesia é a infância amadurecida” que nitidamente anula seu potencial acefálico exacerbado por outro lado na imagem bataillana da “*nuit de l’enfant égaré*”.

Há ainda um ponto que me interessa sobremaneira no texto de Guerreiro e que se articula com toda a problemática relacionada ao par modernidade / decadência que tentei expor ao longo deste capítulo: sua pergunta pela viabilidade, na hora presente, de se encontrar ainda uma *humanitas* do homem:

O homem moderno tem a alma cheia de grampos que o impedem de ser o que é essencialmente. O homem contemporâneo não consente em ser. Aí está a razão de toda a sua angústia. Aí está porque toda a literatura contemporânea, em resumo,

reflete a ânsia de encontrar um sentido novo para a existência. A deshumanização invadiu todos os sectores da atividade humana. Nunca se escreveu tantas vezes a palavra - homem. Nunca se penetrou, por outro lado, tão mal, no sentido deste vocábulo. Por isso, não é inoportuno perguntar se o homem pode ser humano.

(p.102)

De fato não é inoportuno. Pelo contrário, esta pergunta abre uma questão que permanece oportuna na hora presente (como o demonstra, entre outros, o recente artigo de Peter Sloterdijk *Regel für ein Menschpark*<sup>159</sup>) e que foi o ponto de partida, 7 anos e uma guerra mundial após a publicação do ensaio de Guerreiro Ramos, de um dos textos mais importantes para o pensamento contemporâneo: a “Carta sobre o humanismo” de Martin Heidegger<sup>160</sup>.

Em verdade, ou melhor, segundo a verdade do Ser (cujo porta-voz exclusivo seria Heidegger), a pergunta de Guerreiro Ramos estaria ainda mal formulada por incorrer no erro, metafísico, de partir de uma definição já assente do que seja a humanidade do homem. A estrutura da pergunta - O homem [ainda] pode ser humano? - coloca como incógnitas o que é o homem [moderno], e a possibilidade de ele ser aquilo que deve ser [humano], mas não questiona esse dever ser que é, assim, dado como já dado. Ora, na moldura dos *Cadernos*, cujos confins Guerreiro toca, mas sem chegar a transgredir, isto não se poderia dar de outra forma. A *humanitas* do cristão está de uma

<sup>159</sup> *Regras para um parque humano*, Tradução de Antonio Carlos Santos, inédito.

<sup>160</sup> *Carta sobre o humanismo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967. Trad. Emanuel Carneiro Leão. Heidegger é citado uma única vez ao longo dos *Cadernos* em texto de Adonias Filho “Entre os romances de Cornélio Pena” a propósito da expressão “ontologia do visionário”. Reproduzo a nota de Adonias: “‘Ontologia’ em seu sentido mais amplo, naquele sentido que Heidegger apontou como ‘une attitude qui prend l’existent en lui-même, pour ce qu’il est et tel qu’il est’”. *Cadernos da Hora Presente n. 7*, p.108. Talvez se possa considerar ainda como influxo de suas leituras, em francês, de heidegger, a seguinte afirmação constante de “Considerações sobre a crítica” (*Cadernos n. 8*, pp.121-131): “o destino eterno da realidade é assegurado pela presença do homem” [o pastor do ser]. Nesse texto, Adonias nos dá também uma interessante definição do papel (também pastoral) da crítica: “Literatura é arte - e justamente para proteger essa arte, livrá-la das mãos coletivas, é que existe a crítica.”(p.128).

vez por todas definida na humanitas de Cristo que é a “pessoa por excelência”. Mas resta de qualquer jeito que a pergunta de Guerreiro Ramos evoca, nem que seja por paranomásia, a pergunta “certa”: - O homem deve ser humano? - E aí então a resposta é clara e não deixa margem a ambigüidades: não e sim.

Não, se “ser humano” significa adequar-se a um conceito de humanidade já dado à maneira do ente.

Sim, se “ser humano” significa insistir ec-staticamente na Verdade do Ser que não é, mas se dá, como nada, em sua clareira, a linguagem.<sup>161</sup>

Para terminar (*Pour en finir avec le jugement de dieu*), quero pinçar um último corpo estranho no tecido dos *Cadernos*: o texto “Determinismo e moral” de Oto Alcides Ohlweiler<sup>162</sup>. Aliás, se fosse para fazer um concurso de Miss *Unheimliche* - qual o corpo mais estranho dentro do meu *corpus* (os *Cadernos*) - hesitaria entre “Determinismo e moral”, “A Aurora da América”, e o Ensaio XXX de Montaigne “Des Cannibales”<sup>163</sup>, mas talvez findasse por eleger o primeiro.

Toda a argumentação de Ohlweiler se constrói na contramão do lugar comum por excelência dos *Cadernos*: o primado do espírito sobre a matéria.

<sup>161</sup> Tento no capítulo seguinte fazer algumas aproximações entre a “Clareira do Ser” e a clareira próxima à estação de Saint Nom la Bretèche, espaço ritual de Acéphale. Distâncias? Imagino que, numa “perspectiva bataillana” se possa criticar em Heidegger: seu “pastoralismo”, um certo icarianismo, e a postulação de uma casa, de uma pátria (ainda que em 1946 deixe bem claro que não se trata de nenhum país geograficamente situado) para o ser. A a-patridade radical nietzscheana é um dos pontos fundamentais de *Acéphale*.

<sup>162</sup> Segundo Tarso Genro, em apresentação a *Origem e evolução da ideologia: do pensamento mágico ao pensamento científico*. Porto Alegre, UFRGS, 1988, uma fotocópia de “Aspectos do pensamento mágico” que o mesmo Ohlweiler escrevera em 1943, era disputada e discutida juntamente com os “documentos” da clandestinidade” pelo grupo de “democratas radicais” de que fazia parte o autor da apresentação. Em 1947 foi eleito deputado estadual pelo PCdoB. Em 1987 publicou, em colaboração com Tarso, *URSS e Gorbachev: a burocracia remodelada...*

<sup>163</sup> Vale notar que nos três casos podemos encontrar vestígios de uma operação de excreção por parte do corpo dos *Cadernos*: Luiz da Câmara Cascudo lava as mãos cuidadosamente antes e depois de tocar em Montaigne (Cf. introdução e comentários à sua tradução); quanto aos textos de Garrido Torres e Oto A. Ohlweiler, é talvez significativo que se encontrem juntos, um após o outro, como a indicar que ali fica o reto dos *Cadernos*.

Considerando os fenômenos do espírito sob um ângulo diferente dos demais fenômenos o racionalismo metafísico edificou toda uma filosofia moral com suas conseqüentes projeções na Política e no Direito.

Segundo a moral tradicional o homem possui uma consciência moral, através da qual, pode ou não, mas deve, moldar seus atos. É na justificação do dever moral que divergem as filosofias morais.

De um lado, portanto, o determinismo regendo os fenômenos do mundo material e possibilitando a organização da ciência e de outro a teoria do livre-arbítrio assegurando as teorias morais.

Filho do racionalismo metafísico e irmão das teorias finalistas a propósito da vida o espiritualismo proclamou a eternidade e a imutabilidade do espírito e conseqüentemente a eternidade e a imutabilidade dos princípios morais.

Peca [sic], portanto, a moral tradicional por fundamentar os seus princípios sobre uma teoria insustentável: a do livre arbítrio.

É preciso portanto, ainda segundo Ohlweiler, que se estabeleça uma moral científica, não universal (contrariando assim a avidez de absoluto dos metafísicos) e sim relativa às necessidades geradas pelas condições específicas de existência de cada comunidade (daí a possibilidade de se “construir uma geografia e uma história da moral”)

Se Ohlweiler se aproxima de Bataille por seu interesse pela sociologia e por uma compreensão das atitudes humanas em termos de tropismos<sup>164</sup>, dele se distancia a mais não poder ao propor como melhor moral aquela que funcione no sentido de conservar o equilíbrio, seja ele qual for, de uma comunidade. Para Bataille, ao contrário, só há comunidade no desequilíbrio (na liberação acéfala de energia). É o que, entre outras coisas, veremos a partir do quarto capítulo.

---

<sup>164</sup> Cf. “Attraction et répulsion. I Tropismes, sexualité, rire et larmes, par Georges Bataille, samedi 22 janvier 1938” e “Attraction et répulsion. II. La structure social, par Georges Bataille, samedi 5 février



### **CAPÍTULO III – Fichamento dos *Cadernos da Hora Presente***



## ÍNDICE GERAL

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Exortação. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 1, p. 5-6, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

SILVEIRA, Tasso da. Gil Vicente. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 1, p. 7-31, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO — Literatura

**Nome pessoal como assunto:** VICENTE, Gil

**Palavra(s)-chave:** Idade Média; Literatura comparada; Renascimento; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** Reivindicação de Gil Vicente e de sua atualidade enquanto expressão profunda do catolicismo medieval. Através de sua contrastação com a mediocridade de Plauto, com a nebulosidade de Goethe e o particularismo e paganismo de Camões, ressaí um Gil Vicente forte e claro, verdadeiro ourives do espírito. Antídoto contra a desagregação renascentista, que desemboca na negação moderna do homem seja no liberalismo mercadológico, seja no bolchevismo russo. Precursor válido do salazarismo (implícito no texto).

**Autor(es) citado(s):** BIALIK; FREIRE, Brancamp; PICHON, René, MENANDRO; DUCERME, Charles; PRESTAGE, Edgar; REBELO, Brito; CHARRON, Pedro; NORDSTROM, KURTH, Godefroid; GIRAND; VASCONCELOS, Carolina Micaelis de; ALMEIDA, Fortunato de; EPICURO; ALIGHIERI, Dante; AQUINO, Santo Thomas de; ASSIS, Francisco de; BERDIAEV, Nikolai; CAMÕES, Luiz Vaz de; FIGUEIREDO, Fidelino de; HORÁCIO; LUTERO, Martinho; MICHELANGELO; MONTAIGNE; RABELAIS, François; SHAKESPEARE, William; WHITMAN, Walt; ÉSQUILO; SANCHEZ, Francisco; MARITAIN, Jacques; ARISTÓFANES; BRAGA, Teófilo; VIRGÍLIO; PLAUTO; SÓFOCLES; GOETHE; ROTTERDAM, Erasmo de; HOMERO; DA VINCI, Leonardo; JUVENAL.

ALMEIDA, Rômulo de. Educação para a democracia brasileira. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 1, p. 32-56, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO — Educação

**Nome pessoal como assunto:** BRITO, Farias

**Palavra(s)-chave:** Administração; Nação; Brasil; Educação

**Nota(s) de resumo:** É preciso formar uma elite dirigente para o Brasil, feita somente de homens de 22 quilates (cf. fábula platônico-socrática). Para tanto é preciso gratuidade do ensino básico (para que se revelem os super-dotados oriundos de todas classes) e seletividade (que se apliquem recursos para formação superior apenas dos que a merecem). [Consta epígrafe de Aristóteles.]

**Autor(es) citado(s):** ALBUQUERQUE, J. J. C. C. Medeiros e; AMÉRICO, Pedro; BARBOSA, Rui; BASTOS, Aureliano Candido Tavares; BERDIAEV, Nikolai; CARVALHO, Ronald de; CLEMENCEAU, Georges; CONDORCET, Marquês de; DEWEY, John; FARIA, Otávio de; MARX, Karl; MIRANDA, Pontes de; PARETO, Vilfredo; ROMERO, Silvio; SALGADO, Plínio; VERÍSSIMO José; ARISTÓTELES; FICHTE, Johan Gotlieb; FREYRE, Gilberto; POINCARÉ, Henri; SAINT-HILAIRE, Auguste de; TEIXEIRA, Anísio; PLATÃO; PRADO, Eduardo; KILPATRICK; MAN, Henri de; LUZURIAGA, Lorenzo; STERN, W.; VIAL, F.; ALVES, Isaías; DUCOS, Hypolite; MONZIE, Anatole de; CROISSET, Alfred; TERMAN; ANTIPOFF, Helena; PINTO, Estevão; KASEFF, Leoni; SIMPLÍCIO, João.

MAGALHÃES, Almeida. É preciso reeditar Farias Brito. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 1, p. 57-68, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nome pessoal como assunto:** BRITO, Farias

**Palavra(s)-chave:** Filosofia; Positivismo

**Nota(s) de resumo:** “Foi a maior força reacionária na América” contra a “filosofia do desespero”: — o fenomenismo e a positividade. Grande e modesto. O maior filósofo brasileiro. Injusta falta de reconhecimento. Junto a Bergson e William James, contra Hume e Comte. Que o modernismo nacionalista o incorpore. Filósofo ≠ de papa, chefe. Não pontifica, mas dinamiza.

**Autor(es) citado(s):** ARANHA, Graça; BARBOSA, Rui; BARRETO, Tobias; BERGSON, Henri; CONSTANT, Benjamin; HAECKEL, Erns Heinrich; HUME, David; JAMES, William; NOIRE, Ludwig; ROMERO, Silvio; SPENCER, Herbert; VAUX, Clotilde de; MENDES, Néelson Teixeira; FIGUEIREDO, Jackson de; BARRETO, Pereira; COMTE, Auguste; JUVENAL; CARDOSO, Fausto; LITRÉ.

ALMEIDA, Fernando Mendes de. Viagem em redor de uma calva. Ensaio sobre a poesia de

Mário de

Andrade. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 1, p. 69-85, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO — Literatura  
**Nome pessoal como assunto:** ANDRADE, Mário de

**Palavra(s)-chave:** Modernismo; Poesia

**Nota(s) de resumo:** Importância de Mário de Andrade para a renovação da poesia brasileira. Grandes achados poéticos. Preguiçosos acadêmicos de 22. Misoneísmo. Mário e Bandeira: verdadeiros precursores do “futurismo” e não Graça Aranha. 1ª fase: escândalo de *Paulicéia desvairada*; 2ª fase: “reclama do inicial subjetivismo do poeta o objetivismo dinâmico (verso melódico, harmônico e polifonia poética); 3ª fase: *Remate de males*: consolidação do lirismo. Profundidade inatingível. Salutar divórcio da preconcepção literária. Contra a expressão burguesa “fazer sentido”. A poesia sente-se. Pouco vale seu entendimento. Fugir da fatalidade positiva, da “idéia clara”.

**Autor(es) citado(s):** ALIGHIERI, Dante; ALMEIDA, Guilherme de; ANDRADE, Oswald de; ARANHA, Graça; AZEVEDO, Aluisio; BANDEIRA, Manuel; BILAC, Olavo; CAMÕES, Luiz Vaz de; CARVALHO, Ronald de; CARVALHO, Vicente de; DIAS, Gonçalves; FONTES, Martins; HORÁCIO; LOBATO, Monteiro; MACHADO DE ASSIS; MALLARMÉ, Stéphane; MARINETTI; MEYER, Augusto; OLIVEIRA, Alberto de; PROUD'HON, Pierre-Joseph; RENAN, Ernest; RIMBAUD, Arthur; RIO, João do (Pseud. de Paulo Barreto); VERLAINE, Paul; WHITMAN, Walt; ALVES, Castro; VIRGÍLIO; MILLIET, Sérgio; COSTALLAT, Benjamin; COELHO NETO, Henrique; RIBEIRO, João; DEBUSSY, Claude Achille; HOMERO; MACHADO, (Antônio de) Alcântara; L'ISLE-ADAM, Villiers de; MELO, Francisco M. de;

RAMOS, Guerreiro. Sentido da poesia contemporânea. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 1, p. 86-103, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO — Literatura  
**Palavra(s)-chave:** Poesia; Infância; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** “A nobreza do homem é a inquietude”. Grande e eterna poesia: só onde há laivo de angústia, complexo de falta. Contra o orgulho prometeico, herético, do estetismo: criar a beleza a despeito de Deus. Missão do poeta: achar, re-exprimir. Wilde herege (“a vida copia a arte”). Maritain. O poeta não se ama a si mesmo.

As raízes da poesia estão nos confins do homem. O difícil. sentido subterrâneo. Obscuridade luminosa. Poesia e infância: sem fronteiras entre o mundo interior e o exterior: “sua atitude é a do abandono total, do dom absoluto de si. Ser sem reservas. Pudor: consciência do mal. A poesia é infância amadurecida. Há os grandes poetas luciferianos: Baudelair, Byron, Nietzsche: este “estava convencido sem o saber, que Ele estava vivo em seu coração, e a santidade o tentava”. Há Murilo e o drama teândrico. Há o dócil Tasso. Experiência poética sentimental — mais importante que a intelectual — “inconciênte maritainiano” e não freudiano. Espírito em fonte. Adalgisa Neri: expressões inexplicáveis mas apreensíveis. Poesia é estado e não arte (técnica). [Consta epígrafe de Jean Cocteau.]

**Autor(es) citado(s):** JOUBERT, Leo; NERY, Adalgisa; ALMEIDA, Guilherme de; ASSIS, Francisco de; BAUDELAIRE, Charles; BERDIAEV, Nikolai; BILAC, Olavo; CLAUDEL, Paul; COCTEAU, Jean; FONTES, Hermes; FREUD, Sigmund; FRIEDRICH, Carl Joachim; GIDE, André; KEYSERLING, Graf Hermann; LEONTIEF, Wassily; MENDES, Murilo; NIETZSCHE, Friedrich; GASSET, José Ortega y; PASCAL, Blaise; RILKE, Rainer Maria; RIMBAUD, Arthur; AGOSTINHO, Santo; WILDE, Oscar; MARITAIN, Jacques; GRANET, Marcel; VIRGÍLIO; BYRON, (George Gordon) Lord; SILVEIRA, Tasso da; FIGUEIREDO, Jackson de; HOMERO; BOCCACCIO; BLOY, Léon; ROPS, Félicien; TERTULIAN, Nicolas; CHEVALIER, Jacques; DUHAMEL, Georges; HAECKER, Theodor; LACORDAIRE; CORTE, Marcelo de; TRAHERNE, Thomas; KARAN, Francisco.

VIEIRA, Oldegar. Os Haikai. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 1, p. 104-111, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Ideograma; Poesia; Japão

**Nota(s) de resumo:**

Oldegar Vieira. O texto é na verdade o prefácio de um seu livro de Haikais *Folhas de Chá*. Há já quem deles tenha falado no Brasil: Ronald de Carvalho, Afrânio Peixoto, Guilherme de Almeida. Encontram-se infiltrados em quase todas as literaturas. Pela naturalização do Haikai: analogia com a quadra brasileira (silabismo, vogais comuns, ritmos ímpares. Brevidade e síntese. Sugestão. Em oposição à eloquência derramada auditiva. O essencial do Haikai é o eco

na alma. Leitor poeta.

**Autor(es) citado(s):** ALMEIDA, Guilherme de; CARVALHO, Ronald de; PEIXOTO, Afrânio; PETRARCA, Francesco;

ALMEIDA, Guilherme de. Anhangabaú. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 1, p. 115-116, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

RENAULT, Abgar. Sete poemas. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 1, p. 117-123, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** I — Ode ao poeta cristão [Consta dedicatória: “A Antônio Correia de Oliveira”]; II — De Rabindranath Tagore (“The gardener”, LV); III — Selva escura; IV — Melancolia; V — Soneto antigo; IV — Soneto antigo; VII — Ad te clamamus.

TOLEDO, Sérvulo Pompeo de. Três poemas em prosa. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 1, p. 124-129, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** I — A tristeza do santo; II — Destino; III — O Discípulo.

SALGADO, Plínio. Idílios e pastorais. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 1, p. 130-143, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Nota(s) de resumo:** Capítulo do romance *Trepandê*, com ilustrações de Anita Malfati.

**Iconografia:** Ilustrações: três desenhos de Anita Malfati feitos para o romance de Plínio Salgado.

FLEMING, Paulo. Pelo caminho das horas. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 1, p. 144-150, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Iconografia:** Desenho de Joaquim Cardoso, de 1920(?). Da coleção de M. Tavares.

SALES, Almeida. Literatura Brasileira / Graciliano Ramos. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 1, p. 153-159., maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Nome pessoal como assunto:** RAMOS, Graciliano

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Naturalismo; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Angústia como realização mais pessoal e portanto documento fundamental

para a compreensão do temperamento de escritor de Graciliano Ramos. Filiação de Graciliano ao “velho naturalismo literário” que sempre teve como tema favorito “l’histoire d’une vie manquée” (Thibaudet). Graciliano é diferente do resto do “Grupo do norte” (que se caracteriza, em geral, por sucesso editorial, pobreza e insignificância literárias). Obra humana, “sem profundidade mas com muita força de vida e humanidade”. É lamentável que use palavras.

**Autor(es) citado(s):** THIBAUDET, Albert; AMADO, Jorge; CARDOSO, Lúcio; ROMERO, Silvio; ZOLA, Émile;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Um sôfrego da luz inciada. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 1, p. 160-174, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nome pessoal como assunto:** FIGUEIREDO, Jackson de

**Palavra(s)-chave:** Cartas; Ditadura; Catolicismo  
**Nota(s) de resumo:** Caráter único da ascese jacksoniana. Da temeridade nietzscheana à coragem católica. Singular fusão do amor à pátria com o à igreja. Não fugir à ocasião do pecado, mas enfrentá-la.

**Autor(es) citado(s):** CRUZ, San Juan de la; LIMA, Alceu Amoroso; MARQUES, Xavier; MONTAIGNE; NIETZSCHE, Friedrich; PACHECO, Félix; NOGUEIRA, Hamilton; OLIVEIRA, Xavier de; GOURMONT, Remy de; SILVEIRA, Tasso da; HUYSMANS;

ETIENE FILHO, J. Alguns livros brasileiros. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 1, p. 175-183, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Teatro; Poesia; Conto; Literatura

**Nota(s) de resumo:** 1938: ano bom para a literatura. *Idade, sexo e tempo*, Tristão de Ataíde: livro máximo; *Pedagogia*, Pe. Carlos Leoncio, e *Pedagogista catequética*, Pe. Alvaro Negromonte: ambos muito bons. Romances: *Rola-Moça*, João Alfonsus: penetração, sutileza, realismo comedido e suave romantismo; *O feijão e o sonho*, Orígenes Lessa: marcante apesar do título horrível; *Olhai os lírios do campo*, Érico Veríssimo: melhor romance do ano; *Amanhecer*, Lúcia Miguel Pereira: fino presente, ainda que esmagante e enervante (Aparecida lembra Julie do filme *Jesebel*); *Pedra bonita*, José Lins do Rego: aquém do nome, da fama e de alguns livros anteriores do autor. Poesia: *Aleluia*, Ivan Ribeiro:

livro vivo e altaneiro; *Novos poemas*, Vinicius de Moraes: aquém de *Forma e exegese*; *Antologia da poesia parnasiana*, Manuel Bandeira: sábia escolha e comentário; *Túnica inconsutil*, Jorge de Lima: posição especial, sabiamente comentado por Oscar Mendes; livro de versos de Murilo Mendes “título rebuscado e horrível”; *Obras Completas* de Alfonsus de Guimarães: publicação de inestimável valor; Contos: *História puxa história*, Gastão Cruls: desenvolvimento mas não grandioso; *Nove histórias tranqüilas*, Telmo Vergara: conteúdo aquém do título; *Irmandade*, Newton Sampaio: editado pelos *Cadernos da hora presente*, deve ser bom; Biografias: *Eça de Queiroz e o século XIX*, Viana Moog: digno de Eça; *A vida dramática de Euclides da Cunha*, Elói Pontes: ainda bem que o autor não fala muito; *Silvio Romero*, Carlos Sussekind Mendonça: o mesmo se aplica. Obras políticas: *Problema de direito corporativo*, Oliveira Viana: seriedade e honestidade intelectual. Traduções: Emily Bronte por Oscar Mendes: régia e rebuscada; *Manohilescio* por Azevedo Amaral; *Jesus, le christ* de Karl Adam, por Gustavo Barroso: importantíssima apesar das falhas. Livro à parte: *Correspondência* de Jackson de Figueiredo: revelações da grande alma deste grande incompreendido. Os que nada nos deram; Tasso da Silveira, Muricy, Lúcio Cardoso, José Geraldo Vieira, Barreto Filho, Marques Rêbello, Jorge Amado. Teatro: faz furor lá fora (*Asmodee* de Mauriac, *Noces de sangre* [sic], de Lorca), aqui continua paupérrimo: *Marquesa de Santos*, de Viriato Correia, *Mentirosa* de Raimundo Magalhães, e outras que tais de Paulo Magalhães, Eurico Silva: abaixo da crítica. Minas Gerais: segunda edição do *Amanuense Belmiro*; *Último canto da tarde* de Alberto Olavo (ou Mário Matos), *Canto perene* de Célio Goiatá; Aires da Mata Machado Filho (recorde: quatro livros); *Os brutos* de José Bezerra Gomes: talento desperdiçado. Os que calaram: Oscar Mendes, Eduardo Frieiro, Emilio Moura, Francisco Magalhães Gomes, Henriqueta Lisboa, Mário Casasanta. Os novos calados: Alphonsus Guimarães Filho, Nazareno Alphonsus, Edgar Mata Machado (que anunciou *Tentação das direitas*), Milton Amado, Geraldo Ribas, Álvares de Oliveira, Carminha Gouthier, Eurídice Fernandes, ntônio Lisboa, Geraldo Mendes Barros, Cid Rabelo Horta, Armando Más Leite. Nossa literatura vai caminhando, ora se vai.

ESCOREL, Lauro. Amanhecer. (PEREIRA,

Lucia Miguel. *Amanhecer*, Rio de Janeiro, José Olympio, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 1, p. 183-184, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Nome pessoal como assunto:** PEREIRA, Lúcia Miguel

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance

**Nota(s) de resumo:** Lúcia Miguel Pereira tem talento e qualidades reais de escritora. Inteligência e compreensão crítica já demonstradas em seu ensaio sobre a personalidade de Machado de Assis. Se não é um grande romance é ao menos bastante apreciável.

**Autor(es) citado(s):** MACHADO DE ASSIS;

SILVEIRA, Tasso da. Os de hoje. (VITOR, Nestor. *Os de hoje*, São Paulo, Cultura Moderna, s. d.)

*Cadernos da Hora Presente*, n.º 1, p. 184-185, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Nome pessoal como assunto:** VITOR, Nestor

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Crítica; Modernismo; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Atualidade e delícia das páginas de Nestor Vitor. Amorosa compreensividade pelas ânsias dos mais novos.

SILVEIRA, Tasso da. Olhai os lírios do campo. (VERÍSSIMO, Érico. *Olhai os lírios do campo*, s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 1, p. 185-186, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Nome pessoal como assunto:** VERÍSSIMO, Érico

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance

**Nota(s) de resumo:** O melhor livro de Érico Verissimo. Superior equilíbrio, sobretudo na primeira parte do romance. Segunda: excesso dissertativo (em oposição à vida, substância mesma do genuíno romance). Definitivamente conquistado para a grande arte duradoura “que é a que põe um pouco de eternidade no seu modelado efêmero”.

S. B. Condições higiênicas e sociais do trabalhador dos engenhos de Pernambuco. (DIAS, Públio. *Condições higiênicas e sociais do trabalhador dos engenhos de Pernambuco*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 1, p. 186-

187, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Sociologia

**Nota(s) de resumo:** Importante contribuição para o estudo das condições de vida do trabalhador rural nordestino.

GUIMARÃES, Mário Mázei. Quarta dimensão. (GRACIOTI, Mário. São Paulo, Cultura Moderna, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 1, p. 187-189, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; São Paulo; Conto

**Nota(s) de resumo:** Mário Gracioti é um escritor que demonstra a falsidade da asserção de que São Paulo não produz mais literatura de envergadura desde a geração de 22. Há inteligências novas, fortes e inquietas em São Paulo, o que falta é vontade de produzir e espírito de construção.

**Autor(es) citado(s):** ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; LOBATO, Monteiro; PIRANDELLO, Luigi; SALGADO, Plínio;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. O romance brasileiro. (MONTENEGRO, Olívio. *O romance brasileiro*, s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 1, p. 189-190, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance

**Nota(s) de resumo:** Crítica de livre atirador, demasiado parcial. Parte mais interessante: considerações de ordem geral sobre o romance. Combate à intenção maliciosa dos nossos intelectuais de esquerda ao fazerem romance ideológico). Esquece alguns dos maiores nomes de nossa literatura.

**Autor(es) citado(s):** FREYRE, Gilberto;

A. C. Três livros da biblioteca clássica da "Atena Editora". *Cadernos da Hora Presente*, n.º 1, p. 190, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Literatura

**Nota(s) de resumo:** *O príncipe* de Machiavelli; *Candido*, de Voltaire e *Tartarin de Tarascon* de Alphonse Daudet. Todos os três sempre atuais.

MURICY, José Cândido de Andrade. Música e poesia (Carta aberta a Tristão de Ataíde). *Cadernos da Hora Presente*, n.º 1, p. 192-200,

maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO — Literatura  
**Nome pessoal como assunto:** SOUSA, Cruz e  
**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia; Polêmica; Simbolismo

**Nota(s) de resumo:** Ponto de (contra)partida: afirmação de Tristão de Athayde: "Pois havia em Cruz e Souza, no meio de um tumulto genial, grandes escórias retóricas". E de que Cruz e Souza peca pela eloquência. Intemperança verbal e não escória retórica. Sinfonia ao invés da música de câmara de um Verlaine. Eloquência no bom sentido: persuasão e não má e inútil oratória. Música bárbara e religiosidade: não frases feitas mas um retumbo ancestral de batuque. Era um primitivo perdido nas fôrmas, na indumentária ocidental, européa. Mais poeta e mais religioso embora menos artista e menos católico que Alphonsus. A música e o conceito: por vezes inadequação entre a expressão musical e a conceitual. Exagero e vagueza, mas força e sugestividade. Inegável liderança do movimento simbolista.

**Autor(es) citado(s):** BANDEIRA, Manuel; CLAUDEL, Paul; FAURE, Jean; GUIMARAENS, (João) Alphonsus de; LIMA, Alceu Amoroso; MOZART, Wolfgang Amadeus; PERNETTA, Emiliano; PORTINARI, Candido; SCHUMANN, Robert; STRAVINSKY, Igor; VALÉRY, Paul; VERÍSSIMO, José; VERLAINE, Paul; VILLA-LOBOS, Heitor; ALVES, Castro; HUGO, Victor; DONGEN, Van; FIGUEIREDO, Jackson de; BEETHOVEN, Ludwig van; POULENC, Francis; DEBUSSY, Claude Achille; BACH, Johann Sebastian; REZENDE, Enrique de.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. SOUSA, Cruz e. Antologia. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 1, p. 200-207, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** "Monja" (*Broquéis*); "Noiva da agonia" (*Broquéis*); "Enlêvo" (fac-símile manuscrito); "Tortura Eterna" (*Broquéis*); "Meu filho" (*Faróis*); "Caminho da gloria" (*Últimos sonetos*); "Vida obscura" (*Últimos sonetos*); "Quando será?" (*Últimos sonetos*).

FIGUEIREDO, Jackson de. Farias Brito. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 1, p. 208-209, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nome pessoal como assunto:** BRITO, Farias

**Nota(s) de resumo:** Jackson de Figueiredo:

Farias Brito “viva encarnação da bondade” é “a maior afirmação de nossa consciência”. Clóvis Bevilacqua: Farias “é um filósofo”. [Segue publicidade: “Os novos films “Isochrom” e “Isopan” (“Grãofino”) e “Francisco Stela, S. Portugal Gouveia e Sérvulo P. de Toledo — Advogados].

SCHMIDT, Augusto Frederico. Dois poemas. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 1, p. 212-214, maio, 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** Os poemas são “Ouviremos a voz do outono” e “Elegia”. Ambos de 27-02-1939.

FARIA, Otávio de. Fronteiras da Santidade — Pascal e Léon Bloy. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 2, p. 5-142, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** BLOY, Léon

**Palavra(s)-chave:** Religião; Literatura; França; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** Introdução: Pascal e Léon Bloy são os dois maiores pensadores fiéis ao Deus vivo. E dos poucos que se pode chamar também de perfeitos católicos. A religião do Deus vivo, em cujas mãos é terrível cair, se opõe aos sistemas (como o tomismo...) que fecham, que racionalizam artificialmente o absurdo, o escândalo, a “loucura da Cruz”. Só Pascal e Bloy juntos formam uma oposição válida à visão de Nietzsche (que continua sendo o homem mais genial que já existiu). Só Jesus é o caminho para Deus. O santo é sempre um estrangeiro.

I Parte: Léon Bloy. Após os juvenis “entusiasmos comunistas ingênuos e inofensivos” e as “afirmações gritantes de ódio ao Cristo e sua igreja”, a súbita conversão ocasionada pela “contemplação” de Barbey d’Aurevilly. Tomada de consciência da missão sobrenatural anunciada já antes de seu nascimento. 4 anos de tensão moral com Ana Maria que foi de puta a santa e de santa a louca. Encontro com a esposa ideal, Jeanne. Miséria, mendicância contínua (2 filhos mortos em 1895). “Conspiração do silêncio”: burgueses e católicos (burgueses) contra Bloy. Mas nunca se dobrou aos porcos. Constante martírio, constante fé.

II Parte: A serviço do absoluto. Bloy, assim como Nietzsche, sabia valer muito mais que seus contemporâneos. Mas, ao contrário Deste, era humilde diante de Deus. Barroco, excessivo, “tudo nele fere o sentido da medida e a

regularidade das formas”, “sim ou não”, não tergiversa nem distingue, é em bloco, verdadeiro “Gênio de incompreensão”, nada de simpatia, intolerância para com as fraquezas, oposto ao homem de pensamento francês fino e compreensivo. Mas é preciso aceitá-lo inteiro, sem amenizações, pois que “tirar-lhe o excesso é tirar-lhe tudo. “Somente o que é absoluto é verdadeiro”. Valor absoluto de cada gesto, que interfere no todo do Universo. “Todo cristão sem heroísmo é um porco”. “Quando quero saber as últimas novidades leio S. Paulo”. “Continuamos a cair sempre”. “Todos são culpados por todos”. Pela teocracia absoluta.

[Constam epígrafes: geral: do próprio Octavio e de Léon Bloy; Introdução: São Paulo; I Parte: Verlaine e Bloy; II Parte: São Mateus.]

**Autor(es) citado(s):** PASCAL, Blaise; ORÍGENES; AGOSTINHO, Santo; BERNARDO, São; CRUZ, San Juan de la; KIERKEGAARD; DOSTOIEVSKI; ALIGHIERI, Dante; ANGELO, Miguel; BACH, Johann Sebastian; BEETHOVEN, Ludwig van; RIVIÈRE, Jacques; ARISTÓTELES; AQUINO, Santo Thomas de; SPINOZA, (Baruch); DESCARTES, René; MONTAIGNE; CHESTERTON, Gilbert Keith; BLAKE, William; NIETZSCHE, Friedrich; SOLOVIOV; BERNANOS, Georges; GREEN, Julien; IBSEN, Henrik; VALÉRY, Paul; PUSHKIN; GOETHE; RACINE; DAUDET, Leon; SCHELER, Max; GOGOL; TOLSTOI, Leon; LEONTIEF, Wassily; KEATS, John; WHITMAN, Walt; MAISTRE, Joseph de; BERGSON, Henri; BAUDELAIRE, Charles; RIMBAUD, Arthur; GIDE, André; CLAUDEL, Paul; BERDIAEV, Nikolai; LOYOLA, Santo Inacio de; BOSSUET, Jacques-Benigne; VERLAINE, Paul; D’AUREVILLY, Barbey; BOURGET, Paul; HUYSMANS; BRUNETIÈRE, Ferdinand; PÉLADAN; CROMWELL, Thomas; CARLYLE, Thomas; PIRANDELLO, Luigi; ZOLA, Émile; RENAN, Ernest; MAUPASSANT, Guy de; DAUDET, Alphonse; LOTI; MARITAIN, Jacques; LAWRENCE, D. H.; SPENGLER, Oswald; MARX, Karl; HEBBEL, Friedrich; BOS, Charles Du; MAURIAC, François; PÉGUY, Charles; L’ISLE-ADAM, Villiers de; CHAPLIN, Charles; FICHTE, Johan Gottlieb; HEGEL; SCHOPENHAUER, Arthur; RODIN, Auguste; CÉZANNE, Paul; BARRÈS, Maurice; MAURRAS, Charles; SHAKESPEARE, William; TINTORETTO; GRECO, El; STENDHAL,

(Pseud. de Henri-Marie Beyle); MALLARME, Stéphane; RILKE, Rainer Maria; GEORGE, Stephan; GIRADOUX; PROUST, Marcel; MUSSET, Alfred de; CHESTOV; FEBVRE, Lucien; FUMET, Stanislas; SÃO MATEUS; SÃO PAULO, TERTULIANO, SCHWOB, René; ROZANOF; SUARÈS, André; FEODOROF; STEWART, H.F.; VEUILLOT; COPPÉE; COLLEYE, Hubert.; DIDON, P.; DRUMONT, Édouard; BARUZI; SANTA TEREZA; HALPÉRINE-KAMINSKY, E.; FONDANE, Benjamin; CHEVALIER, Jacques; FESTUGIÈRE, J. A.; GUNDOLF; BERTRAM; SEILLÈRE, Ernsts

MENDES, Oscar. Literatura brasileira / Poetas de Minas. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 2, p. 143-150, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Literatura; Poesia; Brasil; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Os devotos mineiros da santa poesia: Mineiros fora de Minas: Carlos Drummond de Andrade: ausente sempre presente, pessimismo sereno, veio epigramático, ironia e emoção. Murilo Mendes: poeta isolado, “espantinho fazendo tutú ao bom senso dos homens assentados” Individualista, indisciplinado, insubmisso, infenso aos cânones. Parece Carlitos. Ri ou nega o rótulo de super-realista. Murilo de Araújo: alma sensível, une-se com a natureza nas suas expansões alegres de viver. Finos e profundos poetas: Abgar Renault, Afonso Arinos de Melo Franco, Lúcio Cardoso. — Os que estão em Minas: MOURA, Emílio; MEYER, Vinícius; MACEDO, Melo; MENEGALE, Heli; ANDRADE, Djalma; CESAR, Guilhermino; ALPHONSUS, João; ARMOND, Honório; FUSCO, Rosário; NAVA, Pedro; VASCONCELOS, Agripa; ARAÚJO, José Osvaldo de; LIMA, Noraldino de; MACHADO, Brito; RUBIÃO, Eugênio, SANTIAGO, Batista; MORAIS, Albano de; BARRETO, Abílio; BOLÍVAR, Arduíno; MATOS, Mário; Legião de novos: AMARO, Austen; MOTA, Dantas; GOIATÁ, Célio; BELEZA, Newton; CANÇADO, Melo; OLIVEIRA, Maciel de; SILVEIRA, Peixoto da; LEITE, Otávio Dias; SARAIVA, Paulo; APARECIDA, Nilo; GUIMARÃES FILHO, Alphonsus de; ALPHONSUS, Nazareno; AMADO, Milton; ETIENNE FILHO, João; LEITE, Armando Más. Poetisas: LISBOA, Henriqueta; SANTIAGO,

Miata; BARCELOS, Edelweiss; MELO, Carmen; GOUTHIER, Carminha S.; FERNANDES, Eurídice.

**Autor(es) citado(s):** ANDRADE, Carlos Drummond de; MENDES, Murilo; RENAULT, Abgar; FRANCO, Afonso Arinos de Mello; CARDOSO, Lúcio; MOURA, Emílio; BOCAGE; CESAR, Guilhermino; ALPHONSUS, João; FUSCO, Rosário; NAVA, Pedro; LISBOA, Henriqueta; etc.

G. S. Literatura brasileira / A vida dramática de Euclides da Cunha. (PONTES, Eloi, *A vida dramática de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro, José Olympio, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 2, p. 150-151, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** CUNHA, Euclides da

**Palavra(s)-chave:** Literatura; Biografia; Brasil

**Nota(s) de resumo:** Eloi Pontes tenta descrever “o ambiente em que o gênio da nossa América se agitava como um corpo estranho, invariavelmente desambientado”, mas deixa muito a desejar por falta de profundidade. Não faz crítica, apenas biografia. Euclides requer séria interpretação e suas falhas doutrinárias retificações.

SILVEIRA, Tasso da. Literatura brasileira / Correspondência de Jackson de Figueiredo. (FIGUEIREDO, Jackson. *Correspondência*. Editora A.B.C.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 2, p. 151, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** FIGUEIREDO, Jackson de

**Palavra(s)-chave:** Filosofia; Catolicismo; Brasil; Cartas

**Nota(s) de resumo:** O “insigne lidador do espírito” “exerceu a maior influência que já foi dado exercer sobre nós” e as cartas são a melhor demonstração disso. Constam do volume uma “introdução magistral” de Barreto Filho e um “magnífico estudo” de Alceu Amoroso Lima.

**Autor(es) citado(s):** BARRETO FILHO, Mello; LIMA, Alceu Amoroso;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Literatura brasileira / Geração decisiva. (PENAFIEL, Álvaro. *Geração decisiva*. Rio de Janeiro, Schmidt, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 2, p. 151-152, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Política; Filosofia; Brasil

**Nota(s) de resumo:** Livro que revela um pulso firme de pensador lúcido, tratando de questões importantes para o destino de nossa pátria, desvendando as contradições do marxismo e pregando a “insatisfação como norma”.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros recebidos. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 2, 151-152, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Bibliografia; Relações raciais; Biografia

**Nota(s) de resumo:** Dante, G. Bertoni, Atena Editora; Jesus, E. Buonaiuti, Atena Editora; *Apologia do Catolicismo*, E. Buonaiuti, Atena Editora; *Apologia do Budismo*, C. Formichi, Atena Editora.

ESCOREL, Lauro. Literatura Estrangeira / O *Journal* de Julien Green. (GREEN, Julien. *Journal* (1928-34) s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 2, p. 153-157, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** GREEN, Julien

**Palavra(s)-chave:** Literatura; França; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Embora, como nota Mauriac, o “journal” seja sempre literário, é uma emoção deparar-se com o “journal” de um escritor que se admira. Julien Green é um dos grandes representantes do romance moderno. O romancista autêntico não inventa, “adivinha e traduz pela arte a íntima e substancial realidade da vida”. Mas também não se trata de repetir o real e sim de encontrar o seu “íntimo sentido”. O “journal” de Green não tem o tom de confissão, mas não se trata de uma mera reunião de observações secundárias. Revela-se sua angústia proustiana diante do tempo “qui s’écoule”. “Phobie de la mort” e ao mesmo tempo reconhecimento de seu charme. Individualismo: contra a absorção política do espírito no totalitarismo.

**Autor(es) citado(s):** RACINE; MAURIAC, François; GIDE, André; DOSTOIEVSKI; PROUST, Marcel;

ADONIAS FILHO. Literatura estrangeira / La clé des champs. (BARING, Maurice. *La clé des champs*. Paris, Librairie Stock, s. d. Tradução de Marthe Duproix). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 2, p. 157-158, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA —

Literatura

**Palavra(s)-chave:** Literatura; Romance; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Um dos melhores romances desta hora, repleto de um “imenso e estranho subjetivismo” e de uma “densa imaterialidade”. Seu autor é um “sonhador de mundos desconhecidos” que “ama a paz na alegria natural”.

**Autor(es) citado(s):** SHAKESPEARE, William; PUSHKIN; KIPLING, Rudyard;

ADONIAS FILHO. Literatura estrangeira / Magnolia-Jules. (HAEDENS, Kleber. *Magnolia-Jules*. Paris, Ed. Correia, 1938). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 2, p. 158-159, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA —

Literatura

**Palavra(s)-chave:** Literatura; Romance; França; Século XX

**Nota(s) de resumo:** O livro, ao qual falta alma, representa uma “inteligência introvertida”, a do autor, “sacrificada à sátira e à busca de originalidade”. Temperamento de romancista a ser salvo.

**Autor(es) citado(s):** BRASILACH, Robert.

FIGUEIREDO, Jackson de. Arquivo / Três cartas de Jackson de Figueiredo. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 2, p. 160-161, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** CORRESPONDÊNCIA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia; Escritores; Cartas

**Nota(s) de resumo:** Todas a Almeida Magalhães. 1ª (fac-similar) de 02-02-1919; 2ª — 18-10-27: “Foi como deve ser sempre: pancada forte na cabeça dos que nos envenenam”(a propósito de um artigo de Almeida Magalhães sobre Farias Brito); 3ª — 16-11-1918: “E eis, meu bom amigo, ao fragor da onda revolucionária que derrotou, no Ocidente, ou tenta derrotar todas as classes conservadoras, o que sofria um pobre filósofo reacionário radical e que é seu amigo, certo e sincero amigo”.

**Autor(es) citado(s):** BRITO, Farias; OITICICA, José; MARQUES, Xavier;

MAURÍCIO, José. Meia hora / Com Tomás Teran. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 2, p. 162-166, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** REPORTAGEM

**Nome pessoal como assunto:** TERÁN, Tomás



**Palavra(s)-chave:** Música; Espanha; Brasil; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Terán, cidadão carioca — Marcas de piano — Bach e a “bíblia” musical (o “cravo bem temperado”) — Scarlatti e El Greco — Beethoven, Brahms, Chopin (“Não há música moderna”, “Há coisas de Bach moderníssimas”, “O que há hoje é uma deslumbrante variedade”) — Franco e Millan Astray (Franco é um “homem de tremenda coragem” embora Astray seja ainda maior) — Um transfigurador virá (talvez seja Franco o “homem destinado a transfigurar a Espanha”, “Os políticos que fizeram a República (...) deram entrada a forças desagregadoras”) — O conflito espanhol e sua vítima (o povo) — Jacques-Émile Blanche — Uma anedota (Dr. Blanche (pai de J.E. Blanche), um yankee, um louco e Balzac — o yankee pensa que Balzac é o louco) — Villa-Lobos, um fenômeno surpreendente (“mestre para o mundo inteiro”, “sua intenção de brasilidade é secundária”) — Alma do Brasil — Qualidades e defeitos (de um lado: mansuetude, bondade, hospitalidade, inteligência vivaz, dom de improvisar; de outro: exagero na improvisação, incapacidade de se “submeter a métodos severos”) — Livros brasileiros.

**Autor(es) citado(s):** BACH, Johann Sebastian; SCARLATTI, Domenico; GRECO, El; BEETHOVEN, Ludwig van; CHOPIN; SCHUBERT, Franz; RUSSEL, Bertrand; BALZAC, Honoré de; VILLA-LOBOS, Heitor; MACHADO DE ASSIS; SALGADO, Plínio;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / O caso Machado de Assis. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 2, p. 167-169, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** MACHADO DE ASSIS

**Palavra(s)-chave:** Literatura; Brasil; Escritores; Século XIX

**Nota(s) de resumo:** O centenário está servindo para que se faça uma revisão das leituras de Machado de Assis. Contra uma leitura predominante que vê nele um “Anatole France do Brasil”, um “jongleur da ironia”, esforçado, submisso, medíocre e medroso, recentemente endossada pelo Secretário de Educação do Rio Grande do Sul: “Machado é um destilador de venenos sutis”, um penetrante crítico sobre ele escreve em 1931 estudando o otimismo de Machado: sua busca por uma fundamentação da

cultura brasileira.

**Autor(es) citado(s):** BEETHOVEN, Ludwig van; WAGNER, Richard; GREEN, Julien;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Roger Martin du Gard. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 2, 169-171, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME — Literatura

**Nome pessoal como assunto:** GARD, Roger Martin du

**Palavra(s)-chave:** Literatura; França; Prêmio; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Honesto e imenso trabalho deste membro do grupo da N.R.F., vencedor do prêmio Nobel de literatura de 37.

**Autor(es) citado(s):** GALLIMARD, Gaston; COUPEAU; SCHLUMBERGER; LALOU, René; GIDE, André.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / O livro argentino em Paris. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 2, p. 170-171, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Literatura; Argentina; França  
**Nota(s) de resumo:** Exposição que “assinalará mais uma conquista no sentido de estreitar a influência espiritual que a França exerce sobre os países sul-americanos”. Valéry fez o discurso de abertura. Sarmiento, Gozeles e Hernandez já se encontram traduzidos em francês.

**Autor(es) citado(s):** SARMIENTO, Domingo Faustino; HERNANDEZ, José; GOZELES; VALÉRY, Paul;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Uma reportagem sobre Ferreira de Castro. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 2, p. 171, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nome pessoal como assunto:** CASTRO, Ferreira de

**Palavra(s)-chave:** Tradução; Brasil; França; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Raymond Millet publicou em *Nouvelles Littéraires* a reportagem “na floresta virgem da Amazônia com Ferreira de Castro e Blaise Cendrars” escrita a partir de um encontro com ambos num café parisiense. Blaise traduziu *A Selva* como *La forêt vierge* e tem uma vida de aventuras como Ferreira de Castro. *A Selva* já foi traduzido em 15 línguas”.

**Autor(es) citado(s):** MILLET, Raymond; CENDRARS, Blaise;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Gustavo Dodt. (DODT, Gustavo. *Descrição dos índios habitantes das zonas regadas pelos rios Parnaíba e Gurupi*, s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 2, p. 172, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Folclore; Etnografia; Indianismo

**Nota(s) de resumo:** Gustavo Barroso traz grande contribuição para o conhecimento de nossa cultura promovendo a reedição do livro deste engenheiro vindo de Hanover, folclorista e etnógrafo.

**Autor(es) citado(s):** BARROSO, Gustavo;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Defesa da produção intelectual. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 2, p. 172, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Direito; Intelectual; Cinema

**Nota(s) de resumo:** Primeiro caso nos tribunais brasileiros de defesa da produção intelectual. Miroel Silveira e Alberto Leal contra a "Cia Americana de filmes" que abriu edital mas não julgou os roteiros dos candidatos.

Autor citado: LEAL, Alberto.

**Autor(es) citado(s):** SILVEIRA, Miroel;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Rocha Laures Sobrinho. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 2, p. 172, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Morte; Brasil; Paraná; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Morte de João Alves Rocha Laures Sobrinho, paranaense divulgador da obra de Pontes Miranda.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / A volta de Otávio de Faria. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 2, p. 173, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nome pessoal como assunto:** FARIA, Otávio de

**Palavra(s)-chave:** Europa; Fascismo; Guerra

**Nota(s) de resumo:** Otávio de Faria, de volta da Europa, após estadia na França e na Inglaterra declarou "que era magnífica a situação da Itália"

e que "Paris, no sentido político, não tinha possibilidades para resistir ao eixo Roma-Berlim".

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Abgar Renault. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 2, p. 173, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nome pessoal como assunto:** RENAULT, Abgar  
**Palavra(s)-chave:** Brasil; Política; Educação; São Paulo

**Nota(s) de resumo:** Abgar Renault, Diretor do Departamento Nacional de Educação, e colaborador dos "Cadernos" veio visitar São Paulo.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Prêmio Humberto de Campos. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 2, p. 173, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nome pessoal como assunto:** JARDIM, Luis

**Palavra(s)-chave:** Literatura; Brasil; Prêmio; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Luis Jardim recebeu o prêmio Humberto de Campos por "Maria perigosa". Já o tinham recebido Gilberto Freyre e Telmo Vergara

**Autor(es) citado(s):** FREYRE, Gilberto; VERGARA, Telmo.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Tentativa. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 2, p. 173, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Periodismo; Brasil; Século XX; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** A mocidade católica de Belo Horizonte já tem sua revista de cultura: "Tentativa". Diretor: Hélio Ribeiro. Colaboradores: Armando Más Leite e J. Etienne Filho.

**Autor(es) citado(s):** RIBEIRO, Hélio; LEITE, Armando Más; ETIENNE FILHO, J.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Nordeste. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 2, p. 174, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Periodismo; Brasil; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Revista que diz buscar a "síntese de todas questões que dizem respeito ao desenvolvimento material e espiritual da Nação".

Diretores LIMA, Edmundo de Melo; MELO, Manuel Rodrigues.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Roteiro. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 2, p. 174, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Periodismo; Brasil; São Paulo; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Quinzenário cultural paulista. Dir. CARVALHO, Genauro. Redator-chefe: MACIEL FILHO, J.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Revista Brasileira de Geografia. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 2, p. 174, jun., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Periodismo; Brasil; Geografia; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Esta revista, publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística vem preencher a lacuna de uma publicação brasileira idêntica a *The National Geographic Magazine*.

[Segue quadrinho (3 linhas) sobre a profundidade de Farias Brito, por Andrade Muricy.]

[p. 175: depoimento (15 linhas) de Clóvis Bevilacqua sobre Farias Brito: "É um filósofo".]

[p. 176: Depoimento de Oliveira Lima (15 linhas) sobre Farias Brito: "Fundador da filosofia brasileira"; Jonatas Serrano (4 linhas). "Foi quem mais se aproximou do verdadeiro filósofo"; José Oiticica (4 linhas).]

ESCOREL, Lauro. Cultura da personalidade. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 5-25, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Humanismo; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** O mundo moderno, em todas as suas manifestações políticas hegemônicas — capitalismo e democratismo de um lado, nazifascismo e comunismo do outro — contradiz o que seria uma sociedade moldada pelo cristianismo. Daí a necessidade de os cristãos fazerem política visando a restauração dos valores, absolutos, da "pessoa humana" — bem supremo depois de Deus — do Eu interior e consciente em oposição à superficialidade e obscuridade dos desejos do indivíduo (restrito à natureza humana que equivale ao Mal).

[Segue pequeno depoimento de Roberto Paterson a cerca da importância de Farias Brito (7 linhas).]

**Autor(es) citado(s):** BERDIAEV, Nikolai; GASSET, José Ortega y; MARITAIN, Jacques; CUSA, Nicolau de; LECLERCQ, J.; CARREL, Alexis; ROPS, Daniel.

LIMA, Alceu Amoroso. Palavras aos moços. (Discurso de paraninfo da turma dos bacharelados do Colégio S. Vicente de Paula, em dezembro de 1938) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 26-36., jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Adolescência; Catolicismo; Discurso

**Nota(s) de resumo:** Momento de transmitir sua experiência exercendo o dever da multiplicação do bem, momento também de crescer pelo contato rejuvenescedor. E esses jovens de elite devem também crescer — intelectual, moral e espiritualmente, e multiplicar (reservar para o futuro, mas também estender ao próximo) para serem dignos dos privilégios de que gozam como minoria dominante. Moldai vossa vida pela lição! [Segue depoimento de Lacerda de Almeida sobre a importância de Farias Brito (14 linhas).]

**Autor(es) citado(s):** KANT, (Immanuel); NIETZSCHE, Friedrich; MARITAIN, Jacques; HOBBS, Thomas;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. SALGADO, Plínio. A mensagem. (Capítulo III da "Vida de Jesus", s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 37-43, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

SILVEIRA, Tasso da. Desenvolvimento orgânico da literatura brasileira. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 44-64, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Literatura

**Nota(s) de resumo:** A realidade brasileira é complexíssima e portanto não permite juízos peremptórios (em especial aqueles ditados pelo ceticismo). Nossa literatura apresenta sim um desenvolvimento orgânico (faz sistema), embora não fechado em si mesmo, impermeável a influências externas. Mas isso, a Literatura Comparada o ensina, ocorre com toda e qualquer literatura. Divide-se em três épocas: formação, afirmação e complexificação. Todas influenciadas por movimentos estrangeiros, mas atravessadas pelo que há de característico em nossa psique. Mesmo o romantismo, que na Europa liga-se à revolução, e portanto à negação, é entre nós afirmador. Ainda que estejamos longe

de alcançar a síntese perfeita de raças, sangues, climas... numa serenidade, num equilíbrio superior, podemos nos orgulhar de estarmos construindo um sentido que é o sonho de fazer do Brasil “o país de mais profundo destino do planeta.

[Segue quadrinho (8 linhas) sobre a importância de Farias Brito escrito pelo Pe. Leonel Franca.]

**Autor(es) citado(s):** SILVEIRA NETO; BARRÈS, Maurice; ALENCAR, José de; ALIGHIERI, Dante; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANJOS, Augusto dos; ARARIPE JR., Tristão de Alencar; BANDEIRA, Manuel; BARRETO, Afonso Henriques de Lima; BERNARDI, Mansueto; BRITO, Farias; CAMÕES, Luiz Vaz de; CARVALHO, Ronald de; SOUSA, Cruz e; CUNHA, Euclides da; DIAS, Gonçalves; DOSTOIEVSKI; FONTES, Hermes; FREIRE, Junqueira; GONZAGA, Tomás Antônio; GUIMARAENS, (João) Alphonsus de; IBSEN, Henrik; LEONI, Raul de; LIMA, Jorge de; MACHADO, Gilka; MAURRAS, Charles; MENDES, Murilo; MEYER, Augusto; NIETZSCHE, Friedrich; PASCAL, Blaise; PERNETTA, Emiliano; ALEGRE, Manuel de Araújo Porto; PROUST, Marcel; ROLLAND, Romain; ROMERO, Silvio; TORRES, Alberto; VARELA, Luis Nicolau Fagundes; VERÍSSIMO, José; VITOR, Nestor; MAGALHÃES, Gonçalves de; ALVES, Castro; ARINOS, Paulo; TIEGHEM, Paul van; MEIRELES, Cecília; MARITAIN, Jacques; VOLTAIRE, François; SILVA, Pereira da; RIBEIRO, João; FIGUEIREDO, Jackson de; ABREU, Casimiro de; MAETERLINCK; CAMINHA, Pero Vaz de; KARAM, Francisco; ALMEIDA, Pádua de.

QUEIRÓS FILHO, A de. O romantismo — crepúsculo de uma cultura. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 65-70, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO — Literatura  
**Palavra(s)-chave:** Renascimento; Cultura; Romantismo

**Nota(s) de resumo:** Descompasso entre civilização e cultura. Essa, que determina o “mundo interior do Homem”, está sempre a frente daquela, que a objetiva na medida do possível, determinando o mundo exterior dos homens. O romantismo foi o crepúsculo da cultura renascentista. No momento em que a civilização realizava o mínimo da cultura renascentista, uma elite do pensamento entregava-se à indisciplina à revolta e ao sentimento de isolamento e de

ausência de solidariedade para com o mundo.

[Segue quadrinho (10 linhas) sobre a importância de Farias Brito escrito por Mota Filho. “Não é mais Monte Alverne e o Visconde de Cairú. Não é mais Tobias Barreto e Silvio Romero. Não é mais Teixeira Mendes. É uma totalização filosófica, de estrutura robusta.”]

**Autor(es) citado(s):** BERDIAEV, Nikolai; SPENGLER, Oswald; VIGNY, Alfred de; REYNOLD, Gonzague de

ÁVILA, Aristides. Anti-Fábula. (Prólogo do livro inédito “o talento dos irracionais). *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 71-73, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Literatura

**Nota(s) de resumo:** Esôpo e Fedro: ex-escravos cuja dissimulada vingança encontra-se nas fábulas. La Fontaine: último avatar. Fábula do irlandês e do leão: fossem os leões escultores... Ponto de vista. Ignorância humana do talento dos irracionais que, se escrevessem, oporiam a cada fábula uma anti-fábula.

**Autor(es) citado(s):** FEDRO; FONTAINE, (Jean de) La; ESOPO;

MACHADO FILHO, Aires da Mata. Sob o signo do diamante. (Do livro a sair “O negro e o garimpo em Minas”). *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 74-77, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Brasil

**Nota(s) de resumo:** No arraial de São João da Chapada todos são mineradores por atavismo. Miséria e esperança. Aposto. Jogo. Gasto (quando têm). Imprevidência.

[Segue quadrinho (3 linhas) sobre a importância de Farias Brito escrito por Xavier Marques].

**Autor(es) citado(s):** LIMA, Alceu Amoroso;

ITIBERÊ, Basílio. Iniciação ao folclore-musical. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 78-81, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Metodologia de pesquisa; Folclore; Música

**Nota(s) de resumo:** Folclore como substractum da grande arte. Obras-primas inconscientes, sem teoria ou disciplina. Importância para a compreensão da arte nacional. Problema metodológico: musicologia ou sociologia? Necessária interpenetração. O trabalho deve

seguir os seguintes passos: colheita das melodias; seleção; elaboração; catalogação.

SILOS, José Honório de. Reminiscências de Euclides da Cunha. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 82-93, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** CUNHA, Euclides da

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Biografia; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Importância de Francisco Escobar, intendente de São José do Rio Pardo, mecenas de Euclides, propiciador do sossego necessário à composição dos *Sertões*; e de Jerônimo Picuí, vaqueiro típico e aventureiro, violeiro e versejador que narrou para Euclides uma arrancada de bois transcrita nos *Sertões*.

[Segue quadrinho (4 linhas) sobre Farias Brito escrito por Jônatas Serrano.]

ROMÉRO, Nelson. Tobias Barreto na história cultural do Brasil. ("Conferência proferida em 13 / 6 / 39 na comemoração que o Instituto Brasileiro de Cultura fez do centenário do ilustre Sergipano"). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 95-121, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** BARRETO, Tobias

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia; Cultura; Século XIX; Positivismo

**Nota(s) de resumo:** Tobias Barreto e a escola do Recife como ponto mais importante na história da cultura brasileira do século XIX. Retórico demais para ser poeta. Grande orador. Disciplinado estudioso. Ardente patriota no sentido de desejar um melhor futuro e não de se ufanar falazmente do passado. Germanismo pós-vitória prussa em 1870. Erro materialista devido à época. Impossibilidade de ser um verdadeiro filósofo. Ainda assim...

**Autor(es) citado(s):** Teixeira de Melo, Clovis Belivaqua.

**Autor(es) citado(s):** ARANHA, Graça; BILAC, Olavo; CORREIA, Raimundo; DIAS, Gonçalves; LAMARTINE; LIMA, Hermes Herman; MACHADO DE ASSIS; NABUCO, Joaquim; OLIVEIRA, Alberto de; ALEGRE, Manuel de Araújo Porto; ROMERO, Silvio; VARELA, Luis Nicolau Fagundes; VIGNY, Alfred de; MAGALHÃES, Gonçalves de; ALVES, Castro; HUGO, Victor; QUINET, Edgar; BYRON, (George Gordon) Lord; AZEVEDO, Álvares de; MURAT, Luiz; MELO, Teixeira de; BEVILAQUA, Clovis.

CARDOSO, Lúcio. 10 poemas de Lúcio Cardoso. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 122-129, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** "Venho de março" (1933); "Amanhecer" (1934), "A chama noturna" (1935), "A metamorfose" (1936), "Rosa verde" (1936), "Fragmento" (1937), "A uma rosa" (1937), "Mar ao meio dia" (1938), "Estrela" (1938), "O Anjo da noite" (1938).

ARAÚJO, Murilo. Cruzeiro sem escalas. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 130-131, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

ABREU, Rodrigues de. O canto de louvor. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 131, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

LESSA, Orígenes. O fagueiro. (Capítulo de romance em preparo). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 132-139, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Nota(s) de resumo:** [Segue quadrinho (12 linhas) sobre a importância de Farias Brito por Hamilton Nogueira.]

GRACIOTTI, Mário. A imagem fóra do espelho. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 140-145, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

MAGALHÃES, Almeida. Livros brasileiros / A grande mensagem de Euclides. (CUNHA, Euclides. *Diário de uma expedição*. Rio de Janeiro, José Olympio — Coleção Documentos brasileiros, 1939) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 146-149, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** CUNHA, Euclides da

**Palavra(s)-chave:** Nação; Brasil; Cidade

**Nota(s) de resumo:** Euclides percebe o trágico de Canudos. A separação de duas sociedades pela "coordenada histórica de dois séculos". Os sertanejos não eram simplesmente inimigos da república, e sim parte dela, parte do Brasil. Mas sua mensagem não deve ser lida como uma mística do sertão-em-si. Deve ser lida como um apelo, revelação da necessidade de sua

comunicação com o litoral agrário. A figura híbrida de Euclides (geólogo, geógrafo, ecólogo, botânico, sociólogo, antropólogo, poeta, profeta) só é por vezes diminuída pelo excesso de oratória. **Autor(es) citado(s):** HARDY, Thomas; HUGO, Victor; FREYRE, Gilberto;

MILHOMENS, Jônatas. Livros brasileiros / Literatura russo-brasileira. (Ramos, Graciliano. *Angústia*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 149-152, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Realismo; Literatura; Comunismo

**Nota(s) de resumo:** Gravíssimos defeitos de angústia: além de abusar do fecenino) é livro feito sem a arte de agradar. Nele Graciliano revelou-se, mas não aos outros. Parece um batuque sem melodia, enjoa. Um livro deve servir para que nos deliciemos ou instruamos. Trata-se ainda por cima de uma cópia de *Crime e castigo*.

**Autor(es) citado(s):** DOSTOIEVSKI; BRANCO, Camilo Castelo;

M. S. B. Livros brasileiros / A voz da terra. (Queirós, Amadeu de. *A voz da terra* s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 152-153, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Literatura

**Nota(s) de resumo:** O romancista não cenzuriza uma civilização, uma paisagem essencialmente nacional. Não é um romance choque. Atinge, por vezes, uma intensidade humana rara na literatura nacional. Revela uma alma compreensiva e compassiva. Romance de almas e de melancolia em surdina. [Segue quadrinho (3 linhas) em francês sobre a importância de Farias Brito, por Maonel Gahisto.]

BRITO, Mario da Silva. Livros estrangeiros / O império dos sem Deus. CROYDS, Pierre. *O império dos sem Deus*, s. ref. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 154-156, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Romance; Literatura; Catolicismo; Comunismo

**Nota(s) de resumo:** Contraste entre o estilo desapaixonado e o assunto convulsivo (o drama daqueles que se recusam a abandonar Deus na

materialista URSS: técnica que talvez assinala o valor do livro. Deus é o personagem central do romance. Os outros existem apenas para pronunciar num lugar maldito o seu nome bendito. Fantoches do autor assim como os cidadãos da URSS o são do Estado bolchevista. O livro conquistou a primeira colocação no Concurso Internacional de Romances sobre o Bolchevismo.

SILVEIRA, Tasso da. Jesus. (BUONAIUTI, E. *Jesus*. São Paulo, Atena Editora, s. d.; CELLINI, Benevenuto. *Vida de Jesus*. São Paulo, Atena, s. d.; BERTONI. *Dante*. São Paulo, Atena, s. d. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 156-157, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Biografia; Literatura; Catolicismo; Itália

**Nota(s) de resumo:** “Todos esses livros estimulam, pelo que valem e significam, o apetite do comentador literário. “Boianuti, dir-se-ia, realiza no seu espírito a síntese do racionalista e do crente”. Mistura de Renan com católico ortodoxo: CONJUNCTIO OPPOSITORUM dobrada pela relação entre a expressão purista do tradutor e a simplicidade do RACCONTO divino.

**Autor(es) citado(s):** ALIGHIERI, Dante; RENAN, Ernest; CELLINI, Benvenuto;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros recebidos. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 157, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME — Literatura

**Nota(s) de resumo:** Da Atena editora: STERNE, L. “Viagem sentimental”; MONTIMIGLIANO, F. “Tolstoi” (vol. V da série ‘perfis’); BONTEMPELLI, M. “São Bernardino” (vol. VI da série ‘perfis’); PLUTARCO. “Demosthenes e Cícero” (Biblioteca clássica, série ‘vida dos homens ilustres’); GUIZARD FILHO, Felix. “D. Rodovalho e D. José (Achegas à história de Taubaté)”.

Outras editoras: GOFREDO JUNIOR. “Justiça e juri no Estado moderno” — tese de concurso para a cátedra de Direito Judiciário Penal, da Faculdade de direito da USP. QUEIRÓS, Venceslau. “Rezas do diabo” (livro póstumo) — com prefácio de Rubens do Amaral. FIGUEIRA, Gastón. “Mi desluchamientos en el Amazonas” — Montevideu. FIGUEIRA, Gastón. “Geografia poética de América”.

QUEIRÓS, Amadeu de. O autor fala / "Os casos do carimbamba". (QUEIRÓS, Amadeu. "Os casos do carimbamba", Rio de Janeiro, A Noite, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 158-159, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Conto; Literatura

**Nota(s) de resumo:** De como do contato, por ser carimbamba, — boticário-médico — no interior de Minas, com a gente simples surgiu, trinta anos depois, o livro de contos, contados sem exagero, com a sinceridade e a singeleza da gente que retrata.

SIQUEIRA, Hildebrando. O autor fala / "Funcionário público". (Carta a Rui de Arruda). *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 160, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Literatura

**Nota(s) de resumo:** O livro "pode ser taxado, conforme o gosto do leitor (ou outro acidente qualquer) de romance, novela, narrativa, memórias, crônica..." Não encerra teses doutorais, nem soluções para problemas suntuosos. Apenas a humana história de uma sombra: Eusébio o funcionário público. Será que vale a pena publicar.

MACHADO, Leão. O autor fala / "Espigão da Samambaia". (2o. Prêmio de romance de 1937, da Academia Brasileira de Letras). *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Livro sobre o campo escrito na cidade e na saudade. Livro triste: retrato da dura condição do Brasil rural. Estudo social: idéia e motivo da minha história. O livro descreve também o período crítico 29 / 30. Incidência no país da crise mundial. Mudança em nossa evolução.

MAURÍCIO, José. Meia-hora / com Andrade Murici. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 163-170, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Nome pessoal como assunto:** MURICY, José Cândido de Andrade

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Arte; Política; Música; Igreja

**Nota(s) de resumo:** A política e o artista: o

artista deve fazer arte, sua ação é a da arte. A obra não pode responder a um programa ou intenção ideológicos. O verdadeiro artista não é o "condottieri, o redator de manifestos e sim alguém que tenta condensar, a toda força as suas experiências interiores. Eis como ele deve influir na vida contemporânea. Petrel das tempestades. Oposto ao "homem que se diverte", que "toca tranqüilamente o tamborim". Canta no meio do perigo, canto atravessado pela tempestade. O temperamento e a interpretação musical: "Há uma interpretação para cada intérprete. O que importa para a arte é a admiração que sabe o que admira. Há vários graus de consciência no sentimento de admiração. Aquela que é manifestação da pura sensibilidade não representa julgamento. A razão não pode ser eclética. O artista não ode ser eclético. O intérprete precisa sê-lo. O ouvinte se não o for será pobre, limitado àquilo que for afins com seu modo de ser. A música na igreja: A música deve ser um elemento auxiliar na liturgia. Dentro da ortodoxia qualquer uma poderá ser aceita. A música vocal é a mais indicada para a prece.

**Autor(es) citado(s):** ALIGHIERI, Dante; AMADO, Jorge; DESCARTES, René; LA ROCHEFOUCAULD; MOZART, Wolfgang Amadeus; PUCINI, Giacomo; SCHUMANN, Robert; SCHUTZ, Alfred; VAUVENARGUES; VERDI, Giuseppe; WAGNER, Richard; HAYDN, Hiram; BERLIOZ; BEETHOVEN, Ludwig van; BACH, Johann Sebastian; DA VINCI, Leonardo; ROSSINI, (Gioacchino); LIZST, Franz; PALESTRINA; LASSUS; VITTORIA; MARENZIO; GASTONE.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Antologia / Notícia preliminar. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 171-174, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nota(s) de resumo:** O poeta de "A sala dos passos perdidos" era dono do dom que Peter Wust chamaria "senso da sacralidade". Consoladora mensagem de espiritualidade. Tuberculose.

**Autor(es) citado(s):** ASSIS, Francisco de; MACHADO DE ASSIS; SALGADO, Plínio; ABREU, Casimiro de;

ABREU, Rodrigues de. Antologia / Carta autobiográfica. (Carta a Hildebrando Siqueira). *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 175-176, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** CORRESPONDÊNCIA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Biografia; Poesia; Literatura

**Nota(s) de resumo:** "A minha vida, querido Hidelbrando, nada tem de interessante."

**Autor(es) citado(s):** BAUDELAIRE, Charles; QUENTAL, Antero de; ALVES, Castro; VIRGÍLIO; OVÍDIO; NOBRE, Antônio.

ABREU, Rodrigues de. Antologia. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 176-181, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:**

Poemas: "As cigarras" (A sala dos passos perdidos); "Casa destelhada" (Casa destelhada); "Versos à bondade de minha irmã" (Casa destelhada); "Os amigos" (Casa destelhada).

SIQUEIRA, Hildebrando. Fatos e comentários / 1 Tradutores de Machado de Assis. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 182-183, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Tradução; Literatura; Século XIX

**Autor(es) citado(s):** CARVALHO, Ronald de; FRANCE, Anatole; PIRANDELLO, Luigi; RIBEIRO, João;

G. C. S. Fatos e comentários / 2 — Um manifesto político de Euclides da Cunha. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 183-186, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Socialismo; Manifesto

**Nota(s) de resumo:** Embora tenha colaborado na redação de um manifesto nitidamente socialista Euclides não foi membro efetivo do "Clube internacional Os Filhos do Trabalho". A ele devem ser atribuídas as partes do manifesto condizentes com os programas nacionalistas e espiritualistas modernos, como esta: "a reabilitação do proletariado pela exata distribuição de justiça, cuja fórmula suprema consiste em dar a cada um o que cada um merece." Inclui ata de uma das reuniões do "Clube Internacional os Filhos do Trabalho" e o texto do "Manifesto — comemoração do dia 1o de Maio de 1901".

**Autor(es) citado(s):** MARX, Karl;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / 3 — A inteligência brasileira.

*Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, 187-188, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Nação; Brasil; Século XIX; Intelectual

**Nota(s) de resumo:** O autor, que não assina, fala da importância do pensamento de estadista e de político de Alberto Torres e cita então um longo trecho de "O problema nacional" em que Alberto faz o processo da colonizada inteligência nacional responsável pela república.

**Autor(es) citado(s):** TORRES, Alberto;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / 4 — Nordeste. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 188-189, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Periodismo

**Nota(s) de resumo:** Informe sobre a revista potiguar Nordeste destacando os estudos "Os capuchinhos no Rio Grande do Norte", de Luís da Câmara Cascudo, "Malária", de Fernando Gomes, um sobre o poeta Murilo Araújo, "além da continuação dum interessantíssimo trabalho que Costa Váz vem fazendo sobre a "A abstinência sexual e a Higiene da Raça".

**Autor(es) citado(s):** CASCUDO, Luiz da Câmara; GOMES, Fernando; ARAÚJO, Murilo; VAZ, Costa.

CHAVES, P. R. Fatos e comentários. / 5 — À margem do estudo "Poetas de Minas" de Oscar Mendes. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 189, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** DEBATE

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Em "Poetas de Minas", Oscar Mendes pecou por omissão, como aliás temia. Esqueceu, graças talvez ao divórcio que há entre o Triângulo e o resto do Estado, de João Edson de Melo.

**Autor(es) citado(s):** MENDES, Oscar; MELO, João Edson de.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários. / 6 — Rimbaud na Abissínia. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 3, p. 189, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nome pessoal como assunto:** RIMBAUD, Arthur

**Palavra(s)-chave:** Biografia; Literatura; França; Século XIX



**Nota(s) de resumo:** Payot edita a tradução "Rimbaud en Abyssinie" da professora da Universidade de Oxford, preciosa contribuição para a compreensão do "segundo Rimbaud".

**Autor(es) citado(s):** STARKIE, Enid;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Índice de autores. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 3, p. 190-192, jul. / ago., 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nota(s) de resumo:** Aires da Mata Machado Filho, Amadeu de Queirós, Antônio Queiróz Filho, Aristides Avila, Almeida Magalhães, Basílio Itiberê, Jônatas Milhomens, José Honório de Silos, Lauro Escorel, Lúcio Cardoso, Mário da Silva Brito, Mário Gracioti, Murilo Araújo, Nelson Roméro, Origenes Lessa, Plínio Salgado, Tasso da Silveira, Tristão de Ataíde.

**Iconografia:** Publicidades na contracapa interna: "2 grandes obras sobre Machado de Assis": Lúcia Miguel Pereira "Machado de Assis (estudo crítico e biográfico)"; Mário Matos "Machado de Assis (o homem e a obra)". Livraria Civilização Brasileira.;

"Produção e crédito" — publicação bimestral. Diretores: Benjamin E. do Lago, Mauricio do Lago. Secretário: Wilson Jardim Neves. Gerente: Reinaldo C. Bastos.; Encarregamo-nos da remessa de qualquer livro aos nossos leitores pelo Serviço Postal de Reembolso; Francisco Stela, S. Portugal Gouveia, Sérvulo Pompeu Toledo — Advogados.

Contracapa externa: depoimento de Dâmaso Rocha, diretor do jornal *A Nação* de Porto Alegre, sobre a importância dos *Cadernos da Hora Presente*: "Uma vereda que se abre para a inquietação do espírito da hora presente".

MOTA, Fernando de Oliveira. Afirmacões brasileiras. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 5-56, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Política; Nacionalismo; Liberalismo; Intelectual

**Nota(s) de resumo:** É preciso retomar a obra de independência onde Bolívar a deixou. O liberalismo, que representava um subconsciente recalçado da colônia, se foi útil para a independência, após ela tornou-se um Mal. Crise de disciplina brasileira e alheamento político dos intelectuais. Importância de Alberto Torres e de Euclides da Cunha. O brasileiro é o "homem euclidiano": Hércules Quasimodo. Necessária transformação do patriotismo em nacionalismo:

importância de Jackson de Figueiredo (apesar de seu erro: exclusivismo radical católico à Laménais ou a Maurras). Necessário antilusitanismo. Modernismo: dispersão de forças. Importância do Verde-e-amarelo, degeneração em loucura do antropofagismo. "Surgiu a revolução de 32. Esqueçamo-la". Importância da S.E.P. Séc. XIX: ocaso da tirania do poder; séc. XX: morte da tirania da liberdade. O combate ao liberalismo não é mero reflexo do fascismo, tem suas raízes na obra política do Libertador. "É preciso, portanto, que se destrua a velha fórmula criada pelo imperialismo judaico de 'a América para a humanidade'. Bolívar X Monroe, confederação X internacionalismo desenfreado. "Como seria possível encadear as aspirações nacionais? (...) Seria absolutamente impossível, não houvesse surgido o guia, o chefe, o ordenador." Por um Estado forte e temperado, entre a república absoluta de Artigas e a oligarquia monárquica de Posadas e de Pueyrredons.

[Epígrafe geral de BOLÍVAR, Simão. Primeira parte: DISRAELI apud MAUROIS e PRADO, Eduardo; Segunda parte (da qual constam apenas as epígrafes pois "o autor se reserva o direito de, só posteriormente, publicar essa segunda parte de seu livro." ALIGHIERI, Dante e CHESTERTON; Terceira parte: SALGADO, Plínio; Quarta parte: São João e HITLER.]

**Autor(es) citado(s):** ALIGHIERI, Dante; ALMEIDA, Guilherme de; ANDRADE, Mário de; ARANHA, Graça; BARBOSA, Rui; BARRETO, Tobias; BASTOS, J. C. Tavares; BILAC, Olavo; BRETON, André; BRITO, Farias; COCTEAU, Jean; CONSTANT, Benjamin; CUNHA, Euclides da; DISRAELI, Benjamin; FARIA, Otávio de; FONTES, Hermes; FRANK, Waldo; HERÁCLITO; HOMEM, Sales Torres; LIMA, Abreu e; LIMA, Alceu Amoroso; LOBATO, Monteiro; MAISTRE, Joseph de; MAQUIAVEL, Nicolau; MAURRAS, Charles; FRANCO, Afonso Arinos de Mello; MOTA FILHO, Candido; MURICY, José Cândido de Andrade; PICCHIA, Menotti del; PRADO, Paulo; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio; ROSA, Virgílio Santa; TORRES, Alberto; VIANA, Oliveira; CELSO, Afonso; CENDRARS, Blaise; BOLÍVAR, Simón; RODÓ, José Enrique; BARROSO, Gustavo; SODRÉ, Lauro; RABELO, Manuel Pereira; FIGUEIREDO, Jackson de; ARAÚJO, Murilo; PRADO, Eduardo; LAMENNAIS; ALMEIDA, Martins de; MAUROIS, André; BONALD, de;

GENTIL, Alcides; PONTES, Eloi; GUMFLOWICZ; RATZEL; BOLMICAR, Álvaro; VIEIRA, Arnaldo Damscono; CUNHA, Holanda; COSTA, Trajano; LOPES, Castro; CARMELO, Pe. Antônio; MIRANDA; HITLER; CHESTERTON; SÃO JOÃO; PEREZ, Parra; LUSITANE, Castriote; MORENO, Garcia; SANCHEZ; SAN MARTIN, Juan Zorilla de; LANZ, Valenilla; SANTANDER.

ADONIAS FILHO. Livros brasileiros / Os romances de Lúcio Cardoso. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 57-86, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO — Literatura  
**Nome pessoal como assunto:** CARDOSO, Lúcio  
**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Misticismo; Literatura; Metafísica

**Nota(s) de resumo:** “A arte literária de Lúcio Cardoso reclama da crítica atitude rigidamente subjetiva. Não será possível examiná-la, interpretá-la, com métodos objetivos”. Romancista místico como ele só, metafísico, diriam os hegelianos. Mística da violência. Sofrimento, purificação, santidade, Deus. Inocência do instinto. “...fez-se intérprete do cristianismo mais puro. Do centro desse cristianismo quase blasfemo na sua inquietude, o romancista extraiu a substância dos seus romances”. Dostoievski: corpo que escreve; Lúcio: inteligência processa.

**Autor(es) citado(s):** CRUZ, San Juan de la; THIBAUDET, Albert; BERNANOS, Georges; DOSTOIEVSKI; GIDE, André; GOGOL; IBSEN, Henrik; JOYCE, James; KAFKA, Franz; KIERKEGAARD; MAURIAC, François; MORGAN, Charles; MURICY, José Cândido de Andrade; PIRANDELLO, Luigi; PROUST, Marcel; GREEN, Julien; CHESTERTON, Gilbert Keith; FUMET, Stanislas; MCDUGALL, Joyce; BRONTË, Emily; BLOY, Léon; BIELÍNSKI, V. G.; LESËTRE; KRETSCHNER, Ernst; SÃO PAULO; LINDWORSKI; BRONTË, Charlotte; LAGRANGE, Garrigou; BAUMAN, Emile; JOUHANDEAU, Marcel; MALÈGUE, Joseph; BARING, Maurice; GUIERRE, Maurice; VINCENT, Raymonde.

PIMENTEL, Osmar. Livros brasileiros / Direito e sociologia. Apontamentos à margem de dois livros. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 87-111, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA  
**Palavra(s)-chave:** Brasil; Marxismo; Direito; Sociologia

**Nota(s) de resumo:** Crítica à mediocridade da inteligência jurídica brasileira através da impugnação de “Les théorics sociologiques contemporaines” de P. A Sorokin, russo professor em Harvard, citado como autoridade incontestada por Eduardo Espínola e Eduardo Espínola Filho no “Tratado de Direito Civil Brasileiro”. Sorokin deturpa Pareto, Marx, Durkheim...

**Autor(cs) citado(s):** AQUINO, Santo Thomas de; BAUDELAIRE, Charles; BILAC, Olavo; BRUHL, Levy; CAILLOIS, Roger; DESCARTES, René; ENGELS, Friedrich; FRAZER, James G.; FREUD, Sigmund; JEANS, James Hopwood; JOYCE, James; KROPOTKIN, Per Aleksyevich; LENIN; LESSA, Pedro; MAQUIAVEL, Nicolau; MARX, Karl; PARETO, Vilfredo; PROTÁGORAS; RUSSEL, Bertrand; VARELA, Luis Nicolau Fagundes; ARISTÓTELES; DURKHEIM, Emmile; PLATÃO; EINSTEIN, Albert; GRIECO, Agripino; COMTE, Auguste;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros / O direito desce à terra. (ALMEIDA, Fernando Mendes. “O folclore nas Ordenações do Reino” (Separata da Revista do Arquivo Municipal”) São Paulo, 1939. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 111-112, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Cultura  
**Palavra(s)-chave:** Brasil; Direito; Folclore  
**Nota(s) de resumo:** Bom e bem escrito livro sobre o processo em que o direito português foi perdendo, aqui nos trópicos, sua gravidade inquisitorial.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros / Justiça e juri no Estado moderno. (JUNIOR, Godofredo. “Justiça e juri no Estado Moderno” (Tese de concurso para a cátedra de Direito Judiciário Penal, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo). *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 112-115, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA  
**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Brasil; Direito; Justiça  
**Nota(s) de resumo:** Gofredo Junior examina a legitimidade do Tribunal do Júri em sua relação com o Estado moderno ideal, vale dizer, o Estado ético, anti-individualista e anti-totalitarista.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros recebidos. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 115-116, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nota(s) de resumo:** FARIA, Otávio de. "Os caminhos da vida". Rio de Janeiro, José Olympio, s. d.; GOMES, Antônio Osmar. "Conflitos e posições do espírito moderno". R.J., José Olympio, s. d.; LIMA, Alfredo Pessôa. "Retalhos d'alma" (versos) Rio Branco (PE), Prima Editora, s. d.; MESQUITA, Alfredo. "Machado de Assis e o vernáculo" (conferência) s. ref.; PANTALEONI, Maffeo. "Princípios de economia pura" (Prefácio de A Piccarolo e tradução de Cassio Machado Fonseca) São Paulo, Atena Editora, s. d.; CARNEIRO, David. "Evolução grega". São Paulo, Atena Editora, s. d.; CHRISILIEB, H.L. "A vida na Índia" São Paulo, Atêna Editora, s. d.; NOBRE, Freitas. "O criador da poesia popular", s. ref.; OTTONI JUNIOR, Pio. "Poema do Brasil selvagem" (Edição da Prefeitura de São Leopoldo — R. G. do Sul); LANTEUIL, Henri de. "O Paraguai intelectual" (1º vol. Biblioteca Pan-americana); LANTEUIL, Henri de. "La poésie américaine d'Arnaldo Nunes" (2º vol. Biblioteca Pan-americana).  
Revistas e Jornais: SOM, nº 11, Natal, RN; ARIEL, nº 2, Jaú, SP; 7 DE OUTUBRO, nº 5, Fortaleza, CE; FAROL, nº 13, Bahia; O AMIGO DO MATUTO, Rio Branco, PE; MENSAGEM (direção de Guilhermino Cesar) Belo Horizonte, MG; A SEMANA, Barretos, SP.  
[Segue pequeno extrato (11 linhas) de "O mundo interior" de Farias Brito, sobretitulado "A hora nova".

ADONIAS FILHO. Livros estrangeiros / "La famille Brontë". (TRAZ, Robert de. *La famille Brontë*. Paris, Albin Michel, 1939). *Cadernos da Hora Presente*, nº 4, p. 117-119, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** BRONTË, Emily

**Palavra(s)-chave:** Biografia; Inglaterra; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Bom estudo que mostra a família Brontë como um grande incidente humano e as três irmãs como "un seul être en plusieurs personnes". (Embora não consiga explicar porque Emily escreveu "Wuthering Heights" e Charlotte "Jane Eyre".

CADERNOS DA HORA PRESENTE. ADONIAS FILHO. Livros estrangeiros / "Emily Brontë". (MOORE, Virginia. *Emily Brontë*. Paris, Gallimard, 1939.) *Cadernos da Hora Presente*, nº 4, p. 119-120, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** BRONTË, Emily

**Palavra(s)-chave:** Crítica; Biografia; Inglaterra; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Livro evidentemente mediocre, merece ser ignorado. 'Intencionalmente escrito para ferir um ponto delicado — a solidão de Emily como resultante de um "temperamento mórbido incapaz de amar os homens e somente capaz de amar as mulheres".

**Autor(es) citado(s):** ROBINSON, Mary, BIRRELL, Augustin, BENSON, E. F.

SILVEIRA, Tasso da. História da Civilização Européa. (SEIGNOBOS, Charles. *História da Civilização Européa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939). *Cadernos da Hora Presente*, nº 4, p. 121-122, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — História

**Palavra(s)-chave:** História; Cultura; Europa

**Nota(s) de resumo:** "Primeiro exemplo" em português "de uma 'História da Civilização' concebida não como relato cansativo de eventos políticos e guerreiros, mas, sim, como desdobramento panorâmico de toda a vasta marcha dos povos para a conquista do seu destino próprio". Pela história de ciclos longos. (que permite, p. ex., perceber a grandiosidade mediéva). Restrições quanto a "certas matérias transcendentais" tratadas pelo autor. Seria preferível uma tradução de "La Caravaine humaine" de Du Plessis.

**Autor(es) citado(s):** DU PLESSIS.

SETTE, Mário. O autor fala / Os Azevedos do poço. *Cadernos da Hora Presente*, nº 4, p. 123-126, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Literatura

**Nota(s) de resumo:** "Qual o meu livro de que mais gosto?" "Eu lhe confessaria que o livro em cujas páginas mais o meu passado se debruça é o "Azevedos do poço".

[Segue extrato (15 linhas) de "A verdade como regra das ações" de Farias Brito sobretitulado "A Liberdade".]

ETIENE FILHO, João. Teatro / Notas sobre o teatro. *Cadernos da Hora Presente*, nº 4, p. 127-134, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Teatro

**Nota(s) de resumo:** Drama como perfeita junção de todas as artes (Hegel citado por

Tasso da Silveira). Exigência de realidade. Contra esse “monstrengo, coisa repulsiva, falsa, mentirosa e deturpada” que é o teatro de tese (É preciso deixar que os personagens sejam eles mesmos).

**Autor(es) citado(s):** ALIGHIERI, Dante; ARANHA, Graça; BOILEAU, Nicolas; CARVALHO, Ronald de; DOSTOIEVSKI; IBSEN, Henrik; LESSING, Gotthold Ephraim; LIMA, Alceu Amoroso; MACHADO DE ASSIS; MAURIAC, François; MURICY, José Cândido de Andrade; PIRANDELLO, Luigi; PROUST, Marcel; SHAKESPEARE, William; VERÍSSIMO, Érico; GREEN, Julien; HEGEL; ARISTÓFANES; GHEÓN, Henri; KRAUSE, Gustavo; JACOB, Max; SILVEIRA, Tasso da; ROTTERDAM, Erasmo de; MENDES, Oscar; AIRES, Matias; D'OLIVET, Fabre; BRISSON, AMIEL, SIMON, Pierre Henri; BOYSLÈVE; MASSIS, Henri.

ALMEIDA, Fernando Mendes de. Música / Uma pequena proposição. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 135-136, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Música; Burguesia

**Nota(s) de resumo:** O piano demanda inteligência e não mera técnica ou virtuosismo. Decadência graças às filhas dos novos ricos e ao conformismo

e falta de ética de alguns professores. Máximo de agilidade e de mediocridade.

[Segue extrato de “A filosofia moderna” de Farias Brito sobretitulado “A reforma pelo amor” (e não pela luta).]

ABREU, Rodrigues de. Arquivo / Lítania das minhas noites. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 137-138, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:**

Poema do “Livro do desencanto”.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Antologia / Raul de Leoni. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 139-140, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nome pessoal como assunto:** LEONI, Raul de

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia; Catolicismo

**Autor(es) citado(s):** BACH, Johann Sebastian;

LEONI, Raul de. Antologia. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 141-152, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

SIQUEIRA, Hildebrando. Crônicas / Apontamentos de história. 1 — D. Luiz Antonio de Souza e o Cabido da Sé; 2 — O bandeirante Antunes Maciel; 3 — Eleições coloniais. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; História; São Paulo

**Nota(s) de resumo:** 1 — O dito Capitão da capitania de São Paulo de 1765 a 1775 é uma figura interessante além de excelente cronista (vide suas cartas ao Marquês de Pombal). Numa dessas descreve um pequeno desaguisado com o Cabido da Sé. Deliciosas miunças!; 2 — O dito bandeirante é um dos valentes paulistas que se fizeram fazendo o Brasil. Morreu no entanto pobre deixando apenas a memória de grandes serviços. Mas que outra herança queriam seus filhos?; 3 — Assim eram feitas as eleições coloniais...

**Autor(es) citado(s):** MACHADO, (Antônio de) Alcântara;

SIQUEIRA, Hildebrando. Crônicas / Reportagem em torno de Paul Valéry. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 156-158, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** REPORTAGEM

**Nome pessoal como assunto:** VALÉRY, Paul

**Palavra(s)-chave:** História; Política; Literatura; França

**Nota(s) de resumo:** Moderação valeryana. Respeito às convenções como tais. Nenhuma verdade absoluta. Fino observador. Nem Bourget nem Gide.

Definições de política, história e bom senso.

**Autor(es) citado(s):** BOURGET, Paul; FRANCE, Anatole; GIDE, André; MAUROIS, André;

ESCOREL, Lauro. Crônicas / O romance de Alain Fournier. (FOURNIER, Alain. *Le Grand Meaulnes*. s. ref. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 158-161, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Romance; Infância; Literatura; França

**Nota(s) de resumo:** Elogio da infância e do autor que conservou “intacta a sua alma de criança”. Encantamento, impossível análise.

FERRER, Roque. Crônicas / Eles repetem que há

um clarão distante. (CRONIN. *A Cidadela*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 4, p. 161-162, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Romance; Literatura

**Nota(s) de resumo:** *A Cidadela* e *Olhai os lírios do campo*: romances irmanados, que fazem a gente ter pena de tudo, da vida do homem moderno.

**Autor(es) citado(s):** VERÍSSIMO, Érico;

MAGALHÃES, Almeida. Crônicas / O avançar de nossa cultura. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 4, p. 162-164, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nome pessoal como assunto:** BRITO, Farias

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia; Intelectual

**Nota(s) de resumo:** Necessário movimento de introspecção da inteligência brasileira. Importância dos autores brasileiros citados e sobretudo de Farias Brito que os moços dos *Cadernos da Hora Presente* tomam a cargo reeditar. A inteligência brasileira desperta.

**Autor(es) citado(s):** BARRETO, Tobias; BASTOS, J. C. Tavares; BRITO, Farias; KANT, (Immanuel); MACHADO DE ASSIS; MOTA FILHO, Candido; TORRES, Alberto; FREYRE, Gilberto;

ALMEIDA, Rômulo. Crônica / Teoria e prática do corporativismo. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 4, p. 165-167, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Corporativismo

**Nota(s) de resumo:** Ignorância brasileira quanto aos problemas do corporativismo. Alguns bons livros no entanto, os dos autores citados.

**Autor(es) citado(s):** LIMA, Alceu Amoroso; REALE, Miguel; VIANA, Oliveira; SILVEIRA, Tasso da; CAVALCANTI, Temistocles Brandão; MACIEL, Anôr; Butler; COTRIM NETO, A B.

FAIRBANKS, João Carlos. Crônicas / Peculiaridade de economia dos transportes. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 4, p. 167-169, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Economia; Técnica

**Nota(s) de resumo:** O progresso dos meios de transporte é cumulativo e não eliminativo. Necessária a inteligente articulação entre os vários meios a partir da equação formada pelas

incógnitas velocidade e preço.

**Autor(es) citado(s):** ARISTÓTELES;

PÉRES. Leopoldo. Crônicas. A geração que não sabia crer; Educação; Os três problemas. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 4, p. 169-175, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Educação; Estados Unidos; Positivismo; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** A geração que não sabia crer: Materialismo vil da geração que veio da república. Pragmatismo e plutocracia “sem a centelha vivificadora do Eterno Espiritualismo”. Quadro para o qual colaboravam os mestres. Política do êxito. — Educação: crítica ferrenha a educação feminina — liberal e modernista — no país do Tio Sam. Mães de Al Capone. “Ali não se tem mais coração”. Os três problemas: “Temos de resolver um problema de ordem econômico-social, comum a todos os países; um problema de ordem social-religiosa, relativo ao Brasil em si; um problema de ordem político-institucional, ao qual está ligada a questão da unidade da República.” “Como resolveremos a luta de classe? Como encararemos a tese moral? Como faremos funcionar os Estados dentro da União?”.

PÉREZ, Leopoldo. Crônicas. 1 — A criatura e o creador: (BERDIAEV, Nicolai. *L'homme et la machine*. s. ref.; ) 2 — Retrato de Leão XIII (MILLER, René Fulop. “Leão XIII e o nosso tempo”. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 4, p. 175-178, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Razão; Idade Média; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** 1 — A criatura e o creador: a máquina e nossa civilização medularmente individualista e agnóstica. É preciso espiritualizar a máquina, ao invés de querer aniquilá-la — o que é impossível —, reabilitar a técnica. Que o criador se sobreponha à criatura. 2 — Retrato de Leão XIII: elogio da biografia deste por René Fulop Miller. Importância de Leão XII: resolveu a luta de classes com a encíclica “*Rerum novarum*” e restaurou o tomismo, o acôrdo entre a razão e a fé.

**Autor(es) citado(s):** AQUINO, Santo Thomas de; BERDIAEV, Nikolai; DISRAELI, Benjamin; BRUYERE, Jean de la; LIMA, Alceu Amoroso; RUSKIN, John; SHELLEY, Mary (Wollstonecraft); TOLSTOI, Leon; WOOLF, Virginia; MARITAIN, Jacques; PLUTARCO;

BYRON, (George Gordon)Lord; ZWEIG, Stefan; MAUROIS, André; LEE, Sidney; TEOFRASTO; MILLER, René Fulop; LUDWIG.

LIMA, Alceu Amoroso. Fatos e comentários / Maritain e a civilização em perigo. (Transcrição do rodapé homônimo publicado por Tristão de Ataíde no *Diário de São Paulo* (11-6-36) resenhando MARITAIN, Jacques. *Le crepuscule de la civilisation*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 179-181, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Espanha; Democracia; Fascismo; Estados Unidos; Portugal; Catolicismo; Nazismo

**Nota(s) de resumo:** É preciso distinguir franquismo e salazarismo de fascismo e nazismo em função do papel desempenhado pela igreja católica nesses regimes. Embora o totalitarismo deva sempre ser repudiado menos mal se é cristão. Deturpação do cristão conceito de autoridade. Unidos no materialismo: EUA, URSS, Itália e Alemanha.

**Autor(es) citado(s):** DEWEY, John; CHESTERTON, Gilbert Keith;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Henri Fauconnier reaparece. (FAUCONNIER, Henri. "Visions". s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 182, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME —  
Literatura

**Palavra(s)-chave:** Romance; Literatura; França

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Georges Sand e os biógrafos. (PAILLERON, Mme. M. L. Biografia de George Sand s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 182, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nome pessoal como assunto:** SAND, George

**Palavra(s)-chave:** Biografia; França; Século XIX

**Nota(s) de resumo:** Mais uma biografia de George Sand.

**Autor(es) citado(s):** SAND, George; SÉCHÉBERTAUD; CHARPENTIER; PAILLERON, Mme. M. L.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / O Brasil visto de fora. (BONNARD, Abel. "Le Bouquet du monde" s. ref. e BIDOU, Henry. "900 lieus sur l'Amazone".

s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 182, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; França; Viagem

**Autor(es) citado(s):** LIMA, Alceu Amoroso.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / O Último romance de François Mauriac. (MAURIAC, François. *Les chemins de la mer*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 182-183, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA —  
Literatura

**Palavra(s)-chave:** Romance; Literatura; França; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Incomparável singularidade de Mauriac. Só com o anúncio de um seu romance já se sente o perfume e a cor desse mundo familiar.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / A última aventura de Edouard Peisson. (PEISSON, Edouard. *Voyage d'Edgar*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 183, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA —  
Literatura

**Palavra(s)-chave:** Romance; Literatura; França; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Mais um romance, esse infante-juvenil, do "novo Conrad".

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Prix Goncourt e Prix Fémina de 1938. (TROYAT, Henry. *L'Araigne*. s. ref.; e CHAZOURNES, Félix de. *Caroline ou le départ pour les îles*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Duhamel e os *Pasquier*. (DUHAMEL, George. *Cécile parmi nous* (7o. Volume da *Chronique des Pasquiers*) s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME —  
Literatura

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Homenagem a Visconde de Porto Seguro. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 4, p. 184, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; São Paulo

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Velho Sobrinho. (VELHO SOBRINHO. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 4, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Bibliografia

**Nota(s) de resumo:** Perda, com sua morte, de um grande bibliógrafo.

ALMEIDA, Guilherme de. Fatos e comentários / Amadeu Amaral. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 4, p. 185-186, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Nome pessoal como assunto:** AMARAL, Amadeu

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Elogio poético-anedótico de Amadeu Amaral.

SILVEIRA, Tasso da. Fatos e comentários / Newton Sampaio. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 4, p. 186, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Nome pessoal como assunto:** SAMPAIO, Newton

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Conto; Morte; Catolicismo; Paraná; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Existência heróica, católico convicto, morte aos 24 anos, primeiro prêmio da Academia Brasileira de Letras pelo livro de contos e novelas *Irmandade*.

**Autor(es) citado(s):** SAMPAIO, Osvaldo;

CORREIA JÚNIOR. Fatos e comentários / Antônio de Pádua Dutra. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 4, p. 186-187, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Pintura; Morte; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Morte do jovem pintor patricio, bolsista em Florença.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / As comemorações euclidianas de S. José do Rio Pardo. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 4, p. 187-188, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nome pessoal como assunto:** CUNHA, Euclides da

**Palavra(s)-chave:** Brasil; São Paulo

**Nota(s) de resumo:** São José do Rio Pardo criou o culto de Euclides, o euclidianismo.

**Autor(es) citado(s):** CAMPOS, Cleómenes; PAULO FILHO, M.; MIRANDA, Veiga; FONTES, Epíteto; MAGALHÃES, Almeida; SATURNINO, Pedro; VENÂNCIO FILHO, Francisco; PATI, Francis; CALMON, Pedro.

PIMENTEL, Osmar. Fatos e comentários / Estréia. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 4, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** MACHADO DE ASSIS

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Literatura; Século XIX

**Nota(s) de resumo:** Afóra os livros e ensaios dos autores citados, muita besteira se tem escrito sobre Machado.

**Autor(es) citado(s):** HOLANDA, Aurélio Buarque de; MEYER, Augusto; PEREIRA, Astrogildo; PEREIRA, Lúcia Miguel;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Índice de autores. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 4, p. 189-190, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavra(s)-chave:** Autoria

**Nota(s) de resumo:** Adonias (de Aguiar) Filho; Fernando de Oliveira Mota; Hildebrando Siqueira; Osmar Pimentel; Mário Sette; Fernando Mendes de Almeida; J. Etienne Filho, Almeida Magalhães.

[Seguem duas notas elogiosas sobre a publicação dos *Cadernos da Hora Presente*. Uma de MARROQUIM, Mário (autor do livro *A língua do nordeste* — col. Brasileira), outra de MOTA, Murilo publicada em *O Estado* — 3-7-39 — Fortaleza.]

SALGADO, Plínio. Farias Brito. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 4, p. 191-192, set., 1939.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Nome pessoal como assunto:** BRITO, Farias

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia

**Nota(s) de resumo:** O filósofo representa a afirmação do espírito em plena crise da filosofia — acuada pelo positivismo — no alvorecer do século XX.

**Autor(es) citado(s):** CARVALHO, Vicente de; CUNHA, Euclides da;

COTRIM NETO, A. B. Fontes do corporativismo moderno. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 5, p.

7-26, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nota(s) de resumo:** Necessário estudo do corporativismo, doutrina política do século XX. Importância, no séc XIX, dos católicos sociais (verdadeiros pais do corporativismo moderno). Corporativismo subordinado, misto e puro. Ao invés do antagonismo padrão-empregado, a "hierarquia piedosa do patrão": corporativismo paternalista, ineficaz, abandonado após os efeitos da encíclica "Rerum Novarum".

[Segue nota (10 linhas) sobre a importância de Farias Brito, por MOTA FILHO. (Farias Brito não é Monte Alverne, Visconde de Cairú, Tobias Barreto, Sílvio Romero, Teixeira Mendes.)]

**Autor(es) citado(s):** Pio IX; TAPARELLI; KETTELER, PIN, La Tour du; LEÃO XIII; BRUCCULERI S. J.; SIMONE, Saverio de; ARENA; CHIARELI, CROSA; LEVI; MAZZONI; NAVARRA; PANUNZIO; RAVA; CESARINI-SFORZA; RABAGLIETTI; LE PLAY; PÉRIN, Charies; KELLER; JAN(N)ET, Claude; MILCENT; HARMEL; JADIS; SPIRITO, Ugo; BRÊDA; ANDRÉ, LA COUR GRANDMAISON; MAIGNEN, Vriognault Maurice; PIN, Albert du; GAUTIER, Leon; RAVELET, Armand; GUIRAND; KLELER, Emile; JARLOT, Georges; TARDIEU; GRESSAYE, Jean Brothe de la; DE PASCAL; SAVATIER, Antoine; NOGUÊ; HECLERC; LEON, Martin S.; LORIN, Henri; TURMANN, Max; DUTHOIT, E.; DOUTRELOUX (Monsenhor); AUNÓS, Eduardo; FREPPEL (Monsenhor); MONFFANG; LIECHTENSTEIN, Luiz e Alfredo; BENOIST; MOLINARI; LASSALE; BLOME (OU BLONE) (Conde); PERGEN, Conde; TONIOLO; MEDOLAGO; MERMILLOD (Cardeal); DELOURNY; RUTTEN, G.C.; MARCY, Robinot, ALBANI; HARMET, Leon; BENEDICTO XV; CHANSON, Paul; VOGELSANG, Fritz; LIMA, Alceu Amoroso; MUSSOLINI, Benito; PARETO, Vilfredo; VIANA, Oliveira; GUIZOT, (François); MARAT; MUN, Thomas;

RIBEIRO, Joaquim. Itinerário lírico de Tasso da Silveira. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 27-63, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO — Literatura  
**Nome pessoal como assunto:** SILVEIRA, Tasso da

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Modernismo; Poesia; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Singularidade de Tasso.

Posteridade > notoriedade. I — O lirismo transcendente. II — Tendência para subjetivar; III — Paisagem introspectiva. Perispiritismo. A poesia de Tasso é uma vivência, uma experiência interior IV — A técnica dos símbolos; Psicológico > estético; V — O ferrete do tempo Influência do pensamento bíblico no mundo moderno graças a "uma desarticulação social inédita e prodigiosa." Daí a força de uma linguagem messiânica VI — O alinhavo estético; LOCALIZAÇÃO ESPIRITUAL Homem de idéia ou de sentimento? Pensamento é o autóctone. Crise do pensamento e consolo poético religioso. SEGUNDA PARTE: GENÉTICA ESPIRITUAL DA POESIA DE TASSO DA SILVEIRA. Harmonia poética X demoníaca inquietação interior. Teoria da compensação poética da personalidade em Tasso. Foi o temor de migrar para além da Crença e além da Pátria que determinou essa prisão voluntária. Valores semíticos > arianos (em Tasso). Crença e política muito abaixo de sua personalidade. Espontâneo culto ao lar, projeção social do amor. HIPÓTESE FINAL: Estesia e religião de mãos dadas. Vestígio da concepção hegeliana do espírito absoluto.

[Segue nota (11 linhas) sobre a importância de Farias Brito, por Almeida Magalhães. Se tivesse o temperamento de Sílvio Romero ou de Tobias Barreto seria considerado maior, muito maior, do que o próprio Rui.]

**Autor(es) citado(s):** RIBEIRO, João; PILNIAK; KARAM, Francisco; ROSEMBERG, Alfred;

LIMA, José Augusto de. Elogio de Machado de Assis. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 65-98, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** MACHADO DE ASSIS

**Nota(s) de resumo:** A trajetória de Machado: do menino pobre do morro à incontestada glória presente. Doce cético, veneno socrático. Sofrimento e grandeza.

**Autor(es) citado(s):** STERNE; THACKERAY, William Makepeace; ALENCAR, José de; ALENCAR, Mario de; BARBOSA, Rui; BOCAIUVA, Quintino; CAMÕES, Luiz Vaz de; CAMPOS, Humberto de; FIELDING, Henry; FRANCE, Anatole; GARRETT, Almeida; MACEDO, Joaquim Manoel de; MOZART, Wolfgang Amadeus; NABUCO, Joaquim; OTAVIANO, Francisco; ALEGRE, Anel de Araújo Porto; SCHOPENHAUER, Arthur;



SHELLEY, Mary (Wollstonecraft); VERÍSSIMO, José; PATROCÍNIO FILHO, José do; RIBEIRO, João; BEETHOVEN, Ludwig van; SÓCRATES; PEREIRA, Lúcia Miguel; PEREGRINO JR.; COMTE, Auguste; ABREU, Capistrano de; AMARAL, Amadeu; ABREU, Casimiro de; MAISTRE, Xavier de; GUANABARA, Alcindo; SOUSA, Luís de;

CASCUDO, Luiz da Câmara. Montaigne. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 5, p. 99-102, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nome pessoal como assunto:** MONTAIGNE

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia; França; Indianismo

**Nota(s) de resumo:** Para Montaigne, Mehr Licht é inversamente proporcional a mehr Freud. Foi coerentemente um incoerente. Menos cristão dos pensadores, epicurista lardé de estoicismo. Tolerância: denuncia a dúvida, a incerteza do espírito que deveria ser uno. Ausência do "motivo" disfarçada na diversidade dos assuntos. "Seu raciocínio é uma tarefa das Danaides. "Não são, em boa verdade esses os argumentos que me fizeram traduzir e comentar Montaigne".

[Segue: No próximo número: "Montaigne e o índio brasileiro" de Luiz da Câmara Cascudo]

**Autor(es) citado(s):** RABELAIS, François; ROUSSEAU, Jean-Jacques; PLUTARCO; VOLTAIRE, François; ROTTERDAM, Erasmo de; COMTE, Auguste; DURER; KEPLER, Paul Wilhelm Von; TASSO.

REBORDÃO, Herculano. "Príncipe das montanhas, rei de ovelhas..." *Cadernos da Hora Presente*, nº. 5, p. 103-109, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

FIGUEIRA, Gaston. Mensaje a los poetas del Brasil. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 5, p. 110-112, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** Montevideo, 1939.

SILVA, Guilherme de Castro e. Canção em louvor... *Cadernos da Hora Presente*, nº. 5, p. 113, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus. Por campos vim. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 5, p. 114-115, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** [Segue nota (9 linhas) sobre a importância de Farias Brito, por Sílvio Romero. "As páginas consagradas a Spinosa, Kant, mill e Spencer são feitas por mão de mestre".]

LISBOA, Henriqueta. Poema do insatisfeito amor. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 5, p. 116-117, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** [Segue nota (2 linhas) sobre Farias Brito, por Sílvio Romero]

ALPHONSUS, Nazareno. Três poemas. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 5, p. 118-119, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

CANÇADO, Melo. Oferenda. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 5, p. 120, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

ÁVILA, Aristides Previdência. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 5, p. 121-134, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Sobre os Cadernos. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 5, p. 136, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nota(s) de resumo:** Depoimentos de CASCUDO, Luiz da Câmara; CHAVES, Petrônio R.; ROTEIRO (revista); CARVALHO, Geraldo; MOTTA FILHO; AMARAL, Rubens.

SILOS, José Geraldo de. Livros brasileiros / Pensador da nova geração. (PENAFIEL, Álvaro. *Geração decisiva*. Schmidt Editor, 1939). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 5, p. 137-142, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Nação; Modernidade; Brasil; Política; Liberalismo

**Nota(s) de resumo:** Penafiel continua a tradição de Farias, Alberto, Euclides — Jackson, Oliveira Viana e Plínio. Contra o excesso de liberdade. Por uma elite dirigente forte e heróica. A Liberdade deve ser a de criar uma grande Nação.

**Autor(es) citado(s):** ALIGHIERI, Dante; BRITO, Farias; CUNHA, Euclides da; LIMA, Oliveira; SALGADO, Plínio; TORRES, Alberto; VIANA, Oliveira; FIGUEIREDO, Jackson de; KIPLING, Rudyard; ROPS, Daniel; DUCANTILLON;

TORRES, João Camilo de Oliveira. Livros brasileiros / Otávio de Faria — Bergson — Léon Bloy. (FARIA, Otávio de. *Fronteiras da santidade* (Pascal e Léon Bloy). *Cadernos da Hora Presente* n. 2, 1939). *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 142-145, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nota(s) de resumo:** Feliz encontro do autor Otávio com o assunto Bloy. Distinção bergsoniana Deus vivo — Deus morto. Heresia em dizer que é este último o do tomismo. Nem racionalismo nem irracionalismo.

**Autor(es) citado(s):** BARTH, Karl; ALIGHIERI, Dante; BERGSON, Henri; DESCARTES, René; PASCAL, Blaise; SCHELER, Max; GILSON, Étienne; BLOY, Léon; BRUNSCHVICQ, Léon; PENIDO, Pe. Maurílio; SÃO JOÃO.

M. S. B. Livros brasileiros / Os casos do carimbamba. (QUEIROZ, Amadeu de. *Os casos do carimbamba*. Rio de Janeiro, Editora S. A. A. Noite, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 145, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Conto; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** O mesmo escritor de sempre: equilibrado, sóbrio, pitoresco e preciso...

M. S. B. Cabocla. (COUTO, Ribeiro. *Cabocla*. Editora Nacional, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 146, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Romance perfumado e agradável, com muito de *Inocência*.

M. S. B. Livros brasileiros / Contribuição à história do modernismo. (ATAÍDE, Tristão de. *Contribuição à história do modernismo*. Rio de Janeiro, José Olympio, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 146, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Crítica; Modernismo; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Crônicas de 1919-1920, "Páginas de um momento de alvorço intelectual".

M. S. B. Livros brasileiros / Canção do Beco. (COSTA, Dias da. *Canção do beco*. Editora

Rumo Ltda, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 146-147, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Conto; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Livro de atmosfera dolorosa. Viril, humano. Às vezes, meio literalizado.

M. S. B. Livros brasileiros / Dois romances de Nico Horta. (PENA, Cornélio. *Dois romances de Nico Horta*. Rio de Janeiro, José Olympio, s. d. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 147, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** "É mais uma vez um escritor exqu岸ito, de leitura angustiada"

[Segue: Livro recebido: Satiricon — Petrônio — Atena Editora — S. Paulo.

E nota (7 linhas) sobre a importância de Farias Brito, por Pe. Leonel Franca.]

FERRER, Manoel Cebrian. Livros estrangeiros / Notícia de Flávio Herrera, poeta de Guatemala. (HERRERA, Flávio. *Cosmos Índio. Hai-kais e tankas*. Tipografia Nacional de Guatemala, s. d. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 148-154, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavra(s)-chave:** América Latina; Poesia; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Porque não o Hai-Kai americano? O livro de Herrera mostra não apenas sua possibilidade como sua fecundidade.

[Segue nota (7 linhas) sobre a importância de Farias Brito. Trecho de carta a ele escrita por Alberto Torres.]

CASCUDO, Luiz da Câmara. O autor fala / Vaqueiros e cantadores. (CASCUDO, Luiz da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. Porto Alegre, Globo, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 155-157, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Folclore; Poesia

**Nota(s) de resumo:** Livro honesto, fruto de muito trabalho, nele o autor entrega tudo que sabe ao "amigo leitor". Já está pronto também *Geografia dos mitos*.

[Segue nota (5 linhas) sobre a importância de

Farias Brito, por Nestor Vitor.]

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Arquivo. (BARRETO, Lima. "Carta a Almeida Magalhães" de 15 de julho de 1918(?)). *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 158-159, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** CORRESPONDÊNCIA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia; Cartas

**Nota(s) de resumo:** Comentário a "Farias Brito e a reação espiritualista". Porque não estou à altura de fazê-lo. Defesa da introspecção como método filosófico.

[Segue nota sobre a importância de Farias Brito, por CARDOSO, Vicente Licínio: Euclides (expressão artística), Alberto Torres (política), Farias (filosofia).]

**Autor(es) citado(s):** WUNDT, W.; BRITO, Farias; DESCARTES, René; KANT, (Immanuel); SCHOPENHAUER, Arthur; SPENCER, Herbert; FIGUEIREDO, Jackson de; COMTE, Auguste; JANET, P.

MEIRA, Cecil. Crônicas / Ernesto Carneiro Ribeiro e a Língua Portuguesa. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 160-162, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filologia; Língua

**Nome pessoal como assunto:** RIBEIRO, Ernesto Carneiro

**Nota(s) de resumo:** Centenário desse grande filólogo (além de médico) brasileiro, vencedor de uma polêmica linguística com Rui Barbosa.

**Autor(es) citado(s):** ALI, M. Said; BARBOSA, Rui; BARRETO, Tobias; MACHADO DE ASSIS; BRANCO, Camilo Castelo; OVÍDIO;

SILOS, José Geraldo. Crônicas / Gaston Figueira. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 163-164, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nota(s) de resumo:** Uruguaio, nascido em 1905. Poeta continental, mais espontâneo que Ronald. Poeta da América Bárbara.

**Autor(es) citado(s):** MACEDO, Horta de; REIS, Solon Borges dos; SILVA, Oliveira e; FERNANDES, Carlos; CARVALHO, Ronald de; SILVEIRA, Tasso da; ARAÚJO, Murilo.

ALMEIDA, Fernando Mendes. Crônicas / Variações em torno dos excessos. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 164-165, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Língua

**Nota(s) de resumo:** Necessidade de se estudar o fenômeno paulista do bilingue italo-brasileiro a partir de princípios corretos de dialetologia.

**Autor(es) citado(s):** MOREIRA, Júlio; DALGADO (Monsenhor). BARBOSA, Jeronymo Soares; VASCONCELOS, José Leite de; DIEZ, Carlos Cruz; RIBEIRO, João; AMARAL, Amadeu;

SIQUEIRA, Hildebrando. Crônicas / A gramática de Frei Caneca. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 165-167, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Gramática; Século XIX

**Nota(s) de resumo:** Frei Caneca além de inquieto político foi um bom gramático da língua portuguesa.

RICARDO, Cassiano; CASCUDO, Luiz da Câmara; CORREIA JÚNIOR. Crônicas / Três opiniões sobre Zoraide Aranha. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 167-169, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia

**Nota(s) de resumo:** Grande declamadora. "Boneca brasileira a dizer versos". Paradoxo: Zoraide é "capaz de sentir o drama de certas poesias que só gente sizada poderá entender".

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / A noite que precede a alvorada. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 170-171, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Palavra(s)-chave:** Marxismo; Liberalismo; Comunismo

**Nota(s) de resumo:** O fenômeno comunista é mais um fenômeno burguês do que proletário. Daí que haja ricos ao lado do marxismo que é a negação de tudo o que há de superior nos homens.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Prêmio Antônio de Alcântara Machado. (LESSA, Origenes. *O feijão e o sonho*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 5, p. 171, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** RESENHA - Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Prêmio; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Merecido vencedor, tendo

concorrido com intelectuais como ÁVILA, Aristides; FRANCO, Carvalho; GUARNIERI, Rossine Camargo.

**Autor(es) citado(s):** ALMEIDA, Guilherme de; MOTA FILHO, Candido; PEIXOTO, Afrânio; LESSA, Origencs; MACHADO, (Antônio de) Alcântara;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 5, p. 171-174, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nota(s) de resumo:** Marques Rebelo em Minas Gerais; Os novos membros da Academia Mineira de Letras (MOURA, Emílio de; PASSOS, Zoroastro Viana); Guilherme de Almeida pronunciará uma conferência em Casa Branca; O escritor Dornas Filho anuncia dois novos livros; Sérgio Milliet na Academia Paulista de Letras; O escritor René Thiollier condecorado pelo governo francês; III Salão de Belo Horizonte; *Olhai os lírios do campo* no cinema norte-americano; Sociedade dos amigos da arte e da literatura (recém fundada em B.H.); *As Cartas chilenas* em edição de "mensagem" (o grande quinzenário mineiro); *Lume de estrelas* (Primeiro livro de versos de Alphonsus Guimaraens Filho); O positivismo no Brasil (a publicar por João Camilo de Oliveira Torres); II Salão Francisco Lisboa, de porto Alegre; *Roteiro* e a inteligência mineira; O ressurgimento de Almeida Magalhães; *Vida literária*, de Rosário Fusco; Revista *Letras* (Fortaleza, direção de Hodson Meneses); Amadeu Amaral.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Índice de autores. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 5, p. 175-176, out., 1939.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nota(s) de resumo:** GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de; CANÇADO, Antônio Augusto de Melo; AVILA, Aristides; COTRIM NETO, a; MEIRA, Cecil; SILVA, Guilherme de Castro e; REBORDÃO, Herculano; LISBOA, Henriqueta; SIQUEIRA, Hildebrando; RIBEIRO, Joaquim; LIMA, José Augusto; CASCUDO, Luiz da Câmara; FERRER, Manoel Cebrian; GUIMARAENS, Nazareno Alphonsus de.

[Segue nota (3 linhas) sobre a importância de Farias Brito por GUEENEN, Henrique.]

**Iconografia:** Publicidade: Contra-capa interna: Para os doentes do fígado os médicos aconselham o remédio EPATOBILAN. Contra-capa externa: Sobre a reedição das obras de Farias Brito, texto

de Luiz da Câmara Cascudo, extraído de "A República" — 17-9-39.

CASCUDO, Luiz da Câmara. Montaigne e o índio brasileiro. (Prefácio e notas a *Des Canibales*). *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 6, p. 9-12; 30-50, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Antropofagia; França; Indianismo

**Nota(s) de resumo:** Tradução começada a pedido de Ronald de Carvalho para o quarto centenário de Montaigne em 1933. "A festa não incluía submissão". Montaigne elogia tudo (no índio americano). Trata-se do primeiro americanista.

**Autor(es) citado(s):** CARVALHO, Ronald de; RONSARD, Pierre de; ROUSSEAU, Jean-Jacques; RIBEIRO, João; KIPLING, Rudyard;

MONTAIGNE, . "Des cannibales" — XXX dos *Essais*. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 6, p. 13-29, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** América Latina; Cultura; França

**Nota(s) de resumo:** Superioridade da bárbara mas honrada pureza dos indígenas americanos em relação à corrompida civilização européia.

**Autor(es) citado(s):** Solon; Claudiano.

**Autor(es) citado(s):** HORÁCIO; SÊNECA; ARISTÓTELES; CRISIPO, (Solos); PROPÉRCIO; VIRGÍLIO; ZENÃO; PLATÃO; JUVENAL; SOLON, CLAUDIANO.

BRITO, Farias. Filosofia e poesia. (Extrato de *Finalidades do Mundo* de 1895). *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 6, p. 51-57, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia; Poesia; Século XIX

**Nota(s) de resumo:** Filosofia como conhecimento in fieri. Poesia ≠ verso. Filosofia > poesia. Fuga para o país dos pensamentos da beleza. Renúncia definitiva à falsificação do real por meio do mito.

**Autor(es) citado(s):** VACHEROT; LANGE. ALIGHIERI, Dante; RIBOT; SCHILLER, Friedrich; HUGO, Victor; VIRGÍLIO; GOETHE; HOMERO;

MENUCCI. Sud. Amadeu Amaral. (Conferência pronunciada na A. P. I., em Capivari, em Campinas e em Rio Claro. *Cadernos da Hora*

*Presente*, n.º 6, p. 58-94, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** AMARAL, Amadeu

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Grandiosidade de Amadeu. Infinito poder de compreensão. Adepto do viver perigosamente ainda que não belicosamente, ainda que singelamente sendo o que se é. Amante da beleza em sua efemeridade. Partidário do esforço pelo esforço, sem gana de recompensa. Necessária publicação de suas obras completas.

**Autor(es) citado(s):** SCHMIDT, Afonso; ALIGHIERI, Dante; ALMEIDA, Guilherm de; ARARIPE JR., Tristão de Alencar; BILAC, Olavo; CAMÕES, Luiz Vaz de; CARVALHO, Vicente de; CORREIA, Raimundo; DIAS, Gonçalves; FONTES, Martins; LEONI, Raul de; MACHADO DE ASSIS; OLIVEIRA, Alberto de; PERNETTA, Emiliano; PIRANDELLO, Luigi; TORRES, Alberto; VALÉRY, Paul; VIEIRA, (Pe.) Antonio; FIGUEIREDO, Antônio.

ARINOS, Paulo. Livros brasileiros / Estrada perdida. (VERGARA, Telmo. *Estrada perdida*. s. ref. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 6, p. 97-103, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Necessário romper o coro de louvores e indicar a Teimo Vergara a necessidade de rever os seus pontos de vista acerca do romance. Necessária ampliação além da simples vivência pessoal. Romper com a vulgaridade e com a repetição excessiva.

**Autor(es) citado(s):** LAFORGUE, Jules;

ROCHA, Tadeu. Livros brasileiros / Problema de Educação. (NEGROMONTE, (Pe.) Álvaro. *A educação sexual*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 6, p. 104-110, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Sexualidade; Educação; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** O autor da resenha aproveita do livro do Pe. Negromonte para discursar sobre o problema da educação sexual no mundo moderno. Pois "foi no problema sexual mais do que em outro qualquer problema humano que se refletiram os desmandos da sociedade

contemporânea, afastada de Cristo e reconduzida pelas forças das trevas ao paganismo dos antigos tempos". É necessário educar meninos e meninas quanto ao sexo, evitando catastróficas formas de descoberta. A inocência não se confunde com a ignorância do mal.

**Autor(es) citado(s):** Pes. VIOLLET, GRIMAUD, DERMINE; Dominicanos GILLET, LAVAUD, Jesuítas PLUS, Raul; HOORNAERT, SCHIGEN, Hardy; PIO XI; Pe. GUERRY; Cardeal SEGURA Y SAENZ, SÃO PAULO, SÃO FRANCISCO DE SALES; DOMS; HARMEL, Françoise; LEVALLET-MONTAL, Monique; VERMEERSCH, BIOT, René; DE HOVRE.

CHAVES, Petrônio R. Livros brasileiros / Orlando Torres. (A propósito da publicação do livro *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro* de A. R. Wallace.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 6, p. 111-112, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** TÔRRES, Antônio.

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Tradução; Folclore

**Nota(s) de resumo:** Grandiosidade dos estudos folclóricos de Orlando Tôrres, tradutor do livro de Wallace. Estudos ainda por divulgar.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Conflitos e posições do espírito moderno. GOMES, Antônio Osmar. *Conflitos e posições do espírito moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio, s. d. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 6, p. 112-113, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Nacionalismo; Catolicismo; Comunismo

**Nota(s) de resumo:** Enquadrando-se na corrente personalista francesa, o livro clama pelo reestabelecimento de uma ordem cristã. Ataca a mística das nações nacionalistas. Numerosas críticas, nem todas lúcidas ou profundas. "Para atacar o fascismo e para ser mais antipático à "direita", acredita numa missão providencialmente histórica do comunismo" "a missão de recristianizar o homem".

**Autor(es) citado(s):** BERDIAEV, Nikolai; BRITO, Farias; COUTINHO, Afrânio; RACINE; RAMOS, Guerreiro; GOMES, Antonio Osmar;

ANDRADE, Mário de. Os caminhos da vida. (FARIA, Otávio de. *Os caminhos da vida*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 6, p. 113, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** É mais um livro notabilíssimo, segundo da *Tragédia Burguesa* que promete ser um verdadeiro processo da burguesia. Se ressentido do panfletarismo catolicista do autor. O que o distingue é sua força de analista das almas.

[Resenha extraída do *Diário de Notícias*.]

SILVEIRA, Tasso da. Tolstoi. (MOMIGLIANO, F. Tolstoi. São Paulo, Atêna, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 114, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** TOLSTOI, Leon  
**Palavra(s)-chave:** Romance; Biografia; Literatura; Século XIX

**Nota(s) de resumo:** De Tolstoi é preciso falar com prudência. É um decadente ou um afirmador do espírito? O autor é mais prudente que Rolland, mas

não o bastante.

**Autor(es) citado(s):** MOMIGLIANO, Attlio; ROLLAND, Romain;

SILVEIRA, Tasso da. Dante. (BERTONI, G. Dante. São Paulo, Atêna, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 114, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** ALIGHIERI, Dante  
**Palavra(s)-chave:** Biografia; Poesia; Literatura; Itália

**Nota(s) de resumo:** Apesar de pequeno diante do surpreendente *Dante, o teólogo* do Pe. MANDONNET, o perfil é bastante bom.

LIMA FILHO, Andrade. Novos rumos da pedagogia. (GRAÇA, Arnóbio. *Novos rumos da pedagogia*. Recife, *Jornal do Comércio*, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 114-115, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Pedagogia

**Nota(s) de resumo:** Inteligência penetrante e ativa do autor que propõe uma pedagogia integral.

**Autor(es) citado(s):** CLAPARÈDE, Edouard; DEWEY, John.

LIMA FILHO, Andrade. O problema das sanções no direito público internacional. (OLIVEIRA, Mário Pessoa. *O problema das sanções no direito público internacional*. Recife, *Jornal do*

*Comércio*, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 115, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Direito

**Nota(s) de resumo:** Apaixonado do direito, sua tese revela um sadio otimismo.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Noções de sociologia. (PASSAGE, Henri du. *Noções de sociologia*. Rio de Janeiro, Getúlio Costa, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 115, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Sociologia; França

**Nota(s) de resumo:** Sucesso na França, delicioso passeio por doutrinas e idéias.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Olavo Bilac. (NÓBREGA, Melo. *Olavo Bilac*. Coeditora Brasilica, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 115, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** BILAC, Olavo.

**Palavra(s)-chave:** Poesia; Literatura; Século XIX

**Nota(s) de resumo:** Ensaio notável e honesto, de autêntico crítico.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros / Arte de viver. (MAUROIS, André. *Arte de viver*. Vecchi editor, s. d. Coleção "Divulgação e cultura"). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 116, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Filosofia; França

**Nota(s) de resumo:** É uma pequena filosofia da vida. Tradução de Odílio Costa Filho e Álvaro Costa.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros [sic] / São Bernardino. (BONTEMPELLI, M. *São Bernardino*. São Paulo, Atêna, s. d. Coleção "perfis".) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 116, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Biografia; Idade Média; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** "O autor cuida rapidamente da biografia de São Bernardino pondo em relevo a sua ação exemplar de reformador de almas".

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros / Fronteiras do Brasil no regime colonial. (SOARES, J.C. de macedo. *Fronteiras*

*do Brasil no regime colonial*. Rio de Janeiro, José Olympio, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 116, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Colonialismo; História do Brasil

**Nota(s) de resumo:** Invés de resenha o índice geral do livro.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros / Paulo de Tarso. (ROHDEN, P. Huberto. *Paulo de Tarso*. Rio de Janeiro, Cruzada de Boa Imprensa, 1939). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 116-117, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Religião; Antigüidade; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** "Mais importante obra do gênero jamais publicada no Brasil."

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros / André Rebouças através de sua auto-biografia. (VERÍSSIMO, Tte. Cel. I. José. *André Rebouças através de sua auto-biografia*. Rio de Janeiro, José Olympio, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 117, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavra(s)-chave:** Biografia; Guerra; História do Brasil

**Nota(s) de resumo:** Prefácio de Otávio Tarquínio de Souza. Índice.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros / Christus — bases da ação católica. (DUTRA, Pe. Antônio de Paula. *Christus — bases da ação católica*. Rio de Janeiro, José Olympio, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 118, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** Prefácio de Tristão de Ataíde, segundo o qual este é um livro de "mística verdadeira", "roteiro seguro que todos devemos

LIMA FILHO, Andrade. Livros brasileiros / Adolescência. (SANTOS, Luiz Gonzaga. *Adolescência*. Recife, Geração, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 118-119, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** O autor é ainda quase

criança, mas demonstra larga inspiração.

CASCUDO, Luiz da Câmara. Livros brasileiros / Sul. CESAR, Guilhermino. *Sul*. s. ref. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 119, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Romance; Regionalismo; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Grande livro. Realismo distanciado sem sangue inútil nem sexualidade minuciosa.

VIEIRA, Hélio. Livros brasileiros / Três tragédias à sombra da cruz. FARIA, Otávio de. *Três tragédias à sombra da cruz*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 119-120, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Religião; Teatro; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Impressionante interpretação dos dramas de João Batista, Pilatos e Judas.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros / Os tabús maçônicos. (FERNANDES, Pe. Antônio. *Os Tabús maçônicos*. Recife, Tradição, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 120, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Educação

**Nota(s) de resumo:** Contra a alfabetização como "panacéia de intentos insidiosos".

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros recebidos. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 6, p. 120, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavra(s)-chave:** Bibliografia

**Nota(s) de resumo:** *Apologia do protestantismo* — U. Janin — Atêna Editora; *Apologia do Confusionismo* — Lu-Sung-ku — Atêna Editora; *Augusto e seu século* — A. Piccarolo — Atêna; *Panorama do Segundo Império* — Nelson Werneck Sodré — Vol. 170, Brasileira — S. Paulo; *Política* — Tristão de Ataíde — Rio de Janeiro, Getúlio Costa; *Cantos dispersos* — poesias — Pacheco de Almeida; *Voz do silêncio* — poemas — Ana Osório; *Nomes geográficos aborígenes* (glossário popular) — Christovam de Mauricéa — Rio; *Mines and minerals in Brazil* — Josias Leão — Centros de Estudos Econômicos — Rio.; *América* — Revista de cultura e divulgação — Baía; *Tentativa* — Revista de cultura de Belo Horizonte n. 5, 6 e 7.;

Cultura — n.2 — ano I — Jaboticabal — S. Paulo; Mensagem — quinzenário de arte e literatura — Belo Horizonte; “Son” — n.12 — Orgam da sociedade de cultura musical do Rio Grande do Norte; “Nordeste” — coetânea mensal de cultura de Natal — R. G. do Norte; “Terra imatura” — revista de letras, artes e ciências — Belém — Pará.

AIRES, Matias. Arquivo / Carta sôbre a fortuna de Matias Aires Ramos da Silva de Eça. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 6, p. 121-135, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:**  
CORRESPONDÊNCIA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Cartas

**Nota(s) de resumo:** “Eu hoje só tenho por fortuna o não esperar a fortuna”. Nota: Não levar a mal o emprego de palavras como “fortuna”, “ventura”:

mera eloquência, não paganismo.

**Autor(es) citado(s):** OVIDIO.

SALES, Almeida. Meia-hora / Com Georges Bernanos. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 6, p. 136-148, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** REPORTAGEM

**Nome pessoal como assunto:** BERNANOS, Georges

**Palavra(s)-chave:** Monarquia; Nacionalismo; França; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** “O grande escritor francês fala aos *Cadernos*” — O exílio no Brasil — M. Maurras, a Monarquia, a Igreja e as ditaduras — A tradição francesa — Condição do escritor francês — Fidelidade à infância — “Um cristão que não mente” — O mundo moderno e a Honra — A verdade sobre a guerra da Espanha — Majorca — Perspectivas trágicas para o mundo — A fé como liberdade e como defesa — Acusação contra os católicos — O ovo de pedra da sabedoria — A França é o reino de eleição do Cristo — A tradição francesa — o Advento de Hitler — os moços me compreenderão.”

**Autor(es) citado(s):** BOUDIN; LENIN; MAQUIAVEL, Nicolau; MAURRAS, Charles; MUSSOLINI, Benito; STALIN, Josef; DAUDET, Leon; TROTSKI, Leon; COMTE, Auguste; BLOY, Léon; PÉGUY, Charles;

RAMOS, Guerreiro. Antologia / Jacinta Passos. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 6, p. 149-150, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Alma difícil, altiva. Não gosta da noite nem do baixo. Experiência intelectual de Deus. O mundo a “desencanta”. Valôr autêntico da poesia brasileira.

**Autor(es) citado(s):** CLAUDEL, Paul; AGOSTINHO, Santo; MARITAIN, Jacques; NEWMANN, Barnett;

PASSOS, Jacinta. Antologia. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 6, p. 150-156, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** Poemas: Manhã de sol; Contrição; Consagração; Comunhão; Maria; Vida morta; Agonia no horto.

MAGALHÃES, Almeida. Crônicas / Carta sôbre Farias Brito. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 6, p. 157-159, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:**  
CORRESPONDÊNCIA

**Nome pessoal como assunto:** BRITO, Farias

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Brasil; Filosofia; Cartas

**Nota(s) de resumo:** Formam-se as condições para o devido conhecimento da obra de Farias Brito, esse Maritain brasileiro avant la lettre.

**Autor(es) citado(s):** LEMOS, Miguel; CARDOSO, Fausto; BANDEIRA, João Carneiro de Sousa; BARRETO, Tobias; CONSTANT, Benjamin; ROMERO, Silvio; VITOR, Nestor; MENDES, Nélon Teixeira; SILVEIRA, Tasso da; MENDONÇA, Carlos Sussekind de;

SIQUEIRA, Hildebrando. Crônicas / Machado de Assiz e Anatole France, funcionários públicos. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 6, p. 159-160, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** REPORTAGEM

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Biografia; Literatura; França.

**Nota(s) de resumo:** Superior sabedoria do humorista, “sensibilidade verdadeiramente crepuscular”. Machado conservou-se no emprego a vida toda.

Anatole o abandonou.

**Autor(es) citado(s):** HESSE, Herman;

NÓBREGA, Melo. Fatos e comentários / Bôcas de serpente. (Fragmento do estudo *Olavo Bilac*). *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 6, p. 161-162, jan., 1940.



**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** BILAC, Olavo

**Nota(s) de resumo:** Veneno lançado sobre Bilac quando de sua campanha nacionalista pela conscrição militar obrigatória. Desfeito à polêmica, superior à injúria.

**Autor(es) citado(s):** GRIECO, Agripino; AMARAL, Amadeu;

LIMA, Figueira. Fatos e comentários / O movimento literário no Ceará. (texto extraído de *A Gazeta*, 17-11-39). *Cadernos da Hora Presente*, n.º 6, p. 162-164, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Literatura; Bibliografia

**Nota(s) de resumo:** Literatura cearense fechada aos escândalos freudianos, feita de "sol e liberdade".

**Autor(es) citado(s):** MARTINS, Fran; MARTINS, Carlile; SALES, Aderbal; JAQUES, João; ROCHA, Demócrito; LIMA, Adonias; BULCÃO, Soares; MOTA, Leonardo; CAVALCANTI, Carlos; PINTO, Mozart; CRUZ FILHO; MACIEL, Júlio; TOMAZ, Pe. Antônio; IRINEU FILHO; LEITE, Epifânio; AZUL, Serra; AZEVEDO, Octécilio; NETO, Sidney; SILVEIRA FILHO; NASCIMENTO, Franklin; RODRIGUES, Martins; SARASTE, Paulo; FURTADO, Andrade; MARTINS FILHO; LOBO, Otávio; ARAUJO, Ervino; MARTINS, Romeu; LINHARES, Josaphat; SOUSA, Eusébio de; MARINHO, Silveira; MOURA, Edson; AMORA, Albano; BARROSO, Antonio Girão; MOTA, Murilo; MOTA, Moacir; GALENO, Henriqueta. Antônio; CARVALHO, Jáder de.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Centenário de Júlio Diniz. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 6, p. 164, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nome pessoal como assunto:** DINIS, Júlio

**Palavra(s)-chave:** Romance; Portugal; Literatura

**Autor(es) citado(s):** MEIRELES, Cecília; BARROSO, Gustavo.

MOTA FILHO, Candido. Fatos e comentários / Geração republicana. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 6, p. 164-165, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; República

**Nota(s) de resumo:** "Foi, indiscutivelmente, uma geração admirável."

**Autor(es) citado(s):** VOLNEY; NABUCO. Joaquim; PESTANA, Francisco Rangel; TORRES, Alberto; ROUSSEAU, Jean-Jacques; SALES, Campos; GLICÉRIO, Francisco; CAMPOS, Bernardino de; AMARAL, Ubaldino do.

CAMPELLO, José. Fatos e comentários / Corporativismo moderno. (COTRIM NETO, A. *Fontes do corporativismo moderno. Cadernos da Hora Presente* n. 5). *Cadernos da Hora Presente*, n.º 6, p. 165-166, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Corporativismo; Catolicismo; Comunismo

**Nota(s) de resumo:** Córtrim é dotado de grande poder de síntese. Diferença entre as lições de Leão XIII e a doutrina comunista.

NAVARRO, Saul de. Fatos e comentários / Silva Jardim, o apóstolo sacrificado. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 6, p. 166-167, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nome pessoal como assunto:** JARDIM, Silva

**Palavra(s)-chave:** Brasil; República; Século XIX

**Nota(s) de resumo:** Importância de Silva Jardim no movimento republicano. Preterido pelos arrivistas após a proclamação.

**Autor(es) citado(s):** ALVES, Castro.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 6, 167-170, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nota(s) de resumo:** Premiada uma peça teatral de Fernando Mota; Círculo de estudos Farias Brito (Integrantes: ARAUJO, Manuel Maria de; BARRETO, José Sá; SANTOS, José Abrantes dos; LIRA, Silvino; GRAÇA, Arnóbio; MEYER, Luiz Rafael. Local: Recife); *Formação histórica do Brasil* em edição americana (autor: CALOGERAS, Pandiá. Tradutor: MARTIN, P. A); Homenagem a Machado de Assis (discurso pronunciado por Júlio Dantas na Academia de Ciências de Portugal); Paulo Ronai (publicação de *Brazilia Usen*, antologia de poetas brasileiros prefaciada por Otávio Fialho); Mário de Andrade em Belo Horizonte 9a convite da revista *Projeção* órgão do DCE; Catálogo da exposição Machado de Assis (está no prelo); Pedro Luiz (centenário deste pioneiro da escola condoreira); Vicente Themudo Lessa (falecimento); *Planície Noturna* (último livro de Ribeiro Couto); *Pedro Rolada*

(livro de estréia de João Stefanini); *O Último Horizonte* (romance a sair de Abel Mendonça); *Corpo vivo* (romance de Adonias Filho pronto para ser editado); *Tentativa* (publicação suspensa); Belisário Penna (Falecimento).

MENDONÇA, Abel. Conto mensal / Quando quase tudo parou. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 6, p. 171-175, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Índice de autores. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 6, p. 176, jan., 1940.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nota(s) de resumo:** Luiz da Câmara Cascudo; Tadeu Rocha

**Iconografia:** Publicidade: "SEP" apresenta *Vida literária* de Rosário Fusco, primeiro volume da coleção "Estudos e documentos". Brevemente na mesma coleção: *Introdução ao direito moderno* de Tristão de Ataíde; *Tendências do novo humanismo* de Eurialo Canabrava; *Introdução à pedagogia contemporânea* de Teobaldo de Miranda Santos. Contracapa interna: BRUNSWICK — o bilhar dos campeões — "Até nos mais distantes sertões do Brasil joga-se nos bilhares Brunswick"; Os Homens que predominam: Elixir de catuaba composto. Contracapa externa: Sobre a reedição das obras de Farias Brito, por Rosário Fusco.

SIQUEIRA, Hildebrando. Farias Brito. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 5-6, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nome pessoal como assunto:** BRITO, Farias

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia

**Nota(s) de resumo:** Reeditar Farias Brito é um serviço benemérito, Farias Brito é benemérito.

**Autor(es) citado(s):** FRANCA, Leonel; LIMA, Alceu Amoroso; MURICY, José Cândido de Andrade; SALGADO, Plínio; BARRETO FILHO, Mello; SILVEIRA, Tasso da; SERRANO, Jônatas; MAGALHÃES, Almeida.

**Iconografia:** Publicidade: Brevemente: "Gil Vicente e outros estudos portugueses" de Tasso da Silveira; e "Farias Brito" de Nestor Vitor (2ª Edição) — Edições da SEP.

MOTA FILHO, Candido. Elogio do municipalismo. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 7-28, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Tradição; Cidade

**Nota(s) de resumo:** O município é "a cidade de mãos dadas com o campo". Melhor solução para o coexistir humano, realizando uma idéia forte de comunidade. Antídoto à anarquia característica das grandes cidades modernas.

**Autor(es) citado(s):** BRETE, Jean de la; MULLHER-LYER; METHIER, Albert; LAFAYETTE; BRYCE, James; ROOT, Elihu; STEPENS, Lincoln; LATELIER; LUIZ, Washington; CUNHA, Visconde; LISBOA, João; FEIJÓ, Antônio; D. Pedro I; NORDAU, Max; DRAYZER; EMPÉDOCLES; CARREL, Alexis; RIPPER; LUCRÉCIO. BEER, Max; BERDIAEV, Nikolai; BERGSON, Henri; FRANCE, Anatole; FREUD, Sigmund; HALL, Michael M.; HERÁCLITO; HUXLEY, Aldous; KEYSERLING, Graf Hermann; LIMA, Oliveira; LUTERO, Martinho; MAQUIAVEL, Nicolau; MARTINS, Oliveira; MICHELET, Jules; MORUS, Thomas; NIETZSCHE, Friedrich; GASSET, José Ortega y; PÉRICLES; RICARDO, Cassiano; ROBESPIERRE, Maximilien Marie Isidore; SHAW, (Geoge) Bernard; SOMBART, Werner; SPENCER, Herbert; SPENGLER, Oswald; VEGA, Garcilaso de la; VIANA, Oliveira; ARISTÓTELES TOCQUEVILLE, Alexis de; ROUSSEAU, Jean-Jacques; HEGEL; THIERRY, Augustin; HERÓDOTO; CHESTERTON, Gilbert Keith; WASHINGTON, George; TALES; SAMPAIO, Theodoro; SAINT-HILAIRE, Auguste de; ROTTERDAM, Erasmo de; PITÁGORAS; ZENÃO; SÓCRATES; HOMERO; KIPLING, Rudyard; GLADSTONE; PLÍNIO; PLATÃO; MACHADO, (Antônio de) Alcântara; COBOS, Lopez; MIRABEAU; COULANGES, Fustil de; ANAXIMANDRO;

LIRA, Silvino. Respeito à autoridade. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 29-38, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Religião; Política; Democracia

**Nota(s) de resumo:** "Toda autoridade promana logicamente da hierarquia natural existente em todas manifestações do ser." É portanto resultante de direito divino e natural. Negá-la é cair.

**Autor(es) citado(s):** VENILLOT, Louis; NERY, Castro.

[Segue pequeno (9 linhas) extrato de Farias Brito sobre a vitória definitiva da verdade]

**Autor(es) citado(s):** EPICURO; BERDIAEV, Nikolai; LIMA, Alceu Amoroso; LOCKE, John;

MAISTRE, Joseph de; MARX, Karl; NIETZSCHE, Friedrich; REALE, Miguel; SALGADO, Plínio; SPINOZA, (Baruch); ARISTÓTELES; ROUSSEAU, Jean-Jacques; HOBBS, Thomas;

FUSCO, Rosário. O esforço intelectual na criação. (Cap. III de uma introdução à experiência estética" a publicar-se). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 39-45, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Estética; Intelectual

**Nota(s) de resumo:** Três tipos de fenômenos psíquicos: espontâneo, voluntário, em oposição à vontade. O esforço intelectual está ligado ao segundo tipo. Está sempre ligado a um fim pretendido.

[Segue nota (6 linhas) sobre a reedição das obras de Farias Brito, por Luis Delgado.

**Autor(es) citado(s):** ANDRADE, Oswald de; BANDEIRA, Manuel; BERGSON, Henri; CONDILLAC, Etienne Bonnot de; DOSTOIEVSKI; FLAUBERT, Gustave; SCHUMANN, Robert;

OBINO, Aldo. A tristeza pagã e a alegria cristã. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 56-53, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Antigüidade; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** Diz-se, comumente, que os gregos eram alegres e que o cristianismo é responsável por entristecer o homem. Mas a verdade é o contrário. É o Deus paternal revelado por cristo que pode nos dar alegria.

[Segue nota (3 linhas) sobre a importância de Farias Brito, por Henrique Gueenen.]

**Autor(es) citado(s):** FRANCE, Anatole; HERÁCLITO; MICHELET, Jules; MIMNERMO; SCHOPENHAUER, Arthur; ÉSQUILO; PÍNDARO; HERÓDOTO; HESÍODO; SÓFOCLES; CHATEAUBRIAND, François René; BYRON, (George Gordon)Lord; SAFO; GOETHE; FIGUEIREDO, Jackson de; EURÍPEDES; HOMERO; D'ANNUNZIO, Gabrielle; TUCÍDEDES; ANACREONTE; HENUSSE; HARAUCOURT, Edmond; TEOGNIS; ALCEU.

CARDOSO, Lúcio. Baudelaire. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 54-62, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** BAUDELAIRE,

Charles

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Poesia; Literatura; França

**Nota(s) de resumo:** Importância da consciência do irremediável efêmero. Satanismo compreensível apenas em relação à consciência cristã do poeta. Fracasso. Capacidade de compromisso: a do gênio. Insubmissão constante. Grandeza graças ao arrependimento (luz reforçada pela profundidade do abismo).

[Segue nota (3 linhas) sobre a importância de Farias Brito, por Xavier Marques.]

**Autor(es) citado(s):** CHATTERTON, Thomas; ALIGHIERI, Dante; HÖLDERLIN, Friedrich; POE, Edgar Allan; PROUST, Marcel; RIMBAUD, Arthur; SCHELER, Max; VERLAINE, Paul; BYRON, (George Gordon)Lord; GOETHE; KEATS, John; BOS, Charles Du;

FRANCO SOBRINHO, Manoel de Oliveira. Considerações em torno de Marcel Proust. (O homem e a obra). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 63-75, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** PROUST, Marcel

**Palavra(s)-chave:** Romance; Literatura; França

**Nota(s) de resumo:** Proust: expressão mais pura de nosso tempo. Incompreensão dos contemporâneos. Destruição da imagem objetiva do universo. Historiador de costumes mas não só. Transcende chegando ao Tempo puro. Busca da originalidade ideal.

[Segue nota (2 linhas) sobre a importância de Farias Brito, por Tasso da Silveira.]

**Autor(es) citado(s):** JALOUX, Edmond; THIBAUDET, Albert; BARRÈS, Maurice; CLAUDEL, Paul; COCTEAU, Jean; CONRAD, Joseph; CURTIUS, Ernest Robert; FREUD, Sigmund; GIDE, André; LIMA, Alceu Amoroso; GASSET, José Ortega y; VALÉRY, Paul; FERNANDEZ, Ramon; PASTEUR, Louis; GOETHE; DREYFUS, Hubert; MORAND, Paul; ZWEIG, Stefan; ROCHELLE, Drieu la; QUINT, Léon Pierre; MAUROIS, André; ABRAHAM, Pierre; MASSIS, Henri; GRASSET, Bernard; CREMIEUX, Benjamin; BLONDEL, Charles; NOIELLES; DAUDET; PROUST, Robert; LARRETA, Enrique; DANDIEU, Arnaud; HUDSON, Stephen; BOYSLÈVE; MURRY, Midleton; LARBAUD, Valéry; FITZGERALD, Elen; CECCHI, Emile; COCHET, Marie-Anne.

SILVEIRA NETO. Alfredo Andersen. *Cadernos*

da *Hora Presente*, nº. 7, p. 76-79, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Nome pessoal como assunto:** ANDERSEN, Alfredo

**Palavra(s)-chave:** Pintura; Paraná

**Nota(s) de resumo:** Falecimento do "pai da pintura paranaense".

**Autor(es) citado(s):** MONTIGNY, Grand Jean de; GRIMM, Jorge; CASTAGNETO, OFF, Augusto, BARCA, Conde da; D. JOÃO VI; RUBENS, Carlos; TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle; DEBRET, Jean-Baptiste.

MORAES, Vinícius de. Dois fragmentos. (Dos cadernos da infância). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 80-86, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

SALGADO, Plínio. Capítulos do romance *Trepandé*. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 87-94, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Nota(s) de resumo:** [Segue nota (4 linhas) sobre a importância de Farias Brito, por José Oiticica]

VAREJÃO, Lucilo. As alegres comadres. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 95-97, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Nota(s) de resumo:** [Segue nota (3 linhas) sobre a importância de Farias Brito, por Nestor Vitor]

PEIXOTO, Mário. Dois poemas de Mário Peixoto. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 98-102, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** O vento; A casa entramada na  
verdura.

LOPES, Paulo Corrêa. Quatro poemas de Paulo Corrêa Lopes. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 103-104, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** Oratória; Ventos; Poema; Um sonho.

[Trata-se de poemas em prosa.]

LIMA, Alceu Amoroso. Nosso maior filósofo (Rio, 18-2-40). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 105-106, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Nome pessoal como assunto:** BRITO, Farias

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia; Simbolismo

**Nota(s) de resumo:** Revolução filosófica no pensamento brasileiro. Anti conformista. Transcendeu Tobias. Filósofo do simbolismo.

**Autor(es) citado(s):** ESTRADA, Osório Duque; BARRETO, Tobias; CUNHA, Euclides da; ROMERO, Silvio.

ADONIAS FILHO. Livros brasileiros / Entre os romances de Cornélio Pena. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 107-121, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Existencialismo; Literatura; Século XIX

**Nota(s) de resumo:** Os romances de Cornélio Pena se passam além do bem e do mal, mas não na inocência. Tipo inteiramente novo no romance subjetivo. Contém análise de *Fronteiras* (1935) e de *Os dois romances de Nico Horta* (1939).

**Autor(es) citado(s):** GARRIGOU-LAGRANGE; LESÈTRE; JOUHANDEAU, Marcel; KLUG, Ignac; SCHWOB, René; AQUINO, Santo Thomas de; CLAUDEL, Paul; DOSTOIEVSKI; GIDE, André; HEIDEGGER, Martin; KIERKEGAARD; AGOSTINHO, Santo; STRINDBERG, Johan August; WASSERMANN, Jakob; PLOTINO; JANET, P.

SILVEIRA, Tasso da. Livros brasileiros / Augusto e seu século. (PICAROLO, A. *Augusto e seu século*. São Paulo, Atêna, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 121-122, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Antigüidade; Ocidente

**Nota(s) de resumo:** O livro mostra bem como Augusto, ao contrário de êmulos seus como Alexandre, Cesar e Napoleão, dotados de um alto dinamismo criador, era dominado pela simples vontade de poder nietzscheana. Entre o esplendor helênico e o judaico-cristão, o clarão augusteo é treva.

**Autor(es) citado(s):** HORÁCIO; NIETZSCHE, Friedrich; VIRGÍLIO;

CASCUDO, Luiz da Câmara. Várzea do Assú. (MELO, Manuel Rodrigues de. *Várzea do Assú*. *Cadernos da Hora Presente* — 1940). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 122-123, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Regionalismo; Literatura; Comunismo

**Nota(s) de resumo:** É o cronista da Várzea do Assú. Narra, entre outras, como o comunismo se infiltrou e foi vencido no baixo-Assú.

BARRETO, Plínio. Livros brasileiros / Farias Brito. (SERRANO, Jônatas. *Farias Brito*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 123-125, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** BRITO, Farias

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia; Biografia

**Nota(s) de resumo:** Filosofia corresponde na prática à religião. Do devaneio de uma nova religião que sintetizasse o que há de bom no ocidente e no oriente à aceitação quase completa do catolicismo (influência de Jackson). "Ensinar aos que padecem como esperar com serenidade o desenlace da morte."

[Extraído de *O Estado de São Paulo*, 17-2-40.]

ANDRADE, Mário de. Vaqueiros e cantadores. (CASCUDO, Luiz da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. Porto Alegre, Globo, 1939.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 125, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Folclore

**Nota(s) de resumo:** Importante contribuição para a miserável produção nacional sobre o folclore. Fruto saboroso de numerosíssimas pesquisas.

(Extraído do *Diário de Notícias* — Rio.)

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros / Bom humor. (BILAC, Olavo. *Bom humor*. Getúlio Costa, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 125, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** BILAC, Elisabete Dória

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Humor; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Além do livro de Bilac, encontramos na coleção "Vida literária" *Canções sem metro* de Raul Pompéia e *Páginas esquecidas* de Machado de Assis. Todos interessantíssimos.

**Autor(es) citado(s):** MACHADO DE ASSIS; POMPEIA, Raul.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Mil histórias sem fim. (TAHAN, Malba. *Mil histórias sem fim*. Getúlio Costa, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 125-126, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Conto; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Prosa deliciosa. Primeiro escritor de gênio árabe na América.

**Autor(es) citado(s):** CAMPOS, Humberto de.

M. S. B. Livros brasileiros / Dicionário da terra e da gente do Brasil. (SOUSA, Bernardino de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. Cia. Editora Nacional, Col. Brasileira.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 126, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Língua; Geografia

**Nota(s) de resumo:** "Trabalho de infinita paciência de investigação. Útil.

M. S. B., História da Civilização. (WELLS, H.G. *História da Civilização*. Cia. Editora Nacional.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 126, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** História; Cultura

**Nota(s) de resumo:** "Ainda que curioso e interessante, Wells-em-marcha-a-ré não me encanta".

M. S. B. O sentido das máscaras. MURAT, Tomaz. *O sentido das máscaras*. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 126, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nota(s) de resumo:** Crônicas sobre vários escritores brasileiros. Amor acendrado pela frase sonora.

**Autor(es) citado(s):** ABREU, Rodrigues de; KARAM; ALMEIDA, Moacyr; CARVALHO, Ronald de; FONTES, Hermes; LEONI, Raul de; GRIECO, Agripino; ABREU, Rodrigues, KARAM, Francisco.

PENA, Cornélio. Livros estrangeiros / Situação da humildade. (MALEGUE, J. *Augustin ou Le maître est là*. Paris, SPES, 1935. 2 vols.) *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 127-129, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Romance; Religião; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Aterrador. "Augustin deixa desenrolar em si a luta pelo impossível". E a ceita a "submissão prática à pessoa de Cristo".

ESCOREL, Lauro. Livros estrangeiros / Um romance da vida conjugal. CHARDONNE, Jacques. *L'épithalame*. s. ref. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 129-132, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Romance; Casamento; Literatura; França

**Nota(s) de resumo:** Poderoso testemunho da realidade matrimonial. Fixa um drama que se repete sempre que é esquecida a dignidade da pessoa humana.

**Autor(es) citado(s):** SCHELER, Max;

ADONIAS FILHO. "L'épée de feu". (ROPS, Daniel. *L'épée de feu*. Paris, Plon, 1939.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 132-133, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Romance; Fascismo; Literatura; França; Comunismo

**Nota(s) de resumo:** Livro sofrível. Enorme decadência em relação a "Mort, où est ta victoire". Como a boa literatura bolchevista e a má literatura católica, feito para defender uma posição preconcebida.

**Autor(es) citado(s):** DOSTOIEVSKI.

ADONIAS FILHO. "Introduction à une mystique de l'enfer". (MAURIAC, Claude. *Introduction à une mystique de l'enfer*. Paris, Grasset, 1938.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 133-135, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Romance; Biografia; Literatura; França

**Nota(s) de resumo:** "Dir-se-ia de jouhandeau ser um "múltiplo de anjo, demônio e homem". "Ao contrário dos místico, não sai da realidade, ele desce à realidade" "para retirar de sobre ela o manto objetivo que a encobre, exibindo os abismos que ai estão presos".

**Autor(es) citado(s):** BERDIAEV, Nikolai; GIDE, André; NIETZSCHE, Friedrich; RIMBAUD, Arthur; ZWEIG, Stefan.

SILVEIRA, Tasso da. Odisséa. (HOMERO. *Odisséa*. Lisboa, Sá de Costa, s. d. Tradução: PALMEIRA, Pe. E. Dias e CORRÊA, Pe. M. Alves.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 135-136, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Tradução; Antiguidade; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Tradução correta e confiável embora demasiado clássica, cortando a pulsação bárbara do original.

**Autor(es) citado(s):** DESCARTES, René; GONZAGA, Tomás Antônio; LISLE, Leconte de; PLATÃO; BARROS, João de; MELO, Francisco

M. de; MIRANDA, Sá de; SOUSA, Luis de;

SILVEIRA, Tasso da. Capital do espírito. (TRIGUEIROS, Luiz Forjaz. *Capital do espírito*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 136, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Portugal; França; Intelectual

**Nota(s) de resumo:** "Resultado do inquérito a que procedeu entre ilustres representativos da inteligência da França". Mundo transitório ≠ mundo eterno. Atitude e estilo definidos.

**Autor(es) citado(s):** HURET, Jules.

ESCOREL, Lauro. Mês idées esthétiques. (DAUDET, Leon. *Mês idées esthétiques*. Paris, Arthème Fayard, 1939.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 136-137, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Polêmica; Estética; França

**Nota(s) de resumo:** "Observador lúcido e atento e um crítico penetrante". Condenação de Renan, Zola e, o que mais surpreende, Valéry.

**Autor(es) citado(s):** RENAN, Ernest; VALÉRY, Paul; ZOLA, Émile; DAUDET, Leon;

ESCOREL, Lauro. Le moi et son destin. LAVELLE, Louis. *Le moi et son destin*. s. ref. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 137, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Filosofia

**Palavra(s)-chave:** Filosofia; França

**Nota(s) de resumo:** "A inteligência de Louis Lavelle tem a transparência de um cristal." Sugestões preciosas para o conhecimento da verdade.

**Autor(es) citado(s):** LAVELLE, Louis;

M. O. F. S. "Cervantes". (RECOULY, Raymond. *Cervantes*, s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 138, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** CERVANTES, Miguel de

**Palavra(s)-chave:** Biografia; Espanha

**Nota(s) de resumo:** "A mais agradável surpresa do ano que findou."

NÓBREGA, Melo. Antologia / Batista Cepelos. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 139-140, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Biografia; Poesia; Literatura

**Nome pessoal como assunto:** CEPELOS, Batista.

**Nota(s) de resumo:** "Sua vida poderia ser resumida naquela invocação do 'poeta maldito' (Baudelaire)"

**Autor(es) citado(s):** BAUDELAIRE, Charles;

CEPELOS, Batista. Antologia / Batista Cepelos. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 141-146, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** O Tietê (Os Bandeirantes); Ofir (O cisne encantado); Jesus (Mária Madalena); Conselhos (Vaidades); Canções (Musa Patrícia); Ditosa Pátria (Musa patricia).

**Iconografia:** Publicidade: Fim da página 146: No prelo "Farias Brito" — 2ª ed. — Nestor Vitor. Edição da SEP.

SIQUEIRA, Hildebrando. Arquivo / Bibliografia machadiana: uma raridade. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 147-148, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Teatro; Literatura; Bibliografia

**Nota(s) de resumo:** Encontrou em Amparo um dos cem exemplares da primeira edição de "Tu só, tu, puro amor" (Rio de Janeiro, Lombaerts, MDCCCLXXXI).

BILAC, Olavo. Quatro sonetos de Bilac. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 148-150, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** Quatro poemas que não constam da edição definitiva das suas *Poesias*, enviados por um leitor. "No album de Mlle. Isabel Pereira" publicadona "Revista Sousa Cruz"; "A alma do poeta"; "Solar deserto"; "manhã de maio" publicado na "Gazeta acadêmica" do Rio e em "A novela semanal" de São Paulo.

ANJOS, Augusto dos. Natureza íntima. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 150, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** [Consta dedicatória "Ao filósofo Farias Brito".

FARIA, Otávio de. Cinema / Balanço do ano de 1939. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 151-154, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Cinema; Estados Unidos; França

**Nota(s) de resumo:** Crise do cinema relacionada ao advento do cinema falado. Decadência do cinema americano e alemão. Ascensão do francês. 1940 promete ser pior.

**Autor(es) citado(s):** MURNAU; OZEP; PABT; CAPRA, Frank; BROWN, Clarence; DUVIVIER, Julien; GRÉMILLON, Jean; FEYDER, Jacques; CHENAL, Pierre; MOGUY, Léonide; LEVY, Jean Benoit; L'HERBIER, Marcel; WYLER, William; HOWARD, William K.; FORD, Wallace; MAMOULIAN, Ruben; GOULDING, Edmond; CZINNER, Paul; BERGNER, Elizabeth; CARNÉ; CHAPLIN, Charles; DREYER, Carl; STERNBERG, Joseph von; GUITRY, Sacha; POUDOVKINE, Vsevolod I.; STROHEIM, Erich von.; CLAIR, René; EISENSTEIN, Sergei; RENOIR, Jean; VIDOR, King.

MENUCCI, Sud. Fatos e comentário / Um episódio de Amadeu Amaral. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 155-156, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Nome pessoal como assunto:** AMARAL, Amadeu

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Biografia; Poesia; Literatura

**Nota(s) de resumo:** De como Amadeu Amaral foi para São paulo após uma polémica numa cidade do interior onde dirigia uma instituição de ensino secundário.

M. O. F. S. Fatos e comentários / *Sob o olhar malicioso dos trópicos*. (BARRETO FILHO. *Sob o olhar malicioso dos trópicos*. s. ref.) 1929. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 7, p. 156-157, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Modernismo; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Romance que define um rumo de interioridade que vem se distendendo muito. Necessárias novas edições.

**Autor(es) citado(s):** ALBUQUERQUE, J.J.C.C. Medeiros e; ANDRADE, Mário de; ARANHA, Graça; BARRETO, Afonso Henriques de Lima; CARDOSO, Lúcio; COUTO, Ribeiro; FARIA, Otávio de; FONTES, Amando; LOBATO, Monteiro; MARQUES, Xavier; MURICY, José

Cândido de Andrade; PEIXOTO, Afrânio; PENA, Cornélio; RAMOS, Graciliano; SALGADO, Plínio; VIEIRA, José Geraldo; ALMEIDA, José Américo de; OLÍMPIO, Domingos; PEIXOTO, Mário; FIGUEIREDO, Jackson de; SILVEIRA, Valdomiro; MAGALHÃES, Adelino; MACHADO, (Antônio de) Alcântara; SOUSA, Claudio; RAMOS, Carvalho; SETE, Mário; QUEIROZ, Diná Silveira de;

M. O. F. S. Fatos e comentário / livros norte-americanos de 1939. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 157-158, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Estados Unidos; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Interessante tendência ao particular, às “coisas de casa” (em oposição ao universalismo de Poe, Whitman...).

**Autor(es) citado(s):** LEWIS; SINCLAIR; PAGE, Elisabeth; BUCK, Pearl; ALEN, Herve; FARREL, James T.; COOPER, James Fenimore; FAULKNER, William; HEMINGWAY, (Ernest Miller); POE, Edgar Allan; WHITMAN, Walt;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. *Tentativa. Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 158-159, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Periodismo; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Interrupção das atividades da revista mineira “Tentativa”: “mais um elemento de importância na organização espiritual brasileira que deixa de exercer suas atividades”.

**Autor(es) citado(s):** LEITE, Armando Más; GUIMARAENS FILHO, Alfonsus de; ROCHA, Décio; RIBEIRO, Euler; HORTA, Jair; ETIENE FILHO, J.; LEMOS, Juventino; SALES, Milton; SALES, S. Oliveira. RUBIÃO, Murilo; RIBEIRO, Hélio;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Prêmio Graça Aranha de 1939. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 159-160, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Prêmio; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Incompreensível a decisão do júri — atribuindo o “prêmio Graça Aranha” a Viana Moog. “Um rio imita o Reno” sendo inferior aos livros de todos outros autores citados.

**Autor(es) citado(s):** FARIA, Otávio de; MOOG, Viana; PENA, Cornélio; QUEIRÓS, Dinah Silveira de; QUEIRÓS, Rachel de;

LIMA, Alceu Amoroso. Recortes em revista / Vigília de natalidade. (FARIA, Otávio. *Fronteiras da Santidade* (Pascal e Léon Bloy). *Cadernos da Hora Presente* n.2). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 161-167, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia; Religião; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** A verdade cristã não a fabricamos, a aceitamos. Otávio de Faria quer fabricá-la e cria assim um Deus a sua imagem e semelhança, projeção de seu eu. Só aceita seu lado loucura sem conciliá-lo com o lado sabedoria. Falta-lhe “o equilíbrio sobrenatural que só a graça lhe poderá trazer”. Aí então compreenderá que o Deus de Pascal e Bloy é o mesmo de Chesterton e Santo Tomaz.

[Extraído de “O Jornal”, 24-12-39].

**Autor(es) citado(s):** AQUINO, Santo Thomas de; BERGSON, Henri; BLAKE, William; DESCARTES, René; DOSTOIEVSKI; KIERKEGAARD; MARCEL, Gabriel; MONTAIGNE; NIETZSCHE, Friedrich; PASCAL, Blaise; RIVIÈRE, Jacques; SHAW, (George) Bernard; SPINOZA, (Baruch); ARISTÓTELES; CHESTERTON, Gilbert Keith; SILVEIRA, Tasso da; BLOY, Léon; CINTI, Decio; SCHWEITZER; PÉGUY, Charles;

FARIA, Otávio de. Deus vivo e Deus morto. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 168-173, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** DEBATE

**Palavra(s)-chave:** Filosofia; Religião; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** A acusação de ter criado Deus à sua imagem e semelhança põe o autor em ridículo. Mas basta ver o que dizem os autores citados (aqueles ligados ao Deus vivo) para perceber que é falsa. Quanto a Santo Tomaz, o autor diz não poder ir contra sua própria experiência mesmo reconhecendo a excelência do conselho de papas como Leão XIII e Pio XI. O tomismo não lhe parece um porto de chegada pois que por ele já passou e dele (e dos esquemas maritaneanos) desistiu definitivamente.

**Autor(es) citado(s):** CRUZ, San Juan de la; ALIGHIERI, Dante; AQUINO, Santo Thomas de; DESCARTES, René; DOSTOIEVSKI; KANT, (Immanuel); KIERKEGAARD; LIMA, Alceu



Amoroso: PASCAL, Blaise; RIVIÈRE, Jacques; AGOSTINHO, Santo; ARISTÓTELES; MARITAIN, Jacques; BEETHOVEN, Ludwig van; BACH, Johann Sebastian; ORÍGENES; BLOY, Léon; ANGELO, Miguel; BERNARDO, São;

**Iconografia:** Publicidade: No fim da página 173: No Prêlo "Farias Brito" 2ª Edição — Nestor Vitor — Edição do SEP.

GUIMARÃES, Mário Mazzei. Conto mensal / Anda, mulher!. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 7, p. 174-175, mar., 1940.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Palavra(s)-chave:** Conto

**Iconografia:** Publicidade: p. 176: Os mistérios de Chimène: Pó de arroz, Água de colônia, Loção e Extracto. Sabonete de feno, mais uma criação de Chimène. Para os doentes do fígado os médicos aconselham o remédio EPATOBILAN. Remédio para os males do fígado, a última descoberta da ciência. Epatobilan é líquido e agradável. Contracapa interna: Brunswick o bilhar dos campeões. Os homens que predominam (Elixir de catuaba composto).

ANDRADE, Almir de. *Sobre Vida literária*. (FUSCO, Rosário. *Vida literária*.) São Paulo, S.E.P. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 1, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Crítica; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Nem sempre justo mas sempre fortemente pessoal.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Farias Brito. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 5-6, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Nome pessoal como assunto:** BRITO, Farias

**Nota(s) de resumo:** Figura culminante da "Filosofia Brasileira".

[Extraído da *Folha da Noite* — Belém, 20 / 01 / 17 (dia posterior ao da morte de Farias Brito)]

**Autor(es) citado(s):** CUNHA, Euclides da;

MELO, Mário Vieira de. Diário de Helena. (Do romance *História de um casamento* — inédito). *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 7-32, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

MURICY, José Cândido de Andrade. Técnica e sensibilidade de Portinari. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 33-38, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** PORTINARI, Candido

**Nota(s) de resumo:** Do puro latino ao bárbaro. Antes inquietação que simples ecletismo. Ingenuidade garôta como constante psicológica. Meiguice viril. Quando clássico, não há pasticcio mas volta inconsciente às origens racias, afastado por um momento do contingente.

**Autor(es) citado(s):** MONET, Claude; PENA, Cornélio; PICASSO, Pablo; STRAVINSKY, Igor; BRUEGHEL; HOLBEIN; BOTTICELLI; DEBUSSY, Claude Achille; DA VINCI, Leonardo; ANGELO, Miguel; GRECO, El;

ROCHA, Tadeu. Educação do caráter e moral cristã. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 48-57, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Religião; Educação; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** Para que cada ser realize sua parte no plano providencial a cargo do Governo Divino é preciso combater todas as forças deformadoras do caráter. Basta de super-instrução e sub-educação moral. Importância da Eucaristia para a formação do caráter.

**Autor(es) citado(s):** GARRIGOU-LAGRANGE; SUAREZ; TANQUERAY; GILLET, Pe.; SÃO JOÃO; PIO XI, GUERRY, Pe.; SAENZ, Cardeal Segura y; LEBRETON, Pe.; DESCARTES, René; FREUD, Sigmund; SPENCER, Herbert; ARISTÓTELES; ROUSSEAU, Jean-Jacques; MARITAIN, Jacques; COMTE, Auguste; MERCIER, Cardeal;

BALINT, Georges. Proust, Dickens e Machado de Assis. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 58-61, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Nome pessoal como assunto:** MACHADO DE ASSIS

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Romance; Inglaterra; Literatura; França

**Nota(s) de resumo:** Os brasileiros devem ser povo feliz pois em seu romance nacional não se abordam problemas nacionais. Machado é precursor do relativismo proustiano do tempo (idéia sublinhada em nota pelos *Cadernos*). Um

pouco mais amargo do que Dickens. Que um romance assim seja escrito no Brasil é a prova da perenidade do espírito europeu.

[Extraído do *Pest Napló*, Jornal de Bucarest.]

**Autor(es) citado(s):** PROUST, Marcel; RONAL, Paulo; DICKENS, Charles; KOUNG-FOU-TSEU; MARTY, Voros; EOTVAS, José.

TÓRRES, Garrido. A aurora da América. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, p. 87-105, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Economia; Política; América Latina; Estados Unidos

**Nota(s) de resumo:** Diante do provável crepúsculo europeu a HORA da América parece haver soado. Desde que saibamos nos unir, EUA inclusos, comercialmente. Monroe não é tão diferente assim de Bolívar. Os EUA vem se redimindo da anterior vocação imperialista e seu apoio é condição sine qua non para a força das Américas. Basta de romantismo diplomático.

**Autor(es) citado(s):** NOBLE, Edouard; FERREIRA, Pedro Cintra; LOBO, Hélio; MONROE; HOOVER, Herbert; WILSON; ALBA, Pedro de; REVENGA; ADAMS; CLAY; CRESO; BRANDEAUGH; FOERSTER; WELLES, Summer. LIMA, Oliveira; MONTESQUIEU; ROOSEVELT, Theodore; SALGADO, Plínio; VITOR, Nestor; BOLÍVAR, Simón; NORMANO, E. J. F.; SILVEIRA, Tasso da; AMARAL, Rubens; PRADO, Eduardo;

TORRES, João Camilo de Oliveira. Positivismo e o Império. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, p. 106-118, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Política; Século XIX; Positivismo; História do Brasil

**Nota(s) de resumo:** O autor critica a crítica do apostolado positivista ao império. Começa por impugnar o positivismo de Comte na medida em que esse está ligado (junto com Hegel, Marx, Darwin e Haeckel) à tese do progresso indefinido, quando o eterno retorno de Nietzsche e Vico está mais de acordo com a realidade histórica. Para certos pensadores “direitistas” do passado recente e da hora presente o Brasil teria um destino imperial e católico e a “linha de fuga à autoridade e à ordem realizada pela marcha inconfidência-Independência-Abolição-República, foi um desvio semelhante ao operado pelos três “rr”, Renascença-Reforma-Revolução.”

**Autor(es) citado(s):** BOUTROUX, LEMOS,

Miguel, RANGEL, Alberto; ITANHAEN, Marquês de; MARIANA, Frei Pedro de Santa; PAGANO, Sebastião; LUBAMBO, Manoel; SUAREZ; BELARMINO; ANCHIETA, José de; AQUINO, Santo Thomas de; BACON, Roger; BERGSON, Henri; BOSSUET, Jacques-Benigne; BRUHL, Levy; CONSTANT, Benjamin; DARWIN, Charles; HAECKEL, Erns Heinrich; HERÁCLITO; LIMA, Alceu Amoroso; MAISTRE, Joseph de; MARX, Karl; NIETZSCHE, Friedrich; POMBAL, Marquês de; SCHOPENHAUER, Arthur; SPENCER, Herbert; SPENGLER, Oswald; VIANA, Oliveira; ARISTÓTELES; ROUSSEAU, Jean-Jacques; HEGEL; CELSO, Afonso; VIANA, Hélio; VICO, Giambattista; SANTOS, Arlindo Veiga dos; MAGALHÃES, Couto de; ARINOS, Afonso; FIGUEIREDO, Jackson de; HOBBS, Thomas; PARMÊNIDES; CALMON, Pedro; COMTE, Auguste; PRADO, Eduardo;

NÓBREGA, Melo. A intransigência das idolatrias. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, p. 118, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** BILAC, Olavo

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Crítica; Poesia; Literatura; Século XIX

**Nota(s) de resumo:** “Que não sendo nem o mais imprevisto, nem o mais empolgante, nem o mais colorido dos nossos poetas, Bilac foi, por sem dúvida, o mais equilibrado, o mais regular.” Perdoemos-lhe pois os defeitos.

SALGADO, Plínio. Farias Brito. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, p. 119-120, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Nome pessoal como assunto:** BRITO, Farias

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia; Metafísica; Positivismo

**Nota(s) de resumo:** Farias exprime a crise do pensamento do fim do séc. XIX. Imagem do navegante que descobre que todos os mapas estão errados. A filosofia capitulava diante da ciência, particularmente da fisiologia. Farias vem reafirmar o primado do espírito. Farias: “negar o espírito é negar-se e negar-se é dizer: eu sou e não sou”.

**Autor(es) citado(s):** CARVALHO, Vicente de; CUNHA, Euclides da;

ADONIAS FILHO. Livros brasileiros / Considerações sobre a crítica. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, p. 121-131, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Crítica; Arte; Literatura

**Nota(s) de resumo:** A crítica deve ser um fenômeno de inteligência total, ilimitação absoluta e portanto atributo personalista por excelência. Pressuposto: bipartição da realidade entre efêmero e eterno. "O destino eterno da realidade é assegurado pela presença do homem". A pessoa é a "inteligência sacrificada à alma". A crítica deve distinguir os trabalhos da inteligência ligados à alma, e portanto à eternidade, dos desligados. Organizar uma hierarquia de valores eternos. Há arte quando há comunicação com o divino, estado de graça. Miséria da crítica brasileira: falar ao povo as tolices que o povo quer. "Absurda democratização estética", a crítica deve "livrar a arte das mãos coletivas". Fusco, que se encaminha para uma crítica personalista, erra ao afirmar que "a obra de arte nunca é puramente pessoal". "De modo algum a alma do artista pode se condicionar a acidentes históricos". A vocação é presença do divino e portanto a arte é puramente pessoal. Há no crítico o desespero de todos os artistas, é ele também um "desireux d'un autre monde" (Barrès).

**Autor(es) citado(s):** FUSCO, Rosário; THIBAUDET, Albert; BARRÈS, Maurice; BERDIAEV, Nikolai; FARIA, Otávio de; LIMA, Alceu Amoroso; MORAES, Vinícius de; MURICY, José Cândido de Andrade; PAPINI, Giovanni; PETRARCA, Francesco; NOGUEIRA, Hamilton; FUMET, Stanislas; SILVEIRA, Tasso da; BOCCACCIO; BOS, Charles Du; SCHMIDT, Augusto Frederico; SIENA, Catarina de.

MENDONÇA, José Vieira de. Livros brasileiros / Um grande filósofo. (MELO, Lídio Bandeira de. *O problema do Mal*. s. ref. e *A procura de Deus*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, p. 131-134, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia; Religião; Metafísica

**Nota(s) de resumo:** Espiritualista (enquanto Farias Brito seria um panteísta idealista), Lídio refuta o ateísmo seja ele romântico (dos que não admitem a coexistência de Deus e do Mal) ou racionalista (dos que, fundados em Kant, dizem que Deus não tem existência objetiva, "é simples invencionice da Razão"). Há mal para que haja liberdade. Contra a doutrina paulino-tomista da Predestinação. Se ela existisse, o dom da razão seria um sarcasmo de Deus. Não há juízo sintético a priori. A lei da causalidade é objetiva e

não subjetiva e portanto Deus tem existência objetiva.

**Autor(es) citado(s):** EPICURO; AQUINO, Santo Thomas de; BRITO, Farias; KANT, (Immanuel);

LIMA, Alceu Amoroso. Olavo Bilac. (NÓBREGA, Melo. *Olavo Bilac*.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, p. 134-135, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Nome pessoal como assunto:** BILAC, Olavo

**Nota(s) de resumo:** Este ensaio sobre Bilac confirma as "qualidades de compreensão, de bom gosto e da finura que caracterizam a crítica do sr. Melo Nóbrega." Na linha da "função completativa e repercutiva da crítica". Figura canicular de Bilac bem apanhada pelo crítico.

[Extraído de *O Jornal* — 14-4-40.]

**Autor(es) citado(s):** NÓBREGA, Melo; CEPBLOS, Batista.

SILVA, Miguel Gonçalves da. Farias Brito. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, p. 136-137, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Filosofia

**Nome pessoal como assunto:** BRITO, Farias

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia; Biografia

**Nota(s) de resumo:** Farias Brito ainda não tem a repercussão merecida. Método da biografia: Jônatas Serrano visitou e documentou os lugares onde viveu Farias Brito. Rigor nas datas. Análise simples e acessível da obra. Infinita modéstia de Farias Brito.

**Autor(es) citado(s):** SERRANO, Jônatas; FLAUBERT, Gustave; FRANCA, Leonel; VITOR, Nestor;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros recebidos. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, p. 137, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Bibliografia; Século XX

**Nota(s) de resumo:** "Espigão da Samambaia" — (Ed. Guiara — Curitiba) — Leão Machado; "Brasileis" (Epopéia nacional brasileira) — Augusto Meira; "Nomes geográficos aborígenes" (Glosário popular) — Cristovão de Mauricéia; "Ovação dos humildes" (poemas) — Santino Gomes de Matos; "Contos da mata mineira" (Menção honrosa da Acad. Bras. De Letras) — Alberto Furtado Portugal; "Da

analogia e sua influência na linguagem" (Tese) — Cécil Meira; "Os novos ideais" (discursos) — Cécil Meira, R. de Sousa Moura, Daniel Coelho de Sousa; "Queixa crime" (Delito de Imprensa) — F. Barros Franco; "Discurso" — José de Matos Rebouças; "Movimento" (Revista de letras, corte, ciência) de Fortaleza — Ceará; "Som" (Revista do Instituto de Música do R.G. do Norte sob a direção técnica do maestro Valdemar de Almeida). "Escreva certo!" — Por um professor — Atena Editora — S. Paulo; "O testamento político" — Cardeal Richelieu — Atena — S. Paulo; "Breviário de estética" — Benedito Croce — Atena — S. paulo; "Inaia" — Poema — Rosário Congro.

SILVEIRA, Tasso da. Livros estrangeiros / O drama de Nijinsky. (NIJINSKY, Romola. *Nijinsky*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, p. 138-141, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** NIJINSKY

**Nota(s) de resumo:** Grandiosidade do gênero biográfico baseado por se basear no "documento autêntico de uma vida". Catequese pela dança. "Anatomia semelhante a dos pássaros", Instrumento de Deus. "Eterno ritmo dos mundos que exprime diretamente a presença de Deus".

**Autor(es) citado(s):** DIAGHILEV; BACH, Johann Sebastian; ANGELO, Miguel;

SILVEIRA, Tasso da. Livros estrangeiros / Gêmeas. (PEREIRA, Manuel de Campos. *Gêmeas*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, p. 141-142, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Romance; Portugal; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Erro grave na obra do autor. Após ter atingido a clara objetividade em "As pobres Suzanas", fugindo à introspecção e ao eterno freudianismo do romance universal destes últimos tempos", abandona o filão profundo pois "inventou" procurou um tema para "abafar a banca". Falsa objetividade ao invés do "trágico cotidiano", vulgar e transcendente a um só tempo".

**Autor(es) citado(s):** DOSTOIEVSKI; FREUD, Sigmund; PROUST, Marcel; D'ANNUNZIO, Gabrielle;

SILVEIRA, Tasso da. Livros estrangeiros / O cristianismo e as filosofias. (SERTILLANGES. *O cristianismo e as filosofias*. s. ref.) *Cadernos da*

*Hora Presente*, n.º 8, p. 142, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** AQUINO, Santo Thomas de

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Filosofia; Antigüidade; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** Serillanges dá conta com incomparável proficiência da tarefa de desenvolver o pensamento de que "a Santo Tomaz de Aquino deve, não apenas a filosofia antiga a salvação de sua substância de valor, mas também a inteligência de nossos dias um critério seguro de julgamento e triagem do que há de erro ou verdade profunda na filosofia moderna e contemporânea".

[Segue nota (5 linhas) sobre o interesse dos *Cadernos da Hora Presente*, por Murilo Mota (extraído de *O Estado* — 3-7-1939 — Fortaleza).]

BUENO, Silveira. Antologia / Recordações de Jorge Faleiros. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Santo e martirizado poeta, avesso à publicidade, morto antes de publicar.

**Autor(es) citado(s):** AMARAL, Amadeu;

FALEIROS, Jorge. Antologia / Jorge Faleiros. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, p. 149-152, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** Poemas: "Senhora dona Sancha"; "Falas de um mendigo"; "Hino ao Sol"; "Crucificado"; "Autobiografia".

FARIA, Otávio de. Cinema / Princípio de ano. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 8, p. 152-155, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Crítica; Cinema; França

**Nota(s) de resumo:** Maus tempos para o cinema se comparados à época de esplendor do cinema mudo. "Talvez a simples exibição de *Os Cavalheiros de ferro* de Eisenstein nos pague dessa miséria".

Autores (diretores e atores) citados: OZEP, PABST, BERGER, Henri Diamant; DUVIVIER, Julien; MATHOT, Léo; VIDOR, Charles; FRANKLIN, Sidney; ROULLEAU, Raimond; KEICHLEY, William; AUMONT, Jean Pierre,

BERNSTEIN; GABIN, Jean; MORLAY, Gaby. STERNBERG. Joseph von; EISENSTEIN, Sergei; WELLMAN, William;

COELHO NETO, Henrique. Arquivo / Crônica inédita de Coelho Neto. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 156-157, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Nome pessoal como assunto:** BRAZ, Francisco.

**Nota(s) de resumo:** Crônica destinada ao jornal *O comércio* de Amparo, dirigido então por J.A. Boucault. Gentilmente cedida pelo sr. Antenor Candelária.

SILOS, Geraldo de Carvalho. Meia-hora / Com Miguel Reale. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 158-163, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** REPORTAGEM

**Nome pessoal como assunto:** REALE, Miguel

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Política; Direito; Poesia

**Nota(s) de resumo:** "A geração que Alberto Torres sonhou" — Miguel Reale em face da nova geração brasileira — Sentido realista e objetivo de sua obra — A poesia, expressão primária e fundamental do espírito — Como nasceu "o Estado moderno" — O capítulo de Marx — Romance moderno — "Há escritores nacionais que são estrangeiros" — "O escritor brasileiro deve se por na tranqüila serenidade de quem constrói — Livros em preparo.

Marx como "destruidor emérito".

**Autor(es) citado(s):** SALES, Almeida; BASTOS, J. C. Tavares; BOURGET, Paul; BRITO, Farias; CARVALHO, Ronald de; CARVALHO, Vicente de; CUNHA, Euclides da; GIDE, André; LESSA, Pedro; MACHADO DE ASSIS; MARX, Karl; NABUCO, Joaquim; RAMOS, Graciliano; SALGADO, Plínio; VIANA, Oliveira; FIGUEIREDO, Jackson de; BARROS, Jaime de;

VENCESLAU JUNIOR, J. Fatos e comentários / Lições e profecias de Rui. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 164-166, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Nome pessoal como assunto:** BARBOSA, Rui

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Política; Direito

**Nota(s) de resumo:** Rui foi a figura mais genial de sua Pátria. Contra a ignorância das elites dirigentes. "Não busquemos o caminho da volta à situação colonial. Guardemo-nos das proteções internacionais.

ZWEIG, Stefan. Fatos e comentários / O exílio. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 166-167, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavra(s)-chave:** Poder; Arte; Escritores

**Nota(s) de resumo:** "O exílio é sempre para o homem verdadeiramente forte, não uma diminuição mas um aumento de força". O sucesso constante enfraquece assim como o exercício ininterrupto do poder.

**Autor(es) citado(s):** ALIGHIERI, Dante; DOSTOIEVSKI; LUTERO, Martinho; MILTON, John; NIETZSCHE, Friedrich; BEETHOVEN, Ludwig van; CERVANTES, Miguel de;

CASCUDO, Luiz da Câmara. Folclore norte-riograndense. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 167-168, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavra(s)-chave:** Modernidade; Brasil; Folclore

**Nota(s) de resumo:**

Importância dos ainda então desprezados estudos folclóricos. Quanto mais diante da iminente perda das tradições em função da vitória do rádio e do espírito moderno.

**Autor(es) citado(s):** RODRIGUES, Manuel; DANTAS, Manuel; SOUSA, Elói; MELO, Mário;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 168-170, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nota(s) de resumo:** "Salgueiro" em versão castelhana; Uma cadeira de língua e literatura espanhola na Universidade de São paulo; Emília Bernal e o Brasil; O cincoentenário da Faculdade de Direito da Baía; Monumento a Eça de Queiroz; Luiz da Câmara Cascudo agraciado pelo governo italiano; O "Dicionário brasileiro da Língua portuguesa" (a cargo de Afrânio Peixoto); Gabriela Mistral; Os herdeiros de Joaquim Nabuco e o editor Garnier; A literatura da Ucrânia; Luiz Guimarães Filho; Prêmio "Antônio Alcântara Machado"; Nono Congresso Brasileiro de Geografia; História das belas artes no Brasil; Geografia do Brasil Holandês; Antônio Rocco; C.C.C. (Centro Cultural de Casa Branca); Alphonse Daudet (centenário); O centenário de Zola; José Campelo; O inconsciente na obra de Machado de Assis; Fragmento de uma nota sobre o n.6 (dos *Cadernos da Hora Presente*) (por Pinheiro Júnior, comentando a tradução de Des

Cannibales"); Alberto de Oliveira (português) (falhecimento); Ribeiro Couto (de volta ao Brasil); Carneiro Ribeiro.

SETE, Mário. Conto mensal / Agora, sou eu. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 171-173, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Nota(s) de resumo:** [Segue extrato de *O mundo interior* de Farias Brito sobretitulado *A hora nova* ("o momento é de renovação e reconstrução", "a época de demolição e desmoronamento chegou a seu termo").]

KARAM, Francisco. Dois poemas de Francisco Karam. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 39-40, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** "Dominical"; "Conhecendo uma Grega".

ALMEIDA, Pádua de. Oito poemas de Pádua de Almeida. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 41-47, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** Prece obscura; Combustão; Evangelho de sangue; Cristos de ferro; Ascensão nas trevas; Os pés perdidos; O signo do homem neste século; Cegueira

OHIWELLER, Oto Alcides. Determinismo e moral. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 8, p. 62-86, jun., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Filosofia; Ciência; Metafísica; Moral

**Nota(s) de resumo:** "O verdadeiro sentido do pensamento é dinamismo". Está ligado à ação que tende para estados de menor desequilíbrio com o meio. Nosso senso de liberdade é uma ilusão. Origem e natureza social da moral (é possível construir sua geografia e sua história). Contra a metafísica e sua avidez de valores absolutos. Por uma moral científica e adaptada.

**Autor(es) citado(s):** BERNOULLI, J.; EPÍTETO; REY, Abel. EPICURO; BERKELEY, George; BRUHL, Levy; KANT, (Immanuel); KEPLER, Johannes; MACH, Ernest; ARISTÓTELES; GALL, Norman; HOBBS, Thomas; SÓCRATES; PLATÃO; COMTE, Auguste; HELMHOLTZ, Hermann;

FRANCOVICH, Guillermo. Farias Brito. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 9, p. 5-6, jul.,

1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** BRITO, Farias

**Nota(s) de resumo:** Trechos de "Filósofos Brasileños" — p. 110, 104 e 106. Farias Brito era um predestinado ao sofrimento. "La parte mas importante de la obra de Farias Brito era indubitavelmente la crítica que detenida y reiteradamente hizo de las doctrinas antiespiritualistas". Apartando o pensamento brasileiro do naturalismo filosófico.

**Autor(es) citado(s):** BARRETO, Tobias; FIGUEIREDO, Jackson de;

**Iconografia:** Publicidade: América — excelente revista de cultura e divulgação editada na Baía; Ra-ta-plan — Revista juvenil ilustrada (orientação de Jaime Ferreira, Diretor resp. Coelho Lousada; Acaba de aparecer o livro de poemas de Tasso da Silveira *O Canto Absoluto* seguido de *Alegria do mundo*. (Pedidos à administração dos CADERNOS.)

PENAFIEL, Álvaro. Proposições imperativas. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 9, p. 7-15, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Nação; Brasil; Imperialismo; Liberalismo; Guerra

**Nota(s) de resumo:** Neutralidade (diante da guerra) não é sossego, é trabalho. Seja lá quem vencer, será radical e intolerante em seu imperialismo. "morreu para sempre o liberalismo". Não há tempo para democratismo. "Já se deu um grande passo fazendo desaparecer a possibilidade de vir o poder a cair nas mãos da massa." Mas não basta dominá-la, é preciso fazê-la cooperar. "É urgente formarmos um corpo de hierarquia de grande disciplina interior". "O indivíduo que por sua conduta arrasta o entusiasmo de uma elite, passou por todas as provas de competência". "A verdade de uma nação é uma só — a sua independência".

**Iconografia:** Publicidade: Brevemente FOLHAS DE CHÁ de Oldegar Vieira.

CASASSANTA, Mário. Notas acerca de Gonzaga e Marília. *Cadernos da Hora Presente*, nº. 9, p. 16-24, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** GONZAGA, Tomás Antônio

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia; Literatura

**Nota(s) de resumo:** O romance de Marília e

Dirceu — A fidelidade de Marília — A rival de Marília — Amores de Gonzaga.

[Segue nota (8 linhas) sobre Lima Barreto, por Monteiro Lobato. (inaugurou “o romance de crítica social sem doutrinário dogmático”)]

**Autor(es) citado(s):** BURTON, Richard Francis; MACHADO DE ASSIS; OTAVIANO, Francisco; ROMERO, Silvio;

MURICY, José Cândido de Andrade. Mistério do “intérprete”. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 25-29, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** CHALIAPIN (falecido a 20 de abril de 1938)

**Nota(s) de resumo:** “A ‘possessão’ e o ‘medium’ — receptividade e comunicabilidade — recriação da obra-de-arte — ‘viver’ a obra-de-arte — prodigioso aparelho — a transitoriedade da glória do ‘intérprete’ — perduração do ‘criador’ — a grafia musical — Chaliapin e o disco — Boris Godunof — o eterno artista...”

**Autor(es) citado(s):** MASSENET, Dukas; MUSSORGSKI.

**Intérprete(s) citado(s):** CHALIAPIN; BERNARD, Sarah; MALIBRAN; PAGANINI; PATTI, Adelina; TAMAGNO; KEAN; COQUELIN; BUSONI; MELBA; SCHRÖDER-DEVRIENT; GARCIA; GAYARRE.

MAGALHÃES, Almeida. Tobias Barreto (Trecho de um ensaio). *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 30-35, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** BARRETO, Tobias

**Nota(s) de resumo:** Os três períodos de Tobias Barreto: hugoanismo poético, período crítico-filosófico ou do criticismo alemão, o dos estudos jurídicos. Mas o jurista já existia desde o princípio.

[Segue nota (9 linhas) sobre Lima Barreto, por Tristão de Ataíde. (“conhece o segredo da arte literária — escrever nas entrelinhas”).]

**Autor(es) citado(s):** ARANHA, Graça; BASTOS, J. C. Tavares; CASTRO, E. B. Viveiros; ROMERO, Silvio; VIEIRA, Celso; VAMPRE, Spencer; LIMA, Hermes; PONTES, Carlos; LEÃO, Minervino de Souza.

LIMA, Figueiras. A literatura cearense na formação do sentimento nacional. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 36-52, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** ALENCAR, José de

**Palavra(s)-chave:** Nação; Brasil; Literatura; Século XIX

**Nota(s) de resumo:** Tópicos: Alencar e a língua portuguesa (nem iconoclasta nem apedeuta; síntese luso-brasileira) — Alencar e o indianismo (único representante sério) — Alencar e Machado de Assis (o sintético e o analítico, aquele mais genial e nacional que este) — O estilo de Alencar (trabalhado e poético) — Alencar: político e patriota — Alencar e a Terra de Iracema (outros filhos ilustres do Ceará).

**Autor(es) citado(s):** LEME, Fernão Dias Paes; CASTILHO, José Feliciano de; LERY, Jean de; SOARES, Gabriel; GANDAVO, Gabriel [sic]; MACIEL, Julio; PONTES, Eloi; GUSMÃO, Alexandre de; AMIEL; ARARIPE, Tristão de; FIGUEIRA, Andrade; LADISLAU; MARTINS, Álvaro; BRASIL, Moura; SAMPAIO, Gal. Tibúrcio e; BEVILAQUA, Clovis; CASTILHO, Antonio Feliciano de; ALBUQUERQUE, J.J.C.C. Medeiros e; ALENCAR, José de; AMADO, Gilberto; ARANHA, Graça; ARARIPE JR., Tristão de Alencar; BARBOSA, Rui; BILAC, Olavo; BRITO, Farias; CAMINHA, Adolfo; CAMÕES, Luiz Vaz de; CARVALHO, Ronald de; CASTRO, Eugênio; COOPER, James Fenimore; CUNHA, Euclides da; FLAUBERT, Gustave; GOMES, Carlos; GUIMARÃES, Bernardo; LAMARTINE; LIMA, Rocha; MACHADO DE ASSIS; PASCAL, Blaise; PEIXOTO, Afrânio; RENAN, Ernest; BRANCO, (Barão) do Rio; TÁVORA, Franklin; VERÍSSIMO, José; MAGALHÃES, Gonçalves de; ALVES, Castro; OLÍMPIO, Domingos; FREYRE, Gilberto; BARROSO, Gustavo; ARINOS, Afonso; CHATEAUBRIAND, François René; GOURMONT, Remy de; COELHO NETO, Henrique; RIBEIRO, João; GOETHE; BONIFÁCIO, José; HOMERO; TEÓFILO, Rodolfo; SALES, Antônio; GRIECO, Agripino; NEPOMUCENO, Alberto; ABREU, Capistrano de; CÍCERO; CARDIM, Fernão; ALBANO, José; BARRETO, Lívio; GALENO; CAMINHA, Pero Vaz de.

ABÍLIO, Henrique. O erro objetivo do “primitivismo”. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 53-74, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Crítica; Modernismo; Arte; Antropofagia; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Impossibilidade pura e simples do "primitivismo": como eliminar a cultura?. Individualistas ferrenhos. Querem que o brasileiro deixe de ser inteligente e se descivilize. Não sabem o que é contradição. Esquecem que a "hora atual" é uma maneira de ser da "hora total". Eminentemente indesejáveis (enquanto escola). Impossível suicídio da razão. Freudismo. "O primitivismo é, em uma ordem particular, a manifestação do que, na ordem geral, a crise de seriedade de espírito que atravessamos, e que felizmente não é total". Importância da corrente totalista (Tasso da Silveira, Cecília Meireles e talvez Murilo Araújo) para a moderna poesia brasileira.

**Autor(es) citado(s):** BARBEDETTE, D. BERGSON, Henri; BRITO, Farias; DIAS, Gonçalves; FRANCA, Leonel; FREUD, Sigmund; LIMA, Alceu Amoroso; LIMA, Jorge de; MURICY, José Cândido de Andrade; PASCAL, Blaise; ROMERO, Silvio; SAINTE-BEUVE; VILLA-LOBOS, Heitor; WILDE, Oscar; ALMEIDA, José Américo de; MEIRELES, Cecília; BARRETO FILHO, Mello; SILVEIRA, Tasso da; FIGUEIREDO, Jackson de; ARAÚJO, Murilo; GRIECO, Agripino; FERNANDEZ, Lorenzo;

VILELA, Pe. Orlando O. Notas sobre a poesia. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 75-88, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Misticismo; Religião; Poesia; Literatura; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** Tópicos: I — Fonte e situação da poesia (sua fonte é a alma, o eu total); II — Experiência poética (conhecimento da inteligência prática (e não especulativa) em ordem à criação (nem prudência, nem possessão (fruitio) que é o caso da mística); III — O filósofo e o poeta (ambos conaturalizam-se à realidade, mas de modos diversos. Ambos nobres); IV — O poeta e o místico (aquele tende à palavra, este ao silêncio. Há pois uma diferença de essências). V — O poeta cristão (difícil, mas existe e é grandioso. A arte deve ser apologética através do belo e não pela demonstração de "teses").

[Consta epigrafe de MARITAIN, Jacques.]

[Segue nota (5 linhas) sobre a importância de Farias Brito, por Ronald de Carvalho

**Autor(es) citado(s):** AQUINO, Santo Thomas de; BAUDELAIRE, Charles; BERGSON, Henri; BREMOND, Henri; CLAUDEL, Paul; COCTEAU, Jean; LIMA, Alceu Amoroso;

MAURIAC, François; NERVAL, Gerard de; RIMBAUD, Arthur; RIVIÈRE, Jacques; MARITAIN, Jacques; KEATS, John; BLOY, Léon;

NOGUEIRA, Amadeu. João Ramalho capitão de Guerra da vila de São Paulo. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** São Paulo; História do Brasil

SILVEIRA, Tasso da. A hora da aflição infinita. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 92-96, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** Trata-se de um "poema dramático".

BLANCO-AMOR, E. Poemas de E. Blanco-Amor. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 97-98, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** Um só poema: "Encuentro en el ocaso"

[Segue nota sobre a importância de Farias Brito, por Nestor Vitor.]

LLOVERAS, Jorge Leyes. Poemas del libro *Cuaderno amarillo* de Jorge Leyes Lloveras. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 99-100, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** Poemas: "Fragmento"; "Três acentos para mi tristeza".

[Segue nota sobre Lima Barreto, por José Oiticica]

CHABRILLÓN, Andrés. Poemas de Andrés Chabrilón. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 101-102, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** Um só poema: "Gotas de música".

[Segue trecho de "A filosofia moderna" de Farias Brito ("Sim a sociedade deve ser reformada (...) mas isto, não pela luta e pelo ódio, o que em si mesmo envolve uma contradição em termos, mas pela convicção e o amor".)]

AMADOR, Fernan Felix de. Poemas de Fernan Felix de Amador. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 103-104, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)



**Nota(s) de resumo:** "Cancion del rayo de luna"; "Inscripciones crepusculares".

[Segue nota (9 linhas) sobre a importância de Farias Brito, por Mota Filho.]

SÁNCHEZ-SÁEZ, Bráulio. Poemas de Bráulio Sánchez-Sáez. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 105-106, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** Poemas: "Esfuerzo"; "Andamio".

[Segue nota sobre a importância de Farias Brito, por Hamilton Nogueira]

ALONSO, Isidro Alvarez. Poemas de Isidro Alvarez Alonso. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 107-108, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** "Tribulacion"; "Paucicéa".

[Segue nota sobre a importância de Farias Brito, por Jônatas Serrano.]

PUNTES, Ismael Navarro. Poema de Ismael Navarro Puentes. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 109, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** "Mi yo..."

RAMOS, Guerreiro. Poemas cíclicos de Guerreiro Ramos. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 110-112, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** [Segue nota sobre a importância de Farias Brito, por Henrique Gueenen.]

CORRÊA JUNIOR. Cinco poemas de Corrêa Junior. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 113-116, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** "Tempo que não volta mais"; "Poema sem graça"; "O dedo nos lábios"; "Saudação aos turistas"; "Quando você voltar"; "Oração da simplicidade".

MELO, João Edison de. Três poemas de João Edison de Melo. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 117-118, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** POEMA(S)

**Nota(s) de resumo:** "Paisagem humana"; "Caridade"; "Inveja".

**Iconografia:** Publicidade: Brevemente FOLHAS DE CHÁ — de Oldegar Vieira.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. "Meia hora com Geroges Bernanos". *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 119-120, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** DEBATE

**Nome pessoal como assunto:** BERNANOS, Georges

**Palavra(s)-chave:** Religião; Polêmica; Comunismo

**Nota(s) de resumo:** Mário Pinto de Campos julgou, nas páginas da revista "Tradição" de Pernambuco, censurável a publicação nos CADERNOS da entrevista com Georges Bernanos "onde dominam o despeito, a inveja, a perfídia... e o maritenismo" ("por 'maritenismo' parece entender a política da 'main tendue', a aproximação entre católicos e comunistas"). Os CADERNOS estão abertos à discussão e, concorde-se ou não com ele, não se pode negar a importância de Bernanos. Trata-se não de um historiador desinteressado mas de um "esquemizador nervoso dos fatos em trânsito" "que pode ser INJUSTO, PRECIPITADO, CONTRADITÓRIO, COMO TEM SIDO MUITAS VEZES", mas não pequeno.

LINHARES, Temístocles. Livros brasileiros / Léon Bloy, o humano. (FARIA, Otávio de. *Fronteiras da santidade. Cadernos da Hora Presente* n.º. 2.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 121-125, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** BLOY, Léon

**Palavra(s)-chave:** Religião; Literatura; França; Catolicismo

**Nota(s) de resumo:** A crença "está bem longe das representações lógicas da inteligência. É misticismo, êxtase. O estranho e violento Léon Bloy a ilustra. Bloy: "A minha cólera é a efervescência de minha piedade". Excomungado sedento de justiça. Bloy: "Meus piores inimigos foram os católicos e sobretudo os eclesiásticos, de quem tantas vezes condenei a covardia e a amedrontadora estupidez." Não podia ser um santo pois "embora 'bêbado de Deus e de sua Palavra' e a despeito de todas as suas virtudes místicas ou heróicas, vivia intensamente a vida, no que ela tem de sublime e também de miseravelmente humano".

**Autor(es) citado(s):** GAULTIER, Jules; COPPÉ; GATUMEAU; SÃO PAULO; BOURGET, Paul; PASCAL, Blaise; RIVIÈRE, Jacques; HUYSMANS;

SILVEIRA, Tasso da. Livros brasileiros / Cancioneiro de Dom Afonso. (COUTO, Ribeiro. *Cancioneiro de Dom Afonso*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 125-127, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Nome pessoal como assunto:** COUTO, Ribeiro

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** “Atente-se no paradoxo delicioso da coexistência de uma sensibilidade poética desta ordem (de simpleza autêntica, genuinamente popular) com um temperamento vivaz de conquistador do mundo e com uma lúcida inteligência de modelador de figuras vivas”.

**Autor(es) citado(s):** NOBRE, Antônio; MURICY, José Cândido de Andrade;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. *Lume de estrêlas*. (GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Lume de estrêlas*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 127-129, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Nota(s) de resumo:** “Menos intelectualizada, mais sincera, límpida e espontânea, a sua poesia apresenta aquela característica tão comum nos poetas espiritualistas modernos — o drama de ser dois. Harmoniza a sua “suprema vocação mística com a vocação meramente humana de seu ‘eu’ enraizado na mais impura das paisagens”.

**Autor(es) citado(s):** CLAUDEL, Paul; RAMOS, Guerreiro;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Amiel. (FUSCO, Rosário. *Amiel — o homem, a obra, o assunto*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 129-130, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Biografia; Literatura; França

**Nome pessoal como assunto:** AMIEL

**Nota(s) de resumo:** Fusco atinge “o seu esplendor como crítico e como artista da palavra”. Irmão de Marx (pois que filho também de Hegel) Amiel “descobre a ‘lei da ironia’ muito mais suave e menos perigosa” que o materialismo histórico.”

**Autor(es) citado(s):** FUSCO, Rosário; KANT, (Immanuel); MARX, Karl; ROUSSEAU, Jean-Jacques; HEGEL; STAËL, Mme. de;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. O

testamento político de Mazzini. (RICHELIEU, Cardeal. *O testamento político de Mazzini*. São Paulo, Atena, s. d. Tradução: David Carneiro). *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 130, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Nome pessoal como assunto:** MAZZINI

**Palavra(s)-chave:** Nação; Política; França; Itália

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros / Aspectos de *O contrato de Edição*. (TELES NETO. “Aspectos de *O contrato de Edição*” (tese) Recife, s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 130-131, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Direitos autorais; Escritores

**Nota(s) de resumo:** “Trata-se de uma obra interessantíssima”.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros / Oração dos humildes. (MATOS, Santino Gomes de. *Oração dos humildes*. Uberaba, s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 131, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** “Livro de poemas onde a vida de nosso povo do interior é cantada com louvor e sentimento”.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros / Nomes geográficos aborígenes. (MAURICÉA, Cristovam. *Nomes geográficos aborígenes*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 131, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Indianismo; Língua; Geografia

**Nota(s) de resumo:** “A raça tupi não desapareceu, ficou no recesso de nosso sangue, no nome de nossas cidades e de nossas vilas”. A melhor prova disso é esse livro.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Livros brasileiros / Cantos dispersos. (ALMEIDA, Pacheco de. *Cantos dispersos*. Rio de Janeiro, Ed. Coelho Franco Filho, s. d.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 131, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA — Literatura

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Elegante volume, primeira coleção de poemas. “Fecha o livro uma bela tradução da ‘resposta ao soneto de Arvers’ do poeta francês M. Aigoïn.”

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Contos da mata mineira. (PORTUGAL, Alberto Furtado. *Contos da mata mineira*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 131, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Conto; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Menção honrosa no Concurso de Contos da Academia Brasileira de Letras.

**Autor(es) citado(s):** LIMA, Alceu Amoroso;

SILOS, Geraldo Carvalho de. Livros estrangeiros / Exílio num país maravilhoso. Impressões de um caipira lendo Mauriac. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 132-138, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** MAURIAC, François

**Palavra(s)-chave:** Literatura; França; Catolicismo; Século XX

**Nota(s) de resumo:** O Brasil ainda vive do “milk of french kindness”. Depois de Anatole (o burguês sorrindo), Mauriac (o burguês gemendo). Mauriac: não basta ser cristão para se fazer obra cristã: a lama do fundo do poço contamina. Alternância da vida sexual e da espiritual num mesmo homem, mas não coexistência. Perigo: convida os bons a serem maus e os maus a continuarem maus (pois sempre há uma possibilidade de salvação). Augusto Schmidt o introduziu, Jackson opinou: “canalha de sofredor”, Tristão ama-o tanto que não consegue escrever a respeito, Plínio aponta num de seus livros fundo bolchevizante, Tasso afirma que não ultrapassou Bourget. E viva Euclides da Cunha.

**Autor(es) citado(s):** ALIGHIERI, Dante; BOSSUET, Jacques-Benigne; BRITO, Farias; CUNHA, Euclides da; FRANCE, Anatole; GIDE, André; LIMA, Alceu Amoroso; MAURIAC, François; PASCAL, Blaise; PEIXOTO, Floriano; RACINE; ROLLAND, Romain; SALGADO, Plínio; ARISTÓTELES; CHESTERTON, Gilbert Keith; MARITAIN, Jacques; ARISTÓFANES; SILVEIRA, Tasso da; FIGUEIREDO, Jackson de; HOMERO; SCHMIDT, Augusto Frederico;

CAMARA, Pe. Helder. Presenças. ROPS, Daniel (dir.) Coleção “Presenças”. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 138-139, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavra(s)-chave:** Religião; Humanismo; Literatura; França

**Nota(s) de resumo:** Fecunda coleção “humanista” no sentido do homem total, corpo e alma. “Um cristão não pode deixar de ser social”. Renan e Anatole já eram.

**Autor(es) citado(s):** BERDIAEV, Nikolai; FRANCE, Anatole; MARX, Karl; MAURIAC, François; PASCAL, Blaise; RENAN, Ernest; ROUGEMONT, Denis de;

MEDEIROS, Mário Ferreira de. O autor fala / Brasil. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 140-144, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Poesia; Literatura; Século XX

**Nota(s) de resumo:** Apresentação de seu livro *Brasil*, “poema em que fixa a origem, o desenvolvimento e a formação espiritual de nossa Pátria. Tópicos: Em Rivera; Mais brasileiro; O estado do Brasil; É preciso salvar o Brasil; Este poema; A missão do Brasil; A negação do Brasil; A todos os brasileiros; Aos moços; Aos pobres.

[Segue nota sobre a importância de Farias Brito, por Xavier Marques]

FIGUEIREDO, Jackson de. Arquivo / 4 cartas de Jackson de Figueiredo a Plínio Barreto. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 145-148, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** CORRESPONDÊNCIA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Filosofia; Política

**Autor(es) citado(s):** BRITO, Farias; MAISTRE, Joseph de;

SILOS, Geraldo Carvalho de. Meia hora / Com Bráulio Sánchez-Sáez. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 149-156, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Nota(s) de resumo:** “Os poetas, pensadores, escritores e a unidade sentimental da América Latina — Relembrando uma página da *Raça cósmica* e um argumento de Alberto Torres — A origem do modernismo argentino — Três nomes iniciais: Jorge Luiz Borges, Francisco Luiz Bernardes e Leopoldo Mareschal — Papel das revistas literárias no movimento modernista — O

romance e o conto — Preponderância do conto — Vida editorial — 35 mil exemplares: a tiragem média das edições populares — Impressões sobre a literatura brasileira — Dois romancistas que o impressionaram: Graciliano Ramos e Otávio de Faria — A “irmandade franciscana de Taso da Silveira” — Sarmiento e Euclides, reveladores do homem americano — Tobias Barreto e a inquietação intelectual — FARIAS BRITO, O FILÓSOFO DO CONTINENTE AMERICANO — Duas palavras sobre ingenieros.

[Segue nota sobre a importância de Farias Brito, por Pe. Leonel Franca.]

**Autor(es) citado(s):** INGENIEROS, José; BARRETO, Tobias; BRITO, Farias; CARVALHO, Ronald de; CUNHA, Euclides da; DÁRIO, Rubén; FARIA, Otávio de; GUIRALDES, Ricardo; LUGONES, Leopoldo; MARECHAL, Leopoldo; RAMOS, Graciliano; SARMIENTO, Domingo Faustino; TORRES, Alberto; ALVES, Castro; CALDERÓN, Francisco Garcia; RODÓ, José Enrique; REYES, Alfonso; SILVEIRA, Tasso da; BORGES, Jorge Luis; PRADO, Eduardo; INGLESISAS, Eugenio J.; CALOÚ, Juan Pedro; GILARDI, Fernando; SCARPITTI, Augusto; DOMINGUES, Maria Alicia; PEREYRA, Carlos; VASCONCELOS, José de; FIGUEIRA, Gaston; CATÁ, Hernandez; ANZOATEGUI, LLOVERAS, Leyes; BERNARDES, Francisco Luis.

AZEVEDO, Thales. Fatos e comentários / O Io Centenário da publicação da “Flora Brasiliensis”. (MARTIUS, Karl Fr. Ph von. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. Tradução de Pirajá da Silva. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 156-157, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Medicina; Etnologia; Naturalismo; Indianismo

**Nota(s) de resumo:** Importância das comemorações na Baía do centenário da publicação de *Flora Brasiliensis*. Importância também da tradução e dos comentários do Dr. Pirajá da Silva a *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros* de Martius. Sobretudo pelo valor etnográfico.

**Autor(es) citado(s):** CALMON, Jorge; PRADO, J.F. Almeida; SILVA, Pirajá da; MARGRAVE; PISO; PINTO, E. Roquette; SCHIAFINO; PARDAL, Ramón; DEMBO; IMBELLONI; STEINEN, Karl v den; LUBLINSKY, I.; KARSTEN; LEHMAN-NITSCHKE; BALDUS, Herbert; WOLF, P.; SPIX, J.B. von; MARTIUS,

Carl Friedrich Philipp von.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários / Um crítico italiano aprecia *Nuit tropicale* de Ribeiro Couto. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 158-159, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nome pessoal como assunto:** COUTO, Ribeiro

**Palavra(s)-chave:** Brasil; Conto; Literatura; França; Itália

**Nota(s) de resumo:** Louva em Couto sua agudeza psicológica ao apanhar personagens que caminham para o pecado mas que já não é pecado por ser uma “consequência lógica de uma situação climática”.

**Autor(es) citado(s):** DURIAU, Jean; FIORELLO, Lionelo; SORIOT, Fernand.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Fatos e comentários. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 159-162, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Nota(s) de resumo:** Uma conferência do ministro Fonseca Hermes; As bibliotecas existentes no Brasil (526 ao todo); O centenário do nascimento de Thomas Hardy; O primeiro aniversário de Nordeste (excelente publicação — que faz “da causa do espírito o primado de sua orientação” — dirigida por Edmundo de Melo Lima, Antônio Soares Filho e Manoel Rodrigues de Melo. Redatores do número de aniversário: Luiz da Câmara Cascudo, Eymard L. E. Monteiro, Leopoldo Peres, Rui G. Câmara, Everton D. Cortes, Filomeno Gomes, Anselmo Macieira, Aluísio Alves); Inscrição de candidatos à vaga de Luiz Guimarães Filho (inscritos: Júlio Nogueira, Basílio de Magalhães, Manoel Bandeira, Berilo neves, Menotti del Pichia, Martins de Oliveira e Oswaldo de Andrade; O grande prêmio da Academia Brasileira de Letras (iniciativa do sr. Levi Carneiro: prêmio trianual de dez contos de réis); *Suspiros poéticos e saudades* em edição do Ministério da Educação; *Pequeno Dicionário de Nomes de Pessoas* (de Rômulo de Castro); Curso de História da Faculdade de Direito de São Paulo (ministrado pelo escritor Antônio Constantino, Dois livros de Afrânio Coutinho (tradução de *Humanisme Intégral* de Jacques Maritain e um livro sobre Machado de Assis); Prêmio “Felipe Oliveira” de 1939 (Conferido a Rachel de Queirós por *Três Marias*. *Caminhos da vida* recebeu 5 votos e *A prodigiosa Aventura*, de Darcy Azmujá, 1.; Uma apreciação sobre Oliveira Lima, no Peru (longo estudo de Richard Pattee

publicado na *Revista da Universidade Católica do Peru*: "El Brasil es tan desconocido para la América Espanhola como no lo es ningún país asiático."; Catálogo da Exposição Machado de Assis; *Un turista en el Brasil* (do diplomata espanhol José Casais; *Repouso* o novo romance de Cornélio Pena (em preparo); Falecimento de um livreiro (Samuel Nunes Lopes, animador do intercâmbio cultural espano-brasileiro); A exposição Estímulo da cidade de Franca: *Rebecca* e *A Sucessora* (aquele, do romancista ianqui Du Marier seria um plágio deste, de Carolina Nabuco; A candidatura de Gabriela Mistral ao Prêmio Nobel (de Literatura de 1940: Terceira candidatura sulamericana 'tendo as duas primeiras — a de Coelho Neto e a de Manuel Galves — fracassado"); *O desenho e a imprensa moderna* (entrevista de Augusto Rodrigues a *A Noite*); Biblioteca de autoras americanas (Universidade de Northwaster, iniciativa da Comissão de letras do Conselho de Mulheres da América do Norte); Nova publicação técnica *Revista Frutas de Pelotas*; Concurso de Romance (da Academia Brasileira. Prêmio de obras publicadas ao livro *Rola moça* de João Alfonsos e menção honrosa a *A voz da terra* de Amadeu de Queiroz); *Anquinhas e Bernardas* (Livro de crônicas de Mário Sete a ser lançado pela Martins); *Língua brasileira* (do católico Herbert Parente, já elogiado por Tristão de Ataíde e Plínio Barreto, anunciado na coleção "Brasiliana" da Cia. Editora Nacional).

**Autor(es) citado(s):** THACKERAY, William Makepeace; ELIOT, T. S.; WILDE, Oscar; DICKENS, Charles; TENNYSON; CASCUDO, Luiz da Câmara; CARLYLE, Thomas.

CADERNOS DA HORA PRESENTE. O último livro do Dr. Durant. (DURANT, William. *Os grandes pensadores*. s. ref.) *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 162, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavra(s)-chave:** Filosofia; Cânone literário; Estados Unidos; Literatura

**Nota(s) de resumo:** Mesma editora que publicara *A história da filosofia* e *Filosofia da vida*. Clareza e superficialidade de Durant. Preferências próprias: omissão completa da escolástica, p. ex. Lista dos dez maiores filósofos (que são nove "Talvez o 10 seja ele mesmo! Pretensão e água benta...": Homero, Davi, Eurípedes, Lucrecio, Dante, Shakespeare, Keats, Shelley, Whitman. Excluindo Jesus, Buda, Maomé, Rousseau, Comte, Marx, Goethe, Vitor

Hugo, Ibsen, Camões, Heine e outros. Lista de 100 obras para uma boa educação literária — 80% em língua inglesa. "Coisas engraçadíssimas": recomendação da *História Universal* de Wells e de *Grandeza e decadência do Império Romano* de Montesquieu para uma educação cristã. O mais perigoso é que não lhe falta talento como o demonstram as belíssimas páginas sobre Anatole France e Flaubert.

**Autor(es) citado(s):** ALIGHIERI, Dante; AQUINO, Santo Thomas de; CAMÕES, Luiz Vaz de; FLAUBERT, Gustave; FRANCE, Anatole; HEINE, Einrich; IBSEN, Henrik; MARX, Kari; MONTESQUIEU; SHAKESPEARE, William; SHELLEY, Mary (Wollstonecraft); WELLS, H. G.; WHITMAN, Walt; ROUSSEAU, Jean-Jacques; HUGO, Victor; GOETHE; EURÍPEDES; HOMERO; KEATS, John; COMTE, Auguste;

PONTES, Elói. Recortes em revista / Lima Barreto. (extraído de *A tarde* — Baía) *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, 163-164, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO — Literatura

**Nome pessoal como assunto:** BARRETO, Afonso Henriques de Lima

**Palavra(s)-chave:** Literatura; Brasil; Século XX; Bibliografia; Biografia

**Nota(s) de resumo:** "Trata-se de um dos nossos mais curiosos romancistas que as circunstâncias comprometeram." Boêmio indisciplinado. Período dramático antes da morte. Alcool. "delirium tremis". Um dos últimos boêmios tolerados. Mordaz mas escrupuloso, a amizade em primeiro lugar. "O que se tem escrito sobre Lima Barreto nos parece um pouco lendário".

**Autor(es) citado(s):** MENEZES, Emílio de;

CANABRAVA, Euríalo Recortes em revista / Tristão de Ataíde, escritor. *Cadernos da Hora Presente*, n.º. 9, p. 165-169, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Nome pessoal como assunto:** LIMA, Alceu Amoroso

**Palavra(s)-chave:** Escritores; Brasil; Modernismo; Catolicismo; Crítica

**Nota(s) de resumo:** "Tristão de Ataíde é, antes de tudo, o homem de letras, dotado de sensibilidade afinada para compreender e julgar as manifestações mais complexas e contraditórias da nossa época, embora tenha optado por uma posição definida perante os problemas eternos do espírito". Sua conversão se afigura tanto mais

admirável se pensamos o quanto lhe deve ter custado abandonar os prazeres da disponibilidade. Mais admirável ainda que a de Jackson. Causou certa inibição inicial no exercício de sua crítica. Já seus primeiros trabalhos revelavam uma segurança, uma vastidão de informação, pouco comum em nosso meio. "Temperamento fadado a revolucionar os quadros da nossa atividade cultural". Aumento da perspicácia, da penetração e do poder de síntese, diminuição da frescura e da alegria. Humanismo "profundo, integral e ecumênico" "o homem para ele não é o animal corrompido de Rousseau, nem o antropóide doente de Nietzsche, mas talvez seja, como para Goethe, o resultado de um diálogo essencial entre Deus e a natureza. Tal conclusão estaria singularmente confirmada pelos resultados mais recentes da investigação filosófica." (observação do autor: "Este trabalho foi escrito anteriormente ao início da guerra atual. O autor pede desculpa aos leitores pela nota otimista a propósito da cultura européia.") Humanismo cordial de que Tristão é o maior representante da ala brasileira. **Autor(es) citado(s):** ROUSSEAU, Jean-Jacques; NIETZSCHE, Friedrich; GOETHE;

CADERNOS DA HORA PRESENTE. Recortes em revista / O problema da sede da Academia Paulista de Letras. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 168-169, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** INFORME

**Palavra(s)-chave:** Escritores; São Paulo; Século XX

**Nota(s) de resumo:** A lenda de que São Paulo "preocupado exclusivamente com os problemas da técnica, da produção e da organização de sua riqueza, esquece de cuidar dos problemas que dizem respeito ao espírito", embora somente em parte verdadeira, encontra confirmação no fato de que seus "imortais" até hoje não têm uma casa.

**Autor(es) citado(s):** MACHADO, (Antônio de) Alcântara; SALGADO, Plínio; LOBATO, Monteiro; RICARDO, Cassiano; MOTA FILHO, Candido;

**Iconografia:** Publicidade: No prélo: De Eurialo Canabrava — SEIS ENSAIOS DO ESPÍRITO MODERNO

MACHADO, Edgar da Mata. Conto mensal / Estafa. *Cadernos da Hora Presente*, n.º 9, p. 170-175, jul., 1940.

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Palavra(s)-chave:** Literatura; Conto; Brasil; Século XX

**Iconografia:** Publicidade: Duas coleções da SEP: Homens e idéias: Direção de Tasso da Silveira: I — Gil Vicente e outros estudos português (Tasso da Silveira); II — Crítica pura (Henrique Abílio); III — Plena música: estética e crítica (Andrade Muricy); IV — Farias Brito (Nestor Vitor); V — Meditações sobre Machado de Assis (Cândido Mota Filho); VI — Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito (Jackson de Figueiredo); VII — Farias Brito e a reação espiritualista (Almeida Magalhães); Brevemente: *Caderno Azul* de Augusto Meyer; Amiel de Rosário Fusco; Babel (romance) de Claudio de Araujo Lima; Corpo Vivo (romance) de Adonias Filho. Coleção Estudos e Documentos: Direção de Eurialo Canabrava: Vida Literária de Rosário Fusco; Seis ensaios do espírito moderno de Eurialo Canabrava; Introdução ao Direito Moderno de Tristão de Ataíde; Introdução à Pedagogia Contemporânea de Teobaldo de Miranda Santos. Proximamente: Novos volumes de autores do momento, entre os quais: Afonso Arinos Sobrinho, Luiz Camilo de Oliveira Neto, Sergio Buarque de Holanda, e outros.

## II – PARTE:

### BATAILLE

#### E

### LES ACÉPHALES

#### CAPÍTULO IV: O dedão do pé de Ícaro

“Comme un troupeau chassé par un berger infini, le moutonnement bêlant que nous sommes fuirait, fuirait sans fin l’horreur d’une réduction de l’être à la totalité.”

Bataille - *L’expérience intérieure*<sup>165</sup>

“Il a été à la fois le disperseur et le berger de tout ce moutonnement de l’expérience moderne”

Foucault - “C’était un nageur entre deux mots”<sup>166</sup>

---

<sup>165</sup> Como um rebanho caçado por um pastor infinito, o ovelhamento balidor que somos fugiria, fugiria sem fim ao horror de uma redução do ser à totalidade. Citado por Foucault - “Préface à la transgression” *Critique - Hommage à George Bataille* - n. 195-195, août-sept, 1963., 1963, p. 761. Moutonnement tem um sentido sobretudo visual evocando, por exemplo, o espriar-se em espuma das ondas do mar.

<sup>166</sup> “Entretien avec C. Bonnefoy”, in *Arts et loisirs* n. 54, octobre 1966. O nadador é o então recém morto André Breton.

Impossível não ler como ambígua a homenagem de Foucault a Breton. Até onde eu saiba, Breton não está no primeiro rang do panteão foucaultiano. Por exemplo, em entrevista com Duccio Trombadori em 1978, ao reivindicar uma experiência outra que a dos fenomenólogos, ressoam os nomes de Nietzsche, Blanchot, Bataille, (a experiência de Artaud sendo irrevindicável), mas não o de Breton.<sup>167</sup>

Que em 66 - mesmo ano de *La pensée du dehors* cujo alvo é Blanchot, mas cuja flecha sai de Sade e Hölderlin atravessando, ali também, Nietzsche, Mallarmé, Artaud, Bataille, e Klossowski, mas não Breton - Foucault atribua a paternidade da experiência moderna a Breton morto, excita a suspeição de estarmos lidando com uma enunciação perversa. “*C’était un nageur entre deux mots*”, “*il a été en même temps le disperseur et le berger*”... Além do mais, depois de tanto que se falou em “papologia de André Breton” (Ribemont-Dessaignes, por ex.) a palavra pastor vem muito carregada. E o que é mais: o filho é bastardo: vem batizado (*moutonnement*) por Bataille. Breton é o pai da “experiência moderna”. mas quem a nomeia é Bataille.

### *Ex-capere*

Se concordamos com Kierkegaard, para quem a melhor forma de pensar o geral consiste em pensá-lo através da exceção - que não equivale à simples exclusão mas a algo “capturado fora”<sup>168</sup>, devemos convir que um dos melhores pontos de partida para se pensar o surrealismo é a posição ocupada, em relação a ele, por Georges Bataille. É evidente, por outro lado, que, para melhor

<sup>167</sup> “Conversazione con Michel Foucault” in *Dits et Écrits: 1954-1988*, éd. Daniel Defert et François Ewald, vol.4, 1995.

<sup>168</sup> Cf. AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer - il potere sovrano e la nuda vita*. Torino, Einaudi, 1995. No texto de Agamben, Kierkegaard aparece dentro de uma citação de Carl Schmitt (que é talvez, enquanto pensador da soberania, o *pendant* fascista de Bataille). É de Agamben também a sugestão de ler a exceção “secondo l’etimo” como “*presa fuori (ex-capere)* e non semplicemente esclusa”. (p.22). Raúl Antelo me propôs ainda uma outra possibilidade, em tudo congenial com essa dissertação: *ex-capere* como arrancar a cabeça...



comunicar com a experiência de Bataille, impõe-se pensá-la nessa sua relação, de profunda *extimidade*, com a seita bretoniana do maravilhoso.

Quando do início do surrealismo, a partir de 1919 e das fileiras do transnacional e *désouevré*, ainda que, na opinião de Bataille, “pas assez idiot”, movimento *dada*, Bataille é ainda um “rapaz modelo”, estudante aplicado da *École nationale des Chartes*, católico fervoroso e totalmente alheio às inquietações político-poéticas do momento.

É somente em 1924, após sua “conversion à rebours”, de pio em debochado, que conhece Michel Leiris e, através deste, André Masson. Sofre com a entrada deles, em 1925, no grupo surrealista por sentir-se preterido, excluído. Leiris, apesar de mais jovem, passa a ser o “iniciado”, o que sabe, imbuído da autoridade emanada, adivinha-se, de Breton.

Contribuí pela única vez para *La Révolution surréaliste*, e sem assinar, com a transcrição para o francês moderno de algumas *fratrasies* medievais. É por ocasião da entrega destas transcrições, cuja solicitação intermediara Michel Leiris, que conhece Breton, Aragon, Eluard e Gala.

Breton o teria julgado, conforme lhe informaria mais tarde Leiris, um *obsédé*. Bataille confessava ter, após o encontro, telefonado para Breton - em busca de incorporação? -, mas a voz de uma mulher lhe teria dito para telefonar dias mais tarde e a de Leiris, em ulterior conversa, para ficar por ali mesmo.

Invejou, é claro, a aura majestosa dos reconhecidos surrealistas, suas vidas brilhantes, a capacidade que tinham de criar uma atmosfera pesada à sua volta, como se *le silence du monde reposait en eux*. Mas, a crer em seu relato de 1951, já nesse primeiro encontro percebera aquele que é por muitos considerado o ponto fraco de Breton:

“Mas pareceu-me que, se Breton convidava ao silêncio aqueles que o escutavam, ele mesmo não se calava. Assim eu devia não apenas me calar mas não escutar mais do que a voz mesurada,

pretensiosa e se inflando com habilidade de Breton. Parecia-me convencional, sem a sutileza que duvida e geme, e sem os pânicos terríveis em que não há mais nada que não seja desfeito. O que me deu mais malestar não era somente a falta de rigor, mas a ausência dessa crueldade para consigo-mesmo, toda insidiosa, alegre e que dorme de pé, que não tenta dominar mas ir longe”.<sup>169</sup>

Não tentar dominar e sim ir longe: eis ao que engajará a totalidade dos escritos, ainda então por vir, de Bataille.

Ser antes um papa do que um San Juan de la Cruz: eis a acusação, talvez a mais recorrente, que se fará a Breton.

### O corpo estranho

Bataille portanto, não fará parte do grupo surrealista *stricto sensu*, embora se possa dizer, sem dúvida, que teve não pouca importância em seu movimento. A imagem proposta por Michel Surya é a de um gosto duvidoso ou de um dente doente na boca do surrealismo<sup>170</sup>. Vincent Kaufmann, no interessante “Communautés sans traces”, sugere, retomando questões lançadas pelo próprio Bataille em “La valeur d’usage de D.A.F. de Sade”, que Bataille encarnava em relação aos surrealistas a posição de um “*corps étranger, dont le rôle serait de corrompre ou de pourrir le groupe dont il s’abjecte par avance*”<sup>171</sup>.

Tendo livre acesso às “capelas” surrealistas da rua *Blomet* (Masson and co.) e da rua *du Château* (Prévert e outros), embora o “vaticano” (rua Fontaine, onde pontificava Breton) lhe fosse

<sup>169</sup> “Le surréalisme au jour le jour”, *O.C. VIII*, p.173.

<sup>170</sup> *Georges Bataille, la mort à l’oeuvre*. Paris, Gallimard, 1992.

<sup>171</sup> in HOLLIER, Denis (org). *Georges Bataille - après tout*. p.62. (quanto à expressão *après-tout*, ver a última nota do quinto capítulo desta dissertação).

evidentemente vedado, Bataille teria perseguido sua atividade de *debauchage* de seus amigos surrealistas através de conversações.

É só em 1929 que, graças a seu lado “Dr. Jekil”, de *sage* bibliotecário do gabinete de medalhas da *Bibliothèque Nationale*, surge-lhe a oportunidade de, na prática, dirigir a revista *Documents*, transformando-a gradativamente numa máquina de guerra contra o “idealismo surrealista”.

Apesar de se poder dizer que os primeiros artigos publicados por Bataille relevam de uma certa prudência, já após o primeiro número da revista seus co-fundadores, Pierre d’Espezet e Georges Wildenstein, começam a temer que ela sirva para a desocultação de “Mr. Hyde”:

O título que você escolheu para esta revista não se justifica senão no sentido de que ela nos dá “documentos” de seu estado de espírito. É muito, mas de fato não é o bastante. É preciso verdadeiramente voltar ao espírito que nos inspirou o primeiro projeto dessa revista quando dela falamos à Wildenstein, você e eu.<sup>172</sup>

Artigos como *Le langage des fleurs*<sup>173</sup>, que opõe, ainda que implicitamente, ao convencionalismo poético bretoniano expresso na asserção, digna de Platão, de que uma rosa permanece uma rosa, o “gesto confundidor do Marquês de Sade, trancafiado com os loucos, que fazia com que lhe trouxessem as mais belas rosas para arrancar suas pétalas sobre o chorume de uma fossa”. O que faz com que as flores estejam indiscutivelmente ligadas ao amor não é a beleza, infinitamente precária, de suas pétalas, mas a aparência aveludada e nauseabunda de seu pistilo.

---

<sup>172</sup> “Le titre que vous avez choisi pour cette revue n’est guère justifié qu’en ce sens qu’il nous donne des “documents” sur votre état d’esprit. C’est beaucoup, mais ce n’est pas tout à fait assez. Il faut vraiment revenir à l’esprit qui nous a inspiré le premier projet de cette revue, quand nous en avons parlé à M. Wildenstein, vous et moi.” Nota “*persifleuse et menaçante*” enviada por d’Espezet a Bataille. Citada por HOLLIER, Denis “La valeur d’usage de l’impossible” in *Les dépossédés* (Bataille, Caillois, Leiris, Malraux, Sartre). Paris, Minuit, 1993.

<sup>173</sup> O.C. I, pp.173-178

*Le gros orteil*<sup>174</sup> (aquele que Barthes gostaria de ter escrito<sup>175</sup>) concebido exatamente na medida para lembrar ao “icariano” André Breton que o homem tem os pés na lama e que “A vida humana comporta de fato a raiva de ver que se trata de um movimento de vai-e-vem do lixo ao ideal e do ideal ao lixo”, ao invés de ser um fluxo que elevaria os homens sem retorno ao espaço puro.

Sobretudo *Le jeu lugubre*<sup>176</sup> em que a obra de Dali é debochada ao próprio Dali que, nesse momento, após ter inclusive colaborado para *Documents*, encontrava-se ao lado de Breton. A grande atacada aqui é também a idéia que “tem sobre o homem o mesmo poder envilecedor que uma equipagem sobre um cavalo: posso resfolegar e relinchar: não vou por isso menos para a direita e para a esquerda, a cabeça redeada e sacudida pela idéia que embrutece e faz andar direito todos os homens, sob a forma, entre outras, do papel impresso com as armas do Estado” (recadinho para aquele que Breton também chamaria mais tarde de Avida Dollars).

Diante do *jogo lugubre* da castração, representado por Bataille como segue:

---

<sup>174</sup> O.C. I, pp.200-204.

<sup>175</sup> Cf. “Les sorties du texte”. Conferência apresentada no *Colloque de Cerisy-la-Salle, 1972*.

<sup>176</sup> O.C. I, pp.211-216.

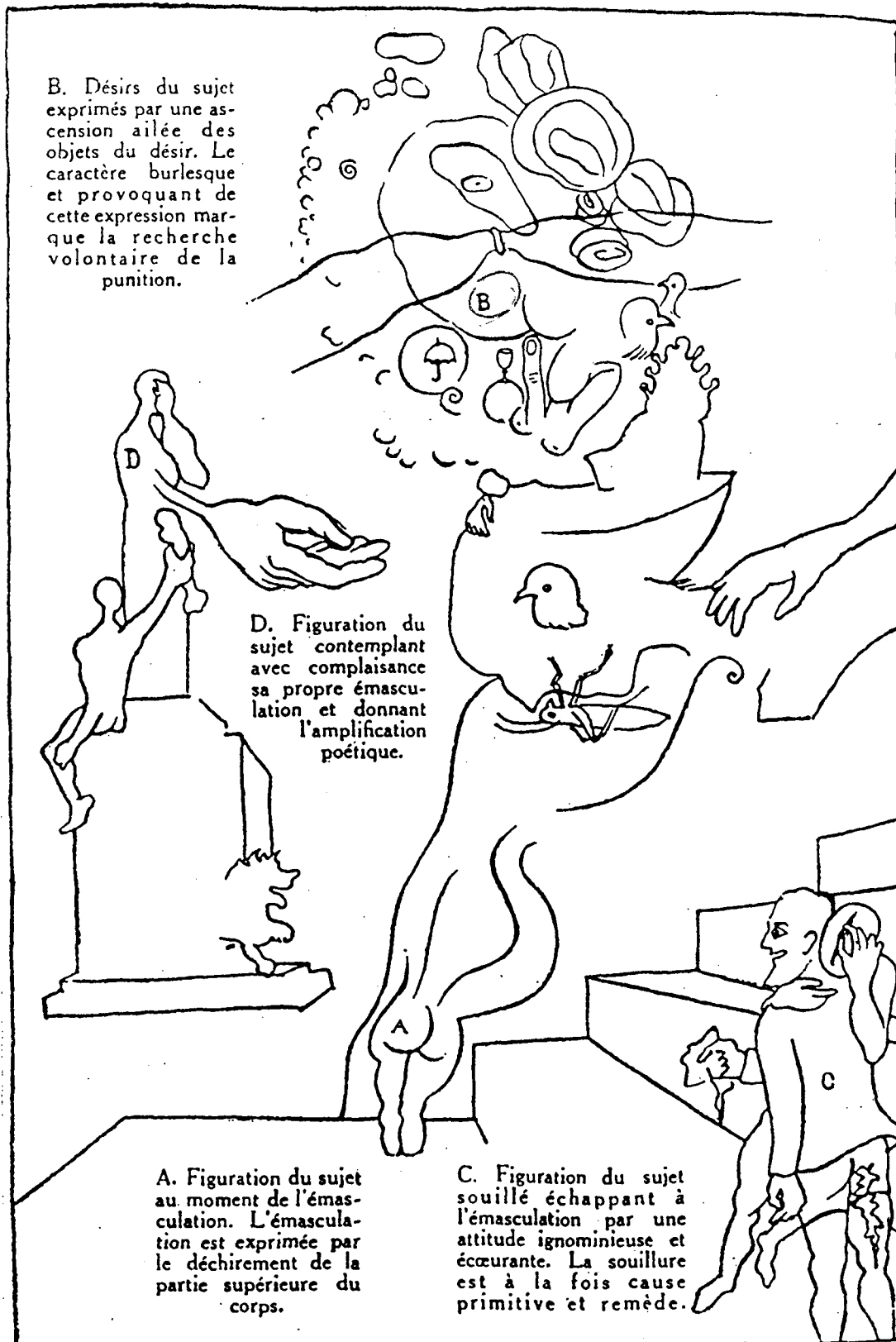


SCHÉMA PSYCHANALYTIQUE DES FIGURATIONS CONTRADICTOIRES DU SUJET DANS "LE JEU LUGUBRE" DE SALVADOR DALI.

o surrealismo estaria ligado às posições B e D, enquanto Bataille ocuparia a posição C: a do filósofo excremento.<sup>177</sup>

*Le bas materialisme et la gnose*<sup>178</sup> que, publicado após o aparecimento do *Segundo manifesto do surrealismo*, contesta o espiritualismo ali pregado por Breton através de uma leitura eminentemente acefálica da tradição gnóstica...

### O valor de uso da velha toupeira

“Há sempre um instante em tais movimentos em que a tensão original da sociedade secreta precisa explodir numa luta material e profana pelo poder e pela hegemonia, ou fragmentar-se e transformar-se, enquanto manifestação pública. O surrealismo está atualmente passando por essa transformação”<sup>179</sup>

Como se sabe, o Segundo manifesto do surrealismo foi a expressão mais acabada dessa luta.

Sabe-se também que além da condenação sumária e expulsão de vários membros do grupo surrealista o manifesto procedia ao ataque de inimigos exteriores (sempre naquela lógica que o inimigo mais perigoso é aquele com que podemos ser confundidos) como o pessoal do grupo *philosophies* e, sobretudo, Georges Bataille. A importância atribuída a este é indiscutível. Breton até admite ser Bataille um adversário tão rigoroso quanto ele mesmo: ainda que se trate do rigor do não-espírito. De certa forma, é como se Breton visse em Bataille um seu duplo, seu negativo, sua sombra. Parece-lhe claro que se alguém haveria de reunir em torno a si os dissidentes surrealistas, este alguém seria M. Bataille.

<sup>177</sup> “Marx em sua *Diferença de filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro*, nos expõe como em cada época surgem assim filósofos-cabelos, filósofos-unhas, filósofos-artelhos, filósofos-excrementos, etc...” BRETON, André *Manifestos do surrealismo*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p.162.

<sup>178</sup> *O.C. I*, pp.220-226.

<sup>179</sup> BENJAMIN, Walter. “O surrealismo - O último instantâneo da inteligência européia” in *Obras escolhidas I*, São Paulo, Brasiliense, 1985, p.22.

Tal não foi o caso. Embora tenha participado ativamente da confecção do *tract*, concebido, ao que parece, por Desnos, “Un cadavre”, que reuniu textos de G. Ribemont-Dessaignes, Jacques Prévert, Raymond Queneau, Roger Vitrac, Michel Leiris, G. Limbour, J.-A. Boiffard, Robert Desnos, Max Morise, J. Baron, Alejo Carpentier, além do próprio Bataille, não foi capaz?, não quis?, naquele momento, soldar um grupo “para-surrealista”.

## O VALOR DE USO DE D.A.F. DE SADE

### Carta aberta a meus camaradas atuais

Se acho bom me endereçar nessa carta a meus camaradas, não é que as proposições que ela contém lhes concernam. Lhes aparecerá mesmo provavelmente que parelhas proposições não concernem a ninguém em particular. Mas nesse caso preciso tomar ao menos algumas pessoas como testemunhas para constatar uma defecção tão completa. Há talvez declarações que por falta de algo melhor têm ridiculamente necessidade de um coro à antiga, porque elas supõem apesar de tudo como efeito, um mínimo de espanto, de malentendido ou de repugnância. Mas um não se endereça a um coro para convencê-lo ou para o re-aliar, no máximo (tout au plus), para não sofrer a parada da sorte sem revolta no momento em que ela condena o declarante ao mais triste isolamento.

Esse isolamento, no que me concerne, é aliás voluntário em parte, pois que não aceitaria sair dele senão em condições dificilmente realizáveis.

Com efeito, mesmo o fato de escrever, que só ele permite vislumbrar relações humanas um pouco menos convencionais, um pouco menos dissimuladas que aquelas das se-dizentes amizades íntimas - mesmo esse fato de escrever não pode me deixar uma esperança apreciável. Duvido da possibilidade de atingir as raras pessoas às quais essa carta é sem dúvida destinada, por cima das cabeças de meus camaradas atuais. Pois - minha resolução é tanto mais intransigente quanto mais absurda a defender -

teria sido preciso lidar não com indivíduos análogos àqueles que já conheço, mas somente com homens (e sobretudo com massas) comparativamente decompostos, tomados amorfos e mesmo expulsos com violência para fora de toda forma. Ora, é verossímil que tais homens não existam ainda (e as massas certamente não existem).<sup>180</sup>

Este trecho de *La valeur d'usage de D.A.F. de Sade*, texto que, junto a *La "vieille taupe" et le prefixe sur dans les mots surhomme et surréalisme*, constitui a crítica mais elaborada de Bataille ao surrealismo e ao mesmo tempo a melhor exposição de suas próprias posições, mostra bem o quão distante seu autor permanecia de um grupo formado.

A partir da constatação de que os surrealistas, que se dizem apólogos irrestritos do Marquês de Sade, não são capazes de realmente tirar as conseqüências de seus escritos e de lhes “dar o mínimo lugar, tanto na vida privada como na vida social, tanto na teoria como na prática”, Bataille incumbe a si mesmo de fazê-lo e passa então a demonstrar quais seriam os princípios de uma teoria e de uma prática heterológicas : a valorização dos processos de excreção em detrimento dos de apropriação (princípio que comandará, três anos mais tarde, o ensaio sobre *A noção de despesa*, embrião, por sua vez, de *La part maudite* (1949)); e a utilização perversa da ciência contra si mesma, vale dizer, não para reconduzir o heterogêneo ao homogêneo, mas para a exposição cada vez maior do irremediavelmente outro - “*mener du connu à l'inconnu*” (*L'expérience intérieure*), franquear a noite do *non-savoir* (Cf. *Les conférences sur le non-savoir*)..

*La "vieille taupe" et le prefixe sur dans les mots surhomme et surréalisme* volta-se com maior minúcia para uma análise do surrealismo fazendo referência direta ao *segundo manifesto*.

---

<sup>180</sup>O.C. II, pp.54-55.



Seguindo uma linha explicitamente ligada ao processo de psicanálise por que passara e que marca fortemente seus escritos de então (*Histoire de l'oeil, Le jeu lugubre, Le lion chatré...*) Bataille pensa o surrealismo como um desdobramento mal sucedido do complexo de castração. É aplicando basicamente o esquema já exposto quanto a *O jogo lúgubre* que Bataille vai nos dizer que o “ato surrealista o mais simples” (que mais tarde seria por ele identificado ao costume religioso do *Amok* (cf. *La religion surréaliste* (1947))) - “descer à rua e atirar ao acaso, tanto quanto se possa, na massa” - não passa de “uma provocação exagerada tendo por finalidade atrair sobre si um castigo brutal e imediato”. Diante da inaceitabilidade da ordem burguesa, a *reação espiritualista* do surrealismo, que supõe uma elevação de seus membros acima da degradação restante de um *mundo imundo*<sup>181</sup> - daí o prefixo *sur* - não passaria de uma atitude *icariana* aparentada antes ao utopismo pré-marxista que a um materialismo conseqüente.

Uma observação bastante interessante que se pode tirar do texto de Bataille é a seguinte: como pode Breton indicar como *mobile* absoluto do surrealismo a esperança de determinação daquele famoso “ponto do espírito em que a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incomunicável, o *alto* e o *baixo* cessam de ser percebidos contraditoriamente” (eu grifando) e ao mesmo tempo condenar Bataille por baixaza?

“Seria preciso lamentar no entanto as pessoas sobre as quais a leitura do *Segundo manifesto do surrealismo* não fizesse uma forte impressão - isso dito sem a menor ironia. Sobrevindo bruscamente após alguns prefácios de que o mínimo que se pode dizer é que traem uma profunda pobreza de espírito, o *Segundo manifesto* é sem nenhuma dúvida o escrito o mais conseqüente que se tenha tentado há já longo tempo. Mesmo suas conseqüências as mais radicais não foram ainda

---

<sup>181</sup> *Farias Brito e a reação espiritualista* é o nome de um opúsculo de Almeida Magalhães de 1918, sobre “o filósofo brasileiro”, verdadeiro padroeiro dos *Cadernos da Hora Presente*. *Mundo imundo* é aquele de que Mário de Andrade diz

desenvolvidas : e talvez seja útil que elas o sejam *aqui*, é dizer, na “notável lata de lixo, que é, se se crê no Sr. Breton, a revista *Bifur*”...<sup>182</sup>

Para levar ainda mais longe - até o limite - a revolta surrealista é preciso não uma *suraigle*, alegoria por excelência do imperialismo, mas uma “velha topeira”<sup>183</sup>, pois

“É cavando a fossa fedida da cultura burguesa que veremos talvez se abrir nas profundezas do subsolo as cavernas imensas e mesmo sinistras em que a força e a liberdade humana se estabelecerão ao abrigo de todos os *garde-à-vous* do céu que exige, hoje, ao espírito de qualquer homem a mais imbecil elevação”<sup>184</sup>.

Em outras palavras, é preciso partir do pressuposto de que “o mundo é mundo”, que é, como se sabe, o ponto de chegada do segundo manifesto do surrealismo.

### O Círculo comunista democrático (O corpo estranho II)

Como demonstra a epígrafe escolhida para “A ‘velha toupeira’ e o prefixo *sur...*” Bataille ensaiava então uma aproximação com o marxismo. Ou antes, buscava extrair do texto de Marx confirmações para a sua teoria da revolução como irrupção acéfala das forças do heterogêneo incondicionado, como “sublevação geológica”:

“Na história como na natureza a podridão é o laboratório da vida” (esta é a epígrafe)

---

rguer-se o fantasma de Tasso da Silveira.

<sup>2</sup> *O.C. II*, pp.104-105.

<sup>3</sup> “Não uma fênix, um herisson”. DERRIDA, Jacques. *Che cos'è la poesia*. Texto que não hesito em rotular de itaillano.

Marx como pensador não tanto do materialismo dialético, que inclui o momento de reconstituição de um Estado pós-revolucionário, quanto do baixo materialismo para o qual o desarranjo - processo de excreção excessiva - revolucionário é um fim em si e não um meio pelo qual atingir uma ordem superior.

É portanto portando um marxismo bem *sui generis* nos intestinos que Bataille entra, em 1931, no *Cercle communiste démocratique* e passa a publicar nas páginas de *La critique sociale*. Nelas aparecerão, em 1933, três artigos poderosos: “La notion de dépense”<sup>185</sup> - que a partir dos potlatches pensados por Mauss, mas também dando continuidade ao pensamento do heterogêneo proposto já em “La valeur d’usage de D.A.F. de Sade” - pensamento fundado no valor da excreção -, elabora uma teoria econômica geral em que à produção e à troca sobrepõem-se como valores o gasto improdutivo e o dom; “Le problème de l’État”<sup>186</sup> - que retoma a questão que vimos discutindo da revolução como não-instauração de uma nova ordem estabelecida: não é apenas contra a estupidez fascista e a lassidão burguesa, mas também contra o Estado que se diz socialista que se deve lutar; e “La structure psychologique du fascisme”<sup>187</sup> - que aplica a teoria heterológica à análise do fascismo: a força do fascismo vem do heterogêneo (vale dizer, da mesma fonte de que pode provir uma revolução comunista), mas seu direcionamento (*Duce, Führer*) monárquico e soberanizante (no bom, vale dizer, no mau (ou vice-versa?) sentido) é ainda mais contrário do que o capitalismo homogêneo burguês á “profunda subversão que continua a perseguir a emancipação das vidas humanas”.

O fato de que já a primeira nota publicada por Bataille em 1931 em *La critique sociale*, uma pequena nota de leitura da *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing, tenha sido motivo de polêmica no interior da própria revista, assim como o de que um artigo como “La notion de dépense” seja precedido

---

<sup>184</sup> *O.C. II*, p.109.

<sup>185</sup> *O.C. I*, pp.302-320

<sup>186</sup> *O.C. I*, pp.332-336.

por reservas da redação (“Sob vários aspectos, o autor entra em contradição com nossa orientação geral de pensamento”), são indícios da precariedade da posição de Bataille naquele círculo. Outro indício bastante revelador é o seguinte depoimento de Simone Weil, em que explica porque lhe parecia impossível pertencer a um mesmo grupo que Bataille:

A revolução é para ele o triunfo do irracional, para mim, do racional, para ele uma catástrofe, para mim uma ação metódica em que é preciso se esforçar para limitar os desgastes, para ele a liberação dos instintos e notadamente daqueles considerados como patológicos, para mim uma moralidade superior (...) O que de comum?<sup>188</sup> (p.205)

### Um *Contre-Attaque* (auto)fulminante

Em novembro de 35, após ter, em maio desse mesmo ano, escrito essa confissão de impotência, sexual e política, que é (preciso dizer que sob certo aspecto e só até certo ponto?) *Le bleu du ciel*, Bataille tenta, uma vez mais, participar de um grupo que exerça uma ação (que atualize uma potência) política. Trata-se de *Contre-Attaque*, também conhecido, amigavelmente, como *mouvement fana*.

Como o indicam tanto nome quanto apelido o que se buscava era responder ao fascismo não com uma atitude defensiva (afinal, defender o quê? A França? O “demoliberalismo” parlamentar

---

<sup>187</sup> *O.C. I*, pp.339-371.

<sup>188</sup> Rascunho de uma carta ao *Círculo* de Simone Weil. Citado por SURYA, Michel. *Georges Bataille, la mort à l'oeuvre*, p.205. O interessante é que Bataille é quem mais teria insistido com Simone para que entrasse no *Cercle*. Parece, por outro lado, que Simone Weil não era tão controlada assim pela razão: “C’était un personnage hors du commun. D’une intelligence et d’une érudition exceptionnelles, elle avait un jugement politique très sûr. [...] Mais elle avait un étrange goût du geste vain, du risque gratuit, voire du sacrifice inutile” LIÉNERT, Edouard. *Boris Souvarine et La Critique Sociale*. também citado por Surya, p. 205. Cedendo, por um momento, à famosa *lecture à clés* de *Le bleu du ciel*, digamos: Lazare, em Barcelona, querendo tomar uma prisão ao invés de um depósito de armas.

burguês? Fora de cogitação!) mas com um violento contra-ataque utilizando-se as próprias armas do fascismo: propaganda e paixão.

Anedoticamente *Contre-Attaque* traz este grande interesse: pela primeira vez, em suas fileiras (pouco extensas, diga-se de passagem) encontram-se “unidos” Bataille e Breton: logo se vê que a coisa não podia durar...

Da precariedade desse movimento testemunham, além de sua curta duração (praticamente novembro 1936 - fevereiro 1937) as cartas escritas, e sobretudo as recebidas (particularmente as enviadas por Pierre Kaan) por Bataille nesse período<sup>189</sup>, e, entre outros, o seguinte trecho de “Acéphalogramme”:

Os panfletos [de *Contre-Attaque*] faziam apelo aos trabalhadores, mas colocando o acento menos sobre suas necessidades materiais que sobre seu orgulho e sua dignidade de homens. “Colocando-nos nas fileiras dos operários, dizia um deles, nos endereçamos às suas aspirações as mais orgulhosas e as mais ambiciosas - que não podem ser satisfeitas nos quadros da sociedade atual; nos endereçamos a seu instinto de homens que não curvam a cabeça diante de nada, a sua liberdade moral, a sua violência”. O povo não entendia essa linguagem, não mais do que se deslocava quando *Contre-Attaque* o convidava a manifestar-se afim de comemorar o aniversário da degolação de Louis XVI por meio de um panfleto representando uma cabeça de veado sobre um prato.<sup>190</sup>

Uma forma, brasileira, de designar *Contre-Attaque*, seria chama-lo Anti-TFP, na medida em que, num de seus panfletos, é questão justamente de combater os “três ppp”: “PAI, PÁTRIA, PATRÃO, tal é a trilogia que serve de base à velha sociedade patriarcal e, hoje, à cachorrada fascista.”<sup>191</sup>

<sup>189</sup> Cf. “Contre-Attaque ou l’offensive antifasciste” in *L’Apprenti Sorcier*, pp. 119-300.

<sup>190</sup> WALDBERG, Patrick. “Acéphalogramme” in *L’Apprenti Sorcier*, p.590.

<sup>191</sup> Cf O panfleto “La patrie et la Famille” de 5 de janeiro de 1936. Foto constante da documentação iconográfica de Georges Bataille, *la mort à l’oeuvre*. Não é sem interesse que Antonin Artaud, estando nesse momento em sua *Viagem ao*

Talvez a “deseperança de uma influência positiva real sobre o curso das coisas”tenha motivado o fim do movimento. Bataille teria publicado um panfleto, aproveitando-se da assinatura de Breton e outros “surrealistas históricos” sem lhes ter submetido o texto e anexando-lhe já um boletim de subscrição para um novo grupo, o *Comité contre l’Union sacrée*. Os surrealistas, por sua vez, acusaram Bataille e seus amigos de “surfascisme souvarinien” (embora Boris Souvarine, que aliás a estas alturas não queria ver Bataille nem pintado de ouro, de fato nada tivesse a ver com a disputa). *Contre-Attaque* se fechou, antes mesmo de se desfêchar.

---

*México* se utilize desse panfleto para exemplificar, na conferência “Surrealismo e revolução, uma das três que proferiu na Universidade de Mexico, a posição “atual” do movimento surrealista. Cf. *Mensages revolucionarios*, Madrid/Caracas, Fundamentos, 1976.

## CAPÍTULO V - Les Acéphales

### AS DUAS CABEÇAS DO ACÉFALO

“Ce vieux projet”<sup>192</sup> de Georges Bataille, que não projetava outra coisa senão arrancar a existência ao domínio do projeto, teve, paradoxalmente, ao que tudo indica, uma cabeça: o próprio Bataille; e, no mínimo, duas faces: uma revista pública e uma comunidade mística (vale dizer, secreta, impublicável, *inavouable*).

Situada nos quatro anos imediatamente precedentes à 2ª grande guerra (1936-39), sucedendo ao efêmero agrupamento de *Contre-Attaque*<sup>193</sup> (última ação política de Bataille?<sup>194</sup>) e tendo lugar simultaneamente aos da *Société de Psychologie Colective* e, mais importante, do *Collège de Sociologie*, essa experiência bifronte é dada por não poucos de seus comentadores<sup>195</sup> (Blanchot, Jean-Luc Nancy...) como um momento crucial (crucifixão e encruzilhada) do pensamento e - por que não dizer? - da vida de Bataille.

---

<sup>192</sup>Ver Andre Masson “Le soc de la charrue” in *Critique - Hommage à George Bataille - n. 195-195*, août-sept, 1963

<sup>193</sup> Grupo que segundo Blanchot (*La Communauté Inavouable*, p. 27) “n’est en quelque sorte que dans la rue (préfiguration de Mai 68), c’est à dire au dehors. Il s’affirme par des tracts qui s’envolent et ne laissent pas de trace.” (“não é, de certa forma, senão na rua (préfiguração de Maio 68), é dizer, do lado de fora. Ele se afirma por panfletos que se esvoam e não deixam rastro.”) Grupo cuja efemeridade talvez não tenha sido tão surpreendente para aqueles que há mais tempo acompanhavam as relações entre seus dois cabeças : Breton e Bataille (Cf. a dura polêmica iniciada no final dos anos 20).

<sup>194</sup>Sem dúvida, Bataille jamais deixou de intervir politicamente. O que vem problematizado nesses parênteses interrogativos é a ação que, segundo Bataille, é o modo de existência próprio ao projeto, vale dizer, o contrário da experiência interior.

<sup>195</sup>O termo é sem dúvida inadequado pois que não se trata de autores enunciando um *discours sûr sur Bataille* (Denis Hollier: “... le discours “sur” est l’exemple même du discours sûr. Il se déploie avec assurance dans un domaine dont il a pris possession, qu’il a inventorié après l’avoir tout d’abord clôturé, ce qui lui garantit une sécurité hors de question. Il ne court pas le moindre risque : l’avenir ne l’inquiète pas, son développement est imperturbable.” (“O discurso “sobre” é o exemplo mesmo do discurso seguro. Ele se despreza com segurança num domínio de que tomou possessão, que inventoriou após tê-lo, logo de entrada, clausurado, o que lhe garante uma seguridade fora de questão. Ele não corre o menor risco : o porvir não o inquieta, seu desenvolvimento é imperturbável.”). *La prise de la Concorde*. p. 53.).

## A COMUNIDADE DE ACÉPHALE

O que aí Bataille põe na cruz, o que aí põe Bataille na cruz, é o projeto (e esse termo traz por si só um crucificante paradoxo) de uma comunidade. É como se pudéssemos dizer de sua relação com esse projeto aquilo que ele mesmo dizia, nas páginas da própria revista *Acéphale*, a respeito da civilização : “L’APOGÉE DE LA CIVILISATION EST UNE CRISE” : o apogeu da busca de comunidade, da “hantise de LA RÉCUPÉRATION DU MONDE PERDU”<sup>196</sup> é também sua crise.

Apogeu, pois que, ainda que pouco se saiba de fato sobre ela, tudo indica ter sido a de Acéphale a tentativa de realização de uma comunidade o mais longe portada por Bataille; crise, não apenas por marcar, em evidente conjunção com a deflagração da guerra, o declínio de sua ação comunitária, como também por ter-lhe permitido a formulação de uma crítica à própria vontade de comunidade que desembocará, como veremos mais adiante, na exigência de uma comunidade fundada na ausência de comunidade.

Da seriedade deste *projeto* há em verdade poucos testemunhos. Dentre estes poucos, citarei alguns.

Aquele, bastante lúcido, do próprio Bataille : “*J’étais résolu, sinon à fonder une religion, du moins à me diriger dans ce sens. (...) C’est l’époque à laquelle je fis paraître avec des amis la revue Acéphale.*”<sup>197</sup>;

---

<sup>196</sup> “O apogeu da civilização é uma crise” e “obsessão da recuperação do mundo perdido”. Ambas citações retiradas da *Chronique Nietzscheenne*, ACÉPHALE, no. 3,4, Juillet 1937, pp 15 e16.

<sup>197</sup> citado por CAMUS, Michel - “L’ACÉPHALITÉ ou la RELIGION de la MORT” apresentação da edição fac-similar dos cinco números de *Acéphale*, Paris, Jean-Michel Place, 1995. Ainda quanto a importância para Bataille da experiência de *Acéphale* ver duas cartas de outubro de 1960, uma a Patrick Waldberg, outra a Michel Leiris. Nesta Bataille diz “Je ne songe pas le moins du monde à recommencer [‘l’absurde tentative liée au nom d’Acéphale’], mais je suis obligé de m’apercevoir qu’au fond, il y avait dans cette entreprise délirante quelque chose qui n’a pu mourir en dépit de l’éloignement que j’ai ressenti moi-même” (“Não cogito de maneira alguma recomeçar [‘a absurda tentativa ligada ao nome de Acéphale’], mas sou obrigado a me aperceber que no fundo, havia nessa inter-empresa delirante alguma coisa que não pôde morrer a despeito do afastamento que eu mesmo senti.” Cf. BATAILLE, Georges. *L’Apprenti Sorcier - textes*,



O de Pierre Klossowski, impregnado de uma doçura que faz pensar em Andre Masson exclamando em 1967: “*Le surréalisme, quand même!*”<sup>198</sup>.

Era lindo. Éramos uma vintena a tomar o trem até... Como se chama já essa estação? Essa linda estação? *Saint-Nom-la-Bretèche*. Então um fim-de-tarde chegamos lá. A recomendação era: “vocês meditem, mas em segredo! Nada se deve dizer do que vocês sentiram ou pensaram! Bataille ele-mesmo jamais nos disse mais. Jamais nos comunicou o que a sorte de cerimônia representava.”<sup>199</sup>

O testemunho de Patrick Waldberg, para quem a experiência de *Acéphale* parece ter sido um verdadeiro martírio, mas que é talvez, entre todos, o mais valorizante justamente por seu intento de desvalorização: “Como pudemos ficar presos por tanto tempo na armadilha mística de Bataille”<sup>200</sup>;

---

*lettres et documents (1932-1939) rassemblés, présentés et annotés par Marina Galletti*. Paris, Ed. de la Différence, 1999, pp.573-576.

<sup>198</sup> Cf. *N.R.F.*, n. 62, “Hommage à André Breton”, 1967. Masson que, embora fosse então o amigo mais próximo de Bataille e ilustrasse, com exclusividade, os 4 números coletivos da revista *Acéphale*, parece jamais ter tomado parte nos rituais da comunidade de *Acéphale*.

<sup>199</sup> “*C’était très beau. Nous étions une vingtaine, à prendre le train jusqu’à... Comment s’appelle déjà cette station? Cette très belle station? Saint-Nom-la-Bretèche. Donc un soir nous arrivons là-bas. La recommandation était : “vous méditez; mais en secret! il ne faudra jamais rien dire de ce que vous avez ressenti ou pensé!” Bataille lui-même ne nous en a jamais dit plus. il ne nous a jamais communiqué ce que la sorte de cérémonie représentait*”. Entrevista de Klossowski com Bernard-Henry Lévy citada por HOLLIER, Denis, “L’inénarrable - Les vas non-communicants” in *Georges Bataille, après tout*, p.278.

<sup>200</sup> “*Comment avons-nous pu donner si longtemps dans le panneau mystique de Bataille?*” citado por CAMUS, Michel, *ibid.* Ver também “Acéphalogramme” (texto paru dans le *Magazine littéraire*, n. 331, avril 1995) em que 45 anos depois, o sentimento já vem convertido em profundo reconhecimento. Após narrar a gênese de *Acéphale* e o ritual de sua iniciação no grupo, Patrick Waldberg conclui: “La guerre ayant éclaté, Acéphale vacillait, miné par les dissensions internes, atterré peut-être par la conscience de sa propre incongruité au sein du désastre mondial. À la dernière rencontre au coeur de la forêt nous n’étions que quatre et Bataille demanda solennellement aux trois autres de bien vouloir le mettre à mort, afin que ce sacrifice, fondant le mythe, assurât la survie de la communauté. Cette faveur lui fut refusée. Quelques mois plus tard se déchaînait la vraie guerre qui balaya ce qui pouvait rester d’espoir. // Tout ce qui précède, à mesure que je l’écrivais, m’est apparu comme le récit d’un rêve, ou d’une fiction telle qu’en pouvait concevoir un Villiers de l’Isle-Adam. Jamais peut-être n’avaient été associés un aussi formidable sérieux à une puérilité aussi énorme en vue de porter la vie à un certain degré d’incandescence et d’obtenir ces ‘instants privilégiés’ auxquels nous aspirions dès l’enfance. Les rieurs eussent eu beau jeu - l’auront encore - et l’échec n’était pas évitable. Toutefois pour certains, dont je suis, l’expression ‘changer la vie’ avait cessé d’être une formule creuse. Quant à la ‘transformation du monde’, il est devenu de plus en plus clair qu’elle demeure à jamais sans pouvoir sur la nature profonde de l’être humain.” “A guerra tendo

E, para finalizar esta série de depoimentos, aquele, o mais distanciado, ainda que cronologicamente menos que o de Klossowski, de Roger Caillois :

“Bataille tinha outras preocupações; pouco dissimulava sua intenção de recriar um elemento sagrado, virulento e devastador, que terminaria por se impor graças a seu contágio epidêmico, e exaltar a quem tivesse sido o primeiro a semear seu germe. / Durante uma das reuniões privadas [do Colégio de Sociologia], contou sua idéia a Alexandre Kojevnikov (que abreviou mais tarde seu nome para Kojève). Este respondeu que semelhante taumaturgo não teria mais oportunidade de ser arrebatado, por sua vez, pela sacralização desencadeada por ele, que um prestidigitador de persuadir-se da existência da magia e assombrar-se com seus próprios jogos de mãos. / Eu estava convencido disso. Mas Bataille, que tinha a assombrosa faculdade de encolerizar-se à vontade, passou por alto o argumento. Ademais, não o dizia todo. Esperava constituir o foco inicial da expansão irresistível do sagrado mediante um gesto ritual irreparável, consistente, segundo me confiou mais tarde, num sacrifício humano consentido, para o qual contava já com a vítima e havia obtido dela (ou estava seguro de obtê-lo) um certificado destinado à justiça, que excusava de antemão ao assassino. Tanta cautela, por outra parte tão útil, não concordava com a explosão selvagem do sagrado que devia revigorar uma sociedade sem fervor. Pensei na objeção de Kojevnikov e me tornei ainda mais reticente. Mais por incredulidade que por respeito à palavra dada, guardei o segredo que se me havia exigido, pelo menos até a publicação em Nova York, durante a guerra, de indiscrições que era

---

estelado, Acéphale vacilava, minado pelas dissensões internas, aterrado talvez pela consciência de sua própria incongruência no seio do desastre mundial. No último encontro no coração da floresta não eramos mais que quatro e Bataille pediu solenemente aos outros três que bem quisessem metê-lo à morte, afim de que esse sacrifício, fundando o mito, assegurasse a sobrevivência da comunidade. Esse favor lhe foi recusado. Alguns meses mais tarde se desencadeava a verdadeira guerra que varreu o que podia restar de esperança. // Tudo o que precede, à medida que escrevia, apareceu-me como o relato de um sonho, ou de uma ficção tal a que podia conceber um Villier de l'Isle-Adam. Jamais talvez foram associadas uma tão formidável seriedade a uma puerilidade tão enorme em vista de portar a vida a um certo grau de incandescência e de obter esses 'instantes privilegiados' a que aspirávamos desde a infância. Os risonhos tinham do que rir - o terão ainda - e o fracasso não era evitável. Não obstante, para alguns, entre os quais eu, a expressão 'mudar a vida' tinha cessado de ser uma fórmula oca. Quanto à 'transformação do mundo', tornou-se cada vez mais claro que ela permanece a jamais sem poder sobre a natureza profunda do ser humano. *L'Apprenti Sorcier*, pp.596-597.

obrigado a retificar. / Georges Bataille, não obstante, prosseguiu suas atividades pessoais no seio de uma espécie de comunidade com rito de iniciação, cujo nome Acéphale, revelava seu sentido anti-intelectualista, para não falar de sua adesão às emoções viscerais, mas, curiosamente, não renunciou jamais a acoplá-la ao Collège de Sociologie, tão cerebral.”<sup>201</sup>

Por outro lado, relacionada ao que diz Klossowski - confirmando aliás o texto das “Instruções” redigidas por Bataille :

*“Il ne s'agit pas d'être d'humeur sinistre ou même morose mais il est hors de question de parler à aucun moment et cela doit avoir lieu en toute simplicité. / Par la suite, toute conversation sur le sujet de la “rencontre” est exclue, sous quelque prétexte que ce soit. Ce que chacun de nous tiendra à exprimer ne pourra l'être que sous forme de texte destiné au journal intérieur”*<sup>202</sup> -

- relacionada pois a essa exigência de silêncio, a própria escassez de testemunhos pode tornar-se o maior deles.

Ademais esse silêncio, essa exigência de silêncio, não se acrescenta simplesmente como um item a mais a uma estrutura de comunidade pré-disponível senão que constitui seu próprio núcleo, seu “noyau de silence”<sup>203</sup>. Silêncio que é a própria voz do Acéfalo. Voz que revela o vazio do espaço revelado, o caráter desértico do sagrado. Silêncio que é o próprio canto de anúncio da morte de Deus, mas também da do sujeito que se mata ao matá-lo, que se sacrifica ao sacrificá-lo “pois se Deus morre, o eu individual não perde apenas o seu Juiz, ele perde seu Redentor e sua eterna Testemunha:

<sup>201</sup> in *Acercamientos de lo imaginario*, pp.77-78.

<sup>202</sup> “ Não se trata de estar de humor sinistro ou mesmo moroso mas está fora de questão falar a qualquer momento que seja e isto deve ter lugar com toda simplicidade./ Na sequência, toda conversação sobre o sujeito do “encontro” está excluída, sob qualquer pretexto que seja. O que cada um de nós se obstinar em exprimir não poderá sê-lo a não ser sob forma de texto destinado ao diário interior”). “[Instructions pour la ‘rencontre’ en forêt]” *O.C. II* p.275.

<sup>203</sup> Indicação, misteriosa segundo Hollier, colocada por Bataille à margem de uma de suas conferências no *College de Sociologie*. Cf. “L’inénarrable” p.278

mas se perde sua eterna Testemunha, perde também sua identidade eterna. O eu morre com Deus<sup>204</sup>

(além de assim exigí-lo o verdadeiro, é dizer, o impossível, sacrifício: “um sacrifício em que tudo é vítima<sup>205</sup>”.)

Silêncio da morte *tout-court* :

“Esse ENCONTRO que será tentado na floresta terá lugar em realidade na medida em que a morte ali transparecerá. Colocar-se diante dessa presença, é querer afastar a vestimenta de que nossa morte está coberta.”<sup>206</sup>

Desnudamento da própria finitude, da morte sem reserva, sem recurso. Experiência limite que nada é de outro que experiência do limite : *pas au-delà*.

---

<sup>204</sup>“*car si Dieu meurt, le moi individuel ne perd pas seulement son Juge, il perd son Rédempteur et son éternel Témoin: mais s’il perd son éternel Témoin, il perd aussi son identité éternelle. Le moi meurt avec Dieu.*” KLOSSOWSKI, Pierre. “Don Juan selon Kierkegaard” in *Acéphale* - 3,4 p.28 - ver também as primeiras frases de “A propos du simulacre dans la communication de Georges Bataille”, escritas 25 anos depois : “Qui dit *atheologie* se soucie de la *vacance divine*, soit de la “place” ou du lieu spécifiquement tenu par le *nom de Dieu* - Dieu garant du moi personnel. / Qui dit *athéologie* dit aussi *vacance du moi* - du moi dont la vacance est éprouvée dans une conscience laquelle pour ne point être ce moi en est elle même la vacance. / Que devient la conscience *sans suppôt* ?” (Quem diz *ateologia* cuida da *vacância divina*, seja da “vaga” ou do lugar especificamente mantido pelo *nome de Deus* - Deus garantia do eu pessoal. Quem diz *ateologia* diz também *vacância do eu* - do eu cuja *vacância* é provada numa consciência que por não ser esse eu dele é ela mesma a *vacância*. Que devem a consciência *sem suporte*?) in *Critique - hommage à Georges Bataille*. Klossowski était-il catholique à ce moment? Não sei, mas em 1939, no auge de sua solidão, Laure morta, a comunidade d’Acéphale desmanchada, Bataille dizia que Klossowski o tinha abandonado pelo Deus dos católicos (cf. Galletti, Temps Modernes). Ver ainda o seguinte trecho de *Le Coupable*: “Je ne crois pas en Dieu: faute de croire en moi. // Croire en Dieu, c’est croire en soi. Dieu n’est qu’une garantie donnée au moi. Si nous n’avions donné le moi à l’absolu, nous en ririons. (Não creio em Deus por não crer em mim.// Crer em Deus, é crer em si. Deus não é mais que uma garantia dada ao eu. Se não tivéssemos dado o eu ao absoluto, dele ríamos.) *O.C. V - p.282*.

<sup>205</sup> “Sur un sacrifice où tout est victime” é como se chama o trecho final do “Post-scriptum au supplice”, quarta parte de *L’expérience intérieure*. Trecho que se abre com a citação quase na íntegra do fragmento 125 de *Die Fröhliche Wissenschaft* (*A gaia ciência*), “Der tolle Mensch” (O homem tolo, ou louco, ou ainda *l’insensé*, como prefere Klossowski em sua tradução), em que vem anunciada, justamente, a morte de Deus. Cf. NIETZSCHE, F. *Das Hauptwerk - II*, München, Nymphenburger, 1994.

<sup>206</sup> “*Cette RENCONTRE qui est tentée dans la forêt aura lieu en réalité dans la mesure où la mort y transparaitra. Aller au devant de cette présence [a do Acéfalo], c’est vouloir écarter le vêtement dont notre mort est couverte.*” [Instructions pour la “rencontre” en forêt] in *Oeuvres Complètes II*, p. 278.

Essa valorização do silêncio, ou talvez mais exatamente do indizível, do inenarrável, do *inavouable*, será interpretada por Denis Hollier como o *renversement* da constatação benjaminiana da pobreza da experiência contemporânea :

“A constatação de benjamin segundo a qual o curso da experiência baixou encontra seu corolário ou seu verso em Bataille e Klossowski para quem é o curso do intocável, do irrecuperável, o curso da perda que subiu consideravelmente.”<sup>207</sup>

Talvez seja também esse silêncio que aproxime aquela clareira em volta de uma árvore fulminada próxima à estação de *Saint Nom-la-Bretèche*, espaço ritual de *Acéphale*, da “Clareira do Ser” a que o homem, seu vizinho, deve, segundo Heidegger, se dirigir:

“Caso o homem ainda deva encontrar o caminho da proximidade do Ser, terá de aprender primeiro a existir no inominável (Namenlose). Terá que conhecer o extravio (Verführung) do público como também a impotência do privado. Antes de falar, o homem terá que deixar-se apelar pelo Ser mesmo com o risco de, sob um tal apêlo, ter pouco ou ter raramente algo a dizer.”<sup>208</sup>

Já o relato que nos dá Caillois a respeito das atividades da comunidade *Acéphale* aponta para seu ponto cego. Para aquilo que a conduzia a ser, pelo menos em parte, um inevitável fracasso. A comédia denunciada por Caillois - “*Tanta cautela, por outra parte tão útil não concordava com a explosão selvagem do sagrado que devia revigorar uma sociedade sem fervor.*” - é aquela a que - e o próprio

---

<sup>207</sup> “*Le constat de Benjamin selon lequel le cours de l’expérience a baissé trouve son corollaire ou son verso chez Bataille et Klossowski pour qui c’est le cours de l’inéchangeable, de l’irrecupérable, le cours de la perte qui a considérablement monté.*” “L’inénarrable - Les vas non-communicants” - in *Georges Bataille, après tout*, p. 280.

<sup>208</sup> *Sobre o Humanismo*, p. 31. - Este texto-carta elaborado em resposta a algumas perguntas de Jean Beaufret em 1946 por um Heidegger já devidamente desiludido das possibilidades do nacional-socialismo (Verführung como engano do

Bataille se aperceberá disto (somente mais tarde?) - está fadado qualquer sacrificio que não seja o próprio suicídio do carrasco:

Para que o homem ao fim se revelasse a si mesmo ele deveria morrer, mas ser-lhe-ia preciso fazê-lo vivendo - olhando-se cessar de ser. Noutros termos, a morte ela mesma deveria devir consciência (de si), no momento mesmo em que aniquila o ser consciente, É num sentido o que tem lugar (que está ao menos a ponto de ter lugar, ou que tem lugar de uma maneira fugitiva, incapturável) por meio de um subterfúgio. No sacrificio, o sacrificante se identifica ao animal atingido de morte. Assim morre ele vendo-se morrer, e mesmo de certa forma, por sua própria vontade, de acordo (de coração) com a arma do sacrificio. Mas é uma comédia!<sup>209</sup>.

Esta insustentável verdade do sacrificio - a verdade de uma flecha<sup>210</sup> - dá-se aliás a ler nas próprias páginas da revista homônima e “homocrônica” à comunidade de *Acéphale*: a imagem escolhida por Bataille em sua *Crônica Nietzscheana* para representar uma verdadeira “*communauté de coeur*” é a da agonia de Numância: uma cidade inteira que, sitiada por imbatível exército romano, prefere entregar-se à morte - seus habitantes matando-se uns aos outros - que à servidão. Trata-se pois do verdadeiro sacrificio, da verdadeira tragédia e não de uma qualquer comédia sacrificial. Mas, cabe perguntar, que resta assim da comunidade?

---

führer) permite mais de uma aproximação com o pensamento de Bataille. *J'y reviendrai*.

<sup>209</sup> “Pour que l’homme à la fin se révèle à lui-même il devrait mourir, mais il lui faudrait le faire en vivant - en se regardant cesser d’être. En d’autres termes, la mort elle même devrait devenir conscience (de soi), au moment même où elle anéantit l’être conscient. C’est en un sens ce qui a lieu (qui est du moins sur le point d’avoir lieu, ou qui a lieu d’une manière fugitive, insaisissable), au moyen d’un subterfuge. Dans le sacrifice, le sacrifiant s’identifie à l’animal frappé de mort. Ainsi meurt-il en se voyant mourir, et même en quelque sorte, par sa propre volonté, de coeur avec l’arme du sacrifice. Mais c’est une comédie!” “Hegel, la mort et le sacrifice” *O.C.* - *XII*, p.336. Texto originalmente publicado na revista *Deucalion* em 1955.

<sup>210</sup> “Sa souffrance était en moi comme la vérité d’une flèche: on sait qu’elle entre dans le coeur, mais avec la mort”. (“Seu sofrimento era em mim com a verdade de uma flecha: sabe-se que ela entra no coração, mas com a morte”)- BATAILLE, Georges. *Madame Edwarda*. p. 47

É com efeito para onde se dirige a argumentação de Jean-Luc Nancy, em *La communauté désœuvrée*, ao problematizar essa vontade de comunhão. A comunhão total de seus “membros”, esse “*accomplissement fusionnel dans quelque hypostase collective*”<sup>211</sup>, essa restituição do ab-soluto da imanência, levaria não à realização mas à destruição da comunidade. Essa pois só é, só se dá, enquanto relação entre outros. Na medida em que a comunhão faz de todos um só, um mesmo, ela nos reconduz à mesma aporia do isolamento de um indivíduo/sujeito. Heidegger de novo: “*O homem nunca é homem, alguém do mundo, como um ‘sujeito’, quer se entenda sujeito como ‘eu’ ou como ‘nós’.*”<sup>212</sup>

Teria pois sido essa a limitação da comunidade de *Acéphale*: permanecer presa a um desejo de comunhão, de imanência; querer não apenas viver “à altura da morte”, mas dela fazer obra, que não pode ser senão obra de morte, que não pode se dar efetivamente senão de maneira insustentável : na trágica comunidade de morte de Numância.

É ainda na medida dessa vontade de imanência que se faz pertinente a acusação de Benjamin ao *Collège de Sociologie*: *Vous travaillez pour le fascisme!*

Cruz de *Acéphale* : em que fica pregado o projeto nostálgico de “recuperação do mundo perdido”; que Bataille atravessa em direção a um pensamento mais fecundo, voltado sempre para a questão da comunidade mas levando em conta “*l’échec immense de l’histoire des communautés*”<sup>213</sup> (de que faz parte a própria comunidade de *Acéphale*). Pensamento para o qual, como diz Blanchot, “a relação do homem ao homem cessa de ser a relação do Mesmo com o Mesmo mas introduz o Outro como irredutível” de maneira que “é uma inteiramente outra sorte de relação que se impõe e que impõe uma outra forma de sociedade que se ousará à pena nomear ‘comunidade’”<sup>214</sup>

---

<sup>211</sup> Jean-Luc Nancy citado por Blanchot. *La communauté inavouable*, p.18. No livro de Nancy o que vem escrito é em verdade “*assomption fusionnelle dans quelque hypostase collective*”. *La communauté désœuvrée*, p.40.

<sup>212</sup> *Sobre o humanismo*, p. 79.

<sup>213</sup> “O fracasso imenso da história das comunidades” - NANCY, *La communauté désœuvrée*, p.49.

<sup>214</sup> O “*rapport de l’homme à l’homme cesse d’être le rapport du Même avec le Même mais introduit l’Autre comme*

Como dirá Bataille (quando?): “*La communauté de ceux qui n’ont pas de communauté*”<sup>215</sup>

Quanto a essa passagem - digamos de *Acéphale* a “*L’expérience intérieure*” (mas que não deve ser confundida com um *repli* sobre si mesmo, sobre uma interioridade, pois sempre “*hors de la communauté, pas d’expérience*”<sup>216</sup>) - vale citar Jean-Luc Nancy :

“Mas além do desprezo que lhe inspirou tão logo a baixeza dos condutores e dos costumes fascistas, Bataille fez a prova de que a nostalgia de um ser comunal era a mesmo tempo o desejo de uma obra de morte. Ele foi obsecado, sabe-se, pela idéia de que um sacrificio humano deveria selar o destino da comunidade secreta de *Acéphale*. Ele compreendeu sem dúvida então, como o escreveu mais tarde, que a verdade do sacrificio exigia no fim das contas o suicidio do sacrificador. Morrendo, este poderia rejuntar-se ao ser da vítima mergulhado no segredo sangrante da vida comum. Compreendeu assim que essa verdade propriamente divina - a verdade operatória e ressurreicional da morte - não era a verdade dos seres finitos, mas que ela precipitava ao contrário no infinito da imanência. Não é o horror, é ainda para além do horror, é a absurdidade total - ou por assim dizer a puerilidade desastrosa - da obra de morte da morte, considerada como obra da vida comum. E é essa absurdidade, que é no fundo um excesso de sentido, uma concentração absoluta da vontade de sentido, que deve ditar a Bataille de se retirar das empresas comunitárias.

Ele compreendeu assim a natureza derrisória de todas as nostalgias da comunhão, ele que durante longo tempo se tinha representado - numa sorte de consciência exacerbada da “perda” da comunidade, que partilhou com toda uma época - as sociedades arcáicas, suas ordenações sagradas,

---

*irréductible*” de maneira que “*c’est une tout autre sorte de relation qui s’impose et qui impose une autre forme de société qu’on osera à peine nommer ‘communauté’*”. *La communauté inavouable*, p. 12

<sup>215</sup> Citado (sem referência precisa) por Blanchot in *La communauté inavouable*, p. 9 -

<sup>216</sup> Vide o que nos diz Derrida em *De l’économie restreinte à l’économie générale*: “O que se indica como experiência interior não é uma experiência pois que não se reporta a nenhuma presença, a nenhuma plenitude, mas somente ao impossível que ela “éprouve” (prova e prova) no suplício. Essa experiência não é sobretudo interior : se ela parece sê-lo por não se reportar a nada de outro, a nenhum fora, outramente que sobre o modo de não-rapport, do segredo e da ruptura, ela é toda inteira exposta - ao suplício - nua, aberta ao fora, sem reserva nem foro interior, profundamente superficial.” *L’écriture et la différence*, pp. 399-400. Tradução minha.



a glória das sociedades militares e reais, a nobreza da feudalidade, como as formas desaparecidas e fascinantes de uma intimidade bem sucedida do ser-em-comum consigo mesmo.”<sup>217</sup>

Além do próprio Bataille:

“A verdade é que nós podemos sofrer por aquilo que nos falta, mas que, mesmo que dele tenhamos paradoxalmente a nostalgia, não podemos senão por aberração lamentar pelo que foi o edifício religioso e real do passado, O esforço ao qual esse edifício respondeu não foi mais que um fracasso imenso e se é verdade que o essencial nos falta no mundo em que ele desabou, não podemos senão ir mais longe, sem imaginar, um instante que seja, a possibilidade de um retorno para trás.”<sup>218</sup>

## ACÉPHALE EM REVISTA

Sendo, como foi, dirigida por Bataille na mesma época em que este tratava de soldar a comunidade de *Acéphale*, é de se esperar que a revista, ainda por cima homônima, estivesse atravessada

---

<sup>217</sup> “Mais outre le mépris que lui inspira aussitôt la bassesse des meneurs et des moeurs fascistes, Bataille fit l'épreuve de ce que la nostalgie d'un être communiel était en même temps le désir d'une oeuvre de mort. Il fut hanté, on le sait, par l'idée qu'un sacrifice humaine devrait sceller le destin de la communauté secrète d'Acéphale. Il comprit sans doute alors, comme il l'écrivit plus tard, que la verité du sacrifice exigeait en fin de compte le suicide du sacrificateur. En mourant, celui-ci pourrait rejoindre l'être de la victime plongé dans le secret sanglant de la vie commune. Il comprit ainsi que cette verité proprement divine - la verité opératoire et résurrectionnelle de la mort - n'était pas la verité des êtres finis, mais qu'elle précipitait au contraire dans l'infini de l'immanence. Ce n'est pas l'horreur, c'est encore au-delà de l'horreur, c'est l'absurdité totale - ou pour ainsi dire la puérilité désastreuse - de l'oeuvre de mort de la mort, considérée comme oeuvre de la vie commune. Et c'est cette absurdité, qui est au fond un excès de sens, une concentration absolue de la volonté du sens, qui dut dicter à Bataille de se retirer des entreprises communautaires. // Il comprit ainsi la nature dérisoire de toutes les nostalgies de la communion, lui qui pendant longtemps s'était représenté - en une sorte de conscience exacerbée de la “perte” de la communauté, qu'il a partagée avec toute une époque - les sociétés archaïques, leurs ordonnances sacrées, la gloire des sociétés militaires et royales, la noblesse de la feodalité, comme les formes disparues et fascinantes d'une intimité reussie de l'être-en-commun avec lui-même” *La communauté desouevrée*, pp.47.

<sup>218</sup> “La verité est que nous pouvons souffrir de ce qui nous manque, mais que, même si nous en avons paradoxalement la nostalgie, nous ne pouvons que par aberration regretter ce que fut l'édifice religieux et royal du passé. L'effort auquel cet édifice répondit ne fut qu'un échec immense et s'il est vrai que l'essentiel manque dans le monde où il s'est effondré, nous ne pouvons qu'aller plus loin, sans imaginer, fut-ce un instant, la possibilité d'un retour en arrière.” “La Souveraineté” *O.C. - VIII* p.275.

pelas mesmas obsessões que o levaram à constituição daquela. É no entanto preciso que nos guardemos, com Michel Surya<sup>219</sup>, de dizer, com Roger Caillois, que ela “*en était l'organe*”.

Quando muito, foi esse o caso do número I da revista (junho 36): *La Conjuración Sacrée*. Através dele, ficamos logo sabendo que “*Ce que nous* (G. Ambrosino, G. Bataille, P. Klossowski e A. Masson) *entreprenons est une guerre*”. E é nele também que Bataille nos apresenta esse Anti-Deus chamado *Acéphale*:

Para além daquilo que sou, encontro um ser que me faz rir porque é sem cabeça, que me enche de angústia porque é feito de inocência e de crime : ele tem uma arma de ferro em sua mão esquerda, chamas semelhantes a um *sacré-coeur* em sua mão direita. Reúne numa mesma erupção o Nascimento e a Morte. Não é um homem. Não é tampouco um Deus. Ele não é eu mas é mais eu do que eu : seu ventre é o *dédalo* em que se desgarrou a si mesmo, me desgarrar com ele e no qual me acho sendo ele, é dizer, monstro.<sup>220</sup>

Condiz ainda com essa função de “*órgão exotérico*” o textículo nomeado “*L'Unité des Flammes*” que expressa claramente a posição que vimos de problematizar ao tratar da comunidade de *Acéphale*:

... um sentimento da unidade comunal. Esse sentimento é aquele que prova um agrupamento humano quando aparece a si-mesmo como uma força intacta e completa; ele surge e se exalta nas festas e nas

---

<sup>219</sup> “Il aurait été plus simple que la revue fût la face exotérique de cette société esotérique. Tel n’a pas été le cas”. - “Tout exige en nous que la mort nous ravage” in George Bataille, *la mort à l’oeuvre*, p. 289.

<sup>220</sup> “*Au delà de ce que je suis, je rencontre un être qui me fait rire parce qu’il est sans tête, qui m’emplit d’angoisse parce qu’il est fait d’innocence et de crime : il tient une arme de fer dans sa main gauche, des flammes semblables à un sacré-coeur dans sa main droite. Il réunit dans une même éruption la Naissance et la Mort. Il n’est pas un homme. Il n’est pas non plus un dieu. Il n’est pas moi mais il est plus moi que moi : son ventre est le dédale dans lequel il s’est égaré lui-même, m’égare avec lui et dans lequel je me retrouve étant lui, c’est à dire monstre*” *Acéphale* n. 1.

assembléias : um alto desejo de coesão o eleva então acima das oposições, dos isolamentos, das concorrências da vida diária e profana".<sup>221</sup>

E tampouco é à toa que o texto de Klossowski - "Le monstre" - nos diga, a partir de Sade, que

O ultraje a infligir à Natureza, seria cessar de ser indivíduo, para totalizar imediatamente e simultaneamente tudo o que contém a Natureza ; seria conseguir chegar a uma pseudo-eternidade, a uma existência temporal, aquela da polimorfia perversa. Tendo renegado a imortalidade da alma, as personagens de Sade, em troca, pousam sua candidatura à monstrosidade integral.<sup>222</sup>

Mas vale notar que embora tratando de uma espécie de comunhão, ou talvez antes de comunicação<sup>223</sup>, não é de maneira alguma questão nesse texto de uma empresa comunitária. Esse estado é aqui alcançado através da imaginação erótica que

---

<sup>221</sup> "...un sentiment de l'unité communienne. Ce sentiment est celui qu'éprouve un groupement humain lorsqu'il apparaît à lui-même comme une force intacte et complète; il surgit et s'exalte dans les fêtes et les assemblées : un haut désir de cohésion l'emporte alors sur les oppositions, les isolements, les concurrences de la vie journalière et profane". *Acéphale n. I.*

<sup>222</sup> "L'outrage à infliger à la Nature, ce serait de cesser d'être individu, pour totaliser immédiatement et simultanément tout ce que contient la Nature (...) Ayant renié l'immortalité de l'âme, les personnages de Sade, en retour, posent leur candidature à la monstrosité intégrale" *Acéphale n. I.*

<sup>223</sup> Quanto a esse termo vale reproduzir uma nota de Jean-Luc Nancy em *La communauté desouevrée*: "J'use du terme 'communication' tel que Bataille l'emploie, c'est à dire selon le régime d'une violence permanente faite à la signification du mot, aussi bien en ce qu'elle indique la subjectivité ou l'intersubjectivité, qu'en ce qu'elle dénote la transmission d'un message et d'un sens. A la limite, ce mot est intenable. Je le garde parce qu'il résonne avec la 'communauté', mais je lui superpose (ce qui est parfois le substituer) le mot 'partage'. La violence que Bataille infligeait au concept de 'communication' était consciente de son insuffisance : 'Être isolé, communication, n'ont qu'une seule réalité. Il n'existe nulle part d'êtres isolés' qui ne communiquent pas, ni de 'communication' indépendante des points d'isolement. Que l'on prenne garde d'écarter deux concepts mal faits, résidus de croyances puériles, à ce prix le problème le plus mal noué sera tranché.' (VII, 553) Était appelée par là la desconstrução de ce concept, telle que Derrida l'a engagée ('Signature, événement, contexte' in *Marges*, Paris, Minuit, 1972), e telle que d'une autre façon elle se prolonge chez Deleuze et Guattari ('Postulats de la linguistique' in *Mille Plateaux*, Paris, Minuit, 1980). Ces opérations entraînent nécessairement à une réévaluation générale de la communication dans la communauté (de la parole, de la littérature, de l'échange, de l'image, etc.), para rapport à laquelle l'usage du terme de 'communication' ne peut être que préalable et provisoire." ("Use do termo 'comunicação' tal como Bataille o emprega, é dizer, segundo o regime de uma violência permanente feita à significação da palavra, tanto no que ela indica a subjetividade ou a intersubjetividade, quanto no que ela denota a transmissão de uma mensagem e de um sentido. No limite, essa palavra é insustentável. Guardo-a porque ressoa com a

escolhe os momentos de solidão e de espera do indivíduo - momentos em que o mundo e os seres estão ausentes - para invadir seu eu, corresponderia assim a uma tentativa inconsciente de recuperar todo o possível que deveio impossível pelo fato da tomada de consciência do eu - essa formação tendo permitido a realização do outro eu - logo a uma atividade de agressividade, em detrimento da realidade exterior, tendo por fim reaver sua integridade original.<sup>224</sup>

Outra marca que nos afasta, já nesse primeiro número, da hipótese de haver uma relação simétrica entre a comunidade e a revista, é o anúncio em sua contracapa daquilo a que será inteiramente consagrado seu segundo número: uma “*RÉPARATION À NIETZSCHE*”.

De fato, não apenas o número II, como todos os outros que se lhe seguiram (“*todos os outros*” quer dizer: o número duplo III-IV, consagrado a Dionysos; e o V, que comemora os 50 anos do *effondrement* de Nietzsche) encontram-se atravessados de cabo a rabo pela presença (?) de Nietzsche. E é nessa insistência em *être-avec* Nietzsche que podemos perceber o desenvolvimento de uma outra forma de pensar/realizar a comunidade<sup>225</sup>. O que nos leva à seguinte constatação: sob certo aspecto -

---

‘comunidade’ mas lhe superponho (o que é porvezs lhe substituir) a palavra ‘partilha’. A violência que Bataille infligia ao conceito de ‘comunicação’ era consciente de sua insuficiência: ‘Ser isolado, comunicação, não têm mais que uma só significação. Não há em parte alguma ‘seres isolados’ que não comunicam, nem ‘comunicação’ independente dos pontos de isolamento. Que se tome o cuidado de afastar duas concepções mal feitas, resíduos de crenças pueris, a este preço o problema o mais mal amarrado será cortado.’ (VII, 553) Estava chamada, por aí, em suma, a desconstrução desse conceito, tal como a engajou Derrida (‘Signature, événement, contexte’ in *Marges*, Paris, Minuit, 1972), e tal como de uma outra maneira ela se prolonga em Deleuze e Guattari (‘Postulats de la linguistique’ in *Mille Plateaux*, Paris, Minuit, 1980). Essas operações acarretam necessariamente uma reavaliação geral da comunicação na comunidade e da comunidade (da fala, da literatura, da troca, da imagem, etc.) com relação à qual o uso do termo de ‘comunicação’ não pode ser senão preliminar e provisório.” (pp.51-52.)

<sup>224</sup> Que “*choisit les moments de solitude et d’attente de l’individu - moments où le monde et les êtres sont absentes - pour envahir son moi*” e que “*correspondrait ainsi à une tentative inconsciente de récupérer tout le possible devenu impossible du fait de la prise de conscience du moi - cette formation ayant permis la réalisation de l’autre-moi.*” *Acéphale* n. I.

<sup>225</sup> Tal como se coloca em *L’expérience intérieure* : “*J’ai parlé de communauté comme existante : Nietzsche y rapporta ses affirmations mais demeura seul./ Vis-à-vis de lui je brûle, comme par une tunique de Nessus, d’un sentiment d’anxieuse fidélité. Que dans la vie de l’expérience intérieure, il n’avance qu’inspiré, indécis, ne m’arrête pas : s’il est vrai que, philosophe, il eut pour fin non la connaissance mais, sans séparer les opérations, la vie, son extrême, en un mot l’expérience elle-même, Dionysos philosophos. C’est d’un sentiment de communauté me liant à Nietzsche que naît en moi*

vale dizer, de acordo com a ficção que montamos - estamos tratando não de uma comunidade e de sua revista, mas de duas comunidades diferentes.

A relação de Bataille com Nietzsche, de acordo com Michel Surya<sup>226</sup>, principia já no início dos anos 20, coincidindo, não por acaso, com o momento de sua “*conversion à rebours*” - de católico a *debauché*. Mas talvez se possa aventar que o período em que ela se torna mais decisiva, também sem ser por acaso, seja esse de *Acéphale*, isto é, do imediato pré-segunda-guerra : como boa experiência, sua experiência de/com Nietzsche devia se realizar no instante mais perigoso<sup>227</sup>.

Sim, porque falar em Nietzsche e sobretudo falar com Nietzsche nessa época era sem dúvida expor-se ao perigo - no mínimo, de ser mal compreendido. É preciso lembrá-lo? : Nietzsche era então propriedade privada (do que lhe é mais próprio...) do fascismo. E o jogo e a aposta, ao menos de grande parte dos textos da revista *Acéphale*, pode ser assim descrito: sua (de Nietzsche) desapropriação, seu *désœuvrement* da obra de morte fascista.

Não apenas Hitler pousara junto ao busto de Nietzsche e recebera, das mãos de Elisabeth Judas-Foerster<sup>228</sup>, uma *canne à épée* ex-pertencente ao filósofo e de sua boca o falso testemunho do anti-semitismo deste, como diversos teóricos do fascismo alemão empreendiam o esforço de transformá-lo num seu precursor - seja lá por que deformantes vias : Bataille, em *Nietzsche et les Fascistes* - texto que abre o número 2 de *Acéphale* - mostra como, por exemplo, em *Nietzsche e o futuro da Alemanha*,

---

*le désir de communiquer, non d'une originalité isolée.*” (Falei da comunidade como existente: Nietzsche a ela reportou suas afirmações mas permaneceu só. Frente a ele queimo, como por uma túnica de Nessus, de um sentimento de ansiosa fidelidade. Que na via da experiência interior, ele não tenha avançado senão inspirado, indeciso, não me faz parar: se é verdade que, filósofo, ele teve por fim não o conhecimento mas, sem separar as operações, a vida, seu extremo, em uma palavra, a experiência ela-mesma. Dionysos philosophos. É de um sentimento de comunidade me ligando a Nietzsche que nasce em mim o desejo de comunicar, não de uma originalidade isolada) p. 39.

<sup>226</sup>Vide “S’il faut que vous alliez sur la mer, vous autres émigrants” in *George Bataille, la mort à l’oeuvre*. pp 71-75

<sup>227</sup>Martin Jay no ensaio “Limites de l’expérience-limite: Bataille, Foucault. in *Georges Bataille - après tout* , p. 39) remete a Philippe Lacoue-Labarthe que em *La poésie comme expérience* sublinha a etimologia da palavra experiência: “le latin experire a la même racine que periculum, péril.” E conclui (P.L.L.): “L’expérience est dès le début et fondamentalement sans doute le fait de s’exposer au danger”.

<sup>228</sup>É assim que Bataille designa a irmã de Nietzsche, referindo-se evidentemente à traição que ela assim consumava.

Richard Oehler, querendo demonstrar “*l'accord profond de l'enseignement de Nietzsche et de Mein Kampf*”, cita um texto escrito por Nietzsche de conteúdo brutalmente anti-semita mas sem dizer que “esse texto figura com efeito em *Além do Bem e do Mal* (# 251), mas a opinião que exprime não é a de Nietzsche; é a dos anti-semitas retomada por Nietzsche em maneira de galhofa (*persiflage*)”.<sup>229</sup>

Seja como for, às custas de que ocultamentos do gesto interpretativo, o fato é que os fascistas se tinham apropriado de Nietzsche de tal forma que isto - Nietzsche ser um precursor do fascismo - tornou-se verdade inclusive para seus opositores. Bataille cita o caso de Georg Lukacs - “(um dos raros, ao que parece, entre os teóricos marxistas atuais que tenham tido da essência do marxismo uma consciência profunda; desde que teve de se refugiar em Moscou, foi, é verdade, moralmente quebrado, não é mais do que a sombra dele-mesmo)”<sup>230</sup>, - para quem

“a diferença bem clara de nível ideológico entre Nietzsche e seus sucessores fascistas não pode chegar a esconder o fato histórico fundamental, que faz de Nietzsche um dos principais ancestrais do fascismo” (*Littérature internationale*, 1935, n. 9, p.79)<sup>231</sup>

É pois num entre-lugar, numa espécie de terceira margem<sup>232</sup> (*ni gauche, ni droite*) que se posiciona *Acéphale*: “Que seja o anti-semitismo, o fascismo, que seja o socialismo, não há mais que utilização. Nietzsche se endereçava a *espíritos livres*, incapazes de se deixar utilizar”.<sup>233</sup>

---

<sup>229</sup> *Acéphale* n. II, p. 4.

<sup>230</sup> (*l'un des rares, semble-t-il, parmi les théoriciens marxistes actuels qui aient eu de l'essence du marxisme une conscience profonde; depuis qu'il a dû se réfugier à Moscou, il a été, il est vrai, moralement brisé, il n'est plus que l'ombre de lui-même*)”. *Acéphale* n. II, p.5.

<sup>231</sup> “*La différence très nette de niveau idéologique entre Nietzsche et ses successeurs fascistes ne parvient pas à cacher le fait historique fondamental, qui fait de Nietzsche l'un des principaux ancêtres du fascisme*” (*Littérature internationale*, 1935, n. 9, p. 79)”. *Acéphale* n. II, p. 5.

<sup>232</sup> Que não se confunda com “terceira via”. A referência aqui é a Silviano Santiago e a Guimarães Rosa e não a Antony Gidens, e se trata justamente do inviável.

<sup>233</sup> “*Que ce soit l'antisémitisme, le fascisme, que ce soit le socialisme, il n'y a qu'utilisation. Nietzsche s'adressait à des esprits libres, incapables de se laisser utiliser.*”. *Acéphale* n. II, p. 4.

E aqui cruzamos com uma questão - que aliás não mais deixará Bataille - que se anuncia nessa recusa à utilização, a qualquer tipo de *asservissement* : a da soberania.

### Soberania acéfala ou soberania sem soberano

Quando Bataille nos diz :

#### A DOCTRINA DE NIETZSCHE NÃO PODE SER ASSUJEITADA

Ela pode somente ser seguida. Colocá-la em seguida, ao serviço de *que quer que seja* de outro é uma traição que releva do desprezo dos lobos pelos cães.<sup>234</sup>

podemos ver aí talvez resquícios de uma subjetividade soberana na imagem mussetiana do desprezo do lobo (que se recusa, ainda que isso lhe custe a própria morte por inanição, a servir o pastor) pelo cão que se sujeita, se deixa *asservir* (e ainda quer convencer o lobo a fazê-lo também). Resquícios presentes também no retrato que faz Nietzsche de um Heráclito absolutamente *fier*, diamantinamente satisfeito de si mesmo, verdadeiro “astro sem atmosfera”.<sup>235</sup>

Mas sem dúvida não se trata (somente) disso : a soberania aqui postulada equivale no fundo (no sem fundo) à inexistência de todo e qualquer ente soberano (cabeça: Deus, chefe, sujeito...) :

---

<sup>234</sup> “LA DOCTRINE DE NIETZSCHE NE PEUT PAS ÊTRE ASSERVIE. // Elle peut seulement être suivie. La placer à la suite, au service de quoi que ce soit d'autre est une trahison qui relève du mépris des loups pour les chiens.”. *Acéphale* n. II, p.4.

<sup>235</sup> Trata-se do texto de Nietzsche sobre Heráclito em *A filosofia na época trágica da Grécia* então inédito em francês e cuja tradução está publicada nesse mesmo número II de *Acéphale*.

O *acéfalo* exprime mitologicamente a soberania votada à destruição, a morte de Deus, e nisso a identificação ao homem sem cabeça se compõe e se confunde com a identificação ao superhumano que É todo inteiro “morte de Deus”.<sup>236</sup>

- e portanto também do *moi*, que perde sua eterna Testemunha...

É somente na ausência de qualquer ente soberano que o homem pode ser não ele-mesmo soberano, mas ser de tal forma informe que a soberania tenha lugar.<sup>237</sup>

Confirmam essa visão da soberania como algo (ou antes como nada<sup>238</sup>) necessariamente sem sujeito algumas outras *proposições sobre a morte de Deus* : aquela (n. 7), por exemplo, que postula o tempo como “*objet d’extase*”<sup>239</sup>, ou aquela (n. 10) que diz que “A Revolução não deve ser considerada somente em seus sustentáculos e resultados (*tenants et aboutissants*) abertamente conhecidos e conscientes mas na sua aparência bruta, seja ela o feito dos puritanos, dos enciclopedistas, dos marxistas ou dos anarquistas.” Mas “como a explosão súbita de sublevações (*e-moções*) sem limites”<sup>240</sup> Vale dizer, não importa seu sujeito, mas a revolução como acontecimento soberano em que “a autoridade não

---

<sup>236</sup>“L’acéphale exprime mythologiquement la *souveraineté* vouée à la destruction, la mort de Dieu, et en cela l’identification à l’homme sans tête se compose et se confond avec l’identification au surhumain qui EST tout entier “mort de Dieu”. *Acéphale n. II*, p.20 - “Propositions sur la mort de Dieu”

<sup>237</sup>Cabe aqui citar Jean-Louis Baudry: “Mais c’est trop dire encore de l’être particulier qu’il est souverain, puisque justement la souveraineté est la négation de l’être particulier, son suspens. Il n’est plutôt que le support, la scène sur laquelle se joue le moment souverain” - *Bataille et l’expérience intérieure* in *Tel quel*, n. 55.

<sup>238</sup>“Le principal est toujours le même: la souveraineté n’est RIEN” diria Bataille, 15 anos depois, no livro inacabado, “La souveraineté” *O.C.VIII*, p.456.

<sup>239</sup>“(…on ne saurait dire proprement que l’être singulier est le sujet de l’extase, car celle ci n’a pas de “sujet”, mais on doit dire que l’extase (la communauté) arrive à l’être singulier.) (“… não se poderia dizer propriamente que o ser singular é o sujeito do êxtase, pois este não tem ‘sujeito’, mas deve-se dizer que o êxtase (a comunidade) acontece ao ser singular”). NANCY, Jean-Luc. *La communauté désœuvrée*, p. 24.

<sup>240</sup>“La Révolution ne doit pas être considérée seulement dans ses tenants et aboutissants ouvertement connus et conscients mais dans son apparence brute, qu’elle soit le fait des puritains, des encyclopédistes, des marxistes ou des anarchistes.” Mas como “l’explosion soudaine d’émeutes sans limites”. *Acéphale n. II*, p.20.



pertence mais a Deus mas ao tempo cuja exuberância livre mete os reis à morte, ao tempo encarnado hoje no tumulto explosivo dos povos.<sup>241</sup> (e não, jamais, de jeito nenhum, num desses povos<sup>242</sup>).

## A maravilhosa KINDERLAND

Contra duas (pelo menos) formas de construir um sujeito (de destruir portanto a chance da soberania) *Acéphale* se insurge : a que o funda na consciência (solução da *gauche rationaliste*) e a que o funda no sangue, na hereditariedade da raça<sup>243</sup> (solução da *droite fasciste*) : “Os desencadeados do passado são os encadeados à razão, aqueles que não encadeia a razão são os escravos do passado”.<sup>244</sup>

De um lado limita-se o *à-venir* reduzindo-o a uma projeção do passado, da *Vaterland*; de outro não se o reduz menos limitando-o ao projeto de construção de uma *Vaterland* ideal.

A essas duas formas de pôr um fim ao rio heraclítico<sup>245</sup> da história - represando-o ora no que se diz ser sua nascente, ora no que se diz ser sua foz - *Acéphale*, como já disse, se “parapõe” (sempre com Nietzsche) como uma terceira margem: não se trata nem de restaurar a velha *Vaterland* nem de edificar uma nova, mas de festejar a *Kinderland* :

---

<sup>241</sup> *l'autorité n'appartient plus à Dieu mais au temps dont l'exuberance libre met les rois à mort, au temps incarné aujourd'hui dans le tumulte explosif des peuples*” *Acéphale n. II*, p.20.

<sup>242</sup> Devo remeter novamente a “La Souveraineté” que se abre justamente com a seguinte frase “*La souveraineté dont je parle a peu de choses à voir avec celle des États, que définit le droit international.*” (O.C. VIII. p. 247). Este é um ponto interessante para a contrastação entre *Acéphale* e os *Cadernos da Hora Presente* em que figura com certa constância a preocupação quanto a soberania nacional do povo brasileiro. Por outro lado, seria também interessante verificar até que ponto Giorgio Agamben tem razão em dizer que Bataille está equivocado ao afirmar isso. Cf. *Homo Sacer - il potere sovrano e la nuda vita*. p.124.

<sup>243</sup> Bataille cita a esse respeito um texto de Levinas que se, por um lado, tal o próprio Bataille, desconstrói a idéia de um *Moi souverain* (“*Les mystérieuses voix du sang, les appels de l'hérédité et du passé auxquels le corps sert de véhicule perdent leur nature de problèmes soumis à la solution d'un Moi souverainement libre.*”) por outro, o faz justamente em favor de um outro *subjectum*: o biológico. Cf. *Acéphale - II*, p.10.

<sup>244</sup> “*Les déchainés du passé sont les enchainés à la raison, ceux que n'enchaîne pas la raison sont les esclaves du passé.*” *Acéphale n. II*, p.11.

<sup>245</sup> Ποταμοι τοι αυτοι εμβαινομεν και ουκ εμβαινομεν. (Rios nos mesmos entramos e não entramos) *Fragmento*

“Uma *Kinderland* que não é uma *Vaterland* ideal mas uma ausência de *Vaterland* no sentido implicado por Nietzsche quando se declarou (e ao resto de nós) sem-pátria [*Heimatlosen*], em outras palavras, sem passado, sem pai, sem herança. De um pai desconhecido: Os sem-estado são de fato os filhos do futuro, em outras palavras, os filhos precisamente, do desconhecido.

Mas o filho sem pai será sem filho; ele não será um pai. Nascido de uma ruptura com o sistema reprodutivo, ele não se reproduzirá. ‘A obra de Nietzsche é um aborto’. Todos os pais são filhos do passado que reproduzem; só a infância (*childhood*) é a filha do futuro.”<sup>246</sup>

Esta criança é a alegoria da soberania: *fatherless and childless* : a nada se submete, mas também nada pode submeter. É o que também nos diz Derrida por meio de uma outra alegoria (uma alealegoria):

Pois a soberania não tem identidade, não é *si, para-si, a-si, junto-de-si*. Para não comandar, é dizer para não se assujeitar (*s’asservir*), ela *não deve nada* subordinar (complemento direto), é dizer não se subordinar *a nada nem a ninguém* (mediação servil do complemento indireto) : ela deve se despender sem reserva, se perder, perder conhecimento, perder a memória de si, a interioridade a si;<sup>247</sup>

---

49a.

<sup>246</sup>HOLLIER, Dennis - *From Beyond Hegel to Nietzsche’s absence* - in *On Bataille*. pp. 66-67 - Trata-se em verdade da tradução de uma conferência apresentada em 72 num dos Colóquios Artaud/Bataille de Cerisy. Quanto à expressão filhos do futuro - *Kinder der Zukunft* - vale remeter, como o faz Bataille, ao fragmento 377 de *Die Fröhliche Wissenschaft* (*A gaia ciência*), “Wir Heimatlosen” (“Nós sem pátria-lar”), em que Nietzsche ele-mesmo toma toda distância possível tanto de um humanismo racionalista “francês”, quanto de um nacionalismo racista “alemão”. Quanto à relação futuro - desconhecido, cito aqui a tradução de Klossowski do parágrafo 287 do mesmo livro, “*Lust an der Blindheit*” : “Joie de la cécité. - ‘Mes pensées, dit le Voyageur à son ombre, doivent m’indiquer où j’en suis : non pas me révéler où je vais. J’aime l’ignorance de l’avenir et ne veux succomber à l’impatience ni à la saveur anticipée des choses promises.’” *Le gai savoir*, Paris, Folio, 1997. - Nos encontramos aqui não apenas com uma das obsessões bataillanas, a da cegueira, como também com aquilo que talvez (não) se possa chamar de postulado geral do pensamento foucaultiano : a filosofia como diagnose, ontologia do presente, e nunca como ditadora da verdade, do futuro.

<sup>247</sup>“*Car la souveraineté n’a pas d’identité, n’est pas soi, pour-soi, à soi, auprès de soi. Pour ne pas commander, c’est-à-dire pour ne pas s’asservir, elle ne doit rien se subordonner (complément direct), c’est à dire ne se subordonner à rien ni personne (médiation servile du complément indirect) : elle doit se dépenser sans réserve, se perdre, perdre connaissance, perdre la mémoire de soi, l’interiorité à soi;*” “De l’économie restreinte à l’économie générale : un hegelianisme sans

Aqui se interpõe de novo a discussão com Agamben: A questão de Agamben não é apenas a da soberania (como faz crer a tradução americana de *Homo Sacer*<sup>248</sup>) mas a do poder soberano. O momento soberano por ele descrito como exceção à legalidade que cria a lei, é um momento de poder. Dele não se pode dizer, como diz Bataille da soberania, “*qu’il n’est rien*”. Se ele é *fatherless* não é *childless*. Faz obra - e a obra é sempre obra de morte? - . Resta saber - se é possível uma *souveraineté désœuvrée*; - se o fato de ser impossível - “*impossible et pourtant là*” - deve nos impedir de buscá-la ou pensá-la; - Se o termo (que a tantos incomoda) utilizado por Bataille (ele que criticava o emprego do prefixo *sur* em *surréalisme* e em *surhomme*) convém...

O próprio Agamben reconhece que Bataille “nella negatività senza impiego e nel *désœuvrement* ha pensato una dimensione limite in cui la “potenza di non” non sembra più suscumbibile nella struttura del bando sovrano” mas dele tendo dito imediatamente antes, de maneira claramente pejorativa, “che pure resta un pensatore della sovranità” (*Homo Sacer*, p.56). Conflui ainda com a argumentação de Agamben a constatação de Jean-Luc Nancy de que Bataille, embora tendo levado ao limite tanto o pensamento da soberania - ou do êxtase - quanto o da comunidade, jamais foi capaz de conjugá-los satisfatoriamente, deixando de ver, assim, que a comunicação de cada ser com nada (a soberania) é a mesma coisa que a comunicação dos seres (a comunidade). (*La communauté désœuvrée*, p.58)

## Dionysos

Se alguma dúvida restava quanto à impossibilidade de se fazer da soberania o predicado de um sujeito qualquer (a menos que se trate do contrário disso, isto é, do tempo soberano que nunca se dá

---

réserve” in *L’écriture et la différence* - p. 389.

como o que já sub-jaz, mas sempre como o que está sempre *à-venir*) o número duplo 3-4 de *Acéphale*, em que este aparece transfigurado em Dionysos, vem solapá-la de vez: a soberania tem parte ligada com a desindividuação, com o êxtase.

Sublinhando a identificação entre Nietzsche e Dionysos, *Acéphale* dava também mais um golpe de *désœuvrement* no trabalho de apropriação de Nietzsche pelos fascistas. Estes, com efeito, na medida em que se filiavam muito mais a uma metáfora solar, adequada a seu imperialismo, e na medida em que queriam manter Nietzsche como “um dos seus”, deviam contornar a importância dessa alegoria, eminentemente ctônica e noturna, para o pensamento daquele que, no entanto, resumira seu pensamento na fórmula *on ne peut plus* clara: “ - *Hat man mich verstanden? - Dionysos gegen den Gekreuzigten...*<sup>249</sup>”.

É, em grande parte, sobre essa oposição, que se escreve a *Crônica nietzscheana* publicada por Bataille nesse número:

Entre as diversas oposições que mantêm a existência dos homens sob a dura lei de Heráclito, não há mais verdadeira nem mais inelutável que aquela que opõe a Terra ao Céu, à “precisão (*besoin*) de punir” as turvas exigências da tragédia; de um lado compõem-se a aversão ao pecado e a claridade do dia, a glória e a repressão militar, a rigidez imprescritível do passado; do outro, a grandeza pertence às noites propícias, à paixão ávida, ao sonho obscuro e livre: a potência é dada ao movimento e, por isso, quaisquer que sejam as numerosas aparências, arrancada ao passado, projetada nas formas apocalípticas do porvir;

---

<sup>248</sup> *Homo Sacer - Sovereignty and the bare life.*

<sup>249</sup> “Entenderam-me? - Dionysos contra o crucificado...” Frase final de *Ecce Homo* in NIETZSCHE, F. *Das Hauptwerk IV*, p.577.

de um lado uma composição de forças comuns limitada à tradição estreita - parental ou racial - constitui uma autoridade monárquica e se estabelece como uma estagnação e um infranqueável limite da vida; do outro um laço de fraternidade que pode ser estranho ao laço de sangue é atado entre homens que decidem entre eles consagrações necessárias; e o objeto de sua reunião não tem por fim uma ação definida, mas a existência ela-mesma, A EXISTÊNCIA, É DIZER, A TRAGÉDIA.<sup>250</sup>

### La pratique de la joie devant la mort

A existência é dizer a tragédia - ou, em termos heideggerianos :

“O modo em que o homem, em sua própria Essência se essencializa, com referência ao Ser, é insistir ec-staticamente na Verdade do Ser”<sup>251</sup> mas “Destino de-vém o Ser, quando Ele, o Ser, se dá. Isso, porém, pensado consoante o destino quer dizer: ele se dá e se recusa simultaneamente.”<sup>252</sup>

A existência consoante a soberania (a Verdade do Ser<sup>253</sup>?), a existência trágica, exige a exposição irrestrita do homem à morte, ou, melhor, a esse “*jeu émotionnel et déchiré de la vie avec la*

---

<sup>250</sup> “Entre les diverses oppositions qui maintiennent l’existence des hommes sous la dure loi d’héraclite, il n’en est pas de plus vraie ni de plus inéluctable que celle qui oppose la Terre au Ciel, au “besoin de punir” les troubles exigences de la tragédie; d’un coté se composent l’aversion du péché et la clarté du jour, la gloire et la répression militaire, la rigidité imprescriptible du passé; de l’autre, la grandeur appartient aux nuits propices, à la passion avide, au rêve obscur et libre : la puissance est donné au mouvement et, par là, quelles que soient de nombreuses apparences, arrachée au passé, projetée dans les formes apocalyptiques de l’avenir; d’un coté une composition des forces communes rivée à la tradition étroite - parentale ou raciale - constitue une autorité monarchique et s’établit comme une stagnation et une infranchissable limite de la vie; de l’autre un lien de fraternité qui peut être étranger au lien du sang est noué entre des hommes qui décident entre eux des consécration nécessaires; et l’objet de leur réunion n’a pas pour but une action définie, mais l’existence elle-même, L’EXISTENCE, C’EST À DIRE LA TRAGÉDIE.” *Acéphale -III-IV*, p.18. Fica bem clara aqui (clara como a noite) a oposição Bataille / Francisco Campos indicada no segundo capítulo.

<sup>251</sup> *Sobre o humanismo*, p. 50

<sup>252</sup> *ibid.* p. 58.

mort”.<sup>254</sup> E aqui *Acéphale* se defronta novamente com dois tipos de cabeça, duas maneiras de restringir essa exposição, de reduzir a tragédia a comédia (por mais sangrenta que seja) :

- o adiamento perpétuo (talvez se pudesse dizer: o diferimento da própria *différance*), equivalente mesmo à sua anulação, do trágico, pela colocação da existência em projeto: ao invés de existir (insistir no êxtase), age-se em função (não soberanamente) de um projeto, de uma pré-conceituação do futuro : perde-se assim justamente a trágica *joie de la cécité*. (Não se nega assim a morte, mas faz-se recuar até o fim o instante de sua afirmação).
- a domesticação da morte na representação de sua reapropriação pela comunidade unitária (monocéfala). Assim o fascismo, por mais que glorifique a guerra, obnubila a morte :

A guerra, na medida em que é vontade de assegurar a perenidade de uma nação, a nação que é soberania<sup>255</sup> e exigência de inalterabilidade, a autoridade de direito divino e Deus ele-mesmo representam a obstinação desesperada do homem em se opor à potência exuberante do tempo e em achar a seguridade numa ereção imóvel e próxima do sono. A existência nacional e a militar estão presentes no mundo para tentar negar a morte reduzindo-a a um componente de uma glória sem angústia. A nação e o exército separam profundamente o homem de um universo entregue à despesa perdida e à explosão incondicional de suas partes

---

<sup>253</sup> ‘Nous avons mis ensemble l’accent sur l’être. (...) Cet être est donc NÉANT. Nous ne pouvons pas nous étonner de rencontrer au milieu de nous cette profonde volonté de NÉANT. Elle est ouverte en nous comme une plaie et aucun de nous ne peut la considérer comme étrangère à lui. Nous pouvons avoir la force de vivre avec l’orgueil de cette plaie ouverte, mais il faut avant tout la reconnaître comme une plaie’ (“Pusemos em conjunto o acento sobre o ser. (...) Esse ser é então NADA. Não podemos nos espantar por encontrar no meio de nós essa profunda vontade de NADA. Ela está aberta em nós como uma ferida e nenhum de nós pode considera-la como estrangeira a si. Podemos ter a força de viver com o orgulho dessa ferida aberta, mas é preciso antes de tudo reconhecê-la como uma ferida.”) “Document 156 - [Le monstre tricéphale] (novembro 1938)”. *L’Apprenti Sorcier* pp.517-518.

<sup>254</sup> *Acéphale - III-IV*, p. 21

<sup>255</sup> É interessante notar como a noção de soberania vem aqui empregada em seu sentido tradicional, isto é, como atributo

: profundamente, ao menos na medida em que as precárias vitórias da avareza humana são possíveis.<sup>256</sup>

(1) quinto número de *Acéphale* (dois anos posterior ao 3-4 e contendo tão somente textos do próprio Bataille) se dá como a comemoração de uma tragédia : *l'effondrement* de Nietzsche. “Mas o dom que um homem faz de sua loucura a seus semelhantes pode-ele ser aceito por eles sem que seja devolvido com usura? E se ela não é a desrazão daquele que recebe a loucura do outro como dom real, qual poderia ser dele a contrapartida?”<sup>257</sup> - Se a resposta à primeira pergunta é *não* e à segunda *nenhuma outra*, deve-se também dizer que a comemoração de uma tragédia não pode se dar ela-mesma senão como tragédia. E não é outro o caso dos textos que compõem esse número : o próprio *La Folie de Nietzsche* e também *La Menace de Guerre*, mas sobretudo *La pratique de la joie devant la mort* e a *Méditation héraclitéenne*. Textos que representam a dança daquele que “*danse avec le temps qui le tue*”, vale dizer, que pratica “*la joie devant la mort*”.

Nos dois primeiros textos a questão da comunidade no sentido de uma ordem, mesmo de uma *Église*, se coloca explicitamente. A conclusão de *La Folie de Nietzsche* é pois esta:

Aquele que se formou até o extremo na meditação da tragédia deverá pois - em lugar de se comprazer na "expressão simbólica" das forças que dilaceram - ensinar (*apprendre*) a consequência àqueles que se lhe assemelham. Ele deverá pela sua obstinação e sua firmeza conduzi-los a se

---

de um sujeito (no caso a nação)

<sup>256</sup>“*La guerre, dans la mesure où elle est volonté d'assurer la pérennité d'une nation, la nation qui est souveraineté et exigence d'inalterabilité, l'autorité de droit divin et Dieu lui-même représentent l'obstination désespérée de l'homme à s'opposer à la puissance exubérante du temps et à trouver la sécurité dans une érection immobile et proche du sommeil. L'existence nationale et militaire sont présentes au monde pour tenter de nier la mort en la réduisant à une composante d'une gloire sans angoisse. La nation et l'armée séparent profondément l'homme d'un univers livré à la dépense perdue et à l'explosion inconditionnelle de ses parties : profondément, au moins dans la mesure où les précieuses victoires de l'avarice humaine sont possibles.*” *Acéphale - II*, p. 20.

<sup>257</sup>“*Mais le don qu'un homme fait de sa folie à ses semblables peut-il être accepté par eux sans qu'il soit rendu avec usure? Et si elle n'est pas la déraison de celui qui reçoit la folie d'un autre en don royal, quelle pourrait en être la contrepartie?*” *Acéphale - V*, pp. 7-8.

organizarem, a cessarem de ser, comparados aos fascistas e aos cristãos, trapos menosprezados por seus adversários. Pois o cargo lhe incumbe de impor a *chance* à massa daqueles que exigem de todos os homens um modo de vida servil: a *chance*, é dizer, o que eles são mas abdicam por insuficiência de vontade.<sup>258</sup>

Conclusão sob vários aspectos problemática e que parece exemplificar exemplarmente o tipo de proposições bataillanas a que Derrida se refere na seguinte nota inscrita em “De l’économie restreinte à l’économie générale: un hegelianisme sans réserve”:

<sup>1</sup>Tomadas fora de sua sintaxe geral, de sua escritura, certas proposições manifestam com efeito o voluntarismo, toda uma filosofia da atividade *operante* de um sujeito. A soberania é *operação prática* (cf. por exemplo les *Conférences sur le Non-Savoir*, p.14). Mas seria não *ler* o texto de Bataille não tecer essas proposições na trama geral que as desfaz encadeando-as ou inscrevendo-as em si.<sup>259</sup>

Além desse voluntarismo subjetivo-metafísico, não resistiriam talvez à sua “*mise en texte*” (não é disso que fala Derrida?) outras vontades assaz *louches* que parece expressar a dita conclusão: vontade de organização (“*les conduire à s’organiser*”), de reconhecimento (“*cesser d’être (...) des loques*”

---

<sup>258</sup> “Celui qui s’est formé jusqu’au extrême dans la méditation de la tragédie devra donc - au lieu de se complaire dans l’*expression symbolique*” des forces qui déchirent - apprendre la conséquence à ceux qui lui ressemblent. Il devra par son obstination et sa fermeté les conduire à s’organiser, à cesser d’être, comparés aux fascistes et aux chrétiens, des loques méprisés de leurs adversaires. Car la charge leur incombe d’imposer la chance à la masse de ceux qui exigent de tous les hommes un mode de vie servile : la chance, c’est à dire ce qu’ils sont mais abdiquent par insuffisance de volonté.” *Acéphale* - V. p. 8.

<sup>259</sup> “Prises hors de leur syntaxe générale, de leur écriture, certaines propositions manifestent en effet le voluntarisme, toute une philosophie de l’activité opérante d’un sujet. La souveraineté est une opération pratique (cf. par exemple les *Conférences sur le Non-Savoir*, p. 14). Mais ce serait ne pas lire le texte de Bataille que de ne pas tisser ces propositions dans la trama générale qui les défait en les enchainant ou en les inscrivant en soi..” *L’écriture et la différence*. p. 392.



*méprisés de leurs adversaires*”), e de messianismo (“*la charge leur incombe d'imposer la chance à la masse*”).

Quanto à vontade de organização vale remeter (para desfazê-la) a um texto da própria *Acéphale*, escrito também a partir do próprio Nietzsche, em que ela ao invés de reivindicada é atribuída aos fascistas:

“A mais perfeita organização do Universo pode se chamar Deus” (Vontade de Potência #712) / O fascismo que recompõe a sociedade a partir de elementos existentes é a forma a mais fechada da organização, é dizer, a existência humana a mais próxima do Deus eterno.<sup>260</sup>

E também a um outro, não do próprio Bataille, mas bataillano (vale dizer, escrito a partir mas também em parte contra ele - não foi esse aliás o princípio de sua relação com Hegel? - e o que dizer do famoso “*Nous ne pouvons qu'aller plus loin*”?), de Jean-Luc Nancy:

A totalidade orgânica é a totalidade na qual a articulação recíproca das partes é pensada sob a lei geral de uma instrumentação cuja cooperação produz e mantém o todo enquanto forma e razão final do conjunto (...) A totalidade orgânica é a totalidade da operação como meio e da obra como fim. Mas a totalidade da comunidade - entendo por isso: da comunidade que resiste à sua própria colocação em obra - é um todo de singularidades articuladas. A articulação não é a organização. Não remete nem ao motivo do instrumento, nem àquele da operação e da obra. A articulação não tem a fazer, como tal, com um sistema operatório de finalidades - ainda que ela possa sempre, sem dúvida alguma, ser reaportada a um tal sistema ou lhe ser integrada. Por ela mesma, a articulação não é

---

<sup>260</sup>“*La plus parfaite organisation de l'Univers peut s'appeler Dieu* (Volonté de Puissance #712). / *Le fascisme qui récompose la société à partir d'éléments existants est la forme la plus fermée de l'organisation, c'est à dire l'existence humaine la plus proche du Dieu éternel.*” “Propositions sur le fascisme - I” *Acéphale II*, p.17.

senão a juntura, ou mais exatamente o jogo da juntura: aquilo que tem lugar lá onde peças diferentes se tocam sem se confundir, deslizam, pivoteiam ou basculam, uma sobre a outra, uma no limite da outra - exatamente no seu limite - , lá onde essas peças singulares e distintas dobram ou erguem-se, flexionam ou se tensionam juntas uma pela outra, uma a mesmo a outra, sem que esse jogo mútuo - que permanece sem cessar ao mesmo tempo um jogo entre elas - forme a substância e a potência superior de um Todo. Mas aqui, a totalidade é ela mesma o jogo das articulações. Eis porque um todo de singularidades, que é bem um todo, não se refecha sobre elas para as elevar à sua potência : esse todo é essencialmente abertura das singularidades em suas articulações, o rastro e o batimento de seus limites.<sup>261</sup>

Quanto às vontades de reconhecimento e de messianismo (que no fundo se confundem) ver por exemplo este trecho de *Sur un sacrifice où tout est victime*:

Esse sacrifício estranho supondo um derradeiro estado de megalomania - sentimo-nos devir Deus - tem todavia consequências ordinárias num caso : que o gozo seja furtado por deslizamento e que a megalomania não seja consumida toda inteira, permanecemos condenados a nos fazer “reconhecer”, a querer ser um Deus para a massa, condição favorável à loucura, mas a nada de outro.

---

<sup>261</sup> “La totalité organique est la totalité dans laquelle l’articulation réciproque des parties est pensée sous la loi générale d’une instrumentation dont la co-opération produit et entretient le tout en tant que forme et raison finale de l’ensemble (...) La totalité organique est la totalité de l’opération comme moyen et de l’oeuvre comme fin. Mais la totalité de la communauté - j’entends par là : de la communauté qui résiste à sa propre mise en oeuvre - est un tout de singularités articulées. L’articulation n’est pas l’organisation. Elle ne renvoie ni au motif de l’instrument, ni à celui de l’opération et de l’oeuvre. L’articulation n’a pas affaire, comme telle, à un système opératoire de finalités - bien qu’elle puisse toujours, sans aucun doute, être rapporté à un tel système ou lui être intégrée. Par elle même, l’articulation n’est que la jointure, ou plus exactement le jeu de la jointure : ce qui a lieu là où des pièces différentes se touchent sans se confondre, glissent, pivotent ou basculent l’une sur l’autre, l’une à la limite de l’autre - exactement à sa limite -, là où ces pièces singulières et distinctes plient ou se dressent, fléchissent ou se tendent ensemble l’une par l’autre, l’une à même l’autre, sans que ce jeu mutuel - qui demeure sans cesse, en même temps, un jeu entre elles - forme la substance et la puissance supérieure d’un Tout. Mais ici, la totalité est elle même le jeu des articulations. C’est pourquoi un tout de singularités, qui est bien un tout, ne se referme pas sur elles pour les élever à sa puissance : ce tout est essentiellement ouverture des singularités dans leurs articulations, le tracé et le battement de leurs limites.”. “Le communisme littéraire” in *La communauté désœuvrée* - pp.187-188.

Se se vai até o fim, é preciso se apagar, sofrer duramente a solidão, renunciar a ser reconhecido :  
estar lá em cima como ausente, insensato, sofrer sem vontade e sem esperança, estar alhures.<sup>262</sup>

Além da minuciosa distinção feita por Derrida entre soberania “bataillana” e maestria (*Herrschaft*) “hegeliana” em seu já citado ensaio (sobretudo na parte *L'époque du sens : maîtrise et souveraineté*).

Pois bem, se em *La Folie de Nietzsche* e em *La menace de guerre*, que postula a formação de “*une véritable Eglise*”, nos deparamos ainda com a *mise en projet* da comunidade, não é este o caso de *La pratique de la joie devant la mort*, texto que anuncia já aquilo que chamamos anteriormente de passagem de *Acéphale* à *L'expérience intérieure*.

Podemos ler nesse texto a renúncia, não, de maneira alguma, à comunidade, mas a dela fazer obra. Ao invés de enunciar a necessidade da comunidade, ao invés de projetá-la (o que equivale no fundo a postergá-la), Bataille entrega-se aqui ao exercício da comunicação, da dissolução do eu no desconhecido - “*Je deviens moi-même cet inconnu obscur*” - o que só pode se dar na ausência de qualquer projeto : “*La puissance du combat s'accomplit dans le silence de toute action.*” (a ação, Bataille o dirá alhures, é a forma de existência própria ao projeto).

*Acéphale*: da comunhão fundada no sacrifício, à comunidade fundada no sacrifício da comunhão.

## Resta dizer

---

<sup>262</sup> “Ce sacrifice étrange supposant un dernier état de mégalomanie - nous nous sentons devenir Dieu - a toutefois des conséquences ordinaires dans un cas : que la jouissance soit dérobée par glissement et que la mégalomanie ne soit pas consumée tout entière, nous restons condamnés à nous faire “reconnaître”, à vouloir être un Dieu pour la foule: condition favorable à la folie. mais à rien d'autre. (...) Si l'on va jusqu'à la fin, il faut s'effacer, subir la solitude. en souffrir durement, renoncer d'être reconnu : être là-dessus comme absent, insensé, subir sans volonté et sans espoir, être ailleurs.”. “L'expérience intérieure” O.C. V pp. 178-179.

que ainda que o projeto de uma comunidade denominada *Acéphale* tenha aí ficado pregado na cruz, o “tema” da acefalidade não deixou jamais de ser crucial para Bataille. Pelo contrário. Como diria G.H. : “A desistência é uma revelação”. Ou parafraseando Bataille em sua resposta a Andre Masson sobre o que achava de *dada* : “*pas assez idiot*”<sup>263</sup> , digamos que o projeto de comunidade de *Acéphale* era por sua vez *pas assez acéphale*.

Acéfala pois será *l'expérience interieure* (que só se dá justamente quando perdemos a cabeça), acéfala a economia geral proposta em *La part Maudite* (fundada na despesa, na descapitalização), acéfala a soberania que como já vimos só tem lugar na ausência de tudo aquilo que a cabeça representa enquanto princípio de redução à unidade (tudo<sup>264</sup> , Deus, chefe, pátria, razão...)

Assim como o olho pineal, o acéfalo representa essa insistência, essa exigência da abertura sem reservas do pensamento (mesmo que ele nela se dissolva) à experiência-limite dos limites através da qual vem, continua a vir, sem nunca se estabelecer, a “comunidade daqueles que não têm comunidade”.

---

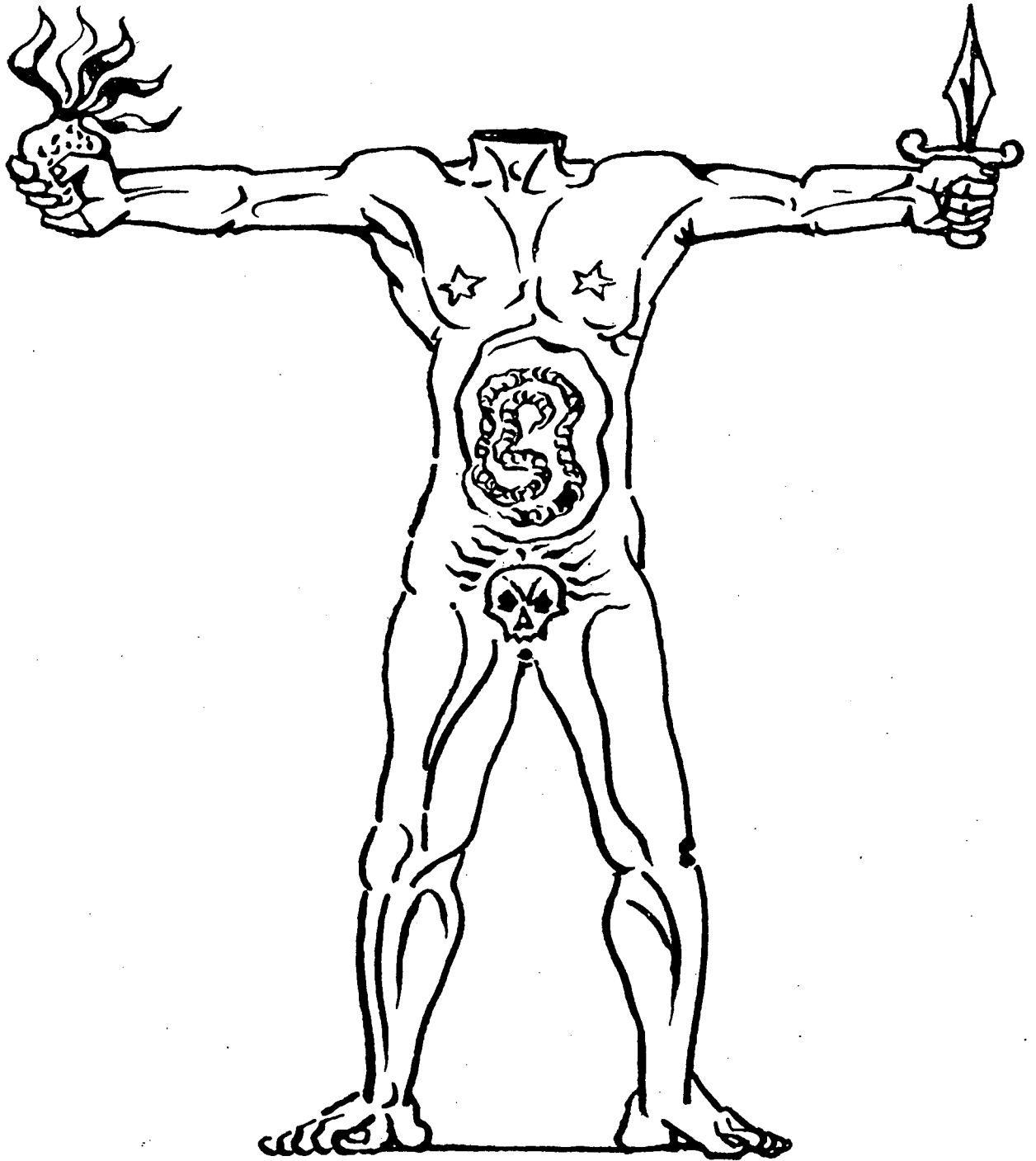
<sup>263</sup> Cf. “Le soc de la charrue”, *Critique 195-196*, p.704. Resposta considerada por Masson como digna de um monge zen.

<sup>264</sup> Pequena provocação pós-escolha do convidado para a banca: Em seu aproveitamento (apropriação / distorção) do poema *Póstudo* de Augusto de Campos, Ítalo Moriconi atribui dois sentidos à palavra *extudo*: “Passei por tudo (ex-tudo) e agora *estudo* tudo por que passei.” (*A provocação pós-moderna* p.25). Esquece-se no entanto de um terceiro que me parece o mais interessante, e mesmo, o mais congenial com *A provocação pós-moderna*: *extudo* significa, antes de mais nada, acefalidade, morte de Deus: já não há mais tudo, nada mais unifica o todo. Ora, é justamente nesse mundo ex-tudo (em que não cessamos de cair, prá frente, prá trás, pros lados... a tal ponto que não consigo achar agora meu livrinho de bolso com a tradução do Klossowski de *La gaya scienza* para poder cita-lo direito) que se situam não apenas os escritos de Bataille e esta minha sua glosa, tutameia, mas os textos que li do próprio Ítalo.

# ACÉFALO

## I

# A CONJURAÇÃO SAGRADA



# ACEPHALE

RELIGION · SOCIOLOGIE · PHILOSOPHIE - REVUE PARAISSANT 4 FOIS PAR AN

1<sup>re</sup> année

LA CONJURATION SACRÉE

24 juin  
1936

PAR GEORGES BATAILLE PIERRE KLOSSOWSKI ET ANDRÉ MASSON

# A CONJURAÇÃO SAGRADA

*Uma nação já velha e corrompida, que, corajosamente sacudirá o jugo de seu governo monárquico para adotar um republicano, não se manterá a não ser por um belo golpe de crimes; pois ela está já no crime, e se quisesse passar do crime à virtude, é dizer, de um estado violento a um estado doce, tombaria numa inércia da qual sua ruína certa seria bem-cedo o resultado.*

SADE

*O que tinha cara de político e se imaginava ser político, se desmascarará um dia como movimento religioso.*

KIERKEGAARD

*Hoje solitários, vocês que vivem separados, vocês serão um dia um povo. Aqueles que se designaram a si mesmos formarão um dia um povo designado - e é desse povo que nascerá a existência que depassa o homem.*

NIETZSCHE

**Aquilo que interpretamos não deve ser confundido com nada de outro, não pode ser limitado à expressão de um pensamento e ainda menos aquilo que é justamente considerado como arte.**

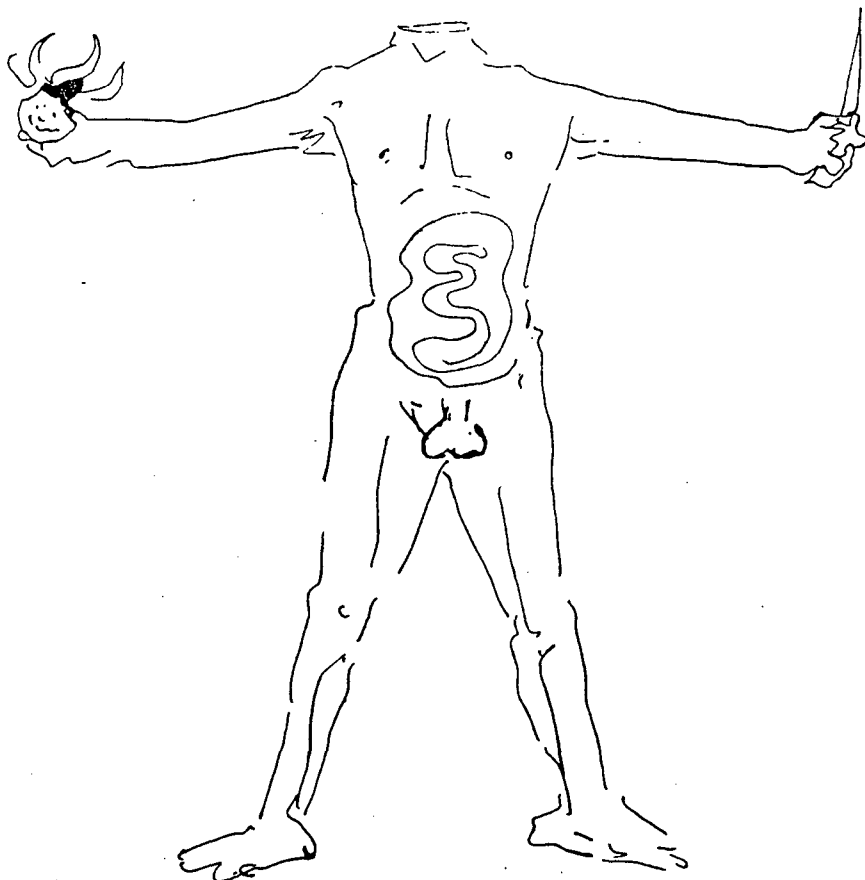
**É necessário produzir e comer: muitas coisas são necessárias que não são ainda nada e é assim também da agitação política.**

**Quem sonha antes de ter lutado até o limite em deixar o lugar a homens que é impossível olhar sem provar a precisão de os destruir? Mas se nada pudesse ser achado para além da atividade política, a avidez humana não encontraria mais que o vazio.**

**NÓS SOMOS FERROZMENTE RELIGIOSOS e, na medida em que nossa existência é a condenação de tudo o que é reconhecido hoje, uma exigência interior quer que sejamos igualmente imperiosos.**

**O que interpretamos é uma guerra**





Il est temps d'abandonner le monde des civilisés et sa lumière. Il est trop tard pour tenir à être raisonnable et instruit — ce qui a mené à une vie sans attrait. Secrètement ou non, il est nécessaire de devenir tout autres ou de cesser d'être.

Le monde auquel nous avons appartenu ne propose rien à aimer en dehors de chaque insuffisance individuelle : son existence se borne à sa commodité. Un monde qui ne peut pas être aimé à en

mourir — de la même façon qu'un homme aime une femme — représente seulement l'intérêt et l'obligation au travail. S'il est comparé avec les mondes disparus, il est hideux et apparaît comme le plus manqué de tous.

Dans les mondes disparus, il a été possible de se perdre dans l'extase, ce qui est impossible dans le monde de la vulgarité instruite. Les avantages de la civilisation sont compensés par la façon dont les hommes en profitent : les hom-

É tempo de abandonar o mundo dos civilizados e sua luz. É tarde demais para se ater (*tenir*) a ser razoável e instruído - o que levou a uma vida sem atrativo. Secretamente ou não, é necessário devir totalmente outros ou cessar de ser.

O mundo ao qual pertencemos não propõe nada a amar afora cada insuficiência individual: sua existência se limita à sua comodidade. Um mundo que não pode ser amado ao ponto de se morrer por ele - da mesma maneira que um homem ama uma mulher - representa somente o interesse e a obrigação ao trabalho. Se comparado aos mundos desaparecidos, é hediondo e aparece como o mais manco de todos.

Nos mundos desaparecidos, foi possível se perder dentro do êxtase, o que é impossível dentro do mundo da vulgaridade instruída. As vantagens da civilização são compensadas pela maneira como os homens as aproveitam: os homens atuais as aproveitam para devir os mais degradantes de todos os seres que existiram.

A vida tem sempre lugar num tumulto sem coesão aparente, mas não acha sua grandeza e sua realidade senão dentro do êxtase e dentro do amor extático. Aquele

que se atem a ignorar ou a malconhecer o êxtase, é um ser incompleto cujo pensamento está reduzido à análise. A existência não é somente um vazio agitado, ela é uma dança que força a dançar com fanatismo. O pensamento que não tem por objeto um fragmento morto, existe interiormente da mesma maneira que as chamas.

É preciso devir assaz firme e inabalável para que a existência do mundo da civilização apareça enfim incerta. É inútil responder àqueles que podem crer na existência desse mundo e se autorizar dele: se eles falam, é possível olhá-los sem escutá-los e, no momento mesmo em que se os olha, não ver senão aquilo que existe longe por trás deles. É preciso refutar o tédio e viver somente do que fascina.

Sobre esse caminho, seria vão agitar-se e buscar atrair aqueles que têm veleidades, tais como passar o tempo, rir ou tornar-se individualmente bizarro. É preciso avançar sem olhar para trás e sem ter em conta aqueles que não têm a força de esquecer a realidade imediata.

A vida humana está exausta de servir de cabeça e de razão ao universo. Na medida em que ela se torna essa cabeça e essa

razão, na medida em que se torna necessária ao universo, ela aceita uma servidão. Se não é livre, a existência torna-se vazia ou neutra e, se é livre, ela é um jogo. A Terra, enquanto não engendrava senão cataclismas, árvores, pássaros, era um universo livre: a fascinação da liberdade se enfraqueceu quando a Terra produziu um ser que exige a necessidade como uma lei acima do universo. O Homem entretanto permaneceu livre para não mais responder a necessidade alguma : é livre para se assemelhar a tudo aquilo que não é ele no universo. Pode descartar o pensamento de que é ele ou Deus que impede o resto das coisas de ser absurdo.

O homem escapou à sua cabeça como o condenado à prisão.

Ele achou para além dele mesmo não Deus que é a proibição do crime, mas um ser que ignora a proibição. Para além daquilo que sou, eu encontro um ser que me faz rir porque é sem cabeça, que me enche de angústia porque é feito de inocência e de crime : ele tem uma arma de ferro em sua mão esquerda, chamadas semelhantes a um *sacré-coeur* em sua

mão direita. Reúne numa mesma erupção o Nascimento e a Morte. Não é um homem. Não é tampouco um Deus. Ele não é eu mas é mais eu do que eu : seu ventre é o dédalo em que se desgarrou a si mesmo, me desgarrar com ele e no qual me acho sendo ele, é dizer, monstro. O que penso e represento, não o pensei nem representei só. Escrevo numa pequena casa fria de uma vila de pescadores, um cão acaba de latir na noite. Meu quarto é vizinho da cozinha onde André Masson se agita felizmente e canta : no momento mesmo em que escrevo assim, ele acaba de pôr sobre um fonógrafo o disco de abertura de "Don Juan" : "mais que toda outra coisa, a abertura de "Don Juan" liga aquilo que me calhou de existência a um desafio que me abre à alegria convulsa (*ravissement*) fora de si. Nesse instante mesmo, olho esse ser acéfalo, o intruso que duas obsessões igualmente arrebatadas (*emportées*) compõem, devir o "Túmulo de Don Juan". Quando há alguns dias eu estava com Masson nessa cozinha, sentado, um copo de vinho na mão, enquanto ele, se representando de repente sua própria morte e a morte dos seus, os olhos fixos, sofrendo, gritava quase que era preciso que a morte

devesse uma morte afetuosa e apaixonada, gritando seu ódio por um mundo que faz pesar até sobre a morte sua pata de empregado, eu não podia já mais duvidar que a sorte e o tumulto infinito da vida humana estivessem abertos àqueles que não pudessem mais existir como olhos furados mas como videntes arrebatados por um sonho transtornante (*bouleversant*) que não pode lhes pertencer.

Tossa, 29 de abril de 1936

Georges BATAILLE

s'agite heureusement et chante : au moment même où j'écris ainsi, il vient de mettre sur un phonographe le disque de l'ouverture de « Don Juan » : plus que toute autre chose, l'ouverture de « Don Juan » lie ce qui m'est échu d'existence à un défi qui m'ouvre au ravissement hors de soi. A cet instant même, je regarde cet être acéphale, l'intrus que deux obsessions également emportées composent, devenir le « Tombeau de Don Juan ». Lorsqu'il y a quelques jours, j'étais avec Masson dans cette cuisine, assis, un verre de vin dans la main, alors que lui, se représentant tout à coup sa propre mort et la mort

des siens, les yeux fixes, souffrant, criait presque qu'il fallait que la mort devienne une mort affectueuse et passionnée, criant sa haine pour un monde qui fait peser jusque sur la mort sa patte d'employé, je ne pouvais déjà plus douter que le sort et le tumulte infini de la vie humaine ne soient ouverts à ceux qui ne pouvaient plus exister comme des yeux crevés mais comme des voyants emportés par un rêve bouleversant qui ne peut pas leur appartenir.

Tossa, 29 avril 1936.

Georges BATAILLE.



*Le glaive, c'est la passerelle*

# O MONSTRO

... Nós avançamos no pequeno plano seco e queimado onde se percebe esse fenômeno. O terreno que o cerca é arenoso, inculto e cheio de pedras : à medida que se avança, prova-se um calor excessivo e respira-se o odor de cobre e de carvão de terra que o vulcão exala : percebemos enfim a chama que uma ligeira chuva, fortuitamente sobrevinda, tornou mais ardente; esse fogareiro pode ter trinta ou quarenta pés de circunferência, se se cava a terra nas cercanias, o fogo se alumia de pronto sob o instrumento que a rasga...

SADE (Juliette)

Será enviado um expresso ao senhor Lenormand, mercador de madeira... para pedir-lhe que venha ele-mesmo, seguido de uma charrete, buscar meu corpo para ser transportado... ao bosque de minha terra da Malmaison... onde quero que seja colocado, sem cerimônia alguma no primeiro arvoredo cerrado que se acha à direita no dito bosque... Minha fossa será praticada nesse arvoredo pelo caseiro da Malmaison, sob a inspeção do Sr. Lenormand, que não quitará meu corpo senão após tê-lo colocado dentro da dita fossa... A fossa uma vez recoberta, serão semeadas glandes\*, a fim de que, em seguida, o terreno da dita fossa se achando reguarnecido e o arvoredo se achando cerrado como era antes, os traços de minha tumba desapareçam de cima da superfície da terra, como me gabo de que minha memória se apagará do espírito dos homens.

TESTAMENTO DO MARQUÊS DE SADE

---

\* N.d.T.: glandes: bolotas de car(v)alho

Os diferentes modos da espera destrutriz do presente se traduzem em Sade, nas operações mentais que presidem a diferentes práticas de deboche "experimental". A boa-hora consistindo não no gozo, mas no *desejo de quebrar os freios que se opõem ao desejo*, não é na *presença*, mas na *espera dos objetos ausentes que se gozará desses objetos* - vale dizer que se gozará desses objetos *destruindo sua presença real* - (assassinatos de deboches) - ou se eles decepcionam - e parecem se recusar à presença (em sua resistência àquilo que se queria fazê-los sofrer) se os *maltratará para torná-los a uma só vez presentes e destruídos* (o que no sadismo moral se exprime por exemplo no sacrilégio endereçado ao Deus ausente). Em certos personagens de Sade, a decepção na espera finda por devir uma ficção erógena: o objeto não decepciona, *mas se o trata como se decepcionasse*. Entretanto um desses personagens favorizado demais confessa que não tendo mais que desejar para ter, seu gozo jamais foi motivado pelos objetos que o cercam, "mas por aqueles que aí não estão". "É possível cometer crimes como se concebe e como você diz aí, por mim eu confesso

que minha imaginação sempre esteve quanto a isso além de meus meios, *eu sempre mil vezes mais concebi do que fiz e sempre me queixei da natureza que me dando o desejo de a ultrajar, me negava sempre os meios para tal.*"

Aqui ainda a Natureza é vivida como uma presença provocatriz da espera, uma presença que se furtaria à espera agressiva: a consciência sadista se vê em face de sua própria eternidade que ela renegou e que não pode mais reconhecer sob os traços da astuciosa Natureza: de uma parte, mantida nas funções orgânicas do indivíduo, ela faz a experiência dos limites de sua agressividade; de outra parte, nos movimentos da imaginação, ela tem a sensação do infinito, mas em lugar de aí reencontrar sua condição eterna e de se provar na unidade universal, ela aí não percebe como num espelho senão o infinito reflexo das diversas e múltiplas possibilidades perdidas de seu indivíduo.

- O ultraje a infligir à Natureza, seria cessar de ser indivíduo, para totalizar imediatamente e simultaneamente tudo o que contém a Natureza ; seria conseguir chegar a uma pseudo-eternidade, a uma existência temporal, aquela da polimorfia perversa. Tendo renegado a imortalidade

da alma, as personagens de Sade, em troca, pousam sua candidatura à monstrosidade integral, negando assim a elaboração temporal do próprio eu delas, sua espera as recoloca paradoxalmente no estado de posse de todas as possibilidades de desenvolvimento em potência, que se traduz por seu sentimento de potência incondicionada. A imaginação erótica que se desenvolve à medida que o indivíduo se forma, contrabalançando ora uma perversão, ora o instinto de propagação e que escolhe os momentos de solidão e de espera do indivíduo - momentos em que o mundo e os seres estão ausentes - para invadir seu eu, corresponderia assim a uma tentativa inconsciente de recuperar todo o possível que deveio impossível pelo fato da tomada de consciência do eu - essa formação tendo permitido a realização do outro eu - logo a uma atividade de agressividade, em detrimento da realidade exterior, tendo por fim reaver sua integridade original. De tal forma que no indivíduo vivendo na espera permanente, a imaginação se assemelha ainda a um esforço para escapar ao objeto que ele espera, para revir à condição atemporal onde a posse de todo o possível excluía a possibilidade da

experiência da perda. Pela boca de suas personagens, Sade ele-mesmo confessa: "Eu inventava horrores, e os executava com sangue frio: em estado de nada me recusar, quão dispendiosos pudessem ser meus projetos de deboche, eu os interpretava no mesmo instante." Com efeito, o solitário, o prisioneiro Sade privado de todo meio de ação, dispõe no fim das contas da mesma potência incondicionada que o herói onipotente com que sonha: a potência incondicionada que não conhece mais obstáculos nem fora, nem no interior de si mesma, que não tem mais do que a sensação de seu escorrimento cego. "Eu as interpretava no mesmo instante". Precipitação (*hâte*) que não chega no entanto a esgotar o movimento de "essa sorte de inconstância, flagelo da alma e demasiado funesto apanágio de nossa triste humanidade". Assim a alma, aspirando à liberação, é presa de uma esperança contraditória; ela espera escapar à dolorosa experiência da perda recusando ao objeto sua presença, enquanto que no mesmo instante ela morre do desejo de ver o objeto, reintegrado no presente, quebrar nela o movimento do tempo destruidor.

Pierre Klossowski



## A UNIDADE DAS CHAMAS

... um sentimento da unidade comunal. Esse sentimento é aquele que prova um agrupamento humano quando aparece a si-mesmo como uma força intacta e completa; ele surge e se exalta nas festas e nas assembléias : um alto desejo de coesão o eleva então acima das oposições, dos isolamentos, das concorrências da vida diária e profana".

VEL' D'INV, 7 JUNHO 1936. - Enquanto a turba se porta em direção ao lugar onde se a junta com o ruído imenso da maré - "com um ruído de reino" - as vozes que se fazem escutar acima delas são fendidas; não são os discursos que ela escuta que fazem dela um milagre e que fazem secretamente chorar, é sua própria espera. Porque ela não exige somente pão, porque sua avidez humana é tão clara, tão ilimitada, tão terrível quanto aquela das chamas - exigindo antes de tudo que ela SURJA, que ela seja.

## ACÉFALO

### É A TERRA

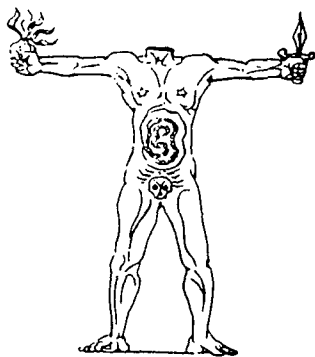
A TERRA SOB A CROSTRA DO SOLO É FOGO INCANDESCENTE  
O HOMEM QUE SE REPRESENTA SOB OS PÉS

### A INCANDESCÊNCIA DA TERRA

## S'EMBRASA

UM INCÊNDIO EXTÁTICO DESTRUIRÁ AS PÁTRIAS  
QUANDO O **CORAÇÃO** HUMANO DEVIRÁ **FOGO**  
E FERRO

O HOMEM ESCAPARÁ À SUA CABEÇA COMO O CONDENADO À PRISÃO



# ACÉPHALE

EST LA TERRE

LA TERRE SOUS LA CROUTE DU SOL EST FEU INCANDESCENT  
L'HOMME QUI SE REPRÉSENTE SOUS LES PIEDS  
L'INCANDESCENCE DE LA TERRE

S'EMBRASE

UN INCENDIE EXTATIQUE DÉTRUIRA LES PATRIES  
QUAND LE CŒUR HUMAIN DEVIENDRA FEU  
ET FER

L'HOMME ÉCHAPPERA A SA TÊTE COMME LE CONDAMNÉ A LA PRISON

ACÉPHALE, publié par Georges Ambrosino Georges Bataille  
et Pierre Klossowsky  
paraîtra 4 fois par an aux

EDITIONS G. L. M. 6 RUE HUYGHENS PARIS 14 E

Les cahiers illustrés seront régulièrement de 16 pages. Le numéro 1 est exceptionnellement de 8 pages. Le numéro 2 qui paraîtra fin septembre sera de 24 pages. Il sera entièrement consacré à une

## RÉPARATION A NIETZSCHE

CONDITIONS DE VENTE:

Un cahier de 16 pages: 3f. Abonnement d'un an (64 pages):  
France et Belgique: 10f; Etranger, U.P. : 12f; autres pays: 15f  
Le prix de l'abonnement de soutien, donnant droit (en janvier 37)  
à une gravure représentant ACÉPHALE est double.

A PARAITRE EN OCTOBRE 1936 AUX ÉDITIONS G. L. M.

# SACRIFICES

1 Mishra 2 Orphée 3 Le Crucifié 4 Minotaure 5 Osiris

5 eaux - fortes de  
ANDRÉ MASSON

texte de  
GEORGES BATAILLE

Prix de souscription:

140 ex. sur arches: 125f · 10 ex sur japon: 200f

ÉDITIONS G. L. M.



*Au cours de la vision extatique se révèle enfin l'objet...  
Comme catastrophe, mais ni comme Dieu ni comme néant...  
l'objet que l'amour incapable de se libérer autrement que  
hors de soi exige pour jeter le cri de l'existence déchirée.*

Impressions G L M le gérant; Jacques Chavy

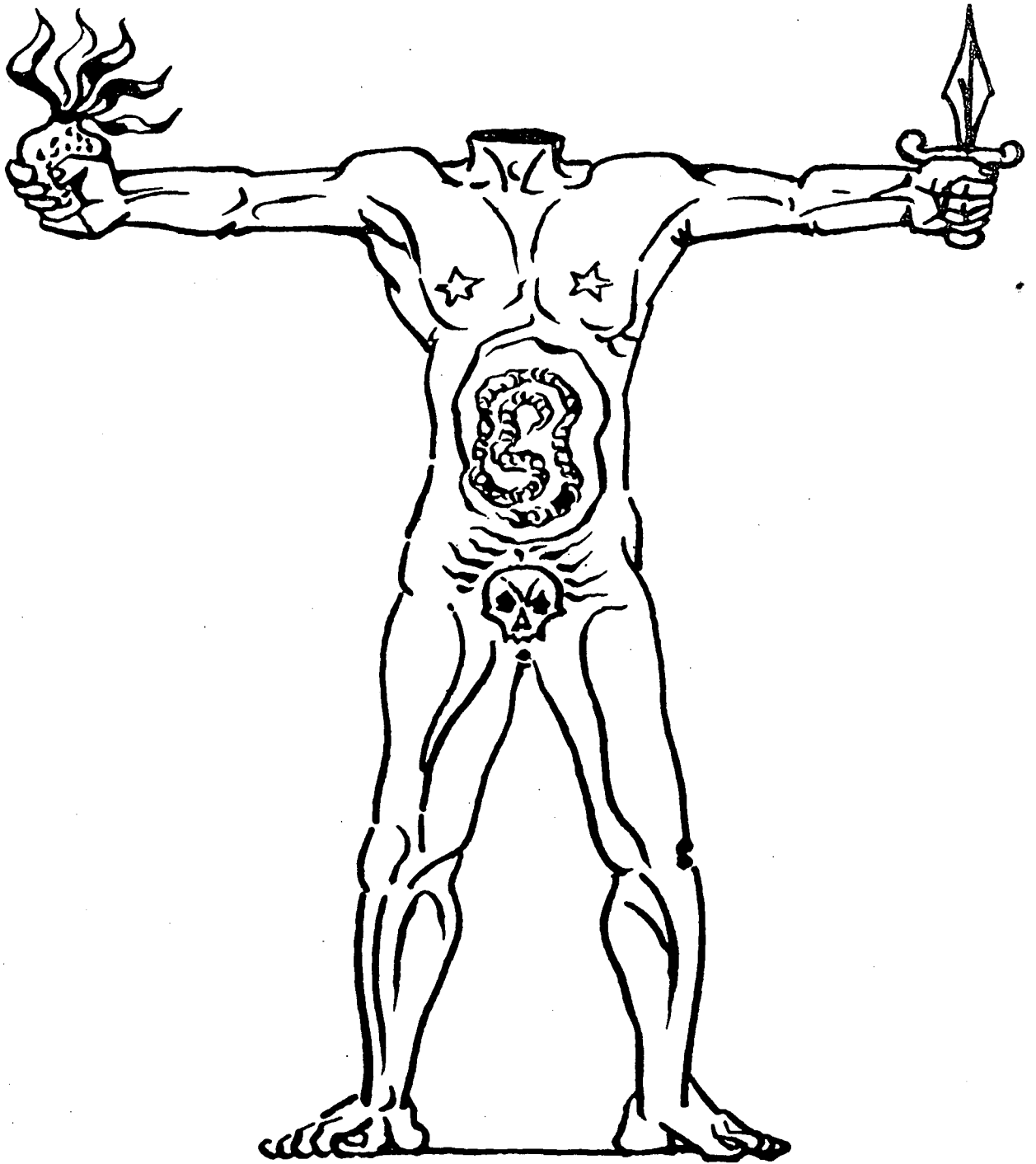
**ACÉFALO**

**II**

**NIETZSCHE E**

**OS**

**FASCISTAS**



# A C É P H A L E

RELIGION SOCIOLOGIE PHILOSOPHIE REVUE PARAISSANT 4 FOIS PAR AN

NUMÉRO  
DOUBLE  
6 frs

NIETZSCHE et les FASCISTES

21  
JANVIER

UNE RÉPARATION

1937

PAR G. BATAILLE · P. KLOSSOWSKI · A. MASSON · J. ROLLIN · J. WAHL

# CHARLES RATTON

ARTS  
DES PRIMITIFS

A F R I Q U E

A M É R I Q U E

O C É A N I E

14 RUE DE MARIGNAN PARIS VIII E

# SACRIFICES

1 Mithra . 2 Orphée . 3 Le Crucifié . 4 Minotaure . 5 Osiris



5 eaux-fortes de  
ANDRE MASSON.  
avec un texte de  
GEORGES BATAILLE

10 exemplaires sur Japon : 200f. 140 exemplaires sur Arches : 125 f

ÉDITIONS G. L. M

---

## A C E P H A L E

*Revue trimestrielle, publiée par Georges Ambrosino  
Georges Bataille et Pierre Klossowski.*

CONDITIONS DE VENTE:

Un cahier de 16 pages: 3f. Abonnement d'un an  
(64 pages) France et Belgique 10f Etranger U.P. 12f  
autres pays 15f. Le prix de l'abonnement de soutien  
est double.

G. L. M 6 RUE HUYGHENS PARIS 14<sup>e</sup>

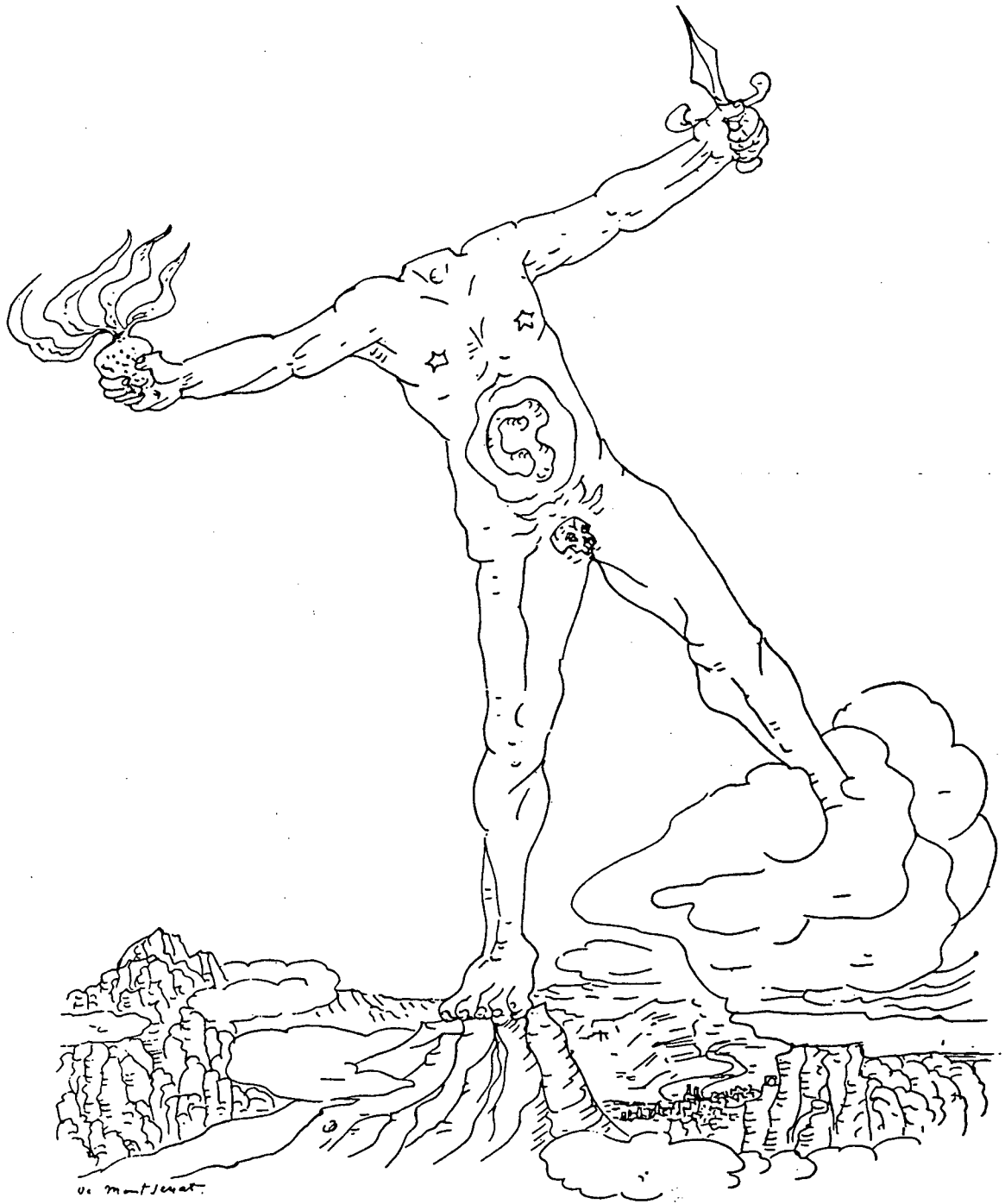
*Le présent numéro est double.*

*Le prochain numéro sera consacré à  
DIONYSOS*

---

Impressions G. L. M.

Le gérant Georges Bataille



Uc Montserrat

# N I E T Z S C H E

## E O S F A S C I S T A S

### ELISABETH JUDAS-FOERSTER

O Judeu Judas traiu Jesus por uma pequena soma de dinheiro : após o que se enforcou. A traição dos próximos de Nietzsche não tem a conseqüência brutal daquela de Judas mas resume e acaba de tornar intolerável o conjunto de traições que deformam o ensinamento de Nietzsche (que o colocam à medida das visadas as mais curtas da febre atual). As falsificações anti-semitas de Mme. Foerster, irmã, e do Sr. Richard Oehler, primo de Nietzsche têm aliás qualquer coisa de mais vulgar que o mercado de Judas : para além de toda medida, elas dão o valor de um golpe de chicote (*coup de cravache*) à máxima na qual se exprimiu o horror de Nietzsche pelo anti-semitismo:

NÃO FREQUENTAR NINGUÉM QUE ESTEJA IMPLICADO NESSA FARSA AFRONTOSA DAS RAÇAS!<sup>265</sup>

O nome de Elisabeth Foerster-Nietzsche,<sup>266</sup> que vem de acabar, em 8 de novembro de 1935, uma vida consagrada a uma forma muito estreita e degradante de culto familiar, não se tornou ainda objeto de aversão... Elisabeth Foerster-Nietzsche não havia esquecido, em 2 de novembro de 1933, as dificuldades que se introduziram entre ela e seu irmão pelo fato de seu casamento, em 1885, com o anti-semita Bernard Foerster. Uma carta na qual Nietzsche lhe lembrava sua "repulsão" — "*tão pronunciada quanto*

<sup>265</sup> Oeuvres posthumes, trad. Bolle, Ed. Du Mercure de France, 1934, # 858 p. 309.

<sup>266</sup> Sobre E. Foerster-Nietzsche, ver o artigo necrológico de W.F. Otto em *Kantstudien*, 1935, n.º 4, p. V (dois retratos); mas melhor, E. Podach, *L'effondrement de Nietzsche* (tr. fr.) N.R.F., 1931; Podach dá uma realidade às expressões de Nietzsche sobre sua irmã (*gentes como minha irmã são inevitavelmente adversários irreconciliáveis de minha maneira de pensar e de minha filosofia*, citado por Podach, p. 68) : desapareições de documentos, omissões vergonhosas do *Nietzsche-Archiv* estavam por pôr na conta desse



possível” — pelo partido de seu marido — este último designado nomeadamente com rancor — foi publicada sob seus próprios cuidados<sup>267</sup>. Em 2 de Novembro de 1933, diante de Adolf Hitler recebido por ela em Weimar no Nietzsche-Archiv, Elizabeth Foerster testemunhava do anti-semitismo de Nietzsche dando leitura de um texto de Bernard Foerster.

*Antes de quitar Weimar para ir a Essen, reporta o Temps de 4 de novembro de 1933, o chanceler Hitler foi render visita a Mme. Elisabeth Foerster-Nietzsche, irmã do célebre filósofo. A velha dama lhe fez dom de uma bengala-espada que pertenceu a seu irmão. Ela o fez visitar os arquivos Nietzsche.*

O Sr. Hitler escutou a leitura de um memoire endereçado em 1879 a Bismarck pelo doutor Foerster, agitador anti-semita, que protestava "contra a invasão do espírito judeu na Alemanha". Tendo em mão a bengala de Nietzsche, o Sr. Hitler atravessou a turba em meio às aclamações e remontou em seu automóvel para ir a Erfurt e de lá a Essen.

---

estavam por pôr na conta desse singular “adversário”.

<sup>267</sup> Carta de 21 de maio de 1887 publicada em francês em

Nietzsche, endereçando em 1887 uma carta menosprezante ao anti-semita Théodor Fritsch<sup>268</sup>, a terminava com essas palavras:

MAS ENFIM, QUE CRÊ VOCÊ QUE EU PROVO QUANDO O NOME DE ZARATUSTRA SAI DA BOCA DOS ANTI-SEMITAS!

## O SEGUNDO JUDAS DO "NIETZSCHE-ARCHIV"

Adolf Hitler, em Weimar se fez fotografar diante do busto de Nietzsche. O Sr. Richard Oehler, primo de Nietzsche e colaborador de Elisabeth Foerster no Archiv, fez reproduzir a fotografia no frontispício de seu livro, *Nietzsche e o porvir da Alemanha*<sup>269</sup>. Nessa obra, ele procurou mostrar o acordo profundo do ensinamento de Nietzsche e de *Mein*

---

*Lettres choisies*, Stock, 1931.

<sup>268</sup> A segunda das duas cartas a Th. Fritsch, publicada em francês por M. P. Nicolas (*De Hitler a Nietzsche*, Fasquelle, 1936, p. 131-4). Devemos assinalar aqui o interesse da obra de Nicolas cuja intenção é, no conjunto, análoga à nossa e que aporta documentos importantes. Mas é preciso lamentar que o autor tenha estado preocupado antes de tudo em mostrar ao Sr. Benda que ele não deveria ser hostil a Nietzsche... e desejar que o Sr. Benda permaneça fiel a si mesmo.

<sup>269</sup> *Friedrich Nietzsche und die deutsche Zukunft*, Leipzig, 1935. R. Oehler pertence à família da mãe de Nietzsche.

*Kampf*. Ele reconhece, é verdade, a existência de passagens de Nietzsche que não seriam hostis aos judeus, mas conclui:

*...O que mais importa para nós é esta colocação em guarda: "Nem um judeu a mais! Fechemo-lhes nossas portas, sobretudo do lado do Leste!"... "...que a Alemanha tem largamente sua conta de judeus, que o estômago e o sangue alemães deverão penar longo tempo ainda antes de ter assimilado essa dose de "judeu", que nós não temos a digestão tão ativa quanto os Italianos, os Franceses, os Ingleses, que nisso chegaram ao ponto (bout) de uma manelra bem mais expeditiva" : e notai que é a expressão de um sentimento muito geral, que exige que se a entenda e que se aja. "Nem um judeu a mais! Fechemo-lhes nossas portas, sobretudo do lado do Leste (aí compreendida a Áustria)!" Eis aí o que reclama o instinto de um povo cujo caráter é ainda tão fraco e tão pouco marcado que correria o risco de ser abolido pela mistura de uma raça mais enérgica.*

Não se trata aqui somente de "farsa desavergonhada" mas de uma falsificação grosseiramente e conscientemente

fabricada. Esse texto figura com efeito em *Além do Bem e do Mal* (# 251), mas a opinião que exprime não é a de Nietzsche; é a dos anti-semitas retomada por Nietzsche em maneira de galhofa (*persiflage*).

*Eu ainda não encontrei alemão, escreve ele, que queira bem aos judeus; os sábios e os políticos podem bem condenar todos sem reserva o anti-semitismo, o que reprovam sua sabedoria e sua política é, não vos enganeis aí, não o sentimento ele mesmo, mas unicamente seus temíveis (redoutables) desencadeamentos, e as inconvenientes (malséantes) e vergonhosas manifestações que provoca esse sentimento uma vez desencadeado. Diz-se sem rodeios que a Alemanha tem largamente, etc...*

Segue o texto portado pelo fascista falsário à conta de Nietzsche! Um pouco mais longe uma conclusão prática é aliás dada a essas considerações : *"Bem se poderia começar por lançar à porta os berradores (braillards) anti-semitas..."* Dessa vez Nietzsche fala em seu nome. O conjunto do aforismo fala no sentido da assimilação dos judeus pelos Alemães.

**NÃO MATAR :**

**REDUZIR À SERVIDÃO**

SERÁ QUE MINHA VIDA TORNA VEROSSÍMIL QUE EU TENHA PODIDO ME DEIXAR "CORTAR AS ASAS" POR QUEM QUER QUE SEJA?<sup>270</sup>

O tom no qual Nietzsche respondia, quando vivo, aos anti-semitas importunos, exclui toda possibilidade de tratar a questão com ligeirice, de considerar a traição dos Judas de Weimar como venial: trata-se aí de "asas cortadas".

Os próximos de Nietzsche nada empreenderam de menos baixo que reduzir a uma servidão aviltante aquele que pretendia arruinar a moral servil. É possível que não haja arreganhamentos de dentes no mundo e que isso não devesse ser uma evidência que, na desorientação crescente, torne silencioso e violento? Como, sob o golpe da cólera, isto não seria uma claridade cegante, quando toda humanidade se precipita na servidão, que existe alguma coisa que não

deve ser assujeitada (*asservi* ) que não pode ser assujeitada?

^A DOCTRINA DE NIETZSCHE NÃO PODE SER ASSUJEITADA.

Ela pode somente ser seguida. Colocá-la em seguida, ao serviço de *que quer que seja* de outro é uma traição que releva do desprezo dos lobos pelos cães.

SERÁ QUE A VIDA DE NIETZSCHE TORNA VEROSSÍMIL QUE ELE POSSA TER "AS ASAS CORTADAS" PELO QUE QUER QUE SEJA?

Que seja o anti-semitismo, o fascismo, que seja o socialismo, não há mais que *utilização*. Nietzsche se endereçava a *espíritos livres*, incapazes de se deixar utilizar.

**ESQUERDA E DIREITA**

**NIETZSCHEANAS**

---

\* N.d.T.: o verbo *asservir* (assim como seu particípio *asservi(e)* e o substantivo *asservissement*) é recorrentíssimo no texto de Bataille. A tradução por assujeitar, embora cômoda, não dá conta do *besogne* do termo francês; talvez fosse melhor usar a expressão composta "reduzir à servidão"? Que se a tenha em conta ao ler assujeitar, assujeitado(a), assujeitamento.

---

<sup>270</sup> Na primeira das duas cartas a Th. Fritsch : cf mais acima, n. 4

O movimento mesmo do pensamento de Nietzsche implica um desabamento (*debâcle*) dos diferentes fundamentos possíveis da política atual. As direitas fundam sua ação no atarraxamento afetivo ao passado. As esquerdas sobre princípios racionais. Óra atarrachamento ao passado e princípios racionais (justiça, igualdade sociais) são igualmente rejeitados por Nietzsche. Deveria pois ser impossível utilizar seu ensinamento num sentido qualquer.

Mas esse ensinamento representa uma força de sedução incomparável, em consequência uma "força" *tout court*, que os políticos deviam ser tentados a assujeitar ou ao menos a conciliar em proveito de suas empresas. O ensinamento de Nietzsche "mobiliza" a vontade e os instintos agressivos: era inevitável que as ações buscassem arrastar para seu movimento essas vontades e esses instintos tornados móveis e que permaneciam *desempregados*.

A ausência de toda possibilidade de adaptação a uma das direções da política

não teve nessas condições mais que um só resultado. A exaltação nietzscheana não sendo solicitada senão por um malconhecimento de sua natureza, pôde sê-lo nas duas direções a uma só vez. Numa certa medida, formou-se uma direita e uma esquerda nietzscheana, da mesma maneira que se havia formado outrora uma direita e uma esquerda hegeliana.<sup>271</sup> Mas Hegel se situara ele-mesmo sobre o plano político e suas concepções dialéticas explicam a formação de duas tendências opostas no desenvolvimento póstumo de sua doutrina. Trata-se num caso de

---

\* N.d.T.: *tout court*: algo assim como *em suma*

<sup>271</sup> "Não houve um hegelianismo de direita e um de esquerda? Pode haver um nietzscheanismo de direita e um de esquerda. E me parece que já a Moscou de Stalin e Roma, esta consciente e aquela inconsciente, colocam esses dois nietzscheanismos" (Drieu La Rochelle, *Socialisme fasciste*, N.R.F., 1934, p. 71). No artigo em que figuram essas linhas (intitulado "Nietzsche contre Marx") M. Drieu, mesmo reconhecendo que "não será jamais mais que um resíduo de seu pensamento que terá sido livrado à brutal exploração das gentes de mãos", reduz Nietzsche à vontade de iniciativa e à negação do otimismo de progresso...

De fato, se não de direito, a distinção de dois nietzscheanismos opostos não é menos justificada no conjunto. Desde 1902, num folheto intitulado *Nietzsche socialiste malgré lui* ("Journal des Débats", 2 setembro 1902), Bordeaux falava ironicamente dos nietzscheanos de direita e de esquerda.

Jaurés (que numa conferência em Genebra identificava super-homem e proletariado), Bracke (tradutor de *Humain trop humain*), Georges Sorel, Félicien Challaye podem ser citados na França entre os homens de esquerda que se interessaram por Nietzsche.

É lamentável que a conferência de Jaurés esteja perdida. É importante notar ainda que a principal obra sobre Nietzsche seja devida a Charles Andler, editor

desenvolvimentos lógicos e conseqüentes, no outro de inconseqüência, de ligeirice ou de traição. No conjunto, a exigência exprimida por Nietzsche, longe de ser entendida foi tratada como toda coisa num mundo onde a atitude servil e o *valor de utilidade* aparecem como os únicos admissíveis. Na medida desse mundo, a reversão dos valores, mesmo se foi objeto de esforços reais de compreensão, permaneceu tão geralmente ininteligível que as traições e os achatamentos (*platitudes*) de interpretação de que é objeto passam quase desapercibidos.

### "NOTAS PARA OS ASNOS"

Nietzsche disse ele-mesmo que não tinha mais do que repugnância pelos partidos políticos de seu tempo, mas um equívoco existe a respeito do fascismo que não se desenvolveu senão longo tempo após sua morte e que além do mais é o único movimento político que tenha conscientemente e sistematicamente utilizado a crítica nietzscheana. Segundo o Húngaro Georg Lukacs (um dos raros, ao que parece, entre os teóricos marxistas atuais que tenham tido da essência do

---

simpatizante do *Manifeste Communiste*.

marxismo uma consciência profunda; desde que teve de se refugiar em Moscou, foi, é verdade, moralmente quebrado, não é mais do que a sombra dele-mesmo), Segundo Lukacs "a diferença bem clara de nível ideológico entre Nietzsche e seus sucessores fascistas não pode chegar a esconder o fato histórico fundamental, que faz de Nietzsche um dos principais ancestrais do fascismo" (*Littérature internationale*, 1935, n. 9, p.79). A análise sobre a qual Lukacs funda essa conclusão é talvez por vezes refinada e hábil mas não é mais que uma análise que se abstém (*se passe*) da consideração da totalidade, é dizer do que unicamente é "existência". Fascismo e nietzscheanismo se excluem, se excluem mesmo com violência, desde que um e outro são considerados em sua totalidade: de um lado a vida se encadeia e se estabiliza numa servidão sem fim, do outro sopra não somente o ar livre mas um vento de borrasca; de um lado o charme da cultura humana é quebrado para deixar lugar à força vulgar, do outro a força e a violência são votadas tragicamente a esse charme. Como é possível não perceber o abismo que separa um César Borgia, um Malatesta, de um Mussolini? aqueles,

contestadores (*contempteurs*) das tradições e de toda moral, tirando partido de acontecimentos sangrentos e complexos em proveito de uma avidez de viver que os depassa : este assujeitado lentamente por tudo aquilo que não põe em movimento a não ser paralisando pouco a pouco sua impulsão primitiva: Já aos olhos de Nietzsche, Napoleão aparecia "corrompido pelos meios que tinha sido *constrangido* a empregar"; Napoleão "havia *perdido* a nobreza de caráter"<sup>272</sup>. Uma restrição infinitamente mais pesada se exerce sem dúvida alguma sobre os ditadores modernos reduzidos a achar sua força identificando-se a todas as impulsões que Nietzsche menosprezava nas massas, em particular "a essa admiração mentirosa de si mesma que praticam as raças"<sup>273</sup>. Há uma derrisão corrosiva no fato de imaginar um acordo possível entre a exigência nietzscheana e uma organização política que empobrece a existência ao cúmulo, que aprisiona, exila ou mata tudo o que poderia constituir uma aristocracia<sup>274</sup> de "espíritos livres". Como

<sup>272</sup> ~Volonté de Puissance, # 1026 (*Oeuvres complètes*, Leipzig, 1911, t. XVI, p. 376).

<sup>273</sup> Gai savoir # 377

<sup>274</sup> Nietzsche fala de aristocracia, fala mesmo de escravidão, mas se exprime a respeito de "novos mestres", ele fala de "sua nova santidade", de "sua

se não fosse cegante que Nietzsche, quando demanda um amor à medida do sacrifício da vida, é pela "fé" que ele comunica, pelos *valores* que sua própria existência torna reais, evidentemente não por uma pátria...

"Nota para os asnos", escrevia já Nietzsche ele-mesmo, temendo uma confusão da mesma ordem, tamanhamente miserável<sup>275</sup>.

## MUSSOLINI NIETZSCHEANO

Na medida em que o fascismo se atém a uma fonte filosófica, não é a Nietzsche, mas a Hegel que ele se liga<sup>276</sup>. Que nos reportemos ao artigo que Mussolini ele-mesmo consagrou na *Enciclopédia Italiana* ao movimento que criou<sup>277</sup>: o vocabulário e, mais ainda que o vocabulário, o espírito aí são hegelianos, não nietzscheanos, Mussolini pode aí empregar por duas vezes a expressão "vontade de potência" :

---

capacidade de renúncia". "Eles dão, escreve, aos mais baixos o direito à boa-hora (bonheur, felicidade), eles a ela renunciam para eles-mesmos."

<sup>275</sup> *Volonté de puissance*, # 942 (*Oeuvres complètes*, 1911, t. XVI, p. 329).

<sup>276</sup> Sabe-se que o hegelianismo, representado por Gentile, é praticamente a filosofia oficial da Itália fascista.

<sup>277</sup> Sub verbo "Fascismo". O artigo foi traduzido na cabeça de : B. Mussolini, *Le Fascisme*, Denoël et Steele,

mas não é um acaso se essa vontade não é mais do que um atributo da idéia que unifica a multidão.<sup>278</sup>

O agitador vermelho sofreu a influência de Nietzsche : o ditador unitarista se manteve afastado. O regime ele-mesmo se exprimiu sobre a questão. Num artigo de *Fascismo* de julho 1933, Cimmino nega toda filiação ideológica entre Nietzsche e Mussolini. Só a vontade de potência constituiria um elo entre suas doutrinas. Mas a vontade de potência de Mussolini "não é egoísta" ela é pregada a todos os Italianos de quem o duce "quer fazer superhomens". Pois, afirma o autor, "mesmo que fôssemos todos superhomens, não seríamos ainda senão homens... Que, além disso, Nietzsche agrade a Mussolini, nada de mais natural: Nietzsche pertencerá sempre a todos os homens de ação e vontade... A diferença profunda entre Nietzsche e Mussolini está no fato de que a potência em tanto que vontade, a força, a ação são produtos do instinto, eu diria quase da

---

1933.

<sup>278</sup> Mussolini escreve a propósito do povo : "Não se trata nem de raça nem de região geográfica determinada, mas de um agrupamento que se perpetua historicamente, de uma multidão unificada por uma idéia que é uma vontade de existência e de potência..." (Ed. Denoël et Steele, p. 22).

natureza física. Elas podem pertencer às pessoas as mais opostas, pode-se pô-las ao serviço dos fins mais diversos. Ao contrário, a ideologia é um fator espiritual, é ela que une verdadeiramente os homens..." Não é útil insistir sobre o idealismo aberto desse texto que tem o mérito da honestidade se é preciso compará-lo aos textos alemães. É mais notável ver o duce lavado de uma acusação possível de egoísmo nietzscheano. As esferas dirigentes do fascismo parecem ter permanecido na interpretação stirneriana de Nietzsche exprimida por volta de 1908 por Mussolini ele-mesmo<sup>279</sup>.

*Para Stirner, para Nietzsche, escrevia então o revolucionário, e para todos aqueles que, em seu Geniale Mensch, Turk nomeia os antisófos do egoísmo, o Estado é opressão organizada em detrimento do indivíduo. E no entanto, mesmo para os animais de rapina, existe um princípio de solidariedade... O instinto de sociabilidade, segundo Darwin, é inerente à natureza mesma do homem. É impossível representar-se um ser humano*

---

<sup>279</sup> Num artigo publicado então por um jornal da Romagne, e reproduzido por Marguerite G. Sarfatti

vivendo fora da cadeia infinita de seus semelhantes. Nietzsche sentiu profundamente a "fatalidade" dessa lei de solidariedade universal. O super-homem nietzscheano tenta escapar à contradição: ele desencadeia e dirige contra a massa exterior sua vontade de potência e a trágica grandeza de suas empresas fornece ao poeta — por pouco tempo ainda — uma matéria digna de ser cantada...

Explica-se assim que Mussolini relevando as influências não italianas que se exerceram sobre o fascismo nascente fale de Sorel, de Péguy, de Lagardelle e não de Nietzsche. O fascismo oficial pode utilizar dispendo-as sobre os muros máximas nietzscheanas tônicas: suas simplificações brutais não lhe parecem menos dever ser mantidas afastadas do mundo nietzscheano, livre demais, complexo demais, dilacerante demais. Essa prudência parece repousar, é verdade, sobre uma interpretação ultrapassada da atitude de Nietzsche: mas essa interpretação foi possível e o foi porque o movimento do pensamento de Nietzsche constitui em última instância

---

(Mussolini, trad. Fr., Albin Michel, 1927, p. 117-21).

(ressort) um *dédalo*, é dizer o contrário das diretivas que os sistemas políticos atuais demandam a seus inspiradores.

## ALFRED ROSEMBERG

No entanto, à prudência do fascismo italiano se opõe a afirmação hitleriana. Nietzsche, no panteão racista, não ocupa, é verdade, um lugar oficial. Chamberlain, Paul de Lagarde ou Wagner dão satisfações mais sólidas à profunda "admiração de si-mesma" que pratica a Alemanha do Terceiro Reich. Mas quaisquer que sejam os perigos da operação, essa nova Alemanha deve reconhecer Nietzsche e utilizá-lo. Ele representava demasiados instintos mobilizados, disponíveis para não importa qual, quase mesmo não importa qual ação violenta; e a falsificação era ainda fácil demais. A primeira ideologia desenvolvida do nacional-socialismo, tal como saiu do cérebro de Alfred Rosenberg, acomoda Nietzsche.

Antes de qualquer coisa os chauvinistas alemães deviam se desembaraçar da interpretação stirneriana, individualista. Alfred Rosenberg, fazendo justiça ao nietzscheanismo de esquerda parece estar



raivosamente determinado de coração (*avoir à coeur avec rage*) a arrancar Nietzsche às garras do jovem Mussolini ou de seus semelhantes :

*Friedrich Nietzsche, diz ele em seu Mythe du XXeme siècle<sup>280</sup>, representa o grito desesperado de milhões de oprimidos. Sua selvagem predicação do super-homem era uma amplificação possante da vida individual, subjugada, anulada pela pressão material da época... Mas uma época amordaçada há gerações não capta, por impotência, mais que o lado subjetivo da grande vontade e da experiência vital de Nietzsche. Nietzsche exigia com paixão uma personalidade forte: sua exigência falsificada deveio um apelo a um desencadeamento de todos os instintos. Em torno a seu brasão se aliaram os batalhões vermelhos e os profetas nômades do marxismo, uma sorte de homens cuja doutrina insensata jamais foi denunciada mais ironicamente que por Nietzsche. Em seu nome a contaminação por negros e Sírios progrediu, enquanto que ele-mesmo se dobrava duramente à disciplina característica de nossa raça.*

---

<sup>280</sup> *Der Mythos der 20. Jahrhunderts*, Munich, 1932, p. 523.

*Nietzsche caíra nos sonhos de gigolôs acalorados, o que é pior do que cair nas mãos de um bando de bandidos. O povo alemão não ouvia mais falar senão de supressão das restrições, de subjetivismo, de "personalidade", mas não era mais questão de disciplina e de construção interior. A mais bela parole de Nietzsche "Do porvir se aproximam ventos com estranhos golpes de asas e a suas orelhas retine a boa nova" não era mais que uma intuição nostálgica no meio de um mundo insano onde ele era, ao lado de Lagarde e Wagner, quase o único clarividente.*

"Se você soubesse o quanto eu ri na primavera passada lendo as obras desse cabeçudo sentimental e vaidoso que se chama Paul de Lagarde": é assim que Nietzsche se exprimia falando do célebre pangermanista<sup>281</sup>. O rir de Nietzsche poderia evidentemente se estender de Lagarde a Rosenberg, o rir de um homem que igualmente enjoaram (*ont ecoeuré*) os sociais democratas e os racistas. A atitude de um Rosenberg não deve aliás ser simplesmente tida por um nietzscheanismo vulgar (como se admite por vezes, como

---

<sup>281</sup> Primeira carta a Th. Fritsch, citada mais acima, n. 4 e 6.

admite Edmond Vermeil). O discípulo não é somente vulgar mas prudente: o simples fato de que um Rosenberg fale de Nietzsche bastaria para "cortar as asas", mas parece a um homem dessa espécie que asas não estão jamais assaz roídas. Tudo o que não é nórdico deve ser, segundo ele, rigorosamente podado (*retranché*). Ora, só os deuses do céu são nórdicos!

*Enquanto que os deuses gregos, escreve ele<sup>282</sup>, eram os heróis da luz e do céu, os deuses da Ásia Menor não ariana assumiam todos os caracteres da Terra... Dionysos (ao menos por seu lado não ariano) é o deus do êxtase, da luxúria e do bacanal desencadeado... Durante dois séculos prosseguiu-se a interpretação da Grécia. De Winckelmann a Voss passando pelos clássicos alemães, insistiu-se sobre a luz, o olhar voltado para o mundo, o inteligível... A outra corrente — romântica — se nutriu dos afluxos secundários indicados ao fim da *Iliada* pela festa dos mortos ou em *Ésquilo* pela ação das *Erínias*. Ela vivificou-se nos contra-deuses*

---

<sup>282</sup> *Der Mythos der 20. Jahrhunderts*, p. 55. Essa hostilidade do fascismo aos deuses ctonianos, aos deuses da Terra, é sem dúvida o que o situa o mais exatamente no mundo psicológico ou mitológico.

*ctonianos do Zeus olympiano. Partindo da morte e seus enigmas, ela venera as deusas-mães, Deméter na cabeça, e finalmente desabrocha no deus dos mortos: Dionysos. É nesse sentido que Welcker, Rohde e Nietzsche fizeram da Terra-mãe uma genitriz, ela mesma informe, da vida que, perpetuamente, retorna pela morte a seu seio. O grande romantismo alemão tremelica dos frêmitos da adoração e como véus cada vez mais sombrios eram estendidos (tirés) diante da face radiante dos deuses do céu, ele se afundou sempre mais profundamente no instintivo, no informe, no demoníaco, no sexual, no extático, no ctoniano, no culto da Mãe.*

Há lugar de lembrar aqui antes de mais que Rosenberg não é o pensador oficial do Terceiro Reich, que obviamente seu anticristianismo não recebeu nenhuma consagração. Mas quando ele exprime sua repulsão pelos deuses da Terra e pelas tendências românticas que não têm por objeto imediato uma composição de força, sem a sombra de uma dúvida, ele exprime a repulsão do próprio nacional-socialismo.

O nacional-socialismo é menos romântico e mais maurassiano que se imagina por

vezes e não se deve esquecer que Rosenberg dele é a expressão ideológica a mais próxima de Nietzsche: O jurista Carl Schmidt que não o encarna menos realmente do que Rosenberg toca de perto em Maurras e, de origem católica, sempre foi estranho à influência de Nietzsche.

### UMA "RELIGIÃO HIGIÊNICA E PEDAGÓGICA" : O NEO-PAGANISMO ALEMÃO.

É o "neo-paganismo" alemão<sup>283</sup> que introduziu a lenda de um nacional-socialismo poético. É na medida somente em que o racismo culmina nessa forma religiosa excêntrica, que exprime uma certa corrente vitalista e anticristã do pensamento alemão.

É exato que uma crença um pouco caótica mas organizada representa hoje livremente na Alemanha essa corrente mística que, a partir da grande época romântica, se exprimiu em escritos tais como os de Bachofen, de Nietzsche e mais recentemente de Klages<sup>284</sup>. Uma tal

---

<sup>283</sup> Sobre o neo-paganismo alemão, ver o artigo de <sup>a</sup> Béguin na *Revue des Deux-Mondes*, 15 de maio 1935.

<sup>284</sup> Devemos notar que a propósito do escritor contemporâneo Ludwig Klages, célebre sobretudo por seus trabalhos de caracterologia, o barão Sellièrre (*De la déesse nature à la déesse vie*, Alcan, 1931, p. 133)

corrente jamais teve a menor unidade mas se distingue pela valorização da vida contra a razão e pela oposição de formas religiosas primitivas ao cristianismo. No interior do nacional-socialismo, Rosenberg dela representa a corrente a mais moderada. Teóricos profetas muito mais aventureiros (Hauer, Bergmann) se encarregam, em seguimento ao conde Reventlow, de tentar uma organização cultural análoga àquela das igrejas. Essa tentativa não é nova na Alemanha onde uma "comunidade da fé germânica" existia desde 1908 e onde o marechal Ludendorf ele-mesmo quis se fazer, após 1923, o chefe de uma igreja alemã. Após a tomada hitleriana do poder, as diversas organizações existentes reconheceram em congresso a comunidade de seus fins e se uniram para formar o "Movimento da fé alemã".

Mas se é um fato que os prosélitos da nova religião não opõem à exaltação romântica os limites estreitos e totalmente militares de Rosenberg, eles não estão menos de acordo sobre esse ponto que, o anticristianismo estando proclamado, a

---

emprega a expressão de *acéfalo*...Klages é aliás o autor de um dos livros mais importantes que tenham sido consagrados a Nietzsche, *Die psychologischen Errungenschaften Nietzsches*, 2ª éd., Leipzig, 1930 (1ª

vida sendo divinizada, sua única religião é a raça, é dizer, a Alemanha. O antigo missionário protestante Hauer se exalta: "Não há mais que uma virtude: ser Alemão!" E o extravagante Bergmann, ferido (*feru*) de psicanálise e de "religião higiênica" afirma que "Jesus de Nazaré, médico e benfeitor do povo, se voltasse hoje desceria da cruz à qual o prega ainda uma falsa compreensão; ele reviveria como médico do povo, como doutrinário da higiene da raça."

O nacional-socialismo não escapa à estreiteza tradicional e pedestre a não ser para melhor assegurar sua pobreza mental! O fato de que adeptos da nova fé pratiquem cerimônias no curso das quais são lidas passagens de Zaratustra acaba de situar essa comédia bem longe da exigência nietzscheana, na mais vulgar fraseologia dos charlatães (*bateleurs*) que se impõem por todos os lugares (*partout*) até o cansaço.

É enfim necessário ajuntar que os dirigentes do Reich parecem pouco inclinados, menos e menos inclinados, a sustentar esse movimento heteróclito: o quadro da parte feita na Alemanha de Hitler a um entusiasmo livre, anticristão,

---

ed. : 1923).

dando-se uma aparência nietzscheana, se acaba pois vergonhosamente.

### MAIS PROFESSORAL...

Resta — talvez o mais sério — a tentativa conseqüente de M. Alfred Baeumler, utilizando conhecimentos reais e um certo rigor teórico para a construção de um nietzscheismo político. O pequeno livro de Baeumler, *Nietzsche, le philosophe et le politicien*<sup>285</sup>, publicado pelas edições Reclam em muito numerosos exemplares, faz sair do dédalo das contradições nietzscheanas a doutrina de um povo unido por uma comum vontade de potência. Um tal trabalho é possível e era fatal que fosse feito. Ele destaca de seu conjunto uma figura precisa, nova, remarcavelmente artificial e lógica. Que se suponha Nietzsche uma vez se perguntando: "Para que o que eu provei, o que eu percebi poderá ser *útil*?" É com efeito o que M. Baeumler não teria deixado de se perguntar em seu lugar. E como é impossível ser útil ao que não existe, M. Baeumler se reporta necessariamente à existência que se impõe a ele, que deveria

---

<sup>285</sup> Nietzsche, *der Philosoph und Politiker*, Leipzig, 1931; as duas passagens citadas, p. 98 e 80.

ter-se imposto a Nietzsche, aquela da comunidade à qual um e outro foram votados pelo nascimento. Tais considerações seriam corretas à condição de que a hipótese formulada tivesse podido receber um sentido no espírito de Nietzsche. Uma outra suposição permanece possível: o que Nietzsche provou, o que percebeu, não podia ser reconhecido por ele como uma utilidade mas como um fim. Da mesma forma que Hegel esperou que o Estado prussiano realizasse o espírito, Nietzsche teria podido, após tê-la vituperado, esperar obscuramente da Alemanha que ela desse um corpo e uma voz real a Zarathustra... Mas parece que a inteligência de M. Baeumier, mais exigente que aquela de um Bergmann, de um Oehler, elimina representações cômicas demais. Pareceu-lhe expediente negligenciar tudo aquilo que de maneira demasiado incontestável fora provado por Nietzsche como fim não como meio e ele o negligenciou abertamente por notas positivas.

Nietzsche falando da morte de Deus empregava uma linguagem transtornada (*bouleversé*), testemunhando da experiência interior a mais excedente. Baeumier escreve :

*Para compreender exatamente a atitude de Nietzsche em relação ao cristianismo, não se deve jamais perder de vista que a frase decisiva, Deus está morto, tem o sentido de uma constatação histórica.*

Descrevendo o que tinha provado da primeira vez que a visão do eterno retorno se lhe tinha apresentado, Nietzsche escrevia: "A intensidade de meus sentimentos me fazia a uma só vez tremer e rir... não eram lágrimas de enternecimento, eram lágrimas de júbilo..."

*Em realidade, afirma Baeumier, a idéia de retorno eterno é sem importância do ponto de vista do sistema Nietzsche. Devemos considerá-la como a expressão de uma experiência altamente pessoal. Ela é sem relação alguma com o pensamento fundamental da vontade de potência e mesmo, tomada a sério, essa idéia quebraria a coerência da vontade de potência.*

De todas as representações dramáticas que deram à vida de Nietzsche o caráter de um dilaceramento e de um combate ofegante da existência humana, a idéia de

retorno eterno é certamente a mais inacessível. Mas da incapacidade de acessar à resolução de não tomar a sério o passo franqueado é o passo do traidor. Mussolini reconhecia outrora que a doutrina de Nietzsche não podia ser reduzida à idéia de vontade de potência. À sua maneira M. Baeumier acuado à traição e franqueando o passo o reconhece com um estalo incomparável : emasculando em plena luz (*au grand jour*)...

## O "PAÍS DE MEUS FILHOS"

A colocação a serviço de Nietzsche exige antes de mais nada que toda sua experiência patética seja oposta ao sistema e dê lugar ao sistema. Mas sua exigência se estende mais longe.

Baeumier opõe à compreensão da revolução a compreensão do mito: a primeira estaria ligada segundo ele à consciência do *futuro*, a segunda a um sentimento agudo do *passado*<sup>286</sup>. É óbvio que o nacional-socialismo implica a submissão ao passado. Num artigo de *Esprit* (1º de nov. 1934, pp. 199-208), Levinas deu sobre esse ponto uma expressão filosófica do racismo em

particular, mais profunda que aquela de seus partidários. Se dele citamos aqui o essencial, a oposição profunda entre o ensinamento de Nietzsche e seu encadeamento ressairá dessa vez talvez com uma brutalidade assaz grande !

*A importância, escreve Levinas, atribuída a esse sentimento do corpo com que o espírito ocidental jamais quis se contentar, está na base de uma nova concepção biológica do homem. O biológico com tudo o que ele comporta de fatalidade devém mais que um objeto da vida espiritual, devém seu coração. As misteriosas vozes do sangue, os apelos do hereditário e do passado aos quais o corpo serve de enigmático veículo perdem sua natureza de problemas submissos à solução de um Eu (Moi) soberanamente livre. O Moi não aporta para resolvê-los mais que as próprias incógnitas desse problema. Ele é por elas constituído. A essência do homem não está mais na liberdade, mas numa espécie de encadeamento...*

*A partir daí, toda estrutura social que anuncia um abandono (affranchissement) em vista do corpo e que não o engaja devém suspeita como um renegamento,*

---

<sup>286</sup> Cf. Sellière, op. cit., p. 37.

como uma traição...’ Uma sociedade de base consangüínea decorre imediatamente dessa concretização do espírito... Toda assimilação racional ou comunhão mística entre espíritos que não se apoie sobre uma comunidade de sangue é suspeita. E não obstante, o novo tipo de verdade não saberia renunciar à natureza formal da verdade e cessar de ser universal. A verdade pode bem ser minha verdade no sentido mais forte desse possessivo — ela deve tender à criação de um mundo novo. Zaratustra não se contenta com sua transfiguração, ele desce de sua montanha e aporta um evangelho. Como a universalidade é compatível com o racismo? Há de haver aí uma modificação fundamental da idéia mesma de universalidade. Ela deve dar lugar à idéia de expansão, pois a expansão de uma força apresenta uma estrutura totalmente outra que a da propagação de uma idéia... A vontade de potência de Nietzsche que a Alemanha moderna reencontra e glorifica não é somente um novo ideal, é um ideal que aporta ao mesmo tempo sua forma própria de universalização : a guerra, a conquista.

Levinas, que introduz sem se ocupar em justificá-la, a identificação da atitude nietzscheana à atitude racista, de fato, se limita a dar sem tê-la procurado uma estalante evidência à incompatibilidade delas e mesmo a seu caráter de contrários.

A comunidade sangüínea<sup>287</sup> e o encadeamento ao passado estão em sua conexão tão afastados quanto é possível, fora da vista de um homem que reivindicava com muito orgulho o nome de "sem pátria". E a compreensão de Nietzsche deve ser tida por vedada àqueles que não dão toda a devida importância (*qui ne font pas toute la part*) ao paradoxo de um outro nome que não era reivindicado com menos orgulho, aquele de FILHO DO PORVIR<sup>288</sup>. À compreensão do mito ligada por Baeumier ao sentimento agudo do passado responde o mito nietzscheano do porvir<sup>289</sup>.

’ O porvir, o maravilhoso desconhecido do

---

<sup>287</sup> Nietzsche se interessa geralmente pela beleza do corpo e pela raça sem que esse interesse determine nele a eleição de uma comunidade sangüínea limitada (fictícia ou não). O elo da comunidade que ele tem em vista é sem dúvida o elo místico, trata-se de uma “fé”, não de uma pátria.

<sup>288</sup> *Gai savoir*, # 377, sob o título *Nous autres, sans patrie*.

<sup>289</sup> *Den Mythos der Zukunft dichten!* Escreve Nietzsche em notas para Zaratustra (*Oeuvres complètes*, Leipzig, 1901, t. XII, p. 400).

porvir, é o único objeto da festa nietzscheana<sup>290</sup>. “A humanidade, no pensamento de Nietzsche, tem muito mais tempo adiante do que atrás — como, de uma maneira geral, o ideal poderia ser/estar preso no passado?”<sup>291</sup>. É o dom agressivo e gratuito de si ao porvir, em oposição à avareza chauvina, encadeada ao passado, que pode ele só fixar uma imagem assaz grande de Nietzsche na persona de Zarathustra exigindo ser renegado. Os “sem pátria”, os desencadeados do passado que vivem hoje, como podem ver em repouso ser encadeado à miséria patriótica aquele dentre eles que o ódio por essa miséria votava ao PAÍS DE SEUS FILHOS? Zarathustra, quando os olhares dos outros estavam limitados aos países de seus pais, às suas pátrias, Zarathustra *via* o PAÍS DE SEUS FILHOS<sup>292</sup>. ‘Em face de um

---

<sup>290</sup> *Die Zukunft feiern nicht die Vergangenheit!* (n.do t.: o futuro festejar, não o passado) (mesma passagem que a citação precedente); *Ich liebe die Unwissenheit um die Zukunft* (n.do t.: Eu amo o desconhecimento quanto ao futuro - ou para utilizar a tradução empregada por Bataille em outros textos (j'aime l'ignorance touchant l'avenir): eu amo a ignorância tocando o porvir) (*Gai savoir*, # 287).

<sup>291</sup> *Oeuvres posthumes (Oeuvres complètes, Leipzig, 1903, t. XIII, p. 362).*

<sup>292</sup> *Ainsi parlait Zarathoustra, 2<sup>e</sup> partie, Le pays de la civilisation.* “Eu sou caçado das pátrias e das terras natais. Não amo pois mais do que o país de meus filhos... Quero me redimir diante de meus filhos de ter sido o filho de meus pais.”

mundo coberto de passado, coberto de pátrias como um homem coberto de feridas, não existe expressão mais paradoxal, nem mais apaixonada, nem maior. ‘

## "NOSOUTROS SEM PÁTRIA..."

Há alguma coisa de trágico no simples fato de que o erro de Levinas é possível (pois trata-se sem dúvida nesse caso de um erro, não de um *parti-pris*). As contradições pelas quais os homens morrem aparecem de um golpe estranhamente insolúveis. Pois se os partidos opostos adotando soluções opostas, resolveram em aparência essas contradições, não se trata mais do que de simplificações grosseiras: e essas aparências de solução não fazem mais do que afastar as possibilidades de escapar à morte. Os desencadeados do passado são os encadeados à razão, aqueles que não encadeia a razão são os escravos do passado. O jogo da política exige para se produzir posições assim tão falsas: e não parece possível que elas sejam mudadas. Transgredir com a vida as leis da razão, responder às exigências da vida mesmo contra a razão, é em política,



praticamente, dar-se de pés e punhos ligados ao passado. E no entanto a vida não exige menos ser liberada do passado que de um sistema de mensurações racionais, administrativas.

O movimento apaixonado e tumultuoso que forma a vida, que responde ao que ela exige de estranho, de novo, de perdido, aparece por vezes portado pela ação política: não se trata mais do que de uma curta ilusão! O movimento da vida não se confunde com os movimentos limitados das formações políticas senão em condições definidas<sup>293</sup>; em outras condições, ele se prossegue longe para além, lá onde precisamente se perdia o olhar de Nietzsche.

Longe para além, lá onde as simplificações adotadas para um tempo e para um fim muito curtos perdem seu sentido, lá onde a

---

<sup>293</sup> Uma revolução tal a revolução russa dá disso talvez a medida. A colocação em causa de toda a realidade humana numa reversão das condições materiais da existência aparece de um golpe em resposta a uma exigência sem piedade, mas não é possível prever dela o porte (la portée) : as revoluções deludem (dejouent) toda previsão inteligente dos resultados. O movimento da vida tem sem dúvida pouco de coisas a ver com as seqüências mais ou menos depressivas de um traumatismo. Ele se acha em *determinações obscuras*, lentamente ativas e criatrizes de que as massas não têm consciência logo de entrada. É sobretudo miserável confundi-lo com os reajustamentos exigidos por massas conscientes e operados sobre o plano político por especialistas mais ou menos parlamentares.

existência, lá onde o universo que a aporta aparecem de novo como um dédalo...

Para esse dédalo que ele só contém as possibilidades numerosas da vida, não para pobreza imediatas, o pensamento contraditório de Nietzsche se dirige ao grado de uma liberdade tenebrosa<sup>294</sup>. Ele parece mesmo escapar sozinho, no mundo que é agora, às preocupações prementes que nos fazem recusar a abrir os olhos assaz longe. Aqueles que percebem já o vazio nas soluções propostas pelos partidos, que não vêm mesmo na esperança suscitada por esses partidos mais que uma ocasião para guerras desprovidas de outro odor que não aquele da morte, buscam uma fé à altura das convulsões que sofrem: a possibilidade para o homem de reencontrar não mais uma bandeira e as matanças sem saída diante das quais vai essa bandeira, mas tudo o que no universo pode ser objeto de riso, de convulsa alegria ou de sacrifício...

*Nossos ancestrais, escrevia Nietzsche, eram cristãos de uma lealdade sem igual que, por sua fé, teriam sacrificado seu bem*

---

<sup>294</sup> Essa interpretação do "pensamento político" de Nietzsche, a única possível, foi remarcavelmente exprimida por Jaspers. Reenviamos (mais abaixo, p. 28) à longa citação que damos na resenha da obra de Jaspers

*e seu sangue, seu estado e sua pátria. Nós — nós fazemos o mesmo. Mas por que então? Por irreligião pessoal? Por irreligião universal? Não, vocês sabem isso bem melhor, meus amigos! O SIM escondido em vocês é mais forte que todos os NÃO e todos os TALVEZ de que vocês estão doentes com sua época : e se é preciso que vocês vão sobre o mar, vosoutros emigrantes, esforcem-se em vocês mesmos para achar — uma fé....*<sup>295</sup>

O ensinamento de Nietzsche elabora a fé da seita ou da "ordem" cuja vontade dominatriz fará o destino humano livre, arrancando-o ao assujeitamento racional da produção assim como ao assujeitamento irracional ao passado. Que os valores revertidos não possam mais ser reduzidos ao valor de utilidade, está aí um princípio de uma importância vital tão ardente que subleva com ele tudo o que a vida aporta de vontade tempestuosa de vencer. Fora dessa resolução definida, esse ensinamento não dá lugar mais que às inseqüências ou às traições daqueles que pretendem tê-lo em conta. O assujeitamento tende a englobar a

existência humana toda inteira e é o destino dessa existência livre que está em causa.

---

<sup>295</sup> É a conclusão do # 377 do *Gai savoir, Nous autres, sans patrie*. Esse parágrafo caracteriza mais precisamente que qualquer outro a atitude de Nietzsche em face da realidade política contemporânea.

# HERÁCLITO

## TEXTO DE NIETZSCHE

Esse retrato de Heráclito é extraído de “A filosofia na época trágica da Grécia”, uma das primeiras obras de Nietzsche, escrita em 1873, mas publicada após sua morte (não foi traduzida em francês). Porque Heráclito viu a lei no combate dos elementos múltiplos, no fogo o jogo inocente do universo, ele devia aparecer a Nietzsche como seu duplo, como um ser do qual ele-mesmo foi uma sombra. Se Heráclito “ergueu a cortina sobre o maior de todos os espetáculos” — o jogo do tempo destruidor — trata-se do espetáculo mesmo que se tornou a contemplação e a paixão de Nietzsche, no curso do qual devia lhe aparecer a visão carregada de espanto do eterno retorno. “Cada instante não existe mais do que na medida em que exterminou o instante presente, seu pai.” “A inconstância total de todo real é uma representação terrível e transtornante : sua ação é análoga á impressão daquele que num terremoto perde a confiança na terra firme”. O maior de todos os espetáculos, a maior de todas as festas é a morte de Deus. “Não caímos sem cessar? Para trás? De lado, para frente, para todos os lados?” Assim gritará mais tarde Nietzsche quando provará a alegria convulsa que chamou de a “morte de Deus” (*Gaia ciência*, # 125). Longe para além das casernas fascistas...

Heráclito era orgulhoso (*fier*) : e quando um filósofo chega ao orgulho, é um grande orgulho. Sua ação não o porta jamais a buscar um "público", o aplauso das massas ou o coro adulator dos contemporâneos. Ir-se solitário pelas ruas pertence à natureza do filósofo. Seus dons são dos mais raros, e num sentido, contra-natureza, exclusivos e hostis mesmo em relação a dons semelhantes. A parede da satisfação de si-mesmo deve ser de diamante, para não romper nem se quebrar, pois tudo é/está em movimento contra ele. Sua viagem em direção à imortalidade está mais semeada de obstáculos que nenhuma outra; e no entanto, ninguém pode crer mais firmemente do que o filósofo que ele chegará ao gol (*but*) por essa via — ele não poderia se manter senão nas asas despregadas de todos os tempos; a não-consideração das coisas presentes e instantâneas compondo a essência da grande natureza filosófica. Ele tem a verdade: que a roda do tempo gire livremente para um ou outro sentido: jamais ela escapará à verdade. Importa aprender que parelhos homens viveram uma vez. Jamais se ousaria imaginar o orgulho de Heráclito como uma possibilidade ociosa. Todo esforço em direção ao conhecimento parece, por sua natureza, eternamente insatisfeito e insatisfatório. Assim, ninguém querará crer, a menos que informado pela história, na realidade de uma opinião de si tão real (*royal*) quanto aquela conferida pela convicção de ser

o único e feliz pretendente da Verdade. Parelhos homens vivem em seu próprio sistema solar: é lá que é preciso encontrá-los. Um Pitágoras, um Empédocles, tratavam sua própria pessoa com uma sobrehumana estima, com um temor quase religioso; mas o laço da compaixão atado á grande convicção da migração das almas e da unidade de tudo o que é vivente, os reconduzia aos outros homens, para a salvação (*salut*) desses últimos. Quanto ao sentimento de solidão de que estava penetrado o ermitão efesiano do templo de Artemis, não se poderia provar alguma coisa dele senão no meio dos sítios alpestres os mais desolados. Nenhum sentimento de toda-poderosa piedade, nenhum desejo de vir em ajuda, de curar ou de salvar, emana dele. É um astro sem atmosfera. Seu olho, cujo ardor está todo dirigido para o interior, não tem mais que um olhar extinto e glacial, e como de pura aparência, para o fora. Por todos os lados, à sua volta, as vagas da loucura e da perversidade batem na fortaleza de seu orgulho : ele delas se desvia com desgosto. Mas por seu lado, os homens de coração sensível evitam uma parelha lava como que escorrida em bronze; num santuário retirado, entre as imagens dos deuses, à sombra de uma arquitetura fria, calma e inefável, a existência de um tal ser se concebe ainda. Entre os homens, Heráclito, em tanto que homem, era inconcebível; e, se é verdade que

se o pôde ver observando atentamente o jogo de crianças barulhentas, é verdade também que, fazendo isso, ele pensou (*a songé*) em algo que nenhum homem pensa em parelho caso : no jogo da grande criança universal, Zeus. Ele não tinha a mínima precisão dos outros homens, nem mesmo para seus conhecimentos; ele não se atinha minimamente a lhes colocar todas as questões que se lhes pode colocar, nem aquelas que os sábios se tinham esforçado por colocar antes dele. Falava com desprezo desses homens interrogadores, acumuladores, breve: desses homens "históricos". "É a mim-mesmo que eu procurava e explorava", dizia, servindo-se de um termo que define o aprofundamento de um oráculo: tudo como se ele tivesse sido o verdadeiro e único executor da sentença délfica : "Conhece-te a ti-mesmo".

Quanto ao que percebia nesse oráculo, ele o tinha pela sabedoria imortal e eternamente digna de interpretação, de um efeito ilimitado no longínquo porvir, a exemplo dos discursos proféticos da Sibila. Há nele o suficiente para a humanidade que mais tarde vier: Desde que ela queira somente interpretar como uma sentença de oráculo aquilo que ele "não exprime nem esconde" tal o deus délfico. E ainda que ele o anuncie "sem sorrir, sem ornamento nem perfume" mas antes com "uma boca espumante", é preciso que isso chegue até os milênios do porvir. Pois o mundo precisa eternamente de Heráclito : ainda que

Heráclito não tenha dele a mínima precisão. Que lhe importa sua glória?

A gloria entre "os mortais que sem cessar se escorrem" bradou ele com ironia. Sua gloria interessa sem dúvida aos humanos, mas não a ele-mesmo; a imortalidade dos humanos precisa dele, e não ele-mesmo da imortalidade do homem Heráclito. O que ele viu, a doutrina da lei no devir e do jogo na necessidade, deve desde agora ser visto eternamente: ele ergueu a cortina sobre o maior de todos os espetáculos.



*Les choses elles-mêmes à la solidité et à la fixité desquelles croit la tête étroite de l'homme ou de l'animal n'ont aucune existence propre. Ce sont les éclats et les éclairs des épées brandies, le scintillement de la victoire dans le combat des qualités contraires... La consommation totale dans le jeu est satiété... La satiété engendre le crime (l'hybris)... Toute l'histoire du monde serait-elle le châtimeut de l'hybris? Le multiple, le résultat d'un crime?... Le jeu... joue..., se transformant en eau et en terre..., il construit comme un enfant des châteaux de sable..., il les édifie, les détruit et... recommence le jeu à son début. Un instant de satiété. Ensuite, le besoin le saisit de nouveau... Ce n'est pas l'instinct du crime, c'est le goût du jeu, toujours à nouveau éveillé, qui appelle à la vie de nouveaux mondes...*

NIETZSCHE, LA PHILOSOPHIE A L'ÉPOQUE TRAGIQUE DE LA GRÈCE (PASSIM).

# P R O P O S I Ç Õ E S

*Quando Nietzsche esperava ser compreendido após 50 anos, ele não podia entendê-lo somente no sentido intelectual. Aquilo pelo que ele viveu e se exaltou exige que a vida, a alegria e a morte sejam postas em jogo e não a atenção fatigada da inteligência. Isso deve ser enunciado simplesmente e com a consciência de se engajar. O que se passa profundamente na reversão dos valores, de uma maneira decisiva, é a tragédia ela-mesma: não resta muito lugar para o repouso. Que o essencial para a vida humana seja exatamente o objeto dos horrores súbitos, que essa vida seja portada no rir ao cúmulo da alegria pelo que acontece de*

*mais degradante, tais estranhezas colocam o que se passa de humano à superfície da Terra nas condições de um combate mortal: elas colocam na necessidade de quebrar para "existir" o encadeamento da verdade reconhecida. Mas é vão e excedente se endereçar àqueles que não dispõem senão de uma atenção fingida : o combate sempre foi uma (inter)empresa mais exigente do que as outras. É nesse sentido que devém impossível recuar diante de uma compreensão conseqüente do ensinamento de Nietzsche. Isso em direção a um desenvolvimento lento em que nada pode ser deixado na sombra.*

# 1 - PROPOSIÇÕES SOBRE O FASCISMO

1. A mais perfeita organização do Universo pode se chamar Deus”<sup>296</sup>.

O fascismo que recompõe a sociedade a partir de elementos existentes é a forma a mais fechada da organização, é dizer, a existência humana mais próxima do Deus eterno.<sup>1</sup>

Na revolução social (mas não no stalinismo atual), a decomposição atinge ao contrário seu ponto extremo.

A existência se situa constantemente no oposto de duas possibilidades igualmente ilusórias : ela é “ewige Vergottung und Entgottung”, “uma eterna integração que diviniza (que rende Deus) e uma eterna desintegração que aniquila Deus nela-mesma”.

A estrutura social destruída se recompõe desenvolvendo lentamente nela uma aversão pela decomposição inicial.

A estrutura social recomposta — seja em seguida a um fascismo ou a uma revolução negtriz — paralisa o

movimento da existência, que exige uma desintegração constante. As grandes construções unitaristas não são mais que pródromos de um desencadeamento religioso que levará o movimento da vida para além da necessidade servil.

1 O charme, no sentido tóxico da palavra, da exaltação nietzscheana vem de que ela desintegra a vida portando-a ao cúmulo da vontade de potência e da ironia.<sup>1</sup>

2. O caráter sucedâneo do indivíduo em relação à comunidade é uma das raras evidências que ressaem das investigações históricas. É à comunidade unitária que a pessoa empresta sua forma e seu ser. As crises as mais opostas culminaram (*ont abouti*) sob nossos olhos na formação de comunidades unitárias semelhantes: não havia aí pois nem doença social, nem regressão; As sociedades reencontravam seu modo de existência fundamental, sua estrutura de todos os tempos, tal como ela se formou ou reformou nas circunstâncias econômicas ou históricas as mais diversas. A protestação dos seres humanos contra

<sup>296</sup> Volonté de puissance, f 712 (Oeuvres complètes, Leipzig, 1908, t. XVI, p. 170).



uma lei fundamental de sua existência não pode evidentemente ter mais do que uma significação limitada. A democracia que repousa sobre um equilíbrio precário entre as classes não é talvez mais que uma forma transitória; ela não aporta consigo somente as grandezas mas também as pequenezas da decomposição.

A protestaçoão contra o unitarismo não tem lugar necessariamente num sentido democrático. Ela não é necessariamente feita em nome de um *aquém* (*en-deçà*): as possibilidades da existência humana podem desde agora ser situadas *além* (*au-delà*) da formação das sociedades *monocéfalas*.

3. Reconhecer o pouco porte da cólera democrática (em grande parte privada de sentido dado que os stalinistas a partilham) não significa em medida alguma a aceitação da comunidade unitária. Estabilidade relativa e conformidade à lei natural não conferem em caso algum a uma forma política a possibilidade de parar o movimento de ruína e criação da história, ainda menos de satisfazer de uma vez as exigências da vida. Muito pelo contrário, a existência social fechada e sufocada está condenada á condensação de forças de

explosão decisivas, o que não é realizável no interior de uma sociedade democrática. Mas seria um erro grosseiro imaginar que um levante (*poussée*) explosivo tivesse por fim exclusivo e mesmo simplesmente por fim necessário a destruição da cabeça e da estrutura unitária de uma sociedade. A formação de uma estrutura nova, de uma "ordem" se desenvolvendo e flagelando (*sévissant*) através da terra inteira, é o único ato liberador real e o único possível — a destruição revolucionária sendo regularmente seguida da reconstituição da estrutura social e de sua cabeça.

4. A democracia repousa sobre uma neutralização de antagonismos relativamente fracos e livres; ela exclui toda condensação explosiva. A sociedade monocéfala resulta do jogo livre das leis naturais do homem, mas cada vez que é formação secundária, ela representa uma atrofia e uma esterilidade da existência desoladoras (*accablantes*).

Á única sociedade plena de vida e de força, a única sociedade livre é a sociedade *bi* ou *policéfala* que dá aos antagonismos fundamentais da vida uma saída explosiva conŕtante mas limitada às formas as mais ricas.

A dualidade ou a multiplicidade das

cabeças tende a realizar num mesmo movimento o caracter *acéfalo* da existência, pois o princípio mesmo da cabeça é redução à unidade, *redução* do mundo a Deus.<sup>1</sup>

5. "A matéria inorgânica é o seio materno. Estar liberado da vida, é redevir *verdadeiro*; é se tornar perfeito (se *parachever*). Aquele que compreendesse isso consideraria como uma festa retornar à poeira insensível".<sup>297</sup>

"Acordar a percepção igualmente ao mundo inorgânico; uma percepção absolutamente precisa — lá reina a "verdade"! — a incertitude e a ilusão começam com o mundo orgânico".<sup>298</sup>

"Perda em toda a especialização: a natureza sintética é a natureza superior. Ora, toda vida orgânica é já uma especialização. O mundo inorgânico que se acha atrás dela representa a maior síntese de forças; por essa razão, ele aparece digno do maior respeito. Lá o erro, a limitação perspectiva não existem de

todo".<sup>299</sup>

Esses três textos, o primeiro resumindo Nietzsche, os dois outros fazendo parte de seus escritos póstumos, revelam ao mesmo tempo as condições de esplendores e de miséria da existência. — Ser livre significa não ser função. Deixar-se fechar numa função, é deixar a vida se emascular. A cabeça, autoridade consciente ou Deus, representa aquela das funções servis que se dá e se toma ela-mesma por um fim, em consequência aquela que deve ser o objeto da aversão a mais vivaz. É limitar o porte dessa aversão dá-la como o princípio da luta contra os sistemas políticos unitários : mas trata-se de um princípio fora do qual uma tal luta não é mais do que uma contradição interior.

---

<sup>297</sup> Cf. Andler, Nietzsche sa vie et sa pensée, t. VI, N.R.F., 1931, p.307 et Oeuvres posthumes, Epoque du "Gai savoir", 1881-2, # 497 et 498 (Oeuvres complètes, Leipzig, 1901, t. XII, p.228).

<sup>298</sup> Oeuvres posthumes, 1883-8 (Oeuvres complètes, Leipzig, 1903, t. XIII, p. 228); tr. Fr. dans Oeuvres posthumes, Mercure, 1934, p. 140, # 332.

---

<sup>299</sup> Id. même page; tr. fr., # 333



## 2 - PROPOSIÇÕES SOBRE A MORTE DE DEUS

6. O *acéfalo* exprime mitologicamente a soberania votada à destruição, a morte de Deus, e nisso a identificação ao homem sem cabeça se compõe e se confunde com a identificação ao super-humano que é todo inteiro "morte de Deus".<sup>1</sup>

7. Super-homem e *acéfalo* estão ligados com um estalo igual à posição do tempo como objeto imperativo e liberdade explosiva da vida. Num e noutro caso o tempo devém objeto de êxtase e importa secundariamente que ele apareça como "retorno eterno" na visão de Surlej ou como "catástrofe" (*Sacrifícios*) ou ainda como "tempo explosão" : ele é então tão diferente do tempo dos filósofos (ou mesmo do tempo heiddegeriano) quanto o cristo dos santos eróticos o é do Deus dos filósofos gregos. O movimento dirigido ao tempo entra de um golpe na existência concreta enquanto que o movimento em direção a Deus dela se desviava durante o primeiro período.

8. O tempo extático não pode se achar senão na visão das coisas que o acaso pueril faz bruscamente sobrevirem :

cadáveres, nudezes, explosões, sangue espalhado, abismos, estalo do sol e do trovão.<sup>1</sup>

9. A guerra, na medida em que é vontade de assegurar a perenidade de uma nação, a nação que é soberania e exigência de inalterabilidade, a autoridade de direito divino e Deus ele-mesmo representam a obstinação desesperada do homem em se opor à potência exuberante do tempo e em achar a seguridade numa ereção imóvel e próxima do sono. A existência nacional e a militar estão presentes no mundo para tentar negar a morte reduzindo-a a um componente de uma glória sem angústia. A nação e o exército separam profundamente o homem de um universo entregue à despesa perdida e à explosão incondicional de suas partes : profundamente, ao menos na medida em que as precárias vitórias da avareza humana são possíveis.

10. A Revolução não deve ser considerada somente em seus sustentáculos e resultados (*tenants et aboutissants*) abertamente conhecidos e conscientes mas na sua aparência bruta, seja ela o

feito dos puritanos, dos enciclopedistas, dos marxistas ou dos anarquistas. A Revolução em sua existência histórica significativa, que domina ainda a civilização atual, se manifesta aos olhos de um mundo mudo de medo como a explosão súbita de sublevações (*e-moções: émeutes*) sem limites. 'A autoridade divina, pelo fato da Revolução, cessa de fundar o poder: a autoridade não pertence mais a Deus mas ao tempo cuja exuberância livre mete os reis à morte, ao tempo encarnado hoje no tumulto explosivo dos povos. No fascismo ele-mesmo, a autoridade foi reduzida a se fundar sobre uma pretensa revolução, homenagem hipócrita e constrangida à única autoridade imponente, aquela da mudança catastrófica.

11. Deus, os reis e sua seqüela se interpuseram entre os homens e a Terra — da mesma maneira como o pai diante do filho é um obstáculo à violação e à possessão da Mãe. A história econômica dos tempos modernos é dominada pela tentativa épica mas decepcionante dos homens encarnecidos (*acharnés*) em arrancar sua riqueza à Terra. A terra foi eventrada, mas do interior de seu ventre, o que os homens extraíram, é antes de tudo

o ferro e o fogo, com os quais eles não cessam de se eventrar entre si. A incandescência interior da Terra não explode somente nas crateras dos vulcões : ela enrubesce (*rougeois*) e cospe a morte com sua fumaça na metalurgia de todos os países.

12. A realidade incandescente do ventre maternal da terra não pode ser tocada e possuída por aqueles que a malconhecem. É o malconhecimento da Terra, o olvido do astro sobre o qual vivem, a ignorância da natureza das riquezas, da incandescência que está encerrada (*close*) nesse astro, que fez do homem uma existência à mercê das mercadorias que ele produz, cuja parte a mais importante é/está consagrada à morte. Em tanto que os homens olvidarão a verdadeira natureza da vida terrestre, que exige a embriaguez extática e o estalo (*éclat*), essa natureza não poderá apelar à (*se rappeler à*) atenção dos contabilistas e dos economistas de todo partido a não ser abandonando-os aos resultados os mais acabados de sua contabilidade e de sua economia.

14. 'Os homens não sabem gozar livremente e com prodigalidade da Terra e de seus produtos: a Terra e seus produtos não se prodigalizam e não se liberam sem

medida senão para destruir. A guerra átona, tal como a ordenou a economia moderna, ensina também o sentido da Terra, mas ela o ensina a renegados cuja cabeça está cheia de cálculos e considerações curtas, eis porque ela ensina com uma ausência de coração e uma raiva deprimente. No caráter desmesurado e dilacerante da catástrofe sem finalidade que é a guerra atual, é-nos no entanto possível reconhecer a imensidade explosiva do tempo: a Terra mesma permaneceu a velha divindade ctoniana, mas com as multidões humanas ela faz também cair por terra o deus do céu numa avacalhação sem fim.

15. A busca de Deus, da ausência de movimento, da *tranqüilidade*, é o medo que fez soçobrar (*a fait sombrer*) toda tentativa de comunidade universal. O coração do homem não é inquieto somente até o momento em que se repousa em Deus : a universalidade de Deus permanece ainda para ele uma fonte de inquietude e o apaziguamento não se produz a não ser que Deus se deixe fechar no isolamento e na permanência profundamente imóvel da existência militar de um grupo. Pois a existência universal é ilimitada e por isso sem repouso: ela não

refecha a vida sobre ela-mesma mas a abre e a relança na inquietude do infinito. A existência universal, eternamente inacabada, acéfala, um mundo semelhante a uma ferida que sangra, criando e destruindo os seres particulares finitos : é nesse sentido que a universalidade verdadeira é morte de Deus.

Georges BATAILLE

# N I E T Z S C H E

## E A MORTE DE DEUS

### NOTA A PROPÓSITO DO "NIETZSCHE" DE JASPERS <sup>300</sup>

#### IMANÊNCIA

E

#### VONTADE DE IMANÊNCIA

Como outros filosofaram em presença da divindade, Nietzsche filosofou, se se pode dizer, em presença da ausência da divindade, e é sem dúvida mais terrível. Kierkegaard está "diante de Deus", Nietzsche está diante do cadáver decomposto de Deus. Bem mais, enquanto Kierkegaard pensa que Deus quer minha morte, Nietzsche pensa que o homem deve querer sem cessar de novo a morte de Deus. Essa morte não é somente um fato, ela é a ação de uma vontade. Para que o homem seja verdadeiramente grande, verídico, criador, é preciso que

Deus esteja morto, que ele seja matado, que ele esteja ausente. Privando-o de Deus, aporto o homem ao imenso dom que é a perfeita solidão, ao mesmo tempo que a possibilidade da grandeza e da criação.

A angústia diante da morte desaparece. "Isto me torna feliz, diz Nietzsche, ver que os homens não podem pensar até o extremo o pensamento da morte." "Nossa única certeza, a certeza da morte, não pode quase nada sobre nós", e está bem assim. E está bem também que "mais nossa vida tem plenitude e valor, mais nós estaremos prestes a dá-la por uma só sensação agradável". O homem se inclinará para a morte sem a temer, cada um para a morte que é a sua. Bem mais, a

---

<sup>300</sup> I Karl Jaspers, Einführung in das Verstaendnis seines Philosophierens, Berlin, 1936. Sobre essa obra, se achará uma resenha mais geral p. 28.

idéia de festa está ligada freqüentemente por Nietzsche à idéia de morte. Façamos festa à morte, façamos da morte uma festa, será ainda a melhor maneira de nos vingarmos da traição da vida.

## II

### VONTADE DE IMANÊNCIA E VONTADE DE TRANSCENDÊNCIA

A filosofia de Nietzsche, é essencialmente, nos diz Jaspers, a afirmação do mundo como pura imanência. É esse mundo aqui que é o ser. Mas assim como a crença de Kierkegaard é uma crença que duvida, assim a negação de Nietzsche. A ausência de Deus não é erro nem verdade. E eis porque o pensamento da ausência de Deus é paixão, é vontade assim como em Kierkegaard o pensamento de Deus é paixão e vontade. Nietzsche viu essa realidade da morte de Deus querendo-a como nós o vimos; e ao mesmo tempo sem a querer. Ele quer Deus ao mesmo tempo que quer a morte de Deus. E o pensamento da ausência de Deus não suprime nele o instinto criador de Deus.

Tal é a "existenzielle Gottlosigkeit" de que fala Jaspers.

## III

### TRANSCENDÊNCIA

Nietzsche está abalado, depois transpassado pela idéia dessa transcendência que ele nega. E o sério desse abandono de si, tal que Nietzsche o cumpriu, não é, se pergunta Jaspers, como a imagem da perda e do sacrifício de si sob a influência da transcendência?

"Por oposição ao positivismo, ao naturalismo, ao materialismo, há nele uma negatividade universal, uma insatisfação sem limite diante de todo aspecto do ser. E esse arranque da insatisfação e da negação se faz com uma tal paixão, com uma tal vontade de sacrifício, que ela parece vir da mesma profundidade que as grandes religiões e as crenças dos profetas." A imoralidade de Nietzsche é negação da falsa moral; assim como, nos diz Jaspers, sua negação de Deus é ligação autêntica com o ser, afirmação do sim, vontade de substância. O não quando radical pode, por sua própria força, por seu



frenesi, se transformar em sim, e o niilismo, niilismo dos fortes e não mais niilismo dos fracos, em filosofia positiva. Nesse niilismo que se transcende, que se nega, o ser se revela. Pela ferida mesma que sente nele, por sua dor de Deus dilacerado, Nietzsche atinge o fundo do ser, o tempo. Ele tem o olho fixo a uma só vez sobre a roda do eterno retorno e sobre a linha, finita-infinita, do mais longínquo horizonte, do super-humano. Une nele Ixion e Prometeu.

Se a necessidade e a vontade, o passado e o porvir vêm se fundir, se o mais alto fatalismo vem, segundo a expressão mesma de Nietzsche, se identificar com o acaso e com a criação, com a atividade a mais alta, se o mundo absurdo e incompleto da insatisfação perpétua, recebendo o selo e a bênção da eternidade, devém o mundo completo da eterna satisfação não é porque a identidade dos opostos é a expressão transcendente do ser em tanto que ele não pode ser apanhado em nenhuma categoria? E não sabemos nós que os círculos e as antinomias não são mais do que meios para tocar de viés e na sombra o que depassa toda lei, toda *parole*, toda forma?

## REALIZAÇÃO DO HOMEM

Num mundo em decomposição, que se fixa (fige) na só contemplação e presciência de seu fim — cujos atos matam tudo o que tinham extraído de vivível, quando vêm a se produzir — a voz de Nietzsche se eleva, incitante e provocatriz, carregada de toda a dor como de toda a alegria que Zarathustra porta nele. Tudo o que para nós está condenado a perecer de uma morte miserável, nossa civilização, parece-nos então oferecer possibilidades novas — a vaga humana e cósmica que nos carrega se retira, como o mar, para re-vir. A presença de Nietzsche basta para cambiar essa desapareição difícil em aurora de uma nova nascença.

Desenrolando um a um os cueiros da ferida de que sofria em seu ser até à loucura, Nietzsche arranca à existência a máscara que a tornava indigna. "Nosso maior grilo (grief) contra a existência era a existência de Deus". O pessimismo necessário acha nessa descoberta a saída. Ele se cambia em afirmação trágica da vida.

A morte de Deus não é em Nietzsche uma descoberta do espírito mas uma revelação

e uma afirmação da vida que desnuda, do mundo caótico, glaciário e exasperado com o qual ele entra em contato. Se disso as conseqüências são extremas, elas o são para o homem, lugar das metamorfoses do mundo em devir. O círculo está enfim quebrado do qual Deus era a expressão perfeita. Não se trata mais de procurar as razões pelas quais esse círculo estava fechado inelutavelmente sobre a existência. "Não pode se tratar de adequação perfeita mas de adequação útil". Não se trata mais de interpretação, nem de explicação, nem de contemplação. A questão que coloca Nietzsche com uma insistência acrescida é aquela da realização do homem.

Viver, é inventar! A existência dada, presa desde a nascença no jogo das forças que fazem, desfazem e refazem o mundo a cada instante do tempo, não é nem uma redenção, nem uma humanização, mas por re-aporte ao mundo que a condiciona e só na medida em que ela se opõe a ele, um parto doloroso, uma criação. A vida que a gente se esforça em vão por encerrar em fórmulas explicativas ou por paralisar em doutrinas, explode, e é no

centro de sua efervescência contínua e incoerente que a devemos nos colocar para dela extrair a potência e não mais ter a crer nem a esperar.<sup>1</sup>

Sós, Marx antes dele e Freud após, ajudaram, por outros meios, esse cumprimento do homem que, sem nos permitir concluir por sua inelutabilidade, justifica as gestações monstruosas do mundo que nos cerca — cumprimento que vai da dor e da angústia e pela dor e pela angústia, à alegria, "a eterna alegria do devir, essa alegria que porta em si a alegria do aniquilamento" — mas jamais uma voz humana nos falou "de tão perto" quanto aquela de Nietzsche. Como na visão, o objeto se precisa e se afirma até sua integração e sua perda totais, o super-homem nos aproxima de nós mesmos e de nossa desapareição. O vazio da existência não é cumulado — mas a possibilidade do gesto que a mata e cria conjuntamente nos é/está oferecida.

Jean ROLLIN

# CRIAÇÃO DO MUNDO

Ser um grande senhor que porta a espada; botar no cu (*culbuter*) de meninas, damas e senhoritas; dar esmola aos pobres à condição de que reneguem Deus, despojar a viúva e o órfão, não contabilizar nem rendas, nem dívidas; manter poetas à condição de que eles cantem o delírio dos sentidos, pintores capazes de reter os movimentos da volúpia, engenheiros para o prazer de um terremoto sob encomenda, químicos para experimentar venenos lentos e fulminantes; fundar algumas casas de educação para aí recrutar um harém de icoglans<sup>301</sup> e odaliscas, caçar a criança nua, a pé ou a cavalo; oferecer banquetes ao populacho sobre um cavalete provido de armadilhas que o engolem na sobremesa; mas se nem tudo é possível, fazer representar espetáculos estranhos, fazer celebrar a missa para profanar a hóstia, a fim de fazer vir o diabo, e se tudo isso é tedioso a longo prazo, se nos espantamos de que nenhuma advertência visível e clara venha nos parar, tentar se fazer medo por um outro meio, fazer-se supliciar de golpes por

---

<sup>301</sup> NdT. Palavra turca para o oficial que servia no interior do palácio do sultão.

seus valetes. Mas se o mundo espantado lhe demanda razões para tudo isso, afirmar que Deus não existe, mas que, ao contrário, Tibério e Nero existiram, que um fez crucificar o filho de Deus, que o outro jogou aos leões seus discípulos, e que, a imortalidade da alma sendo um engodo, trata-se de se imortalizar no mundo por crimes mais do que por bons feitos, o reconhecimento sendo passageiro e o ressentimento eterno.<sup>1</sup> Breve, aceitar sorrindo passar por um porcão de Epicuro ou sê-lo; rodear-se de uma corte de sábios e de poetas, de artistas e de atores, de carrascos e de súditos próprios a todos os caprichos do momento. pois o momento é todo cheio de exigências, pois o momento é insuperável (*insurmountable*).

Ser esse senhor, é uma coisa. É já uma outra ser esse grande senhor dentro de uma cela, não ter mais do que intenções de grande senhor e saber que é precisamente por ter tido essas intenções que se encontra no presente entre quatro paredes. Com efeito restaram intenções: cogitava-se somente realizá-las? É à pena se se tentou o quinto desse admirável programa. Mas por si sós essas intenções

eram de um peso esmagador e eis que entre essas paredes, elas liberam seu insuportável segredo. Em liberdade, havia-se julgado espiritual de se nomear “supliciado na roda” (“*roué*”): e no entanto, era aos Damiãos, aos Mandrin, aos Cartouche que o carrasco rompia os ossos. Na célula, nobreza obriga ainda : se nós, nós, da raça dos fortes, transgredimos as leis para a proteção do fraco, não foi retornando assim nossa própria força contra nós mesmos para dela fazermos a última experiência que o conseguimos? Ao fogo de nossas paixões que sublevaram contra nós a vontade geral, acendamos a chama da filosofia, deleitemo-nos com ela incendiando o mundo: não somos nós, nós-mesmos, já mais que um braseiro ardente? Por trás desses muros, uma revolução ruga (*gronde*): os esfomeados de ontem serão os mestres de hoje, pois é preciso que cada um tenha sua vez : mas conhecem eles somente a fome que nos devora em nossa saciedade, nós os saciados de ontem: em verdade teremos a sofrer dos novos repastados, nós-outros esfomeados de uma nova sorte! Livres, nos considerávamos como uma força da Natureza, como os agentes de suas

intenções, aceitávamos toda a vantagem que ela oferece de preferência ao forte a expensas do fraco, prontos a lha restituir assim que ela o reclamasse. Entre as quatro paredes de nossa célula, privados de nossos alquimistas e de nossos artistas, de nossos sábios e de nossos poetas, de nossos comediantes e de nossas vítimas, seremos nós mesmos alquimista e poeta, artista e sábio, carrasco e comediante, comediante e vítima. Recolocados em liberdade não teremos do grande senhor mais do que as maneiras e os gostos, não teremos do grande senhor mais do que a má consciência, pois não seremos mais do que consciência e seremos a consciência ela mesma.

Tanto e tão bem que com essa consciência é menos possível gozar de uma existência aparentemente impune que viver, a título de punição dando direito às intenções inconfessáveis, viver confundido na turba de seus contemporâneos conservadores ou democratas, todos igualmente preocupados em acumular riquezas pretendendo, ao mesmo tempo, organizar o progresso social, a unidade nacional e o Império, viver entre eles não

tendo para deles se distinguir mais que essa nobre má consciência que herdamos, o único bem que tenhamos herdado, se é verdade que filosofar é obedecer às leis de um atavismo de ordem superior : essa nobre má consciência que nutre a constatação escandalosa que fizemos: o mundo moderno se envilece por seguimento da ausência de escravos. Constatação que custa caro àquele que está só a suportar as conseqüências que é o único a tirar de sua constatação.

Aceitar nessas condições uma cátedra de filologia na universidade de Basileia, é tomar o mais prudente incógnito, pois a que tende o exercício de uma atividade intelectual ou científica senão a satisfazer antes de mais nada a curiosidade nativa do indivíduo que somos. A satisfazê-la a expensas mesmo do meio social ao qual devemos nossos meios de conhecimento.

E é assim que amaríamos “conduzir o adolescente à Natureza e lhe mostrar por toda parte o reino de suas leis: depois as leis da sociedade burguesa. É então que a questão não deixaria de se fazer escutar: era preciso que fosse assim? E pouco a pouco o adolescente teria precisão de história para aprender como se veio ao

estado presente. Mas aprendendo assim a história, aprenderia também como ele mesmo teria podido devir outro. Qual é a potência do homem sobre as coisas? Tal deveria ser a questão inicial de toda educação. E então para mostrar como teria podido ser totalmente outramente nesse mundo, evocaríamos o exemplo dos Gregos, depois, aquele dos Romanos, para mostrar como se veio até onde estamos”.

Mas quem pretende assim do alto de uma cadeira de filologia aniquilar a autoridade de dois mil anos, vê bem-cedo os mais simpatizantes de seus colegas se afastarem á sua passagem, vê seu grupo de alunos se dispersar, arrisca dilapidar o melhor de si mesmo no vão esforço de marcar a jovem geração com seu próprio destino.

Pois está aí suportar um destino incambiável, — e mais teria valido talvez não ter nascido, — sentir um dia que o criador não mais criou esse dia como os dias precedentes; que não se saiu mais de suas mãos ao despertar; que não se é mais do que a espuma do nada sonhador (*songeur*); e que o mundo agora periclita a

olhos vistos desde que as veias divinas se dessecaram : tudo o que se vê, tudo o que rodeia você, parece o cadáver do Criador; ou bem, batido de torpor, prova-se os limites de um verme enclausurado sobre esse cadáver; com ele o mundo exangue se decompõe e se encontra a felicidade de um verme na decomposição eterna do infinito cadáver de Deus; ou bem, atormentado por uma piedade clarividente, tem-se a força de se reconhecer na incomensurável carniça e de dizer: sou eu! sou eu! sou eu que sofro as injúrias da vermínia!

Tal é a impudência daqueles que viram o Criador em seus últimos instantes. Tal é também o seu único remédio. Que lhes resta do mundo, subtraído a suas impulsivas investigações, subtraído a seu insaciável amor, que lhes resta do mundo que decompõe por seu trabalho essa raça de laboriosos impotentes, doentes de não poderem possuir o mundo á medida do mundo? Resta-lhes ainda a Natureza, sua própria natureza. A Natureza, diz-se, é o objeto da pesquisa científica. O homem que se considera como um produto da Natureza, enquanto Sábio se compreenderá então nessa pesquisa: e

será a Natureza estudada pela natureza e nele a serpente que morde a própria cauda encontrará sua satisfação. Mas eis o que precisamente inquieta a Sociedade que não ama os homens-serpentes. No curso de sua freqüentação da Natureza, o pesquisador descobre em cada reino modos de existência e modos de gozo, modos de potência e modos de adoração que são tantas sugestões e tantas inspirações; a Sociedade conta com o pesquisador para ser prevenida : suas sugestões são apropriadas a manter a vida da comunidade ou podem elas prejudicar a manutenção da ordem? Para poder cultivar as ciências sem perigo, a Sociedade exige do Sábio não ter segredo com a Natureza. Ela exige dele que se considera como a Natureza estudada pela natureza, que queira respeitar a linha de demarcação que separa a Natureza do Sábio.

Mas aquele que assistiu o Criador em seus últimos momentos, que viu os membros divinos presa da vermínia, que se sentiu como o sofrimento póstumo de Deus e que sepultando Deus, perdeu o mundo, não tem mais contas a prestar à Sociedade, não conhece mais linha de demarcação

entre a Natureza e ele mesmo, franqueia essa linha e, desesperando de criar jamais, se metamorfoseia de Sábio que era em Natureza sábia, e não é senão um último vestígio de pudor e modéstia verdadeiramente exagerada, não é senão um respeito demasiado por sua mãe, sua irmã e seus contemporâneos, se mantém o exterior conveniente, grave e pacífico de um professor.

Pierre KLOSSOWSKI



## DUAS INTERPRETAÇÕES RECENTES DE NIETZSCHE

I. - Karl JASPERS, *NIETZSCHE, EINFUEHRUNG IN DAS VERSTAENDNIS SEINES PHILOSOPHIERENS*. - Berlim, 1936.

A única obra dando uma representação de conjunto da vida e do pensamento de Nietzsche era até hoje a de Charles Andier. Andier determinou na quadratura de sua própria inteligência das coisas o movimento do pensamento nietzscheano: sua interpretação vale mais ou menos o que vale uma tal inteligência. Na medida em que está impregnada pelo hegelianismo e pela sociologia francesa, ela projeta sobre o sistema de Nietzsche uma luz inabitual; na medida em que é aquela de um professor menos propenso aos perigos da angústia filosófica que às tranqüilas exposições de história literária, ela aplaina... A obra de Jaspers responde a um plano análogo àquele de Andler, mas ele acrescenta a esse novo "manual" todo o interesse que toca à personalidade de Jaspers, um daqueles que devolvem vida hoje à grande filosofia alemã. Porque é um filósofo da tragédia, foi possível a Jaspers entrar na filosofia de Nietzsche, seguir seu

movimento contraditório sem jamais reduzi-lo a concepções já feitas. A inteligência livre de Jaspers segue mesmo a vida com uma fidelidade tão constante que culmina naquilo que pode devir o princípio de uma elusão das conseqüências: às exigências nietzscheanas formuladas na febre, Jaspers não responde senão relançando-as a possibilidades vagas: "nada nos é dado acabado mas somente na medida em que o conquistamos", afirma ele. Como evitar provar uma vez mais diante de uma tão bela frase o tácito encabeçamento (*teimosia*) humano que recusa ao pensamento a possibilidade de ser exprimido por atos, em vez de glosas.

Mas com o domínio político, estando dado que aí não se visam os problemas últimos mas meios termos, a vontade de não estar ligado e a mobilidade da análise se revelam, só elas, aptas a captar uma atitude desconcertante. A exposição de Jaspers quebra enfim as molduras preestabelecidas em que se tentava fazer entrar mutilando-a, a "política" nietzscheana. Uma passagem significativa dessa exposição marca talvez melhor que

qualquer outra consideração a distância que separa Nietzsche da interpretação fascista<sup>1</sup>.

“Aquilo pelo que Nietzsche se distingue dos outros pensadores políticos é a ausência nele dessa delimitação nocional da política que os caracteriza todos. No mais das vezes, eles a conceberam seja num sentido teológico e transcendental em relação a Deus e à transcendência, seja em relação a uma realidade específica do homem. O pensamento político pode, por exemplo em Hegel, se cumprir no projeto da totalidade existente ou em devir; é então que este pensamento, enquanto todo sistemático, é a expressão de uma realidade fatural e, em particular, justificação e exclusão, seu conteúdo sendo a consciência da ambiência existente. Ou bem esse pensamento, em Maquiavel, pode se desdobrar a partir de realidades particulares e de sua significação quanto às leis próprias à potência; é então que são elaborados tipos de situações e regras de comportamento, seja no sentido de uma técnica política, seja referindo-se imediatamente a um agir

surgido da vontade de potência, da presença de espírito e da coragem, agir que não poderia ser racionalizado de uma maneira definitiva. Nietzsche não se engaja em nenhum desses caminhos, não fornece nem um todo sistemático à Hegel, nem uma política prática à Maquiavel, mas seu pensamento procede de uma preocupação que abraça a condição do homem mesmo, do ser do homem, sem estar (ainda ou já) em posse de uma substância integral. Ele estabelece a origem do acontecimento político, sem mergulhar metodicamente nas realidades concretas particulares do agir político, tal como se manifesta todos os dias na luta das potências e dos homens. Ele quer engendrar um movimento despertando os últimos fundamentos (últimas causas) do ser do homem e constranger por seu pensamento os homens que o escutam e o compreendem a entrar nesse movimento, sem que o conteúdo desse movimento tenha já recebido uma determinação estadista, populista (*völkisch*), ou sociológica qualquer. O conteúdo que determina todos os julgamentos, é bem mais, em Nietzsche, a atitude “integrante” em relação ao todo do ser, não é mais somente política, mas é filosofia por meio

---

<sup>1</sup> J. Wahl, no artigo publicado mais acima dá um outro exemplo das exposições de Jaspers.

da qual, na abundância do possível, sem princípio racional, o contrário e o contraditório podem ser tentados — tentativa que obedece unicamente ao princípio da salvação e da gradação da condição humana.”

“Comparado às grandes construções tradicionais das ciências políticas e da filosofia da História, o pensamento de Nietzsche deve, por conseguinte, se recusar a todo método dedutivo como a toda determinação nocional. No entanto, ainda que seu conteúdo escape a uma interpretação determinada, ele provoca a criação de uma atmosfera coerente. Tal uma tempestade, esse pensamento pode agitar a alma; mas devém incapturável tão logo se o queira adstringir ao estado de forma e de noção clara e definitiva. Na medida em que o pensamento de Nietzsche tende a criar essa atmosfera, ele evita tudo o que poderia ter a aparência de uma doutrina. As possibilidades as mais diversas são postas à prova com uma igual veemência, sem serem reunidas num só fim unívoco. O nocional aí jamais pretende ser a expressão de uma verdade tornando-se condição existente. Ele parece se oferecer como um meio de uma labilidade

(*souplesse*) infinita, a serviço de uma vontade de pensamento dominatriz, que não está fixada a nada. Fazendo isso, este pensamento atinge na formulação um máximo de potência sugestiva. Só quem sabe identificar essa potência de expressão com a faculdade de metamorfose, se apropria do sentido desse pensamento.”

“Como é impossível fazer do pensamento político de Nietzsche um sistema racional sem que se destrua do mesmo golpe o pensamento nietzscheano propriamente dito, a particularidade desse pensamento “querente” não pode devir sensível em sua determinação (de direção) vivente e não, nem um pouco, nocional, senão pela busca dos fatores ‘contraditórios’ que aí são manifestados”.

II - Karl LOEWITH, NIETZSCHES PHILOSOPHIE DER EWIGEN WIEDERKUNFT DES GLEICHEN. - Berlim, 1935.

Para acabar de uma vez por todas com os modos de interpretação que nos apresentam Nietzsche “como o apóstolo do individualismo desenfreado, o criador de um realismo heróico ou de uma doutrina orgiástica”, Löwith se propõe a

caracterizar o princípio fundamental da totalidade escondida da doutrina nietzscheana sob sua forma aforística.

A situação atual da filosofia exigia o restabelecimento da necessidade verbal. Ela arrastava Nietzsche a romper com a velha sistematização do décimo nono, a se exprimir através dos meios os mais imediatos, logo a fazer prova do modernismo o mais ultraísta: e assim fazendo, essa mesma situação o constringia simplesmente a um retorno, à forma necessariamente a mais fortuita e por conseguinte a mais original, a mais antiga do pensamento. É então um erro não ver, segundo um critério científico, mais que uma mistura de *aperçus* científicos e de visões poéticas em sua filosofia. É ao critério pré-socrático que é preciso voltar para constatar esse traço essencial: Nietzsche se lembrando da original unidade da verdade e da ficção na linguagem sentenciosa da antigüidade.

Esse princípio do lembrar (*ressouvenir*) que se manifesta até na necessidade de expressão, preside a toda evolução nietzscheana e Löwith nos mostrará como a odisséia de sua consciência não tem por fim mais que a reentrada no porto de sua primeira juventude.

Löwith consagra a esse princípio do retorno sobre si-mesmo a parte central de sua obra, assim dividida :

1) Liberação em relação ao TU DEVES cristão para atingir o EU QUERO do supra-niilismo.

2) Liberação em relação ao EU QUERO para atingir o EU SOU da super-humanidade no retorno eterno.

Substituindo o EU QUERO ao TU DEVES, a alma nietzscheana efetua a perigosa conversão da fé no velho Deus que está, no presente, morto, e do qual essa alma se considera o assassino, na vontade do nada, pois a liberdade recobrada pela morte de Deus exige que o homem queira o nada antes que renunciar a toda vontade. Mas por este querer o nada que é o *non-sens* do mundo sem finalidade, o homem sobrepujará esse *non-sens*, pois ele terá simplesmente querido o que tinha sempre sido e o que sempre será : sobrepujar o *non-sens*, é então querer o eterno retorno que absorvendo o EU QUERO transitório trará a afirmação do EU SOU. O pivô desse movimento cíclico é esse evento terrível e misterioso que é a morte de Deus, experiência crucial de Nietzsche.

Do ponto de vista teórico, Hegel concebia “a morte de Deus como uma sexta-feira santa especulativa”, Feuerbach desenvolvia um “ateísmo pio”, todos dois acomodavam as conseqüências de um acontecimento que para Nietzsche tinha toda extensão de um cataclisma incomensurável : da morte de Deus nascia o super-homem. Mas não era também a ressurreição de um “novo e muito antigo Deus”? A Nietzsche a morte de Deus se revela em sua experiência “iluminada”, se poderia dizer, d’ “esses instantes que parecem caídos da lua, esses instantes em que não se sabe mais o quanto se é idoso e quão jovem se será ainda... Não duvido que existam várias sortes de Deuses...” Palavras em que Löwith reconhece um instinto criador de divindades. É com efeito num desses instantes que lhe vem a idéia do retorno eterno, é num desses instantes que ele encontra Zaratustra, que devém ele-mesmo a sombra de Zaratustra, é num desses instantes que ele se prova como o assassino de Deus, e será num parêntese instantâneo que ele sofrerá essa transformação dupla e definitiva : em Nietzsche-Dionysos e Nietzsche louco. Löwith, ao longo de todo seu livro, se

esforça em pôr muito judiciosamente em relevo esse perturbador equívoco inerente tanto à pessoa de Nietzsche quanto à sua doutrina — equívoco que Nietzsche se compraz em sublinhar ele-mesmo quando se apresenta em *Ecce Homo* como a encarnação da decadência e da ascensão (*essor*). E Löwith se esforçará para tornar sensível essa defasagem (*décalage*) entre Nietzsche e Zaratustra, entre Nietzsche louco e Dionysos, e para demonstrar como dessa defasagem procede a cisão nocional que traz à luz um estudo racional da idéia do eterno retorno. Tanto e tão bem que a doutrina adquiriria um valor positivo segundo o grau de identidade entre Nietzsche e Dionysos.

Querer viver todo instante de tal sorte que se possa desejar revivê-lo ao infinito — esse imperativo do eterno retorno, o único autêntico da vontade de potência tão falsamente interpretada até esse dia, constitui de fato a nova responsabilidade que o homem deve assumir pelo fato da morte de Deus, e confere um novo peso à existência humana. O tempo do retorno eterno, remarca Löwith, não é pois aquele da “eterna presença” do círculo vicioso, mas o tempo futuro de uma finalidade que libera do peso do passado pela vontade do

porvir. A eternidade é bem a finalidade querida por uma vontade sempre renovada de eternização de si-mesmo como fatos e coisas da existência. Está aí a hora do grande meio-dia, quando a vontade do porvir se afirma e trata-se de decidir no sentido do super-homem ou do sub-homem.

Ora, a contradição interna entre o imperativo ético : querer viver todo instante de tal forma que se possa desejar revivê-lo ao infinito — e a noção mesma da necessidade do retorno eterno aparece desde que Nietzsche afirma: “O fato de suportar nossa eternidade (no eterno retorno) — seria a coisa suprema.” Pois mesmo se não nos acontecesse de desejar reviver nosso passado vivido, não conseguiríamos escapar à necessidade de revivê-lo eternamente! E a objeção de Löwith poderia se formular assim : trata-se menos de uma vontade ética que nos faria captar o verdadeiro da totalidade no momento fortuito, que uma tomada de consciência de nossa irresponsabilidade. Enquanto existência não suportamos não ter parte alguma em nossa “factualidade” passada, e queremos por conseguinte ser responsáveis por nossa existência enquanto vontade, ainda que não

possamos sê-lo enquanto existência pura e simples. Só por conseguinte, uma concepção da eternidade cíclica pode conciliar o querer nietzscheano e a necessidade realizada pela razão nietzscheana. Nesse momento, diz Löwith, constata-se na doutrina ora a expressão de uma inspiração, ora aquela de uma decisão.<sup>1</sup> “Uma decisão que no extremo limite da liberdade prefere querer o nada a não querer, e uma inspiração na qual o ser se dá ele mesmo no revelado, formam junto o acesso problemático á dupla verdade de Nietzsche, verdade que enquanto doutrina do niilismo superado por ele-mesmo, é seu “Credo quia absurdum”. Esse “quia absurdum” procede diretamente da maior ou menor identidade, da maior ou menor defasagem entre o filósofo atingido pela loucura e seu Deus. “A verdade inspirada no acaso necessário do discurso parabólico de Zarathustra, profecia do eterno retorno, nos reconduz à verdade equívoca da loucura. Só se a forma suprema do ser, Dionysos, falasse através do filósofo representando o papel de Deus — o qual transporia no mesmo golpe a realidade temporal do filósofo — é que o ser ele-mesmo falaria através de sua filosofia dionisiana, a qual transpõe o

aspecto real do ser. Mas como decidir se Nietzsche era a pessoa de um Deus ou o ator de seu próprio ideal?..." Assim o conteúdo de experiência irreduzível e necessária que a força poética unificatriz da parábola zaratustriana chegava a dar como um todo coerente se desagrega em fragmentos e em elementos fortuitos, pretende Löwith, tão logo Nietzsche queira traduzir nocionalmente esse elemento em doutrina.

Vê-se que as considerações de Löwith estão bem próximas da análise patológica: e no entanto elas não apresentam mais que o aspecto puramente nocional do conflito. Isso sem dúvida para poder mais folgadamente estabelecer uma relação sutil mas altamente sedutora entre Nietzsche e dois outros pensadores contemporâneos, essencialmente diferentes um do outro, Kierkegaard e Marx. E isso permitirá a Löwith que, ademais, expôs notavelmente a situação em que se achava a consciência ocidental desde Hegel<sup>1</sup>, atrair a atenção sobre os três aspectos que toma a alienação do homem em relação a si mesmo e em relação ao mundo, alienação que forma o

conteúdo das diferentes experiências kierkegaardiana, marxista e nietzscheana. "Cada uma delas, observa Löwith, tende a se resolver pelo paradoxo : em Kierkegaard, pelo "salto" do fundo da doença mortal para a fé; em Marx, pela idéia da alienação do homem pelo homem na produção econômica devendo se converter numa recuperação da integridade humana; em Nietzsche enfim, pela conversão do niilismo europeu na crença no retorno eterno. Os três esforços não diferem mais do que pelos meios, eles têm a mesma origem e tendem para a mesma finalidade: a recuperação do mundo perdido. Recuperação da cristandade em Kierkegaard, da humanidade em Marx, da antigüidade mítica em Nietzsche. Pode-se melhor compreender sua pretensão a pôr um termo ao Cristianismo, sublinha Löwith, hoje que Estados inteiros combatem publicamente a fé cristã, quando se sabe que até então alguns indivíduos apenas conduziam essa luta abertamente. É importante captar que, para Nietzsche trata-se de renegar o Crucificado não para se livrar do sofrimento mas para consentir neste no culto dionisiano. A morte do Deus

---

<sup>1</sup> Cf, Les recherches philosophiques, anos 1935 e 1936.

cristão condiciona a ressurreição de um Deus da antigüidade e os conflitos europeus que anuncia Nietzsche, as guerras que ele profetiza devem ser compreendidas como *guerras de consciências, guerras de religião, guerras espirituais*: elas preencherão a era da *grande política*. Mas antecipando o porvir, Nietzsche não faz mais do que buscar a saída do *Labirinto construído por dois milênios*, ele sabe que essa saída é idêntica à entrada : o Cristianismo primitivo que em nosso mundo moderno representa em parte um “bocado de antigüidade” mítica; franqueando a soleira dessa única saída do labirinto, é dizer, transgredindo o Cristianismo assim como o mundo atual se apressa em fazer, a humanidade refazendo em sentido inverso a decadência greco-romana, volta à era trágica da Grécia, momento que será marcado pela aparição de *Contra-Alexandres* que reatarão o nó górdio, ontem cortado, da alma helênica dispersada a todos os ventos. É assim que a figura de Nietzsche vai se confundir com sua imagem de Heráclito, sua idéia do eterno retorno com a noção do jogo na necessidade. O ser de toda coisa existente não aparece mais, desde então, como a

punição do que deveio, mas como a justificação do devir que inclui o aniquilamento. Mas se Heráclito não conhece imperativo ético, se “a obrigação de reconhecer o Logos, porque se é homem, não existe para ele, mas lhe importa muito mais saber porque existe água, porque terra?” — se a mesma lei imanente aos elementos rege a seus olhos o homem o mais nobre como o mais baixo — é que Heráclito representa ainda o homem que é desse mundo, que pode querer a necessidade, — enquanto que Nietzsche é o homem que não vive mais que no mundo alienado pelo cristianismo e relativizado pelas ciências, e para quem, por conseguinte, a necessidade de querer existe fatalmente como princípio ético. A posição perdida que implica essa necessidade de querer é exatamente aquela que ocupa Nietzsche, segundo Löwith, “no cume da modernidade”. Reconhecendo, querendo a morte de Deus, ele espera que dessa vontade negatriz, ressuscite o mundo tal como foi antes de devir o aqui-embaixo em relação ao além. Cristóvão Colombo da filosofia, Nietzsche se vai à redescoberta da Índia helênica pela rota ocidental que abriu o niilismo cuja forma extrema, ensinada pela



doutrina do eterno retorno, representa um budismo europeu, este aplicando toda energia humana a negar que a existência tenha uma finalidade. *“Niilismo, sintoma de que os desfavorizados da sorte não têm mais consolação: de que eles destroem para serem destruídos, de que, liberados da moral, não têm mais motivos para se entregarem, — de que eles se colocam sobre o terreno do princípio oposto e querem, por seu lado, potência, estrangendo os potentes a serem seus carrascos. Tal é a forma do budismo europeu, do “Fazer-não”, da ação nadificante, depois que toda existência perdeu seu sentido,”* A ação nadificante não será entretanto mais que a condição preliminar para a adesão à totalidade do ser. Como Nietzsche se libera ele-mesmo de sua vontade do nada? Como efetua ele a passagem do *Eu quero* ao *Eu sou*? Reafirmando-se a si-mesmo no movimento do mundo naturalmente necessário? No ponto extremo de sua circunavegação moral, esse novo Colombo não volta para o meio dos recifes das “contradições e das atribulações de seu eu”, esses recifes sendo como “os testemunhos mais autênticos desse eu criador, avaliador e voluntário, medida e valor de todas coisas

desde que a “Medida e o meio (*milieu*)” na relação do homem com o mundo desapareceram e que o homem está lançado no seio de um universo que lhe deveio inconciliável. Nessas condições é tanto mais notável que à magia do extremo que ele sofria (*subissait*), que à idéia de tensão suprema, ele tenha oposto o ideal do mais “mesurado” que passa sem formulas extremas porque está certo de sua potência; que ele tenha podido formular a máxima: “No esforço sobrepassando o homem, encontrar a medida e o meio termo...” Enquanto que o homem antigo cujo retorno ele anuncia, se atinha a uma medida, porque era sem medida por sua própria natureza, o destino de Nietzsche foi acentuar a tensão entre a existência sem finalidade do homem moderno e o mundo desnaturalizado e relativizado, acentuar o eu quero até o eu sou, por temor de soçobrar na mediocridade dos indivíduos limitados. Situado na tensão entre o sub-homem e o super-homem, foi ele-mesmo um desfavorizado da sorte, um “Halb-Zerbrochener”, um “a meio-quebrado”, em quem se empurra o porvir. Exemplo vivo do eterno retorno, seu gênio pessoal esposava o movimento do universo cego,

todo cheio que estava da visão “da medida e da plenitude, suprema forma de uma exceção repousando nela-mesma”. Entre o sub-homem e o super-homem, ele tinha atingido “meio-dia”-o-abismo e a meia-noite profunda. P.Kl.

# NIETZSCHE



- LA VOLONTÉ DE PUISSANCE I  
*traduit par G. Bianquis . . . . .* 25 f.  
AINSI PARLAIT ZARATHOÛTRA  
*traduit par Maurice Betz . . . . .* 24 f.

*sous presse*  
La Volonté de Puissance II  
Le Gay Savoir



- THIERRY MAULNIER . NIETZSCHE . . . . . 15 f.  
DRIEU LA ROCHELLE . SOCIALISME FASCISTE  
*Chapitre I . II. Nietzsche contre Marx . . . . .* 15 f.  
D<sup>r</sup> E. F. PODACH . L'EFFONDREMENT DE  
NIETZSCHE . *Traduit de l'allemand par*  
*Andhrée Vaillant et J. R. Kuckenburg . . . . .* 15 f.

CHARLES ANDLER

## NIETZSCHE, SA VIE ET SA PENSÉE

- Vol. I Les Précurseurs de Nietzsche 35f.  
Vol. II La Jeunesse de Nietzsche (*jusqu'à*  
*la rupture avec Bayreuth*) 40f.  
Vol. III Le Pessimisme esthétique de  
Nietzsche (*sa philosophie à l'époque*  
*wagnérienne*) 35f.  
Vol. IV La Maturité de Nietzsche (*jusqu'à*  
*sa mort*) 40f.  
Vol. V Nietzsche et le Transformisme in-  
tellectuel 35f.  
Vol. VI La dernière Philosophie de Nietzsche  
(*le renouvellement de toutes les valeurs*) 40f.

G ■ L ■ M

---

PAUL ELUARD

## LES YEUX FERTILES

avec 1 portrait et 4 illustrations par Picasso 10 f

ANDRÉ BRETON PAUL ELUARD

## NOTES SUR LA POÉSIE

avec un dessin de Dali 5 f

PIERRE COURTHION KURT SELIGMANN

## MÉTIERS des HOMMES

15 textes 15 eaux-fortes 20 f

PIERRE JEAN JOUVE

## U R N E

avec un dessin de Balthus 30 f

## CAHIERS G. L. M

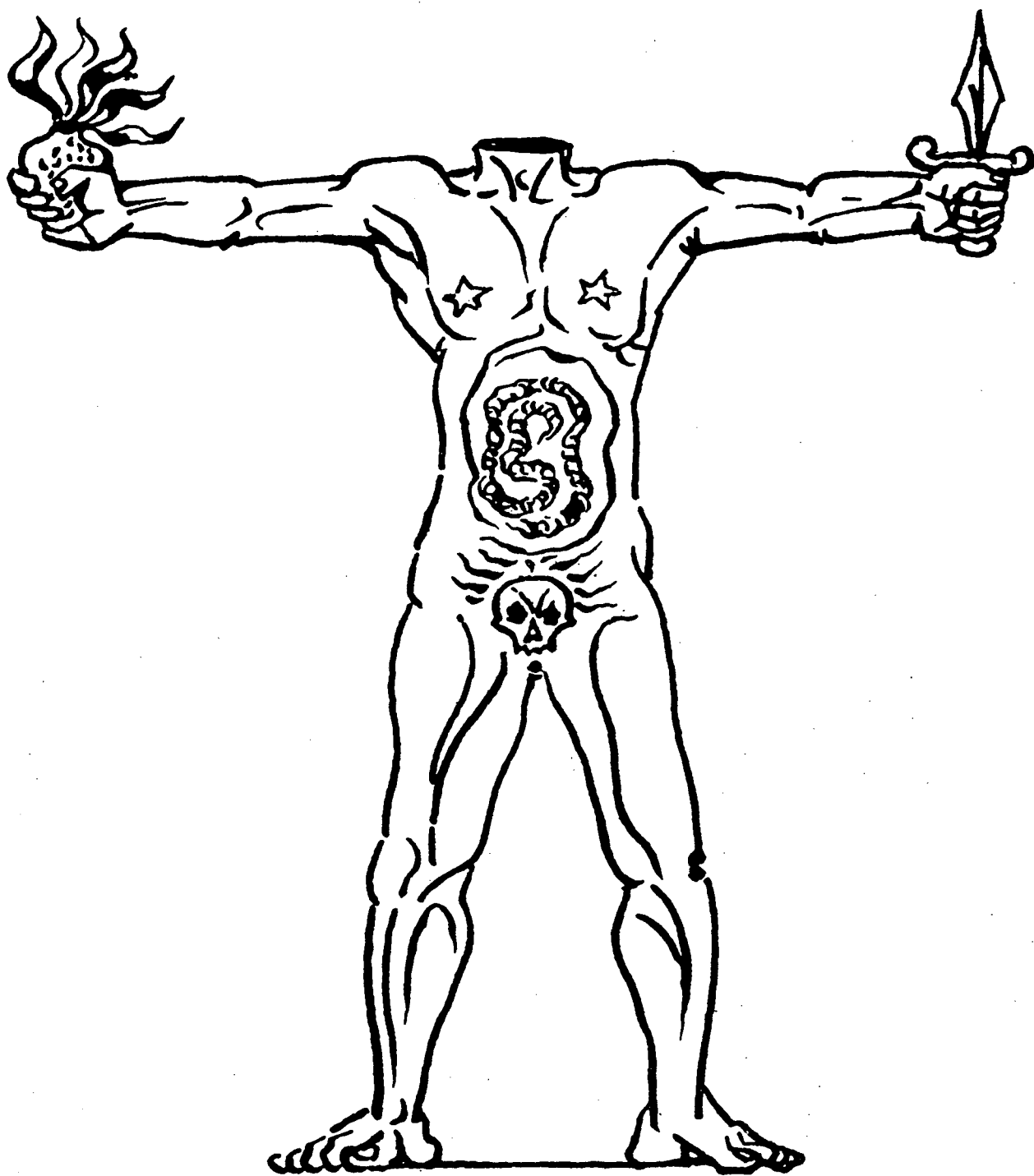
cahiers anthologiques paraissant tous les deux mois  
les 6 premiers cahiers 50 f

6 RUE HUYGHENS PARIS 14E

ACÉFALO

III – IV

DIONYSOS



# A C É P H A L É

RELIGION SOCIOLOGIE PHILOSOPHIE REVUE PARAISSANT 4 FOIS PAR AN

N<sup>os</sup> 3-4  
8 frs

*DIONYSOS*

JUILLET  
1937

PAR G. BATAILLE · R. CAILLOIS · P. KLOSSOWSKI · A. MASSON · J. MONNEROT

# CHARLES RATTON

ARTS  
DES PRIMITIFS

AFRIQUE

AMÉRIQUE

Océanie

14 RUE DE MARIGNAN PARIS VIII E

**G L M**

**1 9 3 7**

6 rue Huyghens · Paris 14



*en souscription à paraître en août 1937*

**PHILIPPE SOUPAULT**

*Poésies complètes*

( 1917 - 1937 )

Ce volume contiendra tous les recueils depuis longtemps épuisés :  
AQUARIUM · ROSE DES VENTS · WESTWEGO  
GEORGIA  
& un nombre important de poèmes inédits ainsi que les  
EPITAPHES et les CHANSONS

Un volume de 250 pages environ · tiré à 20 exem-  
plaires sur japon numérotés de 1 à 20 · prix: 200f  
et 1000 exemplaires numérotés sur vélin  
prix: 24f ou 1 dollar ou 5 shilling



*pour paraître en Octobre 1937*

**OSCAR DOMINGUEZ ... MARCEL JEAN**

**GRISOU**

*16 reproductions en phototypie de décalcomanies automatiques  
à interprétation préméditée*

LE LION - LA FENÊTRE

TEXTE D'ANDRÉ BRETON

Il sera tiré 25 exemplaires sur Japon accompagnés d'une décalcoma-  
nie originale 100f  
500 sur vélin 20f

ces prix seront majorés à la mise en vente.





G L M

*Heinrich von Kleist*

LES MARIONNETTES

TRADUIT PAR FLORA KLEE-PALYI & FERNAND MARC

12 f

*Hans Bellmer*

LA POUPÉE

10 photographies originales ·· texte traduit par R. VALANÇAY

30 f

*Paul Eluard*

FACILE

avec 13 photographies de MAN RAY

30 f

LES YEUX FERTILES

avec un portrait et 4 illustrations par PICASSO

12 f

*Man Ray*

LA PHOTOGRAPHIE

N'EST PAS L'ART

12 photographies ·· avant-propos de André Breton

18 f

*Paul Eluard & André Breton*

NOTES SUR LA POÉSIE

avec un dessin de DALI

5 f

*Pierre Jean Fouve*

HÉLÈNE

20 f



# SACRIFICES

1 Mithra . 2 Orphée . 3 Le Crucifixe . 4 Minotaure . 5 Osiris



5 eaux-fortes de  
ANDRE MASSON  
avec un texte de  
GEORGES BATAILLE

10 exemplaires sur Japon : 250f . 140 exemplaires sur Arches : 150 f

ÉDITIONS G. L. M

---

## A C E P H A L E

*Revue trimestrielle, publiée par Georges Ambrosino  
Georges Bataille et Pierre Klossowski.*

CONDITIONS DE VENTE:

Un cahier de 16 pages: 5f. Abonnement d'un an  
(64 pages) France et Belgique 15f Etranger U.P. 17f  
autres pays 20f. Le prix de l'abonnement de soutien  
( exemplaire sur normandy vellum ) est fixé à 50 f

G. L. M 6 RUE HUYGHENS PARIS 14<sup>e</sup>

*Le présent numéro est double*

*Le prochain numéro sera consacré à*

**L'ÉROTISME**



anti 23/10/02.

DIONYSOS

## D I O N Y S O S

# Toda a antigüidade viu Dionysos como o dispensador do vinho. Mas ela o conheceu também como o Frenético que faz dos homens possessos, que os leva à selvajaria, que os faz mesmo espalhar sangue. Dionysos era o familiar e o companheiro das almas dos mortos e misteriosas consagrações o nomeavam seu mestre. É a seu culto que pertencia a representação dramática... É ele quem fazia nascer as flores da primavera; a hera, o pinho, a figueira eram-lhe ligados; mas o dom mil vezes bendito da vinha deve ser colocado muito acima desses benefícios da natureza. Dionysos era o deus da embriaguez feliz e do amor extático. Mas ele era também o Perseguido, o Sofrente, o Morrente e todos aqueles que amava e que o acompanhavam deviam tomar parte em sua sorte trágica (Walter Otto, Dionysos, Frankfurt, 1933, p. 49).

# Quem é Dionysos?

O deus do êxtase e do pavor, da selvajaria e da entrega feliz, o deus louco, cuja aparição põe os homens em delírio, manifesta já em sua concepção e em seu nascimento o caráter misterioso e contraditório de seu ser.

Ele era o filho de Zeus e de uma mortal. Mas antes de tê-lo posto no mundo, esta foi queimada no fogo de raio de seu noivo celeste (Dionysos, p. 62).

# Assim como os mitos do nascimento, os mitos da aparição de Dionysos manifestam também já muito de sua essência.

Em sua concepção, o elemento terrestre tinha sido tocado pelo estalo do céu divino. Mas na associação do celeste e do

terrestre que se exprime no mito do duplo nascimento, o caráter pesado de lágrimas da vida humana não era suprimido (*levé*) mas mantido em contradição brutal com o esplendor sobre-humano. Aquele que nasceu assim não é somente aquele que grita de alegria, aquele que aporta a alegria, ele é o deus doloroso e morrente, o deus da contradição trágica. E a violência interior dessa dupla natureza é tão grande que entra como uma tempestade no meio (*milieu*) dos homens que ela terrifica e dos quais ela abate a resistência com o chicote da loucura. Tudo o que é habitual e ordenado deve saltar em estalos. A existência devém subitamente embriaguez — embriaguez da felicidade estalante, mas também embriaguez do espanto (Dionysos, p. 74).

# Quando Dionysos veio a Argos, como não queriam celebrar seu culto, ele tornou as mulheres dementes a tal ponto que elas fugiram para a montanha e dilaceraram as carnes de seus filhos recém-nascidos... Aura, amada de Dionysos, matou e devorou um de seus filhos de pouca idade... (Dionysos, p. 98-99)

# Um deus frenético! Um Deus à essência do qual pertence ser louco! Que viveram ou viram os homens aos quais se impunha o que há de impossível nessa representação?

A cara desse verdadeiro deus é a cara de um mundo. Não pode haver deus louco a menos que exista um mundo louco que se manifeste por ele. Onde está este mundo? Pode ele ainda ser achado e reconhecido por nós? Só o deus ele mesmo pode nos ajudar nessa via...

---

\* N.d.T.: *dispensateur*: generoso distribuidor.

Aquele que engendra o vivente deve se engolir nas profundezas originais, moradas das potências da vida. E quando ele revém à superfície, há um estalo de loucura em seus olhos, porque lá, embaixo, a morte coabita com a vida. O mistério original ele-mesmo é louco — o seio do dilaceramento e da unidade dilacerada. A esse respeito não precisamos apelar aos filósofos... A experiência da vida e os ritos de todos os povos e de todos os tempos testemunham. A experiência dos povos fala: lá onde nasce o vivente, a morte é/está próxima. E na medida em que há vida aquilo é vivente, a aproximação da morte cresce, até o instante o mais alto, até a feitiçaria do devir novo, quando morte e vida se chocam numa alegria louca. O turbilhão e o *frisson* da vida é profundo porque ébrio-morto. Tão freqüentemente quanto a vida se engendra de novo, a parede que a separa da morte se abre por um instante (Dionysos, p. 126-128).

# Não era somente a abundância de vida e a fecundidade que fazia do Touro uma das formas de Dionysos, mas também sua loucura furiosa, seu caráter perigoso... (Dionysos, p. 154)

# Sua lascívia freqüentemente mencionada deve ter feito do bode um dos animais dionisiacos... (Dionysos, p. 155).

## NIETZSCHE DIONYSOS

Um deus ébrio, um deus demente... As hipóteses rapidamente construídas que reconduzem toda significação ao nível da média não fizeram mais que desviar o olhar dessa representação. Mas a história testemunha de sua força e de sua verdade. Ela deu aos Gregos um sentimento de

embriaguez tão grande e tão aberto que, milhares de anos após a ruína de sua civilização, um Hölderlin, um Nietzsche podiam exprimir seu último e seu mais profundo pensamento em nome de Dionysos. E Hegel representava o conhecimento da verdade com a ajuda de uma imagem dionisíaca, afirmando que ela era “a vertigem da bacanal, na qual não há um participante que não seja/esteja ébrio” (OTTO, Dionysos, p. 50).

/ # Eis aí meu universo *dionisíaco* que se cria e se destrói eternamente ele-mesmo, esse mundo misterioso das volúpias duplas, eis aí meu “além do bem e do mal”, sem finalidade, a menos que a felicidade de ter cumprido um ciclo seja uma finalidade, sem querer, a menos que um anel tenha a boa vontade de girar eternamente sobre si-mesmo e sobre nada de outro que si-mesmo em sua própria órbita. Esse universo que é o *meu*, quem pois é assaz lúcido para vê-lo sem desejar perder a vista? Assaz forte para expor sua alma a esse espelho? Para opor seu próprio espelho ao espelho de Dionysos? Para propor sua própria solução ao enigma de Dionysos? E aquele que disso fosse capaz não deveria ele fazer *ainda mais*? Noivar com o “ciclo dos ciclos”? Jurar seu próprio *retorno*? Aceitar o ciclo em que eternamente se abençoará a si-mesmo, se afirmará a si-mesmo? Com a vontade de querer todas coisas de novo? De ver revirem todas as coisas que foram? De querer ir a tudo o que deve um dia ser? Sabem vocês agora o que é o *mundo* para mim? E o que quero quando quero esse *mundo aqui*? (NIETZSCHE, Volonté de puissance).

# Quando da festa do Asno, no Zaratustra, é dito expressamente que o assassino de Deus não é somente

culpado da morte de Deus, mas também de sua ressurreição sob uma forma nova : pois entre os deuses, a morte não é mais que um pré-juízo, eles não fazem mais que se despojar, mas não morrem e não se saberia jamais prever “quantos novos deuses serão ainda possíveis”. Com efeito : “quase dois mil anos se escorreram e nem um só novo deus!” O papa, privado de Deus pela morte deste último, vem adorar o novo deus sob a forma travestida de um asno. Esse asno, do fundo de sua sabedoria escondida, dionisiaca, não diz jamais: Nein (Não), mas sempre : I-A (Ja : Sim). O Homem-o-mais-feio oferece vinho ao asno, pois Dionysos é um deus de vinhateiros; e todos os personagens do Zaratustra se ajuntam solenemente em torno do asno divino. Da mesma forma, o Viajante e sua Sombra, o profeta do Nihilismo, todos esses homens superiores do desespero adoram o asno abençoante; pois sua (deles) vontade superior do nada se vê liberada no asno afirmador e com sucesso chegada (*parvenue*) à forma suprema do ser se querendo ele-mesmo. Zaratustra, o “mais pio dos ateus”, devém ele mesmo Zaratustra-Dionysos em nome do qual Nietzsche cumpre a última transformação que o faz passar do princípio heróico do EU QUERO ao princípio “idêntico aos deuses” do EU SOU. Idêntico aos deuses, esse princípio o é porque através dele devém fácil (*aisé*) aquilo que parecia penoso anteriormente. “Os deuses vivendo com ligeirice : está aí o embelezamento supremo devolvido ao mundo; nesse sentimento, quanto a vida é difícil de viver” LÖWITH, Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkunft des Gleichen, Berlin, 1935, p. 55).

#Ariadne, o labirinto, o Minotauro, Teseu e Dionysos, todo esse domínio mítico, Nietzsche não cessa de a ele revir sem



cessar sob uma forma enigmaticamente ambígua, cada vez que quer indicar o último segredo da verdade : que a verdade é a morte...

O labirinto cujos dédalos não oferecem saída e que reserva a destruição pelo Minotauro é a finalidade e o destino do pesquisador. Aquele que ensaia a absoluta independência do conhecimento, sem a isso ser constrangido, prova por esse feito uma audácia desencadeada. Ele se entrega a um labirinto, multiplica por mil os perigos que a vida comporta por si só, e dentre os quais não é o menor que ninguém veja com seus olhos como e onde ele se desgarra e se isola, para findar por ser despedaçado por algum Minotauro das cavernas da consciência. No caso em que um tal pesquisador sucumba, isso se produz tão longe de toda a compreensão humana que os homens não o sentem nem podem compadecer — e ele não pode de lá revir...

A verdade... conduz ao interior do labirinto e nos entrega à potência do Minotauro. O sujeito do conhecimento tem ainda por esta razão uma totalmente outra finalidade: um homem labiríntico não busca jamais a verdade, mas sempre sua Ariadne — o que quer que ele possa dizer. A busca da verdade arrasta em direção àquilo que lhe é outro, o que é em si-mesmo como verdade, mas nenhuma das verdades que são tomadas em tanto que verdade. O que é Ariadne, Nietzsche não o disse ou não o “pôde” dizer.

E no entanto ela-mesma redevém para ele a morte...

Nietzsche em tanto que é Dionysos devém a verdade que abraça de uma só vez vida e morte, verdade do fundo da qual ele diz desde então a Ariadne : “Eu sou teu labirinto”. Dionysos é ele a verdade lá onde o obscuro em tanto que



André Delly

pertencente ele-mesmo à verdade libera a verdade e a sobrepuja porque as peripécias paradoxais da busca da verdade se encerram dentro do círculo do vivente num ser que então somente — em Dionysos — é o verdadeiro? Toda compreensão para toda experiência propriamente dita do que Nietzsche não diz mais, pára aqui (JASPERS, Nietzsche, *Berlin*, 1936, p. 201-202).

# Tão inumeráveis quanto tenham sido os traços que é possível perceber nesse mito, para Nietzsche não se trata de compreender esse mito, não se trata senão da escolha consciente de um símbolo que lhe parece útil para sua própria filosofia. Eis porque Dionysos é alguma coisa essencialmente outra que o mito antigo, alguma coisa que no fundo devém sem jamais tomar forma.

Dionysos é antes de mais nada o símbolo da *embriaguez* “na qual a existência festeja sua própria transfiguração”. “Quando floresceram o corpo e a alma gregos... nasceu esse símbolo carregado de mistérios... Aqui é dada a medida comum, em vista da qual tudo o que se arrastou depois, foi estimado curto demais, pobre demais, estreito demais : — que se pronuncie somente a palavra Dionysos diante dos melhores nomes e das melhores coisas modernas, diante de Goethe por exemplo, ou diante de Beethoven, ou diante de Shakespeare, ou diante de Rafael : e de um golpe sentimos que nossas melhores coisas e nossos melhores instantes são julgados, Dionysos é um juiz! (16, 388).

-Dionysos é ainda por cima o contrário do Cristo, é a vida trágica oposta à vida aos pés da cruz : “Dionysos contra o crucificado”. Esse contrário *não é* : uma diferença quanto ao martírio, — mas o sentido deste é diferente.. o problema que



andy d'apoz

se coloca é aquele do sentido do sofrimento: ou o sentido cristão, ou o sentido trágico. No primeiro caso ele será a via de um ser santificado; no segundo caso o ser comporta o bastante de santidade para justificar uma vida temível (*redoutable*) de sofrimentos. O homem trágico aprova ainda o sofrimento mais áspero : ele é assaz forte, pleno, divinizador para isso; o cristão nega o lote o mais feliz sobre a terra... O Deus na cruz é a maldição sobre a vida, o conselho de dela se liberar; — Dionysos posto em pedaços é uma conjuração da vida : ela renasce eternamente e revirá eternamente da destruição (16, 391).<sup>1</sup>

Diante da figura evanescente desse Deus a concepção indeterminada de Nietzsche se acaba — como precedentemente seu pensamento — “por uma Teodicéia, é dizer, por uma aprovação absoluta do mundo — mas pela mesma razão por que se o havia desaprovado até então”(16, 372).

Entretanto Dionysos não poderia jamais ser um Deus ao qual se endereçam preces, ao qual se consagra um culto. Ele é no fim das contas, o “Deus que filosofa”(14, 391). Ele tem todas as particularidades do novo filósofo que Nietzsche vê vir, ou que sente ser ele-mesmo: ser o “deus tentador” e o “grande equívoco”. Nietzsche tem consciência da estranha novidade de um parêntese símbolo : o simples fato de que Dionysos é um filósofo, e de que por conseguinte os Deuses também filosofem, me parece uma novidade.

A auto-identificação de Nietzsche com Dionysos ainda escondida na frase : “eu sou o último discípulo e iniciado do deus Dionysos”, ele a cumpre faturalmente ele-mesmo no início da loucura. (JASPERS, Nietzsche, p. 330-332)

# DIONYSOS FILÓSOFO

*Esteja tranqüilo: eu sou Deus! tomei esse disfarce*<sup>302</sup>

Nietzsche é um feroz legislador — sem cidade. Um criador de religião que em torno dele não vê — ninguém. Essa crucificante ausência se faz poesia no *Zaratustra*.

Deus dispõe. A Deus vat. Mas Deus é/está morto. É preciso pois pousar à essa sucessão vacante uma candidatura que arrisque prevalecer. “A inocência do porvir” estando restabelecida, a maior liberdade possível se oferece a quem é assaz potente para tomá-la. Que se peça então contas a esse demônio e não se obterá em resposta senão o rir o mais feliz.

O poder existe, arbitrário. É uma graça que é *dada*. O poder é a força sagrada de que não pode haver razões, pois que as razões são/estão após ela, não antes. Abaixo, não acima. Como a busca

da presa alimentar ou sexual, a cômoda “tendência a perseverar em seu ser”, a bem conhecida “luta pela vida”, o poder move os homens. O universo humano se comporta como um jogo de campos magnéticos. Os homens se atraem, se repelem, se agregam aqui como grãos de limalha, lá fogem uns dos outros como bolinhas de mercúrio. A atração sexual talhada (*tranchée*) e brutal, só ela ou quase, tem direito de cidadania nas explicações e nos discursos. Mas, margem desmesurada das investigações recomendadas e dos extravasamentos admitidos, e pelo lado de dentro mais próximas que eles-mesmos de seu real objeto, profundos e possantes movimentos de atração e repulsão perseguem um curso labiríntico, ora quebrado como por jogo, ora sinuoso e contínuo assim como um grande

<sup>302</sup>Nietzsche louco citado por Andler, em *Maturité de Nietzsche* (Maturidade de Nietzsche).

sistema. É possível ver, num grupo de crianças, a maior parte dentre elas orientar, inflexionar, entortar (*gauchir*) sua conduta de maneira a prazer ou desprazer a alguns que não são necessariamente os mais favorecidos pela classe (*rang*), a fortuna e o espírito. Os refratários representam (*jouent*) aqui o papel de exceções que confirmam a regra. Em tudo aquilo que simula, mesmo à maneira de um eco longínquo, a estrutura de um clã, certos seres têm o poder de mobilizar a afetividade humana. Atraindo os raios do amor, do ódio, do medo, eles são aqueles a quem alguma coisa acontece; eles retêm ou caçam, provocam a mais vida, dão gosto à existência, se deslocam num ar que nutre as paixões e não conhecem indiferentes. É arriscado, mas tentador, buscar analogias entre a noção de um tal poder e aquela de *mana* que Frazer evoca tão felizmente em *As origens mágicas da realeza*. Ninguém duvida, a mais banal conversação testemunha, que o dom de comandar, o dom de hipnotizar,

aquele de provocar o amor *participam* uns dos outros, se fundem e se confundem quando a temperatura afetiva a isso se presta; e se pronunciam as palavras "loucura", "doença", "intoxicação", "charme", "possessão", "enfeitiçamento" (*"envoûtement"*). Por recursos (*ressorts*) secretos, a injustiça, mesmo através das malhas dos regimes que substituem o mais ostensivamente falsas desigualdades às naturais, rege as relações humanas, cumula de dons o dotado, desgraça o desgraçado. Que esses fatos de poder, esses fatos sagrados sejam assunto (*sujets*) de literatura, não objetos de ciência, é preciso deplorá-lo ativamente. A luta das classes, as lutas pela vida, os conformismos de grupo podem bem se enrijecer e pesar de todo seu peso (*lourdeur*) sobre os fenômenos de poder, eles se revelam impotentes para anulá-los e esses "fatos sagrados" ora opõem aos outros fatos surdas resistências, ora lhes infligem exemplares xeques.

Certamente, “a supremacia do mandarim não significa jamais nada de bom”, sem dúvida, a ciência duramente adquirida não confere o poder vivente; mas se ela não o serve, ele se deteriora (*gâte*) hoje. Sigamos essa luminosidade (*lueur*) no dédalo nietzscheano.

A potência de dispor do homem, não aquela que tenta ganhar alguns dias, mas aquela que lança os dados da história sobre o tapete dos séculos, Nietzsche quer que ela seja *reintegrada*, para além da utilidade, o tédio, as mecanizações, *num ciclo cegante de fatos profundamente naturais*: entre o amor, a vida despendida com fasto, oferecida com fervor, a dança diante da força e diante da beleza, o magnetismo humano e os enfeitiçamentos naturais, a primavera e a morte. O “criador cesariano da cultura”, que, escultor, *tem o tempo* de esculpir a matéria humana, este é o arauto do poder, que não é uma coisa que se tenha mas uma coisa que se é.

“Uma nova raça de filósofos se levanta. Ouso batizá-la de um nome que não é sem perigo. Tais quais os

adivinhos, tais quais se deixam adivinhar — pois está em sua natureza querer permanecer um pouco enigmas — esses filósofos do porvir quereriam ter, justamente e talvez também injustamente — um direito a serem chamados *sedutores*<sup>303</sup>... Curiosos até o vício, buscadores até à crueldade... (possuem) almas anteriores e posteriores, das quais ninguém penetra as últimas intenções, primeiros planos e planos de fundo (*arrière-plans*) que ninguém ousaria percorrer<sup>304</sup>”.

Neles, Dionysos dança e Dionysos filosofa. O pensador em quem ele se manifesta se sente “mais rico de si mesmo, mais novo... penetrado e surpreendido por um vento de degelo, talvez mais incerto, mais delicado, mais frágil, mais quebrado mas pleno de esperanças que não têm ainda nenhum nome, pleno de querer e de correntes novas, de

---

<sup>303</sup>Par delà le Bien et le Mal (Além do Bem e do Mal), II, 42.

<sup>304</sup>id., II, 44.



contra-correntes e de maus  
quereres novos <sup>305</sup>.

O filósofo dionisiano, segundo  
Nietzsche, é o intercessor entre o  
poder e a ordem.

A palavra "mito", além do sentido de  
mentira pura e simples de que a  
vulgaridade contemporânea a dotou,  
possui várias acepções que vão se  
perder umas nas outras e dão lugar  
a equívocos a tudo tomar fecundos,  
salvo aos olhos de um pensamento  
por demais apressado (*hâtive*). O  
mito, no sentido literário e platônico  
da palavra, é um procedimento que  
substituí a prova pelo relato e a  
demonstração pela imagem. Os  
mitos que estuda o mitógrafo, eles,  
outrora, formavam com ritos um  
corpo vivente. Desde a extinção  
desses ritos, muitos dentre eles  
erram como, em certas religiões  
"primitivas", os mortos privados de  
sepultura. A arte é freqüentemente  
então seu cemitério, as obras primas  
clássicas seus belos sarcófagos <sup>306</sup>.

---

<sup>305</sup>id., IX, 295.

<sup>306</sup>Cf. Roger Caillois : *Le mythe et l'homme (O mito e o homem)*, in *Recherches Philosophiques*, 1936. Deixo de fora a concepção soreliana do mito ( *Introduction à l'économie moderne, Réflexions sur la violence*) (*Introdução à*

Mas enquanto os mitos pagãos  
repousam na arte a título de  
símbolos corretos e de recreações  
higiênicas, emergem do folclore, e  
mesmo da literatura, novos mitos.  
Gestos de heróis que, tendo existido  
ou não, são absolutamente  
recobertos pelo que a imaginação  
da posteridade fez deles. A oferenda  
feita a esses heróis consiste em  
papel. Eles nutrem periodicamente a  
insuficiência, as nostalgias, os  
terrores humanos. Os homens não  
podendo realizar sem retorno [sic —  
*talvez détour (desvio) em vez de*  
*retour*] os desejos que aqueles  
ilustram, nem deles se desligar,  
esses heróis estão presentes à  
maneira dos remorsos e das  
tentações : "Eu sou um livro, mas tu  
vives, não é?" Fausto e Don Juan  
são excelentemente tais  
repreensões, tais heróis e tais  
mitos <sup>307</sup>.

Um dia, Nietzsche escreveu sobre  
seu caderno : "Harmonia do Criador,

---

*economia moderna, Reflexões sobre a violência*).

<sup>307</sup>Cf. Geneviève Blanquis, *Faust pendant quatre siècles (Fausto durante quatro séculos)*, e Gendarme de Bévoite, *La légende de Don Juan*

do Amante, do Conhecedor na potência<sup>308</sup>”.

É feliz e justo que Don Juan se chame o *sedutor* como aliás o Diabo, que se chama também *Lúcifer*. É o “estado dionisíaco” que Don Juan, como sem dúvida o diabo, caça a cavalo e com cães (*chasse à courre*), estado em que a análise nietzscheana distingue “o instinto sexual, a embriaguez, a crueldade que todos três pertencem á mais antiga alegria de festa no homem”. Opinioso, Don Juan quer que toda mulher achada seja mediatriz. Jamais ele se deixa desviar de seu destino, flexionar, inflexionar, deformar (*gauchir*), utilizar. Nem o rei, nem o dinheiro, seu pai ou a piedade...

O cristianismo decretou que o casal excitação erótica-êxtase seria separado, que o êxtase faria parte de um mundo além da carne. Don Juan, ele, instituindo sobre as criaturas de Deus uma grande

experiência, não tem em conta especial nem o criador nem aqueles que deste precisam para viver, e se comporta como se não houvesse Deus, ao menos outro que não ele próprio. “Sentado à grande mesa da gozação e do jogo”, a jamais indene de toda má consciência, ele jogará a partida até o limite, ainda mesmo quando, as armas desleais e as cartas trucas do sobrenatural serviriam contra ele. A coalizão última de Deus e de um mundo que obedece ainda a Deus (mas por quanto tempo?) mostrará somente até que alto grau pode subir sua potência de desafio. O estado dionisíaco que Don Juan busca conquistar pela violência, pela astúcia e contra tudo, esclarece uma vida que não seria “uma outra vida” senão porque ela seria a vida menos fora dela mesma. O mito de Don Juan nos fala de um desejo incoercível do qual os homens participam e no qual eles comungam, longe de toda igualdade abstrata e de toda concessão ao maquinai. Desejo que o herói mítico tem o privilégio de ilustrar, a

---

(A lenda de Don Juan).

<sup>308</sup>Ainsi parlait Zarathoustra (Assim falava Zarathustra), *Mercur de France, appendice, p. 488*.

humanidade lhe tendo aqui, salvo exceções, por uma duração ilimitada e até tempos melhores, delegado seus poderes.

A religião dionisiana, organização coletiva e sagrada da busca do êxtase pelo eretismo e pela efervescência aparece a Nietzsche como um clarão através da noite dos tempos e de sua própria noite. Ele dela escruta com seus olhos profundos o reflexo nos textos sagrados e nos livros sábios.

É possível, sempre foi possível, propor uma explicação sistemática da existência humana em todos os seus graus em função dos estados dionisíacos; da perseguição de parelhos estados, da variável desigualdade dos homens diante deles, da comunhão de homens neles.

“Quantos deuses novos são ainda possíveis! Há tantas coisas estranhas que passaram já diante de mim, nesses momentos fora dos tempos que caem na vida como (que) da lua, em que não se sabe

absolutamente mais quanto se é já velho e quanto se poderá ainda ser jovem<sup>309</sup>”. Mas quem pensasse que o êxtase individual, a efusão passageira, mesmo carregada da mais preciosa intensidade, é em si um fim nietzscheano, este se enganaria (*méprendrait*) gravemente. Nietzsche não visa a nada menos que fazer definhar (*émacier*) e esvaziar de seu (delas) sangue as tradicionais noções de mito e de realidade, assinalando a cada uma em tanto que não é mais que ela mesma, empobrecida por seus limites, uma posição (*rang*) comportada (*sage*) e modesta como agora o tempo, o espaço newtonianos. A sorte que ele lhes reserva é de serem subjugadas e compreendidas a título de casos ridiculamente particulares, numa síntese agressiva, voraz e dominatriz. Ele entende que a tragédia retornando a suas origens, olvida a função de espetáculo que a isola miseravelmente, de sorte que abandonando a estética pela

---

<sup>309</sup>Volonté de puissance (Vontade de potência), Mercure de France, 1934, p. 65.

— *estesia*, o criador não cria arte, mas história, que ele não joga mais uma peça mas uma partida cujo em-jogo (*enjeu*: aposta) não é céu algum, mas a terra.;

— É preciso pois que o mito solicite a realidade, a invada, a mine e a metamorfoseie; buscando a encarnação que ele espreita, rodeia, prestes a fazer flecha de qualquer pedaço de madeira, criação de toda realidade. Não é mais preciso que o sedutor, votado a Dionysos, seja rejeitado da comunidade tal um dejetado cuja presença põe em causa a vida ela mesma do organismo que enlouquece por tê-lo produzido. Mas, que ele desemboque doravante, sem sair de seu mito, em pleno sol, em plena sociedade.

— Vê-se que o problema da ficção ou da verdade não se coloca a propósito do mito moderno e nietzscheano de Dionysos que, prospectivo, não retrospectivo, não se paramenta das cores de um

longínquo passado senão para melhor abraçar o porvir.<sup>1</sup>

É em vão que se oporia a Nietzsche que o tempo dos mitos já era (*est revolu*): ele não crê nisso nem um pouco (*n'en croit rien*); que a ciência existe: ele esperava essa objeção.

“Atendedores de loja do espírito, caixeiros viajantes da cultura”, eis como o sábio professor Friedrich Nietzsche trata os literatos. Ele poupa (*ménage*) ainda menos seus sábios colegas: “eles tricotam os baixos (*bas*: meias) do espírito... Os distribuidores de apertos de mão (*les touche-t-on de la main*), eles fazem involuntariamente poeira em torno deles como sacos de farinha: mas quem duvidaria que sua poeira vem do grão e da glória dourada dos campos de verão... são bons movimentos de pêndulo desde que se tenha o cuidado de remontá-los<sup>310</sup>”. Entretanto, Nietzsche, o filósofo que se nutre de Nietzsche o filólogo é o que se pode imaginar de mais afastado de todo

---

<sup>1</sup> *Jouer* tem também o sentido de representar.

---

<sup>310</sup>As quatro últimas citações são extraídas do *Zarathustra*.

obscurantismo : “Meus irmãos! não nos escondamos de todo : a ciência está aí, uma força formidável, nova, crescente, tal como jamais se viu, com asas de águia, olhos de mocho, patas de dragão<sup>311</sup>”.

A ciência põe ao serviço da vida materiais de uma tão rica diversidade! Cruel, aguda como uma caça ao homem tri refinada, ela põe em obra a agressividade humana sob sua forma a mais longínqua, a mais estrangeira, a mais distante...

Mas “a ciência não é autônoma... não possui uma finalidade, uma vontade... ela é agora o refúgio de toda sorte de descontentamento, de incredulidade, de remorso, de despectio sui, de má consciência — ela é a inquietude mesma da falta de ideal, a dor da ausência de um grande amor, o descontentamento de uma temperança forçada...<sup>312</sup>”. O homem objetivo que não maldiz nem injuria mais como faz o pessimista, o sábio ideal que representa o instinto científico chegado (*parvenu*) à sua

---

<sup>311</sup>*Oeuvres posthumes (obras póstumas), Mercure de France, 1934, p. 65.*

<sup>312</sup>*Généalogie de la Morale (Genealogia da Moral), III, 23.*

plena floração... é certamente um instrumento precioso entre todos, mas é preciso que ele esteja na mão de (alguém) mais potente que ele<sup>313</sup>. Esse “mais potente que ele” é o sedutor, Dionysos philosophos, natureza, mas sábia e filosofante. “É preciso cessar de confundir os trabalhadores filosóficos e em geral os homens de ciência com os filósofos”. Os trabalhadores filosóficos metem em fórmulas valores estabelecidos, os — “sedutores” têm por missão “*subjugar o passado*”!<sup>1</sup> Eles são a espécie de homens “que quer arriscar enquanto os outros nada querem arriscar”, aqueles “que dizem sim a tudo o que é problemático e terrível”. “Nós somos outra coisa que sábios; ainda que seja inevitável que, entre outras coisas, nós fôssemos também sábios. Nós temos outras precisões, um outro crescimento, uma outra digestão<sup>314</sup>”.

Os sedutores são “desrazoáveis”, “jogam um jogo dos infernos”,

---

<sup>313</sup>*Par delà le Bien et le Mal, VI, 207.*

<sup>314</sup> Poderíamos multiplicar as citações.

provocam algumas vezes neles a embriaguez como a exaltação dionisíaca utilizando o vinho trácio. Estão sobre a terra como se obedecessem ao imperativo : “morre ou cria”. Mas eles não obedecem. Eles são o poder. Lhes pertence o criar. –Entretanto, toda criação é escândalo:–A distância do antes ao depois, do nada a alguma coisa, que ela seja franqueada, isso arranca a tudo o que já é atrozes gemidos vindos do mais profundo, provoca um horror bestial, sagrado, freqüentemente assassino.

Os mestres científicos caçam e armazenam as bestas preciosas, os vegetais inauditos, as maravilhosas especiarias. Eles preparam mesmo o festim de imortalidade. Mas para transformar esse festim em sangue de heróis e de deuses, é bem preciso que haja heróis e deuses. Os “sedutores” possuem só eles o entusiasmo, a cólera, a indignação, o rir sagrado que do saber fazem o martelo iconoclasta, a faca vivisseccionista e a mais grandiosa orquestra.

Nietzsche não tem jamais o bastante de desprezo por tudo o que é *invidia* e, como diz após Taine, ressentimento. Sabe-se que ele entende por esse o sentimento recalcado, refechado, recozido, remordido, remascado que azeda e envenena. Mas há um outro sentido, hoje quase olvidado, da palavra ressentimento: cólera daquele que não pode aceitar, que não sabe se resignar, da besta de raça que se empina (*se cabre*). Quem cria quase não pode criar, há já longo tempo, senão contra o que existe e o –“sedutor” não saberia/poderia existir sem o *nobre* ressentimento, a cólera sagrada propícia às criações.– Nietzsche o sabe e o diz : “quase todo gênio conhece, como uma fase de seu desenvolvimento, a *existência catilinar*, sentimento de ódio e vingança contra tudo o que é já... Catilina, a forma preexistente de todo César”<sup>315</sup>. Existência catilinar que é como o período de ocultação dos heróis míticos, antes que os anos de provação comecem.

---

<sup>315</sup>*Crépuscule des idoles (Crepúsculo dos ídolos), VII, 45.*

Vítima sacrificial, Nietzsche, criador de Dionysos philosophos, anunciador de uma nobreza de milagre, presa do mito, o nutre de sua própria vida que aparece devastada e esvaziada. Quando um Baudelaire ou um Nietzsche se afunda, uma assaz comum malventura toma então figura exemplar de castigo divino e a imaginação humana, atingida ao vivo, pensa (*songe*) nas lendas em que aquele que vê coisas proibidas é cambiado em pedra ou fulminado pelo raio. Ela pode pensar também que o castigo foi irremediavelmente tardio e que virão as festas da ressurreição.

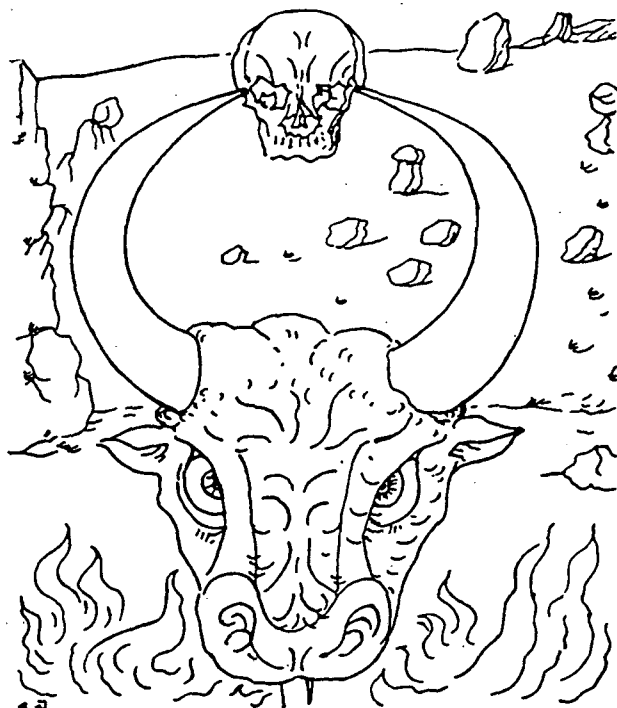
Jules Monnerot.

# CHRONIQUE

## NIETZSCHÉENNE (I)

*La crise actuelle est la même que celle qui menaçait la nature humaine lors de l'établissement du christianisme.*

BENJAMIN CONSTANT (2).



### L'APOGÉE DE LA CIVILISATION EST UNE CRISE

L'APOGÉE D'UNE CIVILISATION  
EST UNE CRISE QUI DÉSAGRÈGE  
L'EXISTENCE SOCIALE.

Chaque fois qu'un vaste mouvement de civilisation s'est développé, en Egypte ou

dans le monde gréco-romain, en Chine ou dans l'Occident, les valeurs qui avaient rassemblé les hommes à l'aurore de chaque fermentation, les personnes, les actes, les lieux, les noms et les lois taboués ou sacrés ont perdu lentement, tout au moins dans l'ensemble (3), une partie de leur force efficace et de leur capacité d'imposer. Le simple fait du mouvement était en lui-même décomposition et, dans ce sens, civilisation



# C R Ô N I C A

## NIETZSCHEANA <sup>316</sup>

*A crise atual é a mesma que aquela que ameaçava a natureza humana quando do estabelecimento do cristianismo.*

BENJAMIN CONSTANT <sup>317</sup>

---

<sup>316</sup> Seqüência do texto que apareceu no número de janeiro sob o título Nietzsche e os fascistas. Essa crônica será prosseguida.

<sup>317</sup> Essa concepção cíclica da história é em realidade a representação corrente. Chateaubriand, Vigny, Georges Sand, Renan se exprimiram no mesmo sentido sobre o cristianismo.

Engels desenvolveu longamente o princípio da similitude dos primeiros tempos do cristianismo e do século XIX. (*Contribuição à história do cristianismo primitivo, em Religião, Filosofia, Socialismo, tr. Fr. 1901*).

Nietzsche se considerando como o Anticristo e vendo no momento que vivia um pico da história se representava igualmente um curso cíclico das coisas. Mas para Nietzsche havia num certo sentido retorno ao mundo que Sócrates e o cristianismo tinham destruído (Cf. a resenha da obra de Löwith, em *Acéphale*, janeiro, p.31).

É lamentável que a concepção cíclica da história tenha sido desconsiderada pelo ocultismo e por Spengler. Ela poderá no entanto tomar corpo desde que seja estabelecida sobre um princípio simples e evidente. Ela se ligará necessariamente a uma INTERPRETAÇÃO SOCIOLOGICA DA HISTÓRIA, sociológica, vale dizer, igualmente distanciada do materialismo econômico e do idealismo moral.

## O APOGEU DA CIVILIZAÇÃO É UMA CRISE

O APOGEU DE UMA CIVILIZAÇÃO  
É UMA CRISE QUE DESAGREGA  
A EXISTÊNCIA SOCIAL.

Cada vez que um vasto movimento de civilização se desenvolveu, no Egito ou no mundo greco-romano, na China ou no Ocidente, os valores que tinham conjuntado (*rassemblé*) os homens à aurora de cada fermentação, as pessoas, os atos, os lugares, os nomes e as leis sujeitas a tabu ou sagradas perderam lentamente, ao menos no conjunto <sup>318</sup>, uma parte de sua força eficaz e de sua capacidade de impor. O simples fato do movimento era em si mesmo decomposição e, nesse sentido, civilização pode ser dada como sinônimo de doença ou de crise. Os dois sentidos, passivo e ativo, da palavra *critique* — posto em questão e pondo em questão — dão conta com uma clareza suficiente da identificação que deve ser feita entre civilização se desenvolvendo e crise. Do lado

passivo, há crise das convenções — soberania real ou divina — que constituem os fundamentos da agregação humana; e do lado ativo, atitude crítica *individual* com relação a essas convenções: o indivíduo se desenvolve assim de maneira corrosiva a expensas da sociedade e a vida individual facilitada toma por vezes uma significação dramática. 'A figura da comunidade vivente perde pouco a pouco seu aspecto trágico, a um só turno pueril e terrível, que atingia cada ser até sua ferida a mais secretamente dilacerada; ela perde a potência de provocar a emoção religiosa total que cresce até à embriaguez extática quando a existência lhe é avidamente aberta.'

Mas como a organização material que se desenvolveu exige a conservação da coesão social, esta é mantida por todos os meios de que os principais beneficiários dispõem: quando a paixão comum não é mais assaz grande para compor as forças humanas, torna-se necessário servir-se da restrição e

---

<sup>318</sup> Compensações contínuas não podem impedir

---

que a pirâmbeira (pente) não seja descida..

desenvolver as combinações, as negociações espúrias (*marchandages*) e as falsificações que receberam o nome de política. Os seres humanos, ao mesmo tempo que se tornam autônomos, descobrem ao seu redor um mundo falso e vazio. Ao sentimento forte e doloroso da unidade comunal sucede a consciência de ser otário (*dupe*) em face da impudência administrativa, dos agentes de polícia e das casernas; em face também de demonstrações de suficiência e de estupidez individuais terrificantes. Os resultados imensos de longos séculos de esforço, de prodigiosas conquistas militares ou materiais, sempre abriram às populações conquistadoras, trate-se dos Ocidentais, dos Egípcios, ou dos Romanos<sup>319</sup> — o acesso a um

---

<sup>319</sup> Na civilização egípcia, os valores individuais por assim dizer nulos no começo do terceiro milênio (à época das grandes pirâmides) aparecem muito desenvolvidos oito ou dez séculos mais tarde numa época de revoluções sociais tendentes ao niilismo (Cf. Moret, *Le Nil et la civilisation égyptienne*, 1926, p.251 ss. Et 292 ss.); na civilização ocidental, como na civilização chinesa, as formas múltiplas da soberania numa sociedade feudal culminam numa individualização monárquica introduzindo uma administração racional. As formas e as sucessões de fatos são diferentes em cada ciclo

mundo manco, decepcionante, deprimido por intermináveis crises. É num mal-estar extremo e num encavalamento em que tudo aparece vão e quase desastroso que cresce a obsessão da

## RECUPERAÇÃO DO MUNDO PERDIDO

A decomposição pode atingir ao mesmo tempo a atividade econômica, as instituições da autoridade e os princípios que fundam as atitudes morais e religiosas. As sociedades desagregadas procurando obscuramente reencontrar sua coesão podem ainda ser devastadas pela multiplicidade de tentativas inúteis: a força brutal e a pedanteria intelectual, igualmente cegas, acham nessas condições as vias grandemente abertas. A alegria excessiva das grandes calamidades pode então solapar a existência

---

mas a coincidência de perturbações sociais, de decadência dos valores sagrados e de enriquecimento da vida individual é constante; o mesmo vale para a recomposição que segue a crise.

como um soluço. Mas por detrás da fachada composta pelas afirmações da força, da razão e do cinismo, o vazio está aberto e o que se continua deixa um lugar cada vez maior para a sensação de que alguma coisa falta. A nostalgia de um mundo perdido se reveste de formas numerosas e geralmente é o feito dos covardes, daqueles que não sabem senão gemer pelo que pretendem amar, que evitam ou sabem não encontrar a possibilidade de COMBATER. Por trás da fachada, não há de entrada senão depressão nervosa, estalos violentos e sem seguimento, reveria estética e tagarelice. Que um homem entre os outros, nesse mundo onde a simples representação do ato deveio objeto de náusea, tente engajar o combate pela “recuperação do mundo perdido”, ele faz o vazio em torno de si, não encontra senão a elusão infinita de todos aqueles que tomaram para si a tarefa do conhecimento e do pensamento: pois é quase impossível imaginar um homem que pensa sem ter o

cuidado constante de eliminar do curso de suas reflexões tudo o que poderia contractar/contrair (*contracter*) e tornar explosivo. Porque não podia confundir emasculação e conhecimento e porque seu pensamento se abria a uma explosão lúcida que não podia cessar antes de ter esgotado suas forças — tornando-se o herói de tudo o que humanamente não é assujeitado — Nietzsche se afundou numa solidão humilhante. A destinação da vida humana, pois que se liga ao que os homens portaram neles de mais pesado, não conheceu talvez momento que justifique maior perturbação (*trouble*) que aquele em que Nietzsche só, sob o golpe da loucura, abraçou um cavalo nas ruas de Turim.

## A SOLUÇÃO FASCISTA

Mas a conexão estreita da vontade de reencontrar a vida perdida e da depressão mental enfraquecedora não é apenas a ocasião de fracassos trágicos: ela constitui um convite (*prime*) às soluções vulgares

e fáceis cujo sucesso parece já de entrada assegurado à exclusão de todo e qualquer outro. Pois que se trata de reencontrar o que havia d'outra feita existido e cujos elementos estão envelhecidos ou mortos, o mais simples é restituir a vida em circunstâncias favoráveis ao que subsiste. É mais curto restaurar que criar e como a necessidade de um coesão social renovada pode ser sentida em certos momentos da maneira mais premente, o primeiro movimento de recomposição tem lugar sob a forma de um retorno ao passado. Os valores fundamentais os mais grosseiros, os mais diretamente *utilizáveis* são suscetíveis, no curso de crises agudas e odiosas, de retomar um sentido dramático que parece restituir uma cor real á existência comum. Quando se trata, no conjunto, de uma operação na qual os valores afetivos postos em jogo são em grande parte *utilizados* para outros fins que não eles mesmos. É por uma recauchutagem permitindo à existência de marchar de novo direita sob o chicote da dura

necessidade que começa<sup>320</sup> a RECOMPOSIÇÃO DOS VALORES SAGRADOS. Os faraós restaurados, os Césares romanos e os chefes dos partidos revolucionários que enfeitiçaram (*ont envoûté*) hoje a metade dos habitantes da Europa responderam à esperança de fundar de novo a vida sobre uma impulsão irrazoada. Mas a soma de restrição necessária para manter construções demasiado rapidamente impostas marca nestas o caráter profundamente decepcionante. Na medida em que persiste a nostalgia de uma comunidade em que cada ser acharia qualquer coisa de mais tragicamente tensionado que em si mesmo, nessa medida, a preocupação com a recuperação do mundo perdido, que desempenhou um papel na gênese do fascismo, não tem por resultado (*aboutissement*) mais que a disciplina militar e o apaziguamento

---

<sup>320</sup> É óbvio que é impossível fixar exatamente a data na qual um processo começa e que, no conjunto, considerações da ordem das que são expostas aqui não podem ter um valor formal muito preciso. O mesmo vale aliás para toda consideração que porte sobre um domínio complexo.

limitado que uma brutalidade dá destruindo com raiva tudo o que ela não tem a potência de seduzir.

Ora o que basta a uma fração, que pode ser dominante, não é mais que dilaceramento e enganação se se considera a comunidade vivente dos seres. Essa comunidade não demanda a sorte semelhante das diferentes partes que junta, mas exige ter por fim aquilo que une e se impõe com violência *sem alienar a vida*, sem a conduzir à repetição dos atos emasculados e das fórmulas morais exteriores. Os estalos breves do fascismo, que são comandados pelo medo, não podem enganar uma exigência tão verdadeira, tão arrebatada (*emportée*), tão ávida.

### **DO CÉU CESARIANO À TERRA DIONISIACA: A SOLUÇÃO RELIGIOSA**

Se se representa agora a obsessão que dominou a existência de Nietzsche, aparecerá com evidência que essa obsessão comum do mundo perdido, que cresce na depressão profunda, prossegue

necessariamente em duas direções opostas. As confusões que tiveram lugar entre duas respostas ao mesmo vazio, as similitudes das aparências entre o fascismo e Nietzsche, devirão então claramente inteligíveis: toda semelhança será reduzida aos traços de identidade que aparecem entre dois contrários.

Entre as diversas oposições que mantêm a existência dos homens sob a dura lei de Heráclito, não há mais verdadeira nem mais inelutável que aquela que opõe a Terra ao Céu, á "precisão (*besoin*) de punir" as turvas exigências da tragédia; de um lado compõem-se a aversão ao pecado e a claridade do dia, a glória e a repressão militar, a rigidez imprescritível do passado; do outro, a grandeza pertence às noites propícias, á paixão ávida, ao sonho obscuro e livre: a potência é dada ao movimento e, por isso, quaisquer que sejam as numerosas aparências, arrancada ao passado, projetada nas formas apocalípticas do porvir; de um lado uma composição de forças comuns limitada à tradição estreita —

parental ou racial — constitui uma autoridade monárquica e se estabelece como uma estagnação e um infranqueável limite da vida; do outro um laço de fraternidade que pode ser estranho ao laço de sangue é atado entre homens que decidem entre eles consagrações necessárias; e o objeto de sua reunião não tem por fim uma ação definida, mas a existência ela-mesma, /A EXISTÊNCIA, É DIZER, A TRAGÉDIA!

É verdade que não há humanamente exemplo em que uma forma real represente à exclusão da outra uma das direções possíveis da vida: essas direções não são menos fáceis de divisar (*déceler*) e descrever. Elas opõem no conjunto o mundo ctoniano e o mundo uraniano da Grécia mítica e, nas fases de recomposição de cada grande civilização, de uma maneira mais clara ainda, os movimentos propriamente religiosos, osiriano, cristão ou budista, à reconstituição ou ao desenvolvimento do caráter sagrado do soberano militar.

O que impede de perceber já de entrada na figuração nietzscheana dos valores o que o opõe ao eterno recomeço da monarquia militar — recomeço que se produz com uma regularidade vazia sem jamais aportar renovação — é o cuidado que Nietzsche teve de acusar as diferenças as mais profundas menos entre o dionisismo e o nacional-socialismo bismarckiano, que de bom direito ele via como negligenciável, que entre o dionisismo e o cristianismo.<sup>7</sup> E a possibilidade de erro é tanto maior por que a crítica das falsificações cristãs levou Nietzsche a vituperar toda renúncia à potência, introduzindo por aí uma confusão entre o plano da solidificação, da ossificação militar e aquele da liberdade trágica. Tanto maior por que não pode ser questão de renunciar a uma virilidade humana dolorosamente conquistada: o menosprezo pelas operações privadas de sentido humano do cesarismo não conduzirá mais à aceitação dos limites que essas operações pretendem impor à vida;

um movimento religioso que se desenvolverá no mundo atual não tem mais a assemelhar-se ao cristianismo ou ao budismo do que o cristianismo e o budismo se assemelharam ao politeísmo. É em razão dessa dessemelhança necessária que Nietzsche descartava com boa ciência (*à bon escient*) a palavra mesma *religião* que se presta por si mesma a uma confusão tão nefasta quanto aquela que se introduziu entre o dionisismo nietzscheano e o fascismo — e que não pode ser empregada no mundo atual senão por desafio.<sup>1</sup>

## NIETZSCHE DIONYSOS

→ A FASE CRÍTICA DE DECOMPOSIÇÃO DE UMA CIVILIZAÇÃO É REGULARMENTE SEGUIDA DE UMA RECOMPOSIÇÃO QUE SE DESENVOLVE EM DUAS DIREÇÕES DIFERENTES: A RECONSTITUIÇÃO DOS ELEMENTOS RELIGIOSOS DA SOBERANIA CIVIL E MILITAR, ENCADEANDO A EXISTÊNCIA AO

PASSADO, É SEGUIDA OU SE ACOMPANHA DO NASCIMENTO DE FIGURAS SAGRADAS E DE MITOS, LIVRES E LIBERADORES, RENOVANDO A VIDA E DELA FAZENDO “O QUE SE JOGA NO PORVIR”, “O QUE NÃO PERTENCE SENÃO A UM PORVIR (AVÉNIR)”.<sup>1</sup>

A audácia nietzscheana que quer para as figuras que compõe uma potência que não se incline diante de nada — que tende a demolir (*effondrer*) o edifício de proibição moral da velha soberania — não deve ser confundida com aquilo que combate. O maravilhoso KINDERLAND nietzscheano não é nada menos que o lugar onde o desafio portado ao VATERLAND de cada homem toma um sentido que deixa de ser uma impotente negação. É somente após Zaratustra que podemos “PEDIR PERDÃO AOS NOSSOS FILHOS POR TERMOS SIDO OS FILHOS DE NOSSOS PAIS”<sup>321</sup>. As

<sup>321</sup> *Ainsi parlait Zarathoustra*, 2ª parte, *Do pais da civilização* (*Bildung - n.t.*). O termo alemão *Kinderland*, pais das crianças, respondendo a *Vaterland*, pátria, pais dos pais, não é exatamente traduzível.



primeiras frases da mensagem de Nietzsche procedem dos “mundos do sonho e da embriaguez”<sup>322</sup>. Essa mensagem toda inteira se exprime pelo único nome de DIONYSOS. Quando Nietzsche fez de DIONYSOS, é dizer, da exuberância destrutriz da vida, o símbolo da vontade de potência, ele exprimia por aí uma resolução de recusar ao romantismo veleidoso e debilitante uma força que deve ser tida por sagrada. Nietzsche exigia daqueles que detivessem os valores quebrantes (*brisantes*) da tragédia que devessem dominadores: não que eles sofressem a dominação de um céu carregado da necessidade de punir.

— Deus da Terra, DIONYSOS nasceu dos amores de Semele, a Terra, com o deus do céu, Zeus. O mito quer que Semele, grávida de Dionysos, tendo querido que Zeus lhe aparecesse revestido dos atributos de sua potência, foi posta em chamas e cinzas pelo trovão e pelos raios do céu imprudentemente

provocado. Assim o deus nasceu de um ventre fulminado.

À imagem daquele que queria ser até em sua loucura, Nietzsche nasce da terra dilacerada pelo fogo do Céu, nasce fulminado e por tanto carregado desse fogo da dominação tornando-se o FOGO DA TERRA. —

AO MESMO TEMPO EM QUE A FIGURA SAGRADA — NIETZSCHEANA — DE DIONYSOS TRÁGICO LIBERA A VIDA DA SERVIDÃO, É DIZER, DA PUNIÇÃO DO PASSADO, ELA A LIVRA DA HUMILDADE RELIGIOSA, DAS CONFUSÕES E DO TORPOR DO ROMANTISMO. ELA EXIGE QUE UMA VONTADE EXPLOSIVA DEVOLVA A TERRA À DIVINA EXATIDÃO DO SONHO.

---

<sup>322</sup> Origine de la tragédie —1.

## A REPRESENTAÇÃO DE “NUMÂNCIA”<sup>323</sup>

A oposição do Céu e da Terra cessou de ter um valor significativo comum e imediatamente inteligível. Sua exposição se choca com o desejo da inteligência que não sabe mais o que tais antigüidades querem dizer e, ainda por cima recusa-se a admitir que entidades mitológicas possam ter atualmente, num mundo saturado de ciência, um sentido qualquer. Mas se nos reportamos a uma realidade de todos os dias, bastou uma circunstância favorável para que homens evidentemente distanciados de toda loucura entrassem lúcidos no mundo dos espíritos infernais; e não somente

---

<sup>323</sup> Essa tragédia de Cervantes foi representada em Paris em abril e maio de 1937 por Jean-Louis Barrault. É importante do ponto de vista que é desenvolvido aqui que Barrault tenha sido portado pelo sentido da grandeza da tragédia. É mais importante ainda que, pela composição dos *décors* e das figuras, André Masson tenha formado um encantamento no qual os temas essenciais da existência mítica reencontravam todo seu estalo. Não há porque ter em conta aqui do que revém a Cervantes ou do que revém a Masson na figuração dos dois mundos opostos... O assunto (*sujet*) de Numância é a guerra inexpiável que prossegue o general romano Scipion contra os Numancianos revoltados que, sitiados e esgotados, se entrematam ao invés de se renderem. Na primeira parte, o adivinho Marquino faz sair um morto da tumba para

homens mas as paixões políticas vulgares que os animavam.

Quando Marquino avançando sob o poncho (*cagoule*) faz apelo ao que o mundo contém de mais sombrio, as figuras que ele invoca sob nomes terríveis... *águas da negra laguna*.. cessam de ser representações vazias e impotentes. Pois na agonia de Numância, no interior dos muros e sob o paredão nu da *sierra* o que está lá é a Terra: a Terra que se abre para devolver o cadáver ao mundo dos viventes, a Terra que se abre ao vivente que o delírio precipita na morte. E ainda que essa Terra exale o Furor e a Raiva, ainda que ela apareça nos gritos das crianças esgoeladas pelos pais, das esposas esgoeladas pelos maridos, ainda que o pão que ela aporta ao esfaimado esteja encharcado de sangue, o sentimento que inspira sua presença não é o horror. Pois aqueles que lhe pertencem (e pertencem assim ao frenesi) fazem reviver sob nossos olhos toda a humanidade perdida, o mundo de

---

aprender dele a sorte medonha da vila.

verdade e de paixão imediata de que a nostalgia não cessa. E é impossível dissociar uma figura profundamente composta e ligada. Da mesma maneira que os Romanos comandados pela implacável autoridade de um chefe estão associados à glória do sol; os Numancianos SEM CHEFE estão colocados na região da Noite e da Terra, na região freqüentada pelos fantasmas da Mãe-Tragédia. E é na medida em que a agonia e a morte entraram na vila que essa vila devém a imagem de tudo o que no mundo pode exigir um amor total; é na medida em que ela morre que toda a nostalgia do mundo perdido pode ser agora exprimida pelo só nome de NUMÂNCIA.

**“NUMÂNCIA! LIBERDADE!”<sup>324</sup>**

O que há de grande na tragédia de Numância, é que aí não se assiste apenas à morte de um certo número de homens, mas à entrada na morte de uma cidade toda inteira: não são

indivíduos, é um povo que agoniza. Está aí o que deve chocar (*rebuter*) e, em princípio, tornar Numância inacessível, porque o jogo que o destino joga com os homens não pode aparecer à maioria a não ser sob os aspectos brilhantes e coloridos da existência individual.

De outra parte, o que está atualmente no espírito se se fala de existência coletiva é o que se pode imaginar de mais pobre e nenhuma representação pode ser mais desconcertante do que aquela que dá a morte como o objeto fundamental da atividade *comum* dos homens, a morte e não a alimentação ou a produção dos meios de produção. Sem dúvida uma tal representação se apóia sobre o conjunto da prática religiosa de todos os tempos, mas o uso predominou de olhar a realidade da religião como uma realidade de superfície. O que na existência de uma comunidade é tragicamente religioso, em formal estreitamento (*étreinte*) com a morte, deveio a coisa a mais estranha para os homens. Ninguém pensa mais que

---

<sup>324</sup> “Numância! Liberdade!” é o grito de guerra dos sitiados exasperados.

a realidade de uma vida comum — vale dizer, da existência humana — depende da colocação (*mise*) em comum dos terrores noturnos e dessa sorte de crispação extática que a morte espalha. Assim a verdade de Numância é mais difícil ainda de apreender que aquela da tragédia individual. Ela é a verdade religiosa, é dizer, em princípio, o que a inércia dos homens que hoje vivem rejeita.

A idéia de pátria — que intervém como componente da ação dramática — não tem senão uma significação exterior se se a compara a essa verdade religiosa. Quaisquer que sejam as aparências, os símbolos que comandam as emoções não são daqueles que servem a figurar ou a manter a existência militar de um povo. A existência militar exclui mesmo toda dramatização dessa ordem. Ela está fundada sobre uma negação brutal de toda significação profunda da morte e, se utiliza seus cadáveres, é para fazer seus viventes marcharem com maior retidão. A representação a mais trágica que conhece é a

parada e, dado que exclui toda depressão possível, ela está na incapacidade de fundar a vida comum sobre a tragédia da angústia.

É nesse sentido que a pátria, condenada a fazer sua a brutal pobreza militar, está longe de bastar á unidade comunal dos homens. Ela pode devir em certos casos uma força de atração destruindo as outras possibilidades, mas sendo essencialmente composição de força armada, não pode dar àqueles que sofrem sua atração nada que responda às grandes avidezes humanas: porque subordina *tudo* a uma utilidade *particular*, ela deve, ao contrário, à pena seduzidos, fazer entrar seus amantes no mundo inumano e totalmente alienado das casernas, das prisões militares, das administrações militares. No curso da crise que deprime atualmente a existência, a pátria representa mesmo o obstáculo o mais grave a essa unidade da vida que — é preciso dizê-lo com força — não pode ser fundada a não ser sobre uma comum consciência do que é a

existência profunda: jogo emocional e dilacerado da vida com a morte.

Numância que não é senão a expressão atroz desse jogo, não podia pois tomar mais sentido para a pátria que para o indivíduo que sofre só. Ora, Numância tomou de fato para aqueles que assistiram ao espetáculo um sentido que não tocava nem ao drama individual nem ao sentimento nacional mas à paixão política. A coisa se produziu a favor da guerra da Espanha. Está aí um paradoxo evidente e é possível que uma tal confusão seja tão vazia de conseqüências quanto aquela dos habitantes de Saragoça representando a tragédia durante um cerco. Numância, hoje, foi representada não apenas em Paris, mas na Espanha, em Igrejas queimadas, sem outro *décor* além dos rastros do incêndio e sem outros atores além dos milicianos vermelhos. Os temas fundamentais de uma existência recuada, os temas mitológicos cruéis e inalterados que são desenvolvidos pela tragédia não são eles, no entanto, tão estranhos ao espírito

político quanto ao espírito militar?

Se fosse preciso ater-se às aparências imediatas, a resposta deveria ser afirmativa. Não somente a um político, de qualquer partido que seja, repugna a consideração das realidades profundas, mas ele aceitou, de uma vez por todas, o jogo das alterações e dos compromissos que torna possível combinações precárias de forças, impossível a formação de uma verdadeira comunidade de coração.

Ademais, entre as diversas oposições convulsivas da história, aquela que dilacera atualmente o conjunto dos países civilizados, a oposição do antifascismo e do fascismo aparece como a mais viciada. A comédia que — sob cor de democracia — opõe o cesarismo soviético ao cesarismo alemão mostra quais traficâncias (*trafiquages*) bastam a uma massa limitada (*bornée*) pela miséria — á mercê daqueles que a adulam/logram (*flattent*) baixamente.

Existe assim mesmo uma realidade que, por trás dessa fachada, toca os

mais profundos segredos da existência; apenas, é necessário àquele que quer entrar nessa realidade tomar pelo avesso (*à rebours*) aquilo que é admitido. Se a imagem de Numância exprime a grandeza do povo em luta contra a opressão dos poderosos, ela revela ao mesmo tempo que à luta atualmente perseguida falta quase sempre toda grandeza: o movimento antifascista, se comparado a Numância, aparece como um amontoado (*cohue*) vazio, como uma vasta decomposição de homens que não estão ligados senão por recusas.

Não há mais que ilusão e facilidade em amar Numância porque nela se vê a expressão da luta atual. Mas a tragédia introduz no mundo da política uma evidência: que o combate engajado não tomará um sentido e não devirá eficaz a não ser na medida em que a miséria fascista encontrará em face dela outra coisa que não uma negação agitada: a comunidade de coração de que Numância é a imagem.

O princípio dessa reversão se exprime em termos simples. ^À UNIDADE CESARIANA QUE FUNDA UM CHEFE SE OPÕE A COMUNIDADE SEM CHEFE LIGADA PELA IMAGEM OBSEDANTE DA TRAGÉDIA. A vida exige homens conjuntados (*assemblés*), e os homens não são conjuntados senão por um chefe ou por uma tragédia. Buscar a comunidade humana SEM CABEÇA é buscar a tragédia: o pôr à morte (*la mise à mort*) do chefe é já em si tragédia; permanece exigência de tragédia. Uma verdade que mudará o aspecto das coisas humanas começa aqui: O ELEMENTO EMOCIONAL QUE DÁ UM VALOR OBSEDANTE À EXISTÊNCIA É A MORTE. \

## OS MISTÉRIOS DIONISIÁCOS

Essa verdade "dionisiaca" não pode ser o objeto de uma propaganda. E como, por seu próprio movimento, chama a potência, ela empresta um sentido à idéia de uma organização gravitando em torno de profundos

mistérios.

Aqui mistério não tem nada em comum com um esoterismo vago: trata-se de verdades que dilaceram, que absorvem aqueles a que aparecem, enquanto que a massa humana não as busca e mesmo é animada por um movimento que a afasta delas. O movimento de desagregação dessa massa não pode ser compensado senão com uma dissimulada (*sournoise*) lentidão pelo que gravitará de novo em torno de figuras de morte.

É somente nessa direção aberta, onde tudo desconcerta ao limite da embriaguez, que as afirmações paradoxais de Sade cessam de ser para aquele que as admite uma derrisão e um julgamento implacável.

Que pode significar para homens que não querem entrar numa via conseqüente e difícil esta frase:

Uma nação já velha e corrompida, que, corajosamente, sacudirá o jugo de seu governo monárquico para adotar um republicano não se manterá a não ser por um belo golpe

de crimes; pois ela já está no crime...

ou ainda:

Desses primeiros princípios, decorre... a necessidade de fazer leis suaves e sobretudo de anular para sempre a atrocidade da pena de morte, porque a lei, fria por ela mesma, não saberia ser acessível às paixões que podem legitimar no homem a cruel ação do assassinato.

Isso porque não estão aí senão as afirmações de Sade as menos claramente inumanas. Como sua doutrina de sangue poderia ter um sentido para aquele que achando-a justa não a vive no estremecimento. Pois "matar por prazer" não seria mais que uma provocação literária e a mais inadmissível expressão de hipocrisia se a consciência não fosse portada por aí a um grau de lucidez extrema. A consciência de que o prazer de matar é a verdade carregada de horror daquele que não mata não pode permanecer nem obscura nem tranqüila e faz entrar a existência no interior do mundo inverossimilmente congelado

onde ela se dilacera.

Que poderia de outra forma significar o fato de que, durante vários anos, alguns dos homens os mais dotados se esforçaram (*se sont evertués*) por quebrar sua inteligência em pedaços crendo fazer assim saltar em estalo a inteligência ela-mesma? Dada é geralmente visto como um fracasso sem conseqüência enquanto que, para outros, ele devém o rir que libera — uma revelação que transfigura o ser humano.

E quanto às perdas de vistas abissais de Nietzsche, não é já vindo o tempo de exigir contas àqueles que tomaram para si o fazer delas o objeto de uma curiosidade eclética? Um monte de realidades relevam da lei do tudo ou nada. É assim com Nietzsche. Os Exercícios de Santo Ignácio nada seriam se não fossem meditados no maior silêncio de todo o resto (e, meditados, eles são uma prisão sem saída). O que Nietzsche quebrou não pode se abrir a não ser àqueles que são portados adiante pela

precisão de quebrar; quanto aos outros, eles fazem de Nietzsche o que fazem de tudo: nada tem sentido para eles, eles decompõem o que tocam. É a lei do tempo presente que um homem qualquer seja incapaz de pensar no que quer que seja e seja *happé*\* em todos os sentidos por ocupações totalmente servis que o esvaziam de sua realidade. Mas a existência desse homem qualquer acabará de ir-se em poeira e ele cessará um dia de se espantar que um ser vivo não o olhe como o último limite das coisas.

Georges BATAILLE

---

\* *happé* - Abocanhado, apanhado, aderido.



# A S V I R T U D E S

## DIONISÍACAS

Parece que na medida precisa em que o espírito se impõe uma muito estreita disciplina e leis *ao menos muito severas*, ele deve ter em conta equivalente as embriaguezes e se perturbar com a própria existência dessas, pois ele jamais está certo de não provar delas a tentação ou o remorso. Ele pode, no privado, manter-se constantemente no limite e guardar sempre o mais exato controle de suas antecipações instintivas ou, para o público, restringir à formulação de evidências o exercício de suas faculdades, não propagar senão o exprimível e o definido, não avançar senão sobre terreno completamente conquistado, assimilado, e nada propor que não se possa justificar e que não seja parte inalienável de um sistema. A potência que essa austeridade confere ao espírito que a adota é de direito propriamente sem medida.

Esse espírito se adquire com efeito, por ela, uma coesão tal que devém indivisível (*inentamable*) à maneira de um exército em que cada elemento tático em cada ponto beneficiaria da força indivisa da totalidade dos efetivos. Ele não ressentir menos a constante solicitação das embriaguezes. Melhor ainda, um espírito tão ligado deve ser para elas uma presa ainda mais indefesa, sendo daquelas que se arrebatam na totalidade. É que ele é demasiado unificado para se dividir e fazer *a parte do fogo* no momento da vertigem: é inconcebível que ele não permaneça tão inteiro no espasmo quanto no cálculo. Igualmente disposto a um e rompido ao outro, é nele como se a detonação não fosse tão explosiva mais que por se seguir a uma tensão severa demais.

A embriaguez de resto se manifesta como *estado total*, se estendendo virtualmente ao menos, sobre todo o teclado das atividades do ser, pois que todas nela consentem e se calam no momento em que ela não exaspera mais do que uma. Juntando a *meia-embriaguez da lucidez superior*, de que fala Baudelaire, àquelas que distingue Nietzsche, é dizer, às três embriaguezes das bebidas fortes, do amor e da crueldade, percebe-se facilmente que não há ponto em que o êxtase não possa tomar apoio, sem que no entanto a extrema sensação de potência que a caracteriza cesse de permanecer idêntica a si mesma. Quaisquer que sejam seus efeitos íntimos, seja lá de que valor se os julgue, é certo que eles transportam os indivíduos e (salvo, num certo sentido, alguns tóxicos paralisantes que lhes provocam ademais também um sentimento de intensa superioridade, ainda que de ordem contemplativa), lhes comunicam uma sensação de máximo de ser que lhes faz preferir ao resto de suas vidas esses raros

instantes que lhes urge tão logo renovar.

Assim, além de interessarem o indivíduo no mais imprescriptível de si mesmo, as diversas embriaguezes parecem constituir naturalmente para ele, um estado *violento vis-à-vis* da sociedade e talvez testemunhar de uma certa dificuldade da parte deles em se adaptar à vida coletiva. Eis aí pois, ainda, e não é talvez a menor, uma oposição entre as embriaguezes e a inteligência: o destino imperialista desta e a desdenhosa resignação daquelas em se exaltar à parte e para elas mesmas.

No entanto a história dá a pensar que essa oposição não comporta nenhum valor absoluto: é na medida em que a sociedade não sabe atribuir a devida parte às forças dionisíacas, as desafia e as persegue em lugar de as integrar, que o ser se encontra reduzido a tomar apesar dela as satisfações que deveria só dela receber. O valor essencial do dionisismo residia com efeito sobre esse ponto preciso: ele

unia socializando, pelo que, mais que qualquer outra coisa, separa quando o gozo é individual. Melhor, ele fazia da participação no êxtase e da apreensão em comum do sagrado o cimento *único* da coletividade que fundava, pois, em oposição aos cultos locais fechados das cidades, os mistérios de Dionysos eram abertos e universais. Eles colocavam assim no centro do organismo social, as turbulências soberanas que, decompostas, serão na seqüência acuadas pela sociedade nos terrenos vagos da periferia de sua estrutura para onde ela rejeita tudo o que arrisca desagregá-la<sup>1</sup>. Esse procedimento não representa nada menos do que a mais profunda das revoluções e não é indiferente que o dionisismo tenha coincidido com o levante dos elementos rurais contra o patriciado urbano, e que a difusão dos cultos infernais a expensas da religião

---

<sup>1</sup> De fato, em Roma, as Bacanais foram interditas a uma só vez como contrárias aos modos e como atentatórias à *segurança do Estado*. Para a Grécia, *As Bacantes* de Eurípides, documento de que é aliás extremamente delicado fazer uso, mostram suficientemente que a difusão do culto dionisíaco não se cumpriu sem luta com os poderes estabelecidos.

uraniana tenha sido acarretada pela vitória das camadas populares sobre as aristocracias tradicionais. Ao mesmo tempo os valores mudam de signo; os pólos do sagrado, o ignóbil e o santo, permutam. O que estava à margem com o tão interessante desfavor ligado a essa expressão, devém constitutivo da ordem e de certa forma *nodal*: o associal (o que parecia tal) conjunta as energias coletivas, as cristaliza, as subleva (*émeut*) — e se mostra força de *super-socialização*.

Basta esse *aperçu* para poder usar do termo *virtudes dionisíacas*, entendendo por virtude *o que liga*, por vício, *o que dissolve*. Pois basta que uma coletividade tenha podido achar nelas seu assentamento afetivo e fundar a solidariedade de seus membros apenas sobre elas à exclusão de toda pré-determinação local, histórica, racial ou lingüística<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Seria preciso remeter a esse respeito a toda uma sociologia das *confrarias*, infelizmente ainda pouco desenvolvida. Dois caracteres é preciso assinalar: as confrarias existem como estrutura forte num meio social frouxo. Elas se formam substituindo às determinações de fato (nascimento, etc.) sobre as quais repousa a coesão desse meio, a livre escolha consagrada por uma sorte de iniciação e de agregação solene

para assegurar, naqueles que as solicitam, a convicção de que elas são injustamente maltratadas numa sociedade que as quer ignorar e que não as sabe reduzir, para lhes dar o gosto e lhes mostrar a possibilidade de se agrupar em formação orgânica inassimilável e irreduzível, para firmar enfim sua resolução de recorrer a essa estratégia sempre oferecida.

Roger CAILLOIS

---

ao grupo, e tendem a considerar esse parentesco adquirido como equivalente ao parentesco de sangue (donde a constância do tratamento de *irmão* entre os adeptos), o que torna o laço assim criado mais forte que qualquer outro e lhe assegura a preferência em caso de conflito.

## NOTA SOBRE A FUNDAÇÃO DE UM

# COLÉGIO DE SOCIOLOGIA

Desde que se atribui uma importância particular ao estudo das estruturas sociais, percebe-se que os resultados obtidos pela ciência nesse domínio não apenas são geralmente ignorados, mas ainda por cima estão em contradição direta com as idéias em curso sobre esses assuntos. Esses resultados, tais como se apresentam, parecem extremamente promissores e abrem perspectivas insuspeitadas para o estudo do comportamento do ser humano. Mas permanecem tímidos e incompletos, em parte porque a ciência se limitou demais à análise das estruturas das sociedades ditas primitivas, deixando de lado as sociedades modernas, em parte porque as descobertas realizadas não modificaram tão profundamente quanto se podia esperar os postulados e o espírito da pesquisa. Parece mesmo que obstáculos de uma natureza particular se opõem ao desenvolvimento de um conhecimento dos elementos vitais

da sociedade: o caráter necessariamente contagioso e *ativista* das representações que o trabalho traz à luz parece responsável por isso.

2. Segue-se que há lugar para desenvolver entre aqueles que visam perseguir tão longe quanto possível investigações nesse sentido, uma comunidade moral, em parte diferente daquela que une de ordinário os sábios e ligada precisamente ao caráter virulento do domínio estudado e das determinações que nele se revelam pouco a pouco.

Essa comunidade não permanece menos livre ao acesso quanto aquela da ciência constituída e todo mundo pode aí aportar seu ponto de vista pessoal, não importando a preocupação particular que o leva a tomar um conhecimento mais preciso dos aspectos essenciais da existência social. Quaisquer que sejam sua origem e sua finalidade, considera-se que essa preocupação

é suficiente por si só para fundar os laços necessários à ação em comum.

3. O objeto preciso da atividade visada pode receber o nome de *sociologia sagrada*, dado que ele implica o estudo da existência social em todas aquelas de suas manifestações em que vem à luz a presença ativa do sagrado. Ela se propõe ainda a estabelecer os pontos de coincidências entre as tendências obsedantes fundamentais da psicologia individual e as estruturas diretrizes que presidem a organização social e comandam suas revoluções.

Georges AMBROSINO, Georges BATAILLE, Roger CAILLOIS, Pierre KLOSSOWSKI, Pierre LIBRA, Jules MONNEROT.

(1) Essa declaração foi redigida desde o mês de março de 37. A atividade desse Colégio começará em outubro: ela comportará de entrada um ensinamento teórico sob forma de conferências semanais. A correspondência deve ser endereçada provisoriamente a G.Bataille, 76 bis, rue de Rennes (6e).

# D O N J U A N

## SEGUNDO KIERKEGAARD

Kierkegaard e Nietzsche têm suas origens na música, matéria primeira universal, forma necessária da destinação (*destinée*).

Num como no outro o sentimento musical é o sentimento mesmo da vida indizível, irreduzível e inapropriável; em todos dois, é o erotismo puro e cego, é a experiência vivida que a reflexão ainda não desmembrou (*n'a pas encore entamée*), mas que ela desmembrará infalivelmente.

Nietzsche que descreveu como na sensibilidade musical da Grécia pré-socrática, a autoridade imperativa do imediato se vê progressivamente minada pela explicação justificativa do sofismo dialético, nota que é impossível para a linguagem "símbolo das aparências, manifestar jamais exteriormente a essência íntima da música que simboliza o antagonismo e a dor originais ao

coração do Um-primordial". Essa definição ainda muito schopenhaueriana de Nietzsche não deixa por isso de conter o conflito íntimo de sua filosofia que coloca em disputa (*met aux prises*) a linguagem, geradora da moral e negatriz da vida, e a música, forma exaltante e aprovadora do sofrimento. Antes dele, Kierkegaard, para quem a música não exprime senão o imediato em sua imediatez, observa que a linguagem tomou em si mesma a reflexão: "eis porque ela não pode exprimir o imediato. A reflexão mata o imediato, eis porque é impossível exprimir o musical na linguagem". Essa similitude de reações de Kierkegaard e de Nietzsche quando de sua *démarche* inicial respectiva permite considerar sob as categorias do segundo a experiência do primeiro.

Para uma primeira abordagem, Kierkegaard parece tomar a atitude contemplativa apolínea em face do espetáculo dionisiaco que lhe faz ver em Don Juan a encarnação do fenômeno dionisiaco do imediato erótico. Essa atitude da consciência contemplando a dança de seu próprio sofrimento que Nietzsche tinha descoberto aquém do cristianismo na tragédia grega, Kierkegaard a encontra além do cristianismo num mito parido (*enfanté*) pela consciência cristã.

*“O Cristianismo introduziu a sensualidade no mundo: como a sensualidade é o que deve ser negado, ela é, em tanto que realidade positiva, particularmente posta em evidência pela posição do contrário que a exclui. Ora, em tanto que princípio, força, sistema em si, a sensualidade não foi colocada a não ser pelo Cristianismo. É nesse sentido que o Cristianismo introduziu a sensualidade nesse mundo. Para compreender exatamente essa tese, é preciso apanhá-la identicamente à sua antítese: o Cristianismo*

*expulsou e excluiu do mundo a sensualidade. Em tanto que princípio, força, sistema em si, a sensualidade foi colocada pela primeira vez pelo Cristianismo; Eu poderia ainda ajuntar uma definição própria a esclarecer o que avanço: é somente pelo Cristianismo que a sensualidade deveio correlação do espírito. Isso é em verdade (tout à fait) natural: o Cristianismo sendo espírito, o espírito positivo que introduziu a sensualidade no mundo. Mas se a sensualidade é considerada sob a determinação do espírito, sua importância reside evidentemente no fato de se achar excluída, de ser determinada em tanto que princípio, em tanto que potência: pois é preciso que aquilo que o espírito, ele mesmo um princípio, deve excluir, seja um elemento que se afirme em tanto que princípio, ainda que no momento mesmo de sua exclusão...”<sup>325</sup>*

---

<sup>325</sup>L'Alternative (Les stades de l'immédiat érotique ou l'érotique musical), citado segundo a trad. alemã de Pfeiderer, Iena, 1911, p. 57.



Antes do Cristianismo, a sensualidade não era determinada espiritualmente. Como então? "A sensualidade, psicologicamente determinada, achou sua expressão a mais perfeita entre os Gregos. Ora, determinada psicologicamente, a sensualidade não é antítese, exclusão, ... mas unidade e harmonia...". Os Gregos não conheceram a sensualidade em tanto que princípio. A sensualidade era então confundida dentro da bela individualidade e a alma, que constituía a bela individualidade, era inconcebível sem a sensualidade. Por conseguinte, o erótico relevava da alma e não podia formar um princípio. O amor não se produzia no indivíduo a não ser de uma maneira momentânea. Se poderia objetar a isso que Eros era bem esse princípio: mas Eros figurava o amor psíquico. Ademais, Eros, deus do amor, não era ele-mesmo um deus enamorado. Ele dispensava o amor aos mortais como às outras divindades e se lhe aconteceu de sentir amor, o que é raro, é preciso aí ver a submissão a uma potência

que teria sido expulsa do universo se Eros ele-mesmo a tivesse repellido. Eros, dispensador do amor, não possui ele-mesmo a potência que simboliza, porque a transmite ao universo todo inteiro: enquanto os mortais que são, cada um, por ela animados, a reconduzem a ele. Entretanto, o Cristianismo introduziu no mundo a idéia de encarnação ou de representação: uma figura individual representando ou encarnando um princípio, dele concentra a força da qual qualquer um participa contemplando essa figura. Desde então, a consciência cristã pode igualmente conceber figuras que encarnavam os princípios e as forças que ela exclui. É assim que à época da Renascença ela criou as figuras da genialidade sensual e da genialidade intelectual excluídas do mundo. Kierkegaard não podia em seu tempo conhecer a significação dos mistérios dionisianos. Por mais forte razão devia ele ser portado por sua natureza a buscar o elemento dionisíaco dentro do mundo da sensibilidade cristã, a senti-lo e

achá-lo naquele momento na obra exaltante de Mozart.

Se o conflito da individuação determinava a experiência dionisiana da sensibilidade antiga, ele pôde motivar uma tensão dionisiana da sensibilidade cristã. Mas enquanto a alma antiga se representava Dionysos, na tragédia, sob a máscara de um herói combatente, “enlaçado nas redes da vontade particular”, “sofrendo as dores da individuação”, e não via a liberação senão na morte do herói conduzido por “sua vontade de ser ele-mesmo a única essência do universo”, — a consciência cristã, colocando o imediato como o princípio que ela exclui, se coloca ela-mesma como a individuação irreversível da alma imortal. Ela é então o espectador da forma de existência não individuada que ela se esforça por negar interiormente como que para combater a pior das tentações. Mas para negar o imediato (o não individuado), para transcender o desejo sacrílego de ser ela-mesma a única essência do universo, ela deve se dar

constantemente o espetáculo de heróis legendários que encarnam a criminal recusa de se individuar diante de Deus. *A consciência cristã realiza assim esse milagre de tornar presente Dionysos sob sua forma inumana, monstruosa e divina : o que a alma antiga não fizera mais que pressentir, o que ela não vira a não ser como máscara, a consciência cristã, graças (à la faveur) à encarnação, o vê a nu: Dionysos não deveria se revelar supremamente senão diante do Crucificado.*

No momento em que Deus morre, Nietzsche prova (éprouve) a ressurreição de Dionysos, deus da desindividuação. A morte do Deus da individuação exigirá a nascença do super-homem : pois se Deus morre, o eu (moi) individual não perde somente seu Juiz, ele perde seu Redentor e sua eterna testemunha : mas se perde sua eterna Testemunha, ele perde também sua identidade eterna. O eu morre com Deus. E a vertigem do eterno retorno se apossa (s’empare)

de Nietzsche: produto irreduzível e fortuito do universo cego, sua vontade individual esposando o movimento necessário do universo, entrevê, presente e se lembra das identidades inumeráveis já portadas como tantas máscaras do monstro Dionysos. Mas quando toda série tiver sido portada, será necessariamente preciso que um rosto reapareça a nu : aquele do “assassino de Deus”; a face do “assassino de Deus” não podendo ser senão um rosto de carne e osso, recém-formado pelo criador assassinado: aquele de Friedrich Nietzsche, rosto paradoxal de uma vontade que, no seio da irresponsabilidade consciente, tendia a estabelecer a responsabilidade em vista da necessidade.

Se predisse o retorno de uma idade trágica no sentido dionisiano, sua predição não foi menos feita do fundo de sua experiência íntima da morte de Deus, é dizer do fundo de uma experiência cristã. É pois

---

\* No sentido de experimentar.

legítimo confrontar com sua interpretação do trágico antigo (ruptura da individuação), aquela que Kierkegaard deu do trágico moderno (a individuação inevitável) por re-aporte ao antigo. No mundo antigo, observa Kierkegaard<sup>326</sup>, o indivíduo era integrado em determinações substanciais tais como o Estado, a Família, o Destino. Essas determinações substanciais constituem o elemento fatídico da tragédia grega, fazem dela o que ela é. O fim do herói não é somente uma consequência de seus atos, é também sofrença\*, enquanto na tragédia moderna ele não é em suma tanto a sofrença quanto a ação individual do herói. A tragédia moderna nos mostra como o herói, subjetivamente refletido, faz, por sua decisão individual, de sua vida sua ação. A tragédia moderna, baseada sobre o caráter e a situação, esgota na réplica todo o imediato e, por conseguinte, não tem nem o primeiro plano, nem o fundo épicos da tragédia grega. Nesta última, a

---

<sup>326</sup>Id., p. 127.

\* Remetendo à passividade

culpabilidade forma um elemento intermediário entre o agir e o sofrer, é no que reside a colisão trágica. Os tempos modernos (é dizer, cristãos) parecem ter elaborado uma concepção errônea do trágico; todo o elemento fatídico, todas as determinações substanciais, eles os traduziram em subjetividade consciente e em individualidade responsável. Desde então — porque nossas categorias são cristãs, — o herói trágico conscientemente culpado devém um ser mau e o mal devém o conteúdo essencial da tragédia. Antigamente o indivíduo era considerado em função de seu passado ancestral, de sua família, da comunidade; ele participava do destino da raça. Hoje se assiste ao isolamento do indivíduo; e assim como o cômico, característico do mundo cristão moderno, exprime o isolamento no seio desse mundo, assim o mal pelo mal, assim o pecado.

Kierkegaard e Nietzsche formam a cabeça de Janus da consciência moderna: Nietzsche busca identificar a extrema consciência com a

extrema necessidade, com o fatum; Kierkegaard não conhece senão a nostalgia do fatum em tanto que nostalgia do imediato. Para ele, não há mais existência submissa às determinações substanciais, não há senão uma existência no seio do pecado, na ignorância ou na plena consciência do pecado: é a posição inevitável, inelutável, a posição diante de Deus.

Mas a existência no seio do pecado, é a nascença do eu individual — com seus terrores (*affres*), com suas alegrias e suas dores — a nascença do eu sob o olhar inquisidor, terrível e amante/imante (*aimant*) de Deus.

*O eu "síntese de finito e infinito, é primeiro posto (posé); em seguida, para devir, ele se projeta sobre a tela da imaginação e do que lhe revela o infinito do possível. O eu contém tanto de possível quanto de necessidade, pois ele é bem ele mesmo, mas deve o devir. Ele é necessidade, pois que é ele mesmo, e possível pois que deve o devir.*

*Se o possível esculhamba (culbute) a necessidade e assim o eu se atira*

*e se perde no possível, sem ligação que o chame à necessidade, tem-se o desespero do possível. Esse eu devém então um abstraído no possível, se esgota a se debate sem no entanto mudar de lugar, pois seu verdadeiro lugar, é a necessidade: devir si-mesmo com efeito é um movimento no mesmo lugar (sur place). Devir é uma partida, mas devir si-mesmo é um movimento no mesmo lugar*<sup>327</sup>.

Tal aparece o problema a Kierkegaard no momento em que, aspirando a sair de uma vida intelectualmente dissoluta em que tinha fortemente sofrido a atração do proteísmo dos românticos alemães, lhe parece que sua união projetada com Regine Olsen não é mais que uma falsa saída: ele começa então seu exame de consciência : é o instante de *A Alternativa*, cujas primeiras *démarches* tomam sua partida no imediato erótico e no erótico musical. Há uma afinidade profunda, de uma parte entre a

nostalgia do imediato em Kierkegaard e a essência da música, e de outra parte entre Don Juan, encarnação do imediato erótico, e a música, seu meio de expressão o mais adequado.

*“A genialidade sensual é toda inteira força, tempestade, impaciência, paixão; ela é alguma coisa de essencialmente lírico : entretanto ela não consiste num momento mas numa sucessão de momentos.. donde seu caráter épico : ela é demasiado transbordante para que possa se exprimir pela palavra : ela se move constantemente no imediato... A unidade acabada dessa idéia e de sua forma adequada nós a achamos no Don Juan de Mozart e precisamente porque a idéia de genialidade é tão infinitamente abstrata, não é nem um pouco provável que Mozart possa jamais ter concorrente no porvir... Essa idéia de Don Juan é tanto mais musical (visto) que a música aí não se exprime como acompanhamento, mas como a*

---

<sup>327</sup>*La maladie mortelle (a doença mortal) (Le Traité du désespoir (O tratado do desespero)),*

---

trad. Franç. de Ferlov e Gateau, 1932, p. 99.

*revelação de sua essência a mais íntima. Eis porque Mozart, pelo seu Don Juan, se elevou acima de todos os imortais*<sup>328</sup>.

O estado de alma inicial de Kierkegaard é um estado musical por natureza que sua consciência cristã objetivará progressivamente : ela aí apreende a perda da inocência, desse estado em que a alma está em união imediata com seu natural e cujo profundo mistério é que ele é ao mesmo tempo a angústia. Ora, se o eu kierkegaardiano conheceu essa angústia, geradora do pecado através de suas diversas fases, desde a angústia diante do nada (*rien*), diante da possibilidade de poder, até a angústia diante do mal e diante do bem, formas da angústia refletida, ele pôde contemplar a figura do Don Juan mozartiano como a personificação miraculosa da angústia substancial.

*"...Como o olho pressente desde a primeira luminosidade o incêndio, assim a orelha aos sons agonizantes dos violinos pressente o ardor apaixonado, diz ele da Abertura de Don Juan. Há qualquer coisa como angústia nesse clarão: alguma coisa que seria engendrada na angústia, no seio das mais profundas trevas: tal a vida de Don Juan. Não é uma angústia subjetivamente refletida nele, é uma angústia substancial. Não é absolutamente desespero que exprime a Abertura, como se diz ordinariamente sem saber o que se diz: a vida de Don Juan não é tampouco feita de desespero, mas da toda potência da sensualidade engendrada na angústia; Don Juan ele-mesmo é essa angústia e essa angústia é precisamente sua alegria demoníaca de viver. Após tê-lo feito nascer assim, Mozart nos desenvolve sua vida nos sons dançantes dos violinos nos quais ele salta leve e furtivo por cima do abismo. Tal uma pedra que alguém projeta sobre a água de sorte que ela não faz mais que raspar a*

---

<sup>328</sup>*Les stades de l'immediat erotique... (Os estados do imediato erótico), p. 51-2.*

*superfície, por vezes fazendo alguns saltos ligeiros, mas desaparecendo sobre a onda tão logo cessa de saltar: assim dança ele por cima do abismo e jubila durante o breve repique que lhe é concedido (accordé)<sup>329</sup>.*

O eu kierkegaardiano às voltas (*aux prises*) com sua própria necessidade em face do infinito do possível, conhece num estado extático a encarnação de suas possibilidades infinitas : Don Juan, visão infernal e soberba, sonho insensato da consciência buscando eludir sua necessidade, — desafio a Deus no desespero de não poder escapar à condição de sua individualidade imortal. Até em suas observações estéticas quanto ao erro de certas interpretações de Don Juan que individualizaram o herói, lhe deram uma realidade biográfica, o submeteram a contingências, Kierkegaard exalta a natureza essencialmente musical e portanto anti-individual de Don Juan.

*Ele não é, “por sua essência, nem idéia (é dizer força, vida) nem indivíduo : ele ondula entre os dois. Ora, essa ondulação é a vida mesma da música. Quando a maré está baixa, vagas espumosas formam toda sorte de figuras semelhantes a seres animados: parece então que são esses seres que sublevam essas vagas, quando (na verdade) o movimento das vagas os produz. Da mesma maneira Don Juan é uma forma que devém aparente sem jamais se condensar numa figura definida, indivíduo que não cessa de se formar sem jamais se acabar, e de cuja história nós não percebemos mais do que aquilo que conta o rumor das vagas<sup>330</sup>.*

O Don Juan mozartiano pertence aos estados anteriores a toda tomada de consciência, aí está sua temível potência de fascinação : Don Juan é a forma suprema das metamorfoses do imediato erótico tais quais Mozart as revelou a Kierkegaard.

---

<sup>329</sup>Id., p.118.

*“No primeiro estado, a cobiça (Querubim) não acha seu objeto: ela o possui sem ter cobiçado, e por conseguinte não chega a se exercer em tanto que cobiça. No segundo estado (representado por Papageno) o objeto aparece em tanto que múltiplo: mas buscando seu objeto no múltiplo, a cobiça não tem objeto no sentido profundo: ela ainda não é determinada em tanto que cobiça. É no terceiro estado, em Don Juan, que a cobiça se mostra absolutamente determinada em tanto que cobiça: ela é, intensivamente e extensivamente, a união imediata dos dois estados precedentes. O primeiro estado cobiçava idealmente o Um; o segundo o particular sob a categoria do múltiplo; o terceiro os confunde. A cobiça achou no particular seu objeto absoluto, ela o cobiça absolutamente... Ora, não se deve de maneira alguma olvidar que não se trata da cobiça de um indivíduo,*

*mas da cobiça em tanto que princípio...”<sup>331</sup>*

Não é o sedutor refletido da categoria do interessante (Don Juan de Molière, Lovelace, Valmont, Johannes de Kierkegaard), tipos que para serem sedutores completos (*accomplis*), não buscam necessariamente variar ou aumentar a lista de suas vítimas, mas que são mais curiosos da personalidade daquelas que se propõem a circunvir. Fazer entrar Don Juan nessa categoria que é a do interessante é malcompreender sua natureza mítica. Se se o mete na escola da astúcia e do estratagema, se lhe empresta “reflexão e esta lança uma luz tão crua sobre sua pessoa que ele sai tão logo da obscuridade onde não era perceptível a não ser musicalmente”. Seu gozo é então todo intelectual, acha sua satisfação sobre o plano ético; não goza mais senão de sua astúcia, foi-se o gozo imediato, os cantos se calam. Ora, o Don Juan mozartiano é um sedutor na medida

---

<sup>330</sup>Id., p.84.



em que sua sensualidade e nada além de sua sensualidade é o objeto de sua cobiça. Don Juan cobiça e sua cobiça tem por efeito seduzir. Ele goza de satisfazer a cobiça e se buscando um novo objeto após ter gozado, ele engana, não é que ele tenha premeditado a impostura: ele não tem o tempo de representar (*jouer*) o papel do sedutor e é bem antes pela sua (delas) própria sensualidade que suas vítimas foram enganadas. "...Mas cobiçando em cada fêmea toda a feminilidade, ele exerce essa potência sensualmente idealizante pela qual embeleza, amadurece e vence sua presa." A infidelidade do Don Juan mozartiano por conseguinte não releva da estratégia dos sedutores morais: ela é inerente à cobiça e, enquanto o amor psíquico submisso à reflexão dialética da dúvida e da inquietude é sobrevivência no tempo, o amor sensual, infiel por essência, se esvanece no tempo, morre e renasce numa sucessão de momentos para achar assim na

música sua revelação a mais essencial.

*"Tal o clarão jorrado da nuvem sombria, ele surge fora da seriedade insondável da vida, mais rápido que o raio, em zig-zags mais selvagens, mas tanto mais seguro de atingir seu gol : escutem-no se precipitar no eterno fluxo cambiante dos fenômenos, tomar de assalto as sólidas muralhas da vida: os leves sons dos violinos, o riso perolado da alegria, as jubilações do prazer, as felizes festas do gozo: ele se depassa a si-mesmo, sempre mais selvagem, sempre mais fugidio, escutem a paixão na raiva da volúpia desencadeada, o rumor amoroso, o murmúrio tentador, o turbilhão sedutor, o silêncio do instante..."<sup>32</sup>*

Dionysos não era para Nietzsche a polimorfia original do eu chamada a renascer ao mundo? E assim Don Juan para Kierkegaard: não celebrou ele no herói mozartiano a luta da polimorfia de sua alma com a

---

<sup>33</sup>Id., p. 77.

consciência hostil cujos acentos ameaçantes percebemos desde a abertura? Não o descreveu ele do alto da consciência mesma que exigia a morte da polimorfia cega? Don Juan foi para ele a força elementar e informe que, parada fortuitamente em seu movimento e sobre o ponto de se individualizar ao contato do objeto encontrado, retomba em sua informidade primeira para retomar seu ritmo infinito: ele é, pois, como Dionysos, a expressão da melodia infinita na qual a alma de Nietzsche queria se fundir ao supremo grau da vontade: ele é a melodia infinita do possível que a alma de Kierkegaard escutava (*entendait*) com uma nostalgia angustiada pelo sentimento de culpabilidade, com nostalgia ainda assim: a sonoridade jocosa do herói mozartiano não lhe oferecia ela o espetáculo dourado de uma irresponsabilidade provisória?

*“...relançado sobre a posição a mais escarpada da vida, perseguido pelo rancor do mundo inteiro, esse Don*

---

<sup>332</sup>Id., p. 94.

*Juan vitorioso não tem outro refúgio que não um pequeno quarto afastado. Sentado à extremidade da balança da vida, na falta de uma alegre companhia ele desperta em si-mesmo a golpes de chicote todo seu prazer de viver. E a música muge com tanto mais furor por que ela ressoa no abismo acima do qual evolui Don Juan.*<sup>333</sup>

Kierkegaard tinha ele-mesmo conhecido essa posição escarpada: na medida em que se decidia no sentido da individuação, do “movimento sem sair do lugar” (*mouvement sur place*) que é o “devir si-mesmo”, ele recortava de si-mesmo por essa decisão todas possibilidades de vida estéticas e poéticas. Ora, acontecia que sua união com Regine Olsen não teria podido jamais se separar (*départir*) do caráter do interessante por ter sido contraída/contratada no seio mesmo das frivolidades intelectuais. Para possuir Regine no e segundo o eterno, era preciso renunciar a ela no tempo e romper: manobra que se

não podia realizar sem ironia: Kierkegaard tomava a máscara da infidelidade e o elemento temporal que é a música, expressão a mais imediata da infidelidade fiel a si mesma, ia ainda uma vez redevir a sua própria. É então que ao sair de uma paixão “feliz, infeliz, cômica, trágica”, Kierkegaard aparece na atitude escandalosa de um Don Juan da Fé. Pela recusa de se engajar no mundo existente e de nele consagrar seu amor pela instituição cristã do casamento, o eu, chegado à posição “diante de Deus”, tinha convertido a infidelidade fiel a si-mesma na fidelidade ao eterno: partido à deriva sobre o oceano de sua própria eternidade o eu kierkegaardiano prova então, como Don Juan cantando a “ária do Champagne”, uma “vitalidade interior tal que os mais diversos gozos da realidade são fracos em comparação com aquele que ele saca de si-mesmo”? Sempre é verdade que, em a *Repetição*, o eu devolvido a si-mesmo entoia um hino de ações de

graça, como se o possível sacrificado lhe fosse restituído em sua eternidade :

“Sou de novo eu-mesmo... minha barca está às ondas... num minuto estarei de novo onde permanecia o violento desejo de minha alma, lá onde as idéias enrubescem com o furor dos elementos, onde os pensamentos são desencadeados no tumulto como os povos à época das migrações, lá onde reina em outros tempos uma calma profunda como aquela do Oceano Pacífico, uma calma tal que a gente se escuta a si-mesmo falar desde que haja movimento no fundo da alma : lá enfim, onde se coloca a cada instante sua vida em jogo, para a perder e a reganhar a cada instante... Eu pertenço à idéia. Eu a sigo quando ela me faz sinal e quando me dá *rendez-vous* dia e noite: ninguém me espera para o almoço, ninguém para a janta. Ao apelo da idéia, deixo tudo ou antes nada tenho a deixar... De novo a copa da embriaguez me é estendida: aspiro seu perfume: já

---

<sup>333</sup>Id., p.122.

percebo como uma música sua crepitação (*petillement*); antes no entanto uma libação para aquela que libertou uma alma jazente na solidão do desespero: glória à magnanimidade da mulher! Viva o vôo do pensamento, viva o perigo (*danger*) de morte a serviço da idéia, viva o perigo (*péril*) da luta, viva a solene alegria do triunfo, viva a dança no turbilhão do infinito, viva a vaga que me arrasta para o abismo, viva a vaga que me arrasta até as estrelas!"<sup>334</sup>

Pierre KLOSSOWSKI.

---

<sup>334</sup> *La Répétition*, trad. Tisseau, 1933, p.183.

# NIETZSCHE



*vient de paraître :*

## LA VOLONTÉ DE PUISSANCE II

*traduit par G. Bianquis ( texte établi par  
F. Wurzbach ) . . . . . 30 f.*

## LETTRES CHOISIES

*traduites et réunies par Alexandre Vialatte 20 f.*

## ECCE HOMO

*traduction nouvelle d' Alexandre Vialatte . 15 f.*

*Rappel*

## LA VOLONTÉ DE PUISSANCE I

*traduit par G. Bianquis . . . . . 25 f.*

## AINSI PARLAIT ZARATHOUSTRA

*traduit par Maurice Betz . . . . . 24 f.*

*sous presse*

## Le Gay Savoir



THIERRY MAULNIER . NIETZSCHE . . . . . 15 f.

DRIEU LA ROCHELLE . SOCIALISME FASCISTE  
*Chapitre I . II . Nietzsche contre Marx . . . . . 15 f.*

D<sup>r</sup> E. F. PODACH . L'EFFONDREMENT DE  
NIETZSCHE . *Traduit de l'allemand par  
Andhrée Vaillant et J. R. Kuckenburg . . . . . 15 f.*

## CHARLES ANDLER

## NIETZSCHE, SA VIE ET SA PENSÉE

Vol. I Les Précurseurs de Nietzsche 55f.

Vol. II La Jeunesse de Nietzsche (*jusqu'à  
la rupture avec Bayreuth*) 40f.

Vol. III Le Pessimisme esthétique de  
Nietzsche (*sa philosophie à l'époque  
wagnérienne*) 35f.

Vol. IV La Maturité de Nietzsche (*jusqu'à  
sa mort*) 40f.

Vol. V Nietzsche et le Transformisme in-  
tellectuel 35f.

Vol. VI La dernière Philosophie de Nietzsche  
(*le renouvellement de toutes les valeurs*) 40f.



# G L M

## ( R E P È R E S )

TIRAGE LIMITÉ A 70 EXEMPLAIRES  
NUMÉROTÉS SUR NORMANDY VELLUM

parus:

### PREMIERE SERIE

- 1 PAUL ELUARD NUITS PARTAGÉES  
AVEC 2 DESSINS DE SALVADOR DALI  
ÉPUISE
- 2 JEAN LE LOUET ESPRITS GARDIENS  
AVEC 1 DESSIN DE GRÉGORIO PRIÉTO  
20 FR.
- 3 GISÈLE PRASSINOS UNE DEMANDE  
EN MARIAGE AVEC 1 DESSIN DE  
HANS BELLMER 30 FR.
- 4 VLADIMIR MAÏAKOVSKY C'EST DE  
NOUS QUE PARLAIT LA TERRE PAR  
LA VOIX DES CANONS TRADUIT PAR  
HALINA IZDEBSKA AVEC 1 DESSIN  
DE S. M. DIL 20 FR.
- 5 JEAN FOLLAIN LA VISITE DU  
DOMAINE AVEC 1 DESSIN DE GÉA  
AUGSBOURG 20 FR.

### DEUXIEME SERIE

- 6 ANDRÉ BRETON AU LAVOIR NOIR  
AVEC 1 FENÊTRE DE MARCEL  
DUCHAMP ÉPUISE
- 7 GUY LÉVIS-MANO NÉGATIF AVEC  
1 PHOTOGRAPHIE PAR MAN RAY  
30 FR.
- 8 PIERRE COURTHON MONSIEUR  
TÉNOR AVEC 1 EAU-FORTE DE KURT  
SELIGMANN 30 FR.
- 9 VITEZLAV NEZVAL ANTILYRIQUE  
TRADUIT PAR BENJAMIN PÉRET AVEC  
1 DESSIN DE TOYEN 20 FR.
- 10 BENJAMIN PÉRET TROIS CERISES  
ET UNE SARDINE AVEC 1 DESSIN  
DE YVES TANGUY 20 FR.

### TROISIEME SERIE

- 11 TRISTAN TZARA RAMURES AVEC  
1 DESSIN DE GIACOMETTI 25 FR.
- 12 GEORGES HUGNET LA HAMPE DE  
L'IMAGINAIRE AVEC 1 EAU-FORTE  
D'OSCAR DOMINGUEZ 30 FR.
- 13 MAX JACOB CHEMIN DE CROIX  
INFERNAL AVEC 1 DESSIN DE JEAN-  
MARIO PRASSINOS 20 FR.
- 14 RENÉ CHAR DÉPENDANCE DE  
L'ADIEU AVEC 1 DESSIN DE PICASSO  
30 FR.
- 15 HENRI MICHAUX SIFFLETS DANS  
LE TEMPLE AVEC UN DESSIN DE  
BERNAL 30 FR.

### QUATRIEME SERIE

- 16 AUDIBERTI ÉLISABETH-CÉCILE-  
AMÉLIE AVEC UN DESSIN DE JEAN  
DE BOSSCHÈRE 25 FR.
- 17 RENÉ BERTELÉ LE JUGEMENT DU  
VENT AVEC UN DESSIN DE BRIAN.  
GYSIN 20 FR.
- 18 PIERRE JEAN JOUVE URNE AVEC  
1 DESSIN DE BALTHUS ÉPUISE
- 19 VALENTINE PENROSE SORTS DE  
LA LUEUR AVEC 1 DESSIN DE  
PAALEN 25 FR.
- 20 JEAN SCUTENAIRE LES HACHES  
DE LA VIE AVEC 1 DESSIN DE  
RENÉ MAGRITTE 25 FR.

### CINQUIEME SERIE

- 21 FERNAND MARC CIRCONSTANCES  
AVEC 1 DESSIN DE JEAN MAREM-  
BERT. ÉPUISE
- 22 FRANZ KAFKA LA TOUR DE BABEL  
TRADUIT PAR HENRI PARISOT AVEC  
1 DESSIN DE MAX ERNST 35 FR.

### A PARAITRE

- 23 MICHEL LEIRIS TAUROMACHIES  
AVEC 1 DESSIN DE ANDRÉ MASSON.  
35 FR.
- 24 ROBERT GUIETTE MORT DU  
FANTÔME AVEC 1 DESSIN DE  
FERNAND LEGER 35 FR.
- 25 MAURICE BLANCHARD LES  
BARRICADES MYSTÉRIEUSES AVEC  
1 DESSIN DE LUCIEN COUTAUD  
35 FR.

IL RESTE ENCORE QUELQUES SÉRIES  
COMPLÈTES

- PREMIÈRE SÉRIE 135 FR.
- DEUXIÈME SÉRIE 165 FR.
- TROISIÈME SÉRIE 135 FR.
- QUATRIÈME SÉRIE 130 FR.



C A H I E R S      G L M

*le cahier d'octobre sera dirigé par*

**ANDRÉ BRETON**

*et sera consacré au*

*r ê v e*



*Introduction par Sigmund Freud*

*Interview de Havelock Ellis*

*Inédits des principaux classiques de la littérature  
onirique :*

Ch. Chr. Lichtenberg ·· K. Ph. Moritz ··  
Lucas ·· Hervey de Saint Denys ··

*Collaborateurs :*

Ferdinand Alquié ·· Albert Béguin ··  
André Breton ·· Claude Cahun ·· Dr Cayeux ··  
Hugh Sykes Davies ·· Paul Eluard ·· Dr Ferdière ··  
Maurice Heine ·· Georges Hugnet ··  
Marcel Lecomte ·· Michel Leiris ·· Gilbert Lély ··  
Dr Pierre Mabille ·· Vitezslav Nezval ··  
Henri Pastoureau ·· Benjamin Péret ··  
Gisèle Prassinos ·· Herbert Read ·· Gui Rosey ··  
Jean Scutenaire ··  
Hans Arp ·· Salvador Dali ·· Marcel Duchamp ··  
Max Ernst ·· René Magritte ·· Pablo Picasso ··  
Man Ray ·· Yves Tanguy ··



Paraissent 6 fois par an. Le prix de chaque cahier  
varie suivant son importance. Souscription aux  
6 premiers cahiers:

tirage sur alfa teinté	60 F.
25 ex. numérotés sur Normandy Vellum	150 F.
10 ex. numérotés sur Hollande pannekoek	200 F.
Etranger	87 F., 195 F., 360 F.
U. P.	70 F., 170 F., 330 F.

# G ■ L ■ M

## RÉPARATION A NIETZSCHE

*Numéro spécial d'ACÉPHALE · 8 francs*

<b>NIETZSCHE ET LES FASCISTES</b> .....	3
Elizabeth Judas-Foerster .....	3
Le second Judas du « Nietzsche-Archiv » .....	3
Ne pas tuer : réduire en servitude .....	4
Gauche et droite nietzschéennes .....	5
« Remarque pour les ânes » .....	5
Mussolini nietzschéen .....	6
Alfred Rosenberg .....	6
Une « religion hygiénique et pédagogique » : le néo-paganisme allemand .....	8
Plus professoral... (Alfred Baeumler) .....	9
Le « pays de mes enfants » .....	10
« Nous autres sans patrie » .....	11
Frédéric NIETZSCHE : HERACLITE (texte inédit en français). .....	14
Georges BATAILLE : PROPOSITIONS .....	17
I. — Propositions sur le fascisme .....	17
II. — Propositions sur la mort de Dieu .....	20
Jean WAHL : NIETZSCHE ET LA MORT DE DIEU (note sur le Nietzsche de Jaspers) .....	22
Jean ROLLIN : REALISATION DE L'HOMME .....	24
Pierre KLOSSOWSKI : CREATION DU MONDE .....	25
<b>DEUX INTERPRETATIONS RECENTES DE NIETZSCHE</b> .....	28
Karl Jaspers : NIETZSCHE, EINFÜHRUNG IN DAS VERSTÄNDNIS WEINES PHILISOPHIERENS (G. B.) .....	28
Karl Læwith : NIETZSCHE'S PHILOSOPHIE DER EWIGEN WIDERKUNFT DES GLEICHEN .....	29
<b>TROIS DESSINS D'ANDRE MASSON</b> .....	1, 15, 19



*à paraître prochainement*

### L'ÉROTISME

par Georges BATAILLE, Maurice HEINE, Pierre KLOSSOWSKI, Michel LEIRIS et André MASSON

*Numéro spécial d'ACÉPHALE · 8 francs*

6 RUE HUYGHENS PARIS 14<sup>e</sup> · TÉL · DANTON 45-49



# LA GRÈCE MYTHIQUE

*le véritable sanctuaire, le véritable  
berceau de l'humanité présente*



**“ VOYAGE EN GRÈCE ”**

4 rue de l'Échelle · PARIS (1<sup>er</sup>) tél Opéra 61-21



Renseignements sur les quatre croisières de l'été 1937

**“ ESCALES D'ULYSSE ”**

Prix à partir de 1150 francs

---

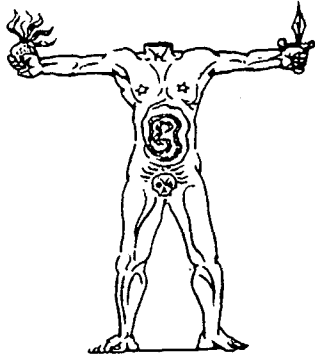
ACÉFALO

V

A LOUCURA

DE

NIETZSCHE



f.

# A LOUCURA DE NIETZSCHE

Em 3 de janeiro de 1889,  
há cinqüenta anos,  
Nietzsche sucumbia à loucura :  
sobre a piazza Carlo-Alberto, em Turim,  
ele se lançou soluçando ao pescoço de um cavalo batido,  
depois tombou (*s'écroula*);  
cria, quando despertou, ser

DIONYSOS

ou

O CRUCIFICADO

Esse acontecimento  
deve ser comemorado  
como uma tragédia.  
"Quando o que é vivente,  
tinha dito Zaratustra,  
se comanda a si mesmo,  
é preciso que o que é vivente  
expie sua autoridade  
e seja juiz, vingador e  
VÍTIMA  
de suas próprias leis."

Queremos comemorar um acontecimento trágico e somos/estamos agora aqui, suportados pela vida. O céu estrelado se estende acima de nossas cabeças e a terra gira sob nossos pés. A vida está em nosso corpo mas em nosso corpo se encaminha a morte (mesmo de longe um homem pode sempre sentir a vinda dos últimos suspiros). Acima de nós, o dia sucederá à noite, a noite ao dia. No entanto, nós falamos, falamos alto, sem mesmo saber o que são esses seres que nós somos. E daquele que não fala seguindo as regras da linguagem, os homens razoáveis que devemos ser asseguram que é/está louco.

Temos nós-mesmos medo de devir loucos e observamos as regras com muita inquietude. Além do que, os desregramentos dos loucos se repetem com uma monotonia tal que daí se depreende um extremo tédio. O pouco de atrativo dos dementes garante o sério e a severidade da lógica. No entanto o filósofo é talvez em seu discurso um "espelho do céu vazio" mais infiel do que o insensato e, nesse caso, tudo não deveria saltar?

Essa interrogação não pode ser tomada a sério, pois que sabiamente comportada (*sage*), ela cessaria tão logo de ter um sentido. No entanto ela é resolutamente estranha ao espírito da brincadeira (*plaisanterie*). Pois é necessário também que conheçamos o suor da angústia. Sob qual pretexto não se deixar embaraçar até suar? A ausência de suor é muito mais infiel que as *plaisanteries* daquele que sua. Aquele que chamamos sábio/comportado (*sage*) é o filósofo mas ele não existe independentemente de um conjunto de homens. Esse conjunto é composto de alguns filósofos que se entredilaceram e de uma turba, inerte ou agitada, que os ignora.

Nesse ponto, aqueles que suam se chocam *na obscuridade* com aqueles que vêem a história movimentada tornar claro o sentido da vida humana. Pois é verdade que pela história as turbas se exterminando umas às outras dão conseqüências à incompatibilidade das filosofias — sob forma dos diálogos que são as carnificinas. Mas o acabamento é um combate tanto quanto o nascimento e, além do acabamento e do combate, que há de outro senão a morte? Para além das *paroles* que se entredestroem sem fim, que há de outro senão um silêncio que fará devir louco a força de suár e de rir?

Mas se o conjunto dos homens, ou mais simplesmente sua existência integral — SE ENCARNASSE em um só ser — evidentemente tão solitário e tão abandonado quanto o conjunto — a cabeça do ENCARNADO seria o lugar de um combate inapaziguável — e tão violento que cedo ou tarde ela voaria em estalos. Pois é difícil de perceber até que grau de tempestade ou de desencadeamento chegariam as visões desse encarnado, que deveria ver Deus mas no mesmo instante o matar, depois devir Deus ele-mesmo mas somente para se precipitar tão logo num nada : achar-se-ia então um homem tão desprovido de sentido quanto o primeiro passante vindo mas privado de toda possibilidade de repouso.

Ele não poderia, com efeito, se contentar em pensar e falar, pois uma necessidade interior o constrangeria a viver o que pensasse e o que dissesse. Um semelhante encarnado conheceria assim uma liberdade tão grande que linguagem alguma bastaria para reproduzir-lhe o movimento (e não mais do que outras a dialética). Só o pensamento humano assim encarnado deviria uma festa cuja embriaguez e licença não seriam menos desencadeadas que o sentimento do trágico e a angústia. Isso acarreta reconhecer — sem que reste escapatória alguma — que o "homem encarnado" deveria *também* devir louco.

Quanto a terra lhe giraria com violência na cabeça! A que ponto ele seria crucificado! A que ponto ele seria uma bacanal (para trás aqueles que teriam medo de ver seu...)! Mas como ele deviria solitário, César, todo-potente e tão

sagrado que um homem não poderia mais o adivinhar sem fundir em lágrimas. A  
supor que..., como Deus não deviria doente ao descobrir diante de si sua razoável  
impotência para conhecer a loucura? (3 de janeiro de 1939)

## II

Mas não basta exprimir assim um movimento violento: as frases seriam a traição da impulsão primeira se não estivessem ligadas aos desejos e às decisões que são sua (das frases) razão de ser vivente. Ora é fácil de ver que uma representação da loucura ao cume não pode receber conseqüência direta: pessoa nenhuma pode destruir em si voluntariamente o aparelho de expressão que a atarraxa a seus semelhantes — como um osso a outros ossos.

Um Provérbio de Blake diz que *se outros não tivessem sido loucos, nós deveríamos sê-lo*. A loucura não pode ser rejeitada fora da *integralidade* humana, que não poderia ser cumprida sem o louco. Nietzsche devindo louco — em nosso lugar — tornava assim essa integralidade possível; e os loucos que tinham perdido a razão antes dele não tinham podido fazê-lo com tanto estalo. Mas o dom que um homem faz de sua loucura a seus semelhantes pode ser aceitado por eles sem que seja retribuído com usura? E se ela não é a desrazão daquele que recebe a loucura de um outro como dom soberano (*royal*), qual poderia dele ser a contrapartida?

Há um outro provérbio: *aquele que deseja mas não age nutre a pestilência*.

Sem dúvida alguma, o mais alto grau de pestilência é atingido quando a expressão do desejo é confundida com os atos.

Pois se um homem começa a seguir uma impulsão violenta, o fato de que a exprime significa que ele renuncia a segui-la ao menos durante o tempo da expressão. A expressão demanda que se substitua à paixão o signo exterior que a figura. Aquele que se exprime deve pois passar da esfera ardente das paixões à esfera relativamente fria e sonolenta dos signos. Em presença da coisa exprimida, é preciso pois sempre se perguntar se aquele que a exprime não se prepara um profundo sono. Uma tal interrogação deve ser conduzida com um rigor sem desfalimento.



Aquele que uma vez compreendeu que só a loucura pode cumprir o homem, é assim levado lucidamente a escolher — não entre a loucura e a razão — mas entre a impostura de "um pesadelo justificando roncos" e a vontade de comandar a si mesmo e de vencer. Nenhuma traição do que ele descobriu de estalos e de dilaceramentos ao cume lhe parecerá mais odiosa que os delírios simulados da arte. Pois se é verdade que ele deve ser a vítima de suas próprias leis, se é verdade que o cumprimento de seu destino demanda sua perda — em consequência se a loucura ou a morte tem a seus olhos o estalo de um festa — o amor mesmo pela vida e pelo destino quer que ele cometa antes de mais nada nele-mesmo o crime de autoridade que ele expiará. Está aí o que exige a sorte (*sort*) à qual o liga um sentimento de *chance* extrema.

Procedendo assim já de entrada do delírio impotente à potência — da mesma forma que deverá no desenlace de sua vida proceder em retorno da potência a algum desabamento súbito ou lento — seus anos não poderão mais se passar senão à procura — impessoal — da força. No momento em que a integralidade da vida lhe apareceu ligada à tragédia que a cumpre, ele pôde perceber o quanto essa revelação arrisca enfraquecer. Pôde ver em torno de si aqueles que se aproximam do segredo — que representam assim o verdadeiro "sal" ou o "sentido" da terra — se abandonarem ao sono dissoluto da literatura e da arte. A sorte da existência humana lhe apareceu assim ligada a um pequeno número de seres privados de toda possibilidade de potência. Pois certos homens portam em si mesmos muito mais do que, em seu declínio (*déchéance*) moral, crêem ; quando a turba ao redor deles e aqueles que a representam submetem (*asservissent*) á necessidade tudo o que tocam. Aquele que se formou até o extremo na meditação da tragédia deverá pois — em lugar de se comprazer na "expressão simbólica" das forças que dilaceram — ensinar (*apprendre*) a consequência àqueles que se lhe assemelham. Ele deverá pela sua obstinação e sua firmeza conduzi-los a se organizarem, a cessarem de ser, comparados aos fascistas e aos cristãos, trapos menosprezados por seus adversários. Pois o

cargo lhe incumbe de impor a *chance* à massa daqueles que exigem de todos os homens um modo de vida servil: a *chance*, é dizer, o que eles são mas abdicam por insuficiência de vontade.

# A AMEAÇA DE GUERRA

Não há circunstâncias difíceis senão para aqueles que recuam diante do túmulo.

SAINT-JUST

Não é inútil opor aos renegamentos de uns ou às escapatórias de outros um pequeno número de afirmações sem equívoco.

1 - O combate é a mesma coisa que a vida. O valor de um homem depende de sua força agressiva.

2 - Um homem "vivente" se representa a morte como o que cumpre a vida : ele não a olha como uma má-hora. Por contra, um homem que não tem a força de dar à sua morte um valor tônico é alguma coisa de "morto".

3 - Se se propõe ir até o limite do destino humano, é impossível permanecer só, é preciso formar uma verdadeira Igreja, é preciso reivindicar um "poder espiritual" e constituir uma força capaz de desenvolvimento e de influência. Nas circunstâncias presentes, uma tal Igreja deveria aceitar e mesmo desejar o combate no qual ela afirmaria sua existência. Mas ela deveria reportá-lo essencialmente a seus interesses próprios, é dizer, às condições de um "cumprimento" das possibilidades humanas.

4 - A guerra não pode ser reduzida a uma expressão e ao meio de desenvolvimento de alguma ideologia, mesmo belicista : ao contrário, as ideologias são reduzidas ao papel de meios de combate. Uma guerra depassa de todas partes as "*paroles*" que são pronunciadas por sua ocasião.

5 - O fascismo subordina servilmente todo valor à luta e ao trabalho. A sorte de Igreja que definimos deveria estar ligada a valores que não sejam nem militares nem econômicos : Não haveria para ela diferença entre existir e combater um sistema fechado de servidão. Ela não permaneceria menos estranha ao interesse nacional ou às grandes palavras democráticas.

6 - Os valores dessa Igreja deveriam ser da mesma ordem que as avaliações tradicionais que colocam a Tragédia no cume: independentemente dos resultados políticos, é impossível olhar uma descida do universo humano aos infernos como privada de sentido. Mas do que é infernal, não deveria ser possível falar a não ser discretamente, sem depressão e sem bravata.

# A PRÁTICA DA ALEGRIA DIANTE DA MORTE

Tudo isso eu o sou, eu quero sê-lo :

Ao mesmo tempo pomba, serpente e porco.

NIETZSCHE

Quando um ser humano se acha colocado de tal sorte que o mundo se reflita nele felizmente e sem acarretar destruição ou sofrimento — assim por uma bela manhã de primavera — ele pode se deixar ir ao encantamento ou à alegria simples que disso resulta. Mas ele pode perceber também no mesmo instante a pesadez e o vão cuidado (*souci*) de repouso vazio que essa beatitude significa. Nesse momento o que se eleva cruelmente nele é comparável a um pássaro de rapina que esgoelaria um pássaro menor num céu azul aparentemente pacífico (*paisible*) e claro. Ele percebe que não poderia cumprir a vida sem se abandonar a um movimento inexorável, cuja violência sente se exercer no mais fechado de si mesmo com um rigor que o apavora. Se ele se volta para os outros seres, que não deparam a beatitude, não prova ódio, ao contrário, prova simpatia pelas boas-horas necessárias: ele não se choca senão contra aqueles que têm eles-mesmos a pretensão de cumprir a vida e que representam uma comédia sem perigo para se fazerem reconhecer como aqueles que cumprem, quando não são mais do que aqueles que falam de cumprimento. Mas é desejável que ele não seja então tomado de vertigem. Pois a vertigem arrisca rejeitá-lo logo esgotado a um *souci* de lazer feliz ou, na falta deste, de vida sem sofrimento. Ou, se não sucumbe e se dilacera até o limite numa precipitação apavorada, ele entra na morte de uma tal maneira que não há nada de mais terrível. Feliz somente aquele que tendo provado a vertigem até tremer de todos seus ossos e até nada mais medir de sua queda reencontra, de um golpe, a potência inesperada de fazer de sua agonia uma alegria capaz de gelar e de transfigurar aqueles que a encontram. No entanto a única ambição que pode se apossar de um homem que, de sangue frio, olha em si a vida se cumprir no dilaceramento não pode pretender a uma

grandeza de que só a *chance* extrema tem a força de dispor. Essa sorte de decisão violenta que o lança fora do repouso não acarreta necessariamente sua vertigem nem sua queda numa morte precipitada. Ela pode devir ato e potência pelos quais ele se vota ao rigor cujo movimento se refecha sem cessar tão talhante quanto o bico de um pássaro de rapina. A contemplação não é mais que a extensão (*étendue*), logo calma e logo tempestuosa, através da qual a força rápida de sua ação deve ser posta a prova uma vez ou outra. A existência mística daquele cuja "alegria diante da morte" deveio violência interior não pode encontrar em caso algum uma beatitude satisfatória por ela-mesma, comparável àquela do cristão se dando o ante-gosto da eternidade. O místico da alegria diante da morte não pode ser olhado como trancado no sentido de que ele está em estado de rir com toda ligeirice de cada possibilidade humana e de conhecer cada encantamento acessível : no entanto a totalidade da vida — a contemplação extática e o conhecimento lúcido cumprindo-se numa ação que não pode deixar de devir risco — é também tão inexoravelmente seu lote quanto a morte é aquele de um condenado.

\*

Os textos que seguem não podem constituir por si só uma iniciação ao exercício de uma mística da "alegria diante da morte". Admitindo que possa haver um método, eles não representam nem mesmo um elemento dele. A iniciação oral sendo ela-mesma difícil, é impossível dar em algumas páginas outra coisa que não a representação a mais vaga do que é inapreensível (*insaisissable*) por natureza. No seu conjunto, estes escritos representam aliás menos exercícios propriamente ditos do que as simples descrições de um estado contemplativo ou de uma contemplação extasiada. Estas descrições não poderiam mesmo ser receptíveis se não fossem dadas pelo que são, é dizer, como livres. Só o texto que vem em primeiro poderia a rigor ser proposto como um exercício.

\*

Há lugar para empregar a palavra *mystique* em relação à "alegria diante da morte" e à sua prática, mas isso não significa mais que uma semelhança de ordem afetiva entre essa prática e aquela dos religiosos da Ásia e da Europa. Não existe razão para ligar qualquer pressuposição sobre uma pretendida realidade profunda a uma alegria que não tem outro objeto que a vida imediata. A "alegria diante da morte" não pertence senão àquele para quem não há além : ela é a única via de proibidade intelectual que a busca do êxtase pode seguir.

Como aliás um além, como Deus ou o que quer que seja de semelhante a Deus poderia ainda ser aceitável? Nenhum termo é assaz claro para exprimir o menosprezo feliz daquele que "dança com o tempo que o mata" por aqueles que se refugiam na espera da beatitude eterna. Essa sorte de santidade timorata (*craintive*) — que era preciso antes de mais nada pôr ao abrigo dos excessos eróticos — perdeu agora todo o seu poder : não há mais senão rir de uma

embriaguez sagrada que se acordava com um "santo" horror pelo deboche. A pudibundice é talvez salutar aos mal vindos: no entanto aquele que tivesse medo das mulheres nuas e do whisky teria poucas coisas a fazer com a "alegria diante da morte".

É uma santidade desavergonhada, impudica, que leva ela só a uma perda de si assaz feliz. A "alegria diante da morte" significa que a vida pode ser magnífica da raiz até o cume. Ela priva de sentido tudo o que está *no além* intelectual ou moral, substância, Deus, ordem imutável, ou salvação. Ela é uma apoteose do que é perecível, apoteose da carne e do álcool tanto quanto dos trances do misticismo. As formas religiosas que ela reencontra são as formas *naïves* que precederam a intrusão da moral servil : ela renova essa sorte de jubilação trágica que o homem "é" desde que cessa de se comportar como enfermo : de se fazer uma glória do trabalho necessário e de se deixar emascular pelo temor do amanhã.

\*



1

“Eu me abandono à paz até o aniquilamento.

“Os ruídos de luta se perdem na morte como os rios no mar, como o estalo das estrelas na noite.

“A potência do combate se cumpre no silêncio de toda ação.

“Entro na paz como num desconhecido obscuro.

“Tombo nesse desconhecido obscuro.

“ Devenho eu-mesmo esse desconhecido obscuro.

2

“EU SOU a alegria diante da morte.

“A alegria diante da morte me porta

“A alegria diante da morte me precipita

“A alegria diante da morte me aniquila.

“Permaneço nesse aniquilamento e, a partir de lá me represento a natureza como um jogo de forças que se exprime numa agonia multiplicada e incessante.

“Eu me perco assim lentamente num espaço ininteligível e sem fundo.

“Atinjo o fundo dos mundos

“Eu sou roído pela morte

“Eu sou roído pela febre

“Eu sou absorvido no espaço sombrio

“Eu sou aniquilado na alegria diante da morte.

“Eu sou a alegria diante da morte.

“A profundeza do céu, o espaço perdido é alegria diante da morte : tudo é profundamente fendido”.

“Eu me represento que a Terra gira vertiginosamente no céu.

“Eu me represento o céu ele-mesmo deslizando, girando e se perdendo.

“O sol, comparável a um álcool, girando e estalando a perder a respiração

“A profundeza do céu como um deboche de luz gelada se perdendo.

“Tudo o que existe se destruindo, se consumando e morrendo, cada instante não se produzindo a não ser no aniquilamento daquele que o precede e não existindo ele-mesmo senão ferido de morte.

“Eu me represento o instante gelado de minha própria morte<sup>335</sup>.”

## 4

“Fixo um ponto diante de mim e me represento esse ponto como o lugar geométrico de toda existência e de toda unidade, de toda separação e de toda angústia, de todo desejo insaciado (*inassouvi*) e de toda morte possíveis.

“Adiro a esse ponto e um profundo amor pelo que está nesse ponto me queima até recusar ser/estar em vida por toda outra razão que não a de pelo que é/está lá, por esse ponto que, sendo junto vida e morte do ser amado, tem o estalo de uma catarata.

E ao mesmo tempo é necessário desnudar o que está lá de todas suas representações exteriores, até que não seja mais que uma pura violência, uma interioridade, uma pura queda interior em um abismo ilimitado : esse ponto

---

<sup>335</sup> Uma noite, em sonho, X. se sente atravessado pelo raio: compreende que morre e fica tão logo miraculosamente ofuscado (*eblooui*) e transfigurado; nesse instante de seu sonho, atinge o *inesperado* mas acorda

absorvendo sem fim toda a catarata no que é nele nada, é dizer, desaparecido, "passado", e no mesmo movimento prostituindo sem fim uma aparição súbita ao amor que quer em vão apanhar o que vai cessar de ser.

"A impossibilidade do saciamento (*assouvissement*) no amor é um guia em direção ao salto cumpridor (*accomplissant*) ao mesmo tempo que é o pôr (*la mise*) ao nada de toda ilusão possível."

5

"Se me represento numa visão e num halo que o transfigura o rosto extasiado e esgotado dum ser morrente; o que irradia desse rosto aclara de sua necessidade a nuvem do céu, cuja luminosidade (*lueur*) cinza devém então mais penetrante que aquela do sol ele mesmo.. Nessa representação, a morte aparece da mesma natureza que a luz que aclara, na medida em que essa se perde a partir de seu vórtice (*foyer*) : aparece então que não é preciso uma perda menor do que a morte para que o estalo da vida atravesse e transfigure a existência terna, pois que é somente o seu arrancamento livre que devém em mim a potência da vida e do tempo. Assim eu cesso de ser outra coisa que não o espelho da morte da mesma maneira que o universo não é mais que o espelho da luz."

## 6 Meditação heraclitiana.

“EU SOU EU-MESMO A GUERRA.

“Eu me represento um movimento e uma excitação humana cujas possibilidades são sem limite : esse movimento e essa excitação não podem ser apaziguados senão pela guerra.

“Eu me represento o dom de um sofrimento infinito, do sangue e dos corpos abertos, à imagem duma ejaculação, abatendo aquele que ela sacode e o abandonando a um esgotamento carregado de náuseas.

“Eu me represento a Terra projetada no espaço, semelhante a uma fêmea gritando, a cabeça em chamas.

Diante do mundo terrestre cujos verão e inverno ordenam a agonia de tudo o que é vivente, diante do universo composto de estrelas inumeráveis que giram, se perdem e se consomem sem medida, eu não percebo senão uma sucessão de esplendores cruéis cujo movimento mesmo exige que eu morra ; esta morte não é senão consumação *estalante* de tudo o que era, alegria de existir de tudo o que vem ao mundo ; até minha própria vida exige que tudo o que é, em todos os lugares, se dê e se aniquile sem cessar.

“Eu me represento coberto de sangue, quebrado mas transfigurado e de acordo com o mundo, a um só turno como uma presa e como uma mandíbula do TEMPO que mata sem cessar e é sem cessar morto.

“Existem um pouco por toda parte explosivos que não tardarão talvez a cegar meus olhos. Eu rio se penso que esses olhos persistem em demandar objetos que não os destruam.”

Programa.

1. Formar uma comunidade criatriz de valores, valores criadores de coesão.
2. Erguer a maldição, o sentimento de culpabilidade que atingem os homens, os obrigam a guerras que não querem, votando-os a um trabalho cujo fruto lhes escapa.
3. Assumir a função de destruição e de decomposição mas como acabamento e não como negação do ser.
4. Realizar o cumprimento pessoal do ser e sua tensão pela concentração, por uma ascese positiva e por uma disciplina individual positiva.
5. Realizar o cumprimento universal do ser pessoal na ironia do mundo dos animais e pela revelação de um universo acéfalo, jogo e não estado ou dever.
6. Tomar sobre si a perversão e o crime não como valores exclusivos mas como devendo ser integrados na totalidade humana.
7. Lutar para decompor e excluir toda comunidade outra que esta comunidade universal, tais como as comunidades nacionais, socialista e comunista ou as igrejas.
8. Afirmar a realidade dos valores, a desigualdade humana que dela resulta e reconhecer o caráter orgânico da sociedade.
9. Participar na destruição do mundo que existe, os olhos abertos sobre o mundo que será.
10. Considerar o mundo que será no sentido da realidade contida desde agora e não no sentido de uma boa-hora definitiva que não é apenas inacessível mas odiosa.
11. Afirmar o valor da violência e da vontade de agressão em tanto que elas são a base de toda potência.

Para meus próprios olhos a existência...

Para meus próprios olhos a existência que me é pessoal não poderia estar perdida, verdadeiramente perdida senão em condições pouco prováveis... Mas eu jamais soube olhar a existência com o desprezo distraído do homem só. Sempre abri mil olhos sobre a existência desse mundo desconcertante, abri milhares de olhos sobre minha própria existência : milhares de olhares ávidos se atarraxavam mesmo a reflexões a que teria querido furtar-me a toda força.

Meus dois olhos de egoísta ou de aturdido teriam podido suportar não importa o que. Eu teria podido a meu grado levar uma existência insustentável: tais olhos teriam tido também a curiosidade tranqüila de descobrir alguma coisa de insustentável ou de manco : eu teria devido fazer soçobrar num abestalhamento negador, mas minha avidez não era o movimento deliberadamente bruto que eu crera. Ela era como aquela de um cão que não pode ser separado daquela do caçador que o acompanha passo a passo. Toda a existência humana estava presente na opressão que me desconcertou, a existência aos mil olhos, mil olhos ávidos de perceber uma presa para além das migalhas com as quais se nutre o tédio de cada dia.

Eu sou talvez temerário, talvez covarde ou ainda turno a turno temerário e covarde. Eu vivo : disponho como não importa quem, por vezes com vantagem, das luzes, do alimento, das conversações vazias e das reflexões que a vaidade torna reconfortantes: de nenhuma dessas covardias eu quereria cessar de dispor e eis porque delas falo com um cuidado de exatidão tão tranqüilo. Percebo — as frases se ordenando formam um cortina de bruma mas essa cortina é por vezes transparente — graças a quais fúteis pretextos um homem ávido pode suportar o espetáculo do céu, da terra e dos homens sem explodir em soluços : porque me é impossível amar, amar o que enfim não seria mais eu — que exigiria em troca do amor que enfim me consumiria o dom de toda minha vida, *de toda minha vida?*...

Respondo sem dúvida mal a uma expectativa... Mas a expectativa deve antes ser decepcionada. *A procura da presa viva não é a procura apressada da*

*sombra com que se contenta a preguiça de espírito que se dá o nome de ação.* Me alongo daqueles que esperam do acaso, de um sonho, de um levante a possibilidade de escapar à insuficiência. Eles parecem demais com aqueles que outrora se remeteram a Deus da preocupação de salvar sua existência manca. Mas temo a expectativa contrária que supõe tudo à mercê de uma improvisação.

As poucas maravilhas que a pobreza humana desse tempo mantém como os despojos de um passado de uma grandeza esmagadora, como o testemunho de uma decadência sem remédio, deveram menos à vontade que quebra que à disciplina lenta e selvagem que resolve passo a passo cada covardia, cada esquecimento num ritmo agindo como uma interminável encantação. Tenho medo — trato de exprimir-me mais puerilmente do que jamais pude fazê-lo — provo um sentimento de aflição física diante das tentações que surgem tão precárias quanto espectros — como evitar na ausência e no vazio em que somos esquecidos devir o joguete de alguns espectros — mas o que é simplesmente espectral não é ainda senão a sombra portada da ausência e do vazio. O que pode ser amado se reconhece ao amor, à embriaguez irremediáveis, a cruéis e duráveis exigências, não à excitação noturna e à decepção que seguem os terrores devidos à presença da morte.

Não estou locado na necessidade de achar naquilo que escrevo outra coisa ou mais do que a vida me aporta : me pareceria vão dissimular o que quer que seja daquilo que se opõe ainda à vinda da “interminável encantação” feita um dia talvez de solitudes, de privações, de sofrimentos e mesmo de suplícios *felizmente* sofridos. A tentativa taciturna que estreita os nervos e os endurece, a meditação portada lentamente ao limite de um soluço abandonam talvez mais do que parece a vontade a incoerências, a imprevisíveis traições. O percurso perseguido para além das vias traçadas exige menos a energia furiosa que a insistência em deludir a pior obstinação : a obscura obstinação de todos os homens em se querer os portadores e as vítimas de uma existência deserdata. Não penso tanto naqueles que, por falta de terem achado o que a vida oferece de ardente e de irremediável, não tomam senão por pobreza o partido dos que ela deserda. Mas quem pode

estar seguro de que através dos desvios da sorte uma impulsão tumultuosa não busque desajeitadamente o que justificará um dia uma maldição de cão magro contra a vida — ou, mais humilhado ainda, a benção de uma existência enferma.

A chance — buscada na feliz e perturbada insistência da encantação — pode só ela responder aqui a uma ironia plena de angústia. A chance que alonja com tanta segurança aquele que não quer achar em si mais que a *extensão* demasiado claramente finita da existência deserdada.

Tossa, 14.IV.36.



[Instruções para o encontro na floresta]

A ler várias vezes, da maneira a mais precisa  
e a reter:

Tomar num guichê de pequena periferia um bilhete de ida e volta para Saint-Nom-la Bretèche. O trem é às 20 horas.

Não reconhecer ninguém, não falar a ninguém e tomar um lugar afastado dos outros.

Em Saint-Nom, sair da *gare* dirigindo-se em relação à marcha do trem para a esquerda.

Seguir sem nada perguntar aquele dentre nós que esperará sobre a rota, em grupo de dois ou três e sempre sem falar, até o sendero a partir do qual a marcha terá lugar em fila indiana, cada um a alguns metros de distância do precedente.

De novo sobre a rota, marchar ainda em pequenos grupos a fim de atrair a atenção o menos possível caso se a atraia.

Uma vez no lugar do encontro, parar e esperar ser conduzido individualmente ao local onde será preciso permanecer imóvel e mudo até o fim.

Quando tudo tiver terminado, seguir aqueles que se irão nas mesmas condições que na ida.

No retorno no trem, tomar um lugar afastado dos outros e em Paris, ir-se cada um para seu lado.

Não se trata de estar de humor sinistro ou mesmo moroso mas está fora de questão falar em nenhum momento e isso deve ter lugar em toda simplicidade.

Na seqüência, toda conversação a respeito do “encontro” está excluída, sob qualquer pretexto que seja. Aquilo que cada um de nós terá a exprimir não poderá sê-lo senão sob forma de texto destinado ao diário interior.

## FORACCLUSÃO DA CONCLUSÃO

Assim como perguntei, com Heidegger, não apenas se o homem pode, mas se ele deve ser humano, cabe aqui perguntar, seja com *Acéphale*, seja com a hora presente, não apenas se posso, mas se devo concluir. Espero que o que veio sendo dito até aqui te convença que não.

Espero, por outro lado, que a sumária retomada de questões que farei confirme meu pierremenardesco argumento quanto à inexistência (graças ao irreparável jogo da “diferencia”) do eterno retorno do mesmo, ao invés de refutá-lo.

Falei de início que apesar da oposição quase diametral entre a posição demarcada pelos *Cadernos* e aquela aberta por *Acéphale* ambas se situavam a partir da exaustão de um mesmo projeto: o do modernismo esclarecido e esclarecedor. É tempo de retomar esta questão, colocando-a justamente em relação com o tempo.

Seria preciso proceder a uma genealogia da expressão “hora presente”. Vimos que, por exemplo, Jackson de Figueiredo já a utilizava em 1919 no título de seu opúsculo *Do nacionalismo da hora presente*. Vimos, por outro lado, que Nestor Vitor<sup>336</sup> dela se utiliza também em carta a Tasso da Silveira de 1924:

És, pois, com efeito, um incontente de todos e de tudo, como és um incontente de ti próprio, refletindo assim, porém, torno a dizer, a feição do sentimento e do

---

<sup>336</sup> Lembremos do diferente rumo para que cada um desses buscava inclinar Tasso (Cf. Cap. I)

pensamento, no que eles têm de mais doloroso, porém também de mais digno à hora presente.”<sup>337</sup>

Outra pista de que dispomos para atribuir um sentido à dita expressão está em sua diferenciação daquele que seria seu “par mínimo”, a palavra modernidade. Se, em *Festa*, Tasso e seus companheiros reivindicam esta última, auto-intitulando-se modernistas (espiritualistas, continuadores, totalistas..., mas modernistas), o mesmo não se dá nas páginas dos *Cadernos* em que, como já foi dito, modernidade aparece como sinônimo de inequívoca decadência. Daí sua substituição pela expressão, esta sim dotada ao menos de bivocidade, hora presente.

Enquanto deixis, situando-se logiconologicamente na extremidade, vale dizer, no ponto mais baixo, no último degrau, da decadência moderna desencadeada pelo renascimento, a hora presente se apresenta como infinitamente precária e aporética tal aquela, entre a cruz e emáús, comoventemente reinventada por Tasso no poema dramático “A hora da aflição infinita”<sup>338</sup>. Apocalipse como destruição (pois eis seu sentido secular).

Mas “hora presente” não equivale simplesmente a “esta hora”. Não é mera deixis, não aponta simplesmente para o instante que passa, mas o qualifica como presença. A hora presente é a hora da presença, da parúsia. Apocalipse como revelação.

É como se “hora presente” reproduzisse, a um só tempo, a trajetória que Joaquim Ribeiro diz ter sido a de Tasso da Silveira: da inquietação, da abertura da experiência, do pensamento que *devém* “uma ferida cada vez mais funda”, ao consolo, à clausura da

---

<sup>337</sup>VITOR, Nestor. *Obra crítica Vol-II*. pp.253-254. Eu destacando.

<sup>338</sup> *Cadernos da Hora Presente* n. 9, pp.92-96.

experiência, a ferida tapada com a crença no que é de maneira definitiva. (Note-se que, segundo Ribeiro, também em Tasso esses momentos são contemporâneos)<sup>339</sup>

Ouçamos, agora, Henrique Abílio (segundo Andrade Muricy católico já à época de *Festa*, tendo sido apresentado ao grupo por Jackson de Figueiredo) em sua condenação do primitivismo antropofágico:

Que resta teoricamente, depois do estudo que temos feito senão o fetichismo do presente, que ignora o futuro mesmo na sua noção mais abstrata e fecha as portas ao passado da maneira mais concreta? O presente assim entendido é em última análise um não ser, mas tal como o querem de fato os primitivistas, corresponde ou é antes a expressão do individualismo alucinado que os caracteriza e persegue e os torna, no momento atual da nossa literatura, e mesmo em todos os tempos, eminentemente indesejáveis.

Se me fosse possível, eu diria aqui as razões verdadeiras que fazem dessa hora presente uma pura quimera, mas depois das considerações anteriores isso não me parece absolutamente indispensável. Contudo, convém notar que a arte de uma nacionalidade só existe pela tradição, de que a hora presente é apenas o aspecto atual, em acordo com a sua continuidade sem a qual a arte não é. Quero eu dizer que a “hora atual” é uma *maneira de ser* da “hora total” e não uma fantasmagoria particular de meia dúzia de indivíduos, que se deixaram rolar para o ceticismo por motivos que não me interessa investigar.”<sup>340</sup>

---

<sup>339</sup> “É curioso notar, todavia, que enquanto se descobre essa **harmonia** na poética, lavra no espírito de Tasso da Silveira uma **inquietação** demoníaca. // A sua poesia é antes uma **compensação** para a sua personalidade, do que uma **projeção** desta. // Tasso - o inquieto interior - plasma o seu ritmo como se fosse Tasso, de serenidade olímpica. supre com a Arte, o que a sua Filosofia não pode dar.” “Genética espiritual de Tasso da Silveira” em “Itinerário lírico de Tasso da Silveira” *Cadernos n. 5*, p.51.

<sup>340</sup> “O erro objetivo do primitivismo” *Cadernos n. 9*, p.63. A morte precoce de Henrique Abílio me faz pensar na seguinte frase de Bataille: “A amargura súbita da sorte desmente a humildade, desmente a confiança. A verdade responde como uma bofetada à bochecha estendida dos humildes.” (Cf. “A vontade do impossível”).

Se estamos próximos à já clássica definição baudelairiana da arte como conjunção da “hora total” e da “hora atual”<sup>341</sup> (e esta visão da arte como articulação do efêmero ao eterno é recorrente nos *Cadernos*) é preciso no entanto que façamos a devida distinção. E esta se encontra na modalidade desta articulação, ou seja, na diferença entre o simplesmente efêmero e o verdadeiramente contingente. Explico-me: se a modalidade desta articulação é a subordinação da “hora atual” à “hora total” (se aquela não passa de uma *maneira de ser* desta), o efêmero (o que passa com o dia) não pode se dar como contingente (o que poderia não ser mas é) porque é aquilo que deveria ser, vem já de antemão determinado por uma αρχη e por um τελος.

É aqui que intervém *Acéphale* para restaurar o desequilíbrio através de sua operação por excelência: matar Deus.

Mas o que quer dizer se ele não existe, matar Deus *que não existe*? Talvez, a uma só vez, matar Deus porque ele não existe e para que ele não exista: e é o rir. Matar Deus para franquear a existência dessa existência que a limita, mas também para reconduzi-la aos limites que apaga essa existência ilimitada (o sacrifício). Matar Deus para reconduzi-lo a esse nada que ele é e para manifestar sua existência no coração de uma luz que o faz flamejar como uma presença (é o êxtase). Matar Deus para perder a linguagem numa noite ensurdecadora e porque essa ferida deve fazê-lo sangrar até que jorre um “imenso aleluia perdido no silêncio sem fim”(é a comunicação). A morte de

---

<sup>341</sup>”A modernidade é o transitório, o fugitivo, o contingente, a metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável” *Salão de 1846*. Ou “O belo é constituído por um elemento eterno, invariável, cuja quantidade é excessivamente difícil determinar, e de um elemento relativo, circunstancial, que será, se quisermos, sucessiva ou combinadamente, a época, a moda, a moral, a paixão.” *O pintor da vida Moderna*.

Deus não nos restitui a um mundo limitado e positivo, mas a um mundo que se desata na experiência do limite, se faz e se desfaz no excesso que o transgride.<sup>342</sup>

Articular o pensamento de que a morte de Deus não quer dizer senão que há “uma estranha solidariedade entre sua inexistência que estala e o gesto que o mata” (ainda Foucault) àquele do eterno retorno significa: que não podemos cessar de matar Deus para que cada instante, para que o presente, possa ser vivido em sua irrestrita contingência, em sua irreparável *quodlibetalidad*<sup>343</sup>. Para restituir ao mundo sua acefalidade, ao homem sua singularidade (ser *ipsum*: a coisa mesma, e não *idem*: a mesma coisa<sup>344</sup>), à hora presente sua soberania.

É conhecida a posição anti-sartreana de Bataille, sua recusa ao projeto por subordinar (*asservir*) o presente à execução, através da ação, de uma obra futura:

Podemos dizer, em outros termos, que é *ser-vil* [eu, F.S., escandindo] visar antes de mais nada a duração, empregar o *tempo presente* em proveito do porvir, o que fazemos quando trabalhamos. (...) O que é soberano, com efeito, é gozar do tempo presente sem nada ter em vista senão esse tempo presente.<sup>345</sup>

---

<sup>342</sup> FOUCAULT, Michel. “Préface à la transgression” in *Critique n. 195-196*, août-sept 1963, pp.753-754.

<sup>343</sup> Cf. AGAMBEN, Giorgio. *La comunidad que viene*. Traducción José L. Villacañas y Claudio La Rocca, Valencia, Pre-textos, 1996, p. 17. É interessantíssimo ainda, embora (ou justamente por ser) evidente, o *aperçu* de Agamben de que é só na contingência, na “qualqueridade”, que se pode pensar em ética: “O fato de que deve partir todo discurso sobre a ética é que o homem não é, nem há de ser ou realizar nenhuma essência, nenhuma vocação histórica ou espiritual, nenhum destino biológico. Só por isto pode existir algo assim como uma ética: pois está claro que se o homem fosse ou tivesse que ser esta ou aquela substância, este ou aquele destino, não existiria experiência ética possível, e só haveria tarefas para realizar.” (p.31).

<sup>344</sup> Novamente Agamben, p.65. Mas ver também BATAILLE, Georges. “L’expérience intérieure” *O.C. V*, sobretudo pp.133-145., em que o *ipse* absurdo, selvagem e soberano se opõe à “*chiennerie docile*” do *je* discursivo.

Esse fetichismo<sup>346</sup> do tempo presente enquanto não-ser (como bem percebeu Henrique Abílio) pode ainda ser associado ao *Jetztzeit* benjaminiano, ao fazer “saltar pelos ares o *continuum* da história” rompendo com o “tempo homogêneo e vazio” do historicismo e instaurando “um tempo saturado de ‘agoras’”<sup>347</sup>.

No conto “Previdência” de Aristides Ávila (*Cadernos n. 5*, pp.121-136) emerge, pelo menos até certo ponto, essa valorização da hora presente enquanto irreparável, através da fábula do pre-cavido Bartolomeu que, após uma vida de contenção e trabalho visando a acumulação, acaba por perder praticamente tudo o que pre-tendia deixar para os filhos. Querendo driblar os impostos que recairiam sobre a quantia que ficasse em testamento, e seus filhos não aceitando receber a herança com ele ainda vivo, entrega sua fortuna a um seu amigo padre que acaba morrendo “asfixiado pela responsabilidade” sem dizer onde a guardara.<sup>348</sup>

---

<sup>345</sup> “La souveraineté” *O.C. VIII*, p.248.

<sup>346</sup> Experimente-se ler o seguinte trecho de “Les sorties du texte” (em que Barthes pega no *grand petit*, no *gros orteil* de Bataille) substituindo a palavra palavra pela palavra instante e a palavra texto pela palavra tempo: “As palavras-valores (os vocábulos) colocam o desejo no texto (no tecido da enunciação) - e dela o fazem sair: o desejo não está no texto pelas palavras que o ‘representam’, que o contam, mas por palavras suficientemente recortadas, suficientemente brilhantes, triunfantes, para se fazer amar, à maneira dos fetiches.

<sup>347</sup> Cf. As teses 14, 15 e 16 “Sobre o conceito da história” *Obras escolhidas I*, pp.229-231.

<sup>348</sup> Aristides Ávila introduz também nos *Cadernos* um certo *perspectivismo* com o texto “Anti-Fábula” (“Prólogo do livro inédito “O talento dos irracionais”) em que, diante da estátua de “um homem vigoroso como Hércules, a dominar um leão formidável” é travado o seguinte diálogo entre um irlandês e um “leão melenudo e ferocíssimo, encerrado em sólida jaula de varões de aço: “— Contempla, ó meu amigo, e diz-me quem é o rei dos animais?! — Ora! — respondeu ele, — tu, pobre homem, tens cada argumento!... Afirmando-te eu: fossem os leões escultores, havias de encontrar aqui um monumento representando um leão a subjugar dez homens!” (*Cadernos n.3*, pp.71-73). Quanto à questão da “descuidosa imprevidência” (a que Tristão de Ataíde alude como uma das características gerais do povo brasileiro), ligada à soberania do presente e, diga-se de passagem, a uma economia fundada no gasto e a uma ética do dom, ver também “Sob o signo do diamante”(“Do livro a sair *O negro e o garimpo em Minas*”) em que Aires da Mata Machado Filho atribui aos garimpeiros de S. João da Chapada: “Contam-se casos de muitos que enriqueceram e ficaram pobres da noite para o dia. Se conseguem tirar alguma coisa, gastam desmedidamente o capital reunido [são verdadeiros acéfalos]. Não pensam no dia de amanhã.” Emerge ainda nesse texto um simulacro do *potlach* maussiano (tão importante para as reflexões de Bataille sobre o dom): “O tipo autêntico do lugar tem gabo em ver a casa cheia de gente na ocasião das festas. É sinal de prosperidade e mostra de índole hospitaleira. (*Cadernos n. 3*, pp.74-77).

Vemos portanto que a gente dos *Cadernos* (exceções os inevitáveis elementos acefalizantes que tentei expor) busca sair do impasse vanguardista - a incapacidade de impor a um mundo de massas um projeto artístico-político-pedagógico avançado (logo utópico) e iluminado - através do reatamento com uma tradição pré-iluminista, numa espécie de retrotopia, tentativa (segundo Bataille necessariamente fascisante) de recomposição de uma *Vaterland* (terra do pai humano e do divino, do terreno - ou, antes, territorial - e do celeste) ideal e incontestado. Escapa assim ao fracasso da discussão pública esclarecedora revelado pela falência, decretada na Europa ao longo dos anos 30, de seu órgão político por definição, o parlamento. Mas se o faz é para recair (salvo talvez em alguns casos, como, ao menos em matéria de religiosidade e até um dado limite, o de Octavio de Faria), como bem o demonstram as críticas à poesia de Tasso da Silveira apresentadas no primeiro capítulo desta dissertação, na discursividade cristã<sup>349</sup>. Isso se tomamos discurso como o tipo de experiência, não necessariamente mas por excelência linguística, em que as partes se subordinam, sem margem a equívocos (ao menos no que diz respeito à “intenção do sujeito”: lembremos do “NÃO CONFUNDAIS” de Tasso), ao todo.

---

<sup>349</sup> “La faiblesse du christianisme est, selon Bataille, et en ce lieu, de n’avoir pas pu dégager les opérations discursives du discours lui-même, d’avoir confondu de l’*expérience* avec le *discours*, et de l’avoir donc réduite aux possibilités du discours qu’elle excède largement”. KRISTEVA, Julia, “Bataille, l’expérience et la pratique” usado como epígrafe por JAY, Martin, *op. cit.*, p.35. Embora isso não possa se aplicar irrestritamente, por exemplo, aos “santos eróticos” (reivindicados, pelo menos até certo ponto, por Bataille nas próprias páginas de *Acéphale* (n, 2, p. 20) e sobretudo em *L’expérience intérieure*) e demais devotos do “Deus vivo” (como aliás viria a ser Klossowski) resta que, na medida em que pressupõem um todo que tudo unifica, um Deus a que todas as coisas se subordinam, aceitam um limite prévio para a experiência. Lembro ainda que Kristeva buscava nesse momento (o texto é de 72) descrever e precipitar justamente as forças, semiótico-transgressivas, capazes de explodir a discursividade tético-simbólica. Cf. *La révolution du langage poétique*, Paris, Seuil, 1974. Desculpe, mas não consigo conter a proliferação desta nota, pois devo ainda sublinhar que o já citado texto de Barthes “Les sorties du texte” apresentado no mesmo colóquio que o de Kristeva traz o *ipsissimus enjeu* (a aposta na coisa-mesma) pois ao que tende a fetichização de “palavras-valores” senão à explosão do discurso na exterioridade interior do texto?



Experiência que reprime portanto, se levamos em conta a já citada definição bourget-nietzscheana do estilo decadente, a parte que nela pudesse tomar a decadência.

Já a soberania acéfala se dá (não é) como o levar às últimas conseqüências (até o limiar de sua tresvaloração) dessa decadência<sup>350</sup>. A parte (o ser singular qualquer, o instante-já (para lembrarmos Clarice), o ponto, o fragmento, o artelho, a palavra) se insubordinando, se sobrepondo (e com isso deixando de ser parte) ao todo que, por sua vez, morre, deixa de ser todo: corpo acéfalo ou, para evocar aquele que se deu, talvez ainda mais acefalicamente que Bataille, a essa experiência soberana, corpo sem órgãos.

Aqui se faz necessária uma palavra sobre a comunidade. Se já não pertencem a um mesmo todo o que pode haver de comum entre essas ex-partes, esses seres singulares quaisquer? Se já não se pode tratar de organização de que modo se relacionarão, visto que falar apenas em coexistência pode ser uma indicação válida mas permanece demasiado vago?

A comunidade de *Acéphale* apesar do nome, e de, teoricamente postular uma ausência, a de Deus morto, e o silêncio (sacrifício do discurso, dessublimação, desreificação da linguagem) parece ainda, na prática (desculpe-me a pueril oposição) ter dependido em grande parte da ação de um cabeça, Bataille, para, ainda que precariamente, ter lugar, acontecer. Sucedendo ao fracasso político-pedagógico da aliança (Breton-Bataille) *Contre-Attaque*, *Acéphale* buscava no modelo da seita secreta e auto-segregada, na comunhão dos fortes, realizar uma espécie de política ontológica preterindo o “transformar

---

<sup>350</sup> Ou, como prefere Bataille, *critique* (“no sentido passivo e ativo do termo”) Cf. “Chronique Nitzschéene” *Acéphale III-IV*.

o mundo” ao “changer la vie” de pelo menos algumas pessoas. Apesar de ter atingido, ao menos para alguns, a intensidade proporcionada pela associação de

Uma tão formidável seriedade a uma puerilidade tão enorme em vista de portar a vida a um grau de incandescência e de obter esses “instantes privilegiados” aos quais aspirávamos desde crianças<sup>351</sup>

parece haver consenso entre aqueles que foram membros da comunidade que seu “échec n’était pas évitable”.

Tentei expor, estou tentando, duas possíveis aporias que contribuíram para esse échec: a da *mise en projet* da soberania (sabendo-se que procurá-la equivale sempre a não encontrá-la); e a aporia a que conduz a comunhão na medida em que leva á formação de uma espécie de indivíduo coletivo sujeito enquanto “nós” unívoco às mesmas críticas que podemos formular a um eu individual.

Diante desse impasse da comunhão e da soberania Bataille postulará mais tarde o paradoxo de uma comunidade fundada na ausência de comunidade e no seio da qual as paixões seriam desencadeadas pelo mito da ausência de mito.

Jean-Luc Nancy propõe encontrá-la na articulação escritural (aquela que interrompe o mito) entre seres finitos singulares.

Giorgio Agamben, levando até o limite o pensamento de Bataille: “Le principal est toujours le même: la souveraineté n’est RIEN” trata justamente de aniquilá-la levando de arrasto não apenas as formas da comunhão mas qualquer tipo de relação:

---

<sup>351</sup> “...un aussi formidable sérieux à une puérité aussi énorme en vue de porter la vie à un degré d’incandescence et d’obtenir ces “instants privilégiés” auxquels nous aspirions depuis l’enfance.” (Cf. o já citado *Acéphalogramme*). Lembrar também das citadas cartas de Bataille de 1960.

O bando é uma forma da relação. Mas de que relação propriamente se trata, visto que ele não tem nenhum conteúdo positivo e os termos em relação parecem excluir-se (e, ao mesmo tempo, incluir-se) sucessiva e alternadamente? Qual é a forma da lei que nele se exprime? O bando é a pura forma do referir-se a qualquer coisa em geral, isto é a simples posição de uma relação com o irrelato. Neste sentido, ele se identifica com a forma limite da relação. Uma crítica do bando deverá então necessariamente colocar em questão a própria forma da relação e perguntar-se se o fato político não é por acaso pensável para além da relação, isto é não mais na forma de um reaporte.<sup>352</sup>

Aqui se interrompe.

---

<sup>352</sup>“Il bando è una forma della relazione. ma di che relazione propriamente si tratta, dal momento che esso non ha alcun contenuto positivo e i termini in relazione sembrano escludersi (e, insieme, includersi) a vicenda? Qual è la forma della legge che in esso si esprime? Il bando è la pura forma del riferirsi a qualcosa in generale, cioè la semplice posizione di una relazione con l’irrelato. In questo senso, esso si identifica con la forma limite della relazione. Una critica del bando dovrà allora necessariamente mettere in questione la forma stessa della relazione e chiedersi se il fatto politico non sia per caso pensabile al di là della relazione, cioè non più nella forma di un rapporto”. Cf. *Homo sacer: Il potere sovrano e la nuda vita*. Torino, Einaudi, 1995, p.35.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

ABEL, Lionel. "Georges Bataille and the repetition of Nietzsche" in BOLDT-IRONS, Leslie Anne (org). *On Bataille*. Nova York, State University of N.Y, 1995.

ABREU, Manoel de. "Acabou o Modernismo no Brasil" in *Lanterna Verde n.4*. Rio de Janeiro, 1936, pp. 30-42.

*ACÉPHALE* - nos. 1-5 - 1936-1939. Paris, Jean Michel Place, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: Il potere sovrano e la nuda vita*. Torino, Einaudi, 1995.

- *La comunità che viene*. Torino, Einaudi, 1990.

AMÉRICA LATINA - Revista de Arte e Pensamento n. 3-4. Rio de Janeiro, out/nov de 1919.

- n. 5. Rio de Janeiro, Dezembro de 1919.

ALMEIDA, Renato de. "Ronald de Carvalho e o Modernismo" in *Lanterna Verdei n. 4*, Rio de Janeiro, 1936.

- "Minha entrevista com Paul Valéry" in *Lanterna Verde n. 5*. Rio de Janeiro, 1937, pp. 127-131.

AMARAL, Azevedo. *O Estado autoritário e a realidade nacional*. Brasília, Ed.UnB, 1981.

ANDRADE, Mário. "Tasso da Silveira", "A poesia em pânico", "Os caminhos da vida", "Fronteiras". in *O empalhador de passarinhos*. Brasília, Martins, 1972.

ANDRADE, Oswald. "Imprecação a Tristão de Athayde" in *Estética e Política* (org. de Maria Eugenia Boaventura). São Paulo, Globo, 1992.

- "O futurismo tem tendências clássicas" in *Estética e Política* (org. de Maria Eugenia Boaventura). São Paulo, Globo, 1992.

- "Informe sobre o Modernismo" in *Estética e Política* (org. de Maria Eugenia Boaventura). São Paulo, Globo, 1992.

- "O Modernismo" in *Estética e Política* (org. de Maria Eugenia Boaventura). São Paulo, Globo, 1992.

ANTELO, Raul - *Literatura em Revista*. São Paulo, Ática, 1984.

- "Uma literatura centáurica". *Revista Iberoamericana*, n. 182-183, Pittsburgh, jan-jun 1998, p.81-96.

- "O percurso das supersenções". Catálogo da exposição *Que beleza*, Wolfburg, Kunstmuseum, s.d.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz - Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994.

ARTAUD, Antonin. *L'Ombilic des Limbes*. Paris, Gallimard, 1989.

- *Mensajes Revolucionarios*. Madrid, Fundamentos, 1976.

- *Para terminar con el juicio de dios y otros poemas*. Buenos Aires, Caldén, 1975.

- *El momo y otros poemas*. Buenos Aires, Caldén, 1976.

ATHAÍDE, Tristão de. "Poesia Religiosa". in *Estudos - Ia série*. Rio de Janeiro, 1929.

- "A Idade Nova" in *Lanterna Verde n.3*. Rio de Janeiro, 1936

- "Síntese" in *Lanterna Verde n, 4*. Rio de Janeiro, 1936, pp.85-98

BARRETO, Lima. "Restos do 'Tabu' ancestral" in *Marginália*. São Paulo, Mérito, 1957.

BARTHES, Roland. "La métaphore de l'oeil" in *Critique n. 195-195*, août-sept, 1963.

- "Les sorties du texte" in *Bataille, UGE*, coll. "10/18", 1973.

BATAILLE, Georges. *O ânus solar*. Lisboa, Hiena, 1985.

- *L'abbé C.*. Paris, Folio, 1990.

- *L'Apprenti Sorcier - textes, lettres et documents (1932-1939) rassemblés, présentés et annotés par Marina Galletti.* Paris, Éditions de la différence, 1999.
- *O erotismo.* Porto Alegre, L&PM, 1987.
- *L'expérience intérieure.* Paris, Gallimard, 1990.
- *Les larmes d'Eros.* Paris, 10/18, 1996.
- *Madame Edwarda/Le Mort/Histoire de l'oeil.* Paris, 10/18, 1996.
- *Ma Mère.* Paris, 10/18, 1997.
- "Notre-Dame de Rheims" in *Oeuvres Complètes I.* Paris, Gallimard, 1992 (1970).
- "La valeur d'usage de D.A.F Sade", "[Le fascisme en France]", "En marge d'Acéphale" in *O.C. - Vol II.* Paris, Gallimard, 1994. (1970)
- "Madame Edwarda", "L'impossible", "Le bleu du ciel" in *O.C. III,* Paris Gallimard, 1994 (1971)
- "L'expérience intérieure", "Le coupable" in *O.C. V,* Paris, Gallimard, 1992 (1973)
- "Sur Nietzsche", "Memorandum" in *O.C. VI.* Paris, Gallimard, 1994 (1973)
- "La part maudite", "La religion surréaliste" in *O.C. - Vol-VII.*
- "Le surréalisme au jour le jour", "Le non-savoir et la révolte", "La souveraineté" in *O.C. VIII.* Paris, Gallimard, 1997 (1976).
- "La littérature et le mal" in *O.C. IX.* Paris, Gallimard, 1993 (1979).
- "L'erotisme". in *O.C. X.* Paris, Gallimard, 1987.
- "La volonté de l'impossible", "De l'âge de la pierre à Jacques Prévert", "L'absence de Dieu", "L'absence de mythe" in *O.C. XI.* Paris, Gallimard, 1988.
- "René Char et la force de la poésie", "Hegel, la mort et le sacrifice" in *O.C. XII.* Paris, Gallimard, 1988.

BAUDRY, Jean-Louis. "Bataille et l'expérience intérieure" in *Tel Quel* 55, Paris, Outono 1973.

BENJAMIN, Andrew. "Tempo e tarefa: Benjamin e Heidegger mostram o presente" in

BENJAMIN, Andrew e OSBORNE, Peter (orgs.) *A Filosofia de Walter Benjamin - Destruição e Experiência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997. pp. 225-258.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I - magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

- *Obras escolhidas II - Rua de mão única*. São Paulo, Brasiliense, 1997.

- "Teorias do Fascismo Alemão" in *Documentos de Cultura / Documentos de Barbárie*. São Paulo/Campinas, Edusp/Cultrix, 1986.

- "Pensamentos e visões de um Decapitado" in *Documentos de Cultura / Documentos de Barbárie*. São Paulo/Campinas, Edusp/Cultrix, 1986.

BERGSON, Henri. *Le Rire - Essai sur la signification du comique*. Paris, P.U.F., 1964

BESNIER, Jean-Michel. *La politique de l'impossible - l'intellectuel entre révolte et engagement*. Paris, La découverte, 1988.

BLANCHOT, Maurice. *La communauté inavouable*. Paris, Minuit, 1997.

- *L'espace littéraire*. Paris, Folio, 1996.

- *Thomas l'obscur*. Paris, Gallimard, 1995.

- "Nota sobre la transgression" in *La risa de los dioses*. Madrid, Taurus, 1976.

- *Sade y Lautréamont*. Buenos Aires, Ed. del Mediodía, 1967.

- *La folie du jour*. Paris, Fata Morgana, 1973.

BOLDT-IRONS, Leslie Anne "Introduction" in BOLDT-IRONS, Leslie Anne (org). *On Bataille*. Nova Yorque, State University of N.Y, 1995.

*Cadernos da Hora Presente* - 1-9. São Paulo, SEP, 1939/1940.

BRETON, André. *Manifestos do surrealismo*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BÜRGER, Peter. “O significado da vanguarda para a estética contemporânea: resposta a Jürgen Habermas” in *Arte em revista*, 7, São Paulo, ago 1983.

CAILLOIS, Roger. “Paradoja de una sociologia ativa : El colegio de sociología” in *Acercamientos del imaginario*. Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1989.

- *L’homme et le sacré*. Paris, Folio, 1989. (1939)
- *Les jeux et les hommes*. Paris, Gallimard, 1967 (1968).
- *El mito y el hombre*. México, FCE, 1988.

CALINESCU, Matei. *Cinco caras de la modernidad - Modernismo, vanguardia, decadencia, kitsch, posmodernismo*. (Traducción de Maria Teresa Beguiristain). Madrid, Tecnos, 1991.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

CAYGILL, Howard. “Benjamin, Heidegger e a destruição da tradição” in BENJAMIN, Andrew e OSBORNE, Peter (orgs.) *A Filosofia de Walter Benjamin - Destruição e Experiência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

CERTEAU, Michel de. “Caminhadas pela cidade” in *A invenção do cotidiano* (1 - Artes de fazer) Petrópolis, Vozes, 1994.

COMAY, Rebecca. “O fim de partida de Benjamin” in BENJAMIN, Andrew e OSBORNE, Peter (orgs.) *A Filosofia de Walter Benjamin - Destruição e Experiência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997, pp.259-298.

COMPAGNON, Antoine. *Les cinq paradoxes de la modernité*. Paris, Seuil, 1990.



CORN, Tony. "Unemployed negativity (Derrida, Bataille, Hegel) in BOLDT-IRONS, Leslie Anne (org). *On Bataille*. Nova York, State University of N.Y, 1995.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris, P.U.F., 1997.

- "Literature and Life" in *Critical inquiry* 23. Minnesota, Winter 1997.

DERRIDA, Jacques. "La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines" in *L'écriture et la différence*. Paris, Editions du Seuil, 1994.

- "De l'économie restreinte à l'économie général : un hegelianisme sans reserve" in *L'écriture et la différence*. Paris, Editions du Seuil, 1994.

- *Dar (el) tiempo - I. La moneda falsa*. Barcelona, Paidós, 1995.

- "Che cos'è la poesia" in *Points de suspension*. Paris, Galilée, 1992 .

- *Positions*. Paris, Minuit, 1972.

DUCASSE, Isidore (Lautréamont). *Les Chants de Maldoror*. Paris, Flammarion, 1988.

FARIA, Octavio de. "Mensagem post-modernista" in *Lanterna Verde n.4*. Rio de Janeiro, 1936.

- *Mundos Mortos*

FIGUEIREDO, Jackson. "O Partido da Experiência", "Tolerância". in *Prosa*. Rio de Janeiro, Agir, 1958.

FILHO, Cândido Motta. *Dias lidos e vividos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.

- *Contagem regressiva*. Rio de Janeiro , José Olympio, 1972

FOUCAULT, Michel. *O pensamento do exterior*. São Paulo, Princípio, 1990.

- "Préface à la transgression" in *Critique - Hommage à Georges Bataille, n. 195-196*, Paris, août-septembre 1963, pp.751-769.

- GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas*. São Paulo, Ed. Símbolo, 1977.
- GASCHE, Rodolphe. "The heterological almanac" in BOLDT-IRONS, Leslie Anne (org). *On Bataille*. Nova York, State University of N.Y, 1995.
- GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial - Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo, Marco zero, 1990.
- GUINSBURG, Carlo. "Mitologia germânica e nazismo : Sobre um velho livro de Georges Dumézil" in *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- HABERMAS, Jürgen. *El discurso filosófico de la modernidad*. Madrid, Taurus,
- "Modernidade versus Pós-modernidade" in *Arte em revista*, 7, São Paulo, ago 1983.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia del Espiritu*. México, Fondo de Cultura Economica, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. "Que é metafísica?" in *Os Pensadores XLV*. São Paulo, Abril, 1973.
- *Sobre o humanismo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.
  - *Caminos de bosque*. Madrid, Alianza, 1997.
- HOLLIER, Denis. "L'inénarrable - les vases non communicants" in HOLLIER, Denis. (org) *Georges Bataille - après tout*. Paris, Belin, 1995, pp.271-281.
- *Les dépossédés (Bataille, Caillois, Leiris, Malraux, Sartre)*. Paris, Minuit, 1993.
  - *La prise de la Concorde*. Paris, Gallimard, 1993.
  - "From beyond Hegel to Nietzsche's absence" in BOLDT-IRONS, Leslie A. *On Bataille*. N.Y., State University of N.Y. Press, 1995.
  - (org.) *Le Collège de Sociologie 1937-1939*. Paris, Gallimard, 1995.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo, Perspectiva, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. "A busca da tradição: vanguarda e pós-modernismo nos anos 70" in *Arte em revista*, 7, São Paulo, ago 1983.

JAY, Martin "Limites de l'expérience-limite : Bataille - Foucault" in HOLLIER, D. (Org) *Georges Bataille - après tout*. Paris, Belin, 1995, pp.35-60.

JOHNSON, Cristopher. "La leçon de philosophie: de Derrida à Levi-Strauss" in *Passion de la littérature - avec Jacques Derrida*. Paris, Galilée, 1996.

KAUFMAN, Vincent. "Communautés sans traces" in HOLLIER, Denis. (org) *Georges Bataille - après tout*. Paris, Belin, 1995, pp.61-79.

KLOSSOWSKI, Pierre. "À propos du simulacre dans la communication de Georges Bataille" in *Critique - Hommage à Georges Bataille*, n. 195-196, Paris, août-septembre 1963, pp. 742-750.

- "La misa de Georges Bataille - a propósito de *L'abbé C...*" in *Tan funesto deseo*. Madrid, Taurus, 1980.

KOJÈVE, Alexandre. *La dialectica del amo y del esclavo en Hegel*. Buenos Aires, La Pleyade, 1975.

KRISTEVA, Julia. *La Révolution du langage poétique*. Paris, Ed. du Seuil (collection Tel Quel), 1974.

- "Bataille, Experience and Practice" in BOLDT-IRONS, Leslie A. *On Bataille*. N.Y., State University of N.Y. Press, 1995.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo, Duas Cidades, 1974.

LEIRIS, Michel. "De la literatura considerada como una Tauromaquia" in *Sur*, 315, Buenos Aires, nov.-dez. 1968.

- "Bataille: de l'impossible à l'impossible" in *Critique - Hommage à*

*Georges Bataille*, n. 195-196, Paris, août-septembre 1963.

LEVI-STRAUSS, Claude. *La pensée sauvage*. Paris, Plon, 1962.

- "Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss" in *Marcel Mauss - Sociologie et Anthropologie*. Paris, Quadrige/PUF, 1979.

LIBERTSON, Joseph. "Bataille and communication: Savoir, Non-Savoir, Glissement, Rire" in BOLDT-IRONS, Leslie Anne (org). *On Bataille*. Nova York, State University of N.Y, 1995.

LINS, Álvaro. "Unidade e Divisão" (sobre Octavio de Faria) in *Os mortos de sobrecasaca - ensaios e estudos (1940-1960)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963, pp. 99-106.

- "No subsolo da natureza humana" (sobre Lúcio Cardoso, é claro) in *Os mortos de sobrecasaca - ensaios e estudos (1940-1960)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963, pp. 107-121

LISPECTOR, Clarice. "Uma hora com Tasso da Silveira" in *Vamos Ler* Rio de Janeiro, dez. 1940.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994.

LYOTARD, Jean-François. "Resposta à questão: o que é o pós-moderno?" in *Arte em revista*, 7, São Paulo, ago 1983.

MARTINS, Wilson. *História do modernismo brasileiro*. São Paulo, Cultrix, 1973 (4 ed.).

MASSON, Andre. "Le soc de la charrue" in *Critique - Hommage à Georges Bataille*, n. 195-196, Paris, août-septembre 1963, pp. 701-705.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa (Volume único) - organização de Luciana Stegagno Picchio*. Rio de Janeiro, nova Aguilar, 1995.

- "O eterno nas letras brasileiras modernas" in *Lanterna Verde n.4*. Rio de Janeiro, 1936.

METRAUX, Alfred. "Rencontre avec les ethnologues" in *Critique - Hommage à Georges Bataille, n. 195-196*, Paris, août-septembre 1963, pp.677-684.

MILLIET, Sérgio. "Novembro, 11 (1951)" in *Diário Crítico - VIII*. São Paulo, Martins / Edusp, 1982.

MORICONI, Ítalo. *A provocação pós-moderna - razão histórica e política da teoria hoje*. Rio de Janeiro, Diadorim, 1994.

- "Qualquer coisa fora do tempo e do espaço (poesia, literatura, pedagogia da barbárie". in ANDRADE, Ana Luiza, CAMARGO, Maria Lucia de Barros e ANTELO, Raúl (orgs.). *Leituras do ciclo*. Chapecó, Grifos, 1999.

NANCY, Jean-Luc. *La communauté désœuvrée*. Paris, Christian Bourgois, 1990.

- *L'impératif catégorique*. Paris, 1983.

NEGRI, Antonio. *Il potere costituente*, MILANO, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich W. *O anti-cristo*. Lisboa, Guimarães, 1978.

- *Assim falou Zarathustra*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1986.

- *Além do Bem e do Mal*. São Paulo, Hemus, 1981.

- *Le gai savoir*. Paris, Folio, 1997. Tradução de Pierre Klossowski.

- "Die Fröhliche Wissenschaft" in *Das Hauptwerk - II*. München, nymphenburger, 1994.

- *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

- *Vontade de Potência*. Rio de Janeiro, Ediouro, s.d.

OSBORNE, Peter. "Vitórias de pequena escala, derrotas de grande escala: a política do tempo de Walter Benjamin" in BENJAMIN, Andrew e OSBORNE, Peter (orgs.) *A Filosofia de Walter Benjamin - Destruição e Experiência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997, pp.72-121.

PEREIRA, Astrojildo. *Ensaio históricos e políticos*. São Paulo, Alfa-ômega, 1979.

RAMOS, Guerreiro. *Mito e verdade da revolução brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1963.

RICHMAN, Michèle "A Durkheimian perspective on the Collège de sociologie (1937-39)" in GILL, Carolyn Bailey (ed) *Bataille - writing the sacred*. Routledge, London/N.Y., 1995. pp.58-75.

ROUDINESCO, Élisabeth. "Bataille entre Freud et Lacan: une expérience cachée" in HOLLIER, Denis. (org) *Georges Bataille - après tout*. Paris, Belin, 1995, pp.191-212.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

SARLO, Beatriz. "Un debate sobre la cultura" in

- "Retomar el debate" in *Punto de vista*, 55, Buenos Aires, ago 1996.

SARTRE, Jean Paul. "Un nuevo místico" in *El hombre y las cosas*. Buenos Aires, Losada, 1965.

SCHORSKE, Carl. "La idea de la ciudad en el pensamiento europeo: de Voltaire a Spengler" in *Punto de Vista* n. 30, Buenos Aires, jul-out 1987.

SCHWARTZMAN, Simon. BOMENY, Helena Maria Bousquet. COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro / São paulo, Paz e Terra / Edusp, 1984.

- *Bases do Autoritarismo Brasileiro*. Brasília, Ed. UnB, 1982.

SILVEIRA, Tasso. "A anta e o carrapato". in *Festa - 2*. Rio de janeiro, 1927.

- *Caminhos do espírito*. São Paulo, J. Fagundes, 1937.

- *Cantos do Campo de Batalha*. Rio de Janeiro, 1945.
- *Fio d'água*. Edição sem referências. (1918)
- *Puro Canto*.
- "São Bento Monastery" in *Travel in Brazil*, DIP, 1941.

SIMÕES, Neusa Quirino. "Conversando sobre 'Festa' - entrevista com Alceu Amoroso Lima (27/11/1973)" in *Revista do IEB* n.19. São Paulo, USP, 1977.

SLÖTERDIK, Peter. *Regras para um parque humano*. Tradução de Antônio Carlos dos Santos, inédito.

- *Mobilização copernicana e desarmamento ptolomaico*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1992 (Tradução de Heidrun Krieger Olinto).

SMITH, Paul. *Discerning the subject*

- "Bataille's Erotic Writings and the Return of the Subject" in BOLDT-IRONS, Leslie A. *On Bataille*. N.Y., State University of N.Y. Press, 1995.

SOLLERS, Philippe. *L'écriture et l'expérience des limites*. Paris, Seuil, 1968.

- "Solitude de Bataille" in *Les temps modernes - Georges Bataille*. Paris, dez. 1998 - Jan/Fev. 1999, Ano 54, n. 602.

STOEKL, Allan. *Politics, writing, mutilation - the cases of Bataille, Blanchot, Roussel, Leiris, and Ponge*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1985.

SULEIMAN, Susan Robin. "Transgression and the Avant-Garde: Bataille's *Histoire de l'oeil*" in BOLDT-IRONS, Leslie Anne (org). *On Bataille*. Nova Yorque, State University of N.Y, 1995.

- "Bataille in the street - The search for virility in the 1930s" in GILL, Carolyn Bailey (ed) *Bataille - writing the sacred*. Routledge, London/N.Y., 1995, pp.26-45.

SURYA, Michel. “L’arbitraire, après tout. - De la ‘philosophie’ de Léon Chestov à la ‘philosophie’ de Georges Bataille”. in HOLLIER, Denis. (org) *Georges Bataille - après tout*. Paris, Belin, 1995.

- *Georges Bataille, la mort à l’oeuvre*. Paris, Gallimard, 1992.

VARGAS, Getúlio. *O Estado Novo e o momento brasileiro*. Rio de Janeiro, D.N.P., 1938

VATTIMO, Gianni. *Creer que se cree*. Barcelona, Paidós, 1996.

- *A Sociedade transparente*. Lisboa, Relógio d’água, 1992.

VITOR, Nestor. Nietzsche in Obra Crítica - Vol. I. Rio de Janeiro, MEC / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969.

IDEM - Fio d’água / Farias Brito e a Reação Espiritualista / A Questão Social na Filosofia de Farias Brito / Pascal e a Inquietação Moderna / A Igreja Silenciosa in *Cartas à Gente Nova* - Tasso da Silveira (Inquietação/Um Líder do Vanguardismo/As Imagens Acesas) / Tristão de Ataíde (Estudos) / O Brasil que Foi, que É e que Vai Ser (Vanguardismo e Romantismo/O Brasil que Será: a Revista Festa/Prosa) / Um Pouco de Crônica da Vida Literária in *Os de Hoje in Obra Crítica - Vol II*. Rio de Janeiro, MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969.

ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem - O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.